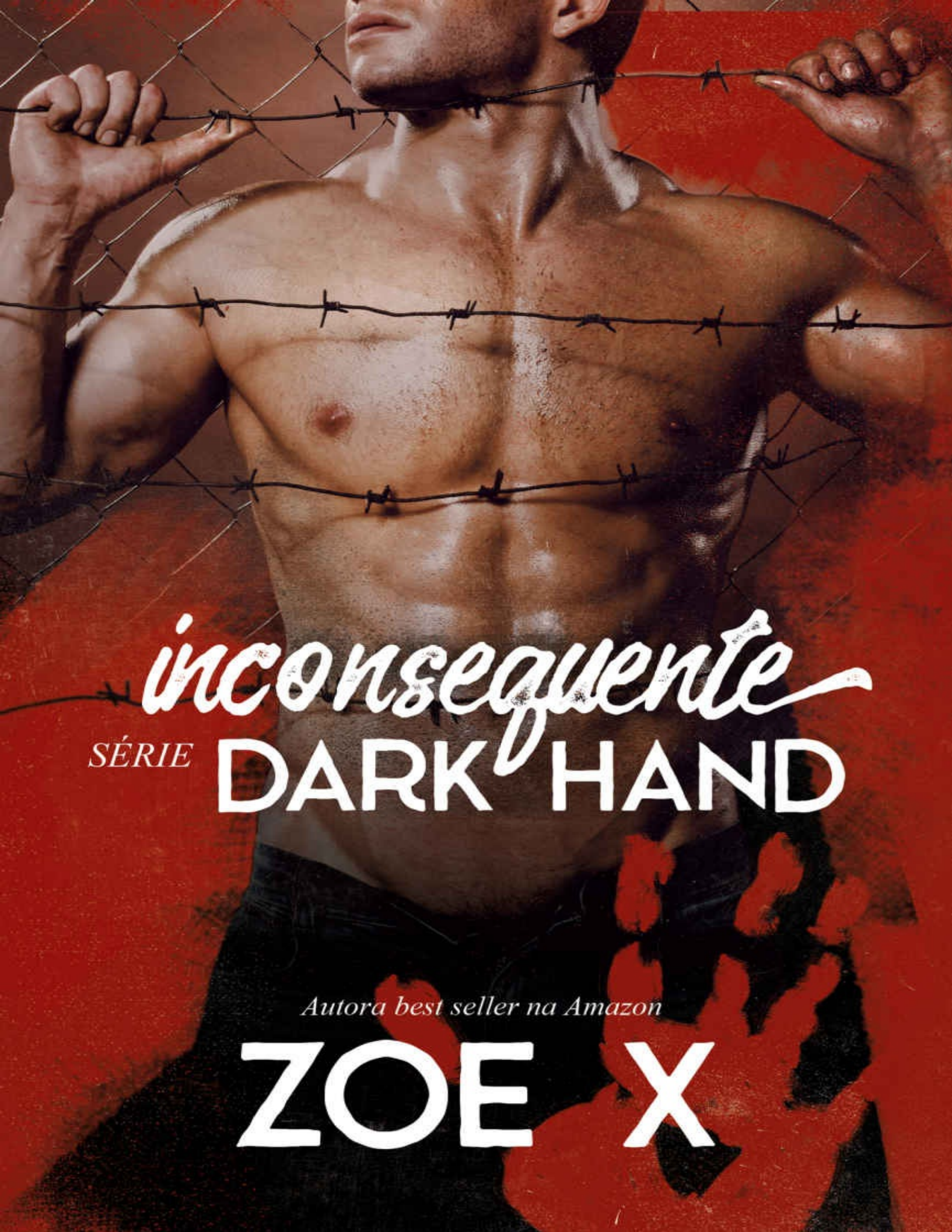

inconsequente
SÉRIE DARK HAND
Autora best seller na Amazon
ZOE X

INCONSEQUENTE

Zoe X

SÉRIE DARK HAND
LIVRO 2

Copyright ® 2018 Zoe X
Todos os direitos reservados.
Criado no Brasil.
Capa: Lua Berto
Revisão: Letícia Godoy
Diagramação: Will Nascimento
Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

Elizabeth encarou o diabo de perto, beijou os lábios da morte e por incrível que pareça, saiu viva para contar a história. Depois de passar pela montanha russa de sentimentos ao lado de Louis e ser enganada, a única certeza que ela tem é a de que nunca mais quer vê-lo, enquanto tudo o que ele quer é fazer a garota com alma de caminhoneiro ficar ao seu lado.

Precisando voltar ao seu país e resolver os problemas da Família, Louis não desiste da ideia de ter Elizabeth por perto, mas como trazê-la quando ele foi o responsável por toda sua desgraça? Como reconquistá-la quando tudo o que ele tinha a oferecer era uma teia de mentiras? Até que ponto a garota havia feito dele um viciado em sua presença?

Nenhuma outra mulher era tão indomável, mas nenhum outro homem foi tão inconsequente.

EPÍGRAFE

"A partir desse ponto não tem mais volta.
Sem olhares de relance inversos:
Os jogos que nós jogamos agora estão no fim…
Acima de todo pensamento de "se" ou "quando"
Não adianta resistir:
Abandone os pensamentos e deixe os sonhos entrarem…
Que o fogo violento inundará a alma?
Que rico desejo destrava sua porta?
Que doce sedução se encontra diante de nós?
A partir desse ponto não tem mais volta
O último limiar
Que calorosos segredos não ditos
Nós vamos aprender além do ponto que sem retorno?"

The Point of No Return — O Fantasma da Ópera

PRÓLOGO

Seis anos atrás, eu estava na merda.

Louis Luppolo havia acabado de assumir a liderança da Dark Hand e, por mais dissimulado que eu achasse o homem, havia apoiado-o com tudo o que tinha.

Eu sabia o que era ficar contra o diabo e dessa vez não seria idiota.

O destino havia levado tudo de mim e por dois anos fiquei recluso apenas à vida de negócios, mas em um jantar da Família, eu a vi pela primeira vez.

Delfina Lazzarin era muito jovem, no auge dos seus vinte anos. Os cabelos como fios de ouro caíam por suas costas em ondas perfeitas até a cintura; os olhos verdes eram doces e cheios de tristeza enquanto ela ainda mantinha o luto por sua família em roupas pretas que apertavam o pequeno e extremamente atraente corpo.

Devia ser uma merda lidar com todo o negócio de armas no Texas. Eu preferia Massachusetts e meu território nunca havia dado problema, mas toda a família da garota havia sido destroçada. Pai, mãe e dois irmãos, sobrando apenas ela, pequena, quebrada e sozinha.

Meus trinta e cinco anos da época haviam me ensinado que não se podia confiar no acaso.

Não foi o corpo bonito ou o sorriso perfeito que a garota mantinha quando alguém a elogiava durante o jantar — mesmo que isso tenha roubado minha atenção boa parte do tempo — que me fez tomar aquela decisão.

Quando naquela noite eu me levantei para ir embora, Agostino Lazzarin me chamou para conversar.

— Lorenzo, podemos ter uma conversa rápida em meu escritório?

Não me neguei. Sabia que aquilo viria, cedo ou tarde.

Acompanhei o homem pelos corredores enormes da casa — o chão branco com detalhes em marrom combinava com as paredes de madeira — até seu escritório, e não esperei ser convidado, apenas me sentei na poltrona

próxima à sua mesa e o aguardei.

— O que você achou da escolha de Luppolo? Será que o garoto é realmente uma boa escolha? — Agostino me perguntou enquanto servia dois copos da sua bebida de fabricação própria. Era extremamente forte.

— Louis veio de uma família de chefes, e apesar do que já fez contra seu próprio sangue, o homem sabe o que faz. Esperaria o quê? Deixar tudo nas mãos de Leonel e ver o final da família em pouco tempo? Apesar do sobrenome, todos sabem que se não fosse o casamento com Fiama, ele nunca teria chegado a nenhuma posição de poder. — Dei mais um gole na bebida, esperando Agostino soltar logo o que queria.

— Isso é verdade. Esperava que Felippo pudesse assumir. Meu filho também se dedicou à Família e muito em breve eu acredito que todos se arrependerão de não o ter apoiado. — O tom orgulhoso do pai me fez rir.

— Eu teria apoiado seu filho se Louis não se mostrasse melhor em números, ou em controle. Felippo precisa aprender a controlar a merda do vício, mas o garoto tem talento. Será um bom Consigliere e você terá motivos para se orgulhar muito em breve. — Eu não queria estender o assunto. Se a palavra traição passasse perto daquela sala, eu sabia que não demoraria até o meu rabo estar sete palmos abaixo do solo, em uma vala qualquer.

— Tem razão, não posso reclamar. — O homem se sentou de forma relaxada. — Não gosto de ter dois Luppolos no poder, mas de qualquer forma, não posso deixar de ter orgulho por meu filho estar conquistando espaço novamente para a minha família. — O homem colocou um dos tornozelos sobre a outra coxa e um dos braços atrás da cabeça.

Agostino estava bêbado, era seu vício. Todo Lazzarin parecia ter um.

— Na verdade, chamei você aqui para falar sobre negócios. Com a desgraça que aconteceu com meu irmão, não posso bobear. Como está a situação para o seu lado? Parece que o contrabando de armas está amaldiçoado. Você perdendo mulher e filho de uma vez, meu irmão deixando apenas uma das filhas para trás… — O homem suspirou e eu esperei até ele soltar mais do que devia. — E o que adiantou? Delfina, pobre Delfina… Você acredita que os malditos a deixaram para trás, sem família e sem honra? Como vou arranjar um casamento decente para a garota sem a porra da virgindade? — Agostino matou a bebida em seu copo e pousou o mesmo em cima da mesa. — Vicenza está desolada. Acreditava em um bom casamento para a sobrinha querida, e agora? Não nos resta nada a não ser a proposta de um pequeno grupo de rebeldes italianos, que quer, de todo jeito, se associar à

máfia. — O bêbado riu e por um segundo, meu peito ferveu. Antes que eu pudesse responder, o som de um piano tocou alto e eu me atrevi a olhar para o relógio. Estava ali dentro há tempo demais. Provavelmente seria o último convidado a sair.

Me coloquei de pé, mas antes de dar qualquer passo, Agostino também se levantou.

— É ela. Toda noite é esse inferno! Pelo menos tenho isolamento acústico no meu quarto. — Ele se atreveu a bater nas paredes e produziu o som oco da madeira, sorrindo de modo afetado. — Venha assistir a pobre garota deflorada. Se ela soubesse como a vida de uma mulher sem honra é, tenho certeza de que escolheria ter morrido no lugar do irmão. Ah, sim. Meu sobrinho poderia assumir minha parte do negócio quando tudo estivesse pronto… — O homem saiu pelo corredor e eu o segui em direção ao som, ignorando as barbaridades que falava. Eu sabia que estar dentro da máfia era ser frio, evitar compaixão e qualquer sentimento que pudesse te levar para o buraco, mas assim que paramos em frente a porta, não pude evitar que meu coração fosse atingido.

Vicenza, provavelmente bêbada, estava sentada em uma poltrona no canto da sala, de olhos fechados e pernas cruzadas, copo na mão e dedos tocando o ar, imitando o que a sobrinha fazia sobre as teclas.

E a loira, de olhos fechados e, pela primeira vez, sem a máscara do sorriso falso no rosto, se derramava em cada uma das notas tocadas. Concentrada na melodia, tocando de forma tão intensa e completa, que me perdi, não sabendo quanto tempo fiquei na porta observando.

Mesmo quando Agostino foi para junto da mulher, eu me mantive onde estava, apenas observando a garota que tocava divinamente e mal sabia o que o destino preparava.

Eu precisava fazer alguma coisa.

Conhecia a família que Lazzarin queria trazer para o negócio como associada. Sabia qual seria o destino de Delfina e, por algum sentimento idiota de responsabilidade, não podia deixar.

Quando a garota terminou sua canção triste com a última nota longa, o tio bateu palmas, assustando-a.

— Divina! Divina! — Vicenza se juntou ao marido e eu vi a garota sorrir sem jeito.

— Vicenza tem razão, mas devemos nos recolher. — Agostino se levantou com alguma dificuldade, cambaleou até a sobrinha e acariciou-lhe o

rosto. — Amanhã continuaremos. — Ele se dobrou sobre a menina e a beijou próximo a boca. Por um segundo, minha parte irracional quis se intrometer e afastar o homem bêbado dali.

— Agostino — chamei-o em tom sério e o homem se ergueu.

— É meu sangue, Lorenzo. — O tom de piada havia sumido da voz dele. — Meu sangue.

O clima ficou tenso por um segundo e Vicenza, esperta como era, colocou a mão sobre o ombro do marido e sorriu.

— Passamos do ponto essa noite! Vamos nos recolher, querido. Delfina, será que pode levar nosso convidado até a porta? — A tia piscou para a garota, que só então se atreveu a olhar para mim. Os olhos verdes desconfiados me mediram de cima a baixo e ela concordou com a cabeça. — Ótimo! *Buona notte, Lorenzo. Delfina, ci vediamo più tardi.*

A mulher saiu com o marido e eu aguardei enquanto Delfina vinha logo atrás, caminhando à minha frente.

— Essa foi a primeira vez que Agostino te deixou constrangida? — perguntei assim que me vi totalmente sozinho com a garota.

— Meu tio bebe demais e às vezes passa do ponto, mas não é nada para se preocupar. Ele jamais faria algo contra mim. — O tom dela era baixo e calmo, como se realmente acreditasse naquilo.

— De qualquer forma, nós não sabemos o que a bebida pode fazer com um homem. Tranque sua porta ao se deitar e caso precise... — Minha mente berrava “não é da sua conta, não é da sua conta”, mas estendi meu cartão para ela. — Me ligue se precisar de ajuda.

Já estávamos em frente a porta quando ela aceitou o cartão, quase relutante, mas antes que eu pudesse me virar e sair noite afora, a garota falou meu nome pela primeira vez.

— Lorenzo, por que se importa? — Estávamos próximos o bastante para eu sentir o perfume dela e ver cada um dos seus cílios loiros. Por um segundo, pela primeira vez em dois anos, tive vontade de colocar alguém contra a parede.

Era irracional. Era apenas o meu lado que não deveria existir falando alto demais.

— Não me importo. — E assim me despedi, antes que a menina-mulher pudesse tomar mais de mim do que ela jamais sonhou na vida.

Logo que entrei no carro, pronto para ir até meu pequeno apartamento na cidade, encarei as luzes de Nova Iorque e respirei fundo. Não podia deixar

aquela garota ali, mas me intrometer quando a vontade de Lazzarin era outra, poderia trazer uma grande merda sobre as minhas coisas.

No meio do caminho, me atrevi a ligar.

— O que quer a essa hora, Ferioli? — O som alto atrás da ligação entregava que Louis estava no The Hell.

— Preciso de um favor. — Não havia nada mais caro do que dever algo para o Don.

— Ora, ora, ora… Em que posso lhe ser útil, querido Lorenzo? — O tom diabólico de Louis me pegou o peito em cheio.

— Preciso da sua benção para o meu casamento.

O silêncio do homem me fez ter algum respeito por Louis.

— Quem é a escolhida? — Não havia mais graça na voz.

— Delfina Lazzarin.

— Porra! Você sabe que Agostino já está negociando isso comigo, não?

— Sei, e é por isso mesmo que estou me metendo na jogada.

— Então aposte alto amanhã cedo. Te espero para o café.

— Estarei aí no primeiro horário, Don. Obrigado.

— Pense direito sobre isso, Lorenzo.

— Não preciso. Boa noite, Don Luppolo. — Desliguei antes que Louis tentasse me convencer do contrário, mas era tarde demais.

Na manhã seguinte, lá estava eu. Com meu terno bem cortado, uma garrafa do melhor uísque da minha reserva pessoal e a fúria necessária para poder negociar. O que o Don pedisse, eu daria. Delfina merecia mais do que uma vida daquela e eu estava disposto a dar.

— Você sabe que Lazzarin vai trazer pequenos peões importantes, não? — Louis me disse enquanto se servia de café preto. — Mas eu não tenho outro homem de armas que possa ser de confiança. Meu pai deixou tudo uma bagunça, não escondo. Vocês estavam fazendo o que queriam, quando queriam, e Lazzarin era um desses.

— Meu negócio continua intacto, Don Luppolo. Minha parte na Família sempre foi e sempre será certa e fiel.

— Ah, eu conto com isso. — O sorriso que o homem deu quase me fez recuar. — Está mesmo disposto a se amarrar com Delfina?

— Estou. Lazzarin contou os planos que tinha para a sobrinha.

— Então o maldito deu com a língua nos dentes? — Louis não pareceu gostar. — Estava bêbado, aposto. Ontem durante o jantar eu quase

me surpreendi por vê-lo sóbrio, mas aposto que assim que virei as costas, ele deve ter mergulhado no barril de gin. *Tsc, tsc*. Não planejava expor Delfina, mas a verdade é que sem a porra da virgindade, ninguém dará valor a ela. Tem certeza que quer uma mulher sem honra?

— Delfina é tão honrada quanto qualquer outra mulher. — Meu tom não foi tão educado.

— Acho que está curado da perda da sua mulher e do filho para se afetar tanto assim com a pobre desvirginada e inocente Delfina — desdenhava ele. — Eu não me importo com a porra da boceta dela ou de qualquer outra. Vingue a morte dos pais dela, se a quer tanto, e terá minha benção com apenas uma condição.

— E qual seria? — Estava pronto para lidar com a cova dos leões que Louis estava prestes a me jogar.

Os olhos do Don vieram sobre os meus. Por um segundo, acreditei no que diziam sobre ele ser o diabo em forma de gente.

— Um favor, quando eu precisar. Você não poderá se negar. — O sorriso que acompanhou a proposta era sujo, mas não tinha como dizer não. Algo forte demais dentro de mim queria ajudar a menina.

Peguei a mão de Louis no ar e firmei o acordo.

— Feito. — Não havia nenhuma vontade de voltar atrás.

— Você tem minha benção. Pegue sua noivinha e não se arrependa. Eu não vou desfazer esse acordo.

— Lazzarin não vai gostar.

— De Lazzarin cuido eu. Agora, se me dá licença. — ele largou o café, colocou o terno e me deixou sozinho em sua cozinha.

Edgar, o velho mordomo dos Luppolo, chegou até mim assim que o patrão saiu e perguntou:

— Está tudo bem, senhor Ferioli?

— Talvez um pouco melhor do que eu esperava… — soltei o pensamento para o idoso e me levantei, certo de que talvez houvesse chance para mim de novo, mesmo depois do destino ter sido tão cruel. Talvez eu pudesse salvar Delfina ao mesmo tempo que ela me salvava.

Eu só não esperava que seis anos mais tarde, Louis cobrasse o favor, e o que dizem sobre vender a alma ao diabo é bastante pertinente… Você nunca sabe o que ou quando ele vai cobrar.

CAPÍTULO 1

Louis Luppolo

— Como você fez tudo isso? — Lembro-me de ter perguntado para a garota ruiva enquanto estávamos sentados na sala de embarque.

— O que você acha, Louis? Que sou mais uma das garotas burras da máfia? — ela me desafiou, o sorriso deformado pelo corte no lábio recém adquirido graças as minhas mãos. — Não foi difícil me impor, ainda mais quando você trouxe os homens do meu pai para esse fim de mundo. — O desprezo na voz de Natasha me fez lembrar o motivo de ter escolhido a garota para o noivado. Não seria difícil conviver com ela depois do casamento, mas tudo não passava de uma doce ilusão. — Hackear o sistema de câmeras do hotel também não foi nenhum problema. Não houve nenhum desafio nisso, querido.

Em um impulso desenfreado, com algo muito parecido com raiva queimando dentro do meu peito, me curvei, aproximando-me dela, e encaixei minhas mãos em seu pescoço e maxilar. Natasha não fugiu.

— Você não é uma garota burra, mas vai ser obediente e cumprir seu papel quieta, noivinha. — Meu tom era ameaçador. Como estávamos chamando mais atenção que o necessário, selei os lábios no dela com brutalidade e quando a garota quis aprofundar o beijo, afastei-me, largando a ruiva com um pouco mais de descaso que o necessário. Não queria nada com Natasha. Nem mesmo ela em minha cama seria algo interessante.

Meu humor não estava dos melhores. O cheiro da garota a minha frente estava errado. Queria que fosse Elizabeth, queria que ela estivesse ali, me provocando como sempre fazia, ou então se rendendo.

Natasha bufou quando percebeu que minha atenção não estava nela, tirou um exemplar de *Harry Potter* da bolsa e se escondeu atrás do livro enquanto meus dedos trabalhavam rápido no teclado do celular. Agliardi já deveria ter voltado. Henry não estava por perto e eu ainda queria a garota brasileira de um jeito incontrolável.

Pensando em uma maneira de enfiar Natasha sozinha no voo e deixar meu *consigliere* louco comigo por não seguir o protocolo de voltar para a América logo, me deixei levar enquanto contava todos os itens de cor azul na merda da sala em que estávamos.

Foi ali que recebi a notícia que viraria minha vida de ponta cabeça.

Os olhos azuis de Natasha queimavam em minha mente, assim como a expressão dela pressionando a boca enquanto segurava a raiva ao me ver abandoná-la no aeroporto graças a outra mulher. Eu não ligava. Tinham mexido em algo que eu já havia anunciado como meu e isso era apenas o prelúdio do inferno que estava por vir.

Aquilo seria difícil de resolver, mas eu já havia tomado minha decisão.

***

A água gelada afastava o sono e o cheiro de sangue que havia ficado impregnado em meu corpo. Carlos era peixe pequeno, Juan havia sido divertido, mas o que eu queria mesmo era colocar as mãos em volta do pescoço de Arturo e vê-lo sufocar enquanto olhava dentro dos seus olhos.

Não, isso seria pouco.

Se eu pudesse, sugaria sua alma depois de esfolar seu corpo e deixaria exposto em praça pública como exemplo. Seus soldados saberiam que a Mão Negra não perdoava, e que não deveriam mexer diretamente comigo, independente do motivo.

Eu mal lembrava a cara de Miranda. Se olhei para a garota duas vezes na vida, tinha sido muito. Ela já havia ficado um tempo sob nossa guarda para passar um tempo com Giovanna. Arturo pediu pessoalmente ao meu pai, sabendo que o velho Leonel jamais negaria abrigar sua filha em troca de passe livre pela fronteira.

Eu não ficaria mais na permissão. Passaria como um rolo compressor por cima deles e assumiria aquela merda de território. Matteo não permaneceria na Califórnia curtindo sua boa vida. Meu subchefe precisava de alguma responsabilidade e estava na hora de provar que o sobrenome que carregava fazia justiça ao cargo que ocupava.

Muita merda para resolver, muito sangue para derramar, e eu ainda

não queria ir embora.

Não enquanto ela não fosse comigo.

Estava preso na merda do clichê que zombei. *Cazzo di inferno*. Ela havia virado a rachadura que tanto haviam procurado em mim. Elizabeth tinha se instalado sob a minha pele sem nem mesmo eu perceber.

Ignorando todas as tentativas de contato de Felippo, me enfiei em um terno que estava separado fora da mala e ouvi Henry me contar sobre o estado de Zola e de Elizabeth.

Meu soldado estava bem. Iria se recuperar e estava totalmente consciente do que trabalhar para mim envolvia, mas não era assim com a garota.

Elizabeth havia aberto sua caixa de Pandora sem se dar conta de que eu era o pior agouro dentro dela.

— E temos essa garota, amiga da senhorita Fabbri, que pode ajudar a encobrir tudo — Henry finalizou seu discurso.

— E o que espera que eu fale para ela? Alguma ideia brilhante?

— A senhorita Elizabeth tem cortes profundos. Podemos inventar algum acidente com portas de vidro. Não me importo de forjar a cena. — Meu soldado deu de ombros.

— É uma ideia… — considerei. — Não vou esconder o fato de ter pago Elizabeth para dormir comigo.

— O senhor sabe que ela vai se ofender quando acordar. — No momento, ela ter raiva de mim era algo melhor do que o desprezo.

— Que se dane! Só vamos logo porque, pelo que vi, a garota já está a caminho do hospital.

Estalei o pescoço e contei, incansavelmente, todos os segundos até estar dentro do carro.

O trânsito não ajudou. Quando cheguei ao hospital, a garota que eu devia encontrar já estava sentada na recepção. A ansiedade dela era palpável, principalmente por conta dos pés batendo constantemente no chão.

— Isabella? — Tentei seu nome e ela me mediu de cima a baixo antes de concordar. — Me acompanhe, por favor.

Depois de pegar a identificação necessária, subimos o elevador em silêncio, apenas os dois. A garota me seguiu até uma das salas de espera e eu tranquei a porta atrás de nós.

— Quem é você e por que Elizabeth está aqui? O que aconteceu com ela? — A amiga de Lizzie tremia.

— Não se preocupe, sente-se. — Sentei-me primeiro e vi a garota se jogar na poltrona de frente para mim. Estava fácil e meu plano seria posto em ação. — Se a família de Elizabeth desconfiar do que ela estava fazendo nos últimos dias, provavelmente a vida dela será arruinada. Você está disposta a mentir para ajudá-la? — Jogar com o psicológico da garota não seria difícil. As pessoas em geral tinham tendência a se entregarem quando desafiadas a mostrar o melhor de si. Até onde você iria por seus pais, que tanto te amaram? Sua melhor amiga, pequena e indefesa, quebrada em uma cama de hospital? Perguntas certas levavam a respostas esperadas.

— Faço qualquer coisa por ela. Diga logo. — A postura de Isabella mudou. Apesar das mãos que tremiam, ela se manteve firme e não vi motivos para pensar em outra estratégia; contei a única parte da história que a garota podia saber e falei sobre Elizabeth ter aceitado passar alguns dias comigo em troca de apoio financeiro.

No final das contas, para a minha sorte, acabei tendo a garota como aliada para acobertar a história de que Lizzie havia sofrido um acidente ao colidir com uma porta de vidro. Pelo menos essa foi a justificativa que encontrei racionalmente para justificar a quantidade de sangue que Elizabeth havia perdido. Essa era a parte fácil. Pagar o hospital para não permitir que ninguém tivesse acesso ao quarto, além de mim, também foi. O difícil seria olhar em seus olhos depois de tudo o que aconteceu.

Até chegar ali, não tinha me dado conta do quão fodido eu estava.

O cheiro do quarto não era bom, a sensação de que haviam esfregado cloro por todo o canto era desagradável. Encarei a bolsa de sangue que fazia minha bambina parecer ainda mais pequena e indefesa.

Era uma merda saber que Elizabeth estava ali, tão destruída, por minha causa.

Contei o barulho do soro caindo, os *bips* das batidas de seu coração também, e só então percebi o quão alerta eu estava. Ouvir seu coração batendo em um bom ritmo me permitiu relaxar e cheguei a sentir a coluna doer.

Lizzie estava deitada de lado. Imobilizada, nua, exposta com suas antigas e novas cicatrizes.

Eu era um maldito bastardo por ter permitdo que aquilo acontecesse.

Soltei a gravata e joguei sobre a cadeira que seria minha cama por todo o tempo em que ela permanecesse ali; o meu paletó se juntou a ela logo depois. Me aproximei da menina que dormia pesado, encarando seu rosto. Os

cabelos que eu tanto adorava, agora estavam extremamente curtos, seus lábios feridos, a bochecha e a testa com cortes arroxeados… Por um segundo, toda a tortura de Juan pareceu pequena. O desgraçado devia ter sofrido ainda mais.

Puxei a cadeira para perto da cama, me mantendo na altura de seu rosto, e me curvei sobre ela, aspirando seu cheiro.

Pousei os lábios com cuidado sobre um dos machucados dela e, sem ninguém para assistir, implorei:

— *Perdonami, bambina* — falei baixo, querendo que a alma dela pudesse me ouvir antes do furacão acordar e me levar para o meio dele, porque era isso que Elizabeth era: a pequena explosão de sentimentos que eu devia sentir, andando fora do meu corpo.

Perdi-me nas horas, acreditando que ela poderia não me odiar quando acordasse, caso eu conseguisse descobrir o número exato das sardas em seu rosto, e só então me dei conta de que se ela realmente me odiasse a partir dali, eu não tinha ideia do que iria fazer.

Pela primeira vez em vinte anos, rezei para que Deus e todos os santos tivessem misericórdia do meu anjo de asas quebradas.

Porque, a partir dali, não havia nenhuma dúvida: ela me pertencia, e pertencer ao diabo não era uma tarefa fácil.

Elizabeth Fabbri

Me fizeram acreditar que o inferno era quente, mas estavam enganados.

Aos onze eu descobri na pele; aos vinte e dois descobri na alma.

O inferno era tão frio que chegava a congelar o espírito e era exatamente assim que eu me sentia.

Fria, morta, vazia.

Acordei graças ao som irritante do monitor de batimentos, despertando aos poucos, sentindo cada parte do meu corpo latejar e queimar, principalmente as costas e a barriga. Tinha alguma coisa muito errada.

Costas, facas, sangue, tortura.

Tudo veio rápido demais para minha mente confusa e eu abri os olhos

com pressa, querendo acordar daquele pesadelo, desejando fugir daquela vida.

Impossível.

Estava deitada de lado, nua, coberta dos seios para baixo apenas por um lençol fino. A primeira coisa que vi foi a parede de cor clara, depois os fios conectados ao meu corpo e então, Louis estava lá, segurando minha mão enquanto dormia com a cabeça apoiada em mim.

Maldito.

Minha mente parecia embaralhada e a sensação de que minha alma não havia se encaixado no corpo era desconfortável. Meus olhos teimavam em querer se fechar, mas lutei contra isso. Movi o pescoço para baixo tentando enxergar melhor e senti uma pontada de dor nas costas graças ao movimento. Resisti e encarei meu braço cheio de fios conectados ao dedo, pele e veias… Eu devia estar um belo lixo.

Deitei a cabeça de volta no travesseiro, suspirando um pouco alto demais por conta da dor, sentindo o corpo dolorido em todo o lado direito, provavelmente por estar deitada tempo demais daquele jeito. Fechei os olhos, pensando na força que me custaria e na dor que sentiria quando conseguisse mudar de posição, calculando se valeria a pena, mesmo que a dor em meu quadril estivesse insuportável.

Quando me atrevi a começar a virar o corpo, a testa de Louis que estava apoiada em minha coxa começou a escorregar e então eu senti um aperto forte me mantendo no lugar.

Meu coração tropeçou e eu parei de tentar me mover, sabendo que ele havia acordado.

— *Baum día*, Elizabeth. — A voz falhada pelo sono me fez abrir os olhos e encarar a parede.

Estar ali era culpa dele. Tudo o que passei era culpa dele.

Lutei com as lágrimas que queriam rolar por causa da dor, das memórias que vinham lentamente se esgueirando pela minha mente e pelo fato de ele estar ali. Travei os lábios e fiquei em silêncio, parada, apenas esperando.

— Como está se sentindo? — Louis ainda me segurava firme, evitando que eu me movesse. Não o respondi, querendo acreditar que aquilo era a continuação de um pesadelo. Depois de alguns minutos em silêncio, ele tornou a me chamar. — Elizabeth?

— O que foi que me aconteceu? — Minha voz saiu falhada como se

eu tivesse desaprendido a falar. Meu tom não era amigável.

— Você perdeu muito sangue. Rompeu o baço, então precisaram retirá-lo. Tentaram o que puderam em suas costas, mas nós vamos dar um...

Eu o cortei.

— Não existe nós. — Me atrevi a olhar para ele pelo canto dos olhos. Eu havia perdido o baço? O que aquilo significava?

Com a impressão de que meu braço pesava uma tonelada, afastei o lençol e coloquei a mão na barriga, sentindo o corte enorme que agora tinha ali.

Pude ver Louis assistindo, o rosto sério, fechado. Era bom que ele agora encarasse o seu demônio de frente. Não foi isso o que ele havia me dito uma vez?

Fechei os olhos conforme sentia os pontos em cima do corte. Eu tinha sido sequestrada, espancada, esfaqueada, rasgada, queimada, mordida e aberta…

O que mais Louis iria levar de mim?

Qual era o real preço de se vender a alma ao diabo?

— Eu sinto muito — o gringo falou baixo.

Lambi os lábios secos, sentindo o leve gosto de sangue do machucado que devia ter ali. Realmente senti medo de me olhar no espelho depois daquilo.

— Chega de mentiras, Louis. Chega! — Minha voz começou a ficar embargada e eu travei o choro na garganta, sentindo o nó se formar.

Precisava me mexer.

Sem esperar ajuda, respirei fundo e apoiei a mão no colchão, tentando erguer o corpo para me apoiar no cotovelo. Louis foi rápido e em um segundo estava de pé ao meu lado, tentando me impedir. Foi um choque ter as mãos dele em mim daquele jeito. O pânico tomou conta de mim.

— Tire as mãos de mim, agora! — falei o mais alto que pude e me debati, sentindo minhas costas ardendo, algo se rasgando. O ar me faltou e puxei ele pela boca, fazendo um barulho horrível.

Me rendi momentaneamente, meus sentidos vacilaram, a vista começou a escurecer.

— Elizabeth! — Louis parecia preocupado conforme me ajeitava na cama, mantendo-me na posição que ele queria.

Senti o suor frio pela minha testa, a sensação de fraqueza, o coração batendo de forma descompassada, fazendo o maldito *bip* apitar de forma

descontrolada.

— Por favor, tire as mãos de mim, tire as mãos de mim… — Comecei a repetir entre a respiração descompassada e as lágrimas que resolveram transbordar.

Nunca me senti tão impotente em toda minha vida.

Louis me soltou.

— Tire as mãos de mim e vá embora. — Pedi entre o choro, recuperando o fôlego, sentindo algo molhado em minhas costas.

Nós ficamos em silêncio por um bom tempo. Louis puxou a cadeira para frente, próximo ao meu rosto, e se sentou largado, cobrindo os olhos com a mão e suspirando. Reparei na camisa amarrotada e na gravata frouxa. Quanto tempo eu havia passado desacordada?

— Lizzie… — Louis quebrou o silêncio. — Seus pais estão vindo vê-la em breve. Eles ainda não sabem do seu estado. Isabella também vem, amanhã.

— Você conheceu Isabella? — Era constrangedor ter as batidas do meu coração reveladas pela merda do *bip*.

— Conheci. É graças a ela que ninguém vai saber a real história do que aconteceu. — Louis coçou a testa e se apoiou nos joelhos, ficando com o rosto próximo ao meu, permitindo-me encarar os olhos castanhos nos quais eu já havia me perdido tantas vezes antes.

— Quem garante que estou segura aqui? Quem garante que quem vier me visitar não será vítima disso? Louis, você não devia estar aqui. — Por um segundo, a visão da ruiva veio em minha mente. — Pelo menos eu servi de escudo. Antes eu do que sua noiva, não é mesmo? — Meu tom foi ácido.

— Besteira! Eles já começaram a pagar pelo que fizeram com você, e eu não vou parar até...

Interrompi-o novamente.

— Tudo isso para vingar a sua puta de luxo? — pesei o tom de voz. — Uau! Palmas para você.

Respirei fundo e em um único movimento inesperado por Louis, me levantei, travando os dentes para segurar o grito de dor. Minha visão escureceu de novo e eu precisei fechar os olhos enquanto fazia força nos braços para ficar sentada.

— Não me toque. — Avisei antes que Louis tentasse.

Sentindo as costas ardendo, coloquei uma das mãos sobre os pontos da barriga como se pudesse segurar caso algo acontecesse, e ajeitei as pernas

para fora da cama.

Ficar sentada foi uma merda. Minha cabeça não parou de rodar e a vontade de pôr tudo pra fora veio forte. Se não fosse pelo estômago vazio, eu provavelmente teria lavado o quarto de vômito.

Senti meu corpo vacilar e ele me desobedeceu, segurando-me com firmeza pelos ombros. Um arrepio horrível subiu por minha coluna.

Quando finalmente o mundo parou de girar, abri os olhos e o encarei. Louis estava de pé ainda me segurando, mas não olhando em meus olhos. Ele estava concentrado no meu corpo descoberto. Segui seu olhar, encarando o estrago que eu era naquele momento.

Meu corpo era uma confusão roxa e verde. Os seios estavam doloridos, marcados pela boca de Juan. Minha mente puxou sua fala e a voz dele ecoou em meus ouvidos, “Eu vou marcar você e quando o filho da puta americano ver seu corpo, vai saber que eu te fiz gritar só com a minha boca”. Foi como levar um tapa na cara. Encarei os olhos de Louis que pareciam esperar uma reação minha.

— Você fez isso comigo. Você. — Meus olhos voltaram a marejar, a raiva começando a arder em meu peito. Aquilo era melhor do que a dor, do que a tristeza. — Por causa da sua maldita vaidade, do seu caráter podre, das suas mentiras intermináveis. Olhe bem o que você fez comigo. — Abri os braços, me esticando o máximo que conseguia para que ele pudesse encarar cada pedaço do meu corpo que ainda não tinha visto direito. — Espero que a última visão do meu corpo te perturbe toda santa noite e que você nunca mais tenha paz de espírito. Você tem dois segundos para sair daqui e nunca mais voltar.

— Lizzie, vamos conversar. — Louis tentou colocar a mão no meu rosto e eu o afastei. — Você saiu correndo sem me deixar explicar…

— O que você esperava que eu fizesse? — A raiva me dominou e me atrevi a ficar de pé. Meu corpo quase vacilou, mas aguentei ao máximo enquanto mantinha o olhar do homem no meu. — Qual era o seu plano? Me levar como amante e me manter ocupada enquanto fodia sua mulherzinha para depois ir atrás de mim? Qual seria a desculpa, Louis? Qual seria a armação da vez? Em quantas mentiras você me faria mergulhar? Eu estou farta de você e das suas merdas! Quero que você exploda com elas bem longe de mim. Saia desse quarto e nunca mais volte, nunca mais me procure, nem se atreva a chegar perto.

— Elizabeth, nós precisamos conversar, mas agora não é a hora. Você

precisa se deitar, se recuperar. — Louis parecia se controlar ao máximo para não falar nenhuma merda. Eu podia ver a linha das mandíbulas tensas.

— Não existe nada para ser conversado, Louis. Nós acabamos aqui. Minha única tristeza é não terem batido em minha cabeça com força o suficiente para eu esquecer você. — Queria ferí-lo. Tentei dar um pequeno passo, mas meus joelhos vacilaram e eu me agarrei na camisa dele. Louis me envolveu, me segurando pelas costas e me fazendo berrar alto.

Ele me colocou sentada na cama o mais rápido que conseguiu, fazendo meus olhos se arregalarem quando vi ele com os braços sujos de sangue ao se afastar de mim.

Meu coração batia descompassado, forte, quase machucando o peito. Minhas costas latejavam forte e por um segundo pensei que fosse apagar.

— Eu vou te deitar na cama. — Ele veio com as mãos sujas para perto de mim e o pânico me abraçou a alma em um aperto matador. Parecia que minha garganta ia fechar.

— NÃO ENCOSTE EM MIM! Só vá embora, por favor. Vá embora! — implorei, ouvindo minha voz sair quase esganiçada pelo esforço.

— Lizzie, você precisa descansar. — Louis parecia lutar com a vontade de me forçar e era bom que ele não se atrevesse.

— Descansar? Não, não mesmo. — Percebi o homem se aproximar e coloquei a mão em seu peito, afastando-o de mim o máximo que conseguia. O ódio por ele só crescia. Tentei me controlar, não deixando a velha sensação de impotência me dominar. — Já que você quer tanto conversar, por que não agora? Vamos falar sobre o quão maldito e sujo você é, o quanto eu só estou nessa merda de lugar por sua causa, pela sua teia de mentiras, pela sua maldita vaidade e incompreensão da palavra “não”. Vamos falar do fato de você ter tido acesso ao mais profundo de mim e ter me colocado no mais fundo e maldito inferno, Louis! Vamos falar, agora, sobre como você vai sair desse quarto e nunca mais voltar. Da promessa que você vai fazer de nunca mais me procurar, fingir que eu não existo e seguir com a sua loucura para bem longe.

— Eu não vou embora, Elizabeth, você precisa de mim. O que acha que vai acontecer quando sair desse quarto? — Louis explodiu e começou a gritar comigo. — Acha que acabou? Acha que vai sair daqui feliz, por aí, sem correr riscos?

— FODA-SE! Ninguém vai conseguir me quebrar mais do que você já fez! A morte seria um presente só por eu não precisar olhar na sua cara! —

Levantei a mão, usando toda a força que tinha, e dei na cara dele. Não foi o tapa mais forte que ele já havia levado, mas o irritou a ponto de ele vir furioso com as mãos nos meus ombros, apertando-me com uma força brutal enquanto me sacudia.

— VOCÊ PRECISA DE MIM! — Louis estava transtornado, fazendo a raiva queimar dentro do meu peito.

— OLHE O QUE VOCÊ FEZ COMIGO! OLHE! — gritei de volta, morrendo de dor enquanto aguentava o aperto dele.

De repente, Louis pareceu voltar a si. Os olhos castanhos desceram, vasculhando meu corpo.

— Se algum dia você sentiu algo por mim, além da absurda vontade de foder, vai sair daqui nesse minuto e nunca mais voltar. Eu odeio você. — Nunca havia falado tão sério com ele nem com ninguém em toda a minha vida. O tom era baixo, mortal, extremamente diferente do escândalo que estava fazendo segundos atrás.

— Eu sinto muito… — ele disse, engolindo em seco e me soltando.

— Eu também. Muito mais. — Mantive o olhar do homem mesmo quando a pontada de dor nas minhas costas parecia engolir minha alma. Eu agradecia pela dor, pois me mantinha sóbria e me ajudaria a chorar tudo o que precisava depois que ele fosse embora.

Louis não aguentou me encarar por muito mais tempo. Foi como ver uma criança perdida conforme procurava a porta. Quando ele a abriu e saiu, a enfermeira que aguardava para entrar ficou branca como papel ao ver a sujeira que havíamos feito.

— Precisamos trocar seus lençóis, querida. — A mulher tentou ser amável.

Apenas concordei com a cabeça antes de me deitar de lado e esconder o rosto no travesseiro, chorando baixo por saber que apesar de odiá-lo e querer Louis o mais distante possível, ele havia me marcado em um lugar no qual ninguém poderia tocar.

CAPÍTULO 2

Louis Luppolo

Ela me odiava, era certeza.

Não havia motivo para não fazer isso e toda a tentativa de me controlar deu errado. Pegar Elizabeth pelos braços apenas para que a garota calasse a boca não havia sido uma boa ideia.

Se fosse outra, eu teria enfiado minha mão em sua boca, quebrando todos os dentes e trazendo o choro no lugar da fala cheia de amargura. Mas ela não era outra. Era a pequena brasileira, bocuda demais e cheia de uma humanidade desconhecida, que me fascinava. Era a pequena criança perdida no meio de todas as desgraças que acometeram seu pequeno mundinho, presa naquela merda de ciclo vicioso. A pequena chapeuzinho vermelho, seguindo apenas o único caminho conhecido para a casa da avó, enquanto eu era o lobo mau, que atraía a menina para o lado escuro, devorando sua alma, amarrando seus braços e pernas como uma marionete.

Não podia ser mais que isso. Não devia ser mais que isso.

— Zola está acordado. O senhor gostaria de falar com ele? — Henry perguntou.

Era a primeira vez em três dias que ele via minha cara. Passei aquele tempo todo ao lado de Elizabeth sem comer ou beber, como se uma punição assim pudesse limpar os últimos pecados que cometi, e os próximos que minha mente armava.

— Vou falar com Agliardi, mas tenho um pequeno serviço para você — eu disse, sentado na poltrona, estalando um dedo de cada vez, ouvindo uma sinfonia nova em minha mente. Eu precisava descontar em algum lugar toda aquela tensão. Talvez Elizabeth tivesse muito mais sorte do que eu por sentir raiva, tristeza e todo o resto das coisas em sua intensidade descontrolada. Eu não sabia o que sentia, só sabia que precisava me livrar daquilo. — Procure o garoto que marcou Elizabeth e encomende algo especial para ele.

— O que o Don planeja fazer? — Henry me indagou, curioso.

— Vou livrar a garota de todos os outros demônios que dividem a mente dela comigo. — Sorri para Henry e não o vi se assustar como todos os outros. Era por isso que o homem estava naquela posição, era digno. — E antes que eu me esqueça, transfira o dobro do dinheiro para a conta dos pais dela.

— Vou pedir para Kira fazer isso, Don. Sobre o rapaz, assim que tiver mais informações sobre ele, aviso ao senhor. — Henry me deixou sozinho e eu agradeci, encarando o céu caindo em água do lado de fora do hospital, pensando em colocar fogo no mundo até que ela decidisse olhar de novo para mim.

Depois de comer e repor parte da energia gasta naqueles dias, me enfiei dentro do quarto onde Agliardi estava.

— Como está, Agliardi? — perguntei assim que bati a porta e puxei uma cadeira para perto dele, me sentando ao contrário, com o encosto contra o peito.

— Estou bem, senhor. — Zola era alguns bons anos mais novo e apesar do rosto e do corpo que fez Matteo pensar em usá-lo em campanhas publicitárias de sua agência, eu tinha outros planos para ele.

— *Va bene, va bene…* — Apoiei os cotovelos sobre o encosto da cadeira e encarei os olhos azuis do homem. Com a barba por fazer, Agliardi perdia o ar de garoto da faculdade. — Espero que o tiro não o tenha assustado. Tão próximo assim dos rins… poderia ter sido fatal — provoquei de um jeito nada agressivo. Não acreditava que aquele moleque poderia ser um traidor, mas prudência nunca era demais.

— Acredito que eu não era o foco, só o recado. Eles queriam que você soubesse que Elizabeth havia sido pega. — Ele juntou as sobrancelhas, como se lembrasse de um fato muito importante. — Ela está… Elizabeth sobreviveu?

— Sim. Com novas marcas, mas vai viver. — Peguei o maço de cigarros a que eu raramente recorria. — Se importa? — questionei-o, já acendendo o cigarro, e o vi fazer que não com a cabeça. — Ao contrário de quem causou isso a vocês, Elizabeth ainda vive. — Guardei o isqueiro no bolso e traguei profundamente. — Mas o que me surpreende é, como sabiam que ela ia sair naquela hora?

— O traidor era Brody, o motorista. Acho que todos eles pensavam que nós voltaríamos para a América e deixaríamos Elizabeth para trás.

— Bom ponto, não nego. — Soltei a fumaça e bati os dedos na cadeira em um intervalo de três segundos antes de bater o indicador cinco vezes, espalhando as cinzas do cigarro pelo quarto. — Mas e Miranda? O que tem a me dizer sobre? Você lembra dela — afirmei.

— Lembro. Ela parecia tão inofensiva quanto Giovanna. Não conversei muito com a garota nas vezes em que a vi.

— Hm… — Nem adiantaria forçar. Fosse lá o que aquela puta estivesse fazendo na América, iria se arrepender amargamente quando eu colocasse as mãos nela. — Se recupere logo, Agliardi. — Traguei mais uma vez o cigarro e me espreguicei. — Seu trabalho apenas começou. — Ergui-me e afastei a cadeira.

— E qual será agora, Don Luppolo? — O tom de Zola foi ansioso.

Caminhei até a porta, apagando o cigarro logo após a última tragada e segurando a fumaça nos pulmões enquanto jogava aquela porcaria no lixo.

— Trazer Elizabeth de volta para mim. — Sorri de canto e pisquei para ele antes de partir.

Não importava quanto dinheiro, tempo ou qualquer investimento eu precisasse fazer. Eu a teria, era um fato.

***

Voltar ao quarto de hotel sozinho naquela noite não foi bom.

— Eu já disse, Kira. Não vou voltar até que tudo por aqui esteja resolvido — respondi ao telefone.

— Louis, não posso acreditar que uma boceta virou sua cabeça dessa forma. A russa marcou uma reunião com o conselho, chegou aqui toda arrebentada. Que merda você fez?

— Natasha precisa aprender algum respeito. Se vou ser a porra do marido dela, que ela descubra logo o lugar ao qual pertence. — Larguei o paletó sobre a poltrona e fui me livrando da camisa enquanto falava com Kira. — Tem notícias das empresas chinesas? Aquelas quatro pequenas de cosméticos são uma boa aposta.

— Fiz a proposta ontem de manhã, mas eles ainda estão segurando, achando que vão conseguir algo melhor antes de fecharem as portas. Eu sei o que fazer, chefe. Vou pressionar a concorrente e dar a oferta final ainda

menor.

— Boa garota — provoquei minha cria e a ouvi xingar em sua língua materna. — Cuidado com quem pode ouvi-la — recriminei Kira.

— Não desconverse, *farabutto*. O que está planejando para essa pobre garota?

— Ainda não sei. — Encarei meu reflexo no espelho do banheiro.

— Não vai dizer que está apaixonado — Kira me provocou. — Imagino como a família a aceitaria. Sua mãe então… — O tom dela era de uma diversão perigosa, mas apenas Kira e Alek, meu quase irmão polonês, falavam assim comigo.

— Não brinque com uma merda dessa. Elizabeth é apenas fascinante. Me diverte.

— Você já teve brinquedos em toda a América, inclusive em Hollywood, e eu nunca o vi gastar tanto dinheiro com eles.

— Dessa vez é diferente. Eu devo a ela a vida comum de volta. A garota passou pelo inferno apenas por se deitar comigo, Kira. E você me conhece, fui persuasivo o bastante para que ela não tivesse outra opção.

— Ou o quê? Ela teria te chutado as bolas? — Quase ri. Kira adoraria Elizabeth tanto quanto eu. Afinal de contas, éramos farinha do mesmo saco.

— Exatamente isso.

— Já posso pensar em gostar dela. De qualquer forma, você sabe que não pode demorar muito mais por aí. Precisamos de você de volta. Sua vida pública, seus negócios e, principalmente, sua primeira mulher. — A Mão Negra sempre seria minha prioridade.

— Como estão as coisas?

— Bagunçadas. Felippo tenta dar conta de tudo, mas cada um dos capos tem mandado e-mails diretamente para você, caso não tenha visto. — E eu não tinha. Havia me libertado de qualquer forma de comunicação até àquela hora.

— Matteo pode assumir por uns dias, eu não vou reclamar. Mas existe uma coisa que está me intrigando e preciso que me ajude.

— Matteo é um pé no saco porque dá em cima de qualquer rabo de saia que apareça na frente dele, mas sim, o que é?

— Meu irmão não consegue segurar o pau dentro das calças e isso nunca foi segredo. Segure você a boceta, se não quer transar com ele. Mas isso não importa agora. O que me preocupa é que ele não me passou absolutamente nada sobre algum contra-ataque ou reação a nossa invasão.

— Posso tentar descobrir alguma coisa, mas sem você aqui é impossível largar todo meu trabalho na mão da Ana, você sabe. Ela não sabe de tudo, Louis.

— E que continue assim por um bom tempo. Gostamos do pescoço dela exatamente onde está.

— Ela ainda acredita que algum dia Henry vai olhar para ela. — O tom de deboche de Kira era quase cruel, mas eu não me importei.

— Gostaria de saber o quão gay eu pareço ser para me importar com esse tipo de fofoca. — Respirei fundo e me apoiei na pia. — Preciso tomar um banho e dormir. Volto cedo para o hospital.

— Volte logo para a sua vida, Louis. Não seja burro. Boa noite.

— *Buonasera*, Kira. *Buonasera* — corrigi a garota e me despedi, desligando logo em seguida.

Respirei fundo e entrei no banho, ouvindo minha mente contar tão violentamente que meu maxilar se abria e fechava com força, marcando a contagem da minha cabeça perturbada.

Não havia nenhum pesadelo para me atormentar. De onde eu vinha, aprendi a ser o pior monstro que poderia temer.

Na manhã seguinte, enquanto tomava o café, pedi para Henry descobrir quem era o cirurgião mais competente do hospital onde Lizzie estava; pedi que ele oferecesse o necessário para uma bela reconstrução das costas da garota, junto de um silêncio absoluto sobre o caso dela. A polícia brasileira não era um problema, mas alguém muito honesto dificultaria o trabalho. Eu nem sempre tinha o prazer de matar esse tipo de gente, mas eram ossos do ofício.

Eu precisava que ela apagasse as marcas de suas costas, assim nem ela e nem eu precisaríamos lembrar daquilo, e tudo, muito em breve, cairia no mar do esquecimento.

-

Henry estava mexendo no computador ao meu lado enquanto eu revirava meu celular. A sala da recepção do hospital havia virado meu acampamento de guerra e eu acompanhava, dia e noite, quem entrava e saía do quarto de Elizabeth. Os comprimidos que ela tomava, os progressos, os problemas...

Achando as fotos da garota, principalmente as do dia em que a amarrei, meu corpo reagiu de imediato.

Como era possível ter tais reações? Eu odiava, mas não podia negar o divertimento naquilo. Elizabeth era minha droga, pelo menos no momento.

Confesso que minha mente não se chocou ao ver o corpo da garota em sua versão machucada, mas algo estava errado. Eu produzi aquilo um milhão de vezes antes, mas com ela não parecia certo. Era como se tivessem mexido em algo meu, no meu brinquedo favorito, aquele que eu mais cuidava.

Elizabeth estava quebrada daquela forma, tudo por ser interessante para mim.

Era um jogo fodido de poder em minha mente, saber que eu era tão interessante para outros que se atreveram a mexer com uma civil que apenas se deitou comigo.

Ser Don era um risco, eu sempre soube, mas não achei que fossem tão idiotas a ponto de tentar algo com alguém só porque a boceta era interessante para mim. Se fosse assim, metade das putas de Nova Iorque estariam mortas e boa parte das tais celebridades também.

Quando coloquei os olhos no corpo de Elizabeth, confesso que talvez algo muito parecido com culpa chegou aos meus pensamentos. Eu fui desleixado. A menina precisava de alguma proteção melhor do que dois homens armados, e agora estava lá, deitada sem poder se mexer com tanta liberdade, sem um órgão importante, tudo por eu achar que aquele lugar era terra de ninguém.

Eu vacilei, mas não aconteceria de novo.

Aquele não era o meu país, eu não estava no meio dos meus homens com tantos escudos quanto teria na América. Definitivamente, Elizabeth marcada daquela forma era a prova viva dos meus erros. A fundo, a garota em si era um erro. Era um perigo para mim, mas isso só me fazia querê-la ainda mais.

— Henry, tire os espelhos do quarto de Elizabeth antes de falar com a médica. Não se esqueça de oferecer dinheiro pela cirurgia feita com perfeição e mais dinheiro ainda pelo silêncio. Quero que Elizabeth não se lembre do que aconteceu. Em breve o corpo dela vai estar sem marcas e a garota vai seguir em frente.

Meu soldado quase riu.

— O senhor não acredita mesmo que ela vá se esquecer tão rápido, não é mesmo? — O soldado tirou os olhos da tela do computador e me encarou.

— Eu vou distrair Elizabeth de alguma forma que não sobre tempo

para ela pensar nisso. Agora faça o que eu mando e não me perturbe.

— *Va bene!* — Henry se espreguiçou, me passou o notebook e foi resolver o que mandei.

Bocejei, pronto para ler todas as reclamações e perguntas sobre a merda que eu estava fazendo, quando meu telefone tocou. Assim que li o nome no visor, quase rejeitei a chamada, mas seria um cálculo errado.

— Bóris. — Meu tom não foi o melhor.

— Don Luppolo… — Havia desdém na voz cheia de sotaque do russo. — Como está a viagem?

— Muito bem. — Fui seco.

— E nosso acordo? Como vai? Natasha me ligou e não seria agradável ver minha filha vestida de noiva com o lábio partido graças ao marido descontrolado. — Ele realmente acreditava que aquele teatro de pai cuidadoso funcionaria? Bóris mandou Natasha para longe aos dez anos e a vendeu por um contrato bilionário para mim. Nenhum pai que se importasse faria isso.

— Foi apenas um erro. Devia ter ensinado sua filha como uma boa esposa se comporta. Desse jeito não haveria necessidade de ela ter sofrido uma correção.

— Isso não é algo que me agrade, Luppolo. Estou enviando alguns homens para garantir a segurança de Natasha até o casamento acontecer.

— No caso, até minhas armas e heroína estarem em sua mão e seu dinheiro e programas na minha, certo? — provoquei o homem com tom de desdém. — Sua filha parece dar muito trabalho para essa troca, Petrowký. Talvez eu deva ganhar algo a mais com essa união, afinal de contas, serão meus filhos com ela que vão comandar sua organização. — Ouvi a respiração do homem na linha. Bóris estava pensando o que me responder sem ofensa e eu tomei as rédeas da conversa. — Se Natasha não for interessante e a esposa perfeita, talvez eu precise de outra esposa.

— Não se negaria. Não existe como voltar atrás — o homem me ameaçou.

— Não me teste. Ensine sua filha o lugar dela e não me perturbe com suas cobranças estúpidas, russo. Sua filha vai se sentar sobre um caralho ítalo-americano, se é isso que tanto quer, mas não seja idiota de me pressionar. Falaremos sobre isso quando eu voltar para a América.

— Isso seria bom. Colocar a casa em ordem quando todos estão vendo a merda que está acontecendo. Afinal de contas, seria muito triste

voltar para um império falido, não?

— Tão falido que você está oferecendo sua filha em uma bandeja de prata. Se quer esse acordo de pé, se mantenha no seu lugar. Minha palavra não volta atrás, nosso acordo está firmado. Natasha fará parte da minha Família assim que aprender seu lugar.

— Vou cuidar disso o mais rápido possível.

— E então será o primeiro convidado para o casamento.

— Que assim seja, carcamano.

Encerrei a ligação antes que ele tivesse mais algum atrevimento.

Queria poder descontar na filha as afrontas do pai. Natasha não sabia o que era se casar com o demônio, mas eu daria uma bela amostra assim que ficasse sozinho novamente com ela.

O foda era ver que a confusão dentro do meu negócio já estava sendo notícia para quem não devia. Liguei para Kira em seguida e enquanto aguardava a mulher atender, passei os olhos em minha caixa de e-mail.

— Olá, Louis — Kira me atendeu com a voz surpresa.

— Responda a toda a Família que assim que colocar meus pés na América, vamos fazer uma visita a cada um deles. Avise Felippo que está incluído nessa. Chega de traidores! Vou atrás de cada um e assim que encontrar o maldito bocudo, cortarei a língua e servirei aos outros de exemplo.

— Não me convide para esse jantar. Volte logo, o conselho não vai ficar feliz com tanta desconfiança. E seu *consigliere*? Não vai você mesmo ligar para ele?

— Preciso descobrir de que lado Felippo está e, depois de eu ter lhe rendido um olho roxo, duvido muito que queira conversar comigo por agora.

— Felippo é ambicioso, mas não burro.

— Veremos — murmurei em um tom rouco, refletindo sobre isso. — Até mais, Kira.

— Até, chefe.

Assim que coloquei o celular no braço da poltrona, passei as mãos pelo cabelo e senti a agonia no peito. Precisava fazer aquilo que eu mais amava.

Quando Henry apareceu ao meu lado, ergui a mão para ele.

— As chaves do carro e o endereço do maldito que te pedi.

— O que vai fazer, chefe? — Henry não hesitou em me dar o que pedi.

Levantei o olhar para o homem enquanto o barulho do relógio de parede parecia ecoar dentro de mim. Eram quinze horas, cinco minutos e trinta e três segundos daquela tarde. Sorri para Henry, procurando em seu olhar o medo que procurava nos olhares alheios, então anunciei:

— Amaciar a carne para o abate.

Levantei e deixei o prédio, sabendo que a caçada seria a única coisa capaz de acalmar minha mente perturbada enquanto não tinha Elizabeth.

Infelizmente, ela havia se tornado uma necessidade.

Me enfiei dentro do carro, sabendo que estava sendo seguido por meus homens, e sem pensar muito, fui até o endereço que Henry havia me passado. O bairro era distante do hospital e durante uma hora e meia, contei cada um dos trinta e sete semáforos e as duzentas e vinte coisas da cor vermelha pelo caminho.

As casas da região eram simples e havia ainda alguns lotes para construção. Quando vi o portão de pintura gasta com uma van escrito "escolar" na lateral, estacionei e esperei.

Precisava ver minha vítima. Precisava fazê-lo sentir que eu estava chegando em busca dele.

Aguardei por duas horas até o homem aparecer.

Pela foto que Henry havia enviado, eu achei que encontraria um moleque, mas não. Lembrava-me de ouvir Elizabeth dizer que ele era mais velho que ela, mas não me recordava do quanto. Minha presa era um homem feito, forte e de rosto sério, nada parecido com o perfil que eu imaginei.

O homem se enfiou dentro da van e eu o segui, ouvindo uma das músicas de Elizabeth no rádio enquanto tamborilava os dedos no volante, acompanhando o ritmo das batidas.

Parei o carro bem ao lado do dele e o encarei contra o vidro escuro, tendo certeza de que não podia me ver.

— William, hã? — falei baixo, aproveitando a pequena dose de adrenalina que surgia, acelerando o carro e forçando o motor a rugir. — Quem será o pior entre nós?

O homem olhou para mim, estranhando, e assim que o sinal abriu, acelerei, aproveitando a rua deserta para virar o carro na pista bem na frente da van.

Foi divertido ver o pavor do homem quando eu desci do carro.

— Olá, William. — O cara de cabelos castanhos se atreveu a mexer no volante e eu não pensei duas vezes. Quando ergui minha beretta e atirei

nos pneus frontais, William desistiu de correr e ergueu as mãos. O impacto dos tiros me trazia uma alegria incomparável. O medo no olhar da minha presa era o aperitivo ideal.

Eu não entendi porra nenhuma do que ele gritou para mim do carro, mas pouco importava.

Abaixei a arma e anunciei o último segundo de liberdade do homem.

— Peguem esse bosta e levem para o armazém, só não machuquem muito. Quero ser o único responsável por cada um dos gritos dele.

Assisti meus homens puxando o outro para fora do carro ao som dos seus gritos e, pela primeira vez desde que Elizabeth foi embora, eu ri.

William tentou lutar, mas foi imobilizado, ficando de joelhos enquanto gritava vários "nãos". Aproximei-me e dei o primeiro soco em sua face. A sensação da carne e dos ossos contra meu punho foi alucinante.

— Cala a boca. — Segurei em seu queixo e aproximei o rosto do dele, olhando bem em seus olhos enquanto deixava que ele me conhecesse, assim sua mente saberia que o terror estava por perto toda hora que ouvisse minha voz, a cada vez que sentisse o meu cheiro ou me visse por perto. — Bem-vindo ao décimo inferno, maldito. Elizabeth manda lembranças. — Selei minha boca na dele e dei um tapinha de leve em sua bochecha.

Ergui-me logo em seguida. Fui para o carro.

Eu precisava foder ou matar. A sensação de ser o rei da porra toda dominava o ar dos meus pulmões, mas assim que fechei a porta do carro e acelerei pelas ruas, a imagem dela toda fodida na cama do hospital me dominou.

Willian seria peixe pequeno, apenas diversão.

Eu acabaria com todos que ousaram tocar em Elizabeth antes de mim.

Ela, querendo ou não, me pertencia.

Elizabeth Fabbri

Deus sabia a dor que eu sentia.

Quando a enfermeira terminou de arrumar os pontos que romperam na minha estupidez de tentar levantar, e me explicou que o antibiótico de prevenção junto dos analgésicos me deixaria aérea por alguns dias, eu entendi

de onde vinha tanto sono.

— Mas durma, pare de lutar contra. Seu corpo precisa se recuperar — a mulher falou enquanto me cobria. — Caso queira se levantar, toque este botão que a enfermeira de plantão virá te ajudar. Descanse, querida. — A enfermeira apagou a luz antes de sair, deixando o monitor de batimentos ser responsável pela iluminação fraca do quarto.

Descansar…

Eu realmente acreditava que precisava, só não queria experimentar fechar os olhos com tantos monstros novos dentro da minha cabeça. Podia ver Juan sorrindo, ouvia o barulho do tilintar das facas de Carlos... tudo extremamente vivo e real dentro da minha mente confusa.

Queria poder me encolher, mas nem isso eu podia ou corria o risco de ter cicatrizes ainda piores por ficar recosturando os pontos abertos.

Desejava chorar, porém, de um minuto para o outro, parecia que tudo dentro de mim havia secado.

Louis tinha ido embora e eu esperava que para nunca mais voltar. Pensar em seu rosto, nas promessas todas e em como terminei por sua causa, me fazia querer vomitar. Era uma vergonha ter me deixado ser levada daquele jeito. Era extremamente humilhante saber que havia sido burra naquele nível pela segunda vez na vida.

Conforme minha mente vagava nas cenas que eu queria esquecer, peguei no sono sabendo que carregaria para sempre o peso de ter me apaixonado pelo diabo.

***

Acordei de um sono leve graças à batida na porta e, quando abri os olhos, quase senti meu coração arrebentar. Zola estava em uma cadeira de rodas, sendo empurrado para dentro do quarto.

Eu não sabia se sorria, se vibrava de felicidade por ele estar vivo, ou se chorava por me importar tanto com alguém que ajudou a me fazer de idiota. Se bem que no fundo, Zola foi quem pagou mais caro pela traição depois de mim.

— Hey. — Ele me cumprimentou conforme foi deixado perto da cama. Depois de uma boa olhada em mim, subiu o lençol que quase deixava meus seios à mostra e suspirou por ver a cor da minha pele. — Sinto muito.

— Você também não está no seu melhor. — Minha voz não estava embargada como esperava que estivesse e eu agradeci. O loiro sorriu para mim de um jeito triste.

— É diferente. Eu sempre soube o risco que corria e você está tão machucada… — Zola mordeu o lábio com força e desviou o olhar do meu rosto.

— Zola… não se preocupe com isso. Não que não doa, não que eu não esteja fodida de raiva… mas a culpa não é exatamente sua. Você fez o que podia para me proteger e ainda levou um tiro por isso.

— Não é tão ruim quanto parece. O tiro não fez tanto estrago, mas eles me fazem ficar nessa merda de cadeira até os pontos cicatrizarem. Você perdeu um órgão de tanto que te bateram, Elizabeth. Teve seu maior trauma revivido sem necessidade alguma.

Fiquei em silêncio porque Zola tinha razão. Tentar fazer o loiro, que foi a única pessoa que realmente se preocupou comigo durante os últimos dias, se sentir menos culpado, não anulava o fato de que ele também tinha culpa, assim como todos os homens de Louis e o próprio demônio.

— Por que não me disse antes? — Encarei os olhos azuis de Zola depois de algum tempo, quebrando o silêncio e o fazendo respirar fundo.

— Porque achávamos que com mais algum tempo as coisas entre vocês ficariam sérias o bastante para que você entendesse. O casamento, o noivado com a russa, é um acordo.

— Zola, não — tentei interromper o loiro, mas ele continuou.

— Acordos na máfia são comuns, Liz. Casamentos nem sempre envolvem sentimentos. Ninguém realmente torce para que essa transação dê certo.

— Chega! Zola, eu não quero mais saber desse tipo de coisa nunca mais na minha vida. Pegue sua máfia, seus acordos e seu chefe, e enfie todos no rabo. Tudo o que vocês têm feito é me usar. Ora eu sou a boneca inflável do seu chefe, ora eu sou a garota que o mantém entretido, até que eu me torno o alvo e então quase sou morta. Zola, você sabe o quanto eu gosto de você, mas a coisa que mais quero na vida é nunca mais saber de nenhum de vocês e um dia pensar que foi apenas um pesadelo muito ruim do qual consegui acordar a tempo.

O loiro engoliu com dificuldade, mas fez que sim com a cabeça.

— Nós não sabíamos que as coisas seriam tão sérias assim. Achávamos que estava tudo sob controle.

— De achar morreu um burro. — O garoto olhou para minha cara, tentando entender a expressão brasileira, e eu bufei, revirando os olhos. — Não importa o que vocês achavam. Agora sou eu quem precisa lidar com o efeito disso. De qualquer forma, Zola, Louis nunca mais vai ouvir falar de mim, nem eu dele. Vocês vão voltar do lugar que nunca deviam ter saído e eu vou seguir em frente, do mesmo jeito que segui antes. De todas as coisas, a que eu mais fico feliz é por saber que vou poder me curar longe de vocês.

Zola recebeu aquilo como um soco na cara, a expressão dele não escondia. Ele respirou fundo e ficou um tempo enrolando, parecendo que procurava as palavras certas, mas como não as encontrava, fechava a boca logo depois de abrir.

— Não preciso de nada que venha de vocês, Zola. E o que eu disse ainda está de pé. Espero que um dia você consiga se livrar dessa merda de máfia.

Depois dessa, não houve nenhuma tentativa por parte dele. Zola apenas virou a cadeira de rodas com algum esforço e se foi. Pude perceber, quando espiei rapidinho por cima do ombro, que ele havia parado na porta.

— Realmente sinto muito, Liz. Você não merecia nada disso.

Eu não queria descontar mais da minha raiva em cima dele, mas Deus sabia como era verdade que eu não o queria mais por perto com todas as coisas que ele representava.

— Infelizmente, suas palavras não podem mudar o que aconteceu.

Ele quase continuou, mas então parou novamente.

— Ah, a história é que Louis te pagou por alguns dias como acompanhante de luxo. — Aquilo doeu em minha alma. — E você caiu contra uma porta de vidro mal instalada que se quebrou com o impacto. Essa é a versão que sua amiga soube, a fim de acobertar a história para os seus pais. Eles só vão vê-la próximo a sua saída daqui, com a desculpa de que você corre risco de pegar uma infecção. Já sua amiga, virá amanhã durante o dia. — Minha cabeça já começava a doer só de imaginar o quanto Isabella falaria em minha orelha. — Eu realmente espero que tudo dê certo — o loiro desejou da porta. Era sincero, dava pra sentir.

— Vai dar assim que vocês forem embora. — Não levantei a cabeça para não deixar que ele visse as lágrimas que decidiram aparecer, mas assim que a porta se fechou, me permiti ser levada ao choro mais intenso.

***

Minha boca tinha um gosto horrível. Eu precisava escovar os dentes com urgência.

Era uma droga não ter noção de que horas eram, mas tentei lidar bem com isso. Encarei a parede à minha frente e respirei fundo, sabendo que se continuasse tentando fugir da verdade por mais tempo, provavelmente piraria.

Me sentia abençoada por ter uma medicação tão pesada a ponto de conseguir dormir sem sonhar. Parecia uma maldição ser perseguida por meus torturadores enquanto me mantinha de olhos abertos ou minimamente consciente. Eu só conseguia afastá-los quando transferia o pensamento para Louis e deixava toda a raiva e ressentimento tomar conta do meu peito, pois era uma merda me sentir tão suja carregando aquele peso.

Minha fé em mim mesma estava extremamente abalada por saber que eu estava pagando o preço por outra escolha errada. Mais um erro irreparável na minha enorme lista, mesmo que dessa vez fosse diferente. E era diferente. Dentro da minha mente eu já havia me culpado o bastante. Antes por ser inocente e burra; agora, só por ser burra. *Isso era alguma vantagem?*

Lembrava-me de como lidei em silêncio absoluto com as primeiras marcas, mas dessa vez não me calaria. Tudo em mim havia mudado e eu precisava reconhecer que não era mais a garota sonhadora de onze anos. Precisava lidar com o fato de ser uma mulher quebrada.

Estiquei o braço para fora da cama, enxergando as cicatrizes que eu mesma me fiz quando o barulho interno era demais para suportar, chegando a sentir saudade dele, pois tudo o que me sentia naquele momento era oca, vazia.

Se me perguntassem como estava lidando com aquilo, muito provavelmente não saberia responder.

Meu corpo estava anestesiado. Se eu ficasse bem parada, podia ouvir o sangue correndo pelas veias e quase não sentia dores. Se me forçasse, podia imaginar que estava em casa, em minha cama, tendo mais sonhos esquisitos para transformar em histórias.

E como eu sentia falta de escrever... seria ótimo fugir para dentro de um universo totalmente novo, totalmente meu, onde ninguém poderia me machucar ou onde eu lidaria com o que aconteceu sem que ninguém precisasse olhar para mim com cara de dó, sem pensarem em como eu era

uma fodida. Não queria nunca mais ver o olhar de pena nos olhos que me encaravam, o que era uma merda, porque sabia que em algumas horas Isabella entraria como um vendaval dentro do quarto e provavelmente me encararia com aqueles espelhos gigantes que ela chamava de olhos, mostrando o quanto eu estava horrível.

Por um segundo, pensei na minha aparência. Era bom estar pronta para quando ela chegasse.

Feliz o bastante por me sentir nula, apertei a campainha chamando a enfermeira. Rezei para que o peso de tudo não despencasse de uma vez nos meus ombros, fazendo que eu tivesse uma crise na frente de alguém.

***

— Você não precisa se preocupar. Acredito que em alguns dias os pontos vão estar bem sequinhos — a enfermeira falou, enquanto tirava o curativo das minhas costas. — Só tente não fazer movimentos muito bruscos. Os pontos da barriga são os que mais me preocupam. Foi bom você me chamar para ajudá-la a levantar. Como está se sentindo? — A mulher era animada.

— O enjoo melhorou, mas confesso que ainda quero deitar e dormir por um ano. — E era verdade. Meu corpo ainda não havia se recuperado da surra. Parecia que eu carregava uma tonelada nos ombros. — As tonturas também passaram. Acha que aguento tomar banho sozinha? Eu realmente preciso me lavar. — Não aguentava mais ficar deitada ali, quase deixando o colchão com o formato do meu corpo.

— Sem problemas. Vou colocar uma cadeira dentro do box, assim você pode se sentar caso tenha tontura. Vou ficar aqui fora esperando enquanto a equipe limpa seu quarto e troca os lençóis. — A mulher me ajudou a descer da maca com cuidado, e foi até o banheiro com uma cadeira de plástico branca, me deixando sozinha por um minuto. — Você pode esperar um pouco até eu chamar o pessoal da limpeza?

— Não se preocupe. — Fiz o possível para esconder meu corpo com o robe branco que ela havia me dado. — Acho que dou conta. — Tentei sorrir para a mulher.

— Sem problemas. Volto já. — A enfermeira saiu, finalmente me deixando sozinha.

Me mover até o banheiro não foi tão ruim quanto eu pensava que seria. Meu corpo parecia ter ânsia de se movimentar, mesmo que tudo doesse a cada passo que eu dava, como se estivesse enferrujada. Meu estômago tremeu quando finalmente cheguei em frente a pia do banheiro. Me aproximei e acendi a luz, vendo ali a marca da massa que prendia antes um espelho, provavelmente grande o bastante para que eu enxergasse todo o meu corpo da cintura para cima. Passei os dedos pela massa irregular na parede, tendo certeza que aquilo era obra de Louis, sabendo que ele não queria que eu me visse naquele estado.

“Será que é tão ruim assim? Será que eu me assustaria?”, pensei.

Tinha uma vaga ideia do que iria encontrar, mas de fato Louis estava certo em não querer que eu visse. Assim que abri a porta de onde ficava o vaso e o chuveiro, a luz automática se acendeu e o ar me faltou quando me olhei no reflexo do box.

Eu havia me tornado um monstro disforme.

Não tinha como me esconder. Meu cabelo, que sempre havia sido minha proteção, agora era curto demais. Tão curto que nem meu pescoço ele cobria. Meus olhos estavam envoltos em manchas escuras, havia um corte em minha testa, outro na bochecha e sobre o meu lábio inferior também.

Tateei os machucados, processando a informação de que aquilo era eu. Passei a língua pelos lábios, sentindo tudo aquilo ser real e respirei fundo, tentando ser forte para conseguir tirar o robe sem gritar.

Demorou, mas deixei o tecido escorregar pelos meus braços em direção ao chão, e tentei segurar as lágrimas que surgiam ao ver o estado em que meu corpo se encontrava.

Louis havia ido embora com uma bela visão do inferno.

Em determinado momento, meus olhos estavam tão cheios d’água que a visão ficou embaçada e eu precisei piscar, fazendo as lágrimas grossas rolarem pelo meu rosto enquanto eu podia enxergar novamente meu corpo no reflexo perfeito do box escuro.

Meus seios estavam cheios de marcas escuras, minha barriga também, e agora havia a nova cicatriz ali. Me atrevi a olhar para baixo e encarar as casquinhas que se formavam sobre a minha pele, todas no formato da boca daquele homem, Juan. Virei de costas lentamente, sabendo que a próxima olhada faria o demônio dançar sobre a minha alma mais uma vez, pisoteando o que havia restado de mim, até sobrar apenas cinzas do que eu consegui reerguer um dia.

Quando finalmente tomei coragem para olhar sobre o ombro, vacilei, apoiando uma das mãos sobre a porta. Coloquei a outra na boca e abafei o grito que queria sair conforme eu escorregava em direção ao chão frio. Tudo tinha voltado, tudo estava ali, me engolindo como se o buraco negro ainda não tivesse sugado minha alma o bastante.

O que eu não daria naquela hora, deitada sobre aquele chão gelado, para voltar um mês atrás. O que não teria feito para não ter sido tão massacrada… Minha alma pesava uma tonelada e eu ainda me sentia vazia.

Haviam levado tudo de mim. Tudo o que me restava estava destruído.

Fiquei deitada, sentindo as lágrimas escaparem continuamente dos meus olhos enquanto meu coração parecia falhar, batendo fraco como se algo dentro de mim dissesse que ele ainda precisava tentar. Era uma pena eu não ter tanta certeza se queria continuar.

Se fosse possível fazer um único desejo, aquele certeiro para ser atendido por Deus, eu escolheria morrer. Pior do que ver o que aquilo tudo tinha feito com meu corpo, era sentir o que haviam feito com a minha alma.

***

A apatia tomou conta de mim no banho e nem mesmo quando a água quente caiu sobre as minhas costas eu reagi. Travei a dor na mandíbula e me lavei o melhor que podia, tentando fazer cada pedaço de mim o mais limpo possível a fim de expulsar as memórias incrustadas em minha pele.

Depois de sair do banho, escovar os dentes e pentear os cabelos, a enfermeira refez meus curativos e me deixou sentada de forma confortável na maca.

Mesmo sem querer, não havia nada que pudesse fazer para fugir do sono e quando ele me dominou, agradeci por não sonhar.

— Bom dia, bela adormecida. — A voz da Isabella me puxou, devagar, de volta ao mundo real. Abri os olhos lentamente e sorri de boca fechada ao ver a garota ao meu lado. — Meu Deus, você está acabada. — O tom de voz dela não parecia cruel. Era mais uma piada e eu ri, fraca, me ajeitando na cama.

— Já estive melhor, confesso. — Suspirei e encarei os olhos enormes dela.

— É bom se recuperar logo, assim eu posso estapear a sua cara o bastante para poder entender qual o motivo de você aceitar dinheiro para sair com um cara. Tudo bem que ele é supergostoso e tudo mais, mas essa não é você. Por que você não me pediu emprestado? Sabe que eu tenho algum dinheiro guardado e não seria problema nenhum te emprestar.

Apesar de ela não saber de parte dos meus traumas, Isabella me conhecia bem demais no pouco tempo em que estávamos juntas. Ligações de alma eram bizarras. Revirei os olhos e bufei antes de responder.

— Bom, você sabe o quanto meu orgulho iria me impedir de te pedir qualquer coisa, ainda mais sem saber em quanto tempo eu poderia devolver. Não se preocupe, o sexo valeu a pena. — Era verdade, inclusive. A única coisa da qual eu não me arrependia. — Só foi uma merda decidir ir pelo caminho errado. — O peso das minhas palavras não atingiu Isabella, afinal de contas, ela não tinha ideia do que realmente havia acontecido.

— Você e seus dois pés esquerdos nunca me surpreendem. Só por te conhecer tão bem é que acreditei na história que ele contou. De qualquer forma, o bonitão está lá fora, literalmente grudado na sua porta, dormindo na poltrona. Acho que alguém tomou um belo chá de pepeca. — Ela piscou, rindo, e eu tentei entrar na brincadeira, mesmo com o coração falhando ao saber que Louis estava lá fora.

— Obrigada por me ensinar aquela coisa do pompoarismo.

Isa ainda ria quando se sentou na beirada da maca.

Minha melhor amiga estendeu a mão até o meu rosto e tocou minha bochecha, depois acariciou o que restou dos meus cabelos e me fez suspirar, desviando o olhar.

Ela ergueu meu queixo e me encarou com aqueles olhos enormes.

— Você sabe que ainda é linda, não é? Não precisa mais se esconder atrás de todos os seus muros. Eu vou estar aqui por você, sempre.

Puxei suas mãos para as minhas e beijei os dedos dela.

— Eu sei. Nunca foi tão bom ter uma irmã de outra mãe. — E era real.

O único problema era saber que ninguém conhecia minha história de forma tão completa como Louis. Isabella não sabia sobre o meu trauma dos onze, Pedro e meus pais que sabiam, jamais poderiam sonhar com o que havia acontecido nas últimas semanas. Eu guardaria esses segredos comigo, para sempre.

Somente Louis saberia da minha vida toda.

O diabo devia ter um diário exclusivo para poder escrever todas as desgraças em que me enfiava. Balancei a cabeça querendo esquecer toda aquela merda enquanto Isabella estava ao meu lado. Era bom ter ela ali, era bom não precisar ficar pensando, sozinha, nas coisas ruins.

— É bom que você esteja recuperada para o começo do semestre. Eu não vou suportar ir para a faculdade sem você. É um porre. — Ela sorriu enquanto apertava minha mão.

— Não vou desistir, não se preocupe. — E era verdade. Mais do que nunca, eu iria de cabeça atrás do meu sonho. Escrever nunca foi tão necessário.

Depois de algum tempo em silêncio, Isa começou a me contar das férias, do que sabia das meninas da faculdade, das garotas que tinha conhecido em baladas e eu ouvi, feliz por poder me distrair como expectadora da vida dela.

Me senti menos vazia quando Isabella, com a promessa de que me veria em breve, foi embora para que a médica me examinasse. Isa era um marcador de normalidade em minha vida, mesmo que precisasse mentir todos os dias até acreditar que todas as merdas tivessem sido frutos da minha imaginação. Era bom ter algo além do meu mundo fodido para me concentrar.

— Cuide bem da minha irmã — Isa disse para a médica antes de sair e finalmente deu as costas, fazendo meu coração se aquecer.

— Muito bem. Vamos ver como anda sua recuperação? — A médica puxou um banco com rodinhas e veio para perto, abaixando à altura da minha cama, o bastante para poder me olhar nos olhos. A mulher loira, de franjinha e óculos, parecia ter pena de mim. Tudo o que não vi em Isabella, eu vi nela quando me ajeitou na cama hospitalar e me deixou nua para analisar meus machucados.

— Vamos ser francas. Meu nome é Mônica, sou cirurgiã aqui e me fizeram a proposta de um belo pagamento caso você queira reconstruir suas costas. Você quer contar algo sobre o que aconteceu? — “Olhos médicos veem tudo, não é mesmo?”, eu ri internamente.

— Não poderia…

— Ele te bateu, não foi? — A mulher era meio dura, mas tinha postura.

— Não. Ele não. — E era verdade. Louis não havia me machucado com as próprias mãos, mas era o causador daquilo tudo.

— Caso queira denunciar, eu serei a primeira a ficar ao seu lado e não deixar ninguém chegar perto de você. Já passei por esse tipo de agressão e não admito ver outras mulheres passando. — A mulher apertou meu ombro de leve, me passando segurança, e eu concordei com a cabeça. — Agora me conte, o que você vai querer?

E eu não soube o que responder.

Reconstruir minhas costas… Eu já havia pensado nisso antes, tirar aquele W maldito. Mas agora, o quão difícil seria a cirurgia? Outra, se com aquela maldita marca eu já havia falhado, e se eu apagasse as novas? E se me esquecesse e a próxima vez fosse ainda pior? Um arrepio subiu pela minha espinha e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Ei, não se preocupe. Você não precisa decidir isso agora. Eu não vou conseguir deixar você perfeita de novo, mas posso amenizar as marcas. Isso é algo a ser pensado. Primeiro vamos curar essas marcas roxas, ok? Você vai passar essa pomada todos os dias, toda vez que sentir que o corpo já absorveu o produto. — Ela me estendeu um tubo que tirou do bolso. — Quando os roxos saírem, caso sua pele fique marcada com os outros machucados, nós vamos entrar com um ácido. Nada muito agressivo. Sua pele vai descamar e as marquinhas vão sumir. Assim que você pensar sobre a cirurgia, me avise. É melhor abri-la enquanto você ainda está aqui com a gente e depois te mandar embora pelo risco de infecção. — Mais essa. A lista de merdas parecia interminável.

— Ok — falei enquanto lia o rótulo da pomada. — Obrigada, doutora.

— Mônica. Pode me chamar de Mônica. — Ela finalmente sorriu, mas era como Louis, não chegava aos olhos.

— Obrigada, Mônica. — Sorri fracamente, sem mostrar os dentes, então a mulher se foi, me deixando com a cabeça alucinada diante da questão que jogou em meu colo.

Me livrar das marcas ou não?

Deixar o passado ir embora ou carregar aquilo como um lembrete eterno para não confiar em mais ninguém?

Meu cérebro parecia querer se partir em dois, cada lado querendo uma coisa diferente, sabendo que qualquer uma das decisões me traria mais consequências com as quais eu não queria lidar.

CAPÍTULO 3

Elizabeth Fabbri

Minha mente parecia ter entrado em outro redemoinho confuso. Eu estava ansiosa demais para ficar quieta na cama e nem mesmo a letargia que o remédio causava me fez acalmar. Passar por Isabella não havia sido difícil, apesar de me sentir culpada por minha melhor amiga não saber tanto da minha história real. No fundo, eu acreditava que quanto mais pessoas soubessem, pior seria para esquecer.

O fato de saber que Louis estava sentado do lado de fora da minha porta também não me deixava melhor. Eu ainda o queria longe, o máximo que pudesse, mas a vontade de dar uma última olhada em seu rosto gerava uma impressão de que tinha formigas na cama, e isso fazia eu me mexer mais do que o aconselhado.

Por que é que o homem ainda estava ali? O que é que ele estava esperando? Será que queria saber se teria que pagar minha cirurgia? Deus era bom por eu poder decidir pelo menos isso. Se ia querer, ou não, mexer em meu corpo.

Fiquei encarando a porta por várias horas, pensando nos riscos da cirurgia. Se eu operasse, era mais dinheiro de Louis gasto comigo, maior risco de pegar uma infecção das bravas e seria o ponto de partida para apagar o passado. *Mas eu queria apagar o passado?* Queria me livrar da dor que ele me trazia, isso era óbvio. Eu não aguentava mais a tristeza que me acompanhava, mas ainda assim, o orgulho de ser quem eu era, de me tornar aquela pessoa mesmo tendo pagado um preço alto, era maior… Aquilo não era uma vergonha, era apenas um lembrete do qual eu descobri precisar.

Que caralho!

Eu não queria mais carregar aquilo de forma tão pesada. Não queria os olhares de julgamento, não queria a pena das pessoas, nem o pensamento de Louis sobre ter me curado da merda que tinha aprontado só por ter pagado uma cirurgia. Era bom que o gringo tivesse gravado na memória cada

pedacinho do meu corpo que havia sido machucado graças a ele, ainda assim, nunca seria suficiente porque o desgraçado jamais poderia colocar os olhos no meu coração e em como ele havia me despedaçado.

Suspirei profundamente, pensando no pânico de ter as mãos dele sobre mim, lembrando da sensação de sufocamento tão diferente das vezes em que aquelas mesmas mãos percorreram meu corpo, parecendo me conhecer por inteiro. Lembrando de todo o desespero em sua voz dizendo o quanto eu precisava dele.

Fechei os olhos e me lembrei de Louis na roda gigante, na lama, dizendo que estava apaixonado por mim, fazendo promessas sobre nunca mais mentir…

Nunca mais eu teria aquele tipo de conexão com alguém na vida e fosse por Louis ser doente, ou intenso demais, ou todas as merdas do universo que o faziam um maldito sociopata graças aos seus traumas, eu ainda não entendia porque meu coração pedia que eu fosse até a porta e desse uma última olhada em seu rosto.

Só uma última olhada. Era tudo.

Me levantei devagar, encarando a porta e sentindo meu coração bater forte contra o peito. Gastei cada gota restante de coragem que havia dentro de mim, dando os passos certeiros em direção à saída. Quando segurei na maçaneta, ela parecia pegar fogo. Me atrevi a forçar devagar, evitando fazer barulho e chamar atenção para mim.

Enfiei a cabeça para fora e senti o coração esmagar. Isabella tinha razão, Louis estava lá. O corpo largado sobre a poltrona, a cabeça para trás, os olhos fechados, a roupa amarrotada, o cabelo e a barba desalinhados. O sono profundo que ele tinha o havia dominado, mas ele estava ali, colado na porta do meu quarto, sabe lá Deus desde quando.

Ouvi o som de alguém limpando a garganta e me virei, encontrando o segurança loiro e enorme que sempre estava por perto.

— Quanto tempo? — perguntei baixo, com medo da voz sair falhada ou de Louis acordar.

— Desde que o botou para correr. — Desviei os olhos do homem e encarei Louis novamente.

— Ele precisa ir embora. Não há nada aqui para ele. — Era real, não havia nada que ele pudesse fazer para colar os pedaços quebrados do meu coração.

— Ele não vai, você o conhece — o segurança me sussurrou de volta.

— Não, não o conheço — falei um pouco mais alto. — E ele também parece não me conhecer, pois se conhecesse, saberia que o último lugar na Terra para se estar seria perto de mim.

— Nós realmente sentimos muito, senhorita Fabbri, mas é um fato, o Don é obcecado por você. Nem mesmo os compromissos com a Família o tiraram daqui por esses dias.

— Isso se chama doença e precisa ser tratada com um psiquiatra. Leve-o embora, não quero que meus pais o vejam aqui. — Em dois dias meus pais chegariam e com toda certeza me perguntariam o que aquele homem estava fazendo na porta do meu quarto como um cão de guarda.

— Boa noite, senhorita Fabbri — o homem se despediu, ignorando o que eu havia acabado de falar e voltando sua atenção ao celular.

Dei uma última olhada em Louis, o rosto sereno de quem dormia sem ter a mente perturbada por nenhum problema, a boca fina que me beijou como Judas, então levantei a mão, aproximando os dedos do seu rosto, quase o tocando. Ele respirou mais fundo e eu recolhi a mão, rápido demais, enquanto dava um passo para trás, entrando no quarto e batendo a porta um pouco mais forte do que o esperado.

— Merda — reclamei enquanto tentava ir o mais rápido que podia de volta para a cama. Assim que me ajeitei no colchão, alguém bateu à porta e, de alguma forma, meu coração sabia que era ele. Me agarrei ao colchão, sabendo que poderia causar uma tormenta caso abrisse a porta e encarasse o homem de olhos abertos.

Ali eu meu fiz uma promessa que esperava não quebrar: eu nunca mais olharia nos olhos do diabo.

***

Dois dias se passaram, entre as idas e vindas ao banheiro para ver se a pomada fazia efeito e o pensamento louco sobre aceitar ou negar a cirurgia. A enfermeira me avisou que meus pais seriam indicados a não fazer tantas perguntas por causa do trauma anterior e tentou me deixar relaxada o bastante para que a ansiedade não me fizesse cavar um buraco no chão de tanto que eu andava de um lado para o outro.

Depois de eu conseguir abrir algum ponto nas minhas costas por me

mexer demais sem cuidado algum, a mulher decidiu que me colocaria para dormir e eu agradeci. De olhos fechados o tempo passava muito mais rápido.

Eu estava despertando, esfregando os olhos e bocejando, quando ouvi a porta se abrir.

— Elizabeth? — A voz vacilante do meu pai fez o coração ir contra o estômago. Como mentir olhando nos olhos da pessoa mais honesta que eu conhecia?

— Oi, pai. — A voz saiu falhada. Eu não estava tão preparada para aquilo quanto pensei que fosse estar.

Meu pai se aproximou da cama, colocando a mão com cuidado no meu quadril. Era tão reconfortante ter ele ali, mesmo com todas as mentiras presas na minha garganta, prontas para saltar para fora caso ele fosse me pressionar. Coloquei a mão sobre a dele e entrelacei nossos dedos enquanto as lágrimas molhavam o travesseiro. Ele suspirou, me vendo naquela situação.

— Sabe nos natais, quando eu digo que sempre espero que seja seu tio e não você quando alguém quebra um copo? Dessa vez eu preferia que fosse qualquer outra pessoa e não você contra a porta de vidro.

Minha avó costumava dizer que eu era a cópia viva do meu tio mais velho. Ansiosa, desastrada, explosiva e totalmente emotiva. Eu concordava, mas ainda acreditava que por ser de uma geração para frente, eu tinha a obrigação de tentar ser um pouco menos briguenta. Até o momento a missão era falha.

— Nada que mais um tempo de molho não me faça prestar atenção nos meus pés da próxima vez. — Tentei sorrir entre o choro.

— Seria bom. Evitaria quase matar sua mãe de preocupação. Ela e Pedro estão lá fora, esperando.

— Pedro? — Meu coração se apertou.

“E se Louis estiver na porta? E se ele vê o Pedro e surta?”, pensei. Eu bem sabia como ele era quando queria descontar algo em alguém.

Me sentei bruscamente na cama e meu pai tentou me segurar.

— Opa! Não sabia que você estava animada com ele de novo.

— Nem tente — cortei meu pai antes de ele começar com as piadinhas. — Não é nada demais, só fiquei surpresa.

Meu pai finalmente me encarou, sentada, olhando bem meu rosto em um silêncio dolorido.

— Eu sei, meu cabelo… — Essa era uma mentira que eu não havia

preparado. Meu pai amava meu cabelo comprido e reclamava toda vez que eu comentava que precisava cortar as pontas.

— É… — Ele suspirou depois de me encarar por um longo tempo. — Não foi nada disso que planejei para você... — O tom dele era pesado, fazendo toda a culpa que eu já sentia antes parecer dez vezes pior.

Meu pai parecia mais frágil ainda. Ele procurou a cadeira com os olhos e se sentou. Reparando bem em seu rosto, notei que estava inchado, provavelmente por culpa dos rins e de sua teimosia. A saúde na merda, a vida financeira salva graças a venda da minha boceta e alma...

— Eu nunca segui os planos, você sabe. — Desviei os olhos dele, encarando minhas mãos enquanto as lágrimas embaçavam minha vista. — Me desculpe por não ser motivo de orgulho.

De repente o choro veio em uma tacada só, fazendo eu me sacudir tão pesado enquanto soluçava, que meu pai se levantou, desajeitado, e veio me abraçar, colocando as mãos nos meus ombros com cuidado, como se tivesse medo de me machucar mais.

Nós ficamos ali por algum tempo, eu sem conseguir parar de chorar e ele apenas me embalando e aguentando firme.

Eu nunca havia visto meu pai chorar, mas quando afastei a cabeça do ombro dele, pude ver os olhos molhados por trás dos óculos e ergui as mãos em direção ao seu rosto, querendo secar suas lágrimas.

Meu pai apoiou a mão gordinha na minha cabeça, me fazendo olhar para ele como quando eu era mais nova, e disse com a voz falhada:

— Quem disse que eu não tenho orgulho de você? Eu tenho. Tenho muito! Você é minha filha. A gente já passou por isso antes, não? Não enfrentamos tudo juntos? Agora não vai ser diferente. — Eu bem que tentei, mas o nó na minha garganta por tentar segurar o choro machucou tanto, que deixei as lágrimas restantes saírem enquanto concordava com a cabeça e puxava meu pai para mais um abraço, esfregando o rosto nele, inspirando o cheiro que eu tanto senti saudade.

Não que meu amor por minha mãe fosse pequeno, mas de todos os amores da minha vida, meu pai sempre seria o maior deles.

Quando minha mãe entrou e viu a cena, se juntou ao abraço e me encheu o rosto de beijos, fazendo-me rir enquanto aceitava o carinho. Nunca na vida eu veria tanta bondade e inocência em alguém. Lembrei de quando tinha dez anos e me virei para ela, perguntando o que era boquete. Ela não sabia e foi perguntar para o meu pai. Lembrar disso me fez gargalhar alto,

fazendo os dois me olharem sem entender.

Balancei a cabeça, tentando recuperar o fôlego, agradecendo que as lágrimas de tristeza haviam acabado quando a enfermeira entrou.

— Olá, Elizabeth! Que bom vê-la sorrir! — E a mulher que eu havia me apegado nos últimos dias me entregou os remédios do dia. — Sua médica passa aqui daqui a pouco para assinar sua alta. Espero não ver você por aqui tão cedo, certo? — A enfermeira piscou.

— Obrigada — agradeci, sorrindo depois de tomar a medicação e resolvi me ajeitar, soltando-me dos meus pais e saindo da cama. Era hora de ir embora, hora de recomeçar.

***

Depois da médica ensinar minha mãe a trocar meus curativos e tirar todas as dúvidas dos meus pais a respeito da perda do baço e etc, nós finalmente nos despedimos.

Meu coração estava pesado, batendo devagar quando coloquei a mão na maçaneta, pensando no que poderia achar do outro lado daquela porta.

Meus pais não me apressaram, provavelmente achando que era ansiedade para ver Pedro. Mal sabiam eles.

Assim que abri a porta, olhei para o lado e não achei a poltrona onde Louis estava na noite anterior, e confesso, sem entender o motivo, fiquei decepcionada por um segundo. Quando saí para o corredor, me virando para a sala de espera, parei estática no lugar. Pedro estava sentado, distraído com o celular, e Louis que estava sentado na fileira de trás das poltronas, se levantou.

O homem vestia preto, a barba não existia mais, e o cabelo estava arrumado para trás, do jeito que eu gostava. Parecia que meu coração lutava para bater alto o bastante para que ele ouvisse. Encarei Louis por algum tempo, vendo-o fazer menção de vir até mim, mas balancei a cabeça em negativo, forçando-o a ficar em seu lugar. Ele fechou a cara, bufando e sentando novamente. Apoiou os cotovelos sobre os joelhos e então descansou a cabeça nas mãos enquanto ficava passando a língua de um canino para o outro. Porra! Queria que aquilo não tivesse nenhum efeito sobre mim, queria que aqueles traços, manias e loucuras fossem esquecidos ou que eu o achasse

só esquisito, pena não ter sido o caso.

Meu pai tocou meu ombro e me tirou do transe envolvendo o homem, então me fez encarar Pedro que se levantou e vinha em minha direção.

Meu ex-namorado-melhor-amigo me puxou pelo pescoço e me abraçou forte, quase me machucando.

— Opa! Vai com calma. — Tentei me soltar um pouco, mas não deu muito certo. Pedro parecia ter grudado em mim.

— Me desculpe por não ter vindo antes. Encontrei sua mãe ontem e ela me disse o que aconteceu.

— Está tudo bem — garanti. — Só me solte um pouco, não consigo respirar direito. — Ele finalmente me soltou e eu tossi. — Obrigada.

Algo estava diferente em mim, mas não parei para prestar atenção.

Nós nos viramos em direção ao elevador, meus pais na frente, Pedro e eu atrás.

De repente, Pedro pegou minha mão e eu estranhei, olhando para o garoto quase ruivo ao meu lado, depois para nossas mãos juntas enquanto esperávamos o elevador e então, depois de recolher toda a coragem que ainda restava dentro de mim, olhei por cima do ombro, encontrando Louis me olhando fixamente.

Desviei os olhos rapidamente para o lado e vi Zola sentado ao lado de Louis, não mais na cadeira de rodas e sim em uma poltrona normal. O alívio que senti tirou parte do peso dos meus ombros. Quando o elevador chegou, entrei e respirei fundo, apertando a mão de Pedro enquanto sentia os olhos de Louis em mim.

Quando o encarei, quebrando mais uma das minhas milhares de promessas, pude sentir o homem lendo minha alma.

— Esqueceu alguma coisa? Está tudo bem? — Pedro me perguntou baixo, quando finalmente tirou os olhos da merda do celular e me olhou. Sem desviar os olhos dos de Louis, tentando mostrar que não havia mudado de decisão, fiz que não com a cabeça.

— Nada que valha a pena buscar.

As portas do elevador se fecharam e eu pude respirar normalmente, sem ter meu coração quase saltando do peito.

Finalmente, aquele inferno tinha acabado.

Uma semana havia se passado.

Assisti ansioso da sala da recepção enquanto Elizabeth se recuperava. Era uma completa agonia não poder ficar ao lado dela e ver com meus próprios olhos cada uma das evoluções, mas aquela não era a melhor hora para forçar.

Absorvia toda informação que podia de cada médico que analisava o caso, cada enfermeira que auxiliava, cada pessoa que tinha acesso a ela por comando meu.

Me divertia ver quando eles saíam do quarto dela e me procuravam.

Era o dia de ela receber alta. Eu precisava ir para o hotel tomar um banho porque, depois de passar três noites dormindo na merda da cadeira do hospital, não queria que ela me visse tão amarrotado. Eu sabia o poder que minha aparência tinha sobre ela e no momento seria minha única arma.

Cheguei ao hospital cedo, me sentei no meu lugar de sempre e esperei.

Henry se sentou ao meu lado, Zola apareceu logo em seguida.

— Talvez ela não goste de saber que estamos aqui — o loiro comentou.

— Não me importo. Quero vê-la — foi tudo o que respondi; cruzei as pernas e mantive meu olhar na porta.

Contei todos os malditos quatro mil quatrocentos e noventa e dois segundos até que a porta do elevador se abriu e lá estavam os pais dela, junto do ex-namorado.

Eu conseguia ver os traços que Lizzie havia herdado do pai, mas era com a mãe que ela mais se parecia, ainda mais agora com os cabelos curtos. O ex-namorado, que eu queria dar um jeito antes, se sentou na fileira de poltronas bem a minha frente, de costas para mim. Por um segundo, assisti a cena de sua morte.

Seria rápido e silencioso. Eu caminharia até ele, colocaria as mãos em sua cabeça e com apenas um movimento forte, quebraria seu pescoço. Em um piscar de olhos, ele não respiraria mais.

Oh, doce tentação. Lambi os lábios e passei a língua com força pelos dentes, de um lado para o outro, marcando os segundos restantes a cada vez

que tocava nos caninos. Se os pais estavam ali, faltava muito pouco para ela finalmente sair.

Assisti enquanto o médico que Henry havia subornado conversava com os pais dela. O homem deixava o olhar escapar algumas vezes em minha direção, mas logo voltava a atenção ao casal à sua frente. Quando o homem terminou sua parte, os pais de Elizabeth se abraçaram e eu pude ver o rosto da mãe cheio de lágrimas silenciosas, enquanto o pai falava algo que eu não entendia. Nunca quis tanto saber outro idioma como naquela hora.

— Onde está a merda do tradutor? — indaguei baixo, sem tirar os olhos do casal.

— Está chegando, Don.

— Que ele chegue antes de Elizabeth sair. Cuide disso. Inclusive, veja como anda a instalação das câmeras na casa dela. — Dei o recado ainda vendo a mulher com os olhos parecidos com os da filha se acabar nos braços do marido protetor.

"É isso que Elizabeth espera do bostinha ruivo?", pensei. Enquanto os pais dela estavam ali compartilhando da dor, o garoto apenas olhava, parecendo desconfortável.

Seria um favor que eu faria se o tirasse do mundo.

Os pais ficaram ali por meia hora, foi então que o homem tomou coragem e se levantou, falou alguma coisa para a esposa, beijou sua testa e se virou em direção à porta do quarto de Elizabeth. Algo dentro de mim parecia tremer com a expectativa de vê-la, mas precisei esperar. Pouco tempo depois a mãe se levantou e seguiu pelo mesmo caminho do pai, mas o garoto ficou para trás.

Analisei o cara distraído e as diferenças entre nós.

Ele era mais alto que Lizzie, mas isso não era um desafio. O corpo estava em forma, mas nada demais. Eu ainda não podia ver seu rosto com clareza, mas não me importava. A atitude dele me incomodava. o idiota jogava alguma merda no celular e ficou ali por muito tempo.

— Por que mesmo vocês inventaram que eu não podia matar esse cara? — perguntei para Zola.

— Conhecendo Elizabeth como conhece, acha mesmo que ela o perdoaria?

— Ela não precisa saber. Posso jogar a culpa em qualquer outro.

— O motivo de antes permanece o de agora. O que mais ele fez além de se apaixonar por ela? Você também a quer de volta.

— É diferente. Eu não amo Elizabeth, nem estou apaixonado. — Ela era minha.

— Lizzie não é uma propriedade, senhor. — O tom de Zola foi quase como um desafio, e eu me atrevi a olhar para ele, erguendo uma das sobrancelhas.

— Todos são, Agliardi — soei baixo e profundo. — Inclusive você e esse seu rabo branco. Não me confunda com esse bostinha cheio de sentimentos. — Indiquei o ex-namorado com um leve aceno de cabeça. — Tudo o que ele pode oferecer para Elizabeth, eu posso dez vezes mais.

Mas parecia que Elizabeth não estava interessada nisso e me fez, pela primeira vez na vida, duvidar de algum cálculo meu.

***

Ouvi alguém perguntar algo do lado de fora e a porta do container se abriu. O tradutor foi colocado para dentro com os olhos vendados.

— Espero que não se importe, mas quero poupar você de precisar ver o que vou fazer aqui. Caso contrário, você seria o próximo. — Fui monótono.

Eu já estava ali há quatro horas, sentado no chão enquanto assistia calmamente meus homens colocarem uma lâmpada no teto e prepararem tudo como pedi.

O homem estava nu, preso em um X e sem nenhum acesso ao mundo.

Olhos, orelhas e boca tapados.

O corpo com alguns roxos distribuídos, a fraqueza por ter comido apenas ração canina quando lhe foi oferecido… O cheiro do medo dele era a única coisa que me deixava bem.

Ver Elizabeth indo embora de mãos dadas com outro, me afastando e rejeitando, trazia o pior de mim. Ela não tinha mais esse direito, mas o jogo era diferente. Não desejava nada além da forma livre e selvagem dela. Outra versão não prestaria, mas a espera pelo que eu queria era sufocante. Eu nunca soube esperar.

O intérprete também estava com medo, dava para ver.

Por um segundo, a minha pouca humanidade veio ao limite e então foi desligada.

O mundo era um completo nada além daquele container. Não existia

nada lá fora.

Tudo era sobre o homem amarrado e eu.

Coloquei-me de pé e me livrei da camisa de seda preta, botão por botão, primeiro o braço esquerdo, depois o direito. Dobrei o tecido com calma e perfeição e o deixei no chão, no lugar onde eu estava sentado. Me livrei dos sapatos e meias, colocando ao lado da camisa de maneira organizada.

Meu relógio de pulso marcava cinco e cinquenta e dois.

Eu odiava horários quebrados e tinha fascínio pelo número cinco.

Resolvi esperar a hora certa, ajeitando tudo o que precisava. Aproximei-me do tradutor assustado, e assim que estava ao seu lado, falei baixo:

— Boo. — O careca tropeçou para trás e eu o segurei, rindo. — Não se assuste ainda. Você não é o meu alvo. Sente-se bem aqui e traduza cada uma das palavras que eu disser. Vou poupar seus olhos do inferno, mas não os ouvidos. Garanto que o pagamento será o bastante para uma terapia.

— Senhor... — O homem ia começar a falar e eu o interrompi.

— Aqui você não é um indivíduo. É apenas o reflexo da minha voz no idioma que esse maldito entende, *capisco*? — O intérprete fez que sim com a cabeça e eu sorri. — Bom garoto. — Bati na cabeça do homem como se ele fosse um bom cão e olhei para o relógio. Um minuto havia se passado. Não queria me atrasar.

Me coloquei de pé, indo em direção à mesa, e peguei o ferrete encomendado, com uma grande mão em sua ponta. Girei o ferro comprido na mão apenas para sentir o peso e gostei muito daquilo. Acendi o pequeno fogão de apenas uma boca e coloquei a mão de ferro diretamente nas chamas.

Cinco e cinquenta e quatro, acionei meu velho marcador e comecei a sentir a adrenalina correndo pelo meu corpo. Faltava tão pouco para o primeiro grito…

Brinquei com a língua entre os dentes e pegando Mary, aproximei-me de William. A primeira coisa que fiz foi libertar suas orelhas do abafador de som. O homem ergueu a cabeça como se procurasse quem o havia deixado ouvir novamente e começou com grunhidos.

— Ora, ora, ora, William… posso te chamar de Will? — O intérprete estava atento e assim que eu comecei, ele traduziu. O homem a minha frente não moveu a cabeça. — Posso te chamar de Will? — Meu tom não foi tão gentil quando ajeitei Mary no ar, pegando em seu cabo e batendo com a parte

de trás da cabeça do machado nas costelas dele. O homem gemeu e começou a chorar enquanto balançava a cabeça de forma positiva.

Encarei o relógio, sorrindo por tudo estar como eu queria ali dentro.

Cinco e cinquenta e cinco.

Puxei a venda dos olhos de William, vendo os olhos verdes arregalados de medo conforme ele me enxergava.

— Nah… Eu prefiro te chamar de minha putinha.

Era hora de começar.

Ajeitei Mary para uma nova sinfonia, a melhor introdução ao meu primeiro prazer na Terra, e ainda com as costas do machado, acertei o meio da canela do homem com toda força que eu tinha. A canela se afundou na hora e eu ri ao som do grito abafado do causador dos traumas da minha criança. Aquilo era tão delicioso, tão excitante… me fazia vivo.

***

— Você faz alguma ideia do motivo de estar aqui? — Liberei a boca do homem, puxando a *silver tape* bem devagar. Levou algum tempo até ele me responder, mas o intérprete fez seu papel.

— Na-não… — o homem disse entre a respiração falha e logo começou a chorar.

Imaginei Elizabeth naquela posição com apenas onze anos.

Será que ela havia implorado, gritado ou tentado fugir?

Sorri e dei uma batidinha de leve no ombro de William com Mary.

— Permita-me te contar uma história, então. — Deixei Mary apoiada na parede e voltei para perto do homem amarrado. Peguei em sua mão direita, segurando forte em seu dedo mindinho, e comecei. — Era uma vez uma garotinha inocente... — Quando quebrei o dedo de William, o estalo encheu a sala, seguido por seu grito liberto. — Ah, poupe sua garganta. Logo vai precisar dela. — Forcei a mão dele a se abrir novamente enquanto ele tentava respirar direito. — Ela tinha apenas onze anos. Olhe só, um mais um. — Quebrei mais um dedo e o esperei se recuperar para continuar. O olhar de indignação de William vinha acompanhado de várias súplicas. Aquilo eu entendia em qualquer língua. — E então, em um dia, numa aula sagrada, você pegou sua mãozinha e colocou sobre o seu pau sujo. — Quatro dedos a

menos. Só faltava um para o meu número favorito. — E ainda mentiu para ela sobre ser o seu telefone. — Por um segundo, antes de quebrar o último dedo, respirei fundo, fechando os olhos e me lembrando de Elizabeth seminua na varanda, me contando sobre o que ele havia feito com ela, como havia feito. Nunca pensei que pudesse me importar, mas assim que me lembrei de como as costas dela eram por causa daquele maldito, do trauma que ele causou, fazendo com que ela tivesse vergonha de se mostrar, o monstro dentro do meu peito rugiu. Quando William segurou o último dedo dentro da palma, segurei sua mão e seu braço, torcendo com tudo o pulso do maldito. Algo dentro de mim se alimentava de cada estalo que seus ossos davam, do grito sufocante que rasgou sua garganta e do desespero em seus olhos.

— POR QUE ESTÁ FAZENDO ISSO COMIGO? — o homem a minha frente gritou, com a voz quase fina demais, e foi o bastante para que eu me irritasse. Segurei seu rosto com firmeza, encarando seus olhos cheios de indignação e medo, respondendo alto o bastante para que o intérprete que se encolhia no canto pudesse ouvir.

— Porque você é tão podre quanto eu, putinha. Porque você trouxe minha menina ao inferno pela primeira vez, mas não sabia que esse era um caminho sem volta. Você a fez interessante ao demônio, e agora, vai pagar por isso. — Dei dois tapinhas na bochecha de William, ouvindo o contador sobre a mesa e, me sentindo excitado, passei os olhos pelo corpo do homem. — Você a marcou para sempre e para quê? Ela nunca seria sua para isso.

— Foi uma brincadeira. Eu era uma criança! — ele choramingou.

— Então agora quem vai brincar com você sou eu. — Sorri para o homem que parecia um menino assustado e fui atrás do carretel gigante, colocando bem em frente ao seu corpo. Soltei o braço esquerdo dele e o estiquei, mesmo com William berrando e tentando lutar, dando um tranco tão forte que o tirou do lugar. O homem engoliu o grito que estava para dar e seu corpo vacilou. Eu aproveitei o momento de calmaria e comecei a assobiar enquanto contava os próximos passos na minha mente. Segurando o homem por trás, soltei a mão quebrada das cordas e sustentei o peso dele contra o meu peito, jogando-o sobre a barriga no carretel gigante. As pernas de William ainda estavam presas e abertas, dando-me toda a visão de seu rabo até então intocado. Foi ali que eu soube que apenas marcar sua pele não me deixaria satisfeito.

Não era segredo o quanto tudo aquilo era excitante. Os gritos, o pavor

e a dor sempre foram combustíveis para mim e aquela não seria a minha primeira vez, apesar de eu pensar que poderia, e muito, ser a mais prazerosa de todas.

O maldito havia marcado Elizabeth por longos anos, sendo seu pior pesadelo todo aquele tempo. Agora, eu seria o monstro que ele levaria dentro de si para todo o sempre, caso sobrevivesse.

Puxei o corpo do homem para trás, fazendo com que ele ficasse totalmente exposto e anunciei minha chegada, passando as mãos por suas coxas de forma lenta e nada gentil. O choro de William começou, formando uma nova melodia em minha mente, fazendo-me contar os ritmos diferentes. Eu ri e comecei a bater em suas nádegas no novo ritmo. Cada vez que libertava aquela parte de mim, descobria uma nova música para tocar e aquela seria a minha favorita por algum tempo.

Como será que aquele homem sairia daquela sala após as atrocidades que eu faria com ele?

Comecei tudo planejando sua morte, mas agora, eu gostaria de vê-lo tão quebrado quanto havia deixado minha pequena bambina.

Acelerei as batidas, deixando a pele da bunda dele vermelha, e então, ignorando suas palavras balbuciadas, abri suas nádegas e cuspi em seu cu. O homem se forçou, tentando fechar as pernas, mas foi impedido pelas cordas que o amarravam.

O desespero dele só me deixava ainda mais excitado.

— Você não pode correr, putinha. — Abri minhas calças, liberando meu pau que pulsava forte para fora. Aquilo não tinha a ver com o ato sexual e sim com toda a perversidade em marcar o homem. — Mas tente. Quanto mais você tentar impedir, pior será. — Fiz alguns movimentos de vai e vem e me aproximei do homem, me encaixando bem atrás dele. — Você nunca vai se esquecer disso — prometi, baixo, não sabendo se a porra do intérprete poderia ouvir, mas querendo que, mesmo sem entender, William gravasse aquilo no mais profundo de sua memória e alma. — Eu vou arrombar você, foder tanto quanto você fodeu com a vida dela, ser seu pior pesadelo. Todas as vezes em que você fechar os olhos, eu estarei lá. — Coloquei uma das mãos no ombro dele enquanto começava a me forçar para dentro do homem. Ele tentou se debater, gritando, esbravejando, e por um segundo, tudo ficou em completo silêncio na minha mente. Apenas o som do contador era válido para os meus ouvidos.

Um. Eu dei um tranco forte com os quadris contra a bunda dele.

Dois. Enterrei-me no rabo apertado que se contraía ainda mais, conforme a cabeça do meu pau entrava.

Três. Precisei parar por um segundo enquanto a sensação do cu quente e apertado massacrava meu caralho. Quase doía.

Quatro. Coloquei a mão sobre o cabelo de William e entrelacei os dedos, anunciando que o pior estava por vir.

Cinco. Puxei os cabelos do homem e, com todo o controle que ainda possuía, apoiei a outra mão na coxa dele e o puxei contra mim.

Seis. Enterrei meu pau até sentir as bolas batendo contra a carne dele, bem dentro do seu rabo.

Só então eu voltei a ouvir o resto dos sons do ambiente e o grito que William dava só fazia minha vontade de foder crescer. Por um segundo, eu me atrevi a ver o intérprete de quatro, tentando sair do quarto.

— Você — falei depois de respirar fundo, sentindo o suor escorrendo pela minha testa. — Não se atreva a ir embora agora. O show mal começou. — Eu podia ouvir o homem engolir em seco, enquanto se sentava. Deitei o corpo sobre o de William e ri em seu ouvido. — Já você... Como está a estada no inferno? — Me atrevi a iniciar o vai e vem enquanto ouvia o choro do homem. Mal sabia ele que aquilo só me deixava ainda mais louco e ao ouvir suas palavras, reconheci quando pediu algo a Deus. — Ah, não… não. Deus é um velho surdo que não liga para você. — Me ergui, olhando para o estado em que estava meu pau e ri alto, gargalhando a plenos pulmões quando o vi vermelho de sangue. — Quem sabe se você gritar mais alto, ele possa te ouvir? — Ignorando tudo em volta, voltei todo para dentro dele e, sentindo tudo em mim vibrar ao som dos gritos e do choro de William, o frenesi começou.

Segurei-me por um segundo dentro dele, sentindo meu pau ser apertado com força. Fechei os olhos e, algo que eu nunca pensei que poderia acontecer, veio.

Eu me lembrava de cada segundo com ela. Ela dançando, me provocando, me negando, se rendendo, me afastando, se entregando, se revelando, e então sobre mim. Seu corpo marcado, sua boca sexy pra caralho falando algo que me tirava do sério, seus olhos que me faziam perder meu precioso controle. A risada dela ecoou na minha mente, os gemidos, a voz fraca falando meu nome depois de levar a pobre garota ao limite, e então, Lizzie jogada no chão, quase morta em uma poça de sangue, vômito e sabe lá mais o quê. O ódio nos olhos dela era o pior.

Elizabeth precisava voltar.

Elizabeth precisava ser contida.

Elizabeth precisava ser apenas minha.

Senti meus pulmões se encherem do odor clássico do vômito e abri os olhos, vendo que o homem ao qual eu fodia estava colocando tudo para fora. Aquilo foi o meu êxtase.

Segurei com força em sua carne, e, antes de qualquer protesto dele, meti sem dó, sentindo a pressão descomunal do corpo dele, que tentava me expulsar. Mal sabia que eu o marcaria por dentro e por fora.

Entra e sai. Entra e sai. Entra e sai. Forte, bruto, intenso.

Me ouvi gritar junto dele quando finalmente travei seu corpo contra o meu, e estando completamente dentro de William, gozei fundo.

William nunca mais seria o mesmo depois daquilo.

Assim que tirei o pau de dentro dele, ouvi-o suspirar, quase relaxando.

Seu rabo aberto era uma mistura de sangue, gozo e eu apostava que merda. Sua pele estava marcada onde segurei com tanta força e eu podia ver o corpo suado respirando com dificuldade.

— Boa putinha. — Caminhei até estar à frente dele, evitando pisar no vômito, então puxei seus cabelos para que seu rosto se erguesse. — Como foi perder a virgindade? — Bati meu pau ainda meio duro em seu rosto, sujando suas bochechas, nariz e testa com seu próprio sangue.

Deixei o homem respirar um pouco e caminhei até a mesa, pegando a garrafa d’água e lavando minhas partes, me limpando de qualquer vestígio daquele maldito.

O que estava feito, estava feito. Ele havia sido marcado por dentro e, agora, a parte de fora teria sua vez.

— Eu deveria queimar todo o seu corpo — falei alto enquanto conferia o ferrete. Estava laranja e quente o bastante para eu fazer o que pretendia. — Ou arrancar o couro das suas costas. — Sorri para ele por cima do ombro, vendo a cena do homem destruído ali. — Mas seria pouco e me deixe explicar o motivo. — Peguei um dos charutos reservados para momentos como aquele e acendi no fogareiro. Arrastei a cadeira até a frente de William, com pouca distância, e assim que sentei, soltei a fumaça em sua cara.

O homem tossiu entre o choro silencioso e fraco.

Me apoiei nos joelhos e traguei mais uma vez, soltando a fumaça pelo

nariz enquanto assistia os olhos verdes e inchados me encarando. O tom dos dele não se parecia em nada com os dela.

— Se eu queimá-lo inteiro, vão sentir pena de você. Se eu marcar suas costas, você poderia facilmente esconder. Mas, e se de repente, eu o marcasse em um lugar impossível disso? Um lugar que mostraria sua marca para cada um que colocasse os olhos em você? — Enquanto o intérprete o fazia entender, o homem abaixou a cabeça, chorando ainda mais.

— Por favor, por favor, por favor… — ele suplicava na minha língua.

— Me disseram que você trabalha com o transporte de crianças. Já abusou de alguma delas como fez com Elizabeth? — Me aproximei dele, ainda fumando. — Já colocou a mão de alguma garotinha ou garotinho dentro das suas calças? — William não me respondeu e eu bati em sua cabeça com força. — ME RESPONDA!

— NÃO! NÃO! NÃO! — Mas os olhos dele estavam apavorados demais para eu ver verdade ali. Eu era um exímio mentiroso e conhecia outros quando via.

— Você sabe que não deve mentir para o pai da mentira, não é mesmo? — Segurei em seu rosto, movendo o dedo indicador por sua testa, passando pelo olho direito molhado pelas lágrimas, e descendo pela boca e maxilar. — Não me conte mentiras, não me conte mentiras, não me conte mentiras, pequena putinha… — cantei para ele no ritmo de sua tortura. A música dentro da minha cabeça não parava de tocar.

Soltei o homem e me levantei. Eram os momentos finais da música e eu não podia perder sua última parte. O ferrete estava quente o bastante para queimar minha mão, mas eu não me importei. Era na dor que eu encontrava minha sobriedade, meu prazer, minha real missão. E erguendo ele no ar, William entendeu qual seria seu destino.

Dei uma última tragada no charuto, saboreando aquele último segundo antes de ter meu momento pleno. Só de imaginar como aquilo terminaria, meu pau já começava a endurecer novamente e eu ri. Elizabeth tinha sido a primeira coisa a me deixar tão duro quanto o ato de punir e machucar, e agora eu fazia aquilo por ela.

Era o famoso ato de juntar o útil ao agradável, literalmente.

Segurei o ferrete na mão e o girei no ar.

— Um, dois, três… O diabo vai te pegar. — Me aproximei de William e andei em volta de seu corpo. — Quatro, cinco, seis… Sua alma ele vai roubar. — Me atrevi a encostar de leve a marca da mão bem na bunda de

William, ao lado do estrago que já havia feito. O grito dele pelo susto e pela dor foi imediato. Ele estava deliciosamente apavorado. Pressionei o ferrete por cinco segundos em sua nádega esquerda e tirei para ver o resultado. Aquela era minha primeira vez, mas o idiota mal sabia o quanto havia me abençoado com tal ideia.

Ver a mão marcada a ferro na pele branca foi divino. A pele estava vermelha, algum sangue aparecia entre a fumaça que saía da carne e eu acreditava que em breve as bolhas surgiriam.

— É, esse foi um bom teste. — Me atrevi a bater por cima da queimadura e ri ao ver o homem se debater intensamente em cima do carretel. — Vamos logo para a prova final.

Ajeitei a cadeira bem ao lado da cabeça de William, peguei o ferrete o mais próximo da ponta que aguentava e imobilizei seu rosto embaixo do meu braço direito. Ele tentou fugir, mas tudo o que eu fiz foi apertar ainda mais, sabendo que o impedia de respirar direito. — *Shiii, shiii, shiii.* Se isso o conforta, vai doer um pouco em mim, também. — Sem esperar o rapaz recuperar o ar que precisava, coloquei o ferrete absurdamente quente sobre o lado direito da sua face, segurei com toda a força que tinha, e contei.

Foram trinta segundos intensos. Minha mão ardia absurdamente, o cheiro de carne queimada encheu meus pulmões e os gritos de William não produziam som.

Quando o soltei, me erguendo para ver a obra final, quase gozei apenas com a cena. Uma marca profunda de mão o marcava desde a boca e queixo até o olho. Aquilo havia ficado tão bonito que eu pensei em guardar a ideia para quando encontrasse Arturo.

— Vou dar a você a chance que deu para Elizabeth. Não vou te matar aqui, não seria divertido. Será muito melhor saber que vai conviver com isso. — Aproximei-me dele, puxando pelos cabelos a fim de poder analisar melhor o rosto marcado. — Será muito divertido saber que todas as vezes que você fechar os olhos ou se ver no espelho, eu estarei dentro e fora de você.

Larguei a cabeça dele e me afastei, batendo na porta do container para que fosse aberto e logo vi Henry. O intérprete foi o primeiro a sair cambaleando.

— Grande boceta — reclamei.

— O que fazemos com ele, Don? — Meu soldado me estendeu um pano com gelo para que eu colocasse na mão.

— Largue na frente da escola onde ele dirige às crianças. Se ele

sobreviver, vai lembrar desse dia para sempre. — Encarei o homem por cima do ombro e sorri. Devia agradecer por ele trazer quem eu era de volta. — Kira separou as passagens para hoje? Agliardi fica, mas nós vamos. Temos uma cidade para pôr em ordem.

Caminhei para fora, sentindo o peito calmo, a mente silenciosa e os sentidos em estado de alerta. Tudo iria acontecer do meu jeito, nem que fosse necessário quebrar Elizabeth novamente apenas para encaixá-la no meu mundo como eu queria.

CAPÍTULO 4

Louis Luppolo

Depois de encarar dez horas de voo, eu finalmente estava de volta.

Chegar em casa e sentir o cheiro familiar era, definitivamente, a única coisa boa de estar ali.

Larguei a mala no hall, arranquei os sapatos — deixando o par organizado ao lado da mala — e me larguei no sofá. Não havia nem mesmo cochilado nas últimas vinte e seis horas e meu corpo ainda tinha algum resquício da eletricidade pós-diversão, mas o dia seguinte exigia de mim algum descanso.

Eram quase cinco da manhã quando entrei no quarto, disposto a me forçar a dormir porque eu sabia que não seria nada fácil fazer o que eu precisava. Se tinha um traidor agindo nas minhas costas, era bom que eu estivesse alerta para perceber qualquer alteração, qualquer comportamento estranho dentro da Família.

Acordei com o celular tocando. Apalpei a cama em busca do aparelho e me esforcei para abrir os olhos e ler o que tinha no visor.

— Bom saber que está de volta. — A voz de Matteo do outro lado da linha era divertida.

— É bom ter um motivo decente para interromper meu sono — resmunguei antes de me espreguiçar.

— Alguns bons motivos. Estou voltando para a Califórnia em alguns minutos, preciso resolver algumas coisas urgentes na agência, mas não sem antes deixá-lo avisado de que todos estão cientes de que meteu a mão na sua noiva. Belo aprendiz do papai, hein?!

— Vou arranjar uma mulher tão intrometida quanto Natasha para você e vamos ver quanto tempo aguenta. — Sentei-me na cama. — Mas me conte, o que aconteceu de importante enquanto eu estive fora?

— Nada demais. Kira já me disse que você vai visitar cada uma das Famílias, espero que logo. Todos estão desconfiados, com medo do que você

pode causar graças a esse ato inconsequente. A MS-13 não tinha dado um sinal de vida desde semana passada, mas duas noites atrás, houve ocorrências no Texas, com os Lazzarin e no Novo México, com os irmãos Gabiatti. Alguns dos nossos foram baleados, acho que dois homens dos Lazzarin morreram.

— Se esses cães estão seguindo os estados das fronteiras, vá para casa e reforce o poder de fogo dos seus homens e dos de Leonel. Alguma notícia da menina Miranda?

— Não, ela sumiu como fumaça.

— Não por muito tempo. Farei questão de levar essa vadiazinha ao *The Hell* para ser compartilhada pela família.

— Não se esqueça de me convidar. — Ele riu do outro lado da linha e se despediu.

— *Ciao, fratello.*

***

— Belo terno. — Kira me cumprimentou com seu tom cheio de humor ácido assim que entrou em meu escritório. Eu estava revisando os contratos das pequenas empresas chinesas que havíamos arrematado por um valor mínimo. — Como está sendo a volta para casa?

— Não do jeito que eu esperava. Mande alguém que fale a maldita língua deles para lá e faça essas quatro virarem uma só. Quero relançar tudo deles no mercado com algum diferencial. Quero uma nova marca, uma nova logo e quero aproveitar a baixa mão de obra para lançar um aplicativo de compra em grande quantidade.

— E enfiar quantas chinesas nos containers junto da mercadoria? — Kira provocou.

— Não se meta nos negócios que não é paga para fazer. — Ignorei Kira, finalmente largando os papéis em cima da mesa.

— Como queira. Os diretores das outras indústrias querem saber se temos disponibilidade para marcar as reuniões bimestrais, mas você tem as pequenas viagens e eu poderia marcar isso por videoconferências, se preferir.

— Não. Mande Anna se encarregar disso pelo resto da semana. Nós viajamos sexta à noite, esteja preparada.

— Sempre estou, querido. — Kira desencostou da minha mesa e me olhou por cima do ombro. — Mais alguma coisa?

— Treino pesado hoje à noite.

— Está com saudade de tomar uma surra? — Ela me olhou divertida, com as mãos na cintura.

— Isso nós veremos. Mas outra coisa… Preciso que faça um levantamento sobre quais agências de intercâmbio Elizabeth se inscreveu.

Kira revirou os olhos.

— Você não desistiu dela?

— Você não é paga para fazer perguntas — respondi no mesmo tom e dei atenção para a tela do meu computador. — Espero isso no meu e-mail em meia hora.

O som dos saltos de Kira batendo no chão com mais impacto do que o normal evidenciava o quanto ela não concordava com a minha decisão, mas não ligava. Começaria devagar, como um jogo onde cada fase fica mais difícil, até Elizabeth se ver tão tentada ou tão sem alternativas, que a única opção seria atravessar o continente e ficar sob o meu teto.

***

— Como foi o dia, Don? — Henry perguntou assim que entrei no carro junto com Kira.

— Proveitoso. Onde está a caixa com nossa encomenda especial?

— Na sede. Tudo está como o senhor pediu. Sobraram poucos homens por lá, Matteo levou alguns com ele e os que estão no Brasil fizeram alguma falta.

— Não acredito que vá reclamar por eu ter deixado vinte homens para tomar conta de Elizabeth. — Bufei.

— São tempos difíceis, Don Luppolo.

— Por enquanto, Henry. Por enquanto. — Tamborilei os dedos no colo e apoiei a cabeça no apoio do banco traseiro, enquanto tentava controlar a vontade de forçar a mandíbula a cada objeto ou luz verde pelo qual passávamos no caminho. Aquilo estava ficando forte demais.

***

— Você está mais agressivo que o normal — Kira rosnou com dificuldade enquanto segurava meu peso, impedindo que meu braço descesse pela garganta dela. Meu corpo se aproveitava da adrenalina do momento, mas minhas costelas estavam doloridas pelos golpes certeiros que a ruiva havia me dado.

— Não é nada pessoal. — Coloquei mais peso sobre ela e a vi revirar os olhos e trincar os dentes enquanto tentava aguentar. — Diga que não aguenta mais.

— Senhor — Henry interrompeu, mas não aliviei em meu ataque.

— O que é? — Meu tom saiu irritado, o suor escorria pela minha testa e caía em Kira.

— Aquilo que o senhor pediu para conferir está na sua sala. E está fedendo.

Aquilo me fez rir e eu finalmente me deixei cair ao lado de Kira. A garota não gostou de eu ter parado. Eu devia ter criado um pequeno monstro. Nós dois éramos competitivos ao extremo, e, infelizmente, em uma situação de risco, eu havia descoberto o sentimento paternal por ela. Talvez fosse por isso que durante os treinos com ela, mesmo com coisas que geralmente me excitam acontecendo, meu pau não subia com facilidade.

— Não desisti — ela me disse com a respiração irregular.

— Mas perdeu. — Me esforcei para levantar. — Aprenda isso: qualquer posição diferente que a vitória, mesmo que sem danos, é uma perda. E se você perder lá fora... — Estendi a mão para ela e a ergui. Trazendo o corpo esguio para perto de mim, encarando os olhos azuis cheios de fúria. — Você morre.

— Eu sei. — O tom magoado dela não me atingiu como eu sabia que ela esperava.

— Paolo — gritei para um dos soldados que puxava ferro em uma das máquinas próximas enquanto a deixava para trás. — Faça o favor de me substituir. Kira precisa treinar.

Estar na sede era reconfortante. O casarão era clássico e ficava em um bom ponto, perto o bastante da cidade e do gueto, na divisa entre Manhattan e o Bronx. Havia sido reformado e ali nós tínhamos uma grande academia, alojamento para os soldados de forma digna e um escritório. Meus homens

todos tinham o sangue italiano nas veias. Não fazia distinção entre as cidades porque nas minhas veias corria uma bela mistura entre a Calábria e a Sicília, e eu não os colocaria para viver nos fundos de um bordel.

Henry me deu a toalha para poder secar o peito e o rosto, rindo ao ver as marcas que começavam a se formar.

— Ela não tem dó, aprendeu bem — ele elogiou.

— Bem demais, eu diria. — Apalpei as costelas apenas para ter certeza de que estavam no lugar. — Onde está a surpresinha para Arturo? Nessa caixa? — Abri a porta do escritório, vendo o prêmio ali em cima.

— Sim. Arturo não está em sua casa. Pelo menos não em uma que conhecemos.

— Não se preocupe com isso. — Parei em frente ao meu objeto de cobiça e sorri. — Ele receberá a mensagem que isso chegou e com toda a certeza irá atrás para, se eu tiver sorte, vir pela minha cabeça. Onde está Lazzarin? Queria tanto que ele desse uma olhada nisso…

— Lazzarin saiu para jantar. Mas então é esse o plano? Atrair o homem para cá?

— E estar pronto para pegá-lo desprevenido. Mande alguém dispensável entregar isso. Sabemos que não vai voltar com vida.

— Um dos russos? — Henry não gostava de dividir o teto com eles.

— O que você preferir. — Dei de ombros e me sentei na poltrona confortável, vendo meu soldado sair, mas o chamei de volta. — Henry.

— Sim, Don.

— Com quem Felippo saiu? — Vi meu soldado engolir em seco antes de me responder, mas o homem não recuou.

— Com Giovanna, senhor. — Soquei a mesa de imediato e vi o homem quase sair correndo.

Que merda Felippo achava que estava fazendo?

Minha irmã não era uma alternativa para ele. Nunca havia sido.

Como uma bela coincidência, meu celular tocou e eu quase sorri quando vi o nome de Alek no visor. Assim que eu atendi, a voz forte e alta soou nos meus ouvidos.

— Diga que tem uma bela boceta italiana para que eu enfie o pau polonês de Bartek. Se precisar mandar mais uma das minhas garotas abortar um filho dele, provavelmente vou precisar começar a traficar o país inteiro para cobrir o rombo.

— Isso não podia ter vindo em hora melhor, lew górski.[1]

Bartek tinha vinte e cinco anos e andava dando algum trabalho para Alek, e meu amigo, passível de sentimentos pelo sangue, não conseguia controlar mais o garoto e o enviaria a mim assim como eu havia sido enviado anos atrás para viver por um ano com a família Schevisbiski.

Eu não teria problemas com isso. Se Bartek andasse fora da linha, ainda mais com o que eu planejava com seu irmão, aprenderia na porrada o lugar dele no jogo de interesses que eu e Alek tínhamos em mente. A oportunidade perfeita para uma aliança sólida.

Depois de boas horas dentro do escritório pequeno, peguei meu celular e, sem pensar muito, abri a galeria e procurei uma foto dela. Não a que ela estava amarrada com o rabo para cima, mesmo aquela sendo de longe a minha favorita, mas a que tirei no dia em que Elizabeth me levou para um passeio por sua cidade, um encontro. O sorriso fácil, os cabelos compridos… se eu fechasse os olhos conseguia sentir seu cheiro e ouvir sua voz. Respirei fundo e bloqueei a tela, batendo o celular de leve sobre os lábios enquanto tentava puxar de volta a merda da minha parte racional que parecia ter se enfiado em um buraco negro. Não era comum eu sentir. Não era bom eu sentir.

Abri meu computador e acessei o programa de câmeras, procurando as que haviam instalado pela casa dela. Por que eu estava fazendo aquilo? Não tinha ideia. Elizabeth havia se tornado meu pior pesadelo, meu ponto fraco, e ao contrário do que diziam, era sim minha propriedade, e não havia nada que pudesse fazer para deixar de ser.

Talvez, Deus houvesse feito a garota apenas como um castigo para mim e eu tive essa confirmação assim que a tela carregou e exibiu Elizabeth em uma cama de solteiro, com um estranho junto dela.

Primeiro eu quis acreditar que era a mãe ou o pai, mas assim que a cabeça meio ruiva se mexeu contra a luz fraca do abajur, eu soube que era ele. Devia ter matado aquele filho da puta quando tive a chance. Sem pensar muito, passei os dedos pelo telefone e esperei até meu soldado atender.

— Boa noite, Don Luppolo. — Zola parecia sonolento.

— Boa para quem? O que aquele moleque faz no quarto de Elizabeth? — O tom entre dentes deixou meu soldado alerta.

— Nós não pudemos evitar. Ele chegou junto com o pai dela…

Me curvei sobre os joelhos e passei os dedos pelos olhos em um movimento frustrado.

— Agliardi, eu juro por tudo o que é mais sagrado. Se você não der

um jeito de trazer Elizabeth de uma forma amigável com todas as ferramentas que ando colocando na sua mão, vou fazer do meu jeito.

— Reviver os traumas da menina de novo não seria bom, Don. Lizzie não voltaria a mesma e possivelmente o odiaria ainda mais.

— Não me interessa, eu posso cuidar disso depois, com ela por perto. Dê um jeito, Agliardi. — Ele ficou quieto por um segundo e depois perguntou:

— Qual o próximo plano se ela recusar o intercâmbio?

— Vou oferecer a publicação do livro dela por toda a América.

— Isso seria brincar com os sonhos dela, senhor.

— E você acha que eu não sei? — debochei.

Zola achava que eu seria o quê? O príncipe encantado?

Quase gargalhei.

— E se ela recusar? Conhecemos o orgulho da mulher…

— Eu duvido que ela recuse com a proposta que vou fazer — garanti. — Inclusive, Kira entrará em contato com você essa semana explicando tudo e enviando os contratos. Mas caso Elizabeth ainda recuse, vou fazê-la entender, de uma vez por todas, que não existe lugar mais seguro para ela do que ao meu lado. Agora, *andiamo*. Pense no presente de aniversário que você está me dando e na recompensa por trás disso, Agliardi. Sua *mamma* manda lembranças. — Quase pude ouvir o pensamento do menino. — *Buonasera,* Zola.

— *Buonasera, Dom.*

Larguei o celular em cima da mesa e fiquei observando, ouvindo o som da respiração pesada de Elizabeth, confirmando que ela dormia enquanto outras mãos que não eram minhas se agarravam ao seu corpo.

Aquilo não ficaria de graça. Eu marcaria cada pedaço dela para que todos entendessem que era minha. Apenas minha. E ninguém tocava na escolhida do diabo.

— Estou indo. Você precisa de alguma coisa? — Kira me arrancou dos pensamentos. Suspirei e me coloquei de pé, procurando minha camiseta.

— Kira, preciso de uma lista de editoras grandes que eu possa comprar.

— Vamos investir em um novo ramo? — Ela me olhou curiosa.

— Com toda a certeza. — Não segurei o sorriso enquanto passava por ela.

Em minha mente, tudo funcionaria perfeitamente.

Elizabeth Fabbri

Estar em casa era bom. Bom demais para ser verdade. A única parte ruim era ter minha mãe grudada à porta do banheiro enquanto eu tomava banho, me obrigando a deixar tocando qualquer música em modo aleatório para poder chorar debaixo do chuveiro. Alguma hora aquilo precisaria parar. Já havia me enchido de tanto choro e minha garganta estava dolorida de tanto que tentava segurar, mas ver meu corpo pela primeira vez no espelho foi um choque. Minha mãe ficava perguntando de dois em dois minutos se estava tudo bem e eu precisava de toda a minha paciência para falar em bom tom que sim. A merda de ser *borderline* não era desculpa para explodir com ela do nada. Ela não tinha culpa e eu não podia mais ser um bicho, dominada toda santa hora por alguma emoção que eu não sabia explicar, mesmo que no momento raiva fosse muito melhor que tristeza.

— Seu pai saiu para te comprar um telefone novo — minha mãe avisou enquanto me ajudava com os pontos das costas. Segurar a toalha de uma forma que ela não tivesse visão nenhuma dos meus seios foi a prioridade e não movi os braços até ela acabar. — Me deixe ajudar com os pontos da barriga.

Ela bem que tentou, mas me abracei com mais força.

— Não. Não se preocupe. Eles estão quase cicatrizados, prefiro eu mesma cuidar. — Minha mãe me conhecia bem demais para saber que qualquer discussão comigo por algo que eu já havia definido, era causa perdida.

— Não vou discutir. As panelas estão no fogo. Só tome cuidado e limpe direito. — Ela deu uma batidinha de leve no meu nariz e saiu do quarto.

Levantei logo atrás dela e tranquei a porta antes de me descobrir e olhar meus seios com mais atenção. A médica tinha razão. As marcas das mordidas não ficariam tão horríveis e talvez eu nem precisasse do tal ácido que ela havia dito. Esperava que uma bela esfoliação diária desse conta daquilo.

Eu estava largada na poltrona do meu quarto com *Orgulho e*

Preconceito rolando no meu computador quando meu pai tocou na porta.

— Está vestida? — ele perguntou antes de entrar.

— Estou. — Não que estivesse muito decente, sem sutiã e com meus moletons quentinhos e confortáveis.

— Temos visita. — Meu pai foi entrando com Pedro em seus calcanhares e eu me sentei direito. — Pedro me ajudou a comprar seu novo celular. Prestativo o menino, não?! — Meu pai piscou e eu quase ri.

— Muito. — Estiquei a mão para pegar a caixinha que ele me oferecia e depois de ver a foto do aparelho na caixa, larguei-o de lado. Não queria nada do mundo externo naquele momento.

— Vou deixar vocês conversarem e pedir uma pizza para o jantar antes que sua mãe resolva colocar a visita para experimentar o famoso doce de abóbora com cenoura.

— Receitas dos vigilantes do peso, nessa altura do campeonato? — Tentei segurar o riso enquanto via meu pai balançar a cabeça, concordando enquanto saía do quarto.

Gordinho sem vergonha.

Meus pais e eu tivemos uma fase muito, muito, muito difícil. Não só por eu ter passado pela merda que passei tão nova, mas quando explodi naquela bola de intensidade que eu era. Se eles não tivessem lutado por mim, não teríamos construído nada daquela relação. Era uma merda ter algo que não pudesse compartilhar com eles; era um inferno não poder desmoronar no colo dos meus pais e deixar eles me fazerem inteira de novo.

— Sabe, eu sempre gostei de como você e eles funcionam — Pedro falou enquanto se sentava perto de mim.

— Terapia em família bem intensa. O processo não é agradável, mas o final é recompensador. — Ajeitei-me, ficando de frente para ele.

— Não consigo ter isso com meus pais, você bem sabe.

— Eu tentei te mandar para a terapia um bilhão de vezes, você que se negou. — Dei de ombros. — Quem sabe isso não poderia ter ajudado?

— Teria salvado nós dois? — Pedro era bem solto comigo quando não tinha ninguém perto.

— Não faço ideia. — E eu realmente não fazia.

Acabei sendo tão louca, tão apaixonada no começo, que se tivesse forçado uma terapia ali, talvez tivesse funcionado para sempre.

Nós nos completávamos muito bem. Éramos opostos, mas assim que diziam ser perfeito, não?!

— E como você está hoje? Fiquei preocupado. — Pedro se apoiou nos joelhos e, deixando o rosto próximo do meu, acariciou minha bochecha enquanto colocava meu cabelo atrás da orelha.

— Eu também fiquei preocupada com você, sabe… — Pedro perto demais ainda era estranho. Olhar nos olhos verdes que refletiam os meus, me fez ter saudade. — Você realmente gosta de mim? — A pergunta idiota que eu repeti bilhões de vezes durante o namoro veio à minha mente de novo.

— Eu te amo, Elizabeth. — Pedro olhava fixamente para minha boca. — Mesmo que você não acredite, mesmo que não consiga ser perfeito para você. Você é a pessoa que mais amo no mundo. — Era um tom calmo, baixo, quase um sussurro.

Finalmente o Pedro que eu conhecia e sentia falta estava ali. A coisa parecia começar a fluir. Ele veio se aproximando e eu não me movi até ele estar perto demais para eu sentir sua respiração contra a minha, percebendo que eu estava curvada sobre os joelhos também.

— Ainda não estou pronta — falei assim que fechei os olhos, sabendo que se beijasse o garoto depois de tudo o que aconteceu, provavelmente a avalanche sobre a minha cabeça seria mil vezes pior.

— Vou esperar, vou consertar você. — Ele me beijou a bochecha e eu abri os olhos, sorrindo enquanto ajeitava a postura.

— Algumas coisas mudam com o tempo, você sabe. — Não consegui encarar Pedro.

— Outras não, como a sua mania de se esconder atrás de moletons gigantes, ser desastrada e o meu amor por você. Isso nunca vai mudar, Liz.

— Você fala isso agora. — Aquilo começou a me incomodar. — Não podemos mudar de assunto? Não quero mais uma explosão na minha vida e acabar ficando sozinha aqui.

— Não se preocupe, eu não vim perturbar. Na verdade, depois de jantarmos, prometo voltar pra cá e deitar na sua cama como nos velhos tempos. Vou assistir *Orgulho e Preconceito* pela segunda vez, mesmo você sabendo que eu odeio ver filmes repetidos, e só vou embora quando você estiver sorrindo o bastante para me deixar ver os seus dentes do fundo.

Esse era o Pedro que eu conhecia. O meu melhor amigo, o meu namorado perfeito, o meu parceiro. Suspirei, sorrindo, concordando com a cabeça enquanto levantava e puxava Pedro para o andar de baixo.

Eu merecia algumas horas de felicidade.

Enquanto Lizzie Bennet dispensava Darcy por causa de sua vaidade e

preconceito, Pedro dormia ao meu lado, calmo, sereno e lindo.

Por um segundo, eu me perguntei: “por que não?”.

***

Pedro não era tudo o que eu queria. Na verdade, eu não tinha ideia do que queria, mas ele tentou se colocar no papel daquilo que eu precisava, ou do que ele achava que eu precisava.

Foi estranho acordar ao lado dele quando eu já tinha me acostumado a outro rosto, outro corpo, outras mãos sobre o meu corpo. Mas o grande problema foi que quando Pedro selou os lábios nos meus como bom-dia, eu não soube recuar.

— Tinha esquecido o quão dolorido é dormir os dois na cama de solteiro — ele reclamou enquanto colocava pasta na escova.

— Você ainda teve a vantagem de poder se mexer à noite. Meu quadril está dolorido demais — resmunguei, esfregando a lateral do corpo, pensando em como seria encarar meu pai e minha mãe no café.

— Esta noite eu durmo no colchão. — Pedro solucionou o problema, me deixando meio aérea.

— Esta noite? Sua mãe não vai ficar muito feliz de você sumir por quase três dias. — Era uma indireta leve para “eu não sei se é bom ir com tanta pressa”.

— Eu vou passar em casa para tomar banho depois do trabalho, não vai ser problema.

Depois de um café da manhã esquisito no qual meu pai me olhava sem entender o que estava acontecendo e minha mãe sorria feito boba, eu levei Pedro até o portão.

— Bom trabalho. — Encarei o chão antes de olhar para o rosto do garoto. — Me mande mensagem dizendo que chegou bem, certo? — Isso tinha um peso tão grande agora.

— Não se preocupe.

E não que eu já não estivesse esperando, mas quando a mão de Pedro tocou meu rosto e ele aproximou o seu do meu, fechei os olhos e secretamente pedi para sentir algo, qualquer coisa, menos vazio.

— O que foi isso? — meu pai perguntou em um tom incerto e eu

tentei fugir escada acima sem responder. Nem eu entendia.

"Não entender" foi quase uma benção naquele final de semana. Pedro me encheu de mensagens, músicas e perguntou pelo menos dez vezes o que eu queria jantar. Quando ele apareceu em casa naquela noite, se sentindo tão à vontade quanto antes, eu não soube dizer não. Nem quando suas mãos envolveram minha cintura com cuidado e sua boca procurou a minha.

Os primeiros beijos daquela madrugada foram cuidadosos e aquilo parecia novidade por passar tanto tempo ao lado de alguém que me beijava numa intensidade insana.

Comparar era algo que eu não devia, mas não pude evitar.

Domingo amanheceu nublado e frio. Ainda era inverno, para a minha sorte, e eu fiquei olhando pela janela enquanto Pedro ressonava no colchão ao lado da minha cama. Coberto até a cintura, um braço por cima dos olhos por causa da claridade que ele tanto odiava para dormir, e a boca semiaberta.

Como eu fui perder a essência do que nós tínhamos?

Era besteira me cobrar daquele jeito àquela hora.

Assim que a noite começou a cair e eu tomei os remédios que relaxariam a merda da musculatura das costas que pareciam arder e coçar loucamente, me deitei na cama, sentindo a maldita moleza que aquele bando de comprimidos causava. Pedro deitou de frente para mim, me apertando na cama de um jeito não muito confortável. Eu não tive tempo de falar, pois a boca dele já estava sobre a minha e dessa vez não com o mesmo cuidado de antes. Não demorou e eu senti Pedro duro contra minha perna e enquanto as mãos dele passeavam pela minha cintura, subi minha mão até seu peito e o empurrei de leve.

— Ainda não… não consigo. — Fiquei encarando minha mão enquanto o rapaz processava a informação. Levou alguns segundos até ele suspirar e beijar minha testa.

— Isso não é um problema. — Quando Pedro me abraçou contra seu peito, meu coração tremeu e eu precisei lutar contra as lágrimas.

No fundo, a pior merda de todas era não querer esquecer e como uma oração maldita, naquela noite, eu sonhei com ele.

***

Pedro levantou mais cedo que de costume, me deu um beijo na testa, desejou um bom-dia e foi embora. Eu continuei na cama até às nove, virando de um lado para outro, tentando voltar a dormir. Grande fracasso.

Me enfiar embaixo do chuveiro parecia ser a única opção de ter um pouco de paz interior, sentar debaixo d'água e pensar no meu dia planejando cada passo me acalmava. Era esmagadora a sensação que eu tinha de que se colocasse o pé na rua, alguma merda aconteceria e eu não estava nada a fim de ter uma bela crise de pânico ou qualquer coisa do tipo. Depois de me arrumar, me agarrando mentalmente ao mantra de que tudo ia ficar bem, meu celular tocou e eu atendi sem olhar quem era.

— Alô.

— Diz que você já está pronta. — Isabella parecia ansiosa.

— Estou, por quê? Você já está aqui? — Olhei pela janela e vi o carro da garota estacionado em frente ao portão.

— Não aguentei de ansiedade, precisava passar um tempo com você. Faça o favor de descer logo e venha com a boca preparada porque se em dois dias você já conseguiu ficar numa boa com o ex, e não venha com desculpas porque eu ainda não engoli ele ter ficado do seu lado o tempo todo e eu não, você já está bem para me contar o que aconteceu. Certo? — Isa parecia ter tomado dois litros de energético.

— *Calm down,* Beyoncé. — Eu ri. — Já estou saindo, mas meus pais vão ficar putos por você não descer.

— Sua mãe ainda cozinha tão mal quanto da última vez que dormi em sua casa?

— Continua péssima. — Eu já estava descendo as escadas.

— Então avise seus pais que a gente traz pizza quando voltar da faculdade. — Eu gargalhei e desliguei o telefone. — Tchau, pai, tchau, mãe — berrei da porta e saí.

Assim que virei a chave no portão e o abri, meu sangue congelou e o coração acelerou ao ponto de eu ouvir ele batendo nos ouvidos. Respirei fundo enquanto tentava me controlar.

— O que foi? — Isabella me olhava da janela do carro, a expressão dela mostrava o quanto estava preocupada. — Liz? Está tudo bem?

— Uhum. — Sacudi a cabeça de forma positiva e fechei os olhos. — Só um minuto — pedi, baixo, mas num tom audível. Levou um pouco mais de um minuto, mas aos poucos meu coração se acalmou e eu finalmente consegui mover as pernas. Primeiro um pé, depois o outro, e finalmente

estava na calçada. Olhei em volta, desconfiada, mas não havia nenhuma alma viva na rua a não ser Isabella.

Entrei no carro o mais rápido que podia e fechei a porta, travando a porta.

— O que aconteceu? — Isa parecia tensa.

— Uma leve crise de pânico por sair de casa. Não se preocupe, essa merda não vai me dominar de novo — falei, esfregando o rosto e agradecendo por Isa me deixar quieta na minha por um tempo.

Era uma merda ter a tendência a ficar presa dentro da minha cabeça mais tempo do que o necessário.

Entrar no hospital não foi tão terrível quanto eu achei que seria, e eu não sei por qual motivo estúpido, mas meus olhos vasculharam o lugar atrás dele. Era uma benção e uma maldição não o encontrar lá.

O médico me examinou, elogiou a cicatrização dos pontos da barriga, fez uma cara que eu não gostei ao ver minhas costas e disse que esperava que ali estivesse um pouco melhor. Depois de olhar a pele dos meus seios e conferir meus olhos e garganta, o homem sentou e começou a escrever em receitas sem parar.

— Quero que continue por mais algum tempo com a medicação preventiva. Os cortes das costas realmente foram profundos e eu aconselho a continuar os curativos da forma que anda fazendo por mais tempo. Para as marcas da pele eu vou te receitar mais uma pomada, vamos ver o que conseguimos. Quero que você comece a tomar um multivitamínico também e seja esperta, sem consumo de álcool ou riscos desnecessários, ok?!

— Sem problemas. — Eu realmente tentaria ficar longe de qualquer confusão, só não sabia se o universo tinha o mesmo plano para mim.

— Ok, agora que sabemos que você está se recuperando fisicamente, pode abrir a boca e me contar o que aconteceu e como anda sua cabeça. E você vai pagar o almoço, porque te conhecendo como eu conheço, duvido que tenha dormido com o bonitão por pouco dinheiro. — Isabella soltou o verbo assim que nossos lanches chegaram.

Estávamos comendo em uma hamburgueria em frente à PUC, onde a batatinha era frita com alecrim e eu adorava.

— Por onde eu começo? — Suspirei, tentando editar tudo o que pudesse deixar minha melhor amiga desconfiada ou sentindo que faltava algo. Quando contei de forma longa e cansativa que conheci Louis na balada e ele me procurou por mais de duas semanas para transar feito coelhos, Isa

me encarou, surpresa.

— Me sinto uma idiota de não ter percebido o quão ruim estava sua situação para poder ajudar.

— Nem comece — revirei os olhos. — O gringo fez uma proposta irrecusável. — Meu tom de voz saiu forçado.

— Mas admita, você não teria aceitado se não tivesse se interessado por ele também. — Isabella soltou no ar e me atingiu bem no peito. — Eu te conheço bem demais para saber que nenhum dinheiro seria capaz de fazê-la ficar com um cara desconhecido por tanto tempo.

— Você não tem ideia do quanto ele pagou.

"Nem do que ele havia feito para eu acreditar que era a única solução", acrescentei em pensamento.

— Não interessa. Eu te conheço, você gostou. — Isabella me desafiou com os olhos enormes semicerrados e eu não entrei na briga. Era certo que eu ia perder.

— Bom, eu ter gostado ou não, não importa. Ele foi embora para se casar e eu fiquei aqui toda fodida. Agora é me recuperar, escrever o próximo *best seller* e esperar ficar rica com o meu esforço.

— Não que não tenha se esforçado até agora, né? — Isa disse depois de terminar seu refrigerante. — Rebolar a raba naquele tamanho de homem deve tê-la cansado muito! — A menina ria e eu só balancei a cabeça enquanto enfiava uma batata na boca, segurando o riso.

Depois da última aula, fomos logo para o carro e passamos em uma pizzaria perto de casa. Enquanto esperávamos o pedido, Isa se virou para mim no banco do carro e começou a falar:

— Sabe… Eu não sei o quanto você está afetada sem querer assumir, ainda mais por ter se machucado completamente no final e todo o resto, mas quando eu falei com o gringo lá no hospital… Liz, ele realmente parecia preocupado em não te meter em problemas.

— Consciência pesada. — Isso vindo do homem que tinha me dito não ter uma.

— Não acho que era só isso. Ele realmente está noivo e vai se casar?

— Vai. E se eu tivesse noção disso antes de ele me oferecer qualquer coisa, teria recusado todas às vezes.

— E isso te dá margem para abrir as portas para o mudinho tentar a sorte? — Isabella não se bicava com Pedro.

— Não chame ele assim. — Tentei implicar com ela. — Pedro tem

sido… bom.

— Bom até entrar entre as tuas pernas de novo e se acomodar em ter você do lado. Eu não vou aguentar você naquele *looping* ridículo de “Pedro faz merda, Liz briga, Pedro se redime chorando, Liz perdoa, duas semanas depois, tudo se repete”. Sério, já deu e você devia logo abrir os olhos para isso. — Isabella não era um poço de maturidade, mas quando engatava nas verdades, era como um rolo compressor.

Assim que guardamos o carro de Isabella dentro da garagem e entramos, meu pai veio todo feliz abraçar minha amiga.

— Achei que ia te deserdar, sua pilantra. Nunca mais veio aqui! — Ele adorava Isabella.

— Trouxe comida pra ver se você me perdoa. — Ela sorria para ele enquanto o abraçava de volta.

— Nesse caso, você faz parte da família de novo.

Eu deixei os dois na lambeção de sempre e entrei em casa, beijando minha mãe na testa e já ajudando a colocar a mesa.

Isa foi embora com a promessa de voltar logo e eu entrei para terminar de lavar a louça. Assim que sequei as mãos, meu pai me chamou.

— Elizabeth?

— Oi? — Caminhei até a sala, indo atrás dele.

— Isso chegou para você hoje à tarde.

***

Assim que bati o olho no envelope com o nome da agência de intercâmbio, senti o ar faltar.

A correspondência estava aberta e eu não consegui encarar meu pai quando perguntei:

— Você sabe o que é?

— Parece que você ganhou o intercâmbio! — Meu pai parecia muito mais feliz que eu.

— Oi? — Tentei me recuperar do choque enquanto tentava não cair pra trás, me apoiando na parede.

— É. Sua mãe que abriu — explicou ele. — Ela achou que era mais uma propaganda, mas não. Dessa vez parece que a sorte está ao nosso lado,

não? — Ele parecia tão animado…

— Eu ainda não tenho todos os requisitos, pai. Não sei se quero mais isso.

— Como não? E aquela pasta cheia de recortes? — Meu pai parecia não acreditar enquanto me encarava com uma das sobrancelhas erguidas.

— Não… não é a hora. — Não conseguia tirar os olhos do envelope. — Eu vou levar isso lá pra cima.

— Mas você vai aceitar, né? — Nessa hora eu já estava no terceiro degrau e ignorei a pergunta. — NÉ? — Meu pai falou mais alto, inquirindo uma resposta.

— Não sei, pai. Preciso pensar. — Eu já tinha minha resposta.

— Isso, pense bem.

Não me atrevi a olhar para trás. Andei a passos largos para o meu quarto e fechei a porta, apoiando as costas nela. Soltei a respiração, suspirando pesado.

— Você acha que eu sou idiota, né? — falei com o envelope, como se quem eu sabia que estava por trás daquilo pudesse me ouvir. — Eu não vou ficar perto de você. Não mesmo.

Segurei o papel contra o peito e fechei os olhos, por um segundo tudo voltou.

Louis e suas mãos sobre mim, os olhos castanhos que pareciam vermelhos contra a luz do fogo, a boca cheia de beijos urgentes contra a minha e então, dor, dor, dor. Tudo o que ele havia trazido junto dele me atropelando incessantemente.

Lembrar daquela tarde, da noiva, da promessa quebrada e da minha quase morte não me ajudava, só trazia mais peso ao meu coração, fora a sensação sufocante de que a qualquer minuto algum louco poderia entrar em casa e machucar a mim e aos meus pais.

Joguei o envelope em cima da cama e me sentei na poltrona, encarando o quarto tão familiar, me sentindo uma completa estranha.

Será que meus pais ficariam horrorizados se soubessem a verdade? Será que eles aguentariam? Será que Pedro ainda me olharia com tanta devoção caso soubesse o que eu fiz?

Não me sentia mais parte daquele cenário, daquela vida. Talvez fosse tarde demais para me livrar da escuridão a qual eu me rendi.

Enfiei-me debaixo do chuveiro, esperando que a água quente pudesse me livrar daquele sentimento ruim e me fizesse chorar, mas foi inútil. Parecia

que, de uma hora para outra, todas as minhas lágrimas haviam secado e eu só estivesse esperta o bastante para sobreviver, esperando o próximo golpe. Fechei os olhos, abraçando os joelhos e me encolhendo no chão do banheiro.

— Vai ficar tudo bem. Seja forte, vai passar — falei baixinho, como se me aconselhar fosse a melhor coisa a fazer, e na verdade era. Ninguém havia passado pelo que eu passei, ninguém saberia como é, ninguém poderia nunca saber.

Aquele era o segredo que me acompanharia para o resto da vida, direto para o túmulo.

Ninguém podia me julgar.

Depois de quase uma hora no banho, saí e coloquei um camisetão enorme. Quanto menos coisa roçando em minhas costas e barriga, melhor. Não via a hora de tirar aqueles pontos. Coçavam como o inferno e eu tinha certeza de que qualquer hora ia fazer alguma merda pela minha grande habilidade no desastre, e acabaria abrindo todos os cortes de novo.

Ignorando as mensagens de Pedro enquanto descia até a cozinha para pegar um copo d'água para colocar os remédios da noite para dentro, ouvi meus pais conversando.

— Você acha mesmo que ela está bem? Liz anda fechada dentro da própria cabeça e só disfarça. Conheço minha filha — meu pai falava baixo com a minha mãe.

— Ela vai ficar bem. Está lidando com isso melhor do que antes, você sabe. Se por acaso ela não melhorar, nós podemos levá-la em um psicólogo ou pedir alguma medicação para depressão — minha mãe sugeriu e eu engoli um xingamento.

— Você sabe como se orgulha de não tomar mais nenhum remédio nos últimos anos. Duvido que volte a tomar se ela achar que anda lidando bem com tudo isso.

— Sim, mas ela não pode se enfiar nesse intercâmbio sem estar mentalmente saudável, certo?

— Não sei se ela vai. Pelo menos ela não teve a reação que eu esperava. Talvez amanhã nós devêssemos chamá-la para conversar, não sei… O que você acha? — Meu pai parecia tão perdido quanto minha mãe.

— Vamos dar um tempo para ela. Não faz nem um mês que tudo aconteceu e ela já está sendo jogada na rotina de novo. Quem sabe Isabella consiga fazê-la se sentir à vontade para conversar e se abrir. Pedro também parece fazer bem para ela…

— Ele sufoca, isso sim. — O tom de meu pai era meio irritado.

— Não seja duro com o garoto. Ele a quer de volta e parece estar conseguindo.

Eu desisti de continuar ouvindo. Subi as escadas em silêncio, querendo que meus pais não precisassem se preocupar tanto comigo. Precisava fingir melhor, precisava querer mais. Minha vida não podia parar por causa das desgraças todas. O mundo não ia esperar eu me recompor para continuar girando.

Engoli os remédios com água da pia do banheiro e me deitei. Fechando os olhos e implorando por uma noite sem sonhos, pensei sobre a conversa que ouvi. Meus pais que me perdoassem, mas apesar de um dia eu estar curada, as cicatrizes permaneceriam e os efeitos na minha alma também.

— Bom dia. — A voz de Pedro me despertou enquanto ele se enfiava na minha cama, me abraçando a cintura e encaixando o rosto no meu pescoço.

Eu não abri os olhos, só murmurei um bom-dia que ninguém entendeu e pensei se valia a pena acordar àquela hora. Pedro começou a espalhar beijos pelo meu pescoço, subindo pelo meu queixo, murmurando uma música infantil que eu vivia cantando para acordar os outros.

— Você finalmente decorou *fazendinha*? — perguntei com a voz falhada. Levei uma das mãos até o rosto, esfregando os olhos e finalmente encarando Pedro sobre mim.

— Sacrifícios que eu faço para ver você assim. — Eu estava sorrindo, coisa rara nos últimos dias. — E então, posso saber por que anda ignorando minhas mensagens?

— Primeiramente, bom dia. — Eu o afastei e me sentei na cama, espreguiçando, sentindo os pontos repuxando. Joguei as pernas para fora e me levantei. — *Segundamente* — falei brincando. — Vou escovar os dentes porque devo estar com um bafo de leão.

Depois do choque diário de me olhar no espelho e não me reconhecer com os cabelos tão curtos, enrolei o máximo que pude enquanto fazia a higiene da manhã. Pedro provavelmente daria um jeito de ficar e eu não estava com vontade de lutar contra, só queria não entrar em nenhum conflito e deixar as coisas rolarem até alguma merda realmente grande acontecer e me obrigar a gastar mais energia do que o necessário.

— O que te fez aparecer aqui tão cedo? Na maioria das vezes você acorda uma hora antes de precisar sair de casa — perguntei enquanto

arranjava algo para vestir por baixo do camisetão.

— Você ficou me ignorando. Por que não me respondeu noite passada?

— Queria ficar sozinha, sabe?

— Você não pode se trancar dentro da sua cabeça. Eu estou aqui. — Pedro se aproximou enquanto eu colocava os shorts. — Você precisa manter sua cabeça erguida, ser forte. Isso em breve será apenas uma lembrança ruim e eu prometo não deixar você ficar pensando nisso. — Ele colocou as mãos em meu rosto e me puxou, selando os lábios nos meus. Quando senti a boca dele abrindo contra a minha, me afastei, vendo o olhar de decepção dele.

— Ok! — eu disse depois de um suspiro. — Vamos descer para tomar café?

Foi o melhor jeito que achei de fazê-lo desistir daquela ideia.

— E então, Pedro, Elizabeth te contou que ganhou o intercâmbio? — Eu quase engasguei na mesa com o comentário de meu pai. Filho da puta!

— Não, não contou. — Pedro me olhou desconfiado. — Você ganhou o intercâmbio?

— Ganhei, é o que o papel diz. — Enfiei o achocolatado gelado na boca, evitando ter que responder.

— E você vai? — O tom era quase triste.

Bem nessa hora, o telefone tocou.

— Eu atendo! — Qualquer coisa para sair da mesa.

Levantei num pulo e corri em direção ao telefone.

— Alô?

— Por favor, Elizabeth está?

— Quem gostaria? — Não era nenhuma empresa de cobrança, era?

— Aline. Sou representante da agência na qual ela ganhou o intercâmbio. — Meu coração começou a bater em um ritmo louco.

— Ah, ela disse que não tem interesse. Muito obrigada. — Eu vomitei as palavras e desliguei o telefone, batendo-o na base com mais força do que o necessário, como se ele pudesse me morder.

— Está tudo bem? — meu pai perguntou, ainda sentado à mesa.

— Tudo. Eu só decidi que não vou *pro* intercâmbio. Com licença.

Sem esperar qualquer reação das pessoas, subi as escadas correndo enquanto tentava segurar as lágrimas.

Por que razão o diabo precisava foder todos os meus sonhos?

CAPÍTULO 5

Elizabeth Fabbri

Eu precisei revirar meu quarto para achar a merda do envelope do dia anterior. Quando o achei embaixo da cama, me atrevi a abrir só para confirmar o que meu coração já sabia. A família disponível para me abrigar era de Nova Iorque. Eu não acreditava em coincidências e tinha certeza absoluta que aquilo tinha dedo de Louis. Rasguei o papel em pedacinhos minúsculos enquanto esperava a raiva ir embora.

Minha mente xingava o gringo com todos os palavrões que eu conhecia enquanto meu coração pesava.

Ver Louis de novo seria um tiro no meio de todas as minhas intenções de esquecê-lo.

Pedro não se despediu. Eu ouvi quando o portão se abriu e minha mãe se despediu dele em alto e bom som como se para me avisar que a barra estava limpa. A verdade sobre nós dois é que Pedro era ótimo como amigo, mas ele forçava e me sufocava demais, mesmo quando eu reunia toda minha coragem para dizer na cara dele que era muito para aguentar.

Nosso namoro virou uma bela amizade, mesmo com ele só despertando para me enxergar quando eu já não estava dentro do relacionamento. Eu precisava fazer algo em relação a ele, só não sabia o quê. Ou me esforçava e tentava recomeçar do zero, ou o tirava de vez da minha vida, sabendo as consequências disso.

Deitei-me no chão, encarando o teto cheio de adesivos e evitando pensar nos problemas que precisava resolver. Alguma hora a vida precisaria andar.

Fechei os olhos, respirando fundo e sentindo o cheiro forte de hortelã que o tapete do meu quarto tinha — graças a minha falta de atenção rotineira e a habilidade em derrubar meu chá toda vez que trazia o copo para o quarto —, ficando ali até o coração se aliviar, tentando me convencer de que tudo o que estava sentindo era qualquer coisa, menos saudade. Dele, de mim, de

antes… Eu era uma bosta quando precisava viver o luto.

Acabei cochilando e só acordei com o barulho da campainha. Levantei num pulo e olhei pela janela para conferir se não tinha perdido a hora e Isabella estava louca no portão, mas para minha sorte, era só o correio. Verifiquei as horas no celular e corri para o banheiro ao ver que eram quase seis horas. Se eu não estivesse pronta em dez minutos, minha carona faria cara feia por um bom tempo e eu não estava no meu melhor para aguentar mau humor alheio.

Assim que botei o pé no último degrau da escada, enfiando o celular no bolso depois de responder Isabella que já estava no portão, meu pai me chamou, me assustando.

— Elizabeth. — Ele estava sentado na mesa da cozinha, me olhando como se estivesse cansado. — Precisamos conversar.

— Pai… — choraminguei. — Está tudo bem.

— Você não é do tipo que desiste, então por que está fazendo isso bem agora?

As palavras dele bateram no meu rosto como um tapa ardido. Meu pai tinha razão. Ele me assistiu recortar tudo sobre o intercâmbio e guardar em uma pasta durante anos. Assistiu cada inscrição minha em agências que faziam promoções e viu meu olhar de decepção a cada vez que eu não ganhei. Viu meu esforço de aprender inglês sozinha e rachar de estudar quando alguma dúvida aparecia. Meu pai sabia que tinha algo errado, eu só não podia mostrar o que era.

Como se Deus quisesse me salvar, Isabella buzinou como louca na frente de casa e eu voltei ao meu corpo.

— Agora não dá. Mais tarde… ok?! — Eu precisaria ensaiar aquela conversa na minha mente mil vezes antes de ela acontecer. Não podia viver fugindo.

Meu pai suspirou pesado e os olhos dele leram minha alma quando me encarou por trás dos óculos.

— Eu conto com isso.

Botei o pé para fora de casa com um bolo no estômago, sabendo que aquela conversa poderia trazer meus demônios todos em uma bela reunião para jantar o que havia sobrado da minha alma.

— Então, que tanto você anda pensando que não fala e fica só cochichando enquanto fala sozinha? Está brigando com quem? Com o mudinho? — Isabella provocou enquanto voltávamos para minha casa.

— Meu pai quer conversar. Diz que eu ando estranha, sei lá. — Dei de ombros e olhei pela janela.

— Vá com calma e só fale o que achar seguro. Qualquer coisa jogue a culpa para cima de mim. Fale que eu comentei sobre o valor do vidro que você quebrou, sei lá.

— Ótima mentira. — Fui irônica, revirando os olhos enquanto ela ria.

— Estou tentando ajudar! Muito melhor do que falar "oi, pai, tudo bem? Fui paga para transar com um cara e sofri um acidente enquanto descobria que ele era noivo, mas ainda sinto falta dele e do pau dele que era ENORME". — Ri alto vendo Isabella me imitando enquanto falava aquele absurdo.

— Cala a boca! — Bati na coxa dela, ainda rindo.

— Você não pode aguentar o peso do mundo sozinha! O cara foi embora, o mudinho ainda quer te comer e você parece um zumbi! O que quer que eu faça? Abra sua cabeça e reprograme seu cérebro? — Isa me encarava no tempo em que o carro estava parado no farol.

— Não. Eu vou melhorar e voltar a ser o que era antes, só preciso de um tempo, organizar tudo. Assim que me livrar dos pontos, vou parar de pensar nisso.

— E como estão os machucados?

— Coçando como o inferno. Às vezes eu sinto que algo abriu e vejo pequenas manchinhas de sangue na blusa quando acordo, mas nada demais. A barriga era o que mais me preocupava, mas parece que minha cicatrização é boa. Pelo menos isso. — Dei de ombros.

— Bom, em algumas semanas você vai se ver livre desses malditos pontos e eu finalmente vou ter minha melhor amiga de volta. — Ela tamborilou os dedos no volante no ritmo da música que tocava. — Agora faça um favor a si mesma e aceite o que o universo trouxe até você.

— Nem começa com aquele papo de energia e tudo mais. — Levantei a mão, querendo dar um basta. — Eu acredito em lei do retorno, mas devo ter dançado pole dance na cruz enquanto Jesus tinha os pés martelados, porque a quantidade de desgraça está de parabéns.

Acho que essa vida compensou por todas as outras e olha que eu nem acredito nisso.

— Para de drama! Você sabia que não tem porra nenhuma de libra? Vai ver que seu mapa escorpiano te deixa mais dramática que o normal. Preciso procurar sobre isso. Enfim… — Isa disse, virando a esquina de casa.

— Acho que você não vai conversar com seu pai agora.

— Por que não? — Segui o olhar dela e vi Pedro parado contra a garagem de casa.

— Acho que o mudinho vai dormir com você hoje. — Isa parou do nada e virou para mim, me acusando. — Vocês já transaram! — Ela me deu um tapa mais forte na coxa.

— NÃO! *Cê* tá doida? Eu mal consigo beijar o menino, imagina transar! E agora com o corpo cheio dessas marcas…

— Cala a boca! Você continua linda, sabe disso. E o cabelo curto ficou moderno, mas até agora eu não entendi como ele ficou assim. — Ela me olhou como se tivesse falado a última parte como um pensamento em voz alta. — Enfim, faça só o que seu coração mandar. Qualquer coisa me liga. — Isa parou em frente ao meu portão e depois de eu dar um beijo junto de uma mordidinha em sua bochecha, respirei fundo e desci do carro para encarar Pedro.

— Hey! Vim ficar com você — ele disse assim que me coloquei de pé, vindo me abraçar.

— Oi — Isa falou sem muita empolgação, chamando atenção para ela e Pedro finalmente pareceu enxergar que não estávamos sozinhos.

— Oi… — Ele parecia ter medo de Isabella, era bizarro.

— Vou nessa. Elizabeth, qualquer coisa me liga. Não esquece, ok?!

— Sem problemas. Me mande mensagem assim que chegar em casa.

— E você tente não quebrar seu telefone até lá — Ela ignorou Pedro e saiu cantando pneu, me deixando balançando a cabeça em negativa e revirando os olhos. Nem sempre maturidade corria naquelas veias. Devia ser um negócio fracionado.

Abracei Pedro, agradecendo por ele ter aparecido, me dando uma bela desculpa para adiar a conversa com meus pais, e entrei em casa.

Meu pai parecia não muito feliz com Pedro ali, mas ficou quieto quando me viu ajeitar o colchão no chão, deixando claro que o garoto não dormiria na mesma cama que eu. Assim que fechei a porta do quarto, já de pijama, me sentei na poltrona com o computador e comecei a procurar coisas sobre um maldito trabalho de tradução.

— E então? — Pedro perguntou enquanto tirava o tênis. — O que está fazendo?

— Preciso traduzir esse texto enorme. Tenho pelo menos que começar agora.

“E que você durma antes de eu pensar qualquer merda”, acrescentei para mim mesma.

— Vou te esperar. — Pra que ele falou aquilo? Pedro se levantou e eu parei, assistindo enquanto ele se despia. Primeiro a camiseta, junto do suéter que usava, mostrando o corpo que eu achava lindo. Pedro não tinha os músculos marcados como Louis, mas o físico não decepcionava. — Você ainda tem aqueles shorts meus por aí?

— Uhum. — Engoli seco. — Na última gaveta da cômoda.

Segui com os olhos enquanto Pedro se livrava das calças, exibindo as boxers de sempre e caminhando super à vontade pelo quarto, indo buscar o último samba canção que minha mãe tinha comprado quando cansou de brigar que ele não podia dormir de calça jeans.

Respirei fundo e admiti que Pedro era gostoso, sim, e eu tinha sorte de fazermos um casal bonito. A questão era: eu ainda queria ser um casal? Não tinha tido tempo — nem vontade — de pensar naquilo e naquela altura do campeonato, ou era retirar o time totalmente de campo e foder com tudo, ou entrar de cabeça e esquecer o passado, me concentrando em fazer o sentimento voltar, em fazer dar certo.

Eu precisava saber se ainda existia uma chance — mínima que fosse — dentro de mim de fazer aquilo evoluir. Tentei me concentrar no texto enquanto via pela visão periférica Pedro se deitar, deixando só a luz do abajur acesa. Era uma merda ter meu fogo no rabo junto daquela confusão louca dentro do peito.

Quando precisei reler o bloco de texto mais de dez vezes para entender o contexto, me dei conta de que não dava mais. Ou eu resolvia o que precisava, ou ia pirar. Fechei o notebook com um pouco mais de força do que precisava e passei por cima de Pedro, me sentando em minha cama, tentando tomar coragem de começar o que eu não sabia onde ia dar.

— O que foi? — Pedro largou o celular e se sentou de frente para mim no colchão, puxando minhas pernas, acariciando de leve os meus joelhos e descendo até os tornozelos.

— Não sei… — sussurrei, aproveitando o clima. Observei as mãos de Pedro se esticarem, saindo do caminho e vindo sobre as minhas coxas. Fechei os olhos, apenas tentando sentir lá no fundo, no mais profundo da minha alma, uma direção do que eu devia fazer.

Pedro parecia ter tomado meu silêncio como um convite. Eu o ouvi se ajeitar no colchão, as mãos subindo com força e cuidado até a minha cintura,

o cheiro dele anunciando junto do calor do seu corpo que seu rosto estava próximo demais do meu. O garoto roçou o nariz pelo meu pescoço, vindo até o meu queixo e dando uma mordidinha leve, avisando que estava perto demais da minha boca. Meu corpo começava a esquentar. Minhas mãos saíram do colchão para acariciar as costas nuas de Pedro, enquanto minha boca se juntava a dele, porque, naquele momento, eu realmente queria muito sentir algo.

Pedro me beijou de forma suave, calma, aproveitando cada centímetro da minha boca enquanto sua língua se movia sobre a minha. Suas mãos subiram para o meu cabelo, trazendo meu rosto ainda mais para o dele enquanto eu o encaixei entre minhas pernas.

Eu não queria ver, não precisava ver, precisava apenas sentir.

Quando os dedos dele puxaram de leve, forçando minha cabeça para trás, nossas bocas se afastaram e ele desceu, beijando meu pescoço e me fazendo lembrar outra boca, muito mais furiosa e violenta que a dele, marcando minha pele cada vez que a tocava. Tentando manter esse pensamento afastado, procurei a boca do garoto e voltei a beijar Pedro com mais vontade, tentando fazer meu coração entender que aquela era a opção que ele tinha.

Pedro era gentil e calmo, mesmo diante daquela vontade que eu sabia que ele tinha. Pude comprovar isso quando o senti duro entre as minhas pernas, se roçando em mim com força.

Se fosse antes, eu provavelmente não pensaria duas vezes. Mas agora, tudo era diferente. Por apenas um segundo abri os olhos esperando encontrar outro rosto, outro corpo, outra pessoa ali, e aquilo bastou para o meu corpo esfriar e eu virar uma pedra de gelo.

Tentei parar o beijo, mas Pedro se forçou, não me deixando afastar.

— Pedro… — falei com a boca contra a dele e por um segundo ele afastou o rosto do meu, encostando o queixo na minha testa e se apertando contra mim.

— Nós podemos tentar. — Ele mordeu de leve meu pescoço e eu o abracei, segurando os soluços que eu sabia que viriam caso eu relaxasse.

— Não… não posso. — Eu o abracei, encarando o teto do meu quarto, pensando na merda que eu estava fazendo. Pedro não era um brinquedo e eu não podia estender aquilo mais do que já tinha. — Eu realmente não posso — admiti baixo e o ouvi sussurrar incessantemente enquanto me abraçava de forma dolorida: “não me deixe, não me deixe, não

me deixe”. Mal sabia ele que aquela tinha sido minha oração três anos atrás.

Pedro demorou a me soltar, mas quando o fez, os olhos estavam vermelhos e molhados, assim como o ombro da minha camiseta. Ele não falou nada, nem sequer me olhou direito, apenas deitou virado para o outro lado e me ignorou.

Não tinha o que falar. Eu o imitei, agarrando o bichinho de pelúcia que ficava em cima da minha cama com força contra o peito, com o coração partido por saber que quebrava meu melhor amigo, mas não arrependida. Pedro havia plantado a indiferença que passei a sentir e era burrice da minha parte achar que só por conta de uma tragédia eu conseguiria reverter.

Quando acordei, Pedro não estava mais lá. A cama improvisada perfeitamente arrumada com os shorts dobrados sobre o travesseiro fez meu estômago embrulhar. Eu achava que tinha encontrado a resposta dentro de mim e sabia que ela era exatamente aquilo que eu não queria. Coração burro.

Louis Luppolo

Devia ser algum problema de genética, ou então de aprendizado. Era claro que Elizabeth tinha apreço demais pela palavra “não” e aquilo era como a morte para mim.

Não para mim.

Não para a cirurgia.

Não para o intercâmbio.

Mas para aquele bostinha era sim.

Perdi as contas de quantas vezes assisti a cena dele beijando Elizabeth e, apesar de querer quebrar tudo ao redor, fodi meus dias apenas assistindo a rotina da garota pelo computador, com a esperança idiota de que se ela aceitasse o intercâmbio, talvez pudesse perdoar o fato de ela ofender minha vaidade.

Mas como eu já havia adivinhado, Elizabeth tinha uma tendência absurda a gostar da palavra “não” e eu não suportava mais ficar com o pensamento preso a ela.

— Louis, existe uma editora de grande porte que está mal das pernas por má administração. Podemos oferecer… — Kira entrou na minha sala

perto das seis da tarde, falando sem me olhar, o que me deu tempo de mudar a tela do computador e não deixar que ela visse o quanto eu estava viciado. — O que acha dessa? — Ela soltou os papéis em cima da mesa de qualquer jeito e eu bufei, organizando tudo como estava antes.

— Deixe aqui que vou dar uma olhada amanhã — falei sem olhar para ela, ainda colocando minhas canetas no lugar. — Sabe se aquele balé francês ainda está na cidade? — perguntei enquanto Kira me observava com os braços cruzados.

— Estão…

— Ótimo, me mande o número daquela bailarina baixinha… A *pin-up*.

— Léonie Gauthier? Vai mesmo sair com ela de novo? — Kira revirou os olhos. — Nem responda. Estou enviando o número agora para você.

— Ótimo. Convide para algum bar porque enquanto ela fala, eu posso beber à vontade e que seja em um hotel com o quarto confortável.

— Credo. — Kira fez som de vômito e eu ignorei.

— Alguma hora você vai transar e descobrir que sexo pode ajudar com muita coisa.

— Ou te fazer de besta — ela soltou baixinho.

— Kira! — tentei repreender a garota, mas ela já estava fora da sala.

***

Sete e quarenta e dois. Ela estava atrasada doze minutos.

Bebi mais uma dose do uísque doze anos que enfiaram no meu copo e tamborilei os dedos no balcão enquanto contava as mulheres que via no bar pelo espelho bem acima da prateleira de bebidas.

O pequeno Palace ficava escondido entre as grandes avenidas de Manhattan e ali era sede de um hotel luxuoso e privado para quem tinha um bom dinheiro para gastar em busca de paz. Léonie não estava hospedada ali. Era óbvio que não.

A mulher pequena, de sorriso incrivelmente branco, adorava dinheiro e exposição. Esse era o motivo de ter aceitado sair comigo antes e agora. Eu me atraí por sua elasticidade e boceta pequena, e ela por meu bolso gordo e

status. Era fácil farejar esse tipo de mulher, mas era ainda melhor quando eu sabia que não precisaria lidar com o depois. A bailarina era o centro das atenções no seu mundo e não parava o rabo em um único lugar, o que era uma ótima desculpa para que eu nunca tivesse o trabalho de ligar no dia seguinte.

Passei o dedo pelo copo suado, o gelo já havia derretido na bebida âmbar, e comecei a desenhar pontos sobre o balcão enquanto minha mente marcava as batidas da bateria na música ambiente que tocava.

Lembrei da última vez que havia saído com a mulher pela qual eu esperava. Havia sido divertido por descobrir que ela gostava do sexo tão agressivo quanto eu, mas não valia tanto a espera. Quando eu estava decidindo se levantava e ia embora ou não, algo brilhou no espelho e chamou minha atenção para a entrada do bar do hotel.

Lá estava a mulher minúscula em um vestido branco, colado ao corpo e cheio de pontos brilhantes. O cabelo preto na altura dos ombros com suas ondas perfeitamente arrumadas, uns óculos escuros pequeno na ponta do nariz e as unhas enormes e vermelhas que pude ver de longe quando ela entregou uma echarpe espalhafatosa a alguém.

Bonita, gostosa e tinha o que eu queria.

Francesas beijavam como brasileiras, usando a porra da língua em uma maldita dança pela boca e eu queria aquilo, precisava daquilo.

Reprimi a imagem de Elizabeth beijando outro e passei a mão pelos cabelos, tendo a certeza de ser charmoso o bastante para que minha companhia naquela noite não ficar na conversa e sim na ação.Deixei que seus olhos se encontrassem com os meus pelo espelho e a observei vindo a passos marcados em minha direção. Os olhos claros, que eu não sabia se eram verdes ou azuis, me fitavam sem nenhuma vergonha do recado que ela queria passar.

Quando ela estava bem atrás de mim, a boca vermelha se abriu em um sorriso vitorioso e ela falou com o sotaque forte:

— Parece que as americanas não têm o necessário para te entreter, não? — A sobrancelha direita dela estava erguida quando finalmente me virei em sua direção.

— E será que você tem? — provoquei a mulher e a vi sentar ao meu lado, exibindo os saltos superaltos.

— Talvez… Por que não me paga um bom martini e me deixa lhe mostrar isso, Louis Luppolo?

Pedi ao garçom e encarei a bailarina francesa, passando os olhos meticulosamente por seu corpo desenhado, imaginando as roupas de baixo e na pele branca. Será que existia algum limite por onde eu poderia deixá-la roxa? Passei a língua pelos dentes, de um lado para outro, enquanto analisava a mulher.

Três martinis depois, ela estava solta. Rindo sozinha das próprias piadas e flertando tão pesado comigo que, se eu não me afastasse, ela seria capaz de me beijar em público.

— Acho que está na hora de subir… — anunciei quando finalizei minha bebida.

A mulher se aproximou do meu ouvido e pegou minha mão livre, colocando em seu colo.

— Acredito que vai achar bem interessante o que tenho por baixo da roupa.

— Me surpreenda — sussurrei de volta e me afastei, saindo na frente enquanto a mulher vinha atrás para o elevador.

Léonie avançou para cima de mim assim que fechei a porta atrás de nós. As unhas afiadas se fincaram nos meus ombros sobre a camisa que eu vestia e a boca dela veio rápido de encontro a minha. Eu não a afastei, era aquilo que eu precisava.

Puxei o pequeno corpo contra a parede e deixei que sua língua invadisse o caminho que queria, mas algo estava errado. O gosto do álcool não me atraía, o cheiro da mulher não era o certo.

Tinha que ser esse o problema.

Elizabeth tinha um cheiro floral, doce e forte.

Léonie tinha um cheiro mais suave, amadeirado, nada doce.

Soltei a boca da mulher, de olhos fechados para não ver seu rosto esperançoso por apenas um segundo, e tentei novamente.

Léonie era a opção que eu tinha para tentar aliviar tudo o que Elizabeth causava. Era a válvula de escape do momento para eu me controlar. Era fácil. Só precisava foder uma boceta diferente e fosse lá o que Elizabeth havia feito comigo e com o meu pau, seria desfeito.

— Não estamos com pressa, mon chéri — a mulher disse entre o beijo, e me afastou antes de sair andando pelo quarto.

Me livrei da camisa e fui até o frigobar do quarto, onde uma grande garrafa de Jack Daniel’s me esperava. Arranquei o lacre com os dentes e a abri enquanto me sentava no pequeno sofá em frente a cama. Havia uma

mesa de vidro minúscula próxima ao sofá e eu apoiei os pés sobre ela enquanto observava a bailarina ajeitando suas coisas no cabideiro.

Eu precisava ter o controle.

— Vamos começar — falei alto enquanto dedilhava o vidro trabalhado da garrafa.

A contagem na minha mente havia começado logo que vi os músculos das costas de Léonie se tensionando quando ela me olhou sobre o ombro esquerdo.

— A partir de agora eu não tenho um nome, nem você. Te chamarei como quiser e você não irá discordar. — Ela soltou um sorriso quase perverso e se virou para mim em silêncio, apenas concordando com a cabeça. — Se livre desse vestido — exigi.

Léone era experiente e tinha consciência de sua beleza. Primeiro, a mulher subiu as mãos até os ombros e se livrou das alças do vestido, então abriu o zíper lateral e o deslizou lentamente pelo corpo enquanto caminhava na minha direção, exibindo a bela lingerie que usava.

Era meu fetiche, ela sabia, não era nossa primeira vez.

Meu corpo vibrava com a atmosfera que havia se instalado no quarto.

— Pare — falei assim que a mulher se encostou à mesa de vidro. — Sente-se de costas. — Ela obedeceu.

Observei seu corpo coberto pela lingerie branca, o espartilho era extremamente apertado, a cintura tão pequena que eu poderia fechar as mãos ao seu redor e eu o fiz. Me aproximei, sentando sobre o vidro e de olhos fechados, deixei que minha respiração fosse de encontro as costas dela, causando arrepios. Puxei a mulher pela cintura para trás e desci minhas mãos por seu ventre, então para o meio de suas coxas, e acariciei o tecido úmido que era sua calcinha. Léonie deitou a cabeça contra o meu peito e suspirou, abrindo mais as pernas.

Respirei fundo, inalando o cheiro dela, forçando meu corpo a responder ao momento, mas nada aconteceu.

Me ergui de forma brusca, segurando na nuca da mulher apenas para que ela não batesse com o rosto na mesa e puxei o corpo para trás, deitando a *pin-up* de barriga para baixo na mesa.

— Mãos para trás — pedi enquanto pegava minhas cordas dentro da maleta que havia deixado no quarto. — O quão boa é sua abertura? — perguntei para Léonie que me olhava ansiosa, mordiscando o lábio.

— Tão boa quanto você se lembra… — Na mesma hora a mulher

abriu as pernas em um espacate e as segurou com as mãos nas coxas.

— Ah, sim… fique exatamente assim. — Aquilo talvez resolvesse o meu problema e assim que comecei a trançar as cordas sobre o corpo da mulher, senti meu pau endurecendo.

Ver as cordas apertando a pele clara da bailarina me deixava em êxtase, mas quando terminei, alguma coisa ainda faltava.

Por trás dela, passei as mãos por sua bunda e então subi para as costas, soltando o espartilho da melhor forma que pude para expor seu corpo. Novamente, algo estava errado. Fechei os olhos enquanto suspirava, passando os dedos pela pele perfeita, sem sentir nada além da maciez sob meu toque. Não era o que eu esperava. Desci a mão pela bunda dela e ao chegar em sua boceta, afastei o tecido para o lado, tocando Léonie em sua parte mais sensível. Ela gemeu e eu não senti absolutamente nada.

Não havia prazer naquilo.

Me levantei e fui até a maleta, procurando meu pequeno canivete e o plug anal.

Quando cortei o tecido da calcinha da mulher ao meio, ela quase riu.

Bati com a parte pesada do canivete em sua bunda com força e pedi silêncio com um chiado.

Sentindo o quanto ela estava molhada, enfiei os dedos nela e a ouvi xingar baixo enquanto eu sentia meus dedos sendo apertados por sua pequena boceta. Meu pau estava começando a cooperar, mas não do jeito que deveria. Talvez ele se animasse com o rabo rosado da mulher.

Depois de algum tempo, quando percebi que ela estava relaxada e quase implorando para mais, tirei os dedos e os substitui pelo plug. O choque de ter o objeto metálico e grosso no lugar dos meus dedos fez a mulher quase gritar, mas não me parei. Dei um tapa pesado em sua bunda, sabendo que a deixaria vermelha, e depois de cuspir em seu cu, forcei um dos dedos pelo caminho.

— Relaxe… — falei antes que ela começasse a choramingar.

Acariciei o clitóris inchado da bailarina e quando ela finalmente começou a forçar o corpo para trás, tirei o plug de sua pequena boceta e o enfiei onde meu dedo estava. Léonie puxou o ar entre os dentes conforme o objeto, mais grosso que meus dedos, entrava em seu rabo.

Ver a dor no limite do prazer no pequeno corpo perfeito da bailarina finalmente me ajudou.

Eu estava tirando o pau para fora da calça, com os olhos fechados

enquanto aproveitava o silêncio, pronto para meter nela, quando a maldita abriu a boca e chamou meu nome.

— Oh, Louis. — A voz não era a certa e de imediato, como se alguém tivesse me desligado, meu pau desceu e eu xinguei enquanto massacrava a coxa da mulher.

Me segurando para não socar o vidro, levantei em pura frustração. Ajeitei as calças e puxei de uma vez o plug de dentro da francesa. Ela xingou em sua língua e num tom frustrado, me perguntou, quase magoada:

— O que foi? Por que parou? — Seu rosto denunciava a ofensa enquanto eu desatava os nós que prendiam seu corpo.

— Isso foi a porra de um erro — respondi entre dentes, apenas quando soltei o corpo da mulher e fui atrás das minhas coisas, enfiando a camisa de qualquer jeito antes de a mulher tentar me fazer ficar.

— Eu fiz algo errado? — Léonie conseguiu me puxar na porta.

— Não, querida. — Virei-me para ela em um segundo de controle e segurei seu queixo. — Você é apenas a mulher errada. — Selei os lábios nos dela, e aproveitando a falta de reação, caminhei para fora, jurando acabar com aquilo.

Não podia ser.

Nunca havia broxado. Nunca tive problemas com meu pau.

Nunca precisei brigar tanto para fazer alguém se render à minha vontade.

E Elizabeth conseguia foder tudo isso mesmo estando em outra parte do continente.

Soquei a porta do carro e entrei na sede, indo em direção ao escritório sem responder nenhum cumprimento. Trancado no escuro e no silêncio, eu reavaliaria aquilo.

CAPÍTULO 6

Louis Luppolo

Não havia como negar, eu havia falhado.

Falhei na minha aposta.

Falhei com a minha vaidade.

Falhei com a máfia e meus compromissos dentro dela.

Elizabeth havia chegado com suas reações humanas demais, com seu desafio pessoal, e eu caí, sem me dar conta, na pior das armadilhas.

Eu tinha na mão um casamento extremamente vantajoso. O que ninguém entendia era que Natasha entregava de bandeja em minha mão o controle da grande rússia e um lugar de poder dentro da máfia francesa, assim que tivesse um filho meu em seu ventre. Era lucrativo demais ter tudo aquilo apenas por me casar com a única filha dessa união.

Por isso que antes de ir para o Brasil, eu até me preocupava em manter minha pequena e ruiva noiva interessada, e ela, por toda sua carência, talvez tenha acreditado que em alguma hora significou mais do que apenas uma vantagem nos negócios para mim.

Abri a galeria do meu celular e encarei a foto de Elizabeth sorrindo. Uma jovem, bela e rica esposa me era oferecida e eu estava começando a ter asco dela apenas por ter uma outra mulher interessante demais na jogada. Se tinha algo que tirava a minha paz, era a falta de controle que a filha da puta me causava.

Alguém bateu à porta e eu respirei fundo antes de abrir e encarar Henry de pijamas.

— Algum problema, senhor? Posso ajudar em algo? — Henry entrou inseguro na sala escura, batendo a porta. Eu dei as costas ao soldado, me largando sobre a poltrona novamente. Bloqueei a tela do celular, bufei e olhei para o teto.

— Eu deveria matar Elizabeth? — perguntei para Henry.

— O quê? — meu homem questionou sem entender.

— É isso, matar a garota. Olhe as merdas em que a envolvi e as que me envolvi por causa dela. Se Elizabeth morrer, eu não precisarei lidar com ela depois. Você sabe.

— O senhor nunca fez nada disso por outra mulher, nunca precisou.

— Henry acariciou meu ego. Bom soldado. — Mas apesar da situação atual, matar Elizabeth não seria bom ou inteligente. Deixe a garota ir depois de tudo — Henry disse, mas eu interrompi com uma risada sem graça.

— Acha mesmo que eu consigo? Ela é um maldito vício. Acredito que nutrir raiva dela seja melhor do que qualquer outro sentimento que eu não saiba lidar.

— Com todo o respeito, Don… Acha que pode estar apaixonado por ela? — Henry esfregou o rosto enquanto segurava um sorriso.

— Não… você sabe que não.

— Não faça nada que possa se arrepender depois, Don Luppolo. — O tom sábio do meu soldado pesou em algo dentro de mim. — Seria uma pena a garota morrer apenas porque alguém que está do outro lado do mundo não sabe lidar com o fato de ela existir, não? Boa noite.

Maldito soldado.

Henry havia largado a porra da bomba no meu colo e saído antes de eu responder qualquer coisa, mas ele tinha razão. De todas as minhas atitudes insanas, aquela seria a mais egoísta. Mas o pequeno questionamento sobre viver em um mundo onde não houvesse um desafio como Elizabeth me acompanhou para a cama naquela noite.

Dormir e sonhar com aqueles malditos olhos verdes estava virando a merda de um hábito.

Acordei decidido. Se não podia me livrar dela, iria trazê-la para perto de qualquer forma e aprenderia a me controlar enquanto isso. Ou tentaria.

Pulei da cama cedo demais, me exercitei pesado por quase três horas e fui para o trabalho.

A compra da editora estava em negociação, o livro de Elizabeth já havia sido enviado com urgência com o enorme selo de “aprovado”. Minhas reuniões estavam sendo concluídas com sucesso. Todas as empresas iam bem das pernas e mesmo uma ou outra precisando de reajustes na parte comercial, eu comecei a ter a velha sensação de controle e poder.

Talvez a única merda durante aqueles malditos dois dias tivesse sido me distrair demais enquanto rastreava a encomenda e assistia às câmeras espalhadas pela casa dela.

Assistir Elizabeth surtando por eu ter sido extremamente agressivo na minha proposta era engraçado e eu perdi as contas de quantas vezes revi a cena, confortável o bastante por saber que ela, uma hora ou outra, iria aceitar.

— Senhor, ela recebeu o pacote — Zola avisou pelo telefone.

— Eu sei, eu sei… — cantarolei do outro lado da linha. Havia acabado de sair do banho, depois de ter suado como um porco no treino. Era a única maneira de controlar a falta de sexo que chegava a fazer as bolas doerem.

— E se ela não aceitar? — Meu soldado jogou um balde de água fria.

— Bom, isso está nas suas mãos, Agliardi. Traga Elizabeth para o meu território por bem, ou então, minha próxima jogada não vai ser tão limpa. Se mexer com os sonhos de Elizabeth não me derem o resultado esperado, talvez eu precise reviver os pesadelos. — Meu tom foi divertido, mas era apenas uma provocação ao soldado. Esperava não ter que chegar naquele ponto, mas o faria se necessário.

— Não se preocupe, Don Luppolo. Farei meu melhor.

— Acredito que sim.

Aquela noite, o sono não veio fácil.

Não tinha o costume de fumar dentro de casa, mas me vi obrigado no meio da madrugada, enquanto assistia Nova Iorque dormindo e revirava a galeria do meu celular cheio de fotos dela.

Maldito vício.

***

O ar da Louisiana era quente e grudava na pele graças à umidade, mesmo quase uma hora da manhã. Ter me exercitado antes da viagem havia me cansado e ficar preso no voo por quase quatro horas sem conseguir pregar o olho também não ajudava.

— Don Luppolo. — Lorenzo me cumprimentou assim que a porta do carro se abriu.

— Lorenzo. — Peguei na mão do homem e o abracei, beijando suas faces.

— Espero que a viagem tenha sido agradável. Está tarde e imagino que esteja cansado, vamos entrar. — O homem me guiou pelas escadas de mármore branco e então entramos no pequeno palacete. Delfina estava aguardando no saguão de entrada, em um vestido florido, com seu filho no

colo. Isso me fez pensar no bom negócio que Lorenzo havia feito comigo anos atrás para a permissão daquele casamento. Se meu homem ainda era fiel e honesto com a máfia, talvez eu não tivesse tantos problemas quanto imaginava que teria.

— *Buonasera*, Don Luppolo. — Delfina sorriu com a criança adormecida em seus braços. — Pietro não aguentou esperar pela sua chegada.

— Eu agradeço a hospitalidade, mas poderia ter deixado o menino na cama. — Observei ao redor enquanto Kira e alguns dos meus homens entravam atrás de mim. — Espero que vocês não se incomodem por ter trazido tanta gente para a casa de vocês, mas são tempos difíceis e eu espero que entendam. Partiremos assim que eu e Lorenzo nos alinharmos. Enquanto isso, espero um bom lugar para meus homens descansarem e se puderem me desculpar pela grosseria, gostaria de me recolher. O dia foi cansativo. — Evitei olhar o sorriso nervoso da loira e concentrei meus olhos em seu marido. Lorenzo não parecia desconfortável, mas eu conhecia a postura protetora dele.

— Imaginei que gostaria de algum descanso, Don. Não existe problema algum quanto aos seus homens, nós já esperávamos por isso. — Ele se dirigiu à esposa. — Leve Kira aos seus aposentos e coloque Pietro na cama, querida. Steve vai levar os soldados aos seus dormitórios. — Ele indicou o mordomo em quem eu ainda não havia prestado atenção. — Eu levarei o Don até seu quarto. Não se preocupe com a bagagem, mandarei alguém subir logo.

Confirmei com a cabeça e segui o homem enquanto as pessoas no saguão se movimentavam atrás de seus guias.

Subi os trinta e quatro degraus que levavam ao piso superior e segui Lorenzo pelo corredor. Eu já conhecia a casa, mas seria falta de educação não prestar atenção ao que ele me indicava. Assim que a porta do velho quarto de visitas foi aberta, eu entrei e ouvi o homem pigarrear. Sorrindo, larguei minha maleta sobre a mesa que havia no quarto e virei para encará-lo.

— Algo para me contar, Ferioli?

— Seria interessante acordar cedo amanhã. Tenho algumas coisas a mostrar e elas andam acontecendo assim que o sol nasce.

— Estarei pronto para o café às cinco — falei, vendo um dos homens de Ferioli entrar com minha mala.

— Até amanhã cedo. *Buonasera*, Don Luppolo.

— *Buonasera, capo* — me despedi, trancando a porta assim que me

vi sozinho.

Como uma tradição, peguei minha bereta e uma pequena faca afiada o bastante para cortar o pescoço de alguém. Revistei todo o quarto, e quando vi que era seguro, coloquei a arma sob o travesseiro, junto da faca. Proteção ali nunca era demais.

Acordei com o celular tocando, pensando em como o despertador havia se adiantado, mas assim que meus olhos se focaram no visor e o nome de Zola Agliardi brilhou, tratei de atender, me sentando o mais rápido que podia na cama.

— O que é? — perguntei com a voz falhada e grossa demais.

— Desculpe por acordá-lo, senhor. Elizabeth aceitou a proposta ontem à noite e me chamou para negociar agora cedo.

— E você só me avisa isso agora? — esbravejei ao telefone. — O que ela disse?

— Quer saber o que está envolvido na negociação.

— Vá logo e me traga boas notícias. — Esfreguei os olhos, me levantando e indo em direção ao banheiro.

— Tentarei, Don Luppolo. Assim que tiver novidades, ligo novamente.

Zola se despediu me deixando ansioso o bastante para não conseguir mais cochilar, mesmo faltando mais de uma hora para descer e encontrar com Lorenzo para ver algo que provavelmente me deixaria nervoso. Tomei um banho para despertar, vesti calças jeans e camiseta — não aguentaria ficar de terno no maldito calor da Louisiana —, e abri meu computador para descobrir o que havia acontecido para que Elizabeth aceitasse o convite.

Não tinha como não gostar de vê-la colocando o garoto chorão para fora. Ainda era um arrependimento não o ter matado, a pouparia daquele teatro e pouparia a mim a frustração. Mas, beijar por beijar, eu já havia descontado a traição dela.

Apesar de não haver compromisso entre nós, era traição Elizabeth tentar qualquer coisa com outro homem quando sabia que me pertencia.

Com o melhor humor em duas semanas, desci para o café da manhã às quinze para as cinco, esperando que, fosse lá o que meu capo mostraria, não arruinaria a parte boa do dia.

— Você já teve carros melhores, Lorenzo — reclamei ao ver o 4x4 do homem.

— Precisamos de bons pneus para onde vamos. Se quiser, posso te

mostrar minhas crianças de garagem em Massachusetts, mas por enquanto, aproveite e garanto que vai querer comprar um desse no final da viagem.

— Nós vamos acompanhados? — Encarei em volta, vendo mais dois carros cheio de homens nossos.

— Apenas prevenção. Você precisa ver com seus próprios olhos.

Depois de quase uma hora de estrada, ao som de Sinatra, encarei Lorenzo e sua enorme aliança na mão esquerda. Não me interessava a vida dele, mas a curiosidade bateu.

— Valeu a pena entrar em uma dívida comigo por causa de Delfina?

— Todos os dias. — Lorenzo sorriu de canto e olhou rapidamente para a aliança. — Mas eu ainda me pergunto quando você vai cobrar algo, Don Luppolo. Talvez, depois de ver o que tenho para mostrar, seja a hora das nossas relações se estreitarem.

— Você nunca me viu como amigo. Nenhum de vocês. Mas eu nunca pedi por sua amizade. Lealdade e respeito para manter a Mão Negra viva sempre me bastou.

— Os tempos não são os mesmos de antes. Talvez agora, ter um amigo seja melhor do que um simples aliado que pode apertar sua mão e esfaquear suas costas.

— E você está se oferecendo para ser minha retaguarda? Interessante.

Lorenzo deu de ombros.

— Nem todos apoiam sua aliança com os russos. Eu entendo. Não gosto deles no meio dos nossos negócios, já tive problemas em negociar meu produto por ter alguém deles na jogada, hoje em dia armas de fogo não são tão interessantes quanto a merda daquele programa deles. Bom, isso é algo para te mostrar na volta. O que quero saber é, parece que você também não está tão interessado em Natasha. Minha última visita à Nova Iorque foi para vê-la exibir o rosto machucado e confesso que não só eu, mas boa parte do conselho está querendo saber se o motivo de você ter acertado aquele belo rosto foi o mesmo para começar essa guerra com a MS-13.

— Óbvio que a aliança desse casamento ainda me é vantajosa. Natasha é a filha única da união entre a Rússia e a França. Expandir nossa Família para a Europa e Ásia seria a tacada de mestre e tudo o que eu preciso fazer para garantir isso é engravidar a garota.

— Fácil pensar assim. — Lorenzo discordava do meu pensamento.

— Você se casou por pena. Se tivesse deixado Delfina nas mãos do tio, a essa hora ela seria uma das mulheres esquecidas, com um olho roxo,

alguns dentes faltando, uma porção de filhos e teria o mesmo intelecto de um rato assustado.

— Agostino violaria o próprio sangue e colocaria a culpa na bebida. — Lorenzo travou a mandíbula ao falar aquilo. — Delfina sem dúvida me despertou o instinto de proteção antes de todo o resto, mas antes e agora, não conseguiria conviver com uma mulher apenas por ver nela um acordo vantajoso de pernas. Eu amo minha esposa e nossa família.

— Eu não e não me submeteria a tal sentimento. — Encarei a janela. A paisagem começava a mudar conforme avançávamos. Ao fundo da vegetação, eu conseguia ver uma linha azul escura no horizonte e sabia que o mar estava próximo. — Homens como eu não podem amar. Seria insano.

— Homens como nós não merecem ser amados, Louis. Mas existem mulheres loucas o bastante para isso e, Deus abençoe minha insanidade de retribuir o amor da minha esposa.

Quase ri. Mal sabia Lorenzo que talvez, para mim, o único sentimento próximo disso era o fraternal. Eu não era imune a gostar das pessoas, algumas raras tinham minha afeição, mas nada além disso. Eu não me colocaria em risco por nenhuma delas e ainda as usaria caso precisasse. Ter sentimentos era perigoso, fosse para o lado bom ou ruim. Quando a razão deixava de governar, as desgraças estavam fadadas a acontecer. Eu sabia muito bem disso.

A viagem levou mais algum tempo. Estávamos em um pequeno trecho deserto entre Port Fourchon e Grand Isle quando Lorenzo virou o carro na estrada e acelerou pelo terreno acidentado.

— Agora entendeu o porquê desse carro? — Lorenzo me provocou e eu o xinguei em italiano, provocando seu riso.

Assim que o carro parou na areia macia, pude ver um grupo de homens na areia, observando alguma coisa e conversando agitados entre si. Assim que Lorenzo saiu do carro, um garoto loiro se aproximou correndo.

— Senhor, eles começaram cedo hoje. Estamos rastreando os malditos desde que entraram em nossa área marítima. — O garoto botou para fora logo que Lorenzo notou sua presença.

— Hm… Venha, Louis. Venha ver com os seus próprios olhos. — Meu companheiro de viagem não sorria.

Logo vi o equipamento moderno na beira da praia e reparei que uma base havia sido instalada ali, mas eu ainda não estava certo do que estava acontecendo. Lorenzo Ferioli ajustou o telescópio e eu ri.

— Qual a desculpa para essa base?

— Para a polícia local, meu soldado Peter tem uma grande paixão pelas estrelas e está estudando os céus. Vez ou outra, mando alguma prostituta para cá e ele não tem tido do que reclamar. — O homem usou o objeto e xingou baixo. — Cazzo. É nosso dia de sorte. A embarcação é grande.

— É agora que você me explica que merda está acontecendo?

— Talvez… — O homem se ergueu. Sendo alguns centímetros mais alto do que eu, e tendo o dobro da minha largura, Ferioli era assustador para alguns. — Desde que sua guerra explodiu, quase todos os dias eu tenho tido invasores por aqui. Às vezes eles tentam chegar à terra firme, outras vezes só estão atravessando. Mas todos eles têm vindo do México.

Sem esperar maiores explicações, afastei Lorenzo da luneta e tratei de conferir com meus próprios olhos.

— *Vafancullo!* — xinguei alto. — Matteo comentou comigo que os malditos estavam causando confusão com Lazzarin e com os Gabiatti, mas possivelmente era apenas uma distração — falei enquanto observava. Dava para ler "Los Maras" na lateral do pequeno barco avançando tranquilamente pelo oceano. Respirei fundo e me ergui, deixando o telescópio de lado. — E então, Lorenzo, o que você faz para proteger o território?

— Assista a uma pequena demonstração do que os mexicanos andam recebendo. — O homem fez algum sinal com as mãos para seus homens e dois deles tiraram de dentro do porta-malas algo grande e pesado. — Sei que você não gosta de coisas tão grosseiras, mas estamos na Luisiana. Aqui a potência é importante. — Ouvi Lorenzo brincar enquanto observava seus homens arrumando a base de algo longo. — Esse é um Shorty. — Lorenzo descobriu um míssil fino e curto. — Misturei a potência de um Phoenix e um Maverick em algo com metade do peso e tamanho. Essa belezinha causa muito estrago, mas o melhor é ser indetectável. Todo seu material é consumido na explosão e não sobra nada para contar a história.

Ergui as sobrancelhas, impressionado com aquilo, e assisti enquanto o míssil era colocado em sua base e programado. Antes que eu me desse conta, estava contando os segundos até a explosão, batendo os dentes marcando o tempo.

— Ele chega a quatrocentos quilômetros por hora — Lorenzo informou assim que me puxou para longe, nos afastando de sua arma. — Veja o espetáculo daqui, é mais seguro. — Ele pediu para nos afastarmos

alguns metros antes de apertar o botão que levaria os ocupantes do barco à morte.

O assobio que o míssil produziu conforme avançava sobre a água era alto e feriu meus ouvidos, mas assisti, sem me mover, quando ele sumiu de vista e, então, segundos depois, uma bola laranja pegando fogo surgiu no meio do oceano.

— Belo trabalho — elogiei. — E por que você acredita que pode ser meu amigo, Lorenzo Ferioli? — encarei o homem. — Você está fazendo sua parte pela Família e eu aprecio isso.

— Assim que você der uma olhada no que eu ando desenvolvendo, talvez seja você que queira ser meu amigo, Don Luppolo. Mas agora que você está ciente do que está acontecendo por aqui, o que quer fazer? Qual atitude irá tomar? Miami não é nossa e é pra lá que esses barcos estão indo.

— Don Castagnari é velho e antiquado. Era amigo do meu avô e não é meu maior fã, mas darei um jeito. O velho tem fama de empregar a qualquer um, mas não vai querer sofrer uma represália. Preciso pensar nisso com calma, agora não é a hora. Leve-me logo para onde precisa e vamos terminar com isso. Se quer minha amizade, faça por merecer, Lorenzo.

Ninguém perdoava pecados contra o próprio sangue. Eu teria trabalho em negociar com Don Dominic Castagnari antes de ele se vender aos mexicanos. Cuspi no chão ao pensar nessa possibilidade, e antes que pudesse dar o primeiro passo em direção a Lorenzo, que já voltava para o carro, meu telefone tocou.

Era Zola para falar sobre Elizabeth.

Sabia que meu soldado armaria algum teatro para agradar Elizabeth, eu só não tinha paciência para aquilo depois de perceber que meus problemas eram um pouco maiores do que eu imaginava.

Elizabeth Fabbri

Todas as mensagens daquela manhã eram de Isabella. Pedro não havia dado nem mesmo bom-dia.

“E então, o mudinho avançou as bases? Aliás, você tinha alguma noção de que ele estaria na sua porta? Fiquei pensando depois de te largar em

casa o que eu poderia ter feito a respeito dessa coisa de ele brotar do nada e nunca ir embora.” Isabella era atrevida, e às vezes idiota.

“A noite foi uma bosta. Não quero falar disso agora. Conseguiu traduzir o texto? Eu ainda não.”

Achei que Isa fosse demorar a responder, mas um minuto depois ela estava lá.

“Hm, quero saber disso. Quer ir para a faculdade mais cedo?”

“Pode ser, mas acabei de levantar. Preciso de um tempo para me arrumar.”

“Não se preocupa. Acho que daqui uma hora eu estou na sua porta.”

“Te espero.”

Levantei preguiçosa, enrolei até o último segundo que pude no banho e antes que terminasse de me arrumar, meu pai entrou no quarto.

— Bom dia, gordinho. — Era quase meio dia.

Mal olhei meu pai enquanto procurava um brinco pequeno que não tivesse perdido a tarraxa.

— Elizabeth, isso chegou ontem para você. — Ouvi o som de algo caindo na cama.

O tom do meu pai fez os pelos dos meus braços se arrepiarem e eu parei, com medo de olhar para trás e encarar mais uma surpresa que provavelmente foderia meu psicológico.

— O que é isso? — perguntei, tentando manter o tom de voz calmo, sentindo o estômago começar a embrulhar de ansiedade.

— Parece que um livro seu… não consigo entender nada porque está em inglês. — O tom dele era incerto, como se esperasse uma reação minha e eu só pude me segurar na cômoda antes de meus joelhos falharem.

— *Quê*? — Eu finalmente me virei para meu pai depois de alguns minutos em silêncio.

— É, um livro seu. E se “approved” quer dizer aprovado, eu acho que você conseguiu alguma coisa. — Meu pai não estava sorrindo, apenas me analisava enquanto eu sentia o coração batendo na garganta, junto da boca seca e a tremedeira nas pernas.

— Pai… — Respirei fundo, tentando não olhar nos olhos dele, nem para o envelope enorme em cima da minha cama. — Sei que te devo uma conversa, mas agora eu realmente preciso ficar sozinha.

Meu pai não questionou. Digeriu o que eu falei e balançou a cabeça, concordando antes de dar as costas e sair em silêncio do quarto.

“Que caralho é isso?”, questionei-me.

Lembrei de quando Louis havia me enviado as calças junto do celular e de como reagi ao pacote. A sensação era parecida, a diferença é que dessa vez eu realmente sabia que uma cobra ia me picar quando pegasse o envelope enorme.

“É só um monte de papel, sua idiota. Vai, pega”, falei baixo, tentando dar coragem a cada músculo meu que parecia ter virado concreto.

Dei um passo atrás do outro de forma automática, ajoelhando em frente à cama e finalmente puxei a merda do pacote para o chão. Meu pai já tinha rasgado a lateral do embrulho e isso fez as folhas soltas espalharem pelo tapete enquanto o bloco grande que montava o livro caiu pesado no meu colo, preso por um barbante e com um enorme carimbo de aprovação logo abaixo do título em inglês.

Soltei o bloco de folhas do barbante, olhei cada uma das páginas e precisei olhar duzentas vezes para a primeira folha só para confirmar meu nome escrito ali, logo abaixo do carimbo de aprovado de uma editora fodona de fora.

Primeiro eu quis gritar, sair pulando pela casa enquanto berrava alto. Depois quis me encolher e chorar. Chorar até não poder mais, porque aquele era, de todos os meus sonhos, o mais intenso, enorme e doloroso. Aquele livro havia sido o primeiro. A salvação da minha mente enquanto eu voltava do inferno pela primeira vez. Não era justo.

Qual seria a próxima tentativa? Primeiro o intercâmbio que, acredite ou não, não foi tão doloroso dizer não. Eu não queria mais sair da faculdade, na verdade, inconscientemente, meus planos já estavam formados. Eu faria estágio em alguma editora e tentaria sem parar até ter um livro publicado e faria minha carreira assim, trabalhando muito por ela e fazendo ser o centro da minha vida.

Era tão fodido ver Louis pegando meu sonho e balançando na minha frente como se fosse uma bolinha vermelha e eu o cachorro idiota.

Estava só esperando a onda de emoção me atingir como sempre acontecia, mas antes de eu poder me jogar no tapete em posição fetal, Isabella me ligou.

Pensei se atenderia o telefonema, mas ela provavelmente estava do lado de fora do portão e seria uma merda encontrar com ela daquele jeito.

— Oi — atendi sem vontade nenhuma.

— Ei, estou aqui do lado de fora tem uns minutos já, por que não me

respondeu às mensagens?

— Me dá cinco minutos e eu já desço.

— Se estiver com dor de barriga, eu posso entrar e esperar com seus pais.

— Não precisa, sério! — respondi, alerta. Se meu pai falasse alguma coisa com Isabella, eu estaria fodida. — Aguenta firme aí que já vou sair.

— Tá bom. — O tom não foi o melhor, mas logo pude ouvir do meu quarto a música que ela ouvia no carro.

Me levantei com dificuldade, desisti dos brincos e larguei os papéis pelo chão.

Eu resolveria aquilo quando voltasse para casa, quando o peso finalmente caísse sobre os meus ombros e eu tivesse certeza do que faria.

Dizer não seria burrice, dizer sim seria meu atestado de demência.

***

— Ok, chega desse silêncio insuportável! Que merda aconteceu? — Isabella me colocou na parede depois de três horas ao meu lado em quase completo silêncio.

Encarei minha melhor amiga por alguns minutos, cerrei os olhos e então decidi fingir.

— Pedro foi embora de manhã porque eu não transei com ele ontem à noite. Na verdade, acho que defini as bases, mas você sabe como ele é e que já passamos por isso. Provavelmente ele vai aparecer de novo como se nada tivesse acontecido e eu vou precisar falar e insistir.

— Ah, então o mudinho ficou revoltado por ter que dormir com as bolas doloridas? Eu não tenho esse problema com as garotas que fico, você devia experimentar um dia. — Ela piscou e colocou os pés em cima da mesa, se esticando na cadeira enquanto olhava o celular. — Você está em uma fase complicada. Está frágil e só eu sei que totalmente na de outro cara. Acabou, já era. Não dá pra você ficar cozinhando o cara e olha que eu nem gosto dele.

— É, eu sei. Só não queria que fosse tão doloroso. — Era verdade.

— Querida, *alôu!* — Isa tirou os pés da mesa e estalou os dedos na minha cara. — Terminar nunca vai ser bom! Só que pior do que isso é ficar transando com defunto. Você é boa demais para ele e eu nunca escondi

minha opinião. Agora que você já deu aquele sacode, aproveita e despacha a macumba. — Isa olhou de novo para o celular que vibrava na mão dela e riu. — Agora, caso tenha perdido a informação que eu joguei mais cedo enquanto você parecia no mundo da lua, minha peguete está sozinha no apartamento com um bom vinho e algo a mais.

— Maconheira tarada. — Meu tom era de brincadeira e ela bateu no meu ombro de leve antes de levantar e pegar suas coisas de cima da mesa.

— Eu vou, mas você vai ficar bem, certo? Qualquer coisa me ligue. Vou tentar voltar para a aula. Te mando mensagem avisando.

— Não se preocupe comigo, sério. Vai apagar o fogo dessa periquita logo.

— Se Deus quiser! — Ela saiu cantando e rindo sozinha, me fazendo distrair por um segundo.

Se tinha pessoa melhor no mundo que Isabella, eu desconhecia.

Voltei a me concentrar no texto em inglês, orgulhosa por, de cinquenta páginas, quase trinta já ter ido, quando de repente, uma voz que eu conhecia bem demais falou em alto e bom som, em um inglês perfeito:

— Olá, docinho, posso me sentar aqui?

Tudo em que meus olhos focaram assim que olhei para cima foram nos olhos azuis do loiro que eu pensei nunca mais ver na vida.

***

Fiquei sem reação quando ele puxou a cadeira, abriu o paletó e se sentou, apoiando as mãos juntas em cima da mesa.

— Você parece bem. — Zola parecia tentar descobrir em qual pé estávamos para saber se podia ser íntimo como sempre, e eu pensava se batia nele com a mochila, fazia um escândalo, ou ficava ali e escutava o que o rapaz ainda fazia no Brasil, para ser mais específica, em minha cola.

— Estou levando. — Respirei fundo depois de alguns minutos e encarei os olhos dele, desconfiada. — O que faz aqui?

— Você acha mesmo que meu chefe ia te deixar sem nenhuma proteção?

— Hm… — Fiquei apertando a mola da caneta enquanto pensava. — Não posso dizer que esteja surpresa com isso, eu já imaginava. Só não queria

admitir. — Suspirei, aproximando-me dele sobre a mesa e falando baixo, evitando que mais pessoas pudessem ouvir. Mesmo falando em inglês, ali quase todo mundo entenderia.

— Liz… não tem volta. Não existe liberdade depois do que te aconteceu. Estamos monitorando sua rua, quem entra em sua casa, suas vindas para a faculdade. Se quer saber, até um carro blindado Louis cogitou em te dar, mas falei que você provavelmente devolveria o presente cheio de marteladas numa tentativa de testar a segurança. — O loiro sorriu de canto e eu me permiti rir pouco.

Merda! Eu não estava preparada para aquele encontro.

— Zola, o que Louis acha que está fazendo? Sério…

— Ele a quer de volta, pequeno minion. — Meu coração quase doeu quando ouvi o apelido. Eu não tinha noção que estava com tanta saudade de Zola, o que era insano. — E cada vez mais, dizer não só vai fazê-lo voltar com alguma proposta maior e mais tentadora. No caso, eu só estou aqui na sua frente porque precisamos discutir alguns termos. Você recebeu o último envelope?

— Meu livro…

— É, ele já tem as próximas tentativas engatilhadas, mas sendo honesto com você, coisa que você sabe que eu sempre vou tentar ser, você seria uma completa idiota se recusasse. — O loiro manteve os olhos nos meus e vendo meu silêncio, continuou. — Louis está propondo o lançamento do seu livro. Primeiro por todo os Estados Unidos... — Zola tirou um papel do paletó e desdobrou, abrindo o novo contrato em cima da mesa. — Leia.

Eu puxei o papel para mais perto, prestando atenção apenas nas letras destacadas.

Uma tiragem absurdamente alta dos meus livros em uma editora com nome famoso, uma bela porcentagem das vendas online e físicas, divulgação, turnê de lançamento, tardes de autógrafo, tradução do livro para outras línguas e distribuição internacional, caso as vendas atingissem determinada meta. Uau!

Minha boca ficou seca, minha cabeça girou e eu abaixei o papel, encarando Zola com a pergunta certeira na ponta da língua.

— Quais são as exigências dele? O que tanto ele quer em troca?

— Você. Em Nova Iorque, debaixo do teto dele.

Por um segundo fiquei quieta, absorvendo o que Zola havia dito, então meu corpo começou com uma reação inesperada: comecei a rir

absurdamente alto. Deitei a cabeça para trás e num ato de loucura, picotei o papel do contrato todinho.

— Eu tenho um belo recado para o seu chefe, se quiser pode tirar uma foto — falei quando parei de rir.

Mostrei os dois dedos do meio para Zola e ele revirou os olhos.

— Você está sendo burra.

— Eu estou sendo prudente, ou você se esqueceu que tomou um tiro da última vez e eu fiquei com o resto da merda? Não, não mesmo. Mande seu chefe enfiar todos os exemplares no cu, não quero nada dele. Só de falar seu nome a minha vontade é de vomitar.

Eu me levantei, pegando minhas coisas e enfiando debaixo do braço.

— Bom te ver, Zola. — Ia me virando quando ele me chamou.

— Elizabeth. — Ele segurou meu pulso, me fazendo parar. — Você sabe que é uma oportunidade de ouro, certo? Seja menos impulsiva, uma única vez na sua vida, e pense sobre isso. Se posso te dar uma única dica, sabendo que meu chefe pode arrancar minhas bolas por isso… é você quem dá as cartas dessa vez. Não seja idiota. — Zola estendeu um cartão para mim, com seu número anotado. — Me procure caso mude de ideia.

Eu apenas assenti, tentando gravar aquilo na mente antes de ir para a rua de baixo e me enfiar no primeiro táxi que vi passar. Não tinha condição nenhuma de ficar na faculdade sabendo que meu sonho estava sendo oferecido de bandeja e o preço era o que restava da minha dignidade. Louis não tinha o direito de brincar com os meus sonhos, com a minha vida. Por um segundo, encostada no banco de couro do carro, fechei os olhos e desejei não ser mais eu.

Assim que entrei em casa, fui até a mesa da cozinha e me larguei lá, aproveitando o completo silêncio. Respirei fundo, sentindo o cheiro de casa, me sentindo exposta mesmo no pequeno lugar onde eu deveria me sentir segura. Não havia lugar no mundo para mim. Não mais. Não duvidava que minha casa estivesse toda grampeada. Não duvidava da loucura obsessiva de Louis sobre mim e minha família. Graças aos meus dias ao lado dele, meus pais e qualquer pessoa que se envolvesse comigo eram alvos, e eu ali dentro era como uma bomba relógio prestes a explodir.

Quis chorar, quebrar tudo e depois deitar imóvel no chão enquanto o sentimento de ser um completo lixo não passasse. O quão podre a alma de Louis era para fazer aquilo? O quão mal ele me conhecia para uma proposta daquelas?

Não aceitaria ficar debaixo do mesmo teto que ele nem em um bilhão de anos, mesmo que minha vida dependesse daquilo. Morrer era uma opção muito mais agradável do que ter o diabo com as mãos sobre o meu coração. Só de pensar naquilo, sentia meus batimentos acelerarem absurdamente.

Eu rejeitaria o sentimento que havia se instalado com raízes profundas dentro do meu peito o máximo que pudesse. Não o aceitaria, não o deixaria crescer, e, se pudesse, colocaria-o para fora na primeira oportunidade.

Aquilo era tão errado de se sentir. Abracei os joelhos com os pés em cima da cadeira e fechei os olhos, não entendendo como meu coração ainda podia sentir algo próximo de amor mesmo com todo o ressentimento e mágoa que tinha por ele.

No final das contas, eu jamais seria dominada por Louis. Ele nunca seria capaz de me oferecer o que eu realmente precisava. Playboy idiota e burro. O que poderia curar minha alma não tinha valor e eu desconfiava que Louis não tivesse um para dar, afinal de contas, alguém como ele não tinha coração, eu sabia.

***

Deveria ter cochilado em cima da mesa em alguma hora do meu choro silencioso, pois acordei assustada assim que meu pai colocou a mão nas minhas costas.

— Voltou para casa mais cedo? — Ele tirou a mão de mim, largando o envelope pesado de mais cedo bem na minha frente. Foi em direção à pia, pegando o bule de café e voltando para a mesa.

— Voltei — respondi. — Você conhece a filha que tem. Não consegui pensar em mais nada além desse negócio. — Suspirei pesado, sentei direito na cadeira e finalmente tomei coragem de puxar todos os papéis de dentro do envelope, além do livro.

— Tomei a liberdade de recolher tudo isso lá do seu chiqueirinho. — Meu pai sorria enquanto colocava café em um copo para mim. — Queria entender o que anda acontecendo e nessas horas o *Google* pode fazer maravilhas.

— Santo *Google*. — Ri ao pensar que eu devia parar e jogar o nome de Louis por lá.

— Pois é. Você mandou esse livro quando? — Meu pai se serviu de café e ficou me encarando.

“E então, qual a mentira da vez, Elizabeth?”, perguntei-me.

— Não fui eu quem mandou. Foi um amigo. — Ok, uma mentira não tão grave.

— Hm… Bom amigo. Essa editora é grande, você devia ver os títulos que eles têm. Você tem livros deles lá em cima que eu vi.

— É, pai. — Tomei um gole do café quentinho e doce.

Eu não era a maior fã de café, mas amava quando ele era o laço entre as conversas com meu pai.

— Eu procurei sobre eles, sobre a proposta…

— A proposta está aqui? — Meu coração deu um pulo e eu comecei a procurar entre os papéis em cima da mesa até achar um exatamente igual ao que rasguei antes. Graças a Deus, não tinha nenhuma indicação do que aquilo custaria.

— Está, e sendo sincero, eu acho que você tirou a sorte grande. Você fala de mercado editorial desde seus quinze anos. Escuto dia sim, dia não, você falar e reclamar sobre como as coisas aqui dentro são ruins. Não era seu sonho um dia ir pra fora para então entrar aqui como autora internacional?

— Era… — Minha voz saiu falhada enquanto eu segurava o nó na garganta junto das lágrimas. Louis empacotou meu sonho com tudo o que havia de melhor nele e o sujou de maneira podre. Fechei os olhos, contendo as lágrimas.

— Você acha que consegue algo melhor em outro lugar?

— Não. — E era verdade. Apesar de tudo, aquilo era fora da realidade.

— Então, por que o choque? O que anda te travando?

Meu pai esperou pacientemente enquanto as lágrimas começavam a descer pelo meu rosto. O copo de café foi reposto duas vezes antes que eu conseguisse abrir a boca sem perder a voz, graças ao nó na goela.

— Eu só acho que tudo tem acontecido rápido demais — disse, sabendo que não ia conseguir parar antes de colocar para fora todos os meus medos, ainda que de forma figurada. — Não sei se aguento mais isso, pai. Não sei se tenho força para me jogar lá fora, sozinha, desprotegida. Não me sinto mais encaixando em lugar nenhum e tudo, absolutamente tudo, me deixa desconfiada. Tenho a sensação de que virando a esquina vou sofrer um acidente, ou algum de vocês vai se machucar, ou do nada, tudo o que temos

aqui vai sumir. Você, a mãe… Eu não sei se posso ficar longe de vocês, não sei se aguento passar por todo o processo de recuperação física e mental em um lugar onde não vou ter ninguém. Onde vou ser ainda mais sozinha.

Nesse ponto, o choro era constante e eu sentia meu pescoço molhado por não ter secado o rosto nenhuma vez.

Nós ficamos em silêncio por algum tempo e então ele falou, ainda encarando seu copo de café.

— Você sempre me questionou sobre eu ter orgulho de você. Acho que nunca te vi tão desesperada por algo na vida, sendo que tudo o que precisa saber é que só por existir, só por ser exatamente como é, eu tenho orgulho de você. Desde seus primeiros quatro meses insones, até a falta de filtro quando colocava eu e sua mãe em situações constrangedoras. Cada uma das pequenas coisas que compõem sua personalidade me faz te amar e ter orgulho da mulher que você está se tornando e saber que você tem medo me faz agradecer por ter uma filha tão incrível dentro da normalidade. — As palavras de meu pai me cortavam como flecha. Parecia que eu ia sufocar. — Filha, o fracasso está aí fora, batendo na porta de todo mundo e sabe lá Deus o motivo, mas agora a oportunidade de ser grande está aqui e ela também causa medo. Você sabe, eu não sou de ler, mas se você recebeu uma proposta dessa, mesmo que tenha outras coisas por trás, e nisso eu acho bom suas primas olharem o contrato, eu não acho que iriam apostar tão alto em alguém que não tivesse chance sozinha. Você tem medo por mim e por sua mãe, pelo fato de estar sozinha lá fora, mas olhe ao seu redor, olhe para trás. Sua vida já te preparou para enfrentar o pior e sair dele como alguém que renasce dentro de cada dificuldade que encontra. Essa casa é muito pequena para toda a intensidade e capacidade que você carrega. Eu apoio o que você decidir fazer, mas acredite, você precisa começar a enxergar o poder que tem nas mãos.

Meu peito estava apertado e eu engoli em seco quando meu pai se levantou, beijou minha testa e foi para a sala.

Segurando o choro, subi para o quarto e me larguei entre os lençóis.

Eu só queria não precisar escolher, só queria não sair perdendo. Era injusto ter meu orgulho jogado no mar quando eu ao menos nem tinha reconstruído meus muros.

***

Desliguei o celular assim que ele começou a tocar de maneira insistente. Não queria ter que abrir a boca ou ouvir o som da minha, ou de qualquer outra, voz. As palavras de Zola sobre eu dar as cartas eram muito parecidas com as do meu pai sobre eu enxergar o poder que tinha nas mãos. O que eu podia fazer com Louis?

Colocando tudo na balança, todos os acontecimentos, acho que lá atrás, no meio da minha oração na balada, Deus devia ter entendido algo muito errado por causa do som alto em volta. Será que ele me escutaria melhor dessa vez?

Aproveitei a madrugada e seu silêncio matador para tomar banho.

Arranquei as roupas enquanto me olhava no espelho, passando o dedo por cada uma das marcas que ainda resistia em minha pele. Encarei meu rosto no espelho, esperando que o reflexo fosse outro. Eu parecia mais velha? Será que ainda conseguia sorrir sem parecer falso? Tentei, sorrindo para mim mesma, me sentindo idiota. Esfreguei o rosto e passei as mãos pelos cabelos. Parecia que nunca me acostumaria com aquele comprimento. Nem mesmo um corte eu havia dado, parecia que a pouca vaidade que tinha havia ido embora junto dos fios cortados. Não podia continuar sentindo pena de mim mesma, desejando ter outra vida, desejando morrer. Aquela não era eu, mesmo que tudo o que trazia de bagagem pesasse tanto quanto uma âncora.

Entrei no chuveiro depois que o banheiro já estava cheio de vapor. Deitei-me no chão e me atrevi a abrir a boca para orar em voz alta na esperança de que a acústica do banheiro fizesse Deus me escutar perfeitamente.

— Senhor, não deixe o diabo ser dono da minha alma. Não deixe que eu me perca. Não me deixe cair em tentação. Amém.

Alguma hora eu me convenceria finalmente de que Deus era surdo.

***

— Filha? Temos visita. — Meu pai abriu a porta de manhã cedo. A claridade machucou meus olhos e coloquei a mão no rosto.

— Quem é? — reclamei.

— Surpresa, viado! — Abri os olhos com dificuldade, pois Isabela tinha acendido a luz bem na minha cara. Quando consegui enxergar e ver a

garota em um daqueles pijamas que eram praticamente uma fantasia de unicórnio, não deu para segurar o riso.

— Que merda você está fazendo aqui tão cedo? — Joguei uma almofada nela e cobri o rosto, sabendo que não ia poder levantar.

— Vou deixar vocês sozinhas. Isa, se precisar bater nela é só me chamar para segurar.

— Pode deixar, tio, eu vou resolver isso rapidinho.

Ouvi o papo por baixo da coberta e descobri o rosto quando meu pai já estava na porta.

— Então quer dizer que vocês dois estão de quadrilha armada? Deus me livre!

— Não reclame. Precisei ligar para ele já que a senhorita não me atendia e eu não sabia se ainda estava viva. Aproveitamos pra bater um papo. Levanta essa bunda logo para eu poder sentar. — Isa começou a me tocar da minha própria cama e eu levantei num pulo, sabendo que meu pai devia ter aberto a boca mais do que devia. — Você tem cinco minutos para ir ao banheiro. Vamos tomar café aqui. — Ela mostrou a bolsa cheia de comida. — E só vamos sair desse quarto depois de você estar cem por cento certa do que quer da vida.

Não eram nem dez da manhã e eu precisava decidir meu futuro. Devia existir uma regra contra isso.

Assim que lavei o rosto e escovei os dentes, o mundo pareceu um pouco mais claro e eu voltei desperta para o quarto. Isabella estava com o pacote do livro na mão enquanto tomava alguma coisa em um copo de café para viagem.

— Então o fofoqueiro te contou tudo. — Deitei na cama de novo, me apoiando no cotovelo e olhando minha amiga na poltrona.

— Contou. Você tem ideia do que tem na mão? — Ela nem mesmo levantou os olhos para mim.

— Uma puta proposta que parece até ter sido feita para eu não recusar.

— E como você tem uma mente brilhante e teimosa, ainda está considerando falar não. — Ela me olhou e colocou os papéis de lado. — Certo?

— Como você adivinhou? — Fui irônica e me sentei, encarando minha melhor amiga.

— Meu Deus, eu sabia que você era muitas coisas, mas burra é

novidade. — Ela me estendeu a mochila e eu peguei um dos saquinhos de padaria cheio de carolinas, um dos meus doces favoritos.

— Não é burrice… é só, sei lá… desconfiança. — E medo, e insegurança, e pavor…

— Ok. Como isso daqui rolou? Porque eu tenho CERTEZA de que não foi amigo nenhum seu.

— Certo… — Não tinha porque mentir para Isabella sobre aquilo. — Foi o gringo.

Assim que eu contei, ela deu um berro e tapou a boca com as mãos.

— VOCÊ TÁ DE BRINCADEIRA!

— Fala baixo, cacete! — briguei com minha amiga espantada.

— Meu Deus, Elizabeth! O cara deve ser muito rico, muito. Além do mais, ele deve estar superapaixonado por você para publicar seu livro e te levar pra perto. Meu Deus, isso até parece filme! — Ela parecia encantada com a situação.

— Alô, terra chamando o cérebro de Isabella pra cá. Volta pra terra, coloca o pé aqui. — Acenei na frente dela. — Ele está noivo, já deve ter até casado, se quer saber.

— E só por isso você vai recusar ter seu sonho realizado?

— Não, a condição disso tudo acontecer é eu viver sob o mesmo teto que ele. Imagina que lindo... Ele, a noiva e eu. A família feliz! — ironizei pesado e Isa revirou os olhos.

— Você é burra. Não vê que o cara está fazendo de tudo? E outra, se ele é tão rico, a gente descobre em dois segundos se já casou. — Ela pegou o celular e me encarou. — Qual o nome dele?

Isabella ia jogar o nome de Louis no *Google*, puta que pariu!

— Eu vejo por aqui, pera.

A menina pulou na cama bem ao meu lado, quase enfiando a cabeça entre o telefone em minha mão e eu.

Digitei com o cu na mão “Louis Luppolo” e esperei carregar.

Primeiro um bilhão de tabloides falando sobre o noivado. “Bilionário solteiro de Nova Iorque fica noivo”; “Louis Luppolo compra parte das ações de tal empresa”; “Luppolo sai na frente novamente e faz ações triplicarem”. Fiquei olhando sem entender. Louis já tinha dito que gostava de comprar empresas, reestruturar e consertar os números, e depois fazer dinheiro com elas, mas realmente não achei que fosse um segundo negócio tão sério quanto a máfia.

— Largue de ser besta, procure do jeito certo. — Isabella arrancou o celular da minha mão e digitou “Louis Luppolo se casou em” e por um segundo, mesmo eu não querendo admitir, meu coração desceu até o estômago na ansiedade de saber logo a resposta.

A ferramenta de pesquisa não acusou nada, nenhum indício.

— E se não teve cobertura da mídia? E se ele não é tão importante assim?

— Filha de Deus, como não? Tem revista de fofoca fazendo top 10 das mulheres famosas que ele já saiu! Óbvio que alguma coisa ia sair, nem que fosse uma nota na imprensa.

Por um segundo, o alívio tomou conta dos meus nervos e eu me repreendi mentalmente. Isso não era motivo.

— Mas continua noivo. Continua achando que pode me comprar.

— E você pode ser inteligente o bastante para manipular a situação. Negocie isso, Liz! É foda ter que lidar com ele? Deve ser, por isso que não gosto de homem. Piroca é só desgraça. Mas, porém, todavia, entretanto, você está apaixonada por esse homem, mesmo que magoada, mesmo que ele seja um idiota. Acontece que Deus está colocando na sua mão a chance de realizar seu sonho de um jeito que ninguém nunca imaginou, nem usando a maior quantidade de ácido permitida! Elizabeth, recusar isso sem tentar um meio termo é burrice. Você vai jogar fora a oportunidade de ouro da sua vida e vai se cobrar para sempre aquela bosta de “e se?”. Tem certeza de que quer ser uma velha amargurada? Deus me livre. Prefiro você rica, feliz e plena em Nova Iorque, me recebendo sempre que eu resolver viajar.

Não respondi Isabella, mas ela tinha razão.

Eu só não queria pensar na possibilidade de ficar perto de Louis de novo, não queria nem mesmo imaginar qual seria minha reação ao ver aqueles olhos castanhos, a boca fina, os caninos que eram sua marca.

Como eu podia resistir quando tudo me jogava contra o abismo?

Isabella passou o dia comigo, comendo doce, falando besteira e assistindo todos os nossos filmes favoritos. Se eu decidisse aceitar a proposta, aquela era uma das coisas que mais me faria falta.

Nós estávamos esperando a pizza chegar, sentadas na cozinha, rindo com meus pais porque Isabella já começava a fazer planos para a viagem de férias, dizendo que ia levar meus pais a Nova Ioque para me visitar, quando a campainha tocou.

— Ué, já é a pizza? — Isa questionou, admirada.

— Rápido, né? — concordei, vendo meu pai caminhar para fora, indo abrir o portão.

— Ah, não… Você não me disse que o mudinho vinha. — Isabella fez cara feia.

— Não comece, vamos manter as coisas na paz, por favor.

Ela bufou e deu de ombros.

— Boa noite. — Pedro cumprimentou todo mundo e veio me dar um abraço.

O clima ficou pesado na hora, mas minha mãe, em toda sua sabedoria, apareceu com seus assuntos fáceis e logo todo mundo relaxou.

— E vocês não imaginam como o inglês dessa criatura melhorou. — Isa engatou durante o jantar depois de uma crise de riso coletiva graças ao meu pai contar como foi me assistir falar inglês pela primeira vez com uma indiana de sotaque forte, falando “Hidratation” em ver de “Hydration”. — Não vai passar tanta vergonha em Nova Iorque quanto eu passei. O sotaque deles é esquisito e eles falam muito rápido. Imagina quando você estiver lá! — Isabella provocou e eu olhei atravessado para minha melhor amiga.

— Como assim, Nova Iorque? — Pedro abriu a boca pela segunda vez na noite.

— Liz vai embora. — Isa se meteu. — Recebeu uma proposta irrecusável e vai finalmente viver o intercâmbio junto do sonho dos livros! Incrível, não?

Ela olhou para mim, indicando a cara de Pedro e só então eu o encarei.

Pedro parecia com problemas para digerir a notícia mentirosa. Eu não tinha decidido nada, nem sabia se poderia negociar alguma coisa, mas foi triste ver a reação do garoto.

Meu pai embalou outro assunto com minha mãe assim que viu o clima pesando e o jantar continuou. Pedro parou de comer e me encarou o restante do tempo que ficamos à mesa.

Assim que o jantar acabou e o silêncio tomou conta enquanto minha mãe passava café com meu pai na cozinha, Pedro segurou meu braço por cima da mesa e me pediu em um tom muito controlado:

— Nós podemos conversar?

Puta que pariu.

— Pode ser. — Tentei parecer indiferente.

— Isso, vão lá pra cima que vou terminar de tirar a mesa. — Isabella

parecia querer ver o circo pegar fogo.

Subi as escadas com Pedro bem atrás de mim, e assim que entramos em meu quarto, o menino pareceu desmoronar.

— Você vai mesmo embora? Como assim?

— Recebi uma proposta. Não sei direito ainda porque as coisas estão muito rápidas, mas é… Basicamente, meu livro foi traduzido e eu ganhei a publicação. — Eu não queria dar mais explicações.

— Você não pode aceitar! Olhe tudo o que aconteceu com você. — Ele andou pelo quarto e eu parei para observar. Aquilo despertou algo dentro de mim muito parecido com fúria.

— Eu estou olhando, Pedro. Tenho uma oportunidade de ouro na mão e preciso ser inteligente o bastante para não deixar ela passar.

— Se você for embora, seus pais vão ficar sozinhos. Como você vai deixar seu pai doente e sem dinheiro aqui? E a faculdade? E... e todo o resto? — Ele se atrapalhou no final, mas eu sabia exatamente o que ele queria perguntar. *E nós?*

— Dinheiro não é mais um problema, você ouviu sobre isso, caso tenha esquecido. Minha faculdade eu tranco, faço ano que vem, daqui cinco anos… não sei. O que eu tenho na mão vale muito mais do que todo o resto, você não acha? Ou você só consegue se lembrar das coisas ruins? Não se lembra de quantas vezes eu falei que sonhava com algo do tipo? Do quão louco e irreal isso parece e no final das contas, está acontecendo comigo? — Tentei controlar a mágoa que crescia no meu peito ao ver que a pessoa que eu mais empurrei, carreguei e fiz crescer não queria me apoiar por puro egoísmo.

— Liz… Você pode tentar por aqui. Se uma editora grande de fora te aceita assim, imagina o que não fariam por você aqui dentro? Você não precisa ir embora.

— Mas e se eu quiser ir? — Meu tom não foi mais tão controlado. — E se isso for exatamente o que eu preciso? Recomeçar em outro lugar, do zero. Sendo eu mesma ou qualquer outra coisa que eu tenha vontade? E se, no final das contas, isso for a martelada decisiva para que eu siga em frente e você também?

— Não fale isso! — Pedro se jogou no chão, agarrando minhas pernas e me assustando.

— Pedro, levanta! Anda! LEVANTA! — eu gritei. — Você não pode ser tão egoísta a ponto de querer podar meus sonhos só para me manter perto.

Puta que pariu! — Soltei os braços dele das minhas coxas e me afastei, tentando segurar a respiração e manter a calma antes de socar a parede.

— Eu não sei o que vou fazer sem você — ele disse baixo, quase como um pensamento solto.

— Sabe, sabe sim! Vai procurar uma das garotas que você tinha a foto salva no seu computador. Vai sair com alguém que seus amigos apoiem e aproveitar que não vai passar vergonha pelo fato de zoarem vocês na mesa de bar só por ela ser gorda. Pedro, eu estou cansada de sentir pena de você, de mim, dessa merda que se transformou nosso namoro. Eu não aguento, não suporto mais — falei alto, em tom firme e não tão educado. — Então se você não tem nada de bom pra falar, nenhuma palavra de conforto ou de apoio, pode ir embora agora. — Abri a porta do quarto e encarei o garoto ali.

— Você não pode estar falando sério.

— Nunca falei tão sério em toda minha vida. Você vai sair sozinho ou precisa de ajuda? — Coloquei as mãos na cintura, sem paciência nenhuma. A cena não me comovia, apenas me dava asco.

Pedro levantou como se tivesse tomado um soco na cara, passou por mim sem parar e saiu. Bati a porta do quarto com toda a força que tinha e fui até minha bolsa.

Se eu precisava de um impulso, era aquele.

— Hey, vara de cutucar estrela, podemos negociar? — Zola riu do outro lado da linha.

— Não pensei que ia me ligar tão cedo — ele provocou.

— Não me faça me arrepender e desligar. Podemos discutir os termos do negócio? — Queria aproveitar a coragem que esquentava o peito.

— Onde quer se encontrar? Posso passar em sua casa e te pegar.

Reconsiderei todas as coisas até ali. Queria meus pais participando da parte real daquilo e não queria sair, ser exposta ao lado de alguém da máfia, mesmo que aquele alguém fosse Zola.

— Que tal você entrar? Está preparado para conhecer meus pais?

— Seria melhor do que tomar outro tiro. Considerando sua sorte, isso é capaz de acontecer.

— Então te espero amanhã. Faça o favor de tomar banho e escovar os dentes, nós brasileiros gostamos de boa higiene — tentei brincar.

— E nós americanos gostamos de pontualidade — Zola devolveu e eu agradeci por ainda termos aquela amizade bizarra. — Estarei aí às nove. Separe seus documentos… E Liz — ele chamou com a voz baixa. — Eu

realmente sinto muito pelo jeito que tudo aconteceu.

— Eu também. Te vejo amanhã.

— Te vejo amanhã.

Assim que desliguei o celular, larguei-o em cima da cama. Meus dedos queimavam e a estranha sensação de felicidade formigou pelo meu peito.

Já que eu ia para a guerra, vestiria minha armadura.

***

Oito da manhã eu já estava de pé, meu pai já havia saído para ir até a padaria, feliz da vida por ver que eu estava escolhendo o que ele achava certo, enquanto minha mãe cantarolava *We Only Just Begun* na cozinha, fazendo os pelos do meu braço arrepiarem ao lembrar a última vez que tinha ouvido aquela música.

— Mãe, você até agora não falou nada. O que está achando de tudo isso?

— Eu estou feliz, filha. — Ela me olhou pelo canto do olho. — Mas e seu coração? Esse é o certo? É o que você quer?

— Olha… — Respirei fundo. — É tudo o que eu mais quero na vida.

— E o preço é algo que você vai aguentar pagar? Você sempre quis ir para longe, sempre pensou em ir embora… algo mudou?

Pensando nisso, não. Nada havia mudado. A vontade de ir viver em outro país, outra cultura, outra língua… Aquilo era tão certo para mim quanto o ar que eu respirava. Ia acontecer.

— Não. Meu coração ainda quer isso e o combo das duas coisas fazem com que eu apenas espere a próxima desgraça — falei a verdade.

— Elizabeth… Você precisa parar de pensar no lado ruim das coisas. Essa não é a hora de ser pessimista, certo? — Ela parou, me encarando com seus olhos cor de mel cheio de pintinhas verdes. A mão na cintura, o tom sempre carinhoso. — Feche seus olhos, agora. — Ela colocou as mãos sobre as minhas pálpebras, me forçando. — Agora pense em você e em todos os lugares que você vive vendo em vídeos, pense em você sorrindo, feliz. Pense

no seu livro, em você dando autógrafos até a mão doer. Pense em tudo o que seu coração sempre quis e no que ele mais quer agora.

E enquanto minha mãe falava, o par de olhos castanhos surgiu entre as cenas felizes e eu me afastei por um segundo.

— É, acho que nem sempre posso confiar no meu coração. — Tentei sorrir, mas minha mãe não comprou minha tentativa.

— Ele sempre estará certo. Sempre. — Ela ficou na pontinha dos pés e beijou meus olhos. — Por que a mãe beija os olhos?

— Para eu nunca esquecer. — Abracei minha mãe, tão pequena e frágil. — Eu te amo.

— Eu mais. Sempre mais.

— Posso saber o que está acontecendo aqui que eu não estou envolvido entre as mulheres da minha vida? — Meu pai entrou pela porta bem na hora e fez meu coração doer. Será que eu aguentaria a saudade?

Exatamente às oito e cinquenta e quatro, Zola tocou a campainha. Eu já havia roído todas as minhas unhas e dei um pulo quando o som estridente soou alto.

— Eu atendo! — Tentei não correr em direção ao portão e respirei fundo antes de virar a chave.

— Bom dia, pequeno minion. — Zola bateu a mão aberta com pouca força na minha cabeça, como se faz com um cachorro, e eu sorri, afastando-o de mim.

— Meus pais não falam um A de inglês, então se comporte para eles acharem você legal apenas por sua cara de inocente. — Botei o loiro para dentro e tranquei o portão.

— Impossível não gostarem desse sorriso. — Zola colocou a mão no queixo como se fosse modelo e eu o soquei no ombro, rindo enquanto ele me seguia para dentro. A verdade era que de barba ele parecia muito mais velho, quase um homem formado.

— Mãe, pai, esse é Zola, representante da editora. — Mentira número um do dia, um ótimo acompanhamento para pão francês e café quente.

— Zola, esses são meus pais — falei em inglês, enquanto assistia o loiro pegar na mão de ambos antes de se sentar à mesa da cozinha.

Aquela era uma cena que nunca, nem em um bilhão de anos, eu teria imaginado.

— Bom, já que nós não vamos entender nada, fiquem à vontade e qualquer coisa chame. — Meu pai sorria daquele jeito fofinho dele para Zola

e puxou minha mãe para a sala, tentando dar um pouco de privacidade para nós dois na cozinha.

— Seus pais são legais. — Zola ficou olhando enquanto eles se afastavam.

— Os melhores do mundo, juro. — Segui o olhar do loiro e logo voltei a encará-lo, lembrando o que aquilo envolvia. — É por isso que uma das condições de eu ir embora é proteção ininterrupta para os dois. Se algo acontecer com eles, eu mato vocês. — Meu tom era sério e Zola não riu disso, apenas concordou com a cabeça.

— Isso é totalmente aceitável.

— Mas não é só isso…

— Desconfiei desde o começo. — Ele sorriu de canto e tirou papel e caneta de dentro do paletó. — Vamos a lista de exigências e argumentos. Você sabe que Louis vai pirar quando eu disser que você não vai se dobrar.

— Se ele ficar surpreso é porque não faz ideia de quem eu sou. E já pode começar a anotar, o segundo item da lista é que eu não vou ficar no mesmo ambiente que ele de forma alguma. Esqueça morar na mesma casa, esqueça ele perto de mim. — Zola riu, balançando a cabeça em negativa enquanto anotava. — Outra, Louis quer me pagar muito mais do que eu mereço. Eu quero receber pelo meu trabalho, pela qualidade do que produzo, não por uma farsa. Se meu livro for um fracasso, nós romperemos o contrato e eu voltarei para o Brasil no primeiro voo. — Dessa vez não houve risadinha.

— Respeito isso — ele endossou.

— Bom mesmo. Sinal que você é o único a ter um pouco de caráter nessa merda de máfia e por isso mesmo, se eu tiver que ter uma babá vinte e quatro horas por dia, vai ser você.

Zola parou de escrever e me encarou.

— Está falando sério? — O sorriso de canto era quase desconfiado.

— Pareço estar brincando? Eu sei que você deve adorar mexer com coisas ilícitas e tudo mais — provoquei–o —, mas nenhum dos outros desafiou o chefe só por minha causa. Não quero uma merda de lacaio ao meu lado contando para Louis quantas vezes eu respirei, comi ou caguei. Preciso de alguém que jogue no meu time também.

— Você confia mesmo em mim? — Zola perguntou, sentando-se virado totalmente de frente para mim.

— Confio — admiti.

— Nós fazemos uma boa dupla. Agora me deixe comer algo antes de ligar para Louis. Não é indicado mexer com o demônio quando se está despreparado.

— Nem me fale! — Levantei sorrindo, ajeitando as coisas na mesa para tomar café da manhã ao lado do soldado mafioso.

Assim que Zola devorou três pães, vários pães de queijo e experimentou língua de sogra dizendo não ter gostado, mas comendo metade do doce, ele finalmente pegou o celular.

— Então… Você quer ouvir? Você pode fazer mímica no que não concordar. — A sugestão era boa, mas será que estava pronta para ouvir a voz dele de novo? Eu precisava me acostumar. Balancei a cabeça em afirmativa depois de um tempo pensando.

— Não diga que estou ouvindo.

— Não se espante com o humor dele. Desde que tudo aconteceu, Louis parece ainda mais intolerante.

— Não ligo. — Segunda mentira do dia. Dei de ombros e observei.

Zola discou o número e colocou no viva voz, deixou o celular em cima da mesa e apoiou os cotovelos enquanto passava a mão pelo cabelo.

— Agliardi, é bom ter algo que preste. — Assim que ouvi a voz dele, meus olhos se encheram d'água. Continuava forte, meio rouca e totalmente autoritária. Louis ainda era o chefe impiedoso.

— Eu tenho, senhor. — Zola não me olhava. — Na verdade, eu tenho uma lista. Elizabeth quer negociar.

— *Cazzo!* Garota teimosa. O que tanto ela quer?

— Escute primeiro e então considere. Acho que depois de tanta coisa, ela aceitar já é um milagre. — Zola era um santo.

— Quem decide isso sou eu. Fale logo.

— Para começar, ela quer proteção aos pais e também disse que o acordo é abusivo na hora do pagamento… — Pude ouvir um riso rouco do outro lado e só então percebi que tinha afundado as unhas na palma da mão. — Ela pede que eu seja seu segurança e, por último, Elizabeth não quer nenhum contato com o senhor. Ela se recusa ficar sob o mesmo teto que o senhor, segundo palavras dela.

— Fora de questão! — Zola me olhou fazendo careta quando o chefe gritou do outro lado da linha. — Essa filha da puta come o meu juízo! — Quase ri, imaginando a cena dele puto comigo.

— Senhor... Ela disse que é pegar ou largar.

— Eu não me importo de dar segurança à família dela, nem de pagar menos se isso a faz feliz. Você que se resolva com Giovanna quando voltar, ela não vai abrir mão de você assim tão fácil, mas estou começando a ficar farto da sua intimidade com Elizabeth. Se ela quiser mesmo você como segurança e não ficar sob o meu teto, vai precisar aceitar meus convites para sair. — O tom era de desafio, como se ele quisesse me testar.

— Ah, beija minha bunda! — falei alto e tapei a boca logo em seguida. Zola me repreendeu com o olhar, como se eu tivesse feito uma cagada das grandes.

— Elizabeth?! Mas que merda é… — Antes de ele terminar de falar, eu desliguei a ligação e encarei Zola, envergonhada.

— Você acabou de foder meu rabo.

— Pense pelo lado positivo, o sexo com Louis compensa.

O loiro não riu.

Louis ligou mais duas vezes antes de Zola atender. Dessa vez o garoto não colocou no viva voz e eu não pude ouvir nada, apenas os gritos de Louis do outro lado que se sobressaiam mesmo que o telefone não estivesse perto de mim; repreendi-me por não saber calar a boca.

Depois de algum tempo, Zola colocou o celular fora do ouvido e me chamou.

— Elizabeth, o acordo dele é certeiro, pegar ou largar?

Respirei fundo e fechei os olhos. O que meu coração dizia? Eu queria viver meu sonho, queria muito que tudo desse certo e ouvir a voz de Louis me mostrou o quanto eu ainda não estava preparada para encarar o homem.

— Não vou sair com ele, obrigada. Vou quando e se quiser — falei de olhos fechados, sentindo a tensão crescer sobre os meus ombros.

Não era segredo nenhum no final do dia a quem minha alma pertencia. Eu só era boba por achar que havia algum modo de fugir.

— Ela aceita. — Foi tudo o que ouvi Zola dizer ao telefone antes de ter noção de que minha vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO 7

Louis Luppolo

Era difícil conter a avalanche de coisas que sentia. Era apenas uma grande massa de coisas misturadas e me apeguei as que eu conhecia. Raiva era a maior delas, mas meu controle não permitia colocar nada para fora ali ao lado de Lorenzo.

— Estamos perto — ele me avisou quando o silêncio pareceu incomodar. — Tenho um pequeno controle sobre o cassino daqui. Nada grande, apenas fachada e um bom ponto de encontro.

O homem estacionou em frente a uma pequena construção no meio do nada. O estacionamento estava quase deserto por conta da hora, mas o lugar estava aberto. Desci do carro e entrei ao lado de Lorenzo. O lugar era claro e organizado, nada parecido com os inferninhos ilegais da Família, mas eu sabia que Lorenzo não seria como Francesco. O homem não era o maior fã de prostituição.

Vi Ferioli cumprimentar algumas pessoas de longe e o segui para o fundo do salão. Entramos por uma porta lateral e descemos dezessete degraus.

— Belo depósito. — Fui ácido no tom, observando o lugar sujo e cheio de caixas.

Lorenzo me ignorou e afastou um armário verde escuro da parede. Olhei para o buraco que estava ali atrás e passei a língua pelos lábios ao ver os olhares curiosos vindos de lá de dentro.

— O que é isso?

— Dê oi para o time de nerds — Lorenzo disse, orgulhoso do seu trabalho.

Depois de me apresentar cada um dos seus pequenos tesouros, Lorenzo sentou comigo em um pequeno sofá, e uma garçonete acabada nos trouxe alguns petiscos.

— Essa é a hora que você me explica o que é isso? — perguntei,

observando os garotos trabalhando em seus computadores.

— Você sempre demonstrou gostar de números… E se eu te contar que descobri que uma teoria matemática, que há muito era desacreditada, é real? — Ferioli não tinha o ar de egocentrismo que eu encontrava no restante dos meus homens.

— E qual é essa teoria?

— Vamos chamá-la de projeto X, por aqui. Você conhece um pouco de sistemas, não? Algoritmos… Bom, eu tive problema com um matemático bêbado que perdeu demais no cassino. Eu precisei cobrar a dívida e como ele não tinha nem um centavo para me dar, começou a abrir a boca sobre seu projeto de vida. O homem de fato é um gênio incompreendido, trabalha há quatro anos nisso e provavelmente, depois que ele finalizar o projeto, vou matá-lo. Mas, de fato, ele foi capaz de desenvolver a conta muito mais longe do que qualquer um antes.

— Qual é o ponto? O que um matemático falido e bêbado descobriu?

— Nós temos quase em mãos a chave mestra dos sistemas. — Lorenzo estava orgulhoso de sua descoberta, deu um longo gole em seu refrigerante e soltou um belo arroto antes de concluir. — Esse velho, que poderia estar na vala agora mesmo, está quase dando na nossa mão o passe livre para controlar o mundo. Sabe o sistema russo que seu casamento vai dar para nós? Besteira, ultrapassado. Sabe sua ideia de expandir os negócios? Será feito na metade do tempo. Isso não vai colocar apenas o dinheiro em nosso bolso, Louis, vai controlar qualquer um que nós quisermos.

— Nós? Está me oferecendo isso de graça? — perguntei desconfiado.

— Ainda não está pronto, mas vai ficar, é uma certeza. E eu não quero nada além de uma vida melhor e segura para a minha família. Eu te devo, Louis. Muito mais do que você imagina. Delfina foi uma decisão arriscada, mas ao mesmo tempo salvou minha vida, me trouxe uma parcela de inimigos, inclusive Lazzarin. Até hoje ele não se conforma de eu ter roubado sua mercadoria. — O tom era amargo. — Era assim que ele a via. De qualquer forma, eu quero viver em paz com a minha família e a garantia que terei sua amizade até o fim da vida.

— Com esse programa em mãos, você não vai precisar da minha amizade, Lorenzo.

— Nunca discordei das suas decisões na liderança da Mão Negra. Nem mesmo a última. Eu faria pior pela minha mulher.

— Eu não fiz isso por causa de Elizabeth.

— Pelo que sua noiva apresentou ao conselho, nem todos pensam assim. O rosto de Natasha ainda carregava a marca que você causou. De qualquer forma, estou oferecendo a oportunidade de se livrar de um casamento que você claramente não quer. Pense com cuidado sobre isso.

Era poder demais, oferecido de bandeja. Nada naquele mundo era de graça, mas a proposta de Lorenzo não era uma surpresa. Sua honra era herança familiar e eu sabia que ele não estava mentindo.

— É uma certeza que vocês vão desenvolver isso? — perguntei, pegando o celular que vibrava em meu bolso.

— Estamos no caminho — Lorenzo afirmou.

— Então é bom voltarmos para sua casa. Kira acaba de avisar que Bartolo e Marchiori Gabiatti estão vindo.

— Não é uma surpresa… — Meu novo amigo sorria como se já soubesse. — Eles não querem ficar contra o lado vencedor.

Estávamos sentados na sala de leitura. Kira estava ao meu lado com o computador no colo, olhando seus e-mails. Lorenzo mais afastado também trabalhava e Delfina tinha meu afilhado dormindo em seus braços enquanto tentava ler algum romance desconhecido.

Por algum tempo contei a quantidade de livros no local, mas quando estava no número duzentos e nove, o mordomo interrompeu, entrando pela sala e anunciando:

— Queiram desculpar o incômodo, mas os irmãos Gabiatti aguardam lá embaixo.

— Trate de levá-los ao escritório e certifique-se de acomodar sua bagagem. — Lorenzo olhou para mim, sorrindo de canto, e disse. — Pronto para fazer mais amigos?

— Se tiverem algo tão bom quanto você para me oferecer, talvez eles conquistem.

Assim que coloquei os olhos nos irmãos, percebi há quanto tempo não os via.

Bartolo e Marchiori não eram tão novos, mas ainda assim estavam em forma. Os irmãos loiros compartilhavam o ar de superioridade e arrogância causado pelo costume do poder. Ambos tinham muitos contatos dentro da política e da polícia, e aquilo era tão perigoso quanto uma bomba. Quando um homem está tão acostumado a tanto poder, ele fica descuidado. Acreditava que aquele não era o meu caso, mas era óbvia a postura dos irmãos afetada por tal vaidade. Acreditava também que o tráfico de mulheres

os havia colocado em posição de desprezo sobre o sexo feminino. Nenhum deles era casado e eu sabia que não tinham interesse nisso. No final das contas, seria triste ver aquele Império construído cair nas mãos de algum bastardo.

Não podia permitir isso, mas não gastaria miolos àquela hora com aquilo.

Assim que os irmãos me viram, levantaram-se em demonstração de respeito. Me cumprimentaram com dois beijos nas faces e se sentaram um próximo ao outro. Assumi a cadeira de Lorenzo, não por desrespeito, mas por questão de estarmos em uma reunião onde dentro da máfia o lugar de poder me era direito.

— Don Luppolo, achei que não fosse mais voltar. Nos contaram do carregamento que Felippo Lazzarin trouxe do Brasil. Vinte mulheres para o novo inferninho de Luca — Bartolo falou, abrindo os botões de seu terno e ficando mais confortável. Seu tom não era debochado, mas havia algum desconforto. Os olhos de Marchiori me analisavam minuciosamente e eu o conhecia bem o bastante para saber que ele era a mente perigosa por trás do irmão atrevido.

— Voltei. Confesso que não da forma que gostaria, mas voltei. As mulheres que trouxe, vieram por vontade própria. Não precisei obrigar ninguém e estava em dívida com Luca sobre isso.

— Em dívida com Luca?

— Não creio que isso seja algo para ser discutido aqui. Afinal de contas, não é algo do interesse de vocês. Não é novidade que minha família também trabalha com esse negócio — cortei rápido o assunto. Luca queria me dar um belo chute no traseiro por ter estragado algumas das suas mulheres em algumas noites insanas.

— Não, não, não. Não pense que estamos vendo competição. Só estamos pensando em expandir o nosso negócio. A maioria das latinas que trazemos são mexicanas, colombianas, uma ou outra Argentina, mas a julgar a quantidade de mulheres que trouxe e o que você fez por causa de uma brasileira, estou inclinado a descobrir o porquê. — Lá estavam as garras de fora. Ponderei antes de responder, respirando fundo enquanto juntava as mãos sobre a boca e contava até cinco.

— Acredito que um de vocês tenha sido chamado para representar a parte que lhes cabe no conselho. Imagino também que ver Natasha em posição de noiva traída pedindo pela cabeça de uma outra mulher, que na

interpretação de vocês, me fez começar uma guerra com os mexicanos, tenha sido uma tentação. Fico imaginando os questionamentos que se passaram em suas mentes. Será que Louis está louco? Será que perdeu o pouco juízo que tinha? Acreditem, tudo o que fiz foi em resposta à provocação direta a essa Família. A mulher com quem me envolvi no Brasil é inteiramente inocente nos assuntos da máfia, e preciso contar com vocês para descobrir se a filha de Arturo não está entre elas. Mesmo duvidando disso, preciso encontrá-la.

Bartolo sorriu para o irmão rapidamente, de forma tão sutil que eu duvidei se aquilo era um sorriso.

— Se essa garota estivesse entre nós, pode ter certeza que já teríamos entregado. Conheci Miranda há dois anos, quando precisei ir até a casa de Arturo. A garota seria um belo investimento para os meus negócios, mas como mercadoria e não como um casamento como seu pai queria. — Eu quase ri.

— Parece que seu pai estava desesperado para conseguir um casamento com qualquer homem nosso. — O tom da conversa foi relaxando.

— De qualquer forma, casamento não interessa por enquanto, a não ser que você tenha planos diferentes, Don.

— Significa muito para mim, Bartolo. Como vai o poder dentro do senado?

— As eleições estão chegando, alguns dos nossos homens terão que ser substituídos, mas acreditamos que dessa vez influenciaremos diretamente nas escolhas dos candidatos. Será uma tristeza quando a era Obama acabar.

— Mas considerando todos os ataques que aconteceram nos últimos tempos, nós precisamos de um conservador para impedir que o México avance ainda mais sobre o nosso território, isso será essencial nos próximos anos.

— Não acreditaria se nós disséssemos, mas existem candidatos com propostas prontas para evitar esse tipo de coisa.

— É mesmo? Me dê um exemplo.

— A construção de um muro nas fronteiras. — Marchiori abriu a boca pela primeira vez.

— Isso seria divertido de ver. — Olhei por um segundo para Lorenzo. — Ainda mais quando seremos nós a comandar tudo. Acredito que isso mereça um brinde.

A conversa rendeu até tarde, mas saí daquela sala muito tranquilo sobre a fidelidade de Lorenzo e dos irmãos Gabiatti.

Lorenzo Ferioli estava desenvolvendo a maior arma virtual já vista, mas não tinha a paciência, ou a vontade — ou ganância — de se arriscar o bastante para tentar me substituir. Os Gabiatti não tinham linhagem, nem mesmo foram uma ameaça anos atrás quando eu tomei o cargo.

Apesar do meu instinto ainda ser de desconfiança, sabia que com aqueles homens, caso algo desse errado, poderia resolver facilmente.

***

Logo que terminei a reunião, sabendo que aquilo que o Lorenzo me oferecia era muito mais do que eu havia dado, peguei meu telefone para falar com Zola. Sem esperar, liguei para o soldado.

— Como foi com a garota? — Elizabeth finalmente tinha entendido que não havia como fugir.

— Liz aceitou os termos, senhor. Ela ainda insiste em não querer contato, mas já conversei com Giovanna hoje. O *four seasons* será um bom lugar para recebê-la, mas quanto à viagem, seria bom o enhor garantir o visto. A falta de vínculos com o Brasil talvez dificulte este processo.

— Não se preocupe quanto a isso. Hoje à noite eu já consigo resolver. Certifique-se de que a garota vai se despedindo de todos, não quero que ela tenha *homesick*. Perder Elizabeth apenas por saudade de casa não seria algo bom e, levando em conta a relação que ela tem com os pais, isso seria bem capaz.

— Farei de tudo para que a despedida dela seja o mais marcante possível, senhor. Mas se me permite dizer, será uma missão e tanto fazer você e Elizabeth funcionarem de novo.

— Deixe isso comigo. Assim que tiver os documentos que você precisa para tratar da vinda dela, entro em contato. *Buonasera.*

— *Buonasera*, Don.

Zola era um bom soldado. Suportava minha irmã como ninguém e eu sabia reconhecer, havia algum sentimento ali, mas Zola era esperto o suficiente para não deixar algo além da fraternidade nascer. Era melhor assim. Mulheres como Giovanna não eram feitas para simples soldados como Zola e com o noivado que eu planejava para ela, esse era um assunto resolvido. Felippo não ficaria perto da minha irmã por muito mais tempo.

— Louis… — Kira entrou no meu quarto e se aproximou enquanto eu dava uma olhada nos e-mails. — Filippo está tentando falar com você há horas.

— Qual é o problema? — Nem mesmo tirei meus olhos da tela.

— Ele sabe que você está aqui e que a próxima parada será na casa dos pais dele. Felippo quer marcar uma reunião entre você, ele e Matteo. Existem coisas que vocês precisam decidir e acertar.

— Como o quê? Felippo tem me tirado do sério. — Finalmente ergui os olhos para ver Kira com as mãos na cintura e uma expressão nada serena no rosto.

— Eu também questionaria seu juízo. Se você não se importa que eu o lembre, você tacou gasolina e acendeu o fósforo sobre essa situação. Literalmente.

— Apenas adiantei o inevitável. — Quando eles iam entender que o que eu fiz foi apenas uma resposta? O que eu deveria ter feito? Seria melhor ter deixado Arturo fazer tudo o que fez só por achar que eu estava com a filha dele e ignorar o fato de que ele me desafiava? O homem havia procurado uma reação, eu havia dado. Era uma lei universal, não?

— Seja como for, está marcado. Amanhã partiremos cedo para o Texas. Seu irmão não poderá ir, mas propôs uma videoconferência na parte da tarde.

— Que seja. — Dei de ombros. — Mais algum recado?

— Giovanna. Ligue para ela. Ela ainda quer saber quanto você vai pagar por seus serviços e quer saber sobre quanto você vai liberar para que ela gaste em sua festa de aniversário. — O tom de Kira era divertido, o riso fraco em sua voz entregava.

Suspirei antes de responder, pensando o que socialmente aquela festa representaria. Elizabeth já estaria em solo americano.

— Que merda você e Giovanna estão aprontando? Fale para ela que ando muito ocupado e ligo para ela amanhã. — Seria um belo exercício reunir toda minha paciência para lidar com o espírito festivo de Giovanna. — O jantar será servido daqui a pouco. — Fiz a observação olhando para meu relógio de pulso. — Vamos descer. Preciso de um favor dos Gabiatti.

— Ótima entrada antes do jantar. — Kira tentou brincar, mas eu nem mesmo sorri.

Dentro da minha cabeça, tudo era milimetricamente perfeito, mesmo que para todos parecesse uma bagunça.

Naquela noite, deitei na cama confortável e encarei o teto, batendo os dentes em uma contagem lenta.

Um: Giovanna seria o elo de uma aliança sólida com Alek.

Dois: em breve, talvez eu tivesse o programa mais perigoso do mundo em meu poder e teria qualquer sistema, em qualquer parte do mundo, na palma das minhas mãos.

Três: já tinha garantido ao meu lado a parte política mais importante do negócio graças aos irmãos e, graças a sua família de comercial de margarina, Lorenzo era fiel.

Quatro: a expansão dos negócios no mercado ia tão bem que era inacreditável a quantidade de dinheiro lícito que eu estava conseguindo acumular. Junto da lavagem do dinheiro que não deveria existir, não me surpreenderia receber uma ligação em breve da Forbes querendo uma exclusiva. Gostaria de ver a cara de *mio Nonno* ao ver no que eu tinha transformado a Família. Era questão de tempo até a *Dark Hand* dominar as outras Famílias que ainda tentavam sobreviver nos Estados Unidos. Nem todos eram tão bons com números para se esconder da fiscalização como nós.

Cinco: Elizabeth estaria sob meu domínio.

Lembrar daquilo me fez sorrir.

Quanto tempo será que levaria até eu conseguir trazer a garota novamente para o meu lado? Por um segundo, a mulher de cabelos ruivos passou por minha mente e eu travei o maxilar, atrapalhando minha contagem. Só valeria desfazer aquele noivado caso conseguisse o maldito programa de Lorenzo. Seria um tiro no pé dispensar tudo o que a garota me oferecia antes de ter certeza do poder que teria. Não. Eu não seria precipitado.

Fechei os olhos, tentando relaxar o corpo e a mente do treino noturno com Lorenzo, sabendo que no dia seguinte meu peito estaria cheio de hematomas graças aos socos certeiros que o gigante havia desferido sobre mim. Vi o rosto de Lizzie adormecido em minha mente e meu exercício favorito começou. Tentei contar todas as sardas dela e quando me dei conta, o sono havia me dominado.

Acordar cedo não foi um problema, pegar o voo para o Texas também não, ainda mais quando eu tinha como companhia as gravações das câmeras espalhadas pela casa de Elizabeth. Assistir a garota em sua pequena rotina, imaginando o quão assustador poderia ser para ela a mudança que eu oferecia, me deixava realmente empolgado. Seria um exercício e tanto para o meu controle tê-la tão próxima.

— Está bem, senhor? — Henry perguntou ao me ver distraído.

— Estou. Converse com Kira quando ela acordar, reservaremos um quarto para Elizabeth no *Four Seasons*. Só por desencargo, o quarto da frente ficará com Zola e os dos lados desocupados. Não a quero correndo ainda mais riscos.

— Sem problemas. A segurança dela não será algo difícil em nossa cidade.

— Mesmo assim, quero câmeras em todos os cantos do quarto. Elizabeth não anda mentalmente saudável... Pode ser um risco para si mesma — ponderei, por ver como ela mudava quando estava sozinha. Ela podia segurar a máscara com os outros, mas será que se manteria daquela forma comigo? Gostaria de ver.

Assim que o pequeno avião pousou, entrei no carro que nos esperava com Kira sonolenta logo atrás de mim e Henry em nossas costas.

— Odeio esse ar seco do Texas... — ela reclamou, ajeitando-se no banco, pronta para mais um cochilo até a casa dos Lazzarin, mas assim que o carro se colocou em movimento, atrapalhei suas doces intenções, colocando o som no último volume e recebendo o olhar irritado dela.

***

— Don Luppolo! — Ouvi o tom forçado de Agostino assim que a porta do carro se abriu. Encarei a casa enorme bem a minha frente e lambi os lábios antes de descer do carro.

— Olá, Agostino — falei assim que fiquei de pé, recebendo seus beijos nas bochechas. — Vicenza. — Cumprimentei a mulher que acompanhava seu marido.

Vicenza, apesar da idade, ainda era extremamente atraente e tinha a classe que eu havia visto em poucas mulheres. Se parasse de seguir o exemplo do marido em ter um gosto exagerado pelo álcool, talvez seria ainda melhor.

— Fico feliz em vê-lo e saber que vai resolver essa bagunça. — Agostino começou a andar e eu fiz o que ele esperava, seguindo o homem para dentro de sua casa. — Felippo chegou ontem tarde da noite e Vicenza não quis acordá-lo, vou fazer isso daqui a pouco. Fique à vontade para

descansar até o almoço, Don.

O loiro me guiou pela casa, fazendo perguntas sobre a sobrinha e minha viagem. Assim que chegamos à porta do quarto, ele me encarou de forma quase dissimulada e falou baixo:

— Gostaria que soubesse que, mesmo achando arriscado e perdendo alguns homens, já estava na hora daquela escória ser colocada para fora das nossas terras.

— Bom saber que tenho seu apoio. Agora, se não se incomoda, preciso de um banho. — Ignorando o homem, entrei no cômodo e bati a porta em sua cara. Agostino não me enganava. Sua falsa bajulação era apenas teatro e eu só o tinha como aliado porque o maldito tinha muito poder naquelas terras. Uma das vantagens de Felippo ser meu *consigliere* era não ter que lidar com seu pai. Fosse por tratar de negócios, fosse por não ver o homem querendo mais poder. Ele seria o primeiro a se oferecer para minha cadeira caso eu morresse, até mesmo antes de indicar o nome do filho.

Estava ficando velho e burro.

O problema do homem era não saber dosar sua ganância. Apesar de ter crescido e ter seu sobrenome marcado como um dos cabeças da organização, Lazzarin sempre seria aquele tipo de peixe que anda em volta de grandes tubarões, esperando a oportunidade de se alimentar. Sua missão de vida era ficar do lado de quem lhe desse maior vantagem e no momento, eu era o seu alvo até outro nome se levantar dentro da Família.

Duvidava muito que alguém se ofereceria para ocupar minha cadeira. Ninguém era bom o suficiente, mas estar alerta nunca seria demais. Por isso mesmo, havia deixado duas escutas dentro do escritório de Lorenzo e deixaria outras mais na casa dos Lazzarin. Se meu traidor era o pai do meu *consigliere*, colocaria o filho para cuidar do fim do pai e pararia de ser apontado como o traidor do sangue.

Tomei um belo banho, a fim de despertar o bastante para pensar sobre o que fazer em relação a Felippo. Pensei ser um erro fatal deixar a relação se estragar por um soco. Felippo nunca entenderia o porquê Elizabeth era tão interessante para mim e eu deveria ter sido mais inteligente. Deixar a raiva dominar em alguns momentos é a pior merda a se fazer, ainda mais quando pode abalar a única ponte que não posso tacar fogo.

Felippo tinha acesso a tudo e na parte profissional nunca havia feito nada errado. Era ágil em raciocínio quando eu precisava, mesmo sabendo que em sua vida particular o abuso de drogas o fazia um idiota mimado.

Eu adotaria uma postura diferente ali dentro. Manteria o pai dele afastado o bastante para entender que seu filho era meu *consigliere* e não ele, e deixaria Felippo à vontade novamente, a ponto de me soltar que merda ele achava que fazia enquanto saía com minha irmã, sem saber que eu tinha total consciência disso.

Assim que desci para o almoço, vestido todo em preto, ouvi sons vindo do escritório e segui, achando Kira com uma taça de vinho na mão, rindo enquanto conversava com Vicenza. De costas para a porta estava Felippo, o cabelo e a barba sempre muito bem cortados e o estilo de roupas que minha irmã adorava. O típico garoto mau que fazia sucesso nos romances clichês.

— Espero não ter atrasado o almoço — chamei a atenção para mim e pude ver o olhar ansioso no rosto do meu *consigliere*.

— Ah, Louis... Estava aqui compartilhando com Kira sobre o dia do meu casamento. Tantas coisas aconteceram. — Vicenza folheava o álbum de fotos com uma expressão saudosa.

— Imagino que sim. Quantos anos isso já tem?

— Quase trinta e quatro. — Ela suspirou, finalmente me encarando. — Sirva-se de alguma coisa. Agostino já está descendo para que eu possa mandar servir o almoço. Gostaria de ver sua mãe grávida de você?

— Louis não é chegado nesse tipo de foto familiar, *mamma*. — Ouvi o tom ácido de Felippo e ignorei, indo me servir de uma dose caprichada da bebida produzida pela família.

— Não se preocupe com isso. Aposto que sua beleza nao mudou nada de lá para cá — elogiei a mulher e me atrevi a sorri antes de sentir o sabor do líquido amargo sobre a língua.

Vicenza se rasgou em elogios a mim, fazendo Kira segurar o riso algumas vezes e, então, finalmente se levantou.

— Vou ver onde meu marido se meteu e mandar servir o almoço. Aposto que vocês estão com tanta fome quanto eu. — Vicenza se colocou de pé nos saltos brancos.

— Kira, que tal acompanhar a senhora Lazzarin enquanto isso? Nós já seguiremos vocês.

Minha protegida não ousou desobedecer, mas seus olhos curiosos passaram de mim para Felippo de forma pouco discreta antes que ela deixasse a sala.

Depois de algum tempo em silêncio, e com a certeza de que as

mulheres estavam longe, me aproximei de Felippo pelas costas.

— Você não me avisou que partiria na sexta à noite… Nem mesmo respondeu qualquer uma das tentativas de contato.

— Kira e Henry te deram retorno.

— Nenhum deles é o Don. — Felippo finalmente me encarou e ele tinha razão.

— Sinto muito. Precisava deixar a parte de mim que queria arrancar sua cabeça se acalmar. — Dei um gole na bebida e gesticulei, girando o copo no ar até sentir o líquido escorrer pela garganta. — Espero que não haja ressentimentos entre nós.

O *bad boy* inflou as bochechas, bufou e rolou os olhos.

— Não. Não existe. Quem você come ou deixa de comer é um problema seu — ele soltou. — Mas a bagunça que você fez… — Felippo assoviou. — Que grande merda, não?

Forcei um pequeno riso e dei de ombros.

— Você também acredita que tenha sido por culpa de Elizabeth?

— Não… — Ele tirou os pés de cima da cadeira e ofereceu para eu sentar. Não recusei o convite. — Acredito que a terem pego pode ter feito você ser um pouco mais enérgico, mas eu já convivo há tempo demais com você para saber que não seria burro de fazer algo sem calcular o risco. A MS-13 tem dado no saco desde que começaram a barrar nossas drogas no verão do ano passado. Mais cedo ou mais tarde, a sucessão de merdas explodiria. — Ponderei o que Felippo dizia e sabia que o homem era sincero. — Pensando nisso, qual é o próximo passo? Soube do presente que enviou para Arturo e não posso crer que o homem vá receber bem a notícia de ter perdido o único filho homem.

Me curvei, apoiando os cotovelos nos joelhos e encarei o quadro ao fundo da sala.

— Eu precisava desestabilizar Arturo de alguma forma, colocando sua ira na frente da astúcia. Se ele tem raiva de mim e nutre isso a cada dia que passa, o descontrole emocional alguma hora vai romper a barreira e ele vai cair em falso, despreparado demais quando chegar na minha frente.

— É com isso que você conta? Não esqueça que Arturo é muito mais que um velho rico. Nós precisamos achar a menina, mas parece que desapareceu como fumaça.

— É questão de tempo até ela aparecer, ninguém se esconde por tanto tempo.

— E imagino que vamos esperar pacientemente. Por ela ou pelo pai?

— Conferi de perto com Lorenzo que os mexicanos estão achando suas rotas alternativas para chegar até nós. Será um problema descobrir que conseguiram apoio de outras Famílias, ainda mais se forem italianas.

— Só um bastardo seria atrevido a dar lugar para outros que não são nossos.

— Ou alguém tão desesperado por poder que não se importaria em lotar suas terras com o tipo de gente que pode controlar. — O olhar de Felippo carregava desconfiança, mas o assunto se encerrou assim que Agostino bateu no batente.

— O almoço está pronto. — O ar curioso do homem me fez perguntar por que meu pai não tinha lhe acertado um tiro no meio da bunda quando pôde.

Fugindo de todas as investidas de Agostino durante o almoço, agradeci pela refeição e não perdi tempo com a conversa da mesa. Logo ao terminar de comer, pedi licença e chamei Kira, com a desculpa de que tinha algum trabalho para ela. Não era mentira.

— Me dê seu celular — disse assim que entrei no quarto, ela não hesitou.

Abri o bloco de notas e digitei:

“Como já sabemos que essa casa inteira deve ter escutas, não seria má ideia distribuir mais algumas por aí, não?”.

Devolvi o celular para minha assistente e a vi concordar com a cabeça.

“Achei uma no meu quarto e duas aqui no seu, logo antes do almoço. Dei a velha desculpa da dor de barriga.”

Eu quase ri ao ler aquilo.

“Não gostaria que a reunião com meu irmão fosse dentro dessa casa, procure algum lugar seguro, vou levar Felippo para lá e só então ligar para Matteo.”

Kira concordou com a cabeça e então saiu do quarto, me deixando sozinho para pensar feliz na cara de decepção de Agostino. Sentei-me na cama, sentindo os ombros doloridos por culpa do exercício da noite passada, peguei o celular do bolso e sem pensar muito, abri a foto dela na galeria. Ver Lizzie sorrindo com o cenário da cidade viva naquela noite me trouxe algo que eu pensei que nunca fosse sentir. Era a falta dela.

Pensar em Elizabeth não ajudava. Percebi que quanto mais eu me

distraía por culpa dela, mais as malditas manias se intensificavam. Eu estava com o maxilar dolorido de tanto tensionar ao contar as portas que via no caminho até o hotel que Kira havia conseguido. Era um pulgueiro no meio do nada, o ar condicionado mal funcionava e o calor intenso do verão texano fazia o cabelo da minha nuca ficar empapado. Eu precisava cortar antes de Elizabeth chegar.

— Lugar adorável — Felippo disse, cheio de ironia enquanto dava uma olhada no banheiro do quarto.

— Poupe seu tempo. Kira e Henry já fizeram isso — falei enquanto ajeitava a mesa em frente à cama e colocava o computador sobre ela.

— Você sabe que tentei fazer algum avanço sobre o desvio de dinheiro sozinho, não sabe? — Ele se sentou ao meu lado.

— E o que achou?

Felippo teve minha atenção por um segundo.

— Talvez você precisará soprar a casa dos três porquinhos um pouco mais forte do que o costume. Encontrei algo… mas não sei. Precisava de você perto para ir até Vermont.

— Não me diga que os Callegari se recusaram a algo. Seria burrice e despertaria suspeita. — Era óbvio. — Confesso que ficaria decepcionado se meu traidor fosse tão burro, mas Enzo nunca me pareceu tão inteligente. — Conectei o programa para a chamada e aguardei Matteo.

— Ele disse que permitiria uma olhada em seu livro caixa e um belo pente fino desde que você fosse comigo. Ainda acho que ele quer enfiar Khyara na gente, e como você não está disponível, eu serei a vítima. — Felippo demonstrou certa ironia em seu tom de voz.

— Mas prevejo que seja algo nos seus planos, certo? — provoquei, esperando a deixa.

— Esse é um assunto que… — Antes que ele pudesse continuar, o computador fez barulho.

— O quanto você contou sobre os desvios para o meu irmão?

— Nada. Não tive tempo de me encontrar com ele quando veio para cá.

— Então, continue assim. Ainda não quero meu pai sabendo disso — avisei a Felippo e aceitei a chamada de vídeo.

— Achei que não ligariam nunca — Matteo provocou do outro lado da linha. Estava relaxado, sem camisa e segurando um copo com alguma bebida, sentado em seu escritório.

— E eu achei que você ainda mantinha a porra de um emprego de fachada — retruquei.

— A empresa vai muito bem, se quer saber. A parte lícita anda me trazendo alguns frutos, as ilícitas também. — Meu irmão sorriu como se falasse com alguma mulher. Eu tinha a impressão de que o carisma de Matteo o faria comer o cu de qualquer um. Quando ele começava com suas brincadeiras e bom humor, raramente alguém segurava a boca ou não gostava do maldito. A única coisa que me fez estabelecer um laço novamente com ele foi dar tanta importância ao sangue. Não me arrependia, mas não suportava essa coisa que ele tinha de se sentir à vontade o tempo todo.

— Vamos logo falar do que importa — Felippo cortou, voltando ao foco.

— Como está a bagunça por aí? — meu irmão perguntou do outro lado da tela. — Louis finalmente vai explicar o que uma boceta brasileira tem para que essa guerra fosse armada?

— É simples, vou resumir para vocês dois. — Só então eu havia me dado conta de que tudo o que meus homens de maior confiança tinham eram os rumores. A falta de comunicação não devia ser um problema, não naquela altura do campeonato. — Arturo não aceitou os impostos cobrados em seu comércio, não gostou de como colocamos os cães dele para correr de algumas ruas e, para completar, acredita piamente que estou escondendo a vadiazinha que ele chama de filha. Em uma medida desesperada e nada inteligente, ele mexeu com algo que eu havia exibido como meu.

— A brasileira. — Matteo revirou os olhos.

— Sim, Elizabeth. Ela quase morreu sem saber de nada. Eles a machucaram pra valer.

— E você se importou com isso? — Matteo me interrompeu novamente e me encarava como Felippo.

— Nunca foi sobre Elizabeth, *fratello*. Se um homem chega em sua cara e cospe nos seus olhos, só existe uma resposta. Eu apenas devolvi o que eles fizeram em uma proporção um pouco maior. O bom é que Elizabeth está fora de risco e vindo para cá muito em breve, independente do que a merda do conselho tenha prometido para Natasha. No final das contas, enviei o que sobrou de Juan para sua pátria e espero que o pai dele receba.

— É agora que eu te lembro que você é noivo? — Matteo me encarava como se eu tivesse perdido o juízo.

— Ou você vai se esquecer de contar a parte em que bateu na

herdeira? — Felippo completou.

— Nem um, nem outro. Não desfiz o compromisso, e se ela não tivesse sido tão intrometida, nada disso teria acontecido. Foi um pequeno corte, ela vai se curar. Vamos esquecer a história de onde meu pau passou ou vai passar e vamos falar sobre o que vi acontecendo. Barcos mexicanos bem próximos à costa. Por acaso vocês conhecem algum lugar para desembarcar melhor do que a terra das oportunidades? Miami é o foco. Tenho certeza.

— Seria bom enviar um pequeno grupo para investigar. Quanto onde o seu pau passa, eu me preocupo desde que você tem a porra de um contrato que vai fazer essa Família crescer, *fratello*.

— Talvez eu arranje um casamento para você — ameacei Matteo e o vi sorrir.

— A solteirice ainda me cai muito bem, *grazie*.

— Voltando para o que importa, talvez eles estejam mandando novos homens em busca de vingança pelo que você ordenou Matteo a fazer — Felippo se dirigiu a mim, mas falou alto o bastante para que meu irmão pudesse ouvir.

— Muito inteligente, Lazzarin. — Meu irmão bebeu um gole de sua bebida e então encostou de forma não muito relaxada na cadeira antes de dar a notícia. — Mas talvez sejam apenas os homens que eu não matei dando um jeito de voltar.

— Como assim? — perguntei sem entender.

— Eu fiz o que você mandou, irmão. Mas assim que arrombei cada uma das portas onde os mexicanos deveriam estar, não encontrei ninguém. Tudo estava deserto, então eu botei fogo para que os ratos escondidos fossem queimados e, para a nossa surpresa, ninguém foi pego.

— Alguém os avisou… — Felippo xingou.

— Sinto muito em informar, mas acho que temos um traidor entre nós — Matteo me contou o fato achando que era novidade. Mal sabia meu irmão.

***

Obrigar Kira a ficar no Texas até quarta de manhã não foi tão difícil quanto eu pensei, mas era quando todos os Callegari estariam na fazenda para nos receber. A família mexia com tanta heroína e tinha tanto poder no estado,

que era difícil que ficassem parados em um lugar por muito tempo. Tirando Khyara que ficava plantada em casa, os irmãos iam e vinham rápido demais.

— Não vai me contar absolutamente nada enquanto estivermos aqui, não é mesmo? — A curiosidade de Kira às vezes era irritante.

— Não enquanto as paredes tiverem ouvidos. Sossegue e vá dormir. Amanhã preciso de você totalmente alerta e pronta para ver aquilo que eu não puder.

— Talvez eu tenha feito isso por aqui também. Mas, como você mesmo disse, só te conto isso perto de paredes surdas. — Apostava que ela estava um pouco alta pelo vinho que havia tomado durante o jantar para acompanhar Vicenza, mas não dei ouvidos e apenas a guiei para fora do quarto.

— *Buonasera*, Kira.

— *Dobranoc, dobranoc. Myślisz, że jestem dzieckiem?*[2]

— Uma criança muito inteligente. — Me permiti rir. — *A teraz idź spać.*[3] — respondi no meu polonês enferrujado e a observei ir para a porta de seu quarto, fingindo maior sobriedade.

Assim que fechei a porta, tomando o cuidado de trancar, peguei o computador e os fones de ouvido e me larguei na cama. O corpo já começava a se acostumar com as dores musculares dos treinos mais intensos, era o único jeito de controlar o problema da falta de sexo e da tensão que eu sentia. A dor era amiga.

Me ajeitei entre os travesseiros, conferindo minha proteção sob o travesseiro e logo depois, rendi-me ao vício diário de assistir Elizabeth e sua rotina pacata.

Talvez fosse exatamente daquele jeito que os cientistas sentissem quando colocavam ratos dentro de labirintos. A expectativa de torcer e esperar que o rato faça o que se tem planejado e manipulado é enorme, mesmo que no final você saiba que ele irá atrás do queijo.

No caso, eu começava a me questionar quem ali era o rato. Ela ou eu?

Elizabeth devia ser algum objeto sagrado, colocada no meu caminho apenas para me punir pelos anos de transgressão. Que azar o dela.

— Eu gosto disso, sabia? — Kira me disse logo cedo, em frente a casa enorme, logo após se despedir de Vicenza.

— De ter uma amiga rica e com tendências alcoólatras graças ao marido? — indaguei, parado ao lado dela com as mãos no bolso do terno sob medida. Observando a fachada da casa branca e dourada, tomando cuidado de

contar quantos leões via incrustados e escondidos nos detalhes arquitetônicos da mansão.

— Não… — Ela revirou os olhos. — Suas tradições. O modo como o urso dos Ferioli parecia sagrado e poderoso, esculpido cuidadosamente sobre todas as portas da casa de Lorenzo, e agora os leões dos Lazzarin, exibindo sua grandeza e poder, estão por toda parte.

— Algumas tradições são mais importantes que outras, mas de alguma forma, mesmo que alguns não queiram admitir, nosso sangue traz o que nossos antepassados eram — falei baixo, analisando minha árvore genealógica. Me atrevi a rir baixinho.

— O que é tão engraçado? Eu acredito no que você disse, o lobo dos Luppolo os representa muito bem.

— Se minha família fosse fiel ao seu animal, carregaríamos por aí a imagem de uma besta. Venha, chega desse assunto. — Vi Felippo caminhando em nossa direção ainda bocejando. — Já lidamos com o urso, com as águias e leões. Agora nos falta pouco para dominar essa selva novamente.

— *Buongiorno*. — Felippo nos cumprimentou e entrou no carro, seguido por Kira e então por mim. A viagem não seria um completo tédio, afinal.

Assim que o motorista deu partida, peguei o celular e liguei para minha pequena irmã. Queria ver a reação de Felippo, queria ouvir se Giovanna falaria algo sobre os encontros frequentes.

— Bom dia, Giovanna. — Assim que falei o nome de minha irmã caçula, Felippo se mexeu no banco. — Espero não ter atrapalhado algo. — Ela demorou um tempo para responder, os grunhidos que fazia na linha enquanto acordava me fizeram lembrar as vezes em que a carreguei do sofá para a cama quando mais nova.

— Bom dia, Louis. — Ela bocejou. — O que aconteceu? Fique quieto, Coelho. — A ouvi dizer para o cachorro.

— Minha agenda anda cheia e eu ainda não te vi desde que voltei para casa.

— Você tem ignorado as minhas ligações. A única que me ouve um pouco ainda é Kira, mas sei que você a faz de escrava e tento não atrapalhar. Que horas são? — ela resmungou.

— Cedo. Vou deixar você voltar a dormir. Kira está aqui, Felippo também. — Na hora em que disse isso, imediatamente os olhos verdes do

meu *consigliere* faíscaram.

— Quando vocês voltam? — De repente o tom de minha irmã ficou ansioso e desperto.

— Acredito que no final de semana, gostaria de te encontrar. Zola está me ajudando em algo e você já sabe que sua guarda continuará com Patte até que ele possa voltar, não?

— Sim. — Ela parecia se esforçar para me acompanhar. Imaginar Felippo querendo pôr as mãos e o pau na minha pequena irmã me fizeram querer soltar algo sobre o que eu tinha planejado, mas estragaria toda a surpresa. — Você finalmente vai trazer a escolhida para cá.

— Não a chame assim. Quero saber sua disponibilidade para seguir uma agenda com ela, tenho algumas outras propostas também, mas que gostaria de fazer frente a frente.

— Felippo te disse alguma coisa? — O ar curioso de Giovanna era uma bela diversão àquela hora da manhã.

— Ele deveria? — Minha resposta a fez suspirar.

— Não, irmão. Esqueça. Estarei disponível para Elizabeth, sabe que sim. E quando quiser finalmente comer algo comigo, não me negaria a velha e boa lasanha que Edgar faz.

— Vou tratar disso. — Olhei para fora, vendo que estávamos chegando perto do aeroporto. — Preciso desligar, mas vou pedir para Kira te enviar sua agenda para as próximas semanas.

— Ela já inclui o tempo gasto com os preparativos da sua festa? — O tom dela entregava a tentativa de manipulação. Ninguém no mundo adorava festas mais do que Giovanna.

— Não, e eu ainda não estou convencido sobre isso. Os tempos estão diferentes, *cara mia*.

— Aposto que uma festa deixaria todos animados e esperançosos. — Ouvi minha irmã levantar da cama.

— Não estou certo disso, mas pelo menos te coloquei de pé cedo o bastante para gastar mais do meu dinheiro. Tome cuidado e fique bem, preciso desligar, mas…

— Já sei, já sei, ligo para você ou para o papai se precisar de algo.

— Eu ia dizer para não se meter em encrencas junto com Giordana.

— Luca a colocou de castigo — ela reclamou. Sabia que fazia bico do outro lado da linha. — Você poderia interferir, não?

— Tenha um bom dia, Giovanna. — Desliguei antes que minha irmã

pudesse pedir mais alguma coisa absurda. Eu não tinha nada a ver com os problemas de sua melhor amiga.

Assim que descemos do carro, Felippo perguntou despretensiosamente:

— Alguma coisa importante?

— Não para você — cortei o homem e antes de ele me responder, segui para dentro do pequeno avião fretado. Quanto mais cedo terminasse o que precisava fazer, mais cedo voltaria para colocar a casa em ordem e me preparar para a chegada da Elizabeth.

Dentro do avião, depois de todos estarem despertos e convencidos de que os Callegari precisavam de uma atenção especial, começamos a discutir sobre o que fazer.

Henry estava sentado ao meu lado na pequena cabine para reuniões. Kira e Felippo estavam bem a nossa frente.

— Os números que os Callegari passaram no último mês para Felippo não estão fora da média, mas houveram algumas movimentações estranhas. Parece que boa parte dos fazendeiros precisaram alugar suas terras para esse tal Larry Sanders, mas buscando a fundo, ele não existe. — Kira colocou os papéis em cima da mesa, mostrando as evidências. — O dinheiro sai de um fundo programado e cai na conta dos fazendeiros. Eles também são pagos pela discrição, mas um deles teve uma conversa sincera com um amigo meu e acabou abrindo a boca. Quem os procura é, sem dúvida alguma, o soldado mais fiel dos Callegari. — Kira colocou a foto do homem por cima dos outros registros. — Isso já vem acontecendo há alguns meses e a plantação das papoulas tem sido feita cuidadosamente, sendo escondida por plantações de milho e outros.

— Milho? Acredita que eles vão começar a lutar por espaço na falsificação de bebidas? — Felippo perguntou, analisando as fotos que Kira havia conseguido.

— Para fazer isso de forma correta, eles precisariam ter pedido permissão, primeiro ao conselho e depois a mim. Acredito que possa ser apenas fachada, Enzo e Arone sabem que quase todo o estoque de drogas vendido por nós é deles, não tem competição real.

— Mesmo que o milho seja jogado fora, coisa que duvido muito, o único motivo para que eles não tenham declarado isso é por não terem vontade nenhuma de dividir o lucro. A taxa da Família aumenta conforme o valor arrecadado cresce — Felippo completou.

— Seria burrice se indispor com a família por conta de um lucro maior — Kira disse.

— Dependendo do lucro e pensando em nunca ser pego — argumentei.

— Em pensar que isso teria passado despercebido se não tivessemos pego o erro nos números. — Felippo suspirou, passando os dedos pelo *iPad*, em sua planilha super organizada.

— Em pensar que ainda não pegamos quem está querendo foder o nosso rabo — falei.

— Mas vamos — Meu soldado disse enquanto analisava os papéis. — Não é a primeira vez que vejo algo do tipo acontecer. Seis anos atrás a família para qual um amigo trabalhava também teve esse tipo de problema. Se os Callegari têm ideia do risco disso, eles não estão sozinhos. Acreditam que vão ter cobertura caso alguma merda aconteça.

— Precisamos de provas, nomes, associados envolvidos… Fratti Callegari deve estar se debatendo no túmulo por conta da audácia dos filhos. — Felippo largou o *iPad* sobre a mesa. — Como faremos isso?

— Eles devem ter algo em casa. — Cruzei as pernas, analisando o mapa da propriedade disponível no *Google*. — Nós só precisamos achar. Nós quatro. Temos as primeiras vinte e quatro horas dentro da mansão para descobrir algo e então, montar uma distração para coletar o material. Quando chegar a hora, Henry pode tentar arrancar do tal soldado de confiança.

— Rômulo não vai abrir a boca tão fácil — Kira falou como se eu fosse louco.

— Ah, minha querida. Espero que em muito menos. — Olhei de soslaio para Henry e ele entendeu o que quis dizer. — Você se lembra daquela bagunça que Alek armou com um dos associados? — Henry sorriu.

— Claro que lembro.

— Do que estão falando? — Felippo não entendia, estava curioso.

— Vamos forjar um ataque. Fingiremos que estão invadindo. Será o tempo perfeito para que, enquanto os donos da casa cuidam da proteção, nós peguemos o que precisamos.

— Acha que eles escondem isso em casa? — Kira duvidou.

— Querida… — Juntei as mãos, encarando minha protegida. — Se eles são burros o bastante para tentarem traição, posso subjugar que são idiotas para isso. De qualquer forma — Encarei Henry novamente —, eu duvido que o tal Rômulo fique quieto por muito tempo.

O pequeno almoço foi servido e nós ajustamos o plano. Se algo estivesse escondido dentro daquela casa, nós encontraríamos.

***

— Louis Luppolo. — Meu nome ficava incrivelmente charmoso sendo dito pelos lábios avermelhados de Khyara. Ela já não era tão jovem, vinte e cinco anos para uma mulher solteira dentro da máfia colocava um alerta vermelho sobre sua cabeça, mas a deixava confiante o bastante para tentar o flerte tão abertamente como ela fazia agora. — E Felippo Lazzarin. — Alta e clara, a mulher estava com o cabelo preso em um coque alto, a franja caía sobre os olhos azuis e os ossos de sua clavícula expostos me fizeram perder alguns segundos. — Esperava que vocês chegassem pouca coisa mais tarde. Sinto muito em informar, mas nenhum dos meus irmãos está em casa. Não se preocupem com sua bagagem, os empregados vão levar aos quartos. Imagino que a viagem os tenha cansado e devem estar com fome. — Ela virou de costas, exibindo o corpo torneado sobre os saltos pretos e a pequena saia vermelha. — Me sigam, por favor.

Felippo olhou para mim, desconfiado, e seguiu a mulher. Fiquei para trás, junto de Kira, e a ouvi dizer:

— Não acho que vou conseguir fazer tanta amizade com ela quanto com Vicenza. Khyara não é a vadia mais sociável da máfia.

— Não, não será. Mas ofereça uma boa ameaça, ela vai se distrair querendo ser a única a ter atenção masculina.

— Machista. Não acredito em competição feminina — Kira falou baixo.

— Não comece — encerrei o assunto e acelerei o passo.

Eu sabia que Kira não era apenas o tipo de mulher objeto, havia ensinado muito mais para ela e acreditava que a garota tinha herdado muito dos meus dons, e em breve eu a deixaria seguir seu caminho, mas não era a hora de pedir algo mais bruto, nem de expor sua situação. Quanto menos soubessem sobre ela, melhor seria.

Depois de quase uma hora de conversa inútil entre os demais na sala, eu perguntei, frustrado, interrompendo de modo não muito educado:

— Khyara, seus irmãos não estão aqui por algum motivo específico?

— E como por mágica, Enzo entrou com o irmão mais novo nos calcanhares.

— Me desculpem a demora. Eu e meu irmão estávamos trabalhando. — O tom de Enzo não era amigável. Ele parou atrás da cadeira de sua irmã e pousou os olhos em mim.

— E nós não? — me atrevi a desafiar Enzo Callegari em sua própria casa. Me curvei, apoiando os cotovelos nos joelhos e mantive o olhar do homem.

— Não quis desrespeitá-lo, Don Luppolo. — De repente o homem pareceu voltar a entender como tudo funcionava e eu me atrevi a sorrir de canto por constatar que Enzo era um cuzão.

— Nada seria mais ofensivo do que a sua demora. Não planejo me demorar aqui, mas quando alguém da Família nega algo ao *consigliere* e pede que eu esteja presente… Bem, o que mais você quer? Poderia trazer alguns doces em uma bandeja de ouro. Ou prefere prata? — zombei do homem, provocando um grande sorriso em Felippo.

— Perdoe meu irmão. Eu disse que seria uma má ideia. — Arone aproveitou a deixa, cheio de sorrisos. Eu apenas observei o homem, não deixando de prestar atenção no rosto do irmão que não gostava de perder o comando. — Na verdade, queríamos vocês aqui por dois motivos. — Arone era o único com olhos escuros na família, assim como eu, por isso não acreditava que fosse o bom moço que queria apresentar. Ele caminhou até uma das poltronas disponíveis no canto da sala de jantar e eu o observei.

— O que seria tão importante assim para exigir a presença do Don? — Felippo tentou segurar o tom amigável.

— Não seria óbvio? — O irmão caçula encarou Felippo como se ele fosse retardado. — O pedido para o casamento.

— Que casamento? — Meu *consigliere* olhou sem entender.

— Bom, temos uma proposta para oferecer a mão de Khyara para você. — Por um segundo, precisei de todo o meu controle para não rir. A cara de Felippo era impassível. O choque, a surpresa… nem eu teria armado algo melhor, mas precisava pensar rápido. *Quanta vantagem aquilo traria?*

Depois de cinco minutos de tensão, a governanta dos Callegari nos atrapalhou, perguntando se o jantar podia ser servido.

***

Eu precisava colocar minha cabeça em ordem. A contagem em minha mente poderia me enlouquecer, mas ainda assim, tentei focar na música baixa que tocava ao fundo da sala.

Fechei os olhos por um segundo, tentando ignorar o falatório falso do jantar e pensando no ninho de cobras em que tinha me enfiado. Não acreditava na minha segurança dentro daquela casa, não acreditava por nenhum segundo que os Callegari me queriam ali apenas para aprovar um noivado no qual o suposto noivo nem mesmo fazia ideia.

Contar ajudava e eu fui do um ao três mil e cinco antes de respirar fundo e sentir o controle voltar. Eu havia sido pego de surpresa, não poderia deixar isso acontecer novamente.

Apesar de ter estabelecido uma boa relação novamente com Felippo, não confiava que ele fosse totalmente leal a mim. Seria doentio imaginar que todos ao meu redor eram traidores em potencial. A máfia era honra e palavra, mas também intrigas e planos sujos. Eu sabia, tudo o que eu conhecia era resultado daquilo.

Minha grande esperança era ter o tal projeto “X” dando certo. Se aquele programa realmente funcionasse, o mundo estaria ganho, literalmente. Eu não seria burro de expor por aí e Natasha ainda seria útil, assim como Felippo livre para a jogada de mestre.

Não. Precisava de Felippo convicto de que teria chances com a minha irmã, precisava que Natasha ainda acreditasse que as coisas poderiam ser consertadas, mesmo que eu soubesse que a maldita brasileira de quadris extralargos e boca afiada demais já tinha tomado conta do que restava da minha alma e, com toda a certeza, do meu pau.

Cada dia mais, eu acreditava que Elizabeth era uma distração maldita, mas um ponto sem retorno. Ela me fazia sentir coisas além das devidas. Era constante a minha distração por pensar demais nela, mas havia algo dentro de mim que não podia deixá-la longe novamente.

Ter a garota comigo era tão natural quanto respirar. Talvez ela fosse a maldita parte humana que me faltava.

— Louis — Enzo finalmente me chamou depois de eu ignorar três tentativas falhas. — Espero que a sobremesa feita pela senhora Colter o deixe amaciado para a conversa depois do jantar. — O tom de brincadeira não me convenceu.

— Sinto muito em decepcionar, mas acredito que hoje não vou conseguir me reunir com vocês. Preciso discutir com meu *consigliere* alguns

assuntos em aberto antes de dar uma olhada nos livros caixa de vocês e, então, finalmente, discutiremos sobre o que vocês planejam com a proposta de noivado.

O recado não foi bem aceito e o silêncio dominou por algum tempo. Eu o preferia do que a conversa descartável.

Observei cada um dos irmãos na mesa, engoli o doce servido gentilmente pela governanta e me recolhi com Felippo aos calcanhares.

— Eu não… — ele começou a falar, mas ergui os dedos, fazendo com que se calasse.

— Aqui não, mas relaxe. Não tenho interesse algum em um casamento seu com Khyara.

Kira estava no andar de baixo, interagindo com os irmãos como eu pedi. Henry e meus soldados estavam no alojamento na parte de trás da fazenda e enquanto eu olhava o grande terreno a perder de vista no escuro, Felippo xingava os donos da casa pela audácia.

— Eles querem exatamente isso, que nós foquemos em outra coisa e não no que viemos fazer. Pare de ser descontrolado. Por acaso é a primeira proposta de casamento que você recebe?

— Não, mas nenhuma foi tão direta e com o ar de certeza que eles tinham lá embaixo.

— A única pessoa que determina se vai ou não ser, sou eu. Relaxe, eu não tenho nenhuma intenção de casar você com Khyara. — Tentei ao máximo manter o tom calmo. Queria Felippo confiante sobre seu casamento com minha irmã para que, na hora certa, o prazer de ver seu rosto de decepção ao notar que eu tinha poder até em sua vida pessoal o acertasse como um soco no estômago.

O dia seguinte começou interessante no café. A quinta-feira amanheceu nublada e o tempo quase fresco de Vermont me agradava. Quando Kira se juntou a nós no café da manhã, foi interessante ver os irmãos medirem a garota com claro interesse.

— Vocês têm cavalos aqui? — ela perguntou e ambos responderam juntos.

— Temos.

Eles se encararam por um breve segundo e Enzo continuou.

— Se você quiser vê-los, posso te levar para dar uma volta.

— Ah, não acredito que monto tão bem. — Kira se fazendo de frágil era quase engraçado de ver. Muitas pessoas ficariam impressionadas com a

habilidade que ela adquiriu de se passar por outra pessoa. Se ela pertencesse ao mundo normal, eu investiria em sua carreira de atriz sem pensar duas vezes.

— Acredito que Khyara possa levar Kira para o passeio pela propriedade. Nós temos muito o que ver hoje, não? — interrompi o teatro e vi Arone sorrir quando o irmão foi impedido de continuar dando em cima da minha assistente.

— Louis, posso dar uma palavra com você antes de sair? Recebi alguns e-mails de Anna e gostaria de compartilhar. — Kira ainda mantinha a postura que pedi.

— Assim que eu tiver consumido cafeína o bastante. — Ergui minha xícara para ela e observei o pequeno grupo em silêncio.

— Ontem à noite, fingi interesse nos livros e notei que nenhum deles lê, mas o exemplar de Drácula é o único que foi tirado recentemente do lugar — Kira me disse discretamente ao ouvido quando se aproximou com o computador.

— Vou conferir hoje à noite quando tudo for armado. Tente ser o mais escandalosa possível.

— Farei o meu melhor. — Ela sorriu, piscando para mim de modo divertido e me deixando afastado enquanto observava os irmãos conversando entre si. Khyara sabia muito mais dos negócios do que o resto das garotas da Família, aquilo era nítido, quase cristalino, e valeria o pescoço dela junto.

— Don, se já está disponível… — Enzo chamou depois de notar que os observava, e eu me ergui da poltrona, pronto para encarar uma tarde inteira de contas que eu tinha certeza de que dariam absurdamente exatas.

Felippo passou a tarde toda conferindo junto comigo os livros caixa dos últimos seis meses. Ver que Luca era um dos maiores clientes dos Callegari me fez questionar até onde a fidelidade dos Matteucci ia. Se a droga produzida fora do radar fosse mais barata, Luca também estaria lucrando com aquilo. Perto das seis, nós paramos para jantar e voltamos aos números, apenas para concluir que, naquela merda de planilha bem armada, o erro da traição dos Callegari estava bem escondido. Larguei os números de lado por pouco tempo, visando que o céu estava escuro o bastante para que o soldado escolhido por Henry estivesse do lado de fora. O plano não era atingir ninguém, mas causar uma bela confusão por ali.

— E então, esse plano de casamento surgiu quando? — perguntei, me apoiando na pequena mesa em frente à janela que dava para o jardim traseiro.

— Felippo pareceu em completa surpresa e quando as pessoas me procuram atrás de aprovação, quase sempre é o noivo que já tem a certeza da resposta da suposta noiva. — Cruzei os braços sobre o peito e esperei.

— Nós já conversamos com Agostino e Vicenza. Felippo, ainda que *consigliere*, é sangue deles e os pais têm algum poder sobre isso. Pensamos que eles tivessem falado algo com vocês, já que passaram por lá antes de seguirem para cá.

— Não, ninguém comentou. — O tom de Felippo foi o mais ácido possivel e eu sorri ao ouvir.

— Independente disso... — falei enquanto me afastava da mesa a qual estava apoiado. — Gostaria muito de saber o que essa transação... — O som de vidro quebrado me interrompeu enquanto o tiro acertava uma das prateleiras. Me abaixei assim como todos na sala e o segundo tiro veio logo em seguida.

— Que merda é essa? — Felippo perguntou, ainda ajoelhado no chão, assim que a luz da grande casa foi cortada.

— Essa são as nossas boas-vindas — respondi, tentando parecer irritado. — E eu gostaria de ver o que a hospitalidade Callegari é capaz de fazer.

A provocação surtiu efeito imediato. Os dois irmãos levantaram gritando ordens pelo corredor e Kira surgiu, chorando alto e fazendo um escândalo. Aroni tratou de consolar a garota e a mandou junto de Khyara para o quarto. Eu e Felippo ficamos com um dos soldados que estavam dentro da casa enquanto os Callegari corriam para tentar pegar o intruso.

Precisávamos ser rápidos.

— Que tal termos mais um traidor aqui dentro? — sugeri para meu *consigliere* e sem esperar uma reação, cheguei pelas costas do soldado que olhava o corredor preocupado e coloquei as mãos em seu pescoço e maxilar, dando um tranco forte e ouvindo o som do osso se partindo.

— Boa saída — Felippo reclamou como se não se importasse com o que eu havia acabado de fazer.

— Cale a boca e procure o livro que falei — pedi enquanto revistava os bolsos do morto. Coloquei a arma em sua mão e esperei.

— O que acha que eu estou fazendo? — Meu *consigliere* puxou o livro e de imediato uma das partes da estante se abriu. Não era uma sala secreta, apenas um compartimento. Tinha dinheiro, caixas de jóias e alguns papéis.

— Não tire do lugar, tente tirar o máximo de fotos. — Arrastei o corpo inerte do soldado que mal me ofereceu luta e tranquei a porta. Não demorou a ouvirmos outro tiro no ar e nos encararmos. — Vai logo com isso!

— É muita coisa. Esses filhos da puta estão mesmo pensando que nós somos idiotas? — Felippo parecia inconformado, mas pensava o mesmo de mim. Mal sabia ele. Depois de três minutos contados, Felippo finalmente fechou a estante e me encarou sem entender quando eu coloquei o soldado de pé e disparei com a arma dele contra a janela. Joguei o corpo do homem no chão, baguncei as roupas e corri para abrir a porta. Saí para o corredor com Felippo bem atrás de mim e bem a tempo de ver Enzo correndo ao nosso encontro.

— Está tudo bem? — ele perguntou, diminuindo o ritmo conforme chegava perto de mim.

— Grande merda isso tudo, Callegari. Seu homem tentou contra nós! Isso foi algo planejado? — Fui para cima do homem com o demônio dentro de mim farejando o medo no pequeno traidor, e quando o coloquei contra a parede, apertando seu pescoço, Felippo colocou a mão sobre o meu ombro, me puxando para trás.

— Nós precisamos saber o que aconteceu antes de tomar uma providência.

Callegari esfregou a garganta onde minha mão estava a poucos segundos, e me encarou, confuso.

— Nós não temos nada com isso. Estão consertando os cabos que foram cortados.

— ENZO! ENZO! — Arone subiu as escadas gritando. — Mataram Rômulo!

Encarei Felippo em silêncio, em um olhar cúmplice por saber o que havia acontecido.

Henry devia ter matado o homem de confiança dos Callegari como havíamos combinado antes. Eu só esperava que ele tivesse tido tanta sorte quanto nós.

A luz voltou alguns minutos depois. Kira e Khyara vieram do quarto quando o mordomo avisou que era seguro sair e todos nós nos juntamos em uma sala privada. Depois de algum tempo assistindo os Callegari como baratas tontas, ouvi Enzo dizer:

— Isso nunca aconteceu antes, mas não se preocupem, vamos pegar os malditos.

— Acredito que sim. — Me levantei da poltrona. — Se me dão licença, preciso ver como meu soldado está e me recolher. Não pretendo ficar muito tempo por aqui amanhã.

— Nós ainda precisamos discutir sobre o noivado — Arone falou um pouco mais alto do que devia. Eu já estava na porta, mas parei e olhei sobre o ombro.

— E isso será extremamente rápido. *Buonasera.*

Sabia que o clima não estava o melhor e que o gosto amargo do "cala a boca" que eu havia dado no Callegari caçula duraria até a manhã seguinte, porém, não me importei. Kira o distrairia por algum tempo.

Saí da grande casa e atravessei o gramado até o alojamento onde Henry estava.

Os homens ali me conheciam e demonstraram respeito, me encaminhando até meu soldado.

— Posso conversar com Henry a sós? — perguntei assim que entrei no pequeno quarto lotado. Um homem fazia um curativo no supercílio de Henry, mas assim que pedi privacidade, começou a recolher suas coisas e saiu junto dos outros que assistiam. — Meu herói — falei logo que fechei a porta e vi meu soldado sorrir.

— O homem tinha um soco pesado. — Ele massageou o próprio rosto enquanto me assistia puxar a cadeira e sentar de frente para ele.

— E qual é a história que preciso acobertar? — Coloquei as mãos no bolso, aguardando a novela.

— Rômulo era tão amigo dos patrões que tinha um castrado. Ele me levou para ver o bicho e nós percebemos que não estávamos sozinhos. Um dos homens atacou e depois houve um disparo.

— Quantos homens fugiram? — perguntei, querendo segurar o riso.

— Cinco. — Meu número favorito. Henry também não aguentava a piada.

— Eu devia aumentar seu salário. — Me coloquei de pé e bati de leve no ombro de Henry.

— Eu não reclamaria, senhor.

— Durma logo. Amanhã não ficaremos muito tempo por aqui.

— Até amanhã, Don Luppolo. — Henry começava a se ajeitar na cama quando o deixei.

Me lembraria do bônus no pagamento, ele era merecido.

Voltei calmamente ao meu quarto, sabendo que meu soldado havia

pego o que precisava do homem antes de o matar. Kira havia dado um jeito nas câmeras de segurança e o mesmo soldado que atirou era o responsável pelo corte de energia. Plano rápido, prático e limpo. Rômulo era apenas a cota de morte da noite.

Acordei perto das nove, e depois de me arrumar, organizei o quarto e fiz minha mala antes de descer. Eu seria rápido, ainda tinha trabalho ali.

Dando algum tempo para que Felippo e Kira respondessem minhas mensagens, finalmente abri as mensagens de Zola.

Eu havia conseguido colocar Elizabeth em segundo plano por algum tempo, mas ela estava sempre lá, sempre presente. A ansiedade — que agora era uma boa conhecida —, fazia o estômago parecer vazio. Saber que Elizabeth estava a caminho me deixava no automático da contagem. Sem perceber, eu começava a bater os dentes conforme via alguma sequência de coisas, ou então passava a língua pelos dentes contando os segundos quando começava a pensar demais como estava fazendo naquele momento.

Quando saí do quarto, desci as escadas e encontrei Felippo discutindo em italiano com Khyara.

— O que está havendo aqui? — me intrometi na discussão usando o mesmo idioma que eles.

— Tive a bela surpresa de acordar com Khyara na minha cama hoje de manhã — Felippo me respondeu em inglês, alto e sonoro o bastante para os irmãos aparecerem.

— Como é? — Enzo fingiu não saber. — Minha irmã fez o quê?

— Apareceu seminua no meu quarto essa manhã — Felippo disse com ainda mais firmeza e Khyara segurou um sorriso, não parecendo nada arrependida.

— Não acredito que ela tenha feito isso por nada. Você a incentivou? — Aroni tentou manipular o jogo.

— Bom, já que não pretendo tomar café da manhã entre vocês, a coisa será rapidamente resolvida. — Me adiantei no assunto. — Khyara, você tem algum interesse em Felippo? — perguntei para a garota e ela fez que sim com a cabeça. — Felippo, você tem algum interesse em Khyara?

— De jeito nenhum — Meu *consigliere* falou, decidido.

Me dirigi a Khyara antes de passar pelo grupo e disse de forma quase debochada:

— Ele não a quer, querida. Supere. Rejeições são boas para o caráter.

Saí andando, deixando os irmãos sem saber como remediar aquilo e

bati a porta atrás de mim.

— Imagino que você já tenha encerrado seu show com as panteras — Kira disse enquanto me oferecia meus óculos de sol.

Aceitei e me virei para encarar a frente da fazenda onde uma grande pantera de chumbo descansava entre as pequenas flores de mármore branco.

— Ainda não. Henry, o que te pedi em particular hoje cedo já foi feito? — Meu soldado se aproximou com os poucos homens que comandavam ali.

— Tudo feito como pediu, senhor.

— O que você está aprontando? — Kira parecia divertida pela curiosidade.

— Espero que goste de fogos — disse ao ver Felippo sair da casa dos Callegari com cara de poucos amigos e entrei no carro. — Henry, siga a rota. Não quero perder nada.

Dito aquilo, o motorista colocou o carro em movimento e, por alguns minutos, contei até que meu soldado avisou:

— Daqui nós podemos ver.

— Ver o quê? — Felippo questionou e Kira olhou sem entender.

— Então aperte a porra do botão. — O sorriso surgiu e ao primeiro som de explosão, enquanto nosso carro passava na estrada, meus companheiros se assustaram conforme assistiam as colunas laranjas surgindo em meio a paisagem e então me olharam. Contei doze explosões antes de falar algo. — Era uma vez o dinheiro extra dos Callegari.

Eles saberiam que aquilo tinha dedo meu, mas não me importava. Até eu descobrir o que eles estavam mesmo querendo fazer, aquilo mostraria que, ou estavam comigo, ou contra mim.

Ninguém colocaria a máfia abaixo do que ela merecia e a única forma de sair dela, era deixando esse mundo.

Depois daquilo, estava finalmente pronto. Deixando-me ser consumido pelo ego e a certeza de que, depois de colocar parte da casa em ordem, Elizabeth seria o ponto fácil da noite e meu pau finalmente voltaria a funcionar.

Elizabeth Fabbri

Observando minha mala pronta em cima da cama enquanto estava sentada na poltrona, encolhida nas cobertas graças ao frio, mordi o pano conforme minha ficha caía. Eu ia embora. Nem mesmo a ida ao consulado com Zola me fez ter tamanha consciência do que estava acontecendo, mas estar ali, encarando minhas poucas roupas e pertences pessoais de maior valor sentimental, fez tudo parecer real.

A dúvida sobre estar pronta para encarar aquilo me batia com força.

Será que eu ainda queria abandonar tudo e me jogar no meio daquela farsa?

Será que valia a pena me arriscar tanto e jogar meu orgulho e dignidade na lama por causa de Louis?

Ele era a causa de todos os meus pesadelos que, por sinal, vinham sendo rotineiros, mas também era a causa dos momentos insones e dos tropeços do meu coração.

Ironicamente, Batman estava passando na TV enquanto eu mudava aleatoriamente de canal e só então reparei como o desgraçado parecia com o ator principal. Louis era mais forte, mais jovem também, e o nariz tinha uma marquinha e era meio torto, provavelmente consequência de alguma fratura. Merda! Se fechasse meus olhos por apenas um segundo, podia enxergar o homem bem ali na minha frente.

Desliguei a TV e me estiquei, jogando o resto da preguiça para o lado e pensando em como passaria aquele último dia ali sem tentar enfiar meus pais na mala escondido. Não, meus pais jamais poderiam conviver com Louis e seu tipo de gente.

Era loucura pensar na minha família tão próxima do perigo, ou da verdade.

— Diga que está ficando louca — Isabella reclamou do outro lado da linha. — Seu último dia aqui e você vai passar trancada em casa? Negativo.

— Isa… — Ela me ignorou.

— É bom você colocar essa bunda dentro de um jeans e me esperar bem arrumada porque eu não vou passar vergonha com você parecendo mendiga. Lá na gringa não tem problema se você sair de pijama para fazer compras, mas o negócio da cultura aqui é diferente, vai. Não me faça ligar para seus pais e inventar alguma coisa!

Como eu ia discutir com aquela louca?

— OK! Me convenceu pela delicadeza. Tenho pelo menos uma hora para me arrumar?

— Quinze minutos são suficientes. Beijos, até daqui a pouco. Vou buzinar loucamente em frente ao seu portão. — Com esse aviso, minha melhor amiga desligou na minha cara.

Encarei o celular por algum tempo e então suspirei, conformada. Isabella era uma força da natureza a qual eu não podia fazer muita coisa para conter.

Em meus jeans menos confortáveis e usando uma maquiagem leve, saí para a rua assim que ouvi o motor do carro de Isabella do outro lado. Quando saltei na porta do passageiro, ela sorriu e deu pequenas batidinhas no volante.

— Garota de coragem!

— Ou cuzona pelo fato de ter medo de você realmente acordar a vizinhança. — Ela sorriu enquanto me olhava colocar o cinto com cuidado.

— Como estamos hoje?

— Uma porcaria. — Era verdade. Tentei ignorar o fato de que tive febre e enchi a cara de analgésicos antes dos meus pais perceberem qualquer coisa, rezando para ser apenas um efeito do meu emocional superabalado e não uma das infecções pesadas que os médicos tanto me botaram medo.

— Uma porcaria bem bonitinha. Onde vamos essa noite? Encher a cara? — Isa mexeu no espelho retrovisor, retocando o batom vinho.

— Aha, que engraçada você. — Revirei os olhos junto do tom ácido.

Ela sorriu para o reflexo antes de colocar o espelho na posição que precisava.

— Não se preocupe, eu tenho tudo planejado.

Quando a garota deu partida, o frio na barriga me fez pela — primeira vez em semanas — sentir viva. Uma última noite, eu merecia.

No final das contas, Isabella se recusou a usar o GPS e começou a dar voltas aleatórias pela cidade, fazendo nossa noite terminar em um karaokê antigo que eu adorava. Assim que passei pela porta do lugar, vi meu pai de costas no balcão junto de um dos meus tios, pedindo algo para beber.

— Eu te disse que tinha tudo planejado! — Isabella disse, orgulhosa, enquanto passava um dos braços pelos meus ombros, vendo minha expressão enquanto tentava entender o que acontecia ali. — Você não achou mesmo que ia se livrar de todos nós que te amamos e queremos nos despedir direito, ou achou? — Ela riu, beijou minha bochecha por longos segundos e me

soltou, indo em direção ao meu pai para pedir algo no bar.

Era uma espécie de festa de despedida? Demorou um tempo até minha ficha cair, no terceiro ou quarto abraço é que fui me dar conta de que aquilo realmente estava acontecendo. Quando vi Pedro desolado e sozinho no fundo do bar, a ficha bateu na minha cara ao invés de cair na minha cabeça. Eu ia embora, aquilo precisava ser acabado do jeito certo e ali no meio de tanta gente conhecida, ainda não era a hora.

Eu o cumprimentei de longe e ele acenou de volta, mas não se mexeu a noite toda enquanto eu fui arrastada por todas as três horas seguintes para o microfone, fosse para cantar sozinha, fosse para fazer couro ou só gritar animada quando alguém engraçadinho cantava algum sucesso dos mamonas. Eu sentiria falta das reuniões em família só um tantinho a menos do que dos meus pais. Foi ali, observando cada um dos rostos tão conhecidos e dos quais eu havia me distanciado um pouco, que percebi que mesmo com todos os desentendimentos dos últimos tempos e do meu temperamento difícil, cada um naquela sala — e até os que não estavam, sabe lá Deus o motivo — fez e fazia parte de quem eu era e naquele momento eu realmente acreditava que era uma versão melhor de mim mesma. No final do dia, o sangue era sempre mais grosso e valioso do que todas as brigas e desentendimentos. Quem sabe uma hora todos nós pensássemos assim.

Depois que quase todos foram embora, finalmente me sentei com Isa em uma mesa, cansada de tanto pular e acreditando estar pronta.

— O mudinho veio. — A amargura na voz de Isa quase foi sentida pela minha língua.

— Não fale assim dele. Pensando melhor, vá para casa. Eu preciso resolver isso do jeito certo e você aqui vibrando e fazendo caras e bocas não vai ajudar. — Roubei um gole da bebida dela, buscando um pouco de coragem antes de sentar ao lado de Pedro.

— Eu não vou ficar para assistir isso, mas aguardo notícias fresquinhas mais tarde. — Ela sacudiu o celular na minha frente. — Tem dinheiro para o Uber?

— Tenho. — Sorrindo, me coloquei de pé, forçando-a a fazer o mesmo. — Obrigada por hoje e por todos os dias desde que entrou na minha vida. — Eu a abracei forte. Isa não era dada a demonstrações físicas de afeto, mas ela se deixou ser abraçada e se manteve ali comigo por um bom tempo.

A garota suspirou e me surpreendeu quando percebi que segurava o choro.

— Prometa que vai viver a mais linda das histórias, Liz. Você merece. Mesmo na merda, você tem o dom de transformar isso, aqui. — Ela colocou a mão na minha cabeça. — Dentro dessa mente maluca existem muitas histórias fantásticas para contar.

Eu apenas balancei a cabeça, concordando. Se abrisse a boca, provavelmente choraria e não podia vacilar para o próximo passo.

Quando Isabella finalmente me soltou do abraço, eu soprei um "eu te amo" mudo para ela e a vi partir, sabendo que aquela seria a hora mais curta, porém mais pesada da noite.

— Olá. — Me sentei ao lado de Pedro e me lembrei como insisti naquele garoto no começo, no meio e no fim do que eu sentia.

— Oi. — Ele parecia sem jeito. — Eu vim me desculpar, não sabia se você queria me ver depois da última vez.

— Esqueça isso, ok?! Sério. Eu não posso ficar muito mais porque realmente preciso dormir, mas preciso dizer algumas coisas para você antes e vou ser rápida... — Respirei fundo antes de ele começar a falar qualquer coisa e soltei cada pedacinho da verdade que existia dentro de mim. — Pedro, obrigada. Obrigada pelo tempo em que você me enxergou quando eu pensei ser invisível. Obrigada pelo apoio que você me deu quando eu achei que não podia parar de me machucar, ou quando tudo desmoronou lá em casa e ninguém mais sabia de todas as merdas em que eu havia me metido. Obrigada de coração por ter sido o meu melhor amigo, muito mais do que meu namorado e me fazer enxergar que a vida deve ser muito mais do que a expectativa em cima de uma outra pessoa. Nós não seríamos felizes, nunca estivemos na mesma página e agora, mais do que nunca, eu posso dizer que fizemos tudo o que podíamos, mas o destino tem outros planos. Seja feliz, Pedro, porque eu vou ser.

O garoto parecia petrificado, mas ainda assim teve um leve reflexo para me abraçar de volta quando eu o envolvi e beijei sua testa.

— Seja realmente muito feliz.

Quando peguei minha bolsa e me virei, indo embora daquele bar e deixando a última ponta solta para trás, senti o coração mais leve. Agora sim tudo estava bem para eu ir embora.

Caminhando pela rua quase deserta e escura, tudo dentro de mim começava a gritar em alerta para qualquer coisa diferente. Que ideia idiota foi sair para pegar um táxi? Podia muito bem ter pego um Uber, sei lá, qualquer merda pelo aplicativo em vez de sair sozinha.

— Boa noite, senhorita. Precisa de carona ou estacionou seu caminhão por aqui? — Zola me deu um susto. Estava apoiado na parede, em seu terno escuro e mãos no bolso.

— Estará no seu cu da próxima vez que me assustar assim! — Parei com as mãos no peito como se pudesse segurar o coração no lugar. Zola riu da situação.

— Você realmente foi burra de sair sozinha nessa rua escura? — Ele passou a mão até a minha nuca, com cuidado para não encostar em nenhuma outra parte das minhas costas. Concordei com a cabeça, quase envergonhada pelo ato impensado. — Venha… Vamos levá-la para casa.

Quando Zola me guiou para o carro, me dando uma amostra do que seria minha nova vida, olhei para cima, pensando no quão falsa era a liberdade que eu sentia.

-

Naquela noite, todos os meus medos invadiram meu quarto e subiram na cama, abraçando-me de modo sufocante enquanto afastavam meu sono. Não tinha o que fazer, não havia como voltar atrás. Dessa vez, não havia a possibilidade de dizer não.

Me revirei a noite inteira nos lençóis em busca de quinze minutos de descanso; em busca de algum tempo longe da ansiedade que me comia as entranhas.

Eu estava indo a caminho do inferno, em um voo sem escalas, e tudo o que não queria era que o diabo tirasse vantagem do meu estado.

***

Um dia eu realmente acreditei que estaria pronta. Imaginei aquela cena de tantas maneiras e de tantas perspectivas que quando a hora finalmente chegou, nada foi como o esperado.

— Você não está com fome, ou está? Se precisar, coloquei um pacote de *passatempo* na sua bolsa já que você disse que não tem isso lá. A blusa de frio também. Cuidado com o ar condicionado, você sabe que não pode bobear com qualquer chance de pegar um resfriado. — Minha mãe continuou seu texto interminável de pequenos cuidados, mas não conseguia prestar atenção

em uma única palavra que saía de sua boca. Faltavam dez minutos para eu ir embora e meus pés pareciam pesar uma tonelada. Se aquilo era tudo o que eu sempre quis, por que era tão difícil dizer adeus? Antes que minha mãe pudesse falar mais alguma coisa, eu a abracei, tão forte que sabia que ela ficaria dolorida depois daquilo. Meus dedos tremiam pela força que eu fazia enquanto puxava o corpo da mulher pequena para o meu.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo — declarei baixinho contra a testa dela. — Se cuide, não seja dominada pela teimosia do pai. Você é muito mais do que a sombra de nós, você é nossa coluna. Obrigada por tudo, principalmente por ter lutado por mim mesmo quando eu desisti. Você não sabe o quanto vou sentir falta do seu cheiro, das nossas risadas e danças no meio da cozinha. Ah, mãe… Eu te prometo escovar os dentes, usar cinco blusas mesmo que lá seja verão e mandar mensagem de hora em hora, mas me prometa que vai ficar bem, que vai pegar o dinheiro que ganhamos e guardar uma parte para qualquer surpresa no meio do caminho e usar o restante com coisas que te façam feliz! — Pude ver minha mãe segurando o choro barulhento mordendo a boca quando me afastei. Ela balançou a cabeça positivamente e eu sabia que cumpriria nosso acordo silencioso.

— E você! — Puxei meu pai para um abraço triplo. — Tente tomar todos os seus remédios sem precisarmos fazer uma comoção no país. Não abuse tanto da paciência da mãe ou suborne ela com seu bom humor para comer o que não deve. Eu estou viajando para longe, mas posso voltar a qualquer segundo caso você seja rebelde e precise de uns gritos para andar na linha. Se cuide, pai. Você ainda precisa ver muita coisa. — Tentei controlar o nó na garganta enquanto falava, mas não conseguia.

— Nós prometemos, mas e você? Vá ser feliz, Elizabeth, é tudo o que nós queremos. E saiba que, caso queira voltar, tudo vai estar como antes.

Mal sabia ele o quanto as coisas haviam mudado.

— Eu sei, pai. Eu sei…

Nós nos abraçamos ali, em um choro silencioso e cheio de uma saudade dolorida que começava antes mesmo de eu tirar os pés do chão. Nada no mundo era tão lar quanto o abraço dos meus pais.

Quando deixei meus pais para trás, caminhando para a sala de embarque, minha mente foi longe, me senti perdida.

— Elizabeth? — Zola me chamou, fazendo com que eu voltasse ao mundo real.

— Oi? — O olhar dele era preocupado, o loiro levantou e me puxou

para a poltrona.

— Você está bem?

— Vou ficar, só preciso me recuperar, sério. — Me curvei, apoiando os cotovelos nos joelhos e me surpreendi quando senti o abraço de Zola.

— Eles vão ficar bem.

— Eu espero que sim. — Ali, escondida do mundo graças ao terno do soldado, eu me deixei desmoronar por cinco minutos.

***

A poltrona da primeira classe era confortável, mas depois de quase cinco horas sentada, minha bunda começou a ficar dolorida, assim como as costas e as pernas.

— Você não era tão reclamona. — Zola riu de mim.

— Me dá um desconto. Não dormi noite passada e não tem nem um mês que tomei a maior surra da minha vida. Eu podia reclamar até a próxima encarnação e você teria que me aguentar.

— Justo. — Ele ainda tinha o sorriso divertido nos lábios. — Que tal um relaxante muscular?

— Quem sabe na hora que for deitar? Eu não quero correr o risco de dormir e ser carregada por você.

— Não se preocupe com isso, posso te colocar sobre o carrinho de malas.

Mostrei a língua para ele e revirei os olhos. A convivência com Zola seria fácil.

— Que tal me contar quais são os planos para quando chegarmos? —

— Vamos direto para o hotel. Vou dormir no quarto em frente ao seu para qualquer imprevisto. Amanhã você vai conhecer Giovanna e ela vai passar sua agenda. Inclusive, ela vai passar um bom tempo ao seu lado.

— Então, quer dizer que você e sua namorada vão cuidar de mim em tempo integral. Me sinto como o bebê do casal! — falei em tom de zombaria e fiz Zola ficar vermelho.

— Não é nada disso. Giovanna é como uma irmã.

— Ninguém pensa na irmã pelada, querido — rebati, um pouco mais

áspera do que queria e pude ver o rosto de Zola se fechar. — Sinto muito. Estou brincando. — O clima ficou absurdamente pesado. Quando eu ia aprender a calar a boca? — E o que mais você vai fazer? Vai me levar para comer a tal pizza dura de um dólar? Frozen de coca-cola, mais conhecido no brasil como raspadinha e feito facilmente esquecendo o refrigerante no congelador?

— Você é um problemão. — Zola respirou fundo e sorriu, me fazendo relaxar ao ver que estava perdoada. — Prometo ver o que posso fazer por você. A única coisa que posso te avisar para ficar preparada é com o consumismo louco de Giovanna e a tendência de organizar mais eventos do que as pessoas gostariam de comparecer, e acredite, ela vai te convencer.

— Estou ansiosa para ver. E Louis? Sabe que é para ficar longe?

— Saber ele sabe, mas você já o conhece bem o bastante para saber que não vai desistir.

— Eu o conheço bem, mas parece que ele não entendeu como as coisas funcionam agora.

Zola sorriu de um jeito triste quando balançou a cabeça em negativa.

— Liz, só de você estar sentada nesse avião, voando em direção a ele, já está fazendo o que ele quer.

Virei para a janela, não querendo admitir que ele estava certo. Enquanto olhava o entardecer dali de cima, do meio das nuvens, pensei em como eu havia me tornado o passarinho que voa em direção à gaiola, em vez de bater as asas, livre pelo céu.

***

Só depois que saí do avião e fui guiada por Zola para fora foi que notei que não estávamos sozinhos. Três outros engravatados nos acompanhavam e pelas suas caras fechadas, eu nem me atrevi a gastar saliva com nenhum deles. Na verdade, por toda irritação que as dores no corpo e o sono me causavam, nem com Zola eu queria falar. Todo o meu ser implorava pela cama e eu nunca fiquei tão feliz por achar meus remédios depois de revirar a bolsa. O relaxante muscular seria meu melhor amigo naquela noite.

Assim que entramos no carro, Zola me entregou uma garrafa d’água.

— Obrigada. — Meti o remédio para dentro.

— Está com fome? Podemos parar para comer alguma coisa.

— Não se preocupe agora. Pense em me recompensar com o melhor café da manhã do mundo. No momento, eu preciso muito dormir.

— Encoste aqui. — Zola me puxou para seu ombro e eu me ajeitei. — Vamos levar cerca de meia hora até o hotel.

— Um tempo excelente para um cochilinho.

E ouvindo o riso baixo de Zola, eu adormeci pela primeira vez em solo americano.

***

— Elizabeth, acorde. Você está roncando. — Zola me cutucou entre as costelas e eu reclamei, me afastando dele enquanto passava as mãos pelo rosto, forçando o corpo a acordar.

— Eu não ronco — falei antes de bocejar.

— Não como uma pessoa normal. Caminhoneiro — ele provocou e desceu do carro antes de eu conseguir processar algo para responder. — Venha logo, lá em cima tem uma bela cama te esperando. — Ele me estendeu a mão.

— É tudo o que preciso. — Me forcei para fora do carro e percebi o quão burra tinha sido em usar minhas sandálias de tiras para um voo longo. Meus pés pareciam dois pãezinhos de tão inchados no sapato.

Zola praticamente me arrastou para dentro do hotel, um dos homens de preto já conversava na recepção enquanto outro andou em nossa direção e apertou dois cartões magnéticos nas mãos do loiro em que eu me apoiava.

Sem falar nada pela preguiça e cansaço, tentei manter a dignidade e soltei Zola para andar até o elevador, me encostando na parede do fundo, fechando os olhos e sorrindo.

— O que foi?

— Estou em Nova Iorque. — Me senti uma criança.

— Está. Qual a próxima constatação? — Zola parecia entretido.

— Eu vou ser feliz aqui, Zola. Juro que vou. Agora vire de costas aqui na minha frente para eu cochilar até chegar ao meu quarto. — Eu o ouvi rir antes de me xingar de algo em italiano que eu não sabia o que significava.

***

Assim que Zola me passou o cartão magnético, me deu boa noite e mostrou que estaria bem em frente caso eu precisasse de algo.

— Não durma pelado. A última coisa na Terra que quero ver é você sem roupas caso eu esteja em perigo. Certo, *golden boy*?

— Você não teria essa sorte. — Ele piscou para mim e eu passei o cartão magnético mostrando o dedo do meio para ele.

— Boa noite, Elizabeth.

Não respondi. Assim que entrei pela porta e a bati atrás de mim, como um balde de água fria sendo jogado na minha cabeça, despertei ao ver o quarto.

Era enorme, com uma cama de casal que caberiam quatro de mim, uma mesinha com livros bem em frente a uma janela grande, sofás, poltronas, outras quinhentas coisas pelas quais meus olhos passaram em um *flash* e finalmente o terraço. A vista daquele lugar era maravilhosa. As luzes, a cidade, tudo pulsava, tudo vivia.

Me livrei das sandálias enquanto caminhava para fora, querendo ver e sentir tudo o que aquele lugar tinha de encantador.

Quando finalmente coloquei os pés sobre o piso frio do terraço, algo dentro de mim tremeu. Respirei fundo, de olhos fechados e comecei a rir.

Nova Iorque fedia, assim como São Paulo.

O ar era pesado e eu conseguia sentir o cheiro daquele lugar tão severamente que quase me senti em casa.

Foi então que meu coração parou.

O som de uma porta sendo aberta e logo fechada, o cheiro familiar de outono que dominava o ambiente só de ele entrar no lugar… Eu girei lentamente sobre os pés e levantei o olhar para o homem parado em frente ao que deveria ser o banheiro. Louis estava enrolado da cintura para baixo em uma toalha branca, parecendo ainda mais forte, o peito molhado, o rosto sem barba, mas os cabelos maiores do que antes, molhados e penteados perfeitamente para trás.

“O que ele faz aqui?”, questionei em silêncio.

— E então, Elizabeth, o que é tão engraçado sobre a cidade para fazê-la gargalhar?

Louis deu um passo em minha direção e eu não consegui me mover.

Primeiro foi silêncio, minha mente parecia um papel em branco e eu me senti observadora da cena em câmera lenta. Assisti Louis em passos lentos e certeiros na minha direção. Seu cheiro me invadindo a mente, seu corpo molhado, sua aura negra e extremamente sufocante… Não conseguia me mover e Louis via aquilo como um convite.

O homem finalmente chegou bem a minha frente, o sorriso escondido lá, os olhos me desafiando, estudando, procurando algo que ele não sabia se ainda existia e talvez por isso, ele resolveu avançar. Quando Louis me pegou pela cintura, tudo desceu sobre mim como uma enxurrada de lama, sujando e levando tudo no caminho.

Demorou pelo menos quinze segundos. Duas lágrimas grossas borraram minha visão antes de caírem pelo meu rosto, Louis olhou incerto. Toda minha vulnerabilidade começando a se expor. Meu corpo começou a tremer e antes que eu me desse conta, estava berrando.

— SAAAAAAAI DAQUI! — Finalmente meu corpo resolveu responder. Empurrei o peito de Louis, com toda a força que tinha. — QUE. DIABOS. VOCÊ. FAZ. AQUI? — Eu o soquei, empurrando o corpo do homem para trás enquanto ele tentava se defender, até estarmos dentro do quarto.

— Elizabeth, pare! — Ele se afastou, colocando os braços na frente do corpo.

— É o caralho que vou parar. Sai daqui, demônio! Sai! — Peguei meus sapatos jogados no chão e atirei em Louis com toda a força que tinha.

— Por que está fazendo isso? Não é melhor conversarmos? — Ele veio atrás de mim quando entrei no banheiro. Peguei as roupas do homem abusado que estavam jogadas no chão e me levantei, passando por Louis de forma bruta, evitando seus braços e me esticando na ponta do pé por culpa da altura dele. Peguei seus cabelos da parte de trás da cabeça e saí puxando com toda a força que pude, arrastando-o de costas em direção a porta.

— VOCÊ NÃO PODE ENTRAR AQUI! SAI!

Quando finalmente consegui colocar Louis para fora, a cara dele quase me fez rir.

— Eu não acredito que vai me colocar para fora, pelado! — Ele segurou a toalha na cintura, me encarando como se ainda não acreditasse que aquilo estava acontecendo.

— Eu não ia, mas essa é uma ótima ideia! — Taquei o primeiro sapato dele. — O que você pensou? Que ia aparecer aqui pelado e eu ia cair

na cama em cima do seu pau? — Taquei o outro. — MALDITO! Mentiroso, sujo, safado! — Eu acabei saindo de dentro do quarto, batendo no homem enquanto o xingava.

— EI! EI! EI! — Zola apareceu, me erguendo do chão enquanto me abraçava por trás, as mãos na minha barriga apertando os pontos dali e massacrando minhas costas que pareciam arder como fogo.

Eu só arfei e parei de me mexer. O ar faltou, minha pressão devia ter baixado junto e por um segundo me senti ficar mole.

— O que ela tem? — Louis ficou preocupado.

Zola me colocou no chão e eu o abracei sem jeito, escondendo o rosto em seu peito.

— Mande-o embora. Mande-o ir AGORA! — Tentei falar o mais dura possível.

— Chefe, eu acho que a gritaria pode chamar atenção.

Olhei sobre o ombro e vi Louis parado como eu tanto cheguei a adorar, uma das mãos na cintura, a outra esfregando os olhos.

— Coloque-a de volta para dentro. Isso foi uma besteira.

O homem saiu em direção ao quarto de frente para o meu enquanto Zola me arrastou, colocando-me sentada na cama do meu quarto.

— Você está bem? — Zola me perguntou, ajoelhado entre as minhas pernas, encarando meu rosto com preocupação.

Eu não sabia responder, porque ao mesmo tempo em que queria jogar o homem do quarto da frente pela varanda, lá no fundo, eu sabia que se não pensasse, me jogaria logo atrás para salvá-lo.

***

Depois de um tempo em silêncio, Zola me deu um copo d’água e me deixou respirar. Quando o silêncio começou a ficar sufocante, eu o quebrei.

— Ele não devia ter feito isso… Olhar para Louis agora, ver essa atitude estúpida… Isso só me faz pensar no motivo de estar aqui, sendo uma marionete nas mãos dele, deixando-o controlar minha vida por causa dos meus sonhos… — Meu tom era baixo, falei mais para mim do que para Zola.

— Porque você, de alguma forma, sabe que isso é o que precisa ser feito. Infelizmente você é um alvo, Liz. E apesar de tudo, Louis nunca mais

vai permitir que você corra algum risco.

— Ele não pode prever tudo. Da última vez o motorista morreu, você tomou um tiro e eu… — Minha voz sumiu conforme eu ia lembrando do que aconteceu. Fechei os olhos e balancei a cabeça, como se as imagens pudessem sair da minha mente com aquele movimento. — Eu não quero passar por aquilo de novo. Da próxima vez, pode ser você o morto. Da próxima vez, eu posso não aguentar.

— Não posso te prometer que você está cem por cento segura, Liz, mas posso fazer o meu máximo para que isso aconteça.

— Não quero você arriscando sua vida por mim, Zola. Não quero mais ter que viver com medo de atravessar a rua. — Encarei o loiro e suspirei, levantando e colocando o copo na mesinha de cabeceira. — Seu chefe está no seu quarto, provavelmente revoltado e pelado, coisas que eu vi muito no último mês. Acho melhor você ir.

Zola entendeu o recado e caminhou até a porta. Ele já ia saindo quando acabou se virando.

— Eu sei que não deveria opinar, e o que Louis fez foi estúpido e impulsivo, mas resolva isso. Viver com esse peso vai te matar por dentro e eu não gostaria da sua pessoa em uma versão de que não essa. Boa noite.

Quando Zola fechou a porta, eu me levantei e virei o pino da fechadura esquisita. Não queria correr o risco de uma visita noturna que atrapalhasse as horas em que passaria dissecando a última frase do único amigo que eu tinha no momento. Zola tinha razão, não dava para viver imersa em mágoa e cedo ou tarde, Louis iria me encontrar sozinha e me forçaria a conversar com ele. Seria burrice minha não aproveitar o terreno e armar algo antes.

Não esperei o sono voltar e tive que lidar com minha consciência reclamando quando botei o segundo comprimido para dentro, enfiei os fones no ouvido e coloquei *Liz on top of the world* para tocar em *looping*. Imaginei-me como na cena do filme de uma maneira adaptada à minha situação, me vi no alto de um abismo, encarando o inferno fumegante a minha frente, até adormecer.

CAPÍTULO 8

Elizabeth Fabbri

O quarto parecia muito claro quando acordei. Levei o braço até o rosto, tapando os olhos e me virando na cama.

— E não é que você ronca mesmo? — Olhei assustada para o pé da cama e vi Zola segurando o celular. O infeliz apertou o play e o som de porcos grunhindo começou.

— Olha só quem comeu palhacitos logo pela manhã — falei em português enquanto me espreguiçava.

— O quê?

— Nada. Apenas elogiando sua habilidade de apertar botões. — Sorri enquanto me colocava de pé. Vestindo a roupa do dia anterior, encarei o banheiro e soltei um gemido baixo em desânimo.

— O que foi?

— Preciso de um banho.

— Roinc, roinc… — Zola imitou um porco e ganhou uma travesseirada na cabeça em resposta.

— Não é isso. Preciso de ajuda com as costas. Preciso que alguém passe o remédio e coloque os curativos. — Eu espirrei.

— Foi uma bela ideia dormir com as janelas abertas, hein?

— Nem comece com o sermão. Eu não tenho irmão mais velho justamente por isso. Mas... E aí? Vou ter que implorar uma mãozinha depois do banho?

— Eu realmente não quero problemas com o chefe por ver você sem roupa. Se Giovanna não estiver aqui, eu ajudo com a condição de você não contar.

— Ok, prometido — falei sem emoção enquanto caçava algo na mala para vestir.

***

Assim que entrei no banheiro e tirei a roupa, encarei meu corpo no espelho. Eu havia emagrecido um pouco nos últimos tempos. Os roxos espalhados pelo meu corpo agora eram de um verde translúcido esquisito, parecia que eu estava apodrecendo. Apoiei as mãos na pia de mármore frio e respirei fundo enquanto encarava meu reflexo.

O homem era abusado, havia quase me destruído, corpo e alma. Então entrava no meu quarto como se nada tivesse acontecido, como se aquilo fosse me fazer ter um surto de amnésia e fosse me jogar em seus braços. Louis não me conhecia tão bem quanto ele pensava, ou então era muito idiota de pensar que aquilo seria uma surpresa agradável.

Ok, ele estava malhando mais e o desgraçado continuava bonito como o diabo, mas ainda não era aquilo que eu queria de Louis. Por baixo de toda a raiva, ódio e asco que eu andava sentindo, estava machucada. Ferida por todas as mentiras, todas as armações e por ser largada para morrer no escuro. Não queria ser a marca ambulante, representando uma vingança ou uma revanche. Eu queria que os dias de inverno voltassem e a merda da máfia, e todos os seus problemas ficassem bem afastados de nós dois, dentro da bolha instável que criamos. No fundo, mesmo não querendo admitir, eu sentia saudade daquele filho da puta. Algo que ele nem sabia o significado e eu não entendia o motivo de sentir.

Terminei o banho, sentindo as costas doloridas demais e tossindo mais que o comum. O frio também parecia ter invadido o verão nova-iorquino e eu me tremia inteira depois do banho quentinho. Sair do box foi uma tortura. Mas me enrolei no roupão e dei uns pulinhos na esperança do corpo esquentar antes de vestir as calças jeans e encaixar o sutiã.

Quando finalmente tive coragem de sair do banheiro, agarrando a toalha de banho com mais força que o necessário na frente dos seios, Zola se levantou num pulo.

— Sente aqui. — Ele virou a cadeira ao contrário e eu me sentei, apoiando o peito no encosto. — Agora me diga o que fazer.

— Não é nada demais. Passe o spray que está em cima da cama, depois cubra os pontos com gaze e o esparadrapo. Vamos, não é difícil. — Era verdade que aquela merda estava demorando mais do que o esperado para cicatrizar, mas não era um bicho de sete cabeças.

— Ok… — O tom foi sem emoção.

Apoiei o queixo no apoio da cadeira, esperando que aquilo não fosse tão constrangedor e que Zola não se assustasse em como minha pele havia ficado.

Em menos de quinze minutos o loiro havia feito meu curativo das costas e da barriga.

— Você já olhou isso aqui? Eles estão… — Zola foi interrompido por batidas na porta.

— Posso entrar? — Uma voz que nunca tinha ouvido falou do outro lado e eu encarei Zola.

— Um minuto! — Zola gritou em resposta e me olhou como se estivesse ansioso. — Giovanna chegou.

Por algum motivo insano, meu estômago se encolheu. Peguei a blusa e corri para o banheiro enquanto Zola foi encontrar Giovanna. Assim que bati a porta do banheiro, pude ouvir a garota entrar.

— Z! — ela falou em um tom agudo e eu ri, imaginando Zola reagindo à garota. Será que ela se parecia com Louis? Meu coração começou a bater forte quando lembrei todas as coisas que sabia sobre ela. Entre todas as informações, aquela sobre ela acreditar que eu era a “escolhida” apareceu em destaque. Seria possível a garota ser mais inocente do que eu em relação a todo aquele negócio? Dei mais uma olhada em como eu parecia em frente ao espelho e respirei fundo antes de sair.

Abri a porta devagar, evitando fazer barulho, e assim que consegui uma visão da garota, quase caí para trás.

Giovanna era alta, loira e magra. O cabelo era quase platinado, e estava preso em um coque no alto da cabeça junto de um laço preto. O nariz era desenhado e marcadinho, a boca pequena e pintada de um batom rosa claro segurava um meio sorriso verdadeiro e os olhos verdes, felinos como o do irmão, me encaravam com curiosidade.

Assim que ela tomou ciência de que eu também a examinava, se virou na minha direção e esperou eu terminar de abrir a porta. Depois de uma olhada rápida para Zola, ela abriu um sorriso enorme e disse na voz mais doce que eu já havia escutado:

— Eu sabia que ela era mais bonita pessoalmente do que pelas fotos.

Encarei Zola por um segundo e vi expectativa em seus olhos. Dei um passo para frente, me sentindo como um bicho sendo observado e tentei sorrir.

Cada vez que eu me via mais enfiada naquele mundo, menos conseguia me ver saindo dele.

***

Era esquisito estar na mesma mesa que a irmã do cara que me pagou por sexo, ainda mais quando ela sabia disso e esperava que eu pudesse me tornar mais do que um caso.

Estava ao lado de Giovanna e Zola fazia uma hora e tive algumas certezas.

Uma: Zola era completamente apaixonado por ela e ela parecia não se dar conta disso. Era o tipo de *friendzone* dolorida, quando a garota realmente acredita que o cara é como um irmão e o garoto faz de tudo por ela; duas: Giovanna era tão parecida e diferente de Louis que confundia minha cabeça. Podia enxergar o irmão nela quando ela decidiu de forma firme o restaurante que iria me levar, mas vi uma delicadeza sem igual quando colocou a mão na minha testa antes de sairmos e me induziu a tomar um dos remédios de prevenção.

Outra coisa que me deixava embasbacada era a beleza da menina. Giovanna poderia estar em qualquer um dos *outdoors* que vimos pela cidade, ou em uma passarela como a mais nova top model graças ao corpo magro e delicado, e o rosto de anjo.

Quando ela se levantou para ir ao banheiro, pedindo licença com toda sua educação, eu finalmente fitei Zola.

— Agora eu entendo — provoquei em um meio sorriso e olhei pela janela antes de encarar o loiro de volta.

O restaurante que Giovanna havia escolhido tinha dois andares, a luz era quase toda natural, graças às grandes janelas que davam vista para as copas das árvores do central park.

— O quê? — Zola se fez de desentendido, com aquele sorriso maroto na boca que não me enganava.

— Você pode me achar idiota por negar até o último minuto o que senti por Louis. — Parecia doer menos falar aquilo. — Mas você está fazendo papel de bobo ao negar seu sentimento por ela.

— Não invente. Giovanna é minha melhor amiga e como sou sua

babá por todo o resto do tempo que mandarem, aproveito o tempo que temos juntos. Inclusive, agradeço muito que tenha segurado a língua com os palavrões e apelidos perto dela. Gio é ciumenta o bastante para me pedir de volta ao chefe.

— Imagino que você adoraria isso, não? — provoquei novamente e vi o rapaz ficar vermelho, tentando disfarçar o constrangimento enquanto enchia a boca de comida. — Não se sinta preso, você está livre para voltar quando quiser. Eu já percebi que as coisas por aqui não vão ser nada como eu imaginei. — Suspirei pesado enquanto a menina voltava.

— O que eu perdi? — ela perguntou enquanto sentava cruzando as pernas compridas.

Analisei por um segundo o estilo de Giovanna, me sentindo malvestida perto da garota.

— Estava conversando sobre Zola cuidar da minha segurança e não da sua. Vocês são muito amigos, está na cara. — Vi Zola me olhar com expectativa, com medo de eu falar algo que não devia. — Você não sente falta dele? Eu posso me virar bem sozinha.

Giovanna trocou olhares com Zola e riu.

— Querida Lizzie, você acha mesmo que Zola é o único tomando conta de nós? Meu pai é cuidadoso, meu irmão é louco. Lá fora tem pelo menos doze homens seus e doze meus. Aqui dentro, sem que nós saibamos, pelo menos quatro, um em cada porta — Giovanna falava com naturalidade sobre aquilo. Algo que eu estranhava muito e me vi olhando o salão em volta, identificando homens solitários bebendo cafés ou lendo jornais, imaginando onde suas armas carregadas estavam e o que estariam dispostos a fazer por nossas vidas. — E mesmo assim, eles ainda não foram o bastante para manter a minha dupla imbatível dentro do apartamento duas noites atrás. Ah, Z! Você PRECISA levar Liz e eu na *Fourteen*! Juro, não existe balada melhor. E eles tocam música brasileira! Eu amo funk, mas não tenho a cintura solta como as brasileiras. — Ela fez biquinho. — Você deveria me ajudar nisso! Podemos marcar uma noite das meninas, aliás… Nosso plano da tarde pode ser totalmente acertado dentro do salão. — Gio pegou minha mão e olhou as unhas sem fazer. — Você vai amar minha manicure!

Zola tinha razão, a menina parecia ligada no 220w e me faria de seu bichinho de estimação. Contando que isso não envolvesse o irmão, eu estava sossegada.

— Acho que Elizabeth na rua assim está fora de questão, inclusive,

precisamos marcar logo o médico dela. Não é normal essa febre e acredito que precisam dar uma olhada em outras coisas.

Algo pareceu ter deixado o clima frio e Giovanna pareceu murchar. Será que ela fazia ideia do que havia acontecido comigo por culpa do irmão?

— Eu concordo. Primeiro o médico, então, mas antes disso, uma tarde no salão não vai fazer mal. — Os olhos da garota procuraram os meus em busca de aprovação e eu sorri. Não tinha como deixar de sorrir quando percebia que ela tentava me deixar à vontade.

Foi fácil me encaixar entre Giovanna e Zola. Ela realmente tentou ser legal comigo e eu não podia reclamar já que ela seria minha parceira de trabalho. Zola era o elo e eu agradecia por tê-lo perto. Precisava de alguém que diminuísse a intensidade de Giovanna quando ela se empolgava.

Quando comi mais do que achava ser capaz de aguentar e percebi que Giovanna tinha comido praticamente o dobro, quase ri. Como podia ser tão magra comendo tanto?

Eu me distraí enquanto encarava a menina rir.

— Você vai gostar, não é, Liz?

— Oi? Desculpa, às vezes você fala muito rápido e eu não consigo acompanhar. — Os modos nova-iorquinos ainda eram novidade.

— Ah, aos poucos você se acostuma. Vou tentar falar mais devagar, não quero que você perca nada! — Ela parecia realmente preocupada em me fazer confortável.

— E então? Do que vocês estavam falando? — Sorri, tentando me inteirar do assunto.

— Estava comentando que você pode ser minha companheira de compras essa tarde. Salão, roupas… Você gosta, não?

— Ah, merda. — Foi o tempo de eu ver Zola reclamar, com a boca aberta enquanto olhava atrás de mim.

— O quê? — Giovanna seguiu seus olhos e por um segundo, a face corada perdeu a cor. — Isso não estava planejado. — O tom foi quase desesperado.

Fechei os olhos, imaginando que Louis estava bem atrás de mim. Eu não podia fazer um escândalo ali, não podia deixar o homem acabar com a minha sanidade só de chegar perto como havia feito noite passada. Jogar meu chá em seu rosto passou pela minha cabeça, mas eu precisava controlar o gênio e mostrar que ele não me afetava tanto.

Ouvi Giovanna levantar e passar por mim. Respirei fundo por três

vezes e finalmente encarei Zola, que parecia em estado de alerta.

— Espero, do fundo do meu coração, que Louis não tente nada por aqui.

— Acredite, Louis agora é o menor dos seus problemas. — Zola ainda olhava além de mim e despertou minha curiosidade. — Não olhe! — O loiro tentou me parar, mas era tarde demais.

Quando olhei sobre o ombro, a saudade dos cabelos compridos se apertou no meu peito.

Eu poderia tentar me esconder dos olhos azuis da noiva de Louis.

Natasha estava ali, parada ao lado de Giovanna, com o sorriso de felicidade por encontrar a cor da sua quase parente sumindo do rosto, tudo por ver a amante de seu noivo aonde ela jamais imaginou, no coração de Nova Iorque, bem no seio da Família.

O olhar da garota me prendeu por mais tempo que eu gostaria, Giovanna a puxou delicadamente pelo braço e a levou para a grande varanda atrás de nós, enquanto Zola se levantou, largando o prato e me chamando.

— Vamos, Liz. Aqui não é um bom lugar no momento.

Não pensei duas vezes para levantar e seguir Zola em direção às escadas.

Talvez o primeiro dia ali estivesse predizendo o restante deles.

***

— Sinto muito por isso — Giovanna disse, entrando no carro bem ao meu lado. — Vamos logo para o plano da tarde, não quero te deixar presa naquele quarto pensando o que não deve.

— Ela é a noiva de Louis, não é? — interrompi a tentativa de troca de assunto e pude sentir a cumplicidade de Giovanna e Zola na tensão que surgiu no ar.

— Sim, infelizmente ela ainda é a noiva de Louis — Zola respondeu de forma direta e honesta, recebendo um olhar assassino da loira perfeita ao meu lado.

— E ela não fazia ideia de que eu estava aqui. — Me atrevi a olhar pela janela, assistindo os passantes, querendo trocar de vida com qualquer um naquele minuto.

— Não se sinta mal, por favor! — Giovanna quase implorou quando pegou minha mão meio sem jeito. — Ela acredita estar em sua razão.

— E está. Quem dormiu com seu irmão enquanto ele tinha compromisso fui eu. Não sou eu que devo odiar a garota, não sinto nenhum pouco de raiva dela, se quer saber. Só sinto muito por Louis ter metido nós duas nessa merda sem fim.

— O noivado deles não é por amor, Liz — Giovanna tentou defender o irmão com o tom que eu já havia percebido ser o usado para persuadir.

— Nem eu fui parar na cama do seu irmão por isso, Giovanna.

E a discussão se encerrou ali, com a garota fazendo bico, pensando em algum argumento bom para a defesa do irmão e com a minha consciência gritando por saber que Natasha era só mais uma vítima de Louis, muito mais afetada do que eu.

Quando a menina me puxou para dentro do salão e me largou na mão de um cabeleireiro aparentemente íntimo, a apreensão e o medo cresceram dentro de mim. Era tortura deixar alguém mexer nos meus cabelos quando o último corte que ele recebeu cortou minha alma junto.

— Não precisa ficar nervosa, querida. Nós vamos arrumar a bagunça que fizeram nesses fios! — O cara afeminado tentou me dar alguma segurança, mas eu não consegui falar. Sacudi a cabeça em afirmativo e fechei os olhos, esperando resistir à vontade de gritar cada vez que ele encostava em alguma parte das minhas costas ou nuca sem querer.

Quando o homem finalmente terminou seu trabalho com a tesoura, abri os olhos com ansiedade e finalmente encarei um reflexo meu que quase identifiquei. Ainda era estranho me ver com o cabelo tão curto, mas o homem fez algo que mudou o jeito morto que meu cabelo caía. Era um long bob curto, mas eu gostei. Graças a Deus ele não tentou fazer franja e quando joguei o cabelo para o lado, pude ouvir Giovanna reagindo. Me virei para encarar a loira batendo palminhas, animada.

— *Hai ragione, Santino!* — O homem entendeu o que ela havia dito, pois sorriu e aceitou a empolgação da garota. — Você está linda, Lizzie! Agora sim nós podemos começar a trabalhar seu guarda-roupa.

— Giovanna, eu não tenho tanto dinheiro.

— Mas eu tenho! Andiamo! — Eu não tive tempo de falar. Ela me arrastou para fora do salão antes que eu pudesse falar qualquer coisa.

— Ei! Eu não paguei! — reclamei, tentando voltar para dentro das portas de vidro.

— *Non discutere con me, caspita!* — Lá estava o gênio do irmão escondido. — Não se preocupe com dinheiro, Liz. Está tudo incluído no pacote, eu sempre quis ter uma irmã.

Aquilo me pegou como um soco no estômago e eu parei no meio das escadas, observando Zola abrindo a porta do carro e Giovanna se virando para ver o porquê de eu ter parado.

— Irmã? — questionei baixinho.

— É o que espero, você não? — Os olhinhos verdes, atrevidos e muito vivos, me olhavam com um sorriso encantador no rosto.

Como lidar com o furacão Giovanna?

***

Entendi rápido o que Zola quis me fazer entender quando disse que Giovanna era persuasiva. A garota me fez experimentar roupas e me olhar no espelho pelo resto da tarde. Me senti como uma criança ou uma boneca.

— Amo como as roupas ficam bem no seu corpo marcando a cintura. — Ela se aproximou pelas minhas costas, ajustando a barra da camisa para dentro da saia cintura alta. — Mas ainda quero ver você no vestido de festa.

Apesar dos dezenove anos, Giovanna mandava como se estivesse acostumada com aquilo. Suas sugestões de tom suave eram acatadas facilmente, porque olhar naquele rosto perfeito e dizer não era quase impossível.

— Ah, aquele não… — falei, alisando a saia de couro justa, tentando me livrar do embaraço.

— Por quê? — O tom foi chateado.

— Não me sinto à vontade mostrando tanta pele, ainda mais agora...

— *Per Dio*. Esqueci completamente disso. — Ela cruzou os braços e depois apoiou o queixo em uma das mãos. — Vou precisar pensar, você não pode ir vestindo qualquer coisa.

— Ir aonde? — perguntei enquanto voltava ao provador.

— Ao aniversário de Louis, onde mais seria? — Giovanna fechou o provador antes que eu pudesse responder e por um segundo, quis bater na menina.

Assim que saí do provador com minhas roupas e uma pilha de peças

embaixo do braço, encarei Giovanna enquanto a via perdida escolhendo mais vestidos.

— Acho que basta. — Tentei não ser rude e ela suspirou, me desarmando logo que sorriu para mim.

— Eu esqueço que nem todos gostam tanto de compras e moda quanto eu. — Ela girou em cima dos saltos enormes e veio até mim. — Espero que você tenha gostado dos meus presentes! Quero muito que você se sinta em casa — ela falou baixo como uma confissão.

— Eu adorei, mesmo. — Me esforcei para parecer animada. — Mas realmente não acredito que você deva gastar seu dinheiro assim comigo.

— Não se preocupe com isso. — Ela tocou meu nariz como se eu fosse uma criança e me fez respirar fundo.

Enquanto assistia Giovanna pagar pelas contas, feliz da vida, agradeci por ela ter aparecido. Eu já me sentia vazia o suficiente no meio do meu silêncio, não precisava de mais

— Então… O que você quer vestir? — A menina me pressionou no hotel.

— Vocês não vão sair. — Zola foi categórico enquanto abria uma garrafa de coca para logo depois soltar um arroto alto.

— Depois você quer me chamar de porca? — alfinetei o soldado e percebi Giovanna estranhar por um segundo.

— Antes para fora do que para dentro — o loiro me respondeu, sentando no sofá, super à vontade. Eu o ignorei e me virei para Giovanna.

— Realmente, eu estou supercansada… Só queria deitar e dormir no momento.

— Dã, não estou falando de agora. — Ela revirou os olhos como se fosse óbvio e quando viu que eu não entendi, finalmente se explicou. — Estou falando sobre o aniversário, mas não se preocupe. Nós podemos ver isso depois. Acho que vou para casa, preciso organizar tudo para segunda. Considere domingo seu dia de folga porque segunda é um dia cheio. — Ela pegou sua bolsa, colocando a mesma no ombro e contando nos dedos de unhas perfeitamente pintadas de esmalte vermelho. — Você vai conhecer os tradutores do seu livro, nós vamos até a gráfica… é um processo, você vai precisar gastar uma boa quantidade de energia mental nisso. Descanse, *cara mia*, e qualquer coisa é só ligar. Meu número vai estar entre as últimas ligações do seu celular. — Giovanna me deu um abraço rápido e foi até a porta, encarando Zola, convidando o mesmo a seguir pelo mesmo caminho.

— Boa noite, Liz. — Ele levantou num pulo. — Qualquer coisa, estou do outro lado do corredor. — Ele indicou com a mão quando chegou à porta e saiu sorrindo, logo atrás da loira.

Será que eles não viam que eram o casal perfeito?

Afastei o pensamento e arranquei os tênis de qualquer jeito. Me arrastei para debaixo dos lençóis depois de trocar de roupa e fechei os olhos, implorando para uma noite sem sonhos, sem pesadelos, apenas um eterno breu onde eu pudesse descansar para sempre. Como se pela primeira vez o pedido pudesse ser atendido, eu fui engolida pelo vazio escuro que havia dentro de mim.

Louis Luppolo

Eu não era burro, não mesmo. Entretanto, Elizabeth conseguia me fazer duvidar da minha inteligência.

— Ela não está bem, senhor. Ainda está se recuperando física e mentalmente, sinto que Elizabeth está uma bagunça — Zola me dizia enquanto me emprestava suas roupas. Eu não podia sair pelado e era a única opção.

— Ela bagunçada ou não, vai precisar lidar com o fato de que está no meu território. Elizabeth não pode se esconder para sempre, ou me evitar. — Meu tom era de imposição. Eu mal tive tempo de colocar os olhos nela, nem pude tocá-la! Não me importava que ela tivesse todos os muros altos novamente, eu os demoliria mais rápido do que da última vez.

Sair daquele hotel sem ter nada para me vangloriar havia fodido o meu humor e o efeito dela sobre mim era duzentas vezes pior. Se no Brasil ela conseguia embaralhar minha mente, a dez minutos da minha casa ela conseguiria arrancar a pouca sanidade que me restava.

A obsessão me fez virar refém e meu sábado foi uma grande merda. Eu a vigiava pelos olhos de Giovanna e a cada mensagem de texto extremamente animada que recebia de minha irmã, começava a me questionar “Por que não eu?”. Não seria muito melhor para Elizabeth zerar os ponteiros e tentar recomeçar? Eu estava disposto demais a isso e não era apenas pela grande falta de controle do meu pau. Tinha necessidade dela e me

peguei rindo ao longo do dia enquanto lembrava a cena da garota de pouco mais de um metro e meio me colocando para fora do quarto pelos cabelos. Talvez toda a raiva dela por mim fizesse sentido. Estava cortando qualquer chance de ela viver longe de mim. Havia arrastado Elizabeth até o meio do furacão e ousava dizer que não me arrependia de nada. Os ônus do caminho tinham acontecido, mas eu havia sobrevivido a torturas tão intensas quanto as dela, uma hora a pele endurecia, uma hora, aquilo tudo virava o único prazer. Não! A quem eu queria enganar? Apesar de criados do mesmo material, Elizabeth tinha algo dentro de si que eu não acreditava mais ter. Sua bondade era genuína, seu bom caráter, sua força... Ela era tão igual, mas completamente diferente e me enlouqueceria antes de eu conseguir entender o porquê tinha aquela necessidade maldita dela.

Ouvi a campainha de casa tocar após o almoço e esperei Edgar anunciar a visita.

— Não espere que o seu mordomo idoso me anuncie. — Felippo surgiu pelas escadas e eu segui para o escritório.

— O que faz aqui? — Me sentei na minha cadeira e indiquei a poltrona à frente da minha mesa para que ele se sentasse. — Algum recado dos nossos amigos de Vermont?

— Ainda não acredito que você tenha explodido toda aquela papoula, mas sim e não.

— O quê? Esperava que eu colhesse? Não preciso do dinheiro e seria maior o trabalho. Nós não temos só a heroína como mercadoria, um tempo de castigo aos Callegari vai fazer bem.

— Ainda sim, eu não teria feito isso. Você podia ter conversado comigo. — O tom de Felippo não era muito contente, mas ignorei.

— Caso não perceba, não estou no melhor humor.

— Isso não é uma novidade — meu *consigliere* comentou e eu ignorei, prosseguindo como se ele não tivesse falado nada.

— O que é sobre os Callegari?

— Dei uma olhada nas fotos, são em sua maioria escrituras, recibos de compra e venda de terras.

— Acha que vão tentar uma plantação maior? — Peguei o celular de Felippo e dei uma olhada nas fotos.

— Acho que os Callegari estão pensando em migrar. As terras ficam no colorado, compraram por uma mixaria e com toda certeza vão investir. Mas comprar terreno no nosso negócio não é ilegal e nós não achamos nada

errado nos números.

— Porque estão fraudados, você sabe. Aquelas contas todas redondas? Acredita mesmo que Enzo e Arone sabem fazer contas? — debochei. — Até a irmã é uma mentirosa melhor. E sobre a irmã, me conte, como foi acordar com Khyara Callegari em sua cama? — Joguei com Felippo e o vi ficar desconfortável.

— Espero que não conte a ninguém sobre isso.

— No Brasil você não teve problemas ao acordar acompanhado — provoquei.

— Você também não — Felippo devolveu com um pouco mais de agressividade que o necessário.

— Ainda bem que não fui eu quem prometeu ser um príncipe encantado, não é mesmo? — Peguei o homem desprevenido e usar o apelido idiota que ele e minha irmã usavam entre si só o deixou ainda mais na defensiva. — Foda-se, com quem você dorme não é problema meu, assim como com quem eu durmo não é problema seu, *capisco*? — Falar aquilo o deixou pouca coisa mais confortável.

— Ainda não entendi o interesse repentino em mim — ele disse.

— Não se preocupe, se eu não estivesse na merda de um noivado, provavelmente seria o alvo no seu lugar. — Peguei meu celular que apitava em cima da mesa e recebi a notícia sobre o encontro de Elizabeth e Natasha. — E se você não quiser cruzar com a mulher que se diz minha noiva nos próximos quinze minutos, ainda tem chance caso saia daqui agora.

— Como recusar um convite desse, não? Bem… — Ele se colocou de pé. — Me fale se descobrir alguma coisa. — Antes que Felippo saísse, eu o chamei.

— Felippo, preciso te pedir um favor. — Ele me olhou por cima do ombro curioso e virou o corpo, mostrando atenção. — Me mantenha informado sobre os encontros do conselho. Elizabeth está na cidade e eu não gostaria de envolvê-la em coisas piores.

— Está dizendo que realmente fez a loucura de trazer a brasileira?

— E Natasha já sabe.

Ele assobiou, sabendo que eu estava fodido.

— Boa sorte. Vou tentar deixar a civil de fora, mas você sabe, quanto mais trouxer a garota para o nosso mundo, mais difícil será manter ela invisível dos nossos.

— Já estou ciente do risco, mas caso alguém se atreva, pergunte se

está disposto a mexer com ela e pagar o meu preço. Juan está aí de exemplo.

— Então você admite que foi por causa dela? — Felippo desafiou.

— Boa tarde, Felippo. Qualquer novidade eu ligo para você.

Ele balançou a cabeça, desacreditado da minha resposta e saiu pisando um pouco mais forte do que eu achava educado. Respirei fundo e me concentrei em receber Natasha pelo menor tempo possível dentro de casa. Seria a última visita dela ali se tudo desse certo, mas como se o tempo decidisse passar um pouco mais rápido que o costume, os sons dos gritos dela no andar de baixo me fizeram compará-la inutilmente com Lizzie. Ela nunca teria sido tão idiota e grosseira com Edgar.

Contei os segundos até ela estar na porta do escritório. Infelizmente, foram dezessete.

Poderiam ter sido milhões.

— Você! — ela disse em tom acusatório parada na porta do escritório. — Você a trouxe para cá, Louis! O que está acontecendo?

— O que você viu. Elizabeth está aqui agora. — Minha paciência parecia deixar de existir na presença dela.

— Você se esquece que temos um compromisso? — Ela ergueu a mão exibindo o anel de noivado que me custou algumas centenas de dólares. — Louis, nós nem conversamos desde que você voltou. Acha realmente justo o que tem feito comigo? — O tom magoado apareceu e eu me perguntei, entediado demais, o que Natasha realmente acreditou que nós tínhamos. Ela se aproximou e se sentou na cadeira onde Felippo havia se sentado antes. — Eu não entendo. Fiz algo de errado? — O beicinho da garota foi a gota d’agua.

— Não esqueci que assim que casarmos seu pai recebe dinheiro e armas e eu, o maldito programa que ele adora exibir dizendo que tem. Assim que você tiver um filho e ele aprender a andar, eu ganho um lugar no conselho da máfia francesa e, quando seu pai morrer, seremos nós a comandar aquele caralho de país congelante. Deixei passar alguma coisa? — O olhar dela era de choque. — Eu nunca fui um príncipe, Natasha. Não me confunda.

— Louis, eu pensei que nós combinávamos.

— Claro que combinamos. Eu faço muito dinheiro e você é boa em gastá-lo. O que poderia combinar mais do que isso? Você já terminou seu show? — Comecei a olhar algum papel que estava em cima da mesa, mostrando o quão pouco interessado naquela conversa eu estava, mas para

minha total surpresa, em um ataque de raiva, Natasha se levantou e puxou o papel da minha mão.

Me ergui, pegando seu pulso com força e sacudindo seu corpo.

— O que pensa que está fazendo?

— Você só está me usando. Eu pensei que você me amasse... — Ao contrário da garota que entrou na minha sala, o teatro havia acabado. Natasha mantinha meu olhar em desafio sem nenhum resquício de choro. — O que diria se eu exigisse ao meu pai que colocasse no contrato de casamento uma cláusula sobre traição? Ou melhor, se eu contasse que você anda se esfregando em uma vagabunda latina e não dá atenção em casa? Como será que o grande Louis Luppolo vai começar a ser visto pelo restante da tão preciosa Famiglia? — O tom de ameaça me tirou do sério e eu segurei a garota com força pelos ombros.

— Se pensa que pode me colocar medo, está enganada, querida. E a única esposa a qual eu devo fidelidade se chama *Dark Hand*. — Larguei Natasha, empurrando-a para longe quando percebi que ela conseguia o que queria. A maldita estava querendo me tirar do controle e eu não podia permitir. — Faça seus planos de casamento perfeito, mas não conte com o meu amor. Ele nunca existiu, nem antes, nem agora. Nem por você, nem por ninguém. Se não se incomoda, estou de saída e você também.

Arrastei a garota para fora de casa de maneira nada amigável e fui para a garagem em seguida. Não tinha tempo a perder, peguei o meu carro e me dirigi imediatamente ao quartel.

— Algum problema, senhor? — Henry perguntou ao atender minha ligação.

— Pronto para apanhar um pouco?

— Se eu puder usar alguma proteção…

Se não fosse pelo exercício, talvez na loucura do momento, eu bateria na porta de Elizabeth e, transtornado como estava, duvidava muito que um não vindo dela seria capaz de me parar.

Por cinco horas do meu dia, eu bati e apanhei muito. No resultado final, apesar do braço esquerdo dolorido e um olho que precisaria de cuidados para não ficar roxo, eu estava pronto para voltar para casa. Conectei o telefone ao carro e enquanto dirigia, liguei para Giovanna.

— *Ciao, fratello!*

— Querida irmã, será que pode me contar direito sobre a merda de hoje? — Segurei o tom entre dentes. — Natasha apareceu no meu

apartamento fazendo um show.

— Nos encontramos sem querer, mas ela não chegou perto de Elizabeth. Você sabe que nós não deixaríamos Lizzie passar por isso. — O tom entregava que minha irmã havia se encantado pela brasileira. — E ela é tão linda quanto pelas fotos! E o sotaque dela é fofo demais, ainda mais quando ela fala três ou árvore! — Eu já havia notado e ouvindo o riso de minha irmã ao fundo, quase mudei a porra do caminho. — Mas ela ainda está bem na defensiva. Espero que ela fique bem logo, irmão. Eu não suporto ver uma pessoa que parece ser tão boa escondendo a tristeza daquele jeito.

— Fico feliz que tenha gostado dela. Como estão os planos da semana?

— Kira mandou algumas coisas no meu e-mail, eu já confirmei com ela. Não se preocupe, eu vou cuidar de Elizabeth melhor do que você imagina. Inclusive, ela ficaria fantástica em um vestido de festa. Para ser mais específica, a sua festa. Você sabe que estou com todos os fornecedores só esperando o meu ok, não? E ainda dizem que eu não faço nada além de gastar! — O tom infantil e indignado da minha pequena irmã me divertia.

— Mas é uma realidade, Giovanna. Você trabalha gastando dinheiro.

— Por isso que você devia me deixar fazer essa festa. Tem muito dinheiro querendo entrar no mercado e eu preciso movimentá-lo. Ah! — Ela gritou do outro lado da linha como se lembrasse de algo importante. — Papai te avisou? Ele está vindo amanhã cedo. Disse que quer almoçar com a gente. Por algum motivo esquisito ele tentou falar com você, mas disse não ter conseguido.

— Meu celular estava desligado. — Meu pai na cidade? Aquilo não era bom. — Como está com a nova guarda?

— Nada a reclamar, ainda mais agora que Zola voltou e posso ficar junto dele e Lizzie.

— Você sabe que não tenho uma data para ele voltar a fazer parte dos seus seguranças, certo?

— Talvez se você topar logo a festa, eu não faça tanta pressão sobre isso. — Minha pequena manipuladora…

— Amanhã falaremos sobre isso, precisamos avaliar os riscos. Não estamos em momento de festa, Giovanna. Não tente fazer nenhuma besteira.

— Eu nunca faço, *fratello*. — A mentira dela ardia nos meus ouvidos.

— *Ciao.*

— *Ciao, ti amo!* — ela disse antes de eu desligar.

Algumas vezes, eu duvidava que Giovanna e eu compartilhássemos o mesmo sangue, mas eu a manteria daquela forma que eu sabia ser natural, o máximo que pudesse. Ela seria a esposa perfeita, a mulher incrivelmente fácil de fazer feliz e sempre teria alguma distração para deixar os assuntos do marido sendo apenas do marido.

Deitado na cama, cansado demais para brigar com o sono, pensei sobre como Elizabeth passava longe do que eu acreditava ser a mulher perfeita. Fosse lá o maldito mistério por trás dela, agora tudo seria mais fácil. Era questão de tempo e eu era paciente, ou imaginava que sim.

A surra do dia anterior tinha me deixado cansado o bastante para perder a hora. Eu não gostava de ser pego de surpresa, mas por sorte — e por um milagre — eram dez horas da manhã e meu pai ainda não tinha chegado. Nossa relação não era ruim, ele podia ter sido um Don melhor, mas fez o que pôde com o que tinha, principalmente com o casamento que arranjou.

O sobrenome Luppolo saiu de tempos de glória para ser um fardo e graças ao trabalho do meu pai em conseguir que o merda tradicional do meu avô o aceitasse como noivo para a única filha restante, nós estávamos de volta ao lugar ao qual não deveríamos ter saído.

O passado da família ainda me causava alguns problemas perante a sociedade e era comum eu precisar visitar alguns curiosos que decidiam vasculhar o nosso passado. Não que eu tivesse medo, a mídia tinha muita gente podre que era facilmente controlada, mas *marketing* ruim podia influenciar nas ações das empresas.

Com o cheiro da comida por todo o primeiro andar, deixei Edgar terminar seu trabalho com as panelas e me dirigi até a porta quando a campainha tocou.

— *Ciao, fratello!* — Giovanna jogou os braços ao redor do meu pescoço e me beijou a bochecha antes de correr animada para a cozinha. — Edgar!

— *Ciao, figlio*. — Meu pai estendeu a mão para mim e eu a peguei com firmeza.

— Acredito que mamma não quis se juntar a nós — provoquei meu pai e o vi quase revirar os olhos.

— Sua mãe estava indisposta — ele disse conforme entrava no apartamento.

— Sei. — Não acreditava nem um pouco naquilo. Ela não conseguia olhar direito para mim desde os meus quinze anos, e aquilo não era um

problema para mim. Eu não me importava.

Segui meu pai até a cozinha e servi uma taça de vinho para ele, logo depois de servir suco para Giovanna.

— Logo terei idade para beber. — Observei enquanto ela se esticava sobre o balcão para roubar a taça do meu pai. Giovanna deu um pequeno gole e a devolveu para Leonel. — Pronto, só queria experimentar. Melhor sob a supervisão de adultos, não? — Ela sorriu, fazendo os olhos ficarem quase fechados enquanto jogava o cabelo loiro perfeitamente escovado para o lado. Meu pai não resistia e era culpa dele Giovanna estar tão acostumada a ter tudo o que queria.

— É claro que sim — meu pai respondeu como se não soubesse que minha irmã era fã de farra e quando ia escondida para as festas acabava voltando para seu apartamento trocando as pernas de tão bêbada.

Minha irmã logo se distraiu com Edgar, ajudando o homem a montar os pratos e meu pai caminhou com a taça na mão para fora da cozinha, indo para a área aberta atrás da escada, admirando a vista da cidade.

— Você fez um belo trabalho aqui.

— Está falando do apartamento ou da cidade? — Me aproximei dele, ficando lado a lado enquanto olhava a vida lá fora.

— Os dois. Apesar de querer esperar o almoço acabar e sua irmã ir embora para podermos conversar, eu gosto do que vejo. — Ele se virou para mim e colocou a mão no meu ombro. — Sabe que sempre quis o melhor para a nossa família, não? — Antes que eu pudesse pensar em algo para responder, Giovanna gritou da cozinha.

— Venham comer antes que esfrie! — A diversão no tom dela era palpável.

Pousei minha mão sobre a mão do meu velho pai e a apertei em sinal de respeito antes de tirá-la de cima do meu ombro.

— Vamos comer.

Para o azar da minha família, eles haviam cavado a cova e eu empurrei outro defunto no meu lugar.

Eu os respeitava, mas era tudo. Não havia amor ali, ainda mais depois de me colocarem no inferno. Enquanto almoçávamos, entretidos pelo papo animado de Giovanna, pensei em como era doloroso para o meu pai ver o filho que não deveria estar na América, agora sentado no seu lugar. Quando me entregaram para o meu avô, logo depois de eu estar recuperado da iniciação, meus pais não esperavam me ver antes dos vinte, não sonhavam

que eu voltaria da Itália, mas ali estava eu. Don da *Dark Hand* por mérito meu.

Depois do almoço, minha irmã foi dormir em seu antigo quarto dizendo que tinha comido demais e meu pai subiu comigo para o terraço. O tempo estava agradável o bastante para ficar ali fora e eu não queria minha casa com o cheiro do cigarro do velho. Meu pai estava chegando aos sessenta, os cabelos brancos começavam a surgir em maior quantidade e as rugas pelo rosto também denunciavam que o homem em breve se aposentaria de todas as responsabilidades que tinha agora.

— E então, Leonel Luppolo… A que Nova Iorque deve a honra de ter você de forma tão urgente? — provoquei enquanto assistia o homem acender seu cigarro.

Meu pai tragou profundamente e soltou a fumaça pelo nariz.

— Seu irmão me colocou a par do que anda acontecendo. — Revirei os olhos e ergui a mão, pronto para fazer meu pai se calar caso fosse falar da merda da MS-13. — Me escute, me escute! *Cazzo*. Já passou da época de botar aqueles cães para correr, você fez bem. Um pouco enérgico em sua decisão, e apesar de saber da menina que está escondendo no hotel aqui perto, te conheço muito bem para saber que não foi por causa dela. — Encarei a paisagem, mordendo a bochecha enquanto tentava segurar a língua. — Não deboche disso, eu sou seu pai. Meu sangue corre na porra das suas veias, moleque. — Ergui as sobrancelhas e continuei apenas ouvindo, sem olhar para ele. Meu pai tragou novamente e continuou. — Seu irmão tem cuidado bem do território dele, tem feito sua parte. Aqui eu também vejo que tudo está em ordem. Mas enquanto não tivermos controle de toda a costa, você sabe que mais cedo ou mais tarde, Arturo vai bater na sua porta com a maior quantidade de latinos que puder trazer pra cá.

— Don Castagnari está, com toda a certeza, deixando os malditos se criarem em sua terra — respondi, pegando o cigarro de meu pai e dando um trago. Era forte e secava a garganta, mas ao sentir a fumaça entrar nos pulmões, eu quase relaxei. — Não posso invadir o território do homem sem estar preparado, ainda mais quando não sei em quem eu posso confiar dentro da Família.

— Lazzarin me contou o que fez aos Callegari. Parece que Enzo estava puto demais por você não deixar Felippo se casar com Khyara. Isso não causa muita amizade, mas você tem outros planos, não? Para Felippo? — Meu pai relaxou com os braços abertos, apoiados no encosto do sofá em que

estava sentado.

— Talvez… Você tem alguma opção?

— Sua irmã gosta dele.

— Gostar ou não é algo indiferente dentro dessa organização.

— Você tem razão, amo sua mãe hoje em dia, mas Deus sabe como Fiama foi difícil no começo. — Ele riu sozinho e se aproximou, apoiando os cotovelos nos joelhos. — E seu casamento? Bóris não vai esperar para sempre.

— Ele tem lotado minha caixa de e-mails sobre isso. Estou pensando em uma resposta.

— Espero que não tenha desistido do acordo. Ele é realmente muito bom. — Meu pai observou e eu concordei com a cabeça. — Mas ter uma amante antes do casamento… de forma tão aberta… Discrição deveria ser algo natural.

— Foi apenas uma pequena aventura em um país tropical. Não fale como se você não tivesse feito o mesmo.

— Fiz, não nego, mas ninguém soube e eu não trouxe o meu caso de uma noite para viver no meu quintal. Foda-se, isso é um problema seu. Resolva antes que a bagunça respingue na garota mais do que me disseram que já respingou.

Meu pai tinha razão, talvez aquela tivesse sido a jogada mais insana que eu tinha feito. E se ele soubesse que eu a queria embaixo do meu teto e não onde ela estava? Ele provavelmente atestaria minha loucura.

— Elizabeth não tem nenhuma relação com a máfia. Estraguei a vida da garota e agora estou dando algo como recompensa. Ela trabalha para mim. Comprei uma editora onde vou ocupar a cabeça de Giovanna também. Está na hora de ela ter um trabalho mais sério, fazer eventos para a família não traz responsabilidade de verdade para os ombros dela.

— Aprovo isso. Já redobrou a guarda dela?

— Faz um tempo… — O leve tom de irritação na minha voz entregou o quanto eu não gostava de ter alguém dizendo o que eu deveria fazer quando aquilo era tão óbvio.

— Ótimo. Voltando para o assunto que me trouxe aqui, descubra o que Castagnari anda tendo de vantagem. Aquele velho vai morrer em breve, veja se existe um novo Don em vista, e se precisar, mande alguém esperto fazer o trabalho sujo. — Meu pai olhou para o relógio e se levantou.

— Já vai? — Estranhei.

— Sua mãe anda paranoica com Frederico. Me fez prometer que estaria em casa ainda hoje. Se sair agora, consigo estar nos pijamas antes de meia noite. Volto em breve, com a família toda. Seu aniversário ainda é uma data importante. — Dei de ombros e me levantei para que pudesse cumprimentar meu pai decentemente.

— Até mais.

— *Ciao, figlio.*

Assim que me vi sozinho, passei os dedos no celular.

— Achei que estava de folga hoje — Kira reclamou do outro lado da linha.

— Tenho uma missão. Que tal três dias em Miami com tudo pago?

Eu precisava pensar, mas minha irmã assistindo algum musical da Disney no último volume me irritava e assim que coloquei os olhos na minha bateria, senti necessidade de tocar. Aquele havia sido meu hobby por anos. Era a única coisa que eu trazia comigo da infância. Sentei-me sobre o pequeno banquinho, pegando as baquetas que eu sabia que até o final da noite não resistiriam ao ritmo que eu tocaria, e arranquei a blusa, jogando em qualquer canto. Precisava desesperadamente que o barulho produzido pelo meu instrumento favorito fosse superior ao barulho da minha mente naquele minuto e assim que comecei, o ritmo pesado e ritmado do meu ato de despedida do Brasil embalou o resto da noite. Mesmo quando Giovanna tentou me acertar com uma almofada, eu não parei. Ouvi de longe a despedida dela e continuei tocando para mim, para alimentar os fragmentos da minha alma amaldiçoada, para calar a boca do demônio que me provocava dizendo para levantar a bunda e ir até Elizabeth e fazê-la admitir que não tinha como fugir.

Talvez eu cedesse, talvez eu realmente devesse dar ouvidos ao lado que ela tanto gostava e não admitia. Quem poderia saber?

CAPÍTULO 9

Elizabeth Fabbri

Como tudo o que envolvia meus dois pés esquerdos, domingo foi um dia de verão com chuva intensa e eu me senti indisposta demais para sair da cama. Precisei tocar Zola do meu quarto prometendo tomar os remédios direito e depois de uma ligação com animação fingida para meus pais, deitei e dormi tanto quanto podia. Se pudesse, teria continuado na cama na segunda de manhã, quando Giovanna bateu insistentemente na minha porta.

— Eu não acredito que você não está pronta. — A Barbie parecia perfeita às oito da manhã. Eu me arrastei de volta para a cama e me joguei com o rosto contra o travesseiro.

— Não está cedo demais?

— Segundo o sol brilhando lá fora e meu relógio, não. Inclusive, vamos nos atrasar se você não se arrumar nos próximos cinco minutos.

Respirei fundo, tomando coragem para levantar e me jogar dentro dos meus jeans.

— Já vou — falei assim que me coloquei de pé.

— E nem pense em usar qualquer roupa que não tenha sido comprada por nós. Você precisa estar bem vestida para o seu primeiro dia de trabalho. — Giovanna nem mesmo me olhou, distraída com seu celular. — E não se preocupe, que podemos tomar café no caminho. Zola me avisou que você não passou muito bem, seu médico será marcado hoje.

— Meu Deus… Não bastava uma babá… — reclamei em português e a menina me encarou com os olhos verdes, como se soubesse o que eu dizia.

— *Andiamo*, Elizabeth! — Ela bateu palminhas, quase brava, me tocando para dentro do banheiro.

Me mexer começava a ser desconfortável e eu notei que minha pele estava mais quente do que eu realmente sentia. Que merda estava acontecendo? Peguei um analgésico assim que saí do banheiro e o coloquei para dentro com os remédios da manhã.

— Se sente melhor hoje? — A menina teclava algo muito rapidamente.

— Se melhor for atropelada por um caminhão, então, sim. Me sinto ótima essa manhã. — Fui amarga e Gio não me deu atenção, apenas me puxou para fora do quarto como se fosse minha babá. Me sentia a criança da situação, ainda mais quando a menina de dezenove anos parecia se esforçar tanto para cuidar de mim.

Zola havia cuidado do nosso café da manhã e enquanto dirigia até nosso destino, ouvi Giovanna tagarelar alegremente sobre o domingo dela. Infelizmente, eu não sabia como me esquivar e fazer a menina mudar de assunto toda vez que ela dava um jeito de começar falando de maçãs e terminava em Louis. Sempre um elogio ao irmão, sempre uma observação sobre uma empresa, um lugar que ele já havia ido com ela, algum traço da infância. Nos quarenta minutos dentro do carro, pelo menos vinte foram explicações detalhadas de como ela se apaixonou por música clássica e tocava piano perfeitamente desde os cinco anos enquanto Louis tinha uma bateria a qual ela tinha dó por ser massacrada todos os dias por pelo menos uma hora.

— Ele tocava o tempo todo enquanto morava debaixo do mesmo teto que nós. Acho que fazia isso para irritar minha mãe. Quando finalmente se emancipou da família, arranjou outras distrações. Mesmo assim, ele ainda toca muito bem. Ontem estava tocando como eu não via há tempos. Você precisava vê-lo inteiramente suado e vermelho enquanto fazia aquele barulho ensurdecedor. Eu só não sabia se estava fazendo aquilo para descontar a raiva ou para me fazer ir embora… — Ela pareceu perdida no pensamento, decidindo no que ia acreditar. — Prefiro acreditar na primeira opção, mais uma vez eu fui tentar fazer com que ele concordasse com a festa. De qualquer modo, já está tudo pronto e os convites enviados. Eu só preciso de um bom motivo para arrastar Louis até o evento. — Giovanna me olhou com cobiça.

— Estou fora. — Foi o que deu para dizer antes de descer.

— Por que não? — O tom era quase indignado.

— Acho que agora não é hora de vocês começarem essa conversa. Estamos atrasados. — Zola apertou Giovanna, que pareceu se lembrar do real motivo de estarmos ali.

Olhei em volta, o predinho de tijolos vermelhos ficava afastado da cidade. As portas de vidro com o nome da editora gravado em dourado fizeram meu coração inflar e eu me permiti colocar Louis e a empolgação de

Giovanna de lado por um minuto para acreditar que algo bom estava acontecendo comigo. Era minha vez de dar certo.

Depois de sermos recepcionadas por uma senhorinha muito educada e prestativa, e sermos avisadas que seus patrões não estavam e lamentavam o conflito de agenda, ela nos encaminhou até uma sala no fundo do corredor. Assim que a mulher abriu a porta e eu encarei o interior da sala, vi pilhas e mais pilhas de livros espalhadas pelo lugar, só então consegui ver dois rapazes próximos, discutindo alguma coisa que viam na tela.

— O termo correto não seria esse. Sério — um dizia ao outro antes de notar que não estavam sozinhos.

— Esses são os senhores Smith. São os revisores e tradutores responsáveis pelo livro em questão. Espero que tenham um bom dia de trabalho! — a mulher disse assim que entramos na sala, causando familiaridade nos dois homens.

— Então você é a brasileira que abalou essa empresa na última semana? — Um deles, alto, meio gordinho, vestido com uma camiseta cheia de desenhos em quadrinho, me encarou sorrindo enquanto falava em português.

— Acho que sou. — Ri sem graça. — Tiveram muito trabalho?

— Quase nenhum. Seu livro já chegou bem traduzido, mas avisaram que você ia querer revisar a história novamente, então precisamos que você releia o original e se possível, passe um tempo aqui com a gente, já que seu livro é caráter de urgência.

— Pergunte a ela sobre o título — o outro loiro de óculos falou.

— Eu ainda não sei sobre ele — falei em inglês, deixando todos mais confortáveis.

— Bom, ela falar em inglês já ajuda. Que tal seus amigos irem embora e voltarem daqui algumas horas? Temos muito trabalho nessa revisão.

Zola me encarou como se quisesse dizer que aquilo não tinha chance de acontecer e Giovanna procurava no meu rosto o que eu queria fazer.

— Se vocês quiserem ir tomar um café, depois voltar… não sei.

— Sem problemas! Qualquer coisa nos ligue. — Antes de Zola protestar, ela já empurrava o loiro para fora.

— Ela não pode ficar sozinha! — Ouvi meu amigo reclamar do lado de fora.

— Ela precisa respirar! É um momento dela! — Quase ri ao ouvir

Giovanna dizer aquilo sendo que cinco minutos atrás quase me sufocou no carro em uma overdose de Louis.

— E então, garota? Vamos mostrar para esses gringos que o material latino é tão bom quanto o deles? — O brasileiro sorriu para mim e depois esticou a mão, se apresentando. — Sou Marcos e esse é meu marido, Ben. — Ele indicou o outro que já parecia imerso no trabalho.

— Você não imagina o prazer de estar aqui — falei, animada para começar a trabalhar assim que sacudi a mão do homem.

Tudo foi embora por aquelas horas. Assim que sentei e comecei a ler meu texto antigo, minha cabeça girou e eu me vi dentro da história novamente. Meu motivo de escrever tão vivo quanto antes. Minha mágica ainda funcionava.

Marcos me sentou ao seu lado e me deu um dos computadores, me deixando trabalhar livremente no meu texto e me fazendo ter uma leve vergonha ao perceber coisas na história as quais eu queria mudar por ver o quão idiota eram.

Eu estava com os fones de ouvido no último volume, mas voltei para a Terra quando o homem loiro, Ben, sacudiu a mão em frente a tela.

— Pausa para o almoço? Pedimos no chinês perto daqui. Você não vai se arrepender. — O jeito gentil me acalmou o coração. Em meio a toda aquela novidade, trabalho intenso e construção de sonho, ter boas pessoas trabalhando ao meu lado fazia tudo ficar melhor. Tinha a impressão de que assim que voltasse para o quarto de hotel, morreria de saudade daquela sala.

Me levantei e segui o rapaz até uma das mesas que seu par começava a liberar, tirando todos os livros e papéis de cima.

— Eu adoraria trabalhar aqui — afirmei quando vi alguns dos títulos que foram postos de lado.

— Um mês nessa sala e garanto que sua sanidade vai embora. — O brasileiro riu em uma troca de olhares com seu cúmplice. — E então, está gostando da cidade?

— Muito! Ainda não tive tempo de ver muita coisa, mas assim que puder, quero tirar um dia para turistar.

— Você vai gostar, eu me adaptei bem rápido. Estou com Ben tem quase dez anos e sempre descubro algo novo. — Por um segundo, senti-me uma espectadora intrusa na bolha daqueles dois. — Mas vamos falar de trabalho. O título do livro, já tem alguma ideia fixa?

E por um segundo, mesmo sem ter ideia do que colocar na capa do

livro, agradeci por minha única preocupação naquele lugar envolver palavras e sentimentos que não me pertenciam.

***

Era tarde quando saímos do escritório. Ben e Marcos discutiam como se fossem os dois lados do meu cérebro. Um dizia que “O último reino” fazia mais sentido, enquanto o outro insistia que “O peso da coroa” era ideal. Eu não sabia qual escolher e deixei para pensar naquilo quando tivesse condições de raciocinar.

Consegui reescrever muito do livro e melhorar pontos, mas quando vi que trabalhei menos do que dez por cento do arquivo, pedi para levar o computador para casa e tomei coragem, encarando Giovanna e Zola encostados no carro, me esperando para voltar ao hotel.

Mais 40 minutos da garota falando sobre Louis e eu explodiria alguém.

Depois de perguntar como foi meu trabalho, Giovanna fez questão de começar a explicar sobre seu trabalho de organizar eventos, aproveitando para entrar de novo no assunto do aniversário de Louis e começar a falar sobre ele.

— Eu pedi tantas coisas para ele nessa última viagem! Nem acreditei que ele realmente trouxe tudo da minha lista. Ele voltou tão diferente, tão transtornado, e parecia tão arrependido! — Respirei fundo, repetindo o mantra “não vou falar, não vou falar, não vou falar. FODA-SE!”

Nós já estávamos próximos do hotel quando explodi.

— Pelo amor de Deus, chega! Você não para de falar de seu irmão por um único minuto e está me deixando maluca! O que você quer? Que eu acredite que ele é bonzinho? Que é incompreendido? Que está arrependido pelo que fez? Giovanna, seu irmão é a pessoa mais insensível que já tive o desprazer de conhecer na vida! Ele me usou, manipulou, traiu e me colocou com o caralho de um alvo nas costas no meio dessa merda de máfia! Eu não entendia o que era, não entendo agora, mas a única coisa que sei é que estou metida nisso até o pescoço! Então se você não se importar de mudar de assunto, nós não vamos conseguir conversar nunca!

— Por que você está gritando comigo e sendo grossa? Se você tem

algum problema com meu irmão, deveria resolver com ele, ou não estar aqui. Você tinha opção.

— Muito se engana você! Opção? Seu irmão tirou todas as opções possíveis e imagináveis! Seu melhor amigo pode comprovar. — Os olhos dela queimaram nos de Zola pelo espelho retrovisor e ela me encarou de volta.

— Meu irmão não é santo, mas ninguém é, Elizabeth. Você o escolheu também, lide com isso.

— Esqueceram de avisar para ele escolher a noiva, não a garota que ele fodeu e largou para morrer! — As lágrimas queriam explodir, minha garganta parecia ser massacrada por uma mão invisível e eu não aguentava mais. Assim que o carro parou, abri a porta e desci.

Nova Iorque era gigante e mesmo assim, não havia nenhum lugar para me esconder ali.

***

Zola xingou ao me encontrar parada embaixo de uma marquise quatro horas depois.

A cidade foi tomada por uma chuva torrencial e eu vaguei embaixo d’água por mais tempo do que meu corpo aguentava. A febre e o mal-estar tomaram conta, as lágrimas de dor substituíram as de desespero e assim que eu vi o loiro se aproximar, deixei ele me arrastar para dentro do carro com a consciência beirando o vazio.

— Me-me des-culpe — falei batendo os dentes enquanto Zola tentava me secar o melhor possível com seu paletó.

— Se concentre em ficar seca. Meu sermão vai acontecer quando você estiver conseguindo se manter sobre os dois pés.

Eu agradeci por aquilo, mas tudo o que queria era fechar os olhos e dormir. O telefone de Zola tocou e quando ele colocou na orelha, eu tive medo de perguntar para quem ele estava passando aquelas informações.

— Acabei de encontrar. Ela está queimando em febre, precisamos de um médico. — A conversa parecia cortada na minha mente, então me aninhei no monte de roupa que Zola jogou em mim, tentando me manter aquecida, e fechei os olhos, apagando completamente no banco do carro.

— Lizzie, acorde. Vamos, acorde. — Zola me sacudiu e eu lutei para abrir os olhos. O loiro percebeu que eu não aguentaria e me puxou com cuidado, e algo que eu jurei que nunca aconteceria, aconteceu. Meu melhor amigo me carregou toda molhada e semidesmaiada para dentro do hotel, atraindo todos os olhares possíveis e me fazendo morrer de vergonha.

— Zola… — me esforcei para dizer. — Eu vou matar você.

— Fique boa para isso primeiro, depois te ensino a ter uma boa mira. Você está queimando em febre, parece que estou carregando um pedaço de carvão em brasa, um carvão muito pesado…

Eu quase ri, de olhos fechados, largada em seus braços.

— Vai se ferrar. — reclamei enquanto o elevador abria.

— *Per Dio!* Leve-a logo para dentro! — Reconheci a voz de Giovanna e quase quis abrir um buraco no chão.

— Zola… — Abri os olhos e vi que estávamos entrando no quarto.

— Ela não sabe de tudo, Liz. Dê uma chance — ele falou baixo, só para mim.

Por um segundo, eu senti dó da garota. Giovanna não conhecia o próprio irmão ou a crueldade que cercava o mundo em que vivia.

— Ela está toda molhada, traga-a para o banheiro. — A voz aflita de Giovanna me fez tentar ficar de olhos abertos, mas não consegui. — Coloque-a dentro da banheira, assim ela não cai e eu posso tentar dar um banho nela. Per dio, Elizabeth queima em febre! Olhe os lábios roxos!

Eu devia estar uma bela merda.

Quando Zola fez o que ela mandou, abri os olhos a tempo de vê-la o colocar para fora do banheiro.

— Elizabeth, sinto muito, mas preciso tirar suas roupas e dar um banho frio. O médico disse que chega logo e mandou fazer isso. — O tom agora parecia quase inseguro.

Tudo o que eu fiz foi concordar com a cabeça, pronta para o choque de a garota ver meu corpo.

Assim que Giovanna puxou a blusa pela minha cabeça, o curativo de cima dos pontos se soltou e eu ouvi a garota puxar o ar entre os dentes.

Demorou um belo minuto para ela tentar me arrancar das minhas calças, mas ela o fez em completo silêncio. Quando Giovanna ligou o chuveiro e a água gelada tocou minha pele, quase gritei, mas travei a mandíbula e aguentei firme enquanto ela segurava em meus ombros com firmeza. Me atrevi a encará-la por um segundo e me surpreendi ao ver a

garota me olhando fixamente, sem nenhuma expressão de dó, apenas tentando me manter no lugar.

Nós ficamos em silêncio, mas ali eu soube que nossa próxima conversa seria muito pior para ela do que para mim. Saber toda a verdade que me levava ali, com certeza colocaria Giovanna de joelhos e eu não queria ser a culpada por fazê-la chorar.

Nós esperamos o médico chegar dentro do banheiro, Giovanna parecia cuidar de um bebê quando me enrolou na toalha de forma tão delicada e me levou para a cama.

— Deite-a de costas — o médico avisou.

Eu me deitei, largando o corpo sem vergonha nenhuma na cama e logo senti as mãos do homem nas minhas costas.

— Nada bom. Desde quando ela anda tendo essa febre? Está inflamado, quase infeccionando. Vou precisar abrir os pontos e ver o estado da cicatrização.

— Não existe nada que ela possa tomar para descansar? — Giovanna estava ao meu lado.

— Eu vou cuidar disso. — Ele enfiou dois comprimidos na minha boca e forçou o copo d'água. — Beba.

Finalmente olhei no rosto do homem, um senhor de rosto sério e não muito paciente.

Engoli os comprimidos e relaxei, tentando manter a mente ativa para saber o que acontecia à minha volta, mas não consegui.

No meu sonho pesado por medicação, Louis entrava pela porta do quarto e vinha em passos rápidos em minha direção. Minha boca estava seca, eu queria mandá-lo embora, mas não tinha forças. Quando o homem deitou do meu lado, respirei pesado, morrendo de saudade daquilo de antes.

— Descanse, *bambina.*

Era só um sonho, eu podia aproveitar enquanto estava ali no inconsciente junto dele.

Louis Luppolo

Segunda de manhã, eu ainda não estava tão centrado e para ambos os

ramos com que lidava, qualquer descontrole me deixava em desvantagem. Tocar bateria, aumentar a quantidade de exercícios e tentar ficar racional junto de contagens não parecia ajudar tanto quando eu me lembrava que Lizzie estava tão próxima. Minha vontade era de acelerar o tempo até o ponto em que ela se renderia de uma vez, aceitando qualquer loucura que eu tivesse feito. Precisava da sua intensidade, da sua humanidade, de todas as provocações que ela me fazia, fosse com o corpo, fosse com a boca.

Mas eu precisava tentar do jeito que sabia, o que seria mais tentador do que o sonho dela entregue de bandeja? Estava forçando Elizabeth a aceitar o que eu dava com a intenção de que ela percebesse que, cedo ou tarde, eu teria o que queria dela. Quem sabe, finalmente ela deixasse de ser tão interessante e eu finalmente poderia seguir em frente? Era uma aposta.

Era por isso que tão cedo, até mesmo antes de treinar, eu estava ali. A compra da editora era o ponto certo. Eu amarraria Elizabeth ao país com um emprego, fazendo-a ficar pensando não depender de mim. Teria um salário, teria um vínculo milionário, teria o emprego que sempre quis entregue como mágica. Mesmo que ela tentasse fugir de mim, estaria amarrada pela cintura ao bloco de cimento que não a permitiria ir embora. Lizzie devia ter algo que queria mais do que tudo e eu estava disposto a descobrir o que era. Mesmo por trás de todo aquele orgulho, Elizabeth tinha que ter um preço e seria minha.

Conhecer pessoalmente Charles Montgomery e John Greeny foi rápido e simples. Os homens estavam claramente doidos para passar o lugar para frente e eu queria finalizar a compra logo, mas não era de qualquer jeito. Ficou combinado que assinaríamos a papelada em minha casa, assim que tudo ficasse pronto para que Elizabeth pudesse comparecer e, saindo de lá satisfeito o bastante, mandei Anna se virar com a documentação e voltei para casa, aproveitando que não tinha nada importante até depois do almoço.

Dei uma olhada no celular, na última mensagem de Giovanna questionando sobre a saúde de Lizzie. Eu precisava agendar uma consulta para ela quando Kira voltasse.

— Está de volta, Don Luppolo? — Edgar me recebeu, me ajudando com o paletó.

— Preciso de um pouco de paz e exercício. Não deixe ninguém interromper — ordenei ao meu mordomo, subindo para a pequena academia.

Era complicado ficar com os músculos dos braços doendo, mas antes os braços do que as bolas.

Depois dos exercícios, voltei ao trabalho.

Parecia que Deus queria testar minha paciência durante aquela tarde. Enquanto meu novo sócio falava, eu anotava na agenda em letras garrafais em italiano apenas para ter certeza de que o outro não entenderia “nunca mais fechar negócios com chineses idosos.” O inglês dele era muito ruim, mas o sorriso em seu rosto enquanto falava da pequena empresa que entrava no mercado americano era sincero. Os números também. Eu queria ter a oportunidade de comandar a parte da empresa que se instalaria nas minhas terras. Era fácil trazer carga ilegal no meio dos containers.

Anna dominava o chinês assim como Kira e deixou meu novo sócio extremamente feliz ao ver que nós tínhamos algum conhecimento da cultura dele. Quando ele finalmente saiu da sala de reuniões, depois de apertar minha mão sete vezes, eu larguei a caneta e bufei, me livrando do terno.

— Senhor simpático.

— Claro que sim. Estou disposto a pagar meio milhão a mais do que a empresa dele vale — justifiquei. — Existe mais alguma coisa para hoje?

Conforme Anna olhava a agenda, meu telefone tocou.

— *Louis, per die, non uccidermi.*[4] — O tom choroso e desesperado de Giovanna não me deixou falar nada. — Eu perdi Elizabeth na cidade tem meia hora e não a acho em lugar nenhum.

— Como isso aconteceu? COMO VOCÊS A PERDERAM? — Bati na mesa, ficando de pé e saindo da sala sem minha assistente entender.

— Eu estava falando de você e ela brigou comigo, desceu do carro perto do hotel e se misturou na multidão. — Giovanna caiu no choro desesperado e eu me enfureci ainda mais assim que entrei no elevador e vi o céu escuro. Chuva forte seria a última coisa que ajudaria naquele minuto.

— Passe a porra do telefone para o Zola. — Ouvi minha irmã me obedecer e assim que o loiro respirou do outro lado da linha, eu falei. — Como você conseguiu ser tão incompetente? — perguntei entre dentes e bati na parede do elevador. — Não importa. Ache Elizabeth ou é a sua cabeça que vai desaparecer.

Desliguei o telefone e liguei de imediato para Henry.

— Algum problema, senhor? — o soldado questionou quando a chuva forte começou a cair.

— Elizabeth sumiu. Preciso que a encontre. Coloque todos na rua, agora!

— Vamos achá-la, senhor.

— E, Henry, precisamos de um médico. Não acredito que ela tenha usado guarda-chuva — falei assim que entrei no carro. Pronto para revirar a cidade eu mesmo, caso ela não aparecesse na próxima hora.

Fiquei no quarto ao lado do dela, assistindo a chuva cair na noite que se estendia. Elizabeth tinha tanto ódio assim de mim para sair pela cidade sem proteção? Eu não entendia.

Ouvi Giovanna tentar entrar no quarto para falar comigo, mas não estava com paciência para ela.

— Senhor. — Henry se sentou ao meu lado. — A senhorita Luppolo gostaria de entrar, mas achei que era uma má ideia.

— Me responda, Henry, é tão anormal assim a vida que levamos? — Ignorei o que ele tinha falado. — Nós passamos por toda aquela coisa da iniciação e desde então, de novo e de novo, mas nós não culpamos nossos pais. Nós estamos cientes de que vamos sair mais fortes do que entramos.

— Se está se perguntando o motivo de Elizabeth estar te rejeitando e culpando pelo que aconteceu com ela, senhor, ela não faz parte do nosso mundo. Ela precisa de alguém para culpar e convenhamos que você representa tudo o que ela quer longe.

— Mas ela veio — justifiquei.

— Se você estivesse morrendo afogado e te oferecessem uma boia, o que você faria? — Odiava quando Henry me apontava o óbvio. — Seja como for, Zola a encontrou. — Inflei o peito e soltei a respiração devagar, quase aliviado. — Ela está vindo e se eu fosse você, esperaria um tempo até ir vê-la.

Eu ouvi a movimentação no corredor quando ela chegou e precisei de cada gota de força de vontade para não invadir o quarto ao lado e cuidar de Elizabeth eu mesmo. Mas aguentei, de forma penosa e cansativa, marcando cada um dos segundos contados, batendo a mão sobre o encosto da poltrona. Não me lembrava da última vez que havia ficado tanto tempo preso em uma contagem, mas me senti cada vez mais robótico a cada vez que terminava um milhar.

— Don Luppolo, o doutor Palucci terminou com a senhorita Fabbri e disse que o senhor pode vê-la agora. — Acreditei que me traria algum alívio ouvir aquilo, porém, assim que coloquei os olhos em Lizzie, pensei ter sentido algo tão humano quanto culpa.

Eu cobri a distância entre a porta e a cama o mais rápido que pude. Ver Elizabeth tão exposta, tão frágil, tão dopada… não era certo. Ela esticou a mão enquanto mal conseguia manter os olhos abertos e eu me deitei ao seu

lado, ajeitando parte do corpo dela sobre o meu com cuidado quando o rosto dela pousou contra o meu peito. Senti o cheiro dos cabelos dela e beijei o topo de sua cabeça, parecendo a coisa certa a fazer com o corpo trêmulo da minha menina.

— Descanse, bambina… — falei baixo enquanto abraçava o corpo dela do melhor jeito possível. — Eu estou aqui — disse depois de algum tempo quando a boca dela se abriu e balbuciou meu nome.

Elizabeth apagou, relaxando sobre o meu peito e não sentindo quando puxei seu rosto para o meu. Desenhei os lábios cheios com o polegar, depois seu nariz e então os olhos verdes que estavam fechados, mas me perseguiam quase sempre, dormindo ou acordado, desde que a conheci.

Como podia ter tanto entre nós em tão pouco tempo?

O corpo dela, mesmo tão machucado e inerte, ainda me era atrativo como nunca nenhum outro foi. O cabelo comprido era o que mais sentia falta. Eu sabia que ela o usava para se esconder e agora, ainda mais machucada, não tinha nenhuma chance de fugir do reflexo. Inalei o cheiro dela e suspirei. *La mia bambina guerriera.*…

Ela tinha direito de me culpar, e eu era o desgraçado que a levou para o meio da tormenta, porém, em hipótese alguma, esperava me perder em meio ao furacão que ela era.

Beijei o rosto da minha criança e comecei a contar suas sardas novamente, sabendo que se existisse alguém no mundo capaz de me fazer pelo menos um pouco humano, esse alguém tinha 1,56m e cabia muito bem nos meus braços.

Giovanna conseguiu me tirar do quarto quando disse que o médico precisava ir embora. Quase doeu fisicamente quando tirei os braços de Elizabeth do meu corpo e me afastei, mas não podia abrir a guarda para tudo o que ela causava. Lizzie possivelmente não se lembraria de mim por estar chapada por analgésicos e de certa forma isso me incomodava.

— E então, doutor? — Esfreguei os olhos. — Como Elizabeth está?

— A senhorita Fabbri não está tão bem, precisa cuidar melhor das costas, fazer exames para saber quais vitaminas tomar e vou receitar antibióticos. Ela precisa comer bem, descansar e não abusar.

— Agradeço o atendimento de emergência. Vou cuidar para que ela siga as prescrições.

— Estou às ordens, Don Luppolo. Espero que não se esqueça de investir na minha causa. — Palucci estava querendo fundos para uma

associação esquisita. Eu olharia para aquilo com alguma atenção.

— Sem problemas. *Buonasera* — me despedi dele e fui até Henry e Zola. — Vou apenas dar o recado e ir embora. Quero mais cinco homens cuidando dela.

— Nós já tiramos homens demais das ruas para olhar por Elizabeth. Isso seria arriscado. — Henry tentou alertar.

— Não me importo, ela não vai fugir de novo, nem ser torturada. Não no meu território. — Eu já estava sendo apontado, alguns dedos a mais não fariam diferença.

Elizabeth Fabbri

Meu corpo acordou dolorido e fraco, a sensação é que eu tinha mastigado um monte de papel e minha boca tinha um gosto insosso, mas nada foi tão frustrante como abrir os olhos. Eu estava deitada de bruços, coberta com uma manta tapando minha nudez e sozinha. Completamente sozinha. Louis não estava na cama ao meu lado como no sonho e eu tentei não chorar. Aquilo tudo era tão horrível, tão escuro e sufocante…

— Você acordou? — A voz baixinha me fez olhar rápido demais para o lado contrário, vendo Giovanna ali, o rosto em uma mistura de preocupação e cansaço. — Que bom que acordou.

— Você ainda está aqui. — Minha voz saiu mais grossa pelo sono.

— Estou. Não iria embora até ter certeza de que você estava bem. — A menina me deu um meio sorriso e eu quase me desarmei.

O silêncio reinou por alguns segundos enquanto nos encarávamos, dessa vez eu tinha forças para manter os olhos bem abertos.

Giovanna não aguentou e baixou o olhar.

— Eu sinto muito por ter te sufocado. Às vezes eu faço isso sem perceber. Zola me deu uma bronca, mandou eu esperar seu tempo, mas não entendo. Mais do que nunca, depois de ver o que aconteceu com o seu corpo, eu sei que não me contaram muitas coisas e pela primeira vez, gostaria que uma relação na minha vida não fosse baseada nas histórias que me contam e sim na realidade. — Giovanna ainda não me olhava. Encarou as mãos enquanto tomava coragem para a pergunta fatal. — O que aconteceu no

Brasil, Elizabeth? O que aconteceu com você? — Ela finalmente me encarou e eu soube que ela não sairia daquele quarto sendo a mesma.

Desisti de levantar quando meu corpo não se rendeu e suspirei, virando o rosto para o lado da garota e vendo aquela criança de pernas compridas e jeito angelical esperar ansiosamente pelo que eu tinha a dizer.

— Giovanna, eu não quero acabar com a visão de bom moço que você tem de Louis.

— Isso nunca existiu de verdade. Meu irmão fez coisas com a nossa família as quais eu nunca compreendi ou perdoei, mas eu o entendi em cada segundo e o aceitei dessa forma porque Louis foi forjado desse jeito. E o amo tanto que daria minha alma para salvar a dele se soubesse que ainda está lá, e você, com seu tamanho pequeno e jeito totalmente contrário, mostrou que ela ainda existe. — Nesse ponto, as minhas lágrimas já escorríam silenciosas pelo canto dos olhos, assim como a voz de Giovanna mudava o tom por causa da emoção.

— O que você sabe de nós? — Falar aquilo soou estranho aos meus ouvidos. Nós só existimos na minha imaginação.

— Muito pouco. Zola contou que Louis havia se envolvido com você e que estava diferente. — Eu duvidava muito que fosse só aquilo, mas respirei fundo, engoli a mentira e soltei toda a verdade de forma resumida e intensa.

Quando eu terminei de falar, havia uma poça embaixo do meu rosto graças as minhas lágrimas e Giovanna estava em um pranto silencioso, o rosto vermelho marcado pelas lágrimas que a menina parecia tentar segurar com muita dificuldade.

— *Per dio…* — ela falou baixinho, colocando as mãos no rosto e ficando em silêncio comigo por um tempo. — Elizabeth, eu sinto muito. — A loira se levantou e veio até a cama, ajoelhando em frente a mim e acariciando meu rosto antes de me abraçar de um jeito que não me machucasse. A impressão que tive em nosso choro conjunto e confidente, era que Giovanna talvez tivesse atirado pedras em seu castelo de cristal e tudo isso por minha culpa.

Depois de muito tempo chorando e em um silêncio reconfortante, Giovanna se afastou apenas o bastante para encarar o meu rosto.

— Eu sei que você está muito machucada, por dentro e por fora, e eu não tiro sua razão. Meu irmão foi um maldito com você por não contar sobre sua situação aqui e ainda mais por deixar você desprotegida. Não interessa

que vocês haviam brigado e que você tenha ido embora. Natasha não é querida por todos, Liz. Quando meu irmão recebeu a mão dela como selo de um acordo, quase toda a Família reprovou. Russos não têm uma boa fama entre nós. Mesmo assim, ele insistiu na ideia, à época, por ser vantajoso, mas nunca, nem perto, ele teve algo do tipo com Natasha ou qualquer outra mulher. Louis não a ama e revogar esse acordo agora pode ser uma sentença de morte. Ouvi meu pai berrar sobre isso no meu apartamento por quase um mês.

— Giovanna, meu amor — falei em um tom baixo, quase maternal. — Louis não ama ninguém além de ele mesmo.

— E se isso mudou, Liz? Por qual outro motivo ele iria trazer você para perto?

— Apenas para fazer o que ele mais ama: tentar me controlar. Eu aprendi a ter muito respeito por mim e pelo meu orgulho para ceder ao seu irmão só por ele tentar compensar as besteiras que fez. Louis ainda não entendeu que eu não tenho um preço, Giovanna. E parece não querer entender.

Com a sentença subentendida, nós ficamos quietas, cúmplices dali pra frente, até o fim.

Louis Luppolo

Voltar para casa foi complicado. Minha cabeça não parava de pensar o que fazer com Elizabeth e me questionava sobre a possibilidade de aproveitar a saúde dela como desculpa para arrastá-la desacordada até o meu apartamento. Seria engraçado vê-la surtar antes de acabar em minha cama, e que inferno era tê-la longe dos meus lençóis. Não me lembrava de ficar sem transar em um intervalo de tempo tão grande desde os meus quinze anos.

Quando deitei na cama, a última coisa que esperava era receber Giovanna quando o dia estava amanhecendo, mas receber minha pequena caçula destroçada por finalmente descobrir o que acontecia quando um inimigo chegava perto demais foi bom.

Ela invadiu meu quarto, mas eu já estava de pé, pronto para ela desde que ouvi a voz chorosa chamando meu nome. Pequena criança inocente.

— Louis, ela me contou tudo! — Giovanna chorava contra o meu peito, abalada demais em seu pequeno mundo perfeito. — Elizabeth, ela… Meu Deus, como alguém pôde? — Ela caiu no choro sem pausa e eu a arrastei para minha cama até que ela parasse, o que levou mais meia hora de uma madrugada insone.

— Está mais calma? — perguntei, vendo os olhos verdes dela inchados pelo choro. Minha caçula balançou a cabeça, concordando sobre ter mais controle e então suspirou.

— Ela tem razão em ter raiva de você, *fratello*. Você errou. E tudo o que ela passou… Como ainda está de pé?

— Elizabeth passou por mais coisas do que deve ter te contado, Giovanna. Ela é uma sobrevivente. — Ignorei o que minha irmã falou sobre mim e tentei levar a conversa para outro lado. — Mas agora nada de ruim vai acontecer. Eu não vou permitir, nunca mais. Você se lembra quando papai me obrigava a ficar em casa e você tinha pesadelos? A pequena criança loira que corria para os braços do irmão mais velho no meio da noite? — Ela esboçou um sorriso.

— Ainda sinto falta disso e agradeço por manter meu quarto aqui. — Ela fungou e limpou o nariz.

— E sempre terá, mas Elizabeth passou por aquilo que eu luto todos os dias para você não passar. Entende agora porque sou tão criterioso com a sua segurança, querida? — Acariciei as bochechas rosadas de minha irmã. — Eu só quero o bem de Elizabeth, e se ela ainda me quiser… — Plantei a ideia no coração inocente de Giovanna e a abracei por mais tempo. Ninando a pequena como precisei fazer anos antes, me lembrei de como as coisas eram há quase vinte anos. Eu havia acabado de voltar como o diabo e ela era o novo pequeno anjo favorito de minha mãe. Primeiro eu pensei em sufocá-la com o travesseiro para me vingar e fazê-la calar a boca, mas assim que a peguei no colo e ela parou de chorar, o controle sobre o bebê me pareceu mais vantajoso e estava sendo até o presente momento. O afeto entre nós surgiu por culpa dela e apesar de saber que eu sempre estaria sozinho, ela não precisava.

Antes de finalmente dormir, minha pequena irmã me pediu gentilmente para fazer minha festa de aniversário.

— Me deixe fazer, me deixe te ajudar a mostrar para Lizzie que nosso mundo não é tão feio como ela acha.

— *Va bene, sorella. Fai come vuoi* — sussurrei em seu ouvido depois

de ver seus olhos finalmente se fechando.

Giovanna era tão valiosa no sangue quanto na Família e eu nunca me esqueceria disso.

CAPÍTULO 10

Louis Luppolo

— Gostaria de dizer que você ter ligado para Anna para avisar que ia trabalhar de casa me preocupou. Aconteceu alguma coisa? — Kira me ligou logo depois do café.

— Algumas merdas, mas eu já estou resolvendo. E você? Volta hoje?

— Não. Peguei o rastro de algo interessante aqui, mas ainda não posso falar. Volto em alguns dias. Consegue se virar sem mim? — O tom era de provocação.

— Cuide-se e não levante suspeitas. — Eu a ignorei.

— Não se preocupe. Até mais. — Ela desligou e eu não consegui relaxar.

Trabalhar de casa, no final das contas, foi a melhor alternativa.

Eu estava distraído demais e minha procrastinação ganhou o jogo quando eu abri a foto de Elizabeth no meu celular.

Não podia me deixar ser dominado, não queria admitir que, talvez, aquela garota fosse capaz de transtornar minha vida e me deixar em falta com as minhas obrigações.

Eu precisava entender o que Elizabeth havia trazido consigo para a minha vida. Precisava urgentemente colocar as coisas no lugar de forma racional, mas as reações dela me deixavam longe disso. Eu queria controlá-la, fazê-la admitir que tinha vindo até aqui apenas porque tinha sentimentos por mim. Queria que ela dependesse de mim tanto quanto eu me sentia dependente dela. Queria o controle, queria o ódio e a confusão dela, e principalmente, que ela me amasse tanto que não pudesse negar nada daquilo, afinal de contas, eu estava dando o mundo que ela tanto queria em suas mãos. Era uma troca justa. O meu dinheiro, a minha influência e os sonhos dela em troca de um perdão que eu nunca pediria, em troca dela sendo exclusivamente minha.

No final das contas, ter ficado em casa foi uma péssima ideia.

Peguei as chaves do carro e desci, decidido a cuidar da única coisa que eu amava e tendo certeza de que a máfia era a mulher mais fiel do mundo.

— Louis Luppolo. Don Louis Luppolo. — O sotaque carregado de Bóris do outro lado da linha me fez morder a língua de forma dolorida. — Por que não responde os meus e-mails? Natasha não anda nada feliz em saber que colocou a amante para dividir a cidade com ela.

— Não tenho uma amante, Bóris, sua filha é que está paranoica — respondi friamente. Ter apertado a merda do botão por engano assim que cheguei ao quartel foi a maior burrice do dia.

Subi as escadas sem olhar para ninguém e me tranquei no escritório superior, fugindo dos olhares curiosos dos soldados.

— Não minta para mim, Luppolo. Quero uma data. Minha filha merece algum respeito.

— Sua filha precisa aprender que uma boa esposa é obediente e submissa — falei entre dentes enquanto calculava o quanto me custaria mandar Bóris tomar no cu. Não, eu ainda não podia. Natasha ainda faria parte da Família como minha esposa, caso o projeto X não desse certo, e se desse, bem… Ela ainda seria um peão importante no meu jogo. — Mas você tem razão. Nós precisamos de uma data. Eu vou pensar em uma e nós conversaremos sobre isso, mas fique sabendo que se sua filha continua a ser boca aberta, talvez eu precise ensinar como é o som do silêncio a ela, *capisco*? Tenha um bom dia, Bóris. — Desliguei a ligação e continuei assim que tive certeza de que ele não podia me ouvir. — E vá para o inferno.

Minha vida organizada e controlada parecia um emaranhado de fios de alta voltagem e antes que eu começasse a pensar demais sobre aquilo, tratei de fazer algo produtivo, como repassar tudo o que tinha de informação sobre Luca Matteucci. Se os Callegari se negassem a abastecer os inferninhos de Luca, teríamos um grande problema de putas com abstinência e viciados descontrolados, e se existia uma verdade absoluta em meus dois trabalhos, era a de que um cliente satisfeito voltava, trazendo os amigos, e os insatisfeitos espalhariam para meio mundo sobre o que desagradou. Eu não precisava de problemas com a polícia. O dinheiro deles era pago para que nos deixassem em paz, mas com toda a certeza, independente de quantas mãos eu molhasse, algum maldito ambicioso pesaria nos nossos ombros em um ano de eleição.

— Estou te ligando tem três horas. — Felippo arreganhou a porra da porta do escritório sem bater e eu apertei os punhos o bastante para que os nós dos dedos ficassem brancos.

— Você sabia que Luca também tem alguns números errados? — questionei o homem que pareceu surpreso.

— Não… Eu olhei os números dele, não achei nada de errado.

— São pequenos detalhes. Ele ainda está negociando toda a bebida e drogas por dentro da Família, mas parece que largou seu pai e está apenas com os Piscitelli.

— Eu falei que era uma ideia maldita deixar outros cuidarem do álcool. — Felippo deu de ombros. — Minha família é tradicional no assunto.

Soquei a mesa de leve, cortando o ar de superioridade de Felippo e o encarando de forma séria.

— Eu não posso colocar essa merda para crescer quando você não me ajuda a colocar a casa em ordem.

— Eu não ajudo? Pois bem, segure essa ajuda. — O tom irônico não ajudou a digerir o que estava por vir. — Arturo respondeu minhas tentativas de contato. Ele quer paz em troca de poder, procurar pela filha dentro do país. Disse que desiste da vingança pelo primogênito, mas que quer a filha de volta.

— Ele ainda acha que estamos em posse da garota? Homem burro do caralho. Responda com uma foto do meu pau para ele, o único acordo que estou disposto a fazer com Arturo é o de empalá-lo. *Capisco*? Agora, se não tem nada melhor a fazer, pegue a porra do seu tempo livre e vá até Luca. Seu papel é ser amigo de todos, não? Então vá e faça. — Felippo me olhava indignado.

— Acontece que a Família quer paz. Ninguém está ligando muito para o que Arturo ameaça fazer. Nós temos dez vezes mais força dentro do país do que ele teria em um século. O homem teria que ser estúpido demais para tentar algo — ele tentou argumentar.

— Que parte de nem fodendo você não entendeu? — Apoiei os cotovelos sobre a mesa e o encarei com uma das sobrancelhas erguidas, desafiando Felippo a discordar. — A próxima vez que aquele mexicano safado pisar dentro dos Estados Unidos, será para receber sua sentença de morte, a qual eu prometo ser lenta e dolorosa. — Meu tom foi baixo, mas tão sério e frio que meu *consigliere* desistiu de brigar. Eu conhecia o homem e quando ele passou as mãos pelo rosto e se sentou na poltrona no canto do

escritório, se deu por vencido.

— Você sabe que todos acham que isso é por causa de uma boceta, não?

— Eu não dou a mínima sobre o que os outros acham. Lembre a eles quem é que está no comando dessa merda e o motivo disso. Eu não estou sentado nessa porra de cadeira à toa, então faça o favor de me avisar caso eu precise relembrar pessoalmente a cada um dos capos. Será um prazer levar todos à beira da falência de novo. Colocar uns dois na cadeia seria interessante. Se eles forem espertos, vão fingir que nada está acontecendo. — Joguei com Felippo e me senti vitorioso quando ele deu de ombros.

— Você está se arriscando, Louis. — Ele abriu o terno bem cortado, ficando mais confortável. — Mas eu não vou ficar contra você. Se não tem mais nada que eu possa fazer aqui, vou conversar com Luca. Mesmo que ele vá achar pessoal demais um Lazzarin sondar o fato de ele não ter pegado as bebidas como sempre.

— Seu pai nem sentiu falta. Se não, você sabe que ele mesmo teria me ligado para reclamar.

— E você diria que ele não tem esse direito. Certo? — Felippo precisava reafirmar sua posição ao próprio pai tantas vezes que era vergonhoso. Agostino não respeitava o fato de ter que responder primeiro ao filho para depois ter uma resposta minha.

— Nos últimos anos, seu pai descobriu que não era uma boa ideia me perturbar sempre que discordava de algo.

— Bom, se estamos conversados… — Felippo se levantou, parecendo desconfortável, caminhando para a porta.

— Espere um minuto. — Ele parou para me ouvir. — Preciso dos seus serviços como advogado. — Peguei o *iPad*, abri no contrato que Anna havia me enviado no início da tarde e dei para Felippo dar uma olhada.

— E o que é isso?

— Estou oferecendo sociedade para Elizabeth — falei sem nenhum constrangimento.

— Você deve estar louco. — Ele quase riu, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Eu pago pelos seus serviços, não pela sua opinião — cortei o homem antes que continuasse. Não queria aquilo na mídia antes de estar tudo certo e não arriscaria perder mais um segundo. O tempo era pouco e as jogadas precisavam ser certeiras.

Eu não era homem de perder.

***

A semana passou lentamente e quando sexta chegou e Kira entrou pela porta da minha sala, eu quase estranhei.

— Miami te fez bem, imagino. — Ela segurou o sorriso antes de se sentar em frente a minha mesa.

— Melhor do que eu imaginava.

— Tem certeza de que não me enrolou para aproveitar o resto do verão? — provoquei. Sabia que Kira era séria em seu trabalho. Se não fosse, perderia o pescoço. Se imaginassem que ela estava viva, as coisas seriam difíceis.

— Talvez parte do meu trabalho tenha me obrigado a tomar sol em algumas tardes. Don Castagnari é um velho tarado de primeira. Tomei cuidado de escolher um bom disfarce, mas o maldito nem deve ter olhado para o meu rosto. Ele usa um dos seus resorts em frente à praia para fazer negócios, talvez se sinta confortável com o lugar movimentado, não sei. Mas ele tem, com toda a certeza, algum contrato com os mexicanos. Eles estão trabalhando para ele, asiáticos também.

— Stronzo.

— Você também tem uma estrangeira no meio dos seus negócios, Luppolo — ela provocou.

— Você não faz parte da *Dark Hand*. Você trabalha para mim, é completamente diferente. — Devolvi a realidade no colo de Kira e voltei minha atenção para a papelada em minha mesa.

— O que fez de bom enquanto estive fora?

— Nada demais.

— Me disseram que você anda treinando todo dia. Vi você fazer isso duas vezes desde que nos conhecemos e foram em épocas de tensão.

— O momento é tenso, mas nada que eu não vá resolver. Questão de tempo.

— E você vai contar a velha mentira sobre ser paciente, não é? — Ela se levantou enquanto soltava um longo suspiro. — Ai, ai, Louis. Vou trabalhar.

— Faz bem, não vou pagar suas horas extras dessa vez.

— Não, considere um presente. Mas quando me apresentar para Elizabeth, lembre-se de que o meu salário e o de Anna devem dar uma crescida — ela falou a caminho da porta.

— Por quê? — levantei a cabeça, questionando.

— Acha mesmo que existe alguém melhor para cuidar dela do que eu? — Ela riu.

— Entrou aqui apenas para me provocar? — Larguei os papéis, encarando Kira que ainda não tinha aberto a porta.

— Não, vim avisar que vou te contar o que descobri no jantar.

Bem na hora, meu celular tocou e a mensagem de Giovanna brilhou na tela.

“Ela terminou o livro! Vamos sair para comemorar hoje à noite!”

— Sinto muito. Hoje eu já tenho compromisso — respondi, sorrindo para todas as possibilidades daquela noite. Era a minha chance.

Elizabeth Fabbri

Enquanto acompanhava a luz do sol, tocando cada canto do quarto, tentei ser racional.

O noivado era um compromisso que se fosse desfeito poderia matar alguém, a noiva o queria, era óbvio que queria. Ninguém atravessava o continente para marcar território à toa, mas ninguém, ainda mais Louis, tomaria tanta patada de graça por nada. A semente da dúvida começava a criar raízes dentro do meu peito. Se eu o odiava tanto, por que ainda sonhava com ele ao meu lado?

Depois de uma terça inútil a qual eu não consegui chegar nem mesmo perto do computador para trabalhar e tive que aguentar o médico dar um sermão sobre abafar as feridas e deixar minhas babás — Zola e Giovanna — extremamente superprotetores sobre qualquer coisa relacionada a mim, me obriguei a levantar e trabalhar sem parar. Precisava esquecer que fiquei doente por causa de um descuido besta, precisava esquecer minha conversa com Giovanna e assim que sentei a bunda na cadeira e abri o computador, o título estava definido.

O peso da coroa ficaria pronto em tempo recorde e eu era agradecida demais por poder trabalhar em algo que eu amava de todo o meu coração. Se eu tinha algo a agradecer, era melhor me apegar naquilo do que viver me lamentando pelas coisas que eu não podia mudar.

***

Já era tarde da noite. Giovanna estava deitada no sofá, com a cabeça apoiada no colo de Zola, comentando alguma fofoca de seu Instagram e rindo sem parar. Era lindo de ver os dois ali, mesmo com Zola tentando disfarçar, seus olhos brilhavam para garota. Suspirei com a ideia de um amor daqueles, porque Zola não se declarava logo e acabava com aquele sofrimento? Eu ficaria muito feliz de ajudar.

Depois do jantar e das risadas todas, Giovanna olhou em meus olhos e abriu o maior sorriso.

— É tão bom te ver assim! Espero que você esteja inteira ainda essa semana.

— Não me fale do aniversário de Louis… Quando vai ser? — minha pergunta quase fez a garota rir.

— Louis é leonino, dia 20 de agosto.

— Isso explica tanta coisa — sussurrei para mim enquanto cortava meu bife com mais força que o necessário.

O ego de Louis era, definitivamente, maior que seu pau.

***

Depois de quinhentas discussões com minhas babás sobre o que eu queria e devia fazer, cheguei ao acordo com Giovanna e Zola de que trabalharia da cama, fazendo repouso e sossegando a bunda como devia. Era irritante não sair com o sol brilhando sobre a cidade e sufocante olhar para o teto quando a escrita não rendia tanto quando devia.

Forçando os fones contra o ouvido toda vez que meu foco começava a se desviar, aproveitei o tempo de molho e li e reli o texto tantas vezes que

perdi as contas, ajustei, editei, reescrevi e acrescentei tudo o que devia, tudo o que queria e às nove da manhã de sexta, rendida por uma madrugada insone, eu finalmente terminei meu livro.

A sensação foi louca. Alívio, vazio, felicidade e, finalmente, êxtase.

Meu primeiro filho literário estava pronto e a primeira coisa que fiz, depois de mandar mensagem para os revisores e para Giovanna, foi ligar para Isa.

Ela demorou para atender a ligação, mas assim que atendeu, berrou do outro lado:

— QUE SAUDADE DA PORRA!

Eu ri.

— Você não imagina o quanto ando sentindo sua falta!

— Meu Deus, parece que faz um ano que você está longe e nem uma semana fez direito. Me conte, como está? E os machucados? E o gringo? Estão te tratando bem?

— Segura, peão! Calma! — brinquei. — Está tudo bem. Eu fiquei meio baqueada essa semana, mas nada para se preocupar. O médico já veio me ver, já me medicou e estou sendo acompanhada de perto. A irmã do gringo louco é minha segunda babá aqui e tudo está caminhando. Quanto ao gringo, eu o vi apenas uma vez e coloquei para correr apenas de toalha do meu quarto. — Ouvi Isabella explodir em gargalhadas do outro lado da linha. Parecia música aos meus ouvidos.

— Eu não acredito nisso! Ele deve ter ficado doido.

— Ficou, mas estou igual a vaca, cagando e andando. — Dei de ombros. — Enfim, te liguei para contar a novidade. Meu livro ficou pronto. Acabei de colocar o ponto final.

— AH! E eu quero o primeiro. Faça o favor de estar na gráfica quando eles forem produzidos, roube o primeiro e guarde para mim. Quero uma dedicatória de página inteira e pode escrever bem bonito nos agradecimentos, “Para Isabella, minha melhor amiga, irmã de outra barriga, que me obrigou a entrar num avião e encarar meu destino brilhante”. Não tenho problemas com isso.

— É, tenho certeza que não. — Sorri, achando engraçado o tom dela. — E o que me conta de novo? Pelo amor de Deus, me diga que anda estudando e que não passa metade das aulas chapada.

— Não fumei nada na última semana, nem bebi. Até você me ligar e dizer que está firme com o gringo, eu prometi que não vou usar nada ilícito

ou ilegal. Só não garanto o imoral.

— Transe muito por mim. Parece que a minha cota de sexo pesado dessa vida toda foi gasta no último mês. — Suspirei. Meu fogo na bunda não tinha diminuído em nada e era um inferno me lembrar de Louis e olhar para os outros homens sabendo que ninguém seria como ele na cama.

— Quando você tomar vergonha e conversar com o gringo, tenho certeza que isso passa.

— Duvido. Já encontrei com a noiva, eles ainda estão nisso… — Mesmo que fosse algo obrigatório, ainda existia o compromisso.

— E como foi?

— Uma bosta. Acho que ela poderia ter me matado só com o olhar. Ela não está errada, eu sou a invasora aqui.

— Meu Deus, eu não concordo com ele ter mentido e feito a palhaçada toda, mas ela ainda está amarrada com ele sabendo que o cara fez de tudo para ter você por perto? Tem que ter coragem e muita falta de amor próprio… — Isa desdenhou.

— Não fale assim dela. Eu não a conheço, não posso falar um A sobre o caráter dela, mesmo achando ela burra por querer vir para cima de mim e não do noivo. O compromisso dela não era comigo e eu não fazia ideia da existência dela. Seja como for, depois de tudo isso, eu acho que não tem muito o que fazer. Eu estou aqui, eles estão aqui. Uma hora, mais cedo ou mais tarde, nós vamos nos encontrar e a coisa talvez não seja tão bonita.

— Espero que você se recupere logo, porque se essa vaca tocar em um fio de cabelo seu, eu juro que me enfio no primeiro avião e vou aí dar na cara dela.

— Ué? Cadê a sororidade? — alfinetei Isa.

— Sororidade está valendo até a hora que ela descer do salto. Faça o favor de meter a mão nela sem dó caso ela tente algo, entendido?

— Não acredito que você está me mandando bater em alguém. — Era tão absurdo, tão Isabella.

— Só em própria defesa. Em todo caso, não suma e faça o favor de mandar mais notícias. Responder minhas mensagens com resuminho antes de dormir não serve, eu quero os detalhes! Entendido?

— Não anda tendo nada muito emocionante. Assim que algo acontecer, pode ter certeza que vou avisar.

— Bom mesmo. Vou visitar seus pais amanhã à tarde, se puder, vamos tentar uma chamada de vídeo! — A saudade martelou tão pesado no

meu peito que quase comecei a chorar. — Preciso desligar, mas não me evite, ok? Eu sei que você tem essa coisa de ficar muito focada nos problemas e não se toca que se enfia na bolha, mas se demorar muito para dar notícias decentes, eu vou até aí furar sua bolha, pessoalmente.

— Sem problemas. Me avise amanhã quando estiver com meus pais! Amo você!

— Te amo também. Vai chupar o gringo! Beijo!

Isa desligou antes que eu pudesse responder e eu comecei a rir. Eu era abençoada por ter uma amiga como ela.

Assim que olhei a tela do celular, uma mensagem de Giovanna cheia de pontinhos de exclamações chegou.

"VAMOS COMEMORAR!!!!!!"

A menina parecia realmente feliz.

"Onde?", perguntei, pensando já conhecer Giovanna bem o bastante para saber que ela me arrastaria para uma balada, se pudesse.

"Você ainda não está 100% para o meu tipo de festa, então um jantar no restaurante do hotel. Por favor, use o vestido preto que compramos! Estou tão feliz!"

"Eu também! Obrigada por fazer parte disso."

"Não se preocupe em me agradecer agora, irmã. Xoxo."

Sorri para o celular e aproveitei o dia de folga para dormir o máximo que podia. Precisava estar no meu melhor para enfrentar o furacão Giovanna mais tarde.

Estava pronta, pontualmente às sete e meia da noite, com o vestido preto que era marcado na cintura e tinha a saia rodada. Me atrevi a subir no salto só por saber que passaria a noite sentada e deixei o cabelo solto, cuidando que minha maquiagem fosse leve e o batom vermelho em destaque fosse o ponto forte no meu rosto. Fazia bem eu me cuidar, não podia ficar para sempre de calcinha, largada em cima da cama.

Assim que saí do quarto, mandei mensagem para Giovanna.

"Está com Zola? Bati em seu quarto, mas ele não está lá. É só descer e procurar por vocês?"

"Zola está comigo, sim! Desça e procure pela mesa dos Luppolo. Está sempre reservada quando usamos o hotel."

Guardei o celular na bolsa de mão e entrei no elevador, agradecendo por meu estômago parecer tão normal e cheio de fome no dia de comemorar.

Quando informei a *host* do restaurante quase lotado a mesa que eu

iria, ela me dirigiu até uma mesa vazia em um canto discreto e eu estranhei. Onde estavam Giovanna e Zola?

Agradeci, me sentando e informando que iria esperar por meus amigos para pedir. A mulher que não parecia muito mais velha que eu ofereceu-se para trazer algo para eu beber.

Assim que a *host* virou as costas, peguei o celular e mandei mensagem para Giovanna, com medo do que eu sabia que podia acontecer ali.

“Onde vocês estão?”

“Não me odeie por isso, ele me obrigou. Amo você.”

Eu coloquei o celular na mesa com mais força do que o necessário. Apoiei a cabeça nas mãos, pensando se ainda dava tempo de subir para o quarto, quando a cadeira em frente à minha foi puxada.

— Boa noite, Elizabeth. — A voz de Louis parecia entrar pelos meus ouvidos e eletrizar todo o meu corpo. — Espero que esteja com fome.

— O que faz aqui? — perguntei, ainda sem olhar o homem.

— O mesmo que você. Vim para comemorar. — Eu sabia que ele sorria do jeito que eu não gostava, me desafiando a responder, a reagir. Não. Eu não fugiria mais. Se era aquele inferno que eu teria que viver, enfrentaria-o de cabeça erguida e não fugindo toda vez que o encontrasse.

Respirei fundo e olhei nos olhos do diabo, vendo que ele sorria para mim.

CAPÍTULO 11

Louis Luppolo

Estar ali, frente a frente com ela me encarando com os grandes olhos verdes, era divertido. Eu me sentia um caçador encurralado pela presa. Era aquele minuto de decisão sobre quem venceria no final. Relaxei contra a cadeira, colocando as mãos nos bolsos enquanto passava a língua de um lado para o outro entre os caninos, me perguntando quando ela falaria algo. Silêncio não era uma característica de Elizabeth.

O garçom logo trouxe o que pedi e quando nossas bebidas foram servidas, a face de Lizzie entregou o quão irritada ela estava.

— Espero que você tenha ameaçado Giovanna de morte, porque só assim para eu perdoar essa emboscada. O que você espera com isso? — O tom de desafio estava lá, junto da sobrancelha cheia erguida completando seu desagrado. Era delicioso ver o que eu podia causar nela. Tentei segurar um sorriso pela diversão enquanto analisava a situação e ignorei o que ela disse. Minha irmã merecia um prêmio por ter me obedecido.

Olhei em volta, procurando o garçom, e pedi discretamente que trouxesse logo o jantar. Para minha sorte, o Four Seasons adorava o dinheiro que eu gastava em reservas e jantares beneficentes e isso trazia alguma atenção.

Notei a roupa de Elizabeth, o cabelo curto arrumado emoldurando o rosto levemente maquiado. Conhecia aquele batom. Tinha boas memórias de arrancá-lo, deixando a mim e a ela totalmente borrados. Voltei a relaxar e quebrei o silêncio enquanto observava minha companhia. Não queria perder absolutamente nada, nenhuma reação.

— Você está muito bonita essa noite. — Ela fez bico, como se segurasse na boca algum xingamento que lutava para sair, e apertou os olhos. Apostava que ela me analisava tanto quanto eu a ela.

— Sua noiva também estava quando eu a encontrei essa semana. Como vão os preparativos do casamento? Aposto que vai se vestir para

impressionar. Cuidado para não roubar a atenção que deve ser dela.

Aquilo era ciúme? Não podia deixar de rir, e o fiz, sabendo que ela ficaria ainda mais nervosa. Elizabeth mordeu o lábio em resposta ao meu riso e não pude evitar. Curvei-me sobre a mesa, aproximando-me o máximo que podia, e sem tirar os olhos dos dela, tendo certeza do entendimento de cada uma das minhas palavras e intenções, falei em tom baixo, apenas para que ela ouvisse:

— Achei que você já soubesse que para impressionar, eu tiro a roupa e não o contrário. — Ela se atreveu a revirar os olhos, mordendo a boca por dentro, fazendo os lábios se comprimirem. — E então — continuei, afastando-me quando vi pelo canto da visão periférica o garçom se aproximar —, tomei a liberdade de pedir o jantar.

— Só para variar. — Ela me deu um sorriso cheio de sarcasmo, forçando a educação com o garçom que a servia. Mais um atestado de sua bondade. Elizabeth não se perdoaria se no final da noite tivesse tratado alguém mal sem nenhuma necessidade. Ela não era santa, eu bem sabia, mas tinha o que se chamava de bom coração.

Começar a comer no silêncio dela foi um tormento. Ela fixou os olhos no prato e nem depois de terminar falou alguma coisa. Odiava me ver obrigado a puxar conversa frívola, mas não seria inteligente da minha parte falar mais alguma obscenidade sem antes ter certeza de que ela queria. A garota já havia me enganado antes, todos os sinais errados, e ali estávamos.

— Está gostando de Nova Iorque? Como está o processo do livro? — perguntei assim que constatei que ela havia gostado do primeiro prato que havia escolhido.

— Se Nova Iorque se resume ao meu quarto, estou achando entediante, mas não tenho culpa de ter ficado doente. O livro está finalizado, palmas para mim e para o dono do dinheiro investido. — Ela ergueu a taça em uma atitude tão ácida quanto seu tom.

— Espero que seja um sucesso. — Dei um gole no uísque, sabendo que aquela noite poderia terminar mal. Era um ponto a se comemorar ela não ter levantado assim que percebeu a armação, mas me controlar tanto perto dela parecia ter se tornado um problema. Descansei o copo na mesa enquanto brincava com a bebida pela boca antes de engolir, admitindo estar um pouco decepcionado de ela não lembrar a última vez que me viu. Não seria mais fácil só seguir em frente?

— Espero que receba de volta todo o dinheiro investido e eu não te

deva nada. — Ela foi grosseira e não gostei. Encarei os olhos verdes que pareciam querer achar algo para me acusar ou desestabilizar, e juntei as sobrancelhas. Não acreditava que ela realmente pensasse que me importava com o dinheiro. Estava fazendo tudo aquilo por ela e não para ter o capital investido de volta. Eu compraria todos os malditos livros dela caso encalhassem, apenas para que a maldita ficasse feliz.

— Acha mesmo que eu me importo em ter esse dinheiro de volta? — Meu tom não foi tão amigável.

— Eu não me importo com o que você quer ou não — ela devolveu de imediato. — Daqui para frente eu não quero uma bala vinda de você. — A tentativa de me atingir me deu a certeza que tanto procurei.

— Você realmente está magoada, não é mesmo, bambina? Esse jeito humano de demonstrar, os muros se levantando… Você sabe que é questão de tempo até que as coisas aconteçam, não sabe? — foi minha vez de provocar.

Ela se desestabilizou com o que eu falei, colocou o guardanapo que estava em seu colo em cima da mesa, pronta para levantar, mas foi impedida de continuar pela intromissão do garçom.

Vi os nós dos dedos dela ficando brancos enquanto me olhava sem piscar. A expressão fechada, brava, irritada… Era bom de ver. Aquela reação ao que eu falei significava que não estava errado.

Ela tremia de raiva e parecia que ia furar o prato conforme mexia nele com os talheres. Apenas observei enquanto os olhos dela desviavam na minha direção por alguns segundos.

Ela não ia aguentar, eu sabia. E esperava. Era quando Elizabeth chegava ao seu limite que as coisas aconteciam.

Os olhos cheios d’água a entregaram antes mesmo de ela abrir a boca.

— Você nunca vai entender, não é?

Não, eu não entendia. Ela sentia demais e eu só sentia a necessidade de tê-la. Era difícil?

— O que foi? — perguntei para que ela continuasse.

— Que caralho você quer aqui, Louis? — O escândalo começaria e aquilo não me agradava. Ela bateu as mãos na mesa, chamando atenção das mesas ao redor e eu mantive minha postura, encarando a garota um pouco mais nervoso do que imaginei que ficaria caso ela tivesse uma reação daquelas. — O que foi? Sua noiva tem melhores modos? Por que não está jantando com ela nesse minuto? Por que me fez atravessar o continente? Só

para ter o prazer de me ver embaixo da sua asa? Você quase me deixou morrer!

— Não foi culpa minha! — falei baixo e no tom sério que a conversa necessitava. Ela realmente achava que eu a tinha largado para que aquilo acontecesse? Elizabeth nem mesmo sonhava com o que eu havia aprontado depois que a tirei daquele lugar imundo.

— Ah, não? Quem foi que meteu um alvo no meu rabo e me deixou exposta como um pavão assanhado, sozinha para morrer, enquanto tinha a noivinha perfeita e segura esperando do outro lado do mundo? Louis, você é tão egoísta… — A voz dela sumiu, fraca por se esforçar para colocar tudo aquilo para fora. Ela ainda tentava segurar o choro, desviando os olhos dos meus, exigindo uma resposta. O que eu devia falar? Ela havia sofrido por ter se envolvido comigo, mas a culpa não era totalmente minha. Não. Eu havia feito os verdadeiros culpados pagarem sua parcela e fiquei com ela o máximo que pude. Eu a havia trazido até ali!

Enquanto ela tentava recuperar o controle de suas emoções, eu resistia ao impulso das minhas. Respirei fundo, tentando trazer minha verdade dos fatos e me apoiei na mesa, me aproximando dela novamente. Elizabeth ainda não me olhava quando comecei a falar.

— Eu jamais pensei que você sofreria as consequências de algo. Não calculei direito o risco e fodi tudo. Você, eu e tudo o que passamos. Mas não saí da sua porta por um segundo sequer, não deixei você sozinha para morrer, inclusive, Deus sabe os desgraçados que mandei para o inferno por sua causa. — Era demais. Elizabeth tinha de mim muito mais do que qualquer mulher jamais teve e exigia algo que não estava certo. Não era ela quem insistia em voltar para sua vida logo depois que eu fosse embora? O que ela queria me cobrar? Eu tinha uma alternativa para nós e ela recusou. — Você pode me culpar por ser egoísta, por ter pensado mais com o pau do que com a cabeça quando se tratou de você no início disso, mas não me culpe por não falar do noivado. Nós tínhamos um acordo vantajoso e se não fosse o seu orgulho… — Ela não se atreveu a me olhar. Vi os olhos se comprimindo e de repente, sua mão estava na taça, jogando a merda do suco em mim.

Eu me calei, inflando as narinas, de olhos fechados, buscando todo o controle que me restava. Travei a mandíbula e cerrei os punhos na vã tentativa de me conter. Minha vontade era meter a mão nela em resposta automática, mas não podia, não devia.

Comecei a contar. Um, dois, três…

O conflito na minha mente por repreender uma resposta natural só piorou quando a ouvi.

— Filho da puta! Você acha mesmo que foi só um acordo? Louis, ACORDA! Você me manipulou até não poder mais, tripudiou em cima de mim, me fez atravessar o inferno e me trouxe para o olho do furacão achando que seu dinheiro pode me comprar. Quando você vai aprender que eu não estou à venda? Quando é que você vai acordar e perceber que nada disso precisaria ter acontecido se você tivesse sido sincero? Você ainda acha que está apaixonado por mim ou aquilo foi um texto pronto só para manter a foda fixa quieta, esperando que esse pedaço inútil de carne que bate dentro do seu peito realmente pudesse sentir algo por mim? Eu posso estar aqui, mas não vou me machucar de novo, Louis. Se tem algo que eu preciso agradecer é por você ter me ensinado que meu orgulho não precisa ser derrubado, mas a sua vaidade, seu ego, precisam urgentemente de tratamento e eu não sou a louca que vai lidar com isso. Pare de me forçar, eu não aguento mais! — Ela se levantou, correndo para fora do restaurante, e eu agradeci. Elizabeth pedia de mim algo que não podia dar, me julgava como alguém decente e humano como ela, mas eu não era. Não tinha nada daquilo que ela queria para oferecer e ela tinha razão, era egoísta o bastante para não me importar e ainda querer estar ao seu lado.

A insanidade daquela relação não me permitia ficar parado. Ignorei os olhares curiosos dos outros clientes do restaurante e fui atrás dela.

Por um segundo, quis ter certeza de que aquilo fosse puro sentimento de posse, curiosidade, ou qualquer outra porcaria, mas infelizmente eu não tinha certeza.

Eu a ouvi xingando enquanto tentava chamar os elevadores e fui atrás.

— Elizabeth! — chamei-a em fúria. — Elizabeth!

— Vá embora! Vá para sua vida maluca, sua noiva doida, seus problemas, suas coisas! Não me envolva mais nisso, pelo amor de Deus! — Ela ergueu as mãos enquanto andava para trás, tentando me afastar apenas pela intenção. Não funcionava. Avancei em sua direção com pressa, encurralando seu corpo contra a parede e, finalmente, achando o que queria.

Meu corpo reagia à Elizabeth como se eu tivesse sido enfeitiçado. Sentir o cheiro doce que vinha dela enquanto o pequeno corpo tremia encostado no meu, desafiava todos os meus sentidos. Eu a encarei, de olhos fechados, tentando negar, tentando fugir. Era perda de tempo.

Tudo dentro de mim berrava, quase me deixando surdo, a ponto de

deixar tudo seguir nas inconsequências dos atos impulsivos. E então, como se fosse dolorido demais, ela abriu os olhos e me encarou.

O efeito da maldita mulher me deixou desarmado por alguns segundos. Os olhos grandes, cheios de um verde vivo, me encaravam a alma e tive certeza de que Elizabeth podia ver o grande demônio que eu era. Que podia amar quem eu era.

Aquilo, sim, era um desafio ao qual gostaria de assistir.

Era um maldito tesão misturado a algo novo. Eu não sabia, nem queria precisar explicar, mas meu cérebro gritava em um alerta desesperado que era indevido, perigoso, proibido. Era o que eu precisava.

Ergui as mãos, tocando o rosto dela primeiro com a ponta dos dedos e então, finalmente, segurando-a com firmeza, trazendo para perto de mim.

Lizzie tinha os olhos fixos nos meus enquanto eu pressionava seu corpo de forma quase dolorida contra a parede, como se pudesse fundi-la dentro de mim, transformando os dois em um.

“Será que ela sempre vai ser essa bomba de reações humanas demais para mim? Será que no final das contas, ela só é interessante por ser ela?”, questionei-me. A resposta não podia ser tão simples.

Era prazeroso quase sentir dor física pela necessidade de tê-la. E não era só pelo sexo. Era em toda sua complexidade sentimental demais para o meu mundo. Faltava pouco para conseguir o que queria, e parecia ser fácil quando ela estava ali tão frágil.

Me curvei, diminuindo a distância entre nossas bocas, sabendo que quando ela finalmente se rendesse, não haveria chance de volta. Eu criaria minhas raízes em cada pedaço dela, deixando claro que ela me pertencia agora e para sempre.

Elizabeth Fabbri

Por sorte, o elevador abriu e graças ao movimento das pessoas, ele se afastou pouca coisa. Meu coração batia tão forte contra o peito que o ar chegava a faltar.

— Eu continuo aqui, esperando você, bambina. — As mãos dele continuavam no meu rosto, o dedão acariciando minha bochecha.

Fechando os olhos e sentindo as lágrimas descendo pelas bochechas, coloquei as mãos no peito dele e o afastei. Louis não resistiu como achei que faria. Caminhei rapidamente para dentro do elevador, passando por ele, tentando manter o equilíbrio.

— Elizabeth… — Ele arriscou tentar entrar no elevador.

— Por favor, Louis. Não — implorei. — Não faça isso ser pior, por favor. Você levou tudo de mim e ainda quer mais? Não aguento, não posso. Sua vez de abrir mão de algo.

Sem esperar por uma resposta, apertei o botão para a porta se fechar e assisti meu demônio pessoal desolado do lado de fora. Minhas pernas cederam assim que me vi sozinha. Não aguentava mais.

Assim que cheguei ao meu andar, me levantei com alguma dificuldade do chão, tentando manter a mínima dignidade até chegar ao meu quarto para poder desabar, mas nem isso eu pude.

De todas as coisas que podiam me acontecer, a última que eu precisava era aquela. Em frente a minha porta havia uma única rosa preta com um bilhete preso em um laço de cetim vermelho, que dizia em uma caligrafia fina e arredondada: “Bem-vinda à Nova Iorque”.

Sentada na cama, as lágrimas não pararam. A flor entre as minhas mãos era apenas o breve aviso de que aquele pesadelo não teria fim. Tudo o que havia acontecido comigo podia se repetir em um piscar de olhos e eu não queria passar por aquilo de novo. Nunca mais.

Me abracei, amassando a rosa entre os dedos e me dobrei, tentando aplacar a dor que sentia por estar tão longe de casa, por dizer não a Louis, por todas as minhas feridas abertas, por todas as novas marcas e mentiras contadas por causa delas. Chorei pela pessoa que havia me tornado, pela alma cansada, pelos desejos reprimidos, pelas descobertas dolorosas, por saber que era usada, manipulada e ainda sim, querer quem causava toda aquela confusão no que eu chamava de vida. Chorei pelo meu sofrimento, pela minha alma partida, por saber que existia gente tão ruim no mundo, capaz de me machucar por nada. Chorei por eles, chorei por mim.

Aquele era um aviso claro. Era a errada em toda a situação.

Se Natasha era a responsável por aquilo, eu não podia culpá-la. Eu era a intrusa, eu era a ladra da felicidade dela. Remoer dentro de mim a possibilidade de Louis ter sido tão aberto com outra pessoa a ponto de ela se importar daquela forma com ele, me fez querer vomitar. Era sufocante querer e não querer ao mesmo tempo; poder e saber que se tropeçasse, iria direto

para o abismo. Só havia um jeito daquilo acabar.

— Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem, eu juro que vai. — Tentei acreditar no que dizia para minha alma, mas não dava mais, não tinha como. Não dessa vez.

Aquilo poderia ser um sonho no qual eu me enxergava andando, arrancando os sapatos enquanto me dirigia ao terraço. Um segundo de coragem estúpida e eu podia acabar com aquilo. Ficar viva doía demais para suportar.

Podia enxergar o batom vermelho borrado em meu rosto. O rímel borrado pelas minhas bochechas por culpa das lágrimas.

A garota que caminhava pelo inferno estava desistindo.

Me assisti como uma terceira pessoa que poderia editar a cena, mas ficou em silêncio. Arrastei uma das cadeiras até o parapeito, ouvindo o barulho do ferro contra o piso áspero enquanto o vento frio parecia querer me empurrar para dentro do quarto, sabendo que não tinha volta, sabendo que aquela era a única solução.

Não tinha outra solução.

Enquanto vivesse, eu seria um alvo.

Enquanto respirasse e fosse interessante para o diabo, os outros demônios me perseguiriam e arrancariam cada pedaço do que sobrava da minha alma, que agora era tão pequena e frágil que me pedia arrego. Não dava mais para lutar por mim, não dava mais para tentar qualquer batalha ao lado de Louis, pois ele era o meu pior inimigo. Não existia nada pior do que amar o inimigo, do que saber que ele estava tão profundamente instalado sob a sua pele que chegava a ser esmagador. Era melhor acabar com aquilo, parar com a dor, acabar com aquele abismo gigante dentro de mim, que parecia cada vez maior e que a qualquer segundo poderia me engolir. Eu estava pronta e caso aquele fosse um sonho, ele poderia acabar assim que minha cabeça se partisse contra o concreto da calçada.

Subi na cadeira e com alguma dificuldade me sentei no parapeito, com as pernas para fora do prédio.

Encarando a cidade à minha volta, as luzes todas, o cheiro, o barulho...

O mundo não parou para que eu me recuperasse e ele não pararia depois que me jogasse. Suicídio não era bonito, mas pedi secretamente, quase um mês atrás, para morrer. Aqueles dias haviam sido horas extras cheias de nada. Nada pelo que valesse a pena lutar.

“O que meus pais vão pensar disso?”

Mesmo meu maior amor do mundo não era capaz de anular a dor que eu sentia. Uma hora ou outra eles teriam que se acostumar a viver sem a filha e aquele tempo em Nova Iorque podia ter ajudado o coração a se acostumar com a ausência.

“O que meus amigos vão falar depois?”

Isa iria querer morrer só para dar na minha cara no plano seguinte, mas viveria. Os outros eram os outros e falariam bem de mim quando alguém comentasse da minha morte, mas seria só.

“Será que Louis sentirá algo? Será que ele sossegará? Ou simplesmente vai partir para outra?” Deus… O problema era comigo e eu ainda pensava nele. Era minha vida que ia findar e era naquele desgraçado que eu pensava. Tentei afastá-lo dos meus pensamentos com toda a força que me restava. Não era sobre ele. Era sobre mim.

Encarei o trânsito na avenida abaixo dos meus pés. Ninguém olhou para cima para notar a estranha prestes a pular do alto do Four Seasons. Nenhum carro parou. A cidade não ligava. Olhei para baixo o máximo que consegui, mantendo os olhos abertos, sem nenhuma piscada, sem me desviar do meu último destino.

Que Zola pensasse em meus pais, que Louis acordasse para vida, que Isa, papai e mamãe pudessem me perdoar.

Aquele não era mais um dos pesadelos terríveis que me acordavam chorando no meio da noite.

Balancei os pés contra o parapeito, batendo no cimento, esperando morrer na queda alta e não de encontro ao asfalto. Não podia ser depois da queda. Minhas asas haviam sido cortadas e eu não queria me sentir quebrar no chão frio.

— Deus, que não doa. Não doer é tudo o que te peço. Você não precisa me perdoar por isso, eu te perdoo por todas as merdas em que me meteu, então, por favor, que não doa.

Quase não reconheci minha voz em minha oração final. Conforme as lágrimas corriam, o vento soprava e eu arrastava aos poucos o corpo para frente em direção a queda livre.

Eu ia cair.

Assim que senti a bunda no último centímetro do parapeito, senti o coração acelerar forte e meu instinto de sobrevivência berrou para eu sair dali e voltar para onde era seguro. Eu bem que tentei ouvir, mas em um último

segundo, graças as minhas pernas curtas e braços trêmulos, não aguentei meu próprio peso e acabei com qualquer chance de volta.

Estava indo a caminho da morte e era uma pena não saber voar.

O grito ficou preso na minha garganta, tudo o que pude fazer foi engolir o ar com tanta força que fez um barulho estranho. Morrer fazendo aquele som seria patético.

Antes que meu corpo avançasse em queda livre, uma mão envolveu minha cintura com uma força esmagadora e eu finalmente berrei enquanto era puxada para trás.

Quando caí no chão sobre o corpo do meu salvador, só sabia chorar e tremer.

Encolhida nos braços de alguém que não queria descobrir quem era, pela vergonha de ser pega em tal situação, fiquei em silêncio, encostada no peito de alguém que respirava rápido demais e que tinha o coração disparado. Não era Louis, o cheiro não era dele.

— Que caralho você estava fazendo? — A voz de Zola explodiu nos meus ouvidos e eu fiquei em silêncio, chorando copiosamente no colo dele. Zola me ajeitou, fazendo com que me sentasse melhor e passou as mãos pelo meu rosto, afastando os cabelos para trás. — Elizabeth! Olhe para mim! — O tom não era de briga, mas não era nada calmo.

Abri os olhos, encarando o loiro que parecia desesperado. Envergonhada, abaixei a cabeça e chorei ainda mais. Zola entendeu. Eu não queria conversar, não dava para falar. Precisava era de colo.

Meu melhor amigo envolveu minha cabeça, encostando-me em seu ombro, e em um balanço ritmado, me ninou como se eu fosse uma criança.

Sentados no terraço, ouvindo a noite movimentada da cidade que não parou nem um segundo para assistir a minha quase morte, senti que aquilo tudo parecia um pesadelo e eu não fazia ideia de como sair dele.

***

— Lizzie — Zola me chamou depois de quase uma hora. Meu choro já havia diminuído, a sensação de vazio havia se aquietado no peito, mas ainda estava lá, tremendo de vez em quando.

— Hm — murmurei em resposta, mostrando que estava acordada.

— O que aconteceu? — O tom parecia preocupado e eu me senti estúpida por fazer Zola passar por aquilo.

— Não aguento mais brigar comigo mesma, não aguento mais o medo, a sensação de impotência. Sinto-me presa, sufocada, rodando e não indo para lugar nenhum. Vocês armaram para mim hoje. — Meu tom escondia uma acusação.

— Eu não sabia de nada. Estava em serviço, no quarto ao lado, de olho no que acontecia aqui. Que bom que isso aconteceu, não?

— Então você também viu o que deixaram na minha porta? — Me levantei meio sem jeito, ajeitando o vestido e tentando limpar o rosto todo sujo da maquiagem.

— O quê? — Zola me encarou sem entender.

Caminhei até dentro do quarto, pegando o que havia sobrado da rosa negra e o bilhete de boas-vindas.

— Acho que Natasha em breve irá fazer uma visita. Deus queira que a russa não seja tão cruel quanto os outros que nos acharam, certo? — Fui irônica ao entregar o papel na mão de Zola junto com o que restava da flor. Vi-o encarar o bilhete por tempo demais antes de me dizer qualquer coisa.

— Nós temos um problema maior do que Natasha, Liz. — Zola me encarou com as sobrancelhas levantadas, pela primeira vez, parecendo ter dó de mim.

— E quem mais mandaria algo do tipo? — Me abracei, esfregando as costelas. Qualquer um poderia me dar uma facada e eu não poderia fazer nada para me proteger.

— O conselho da Dark Hand. — A voz dele soou sombria enquanto proferia cada palavra.

Nós nos encaramos em silêncio por algum tempo, eu sem entender direito o que aquilo significava e Zola preso em seus pensamentos, tentando calcular algo que eu não sabia o que era.

— Você não vai mais ficar sozinha, de jeito nenhum — Zola disse, se levantando e me puxando para dentro. — Preciso descobrir o que fazer, isso está além do que foi planejado.

— Então vai correr para seu chefe?

— Ele é o único que pode resolver isso, Liz. E acredite, isso aqui é mais um aviso para ele do que para você. — Zola levantou a mão, indicando a ameaça velada. — Agora vá tomar um banho e vestir roupas limpas. Você precisa descansar.

Me senti como uma criança, mas não tinha muito o que fazer.

Conforme ia em direção ao banheiro, parei por um segundo, olhando para trás e vendo o loiro com uma das mãos na cintura, encarando a mão cheia de algo que não entendia tão bem quanto ele, mas acreditava ser minha sentença de morte.

— Zola… — chamei baixo e ele me olhou, erguendo a sobrancelha em espera. — Por favor, não comente nada disso com ninguém.

— Sinto muito, Liz. Esse é o meu trabalho e se você é um risco a si mesma, não posso fazer essa promessa.

Balancei a cabeça, concordando com muita vergonha, e entrei no banheiro, batendo a porta logo atrás.

Enchi a banheira, me sentei na beirada e encarei meu reflexo no enorme espelho em frente. Tão nova e tão destruída... O que mais Deus queria me ensinar?

Fechei os olhos e orei. “Por favor, faça parar de doer”, repeti aquilo até a banheira quase transbordar. Eu esperava que alguém me ouvisse.

***

Quando a água do banho esfriou, respirei fundo e tomei coragem para sair do quarto.

Foi uma grata surpresa encontrar Giovanna com pijama de unicórnio, parecido com o de Isabella, sentada na cama onde ela havia colocado uma quantidade estupidamente grande de comida. Era tanto pacote que seria humanamente impossível comer tudo, mas o sorriso dela me confortou. Zola não devia ter dito nada, seria só mais uma noite de meninas.

— Aqui tem um para você! — Ela me indicou o pijama que havia comprado para mim, idêntico ao seu. — E os filmes serão os seus favoritos da Netflix porque eu não assisto quase nada disso, tirando *The Project Runway* e *Rupaul’s Drag Race*.

Eu dei um berro e corri para a cama, pronta para me jogar na sexta temporada pela milésima vez na vida.

Depois de comermos boa parte das porcarias e acompanhar todos os

episódios da minha temporada favorita, sabendo todas as falas de cor, deixamos Paranorman — outro desenho favorito da lista — rodando e nos deitamos para dormir.

Abraçada ao travesseiro, Giovanna me encarava com curiosidade e eu tentei não olhar em seus olhos. Ela se atreveu a esticar a mão e colocar uma mecha do meu cabelo para trás.

— Eu gostaria que você pudesse ver o quão linda e forte você é — ela sussurrou, quase como um segredo.

— Confesso que alguns dias eu também gostaria de poder. — Meu tom de voz foi pesado, transmitindo todo o meu cansaço.

— Você está bem? Zola me contou do aviso do conselho.

— No Brasil, Natasha espalhou flores por todo o quarto. Eu não sei como fui burra para não perceber na cara de seu irmão que havia alguma coisa errada. Acho que nem ele sabe como ela fez. Se uma mulher sozinha conseguiu isso, imagina o que um bando de homens loucos não pode fazer?

— É fácil descobrir. Natasha é russa, amante louca de tecnologia. Papai sempre disse que todo e qualquer crime virtual tem um dedo russo por trás. Deve ter feito alguma loucura. — Os olhos de Giovanna se perderam por um segundo.

— Não ligo, só não quero correr mais riscos.

— Zola foi se encontrar com Louis. Eles vão dar um jeito nisso.

— Espero de coração que eles consigam. Todo o segundo que fecho os olhos, quase posso sentir mãos invisíveis em minha garganta.

— Não se sinta assim… — Giovanna parecia realmente compadecida. — Você quer ir a um psicólogo? — ela arriscou, de forma inocente.

— E contar que estou sob as asas da máfia americana e todo o resto?

— É, não é algo muito inteligente.

— Não, não é. — Giovanna às vezes me assustava com tamanha inocência. — O que aconteceu hoje? Por que você não apareceu para o jantar?

— Louis me pediu uma chance com você. Ele quer fazer algo certo e eu escolhi ajudar. Me desculpe por isso, mas ainda não desisti da ideia de vocês dois ficarem juntos. — Quase ri daquele comentário.

— Existem algumas questões as quais você poderia ser mais sábia na escolha.

— Lizzie, eu sei, não quero te forçar, mas você não viveu coisas boas ao lado dele? Se pudesse escolher, sinceramente, excluindo as partes ruins de

tudo, você viveria ao lado dele novamente?

Aquela era uma boa questão.

Nós deitamos de barriga para cima, encarando o teto em um silêncio pouco constrangedor enquanto eu procurava a resposta para a pergunta tão direta.

“Eu sabia onde aquilo havia começado?”, não, eu realmente não fazia ideia. Me senti vivendo dez anos em apenas dois meses. Era como se conhecesse Louis por toda a vida, como se tudo estivesse apenas adormecido e assim que ele chegou, a vida voltou. Louis trouxe sua escuridão para minha vida, mas me envolveu por completo e ao mergulhar achando que encontraria apenas um frio avassalador, acabei me envolvendo em fogo puro e consumidor. Era meu céu e meu inferno, meu reflexo e meu norte. De algum jeito eu sabia que se atravessasse o mundo, uma hora iria parar na porta dele ou então ele na minha. Aquela noite comprovou: atração inquestionável, amor incerto, risco iminente.

— Sabe… — sussurrei para ela quando tive certeza de que minha voz sairia firme. — Nem em um milhão de anos eu imaginaria tal situação na minha vida, mas apesar de tudo, se por acaso me pedissem para escolher entre conhecer ou não o seu irmão, eu seria burra o bastante para optar quase sem pensar, que sim. Eu escolheria Louis, mesmo ele não me escolhendo de volta.

Falar aquilo em voz alta foi constrangedor, mas esclarecedor. Giovanna era quem mais precisava entender como as coisas estavam, afinal de contas, ela também achava que a alma de Louis podia ser salva, mesmo com tudo querendo provar o contrário.

Acordar no meio da noite com o ar faltando foi horrível, mas Giovanna dormia pesado demais para perceber que sua companheira de colchão havia se esgueirado para fora.

Peguei um dos cobertores pequenos no pé da cama e fui para a varanda, assistir o céu de Nova Iorque ficar tão claro quanto podia. Quem sabe se eu contasse para todas as estrelas sobre minha vida, alguém lá de cima pudesse interceder por mim.

CAPÍTULO 12

Louis Luppolo

Não acreditava que uma criança poderia virar minha vida de ponta cabeça como ela andava fazendo, mas lá estava eu, uma da manhã, trancado na merda do escritório, bebendo o terceiro copo de uísque e tentando entender que merda era aquela. Como Elizabeth tinha se instalado dentro de mim e mudado algumas regras era de um enorme fascínio irritante para mim.

Eu não gostava daquilo, mas que opção eu tinha? Me livrar dela não era uma alternativa, dar a ela o que ela me pedia era impossível. Apesar da obsessão que me atormentava dia e noite, não tinha muito mais a oferecer desse lado. Elizabeth, por outro lado, era um poço de sentimentos e me fazia pensar no quanto poderíamos coexistir sem contaminar um ao outro. Ela podia não admitir, mas gostava daquilo que eu apresentava, do que eu fazia, de como era. Caso contrário, mesmo eu precisando mexer algumas peças do tabuleiro de maneira incerta, ela não estaria ali.

Entretanto, algumas coisas estavam claras para mim, como a fragilidade da mente dela graças ao trauma revivido e a sensação de ser traída. Isso também significava que eu mexia com ela a ponto de confiar em mim. Ela realmente confiou em mim e aquilo valia muito na minha balança. Era muito mais fácil reconquistar algo de alguém de quem se tem o afeto, do que de alguém indiferente.

Eu só precisava tomar cuidado com a mágoa.

O interfone tocou e ecoou por todo o apartamento, me tirando dos pensamentos ridículos aos quais eu me prendia quando começava a destrinchar a relação com Elizabeth. Edgar dormia profundamente àquela hora e me vi obrigado a atender, esperando com todas as minhas forças que não fosse algum problema.

Ledo engano. Quando Zola pediu permissão para subir, eu sabia que algo havia acontecido, só não esperava ficar tão furioso. Com ela, com eles, comigo.

— Repita. Acho que não lavei as orelhas direito. — A bebida teve algum efeito em mim. Com toda a certeza eu devia estar alucinando.

— Logo após o jantar, Elizabeth subiu para o quarto e encontrou uma rosa com os dizeres “bem-vinda à Nova Iorque”. Ela não é burra, sabe que foi um aviso — Zola falou novamente, sentado na poltrona com a expressão cansada enquanto eu estava de pé, apoiado na parede, apenas ouvindo e absorvendo as novidades. — E em um colapso nervoso, acho que essa é a melhor definição, Elizabeth tentou se jogar da varanda.

Ela não podia fazer isso. Estava no mínimo impressionado com tudo aquilo.

— Elizabeth está bem? — Larguei a bebida de lado e esfreguei os olhos. Talvez humanidade demais fosse uma desgraça muito pior do que de menos. Eu nunca tive vontade de tirar minha vida e não entendia aquilo.

— Está. Mandei-a tomar banho e pedi para Giovanna ficar com ela. Não se preocupe — Zola falou assim que viu minha cara. — Ela nem sonha que Lizzie tentou se matar, mas sabe que ela foi ameaçada de alguma forma.

— O aviso. Foi alguém dos nossos?

— Foi… Paolo. Ele veio como reforço.

— Ótimo. Espero que não esteja com sono, garoto. Nós vamos dar um passeio.

Zola não reclamou quando eu decidi dirigir. Correr pelas ruas quase vazias fazia a adrenalina circular pelo meu corpo e ajudava na dor que eu sentia na boca do estômago graças a excitação do momento.

— De volta ao hotel? Eu não acredito que seja uma boa hora para ver Lizzie, senhor — Zola aconselhou, com o pé atrás.

— Eu não sou burro. Elizabeth também vai ter o que merece pela atitude burra. Vou apenas descobrir qual é o melhor castigo, mas não estou aqui para lidar com ela. Paolo está de serviço, não?

— Sim. Eu não disse nada, apenas saí.

— Muito bom. Agora vamos entrar. Ele vai perder alguns dentes e três dedos — falei, já apertando o botão do elevador. Quanto mais cedo arrebentasse a cara de Paolo como exemplo, mais cedo daria um recado ao maldito conselho.

Minha única infelicidade foi não poder levar Mary comigo. Não daria certo ver no noticiário do dia seguinte uma foto minha com o machado na mão, entrando no hotel onde mais cedo eu tinha sido visto brigando. Marketing negativo era uma merda e eu o evitava a todo custo. Mas, apesar

da saudade de brincar com Mary, o soco inglês fez um barulho engraçado quando acertou a bochecha do soldado atrevido e quebrou seus dentes. Tentei repetir o som, mas foi sem sucesso. Não havia mais os dentes para reproduzir da mesma forma.

Os dedos deram mais trabalho. O homem desmaiou no meio do caminho e eu não tinha tempo para esperá-lo acordar.

— Vou arrancar as unhas da mão direita. Ele é destro, não? — falei enquanto me esticava para pegar o alicate em cima da mesa. — Não vai sentir agora, mas vai continuar doendo até crescer e ele vai se lembrar de nunca me desafiar. Gostaria de fazer isso com os homens que o mandaram também. Bando de atrevidos. — Ri, sentindo os efeitos do álcool misturados ao meu ato favorito. Aquilo acalmaria o demônio que vivia em mim por algum tempo.

Olhei para o relógio depois de terminar com o homem que não trabalharia mais para mim e pensei em ir até Felippo. Precisava dormir, mas não sem antes mandar o meu recado.

Tirei o celular do bolso e mandei uma mensagem para a pequena lista de contatos que precisava.

— Espero que isso sirva de exemplo para vocês, que, apesar do conselho importar, sou eu quem diz o amém. Entendido? Isso não é a porra de uma democracia! — decretei em voz alta dentro do quarto e ouvi os murmúrios em concordância.

Era o necessário, pelo menos por ora.

Eu cuidaria do resto no dia seguinte. Estava bêbado demais para qualquer outra decisão referente à Dark Hand e cansado demais para aguentar mais uma hora de pé.

O telefone tocou antes de eu estar deitado e a voz do meu consigliere era a de quem acabava de acordar, e não estava muito feliz por isso.

— Espero que esteja feliz, pois a Família está animada para encontrar você em sua festa.

— Deixe que venham. — O lobo que dominava a matilha era o que rasgava mais pescoços primeiro e se essa seria minha missão, que fosse. As coisas precisam mudar.

Se Elizabeth queria mais de mim e da minha vida, ela havia acabado de ganhar. Atravessaria-a na garganta de todos os que nos ameaçavam e pegaria os mais incrédulos como alvo.

Era um favor que ela me fazia.

***

Tentei afastar o pensamento sobre a noite anterior, sabendo que estaria sóbrio o bastante na manhã seguinte para ser acertado pela realidade do que havia acontecido, como se fosse um soco.

Encarei o teto, pensando sobre o que havia levado Elizabeth embora e a colocado na mira do conselho. Inevitavelmente, o rosto de Natasha apareceu em minha mente e lá estava a fonte de todos os meus problemas atuais.

Se eu pudesse me livrar de Natasha, tudo seria mais fácil.

Matar a garota não era uma opção. Ela era valiosa demais para isso, mas eu precisava controlá-la por algum tempo, apenas o bastante para que Elizabeth baixasse a guarda e me permitisse voltar ao lugar de onde eu não queria ter saído.

Estava decidido. Quando mandei mensagem para Natasha naquela manhã, usando toda a motivação de que seria para um bem maior, as coisas pareceram simples.

Eu já a havia manipulado uma vez, uma segunda não seria difícil.

“Podemos jantar hoje? Algo íntimo.”

Enviei e nem um minuto depois ela ligou, animada, como se ignorasse todas as merdas que aconteceram no último mês.

Mundo, mundo, por que tão corrupto?

Depois de marcar o jantar no restaurante favorito dela, o dia começou. Havia trabalho a ser feito e eu não estava disposto a perder mais tempo com aquilo. Minha vida pessoal não podia ser um peso, mas finalmente as coisas pareciam começar a se acertar e a partir dali tudo seria uma sequência de reações.

Pontualmente às sete e meia, eu estava sentado na mesa privada dentro da cozinha do Le Cirque. Natasha chegou três minutos depois de mim, sorrindo radiante em um conjunto preto de saia colada ao corpo e blazer que afinava sua cintura, sem nada por baixo, permitindo que o decote generoso fosse até o início da saia. Ah, se fossem outros tempos… Sair com Natasha dali para minha casa não seria um problema, mas apesar de visualmente atrativo, não tinha o efeito desejado em mim.

— Ora, ora, ora — ela disse quando eu me levantei para recebê-la. — Parece que o universo finalmente está se alinhando. — Ela jogou o cabelo

ruivo, liso e comprido para o lado, e selou a boca na minha antes de se sentar.

— Talvez um pouco mais do que você espera — disse assim que me afastei da garota, sentindo o perfume de cereja tão característico dela. Me sentei novamente e servi sua taça, pensando sobre ela. Natasha tinha recém completado vinte e três anos, o corpo era magro, mas firme graças a sua rotina de exercícios. As garotas da máfia podiam ter redes sociais, mas com algumas regras. Natasha abusava das dela e compartilhava boa parte dos agachamentos que a fizeram conquistar uma bela bunda.

— O que fez Louis Luppolo finalmente chamar a noiva para sair? — Ela colocou o guardanapo no colo e em seguida pegou a taça de vinho, me provocando com os olhos azuis atentos.

— Nada como o tempo para ajustar as coisas. — Jamais entregaria que havia me sentido compelido a estar ali, mas era um jeito de manter Elizabeth fora do radar, pelo menos por alguns dias. — E como vai sua rotina?

— Vendo tudo sobre casamentos. Assim, quando você finalmente decidir uma data, tudo será feito de forma rápida e eficiente. — Natasha ergueu os olhos para o chef que se aproximava. Analisei a garota enquanto ela era toda sorrisos e gastava seu francês com o homem que vinha falar sobre a comida e sua história. Então, quando ele se foi, ela finalmente me olhou e resolveu me desafiar. — Mas estou aqui hoje para colocarmos tudo em ordem. Então, se não se incomoda, poderia começar a me contar o motivo de ter trazido a brasileira até aqui? — Ela não teve medo de ser atrevida. Foi interessante pela primeira vez e eu não pude evitar sorrir.

— Apenas uma dívida. — Fui rápido na resposta, mas Natasha não se convenceu.

— Você não teria problemas em pagar e deixá-la na terra dela, Louis. Estou tentando ser compreensiva o bastante até tudo isso se resolver, mas ainda me pergunto o que aconteceu. — Ela tamborilou os dedos na mesa, fazendo uma pequena marcação de tempo com o som das unhas contra a mesa de madeira, enquanto me inquiria uma resposta com os olhos azuis curiosos demais.

— O que você acredita que acontece entre nós? — Joguei a isca e esperei.

— Somos noivos, já dormimos juntos, você ofereceu isso — ela indicou o anel em seu dedo —, me trouxe até aqui… Eu me apaixonei por você desde a primeira vez que o vi naquele baile, Louis, e depois te amei por

tudo o que fez por mim, acreditando que você sentia o mesmo. — O tom foi ficando mais sério. — Até que você me traiu, até que você me bateu, até que você trouxe sua amante para o nosso quintal. — Ela me encarava, quase magoada. Qual era o problema dessas mulheres?

— Ah, bella… — a chamei como costumava fazer antes de tudo. — Eu nunca gostei de ser desobedecido. Talvez, se você deixasse minha diversão pré-casamento ser apenas isso, não a teríamos agora em nosso quintal. — Pesei um pouco no tom irônico. Se eu mudasse muito, Natasha poderia desconfiar que não era sincera a minha busca por paz. — Mas isso não importa mais. A partir de agora, resolveremos as coisas racionalmente, eu e você. — Ergui a taça, a fim de brindar com a mulher que parecia levemente inclinada a aceitar qualquer coisa que eu oferecesse.

— Eu tenho algumas exigências para o contrato pré-nupcial. Se você concordar, amor, o perdão é seu.

O quão bonito seria assistir a garota cair do cavalo?

Eu apenas sorri, me atrevendo a pegar sua mão com o enorme anel de noivado e beijar o nó dos dedos enquanto mantinha seu olhar.

— Como preferir. — O que eu precisava era da boca dela fechada enquanto o conselho não se reunia, e aquela atitude conquistou o esperado. Natasha estava tão desesperada para aquela união acontecer que aceitaria qualquer migalha que eu aceitasse dar.

Ao final do jantar, eu estava convencido que Natasha não havia sido uma aposta errada. Depois de resolvido o assunto casamento, em vez de me encher de cobranças idiotas, acredito que por se sentir segura, ela manteve o assunto interessante. Era nítido que havia estudado para ter aquela conversa, mas falamos de ações, de mercado de investimentos. Ela me pediu dicas e até disse que tinha vontade de montar uma marca. O assunto rendeu até que, sem eu perceber o avanço das horas, o celular dela despertou e a fez sorrir.

— Bem, eu não imaginava que isso fosse possível, mas serei a primeira. — Ela se levantou e veio até a minha cadeira, me obrigando afastar o bastante para que ela sentasse em meu colo. A garota passou os braços pelo meu pescoço e aproximou o rosto do meu. O teatro precisava continuar e eu não a afastei. Na verdade, eu a segurei firme contra mim. — S dnem rozhdeniya, zhenikh.[5]

O beijo que ela me deu, finalmente selou o jogo. Natasha era uma das peças principais e seria eu a comandar o seu rumo.

***

— Gostaria de saber quem é que você está tentando enganar. Eu organizo sua agenda e sou a única com a localização dos seus eletrônicos. Por que o porteiro do seu prédio disse que você não está em casa, quando eu sei que é mentira? — Kira vomitou assim que atendi ao telefone.

— Estou fugindo de visitas — respondi quando tive chance.

— Eu não sou visita. Vamos logo. Volte a liberar minha entrada ilimitada aqui embaixo. Estou contando os minutos. — Ela desligou e eu suspirei. Kira precisava ter acesso a minha casa sempre. Ajudava muito quando ela precisava pegar algo ou eu decidia trabalhar *home office*.

Pedi para Edgar ligar na portaria e o liberei depois disso. O homem precisava de alguma folga, mesmo que não tivesse tanto trabalho quanto parecia.

Deixei a porta do apartamento aberta e me dirigi para a pequena cozinha do primeiro andar, esperando que minha companhia fosse esperta o bastante para entrar sem precisar de um guia.

— Feliz aniversário! — Kira bateu a porta poucos minutos depois, em um vestido extremamente curto e bem maquiada. Ela carregava um pequeno bolinho com uma vela em cima.

— Agradeço a delicadeza de não exibir minha nova idade — zombei, chamando sua atenção para a cozinha.

— Eu não faria tal coisa com sua vaidade sem tamanho, chefe — ela provocou e me entregou o bolinho junto de uma sacola. — É apenas uma lembrança. — Minha assistente deu de ombros.

— Muito tocante da sua parte — sorri, imaginando o que ela havia escrito no cartão que vi. — Obrigado. — Coloquei o presente em cima da mesa, em um canto, e vi Kira abrir a geladeira. — Sinta-se em casa.

— Não é uma novidade, você sabe. — O tom dela era quase divertido. — E preciso beber um pouco antes de sair daqui. Vou ter uma noite normal, acredita?

— Finalmente. Estava pensando quanto tempo isso demoraria para acontecer.

— Não se confunda. Uma noite de diversão não significa nada além disso. Amanhã será um novo dia e o meu foco continua o mesmo, minha vida continua a mesma e, principalmente, meu objetivo não vai mudar. Porém, se

até o Don da máfia americana mais fodida tem um tempo para se divertir, por que eu não? — Ela me provocou, colocando a taça em cima do balcão e se servindo. — Aceita? — Eu neguei com a cabeça.

— Então, acha mesmo que eu ando me divertindo?

— Eu sei o que você fez na noite passada, mas gostaria de ouvir da sua boca para entender. Quem te viu se atreveu a dizer que você parecia muito interessado na sua noiva. — O tom de Kira era zombeteiro antes de ela colocar a taça nos lábios e me encarar com os olhos supercuriosos.

— Uma pequena mudança de planos. Elizabeth está aqui, eu não posso mais deixar que ela seja um alvo até decidir o que vou fazer, até ter plena certeza de que vai estar segura. — Kira ergueu as sobrancelhas por um segundo e pousou a taça na mesa.

— Então, quer dizer que tratar bem sua noiva é apenas uma estratégia para manter Elizabeth segura? Imaginei que os e-mails dos membros do conselho, ansiosos por ver você, fossem algo próximo a uma ameaça.

— E é, mas uma ameaça vazia. O que eles se atreveriam a fazer aqui? Não acredito muito que vão fazer algo. De qualquer modo, Lorenzo me avisaria.

— E como anda o projeto?

— Ainda sem novidades. Espero que funcione logo, é a minha chance de me livrar desse casamento. — Bati as mãos em um ritmo fraco sobre o balcão e me sentei, fazendo minha visita imitar o ato.

— Anna me atualizou sobre a empresa. Você anda fazendo muitos contatos na Ásia. Algum plano que não sei?

— Não, apenas investimento pequeno em um mercado que cresce sem parar. Se vamos deixar de ser a maior potência mundial um dia, eu vou garantir meu lugar na próxima. — Dei de ombros. Nem tudo Kira precisava saber, se bem que eu sabia que ela caçaria algo que pegasse o rastro. — Mas enfim, estou disposto a arriscar um pouco mais em algumas coisas.

— E isso tem a ver com Elizabeth, suponho?

— Tem — admiti.

— Cuidado, chefe. Quem não te conhece arriscaria dizer que você tem sentimentos pela garota — Kira provocou e se serviu de mais vinho. Eu ri.

— É apenas uma distração. Elizabeth é interessante, assumo, mas não se iluda.

— Não vejo a hora de conhecê-la.

— Ainda não é a hora, você sabe. Mas em breve, quando ela precisar assumir a parte dela na editora que não envolva escrever…

— Ando percebendo que vou cuidar mais disso do que você.

— Apenas na parte burocrática, não se preocupe.

— Não se esqueça de que você é acostumado com as merdas que vive, ela não. Mas enfim, eu não vim aqui para te dizer o que fazer ou não, e duvido muito que funcionaria, não é mesmo? Precisei vir para te contar algo. Miranda foi vista, e adivinha onde?

Kira conseguiu elevar os batimentos do meu coração em apenas dois segundos. Senti os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Onde? — perguntei rápido demais, sentindo meu corpo se inclinar para frente como se a resposta viesse antes por causa disso.

— Perto demais de nós na última semana. Acho que os Callegari escondem mais do que conseguimos ver. Só acho impressionante que não tenhamos visto nada em Vermont. Todos os meus e os seus contatos estavam de olho e a garota sumiu como fumaça. — Kira matou o restante da bebida de sua taça. — Talvez antes de matá-la, você possa me deixar aprender uma coisa ou outra.

— Não temos um rastro? Nada para seguir?

— Nada. Parece que temos alguém tão bom em disfarces quanto eu. — Ela deu de ombros bem na hora em que a campainha tocou. — Esperando visitas?

— Negócios. Felippo está aqui para revisar o contrato mais uma vez e deixar Elizabeth segura caso algo aconteça, e os editores também. Quero que ela veja que é sério. O que mais você tinha para me contar sobre seus dias em Miami?

— Nada demais. Te mando por e-mail algumas novidades. — Ela olhou o visor do celular. — Estou atrasada, preciso ir.

Antes que pudesse perceber, meu corpo começou a reagir. Elizabeth estaria ali em muito pouco tempo e eu gostaria muito de vê-la pós colapso. O demônio dentro de mim gritava algo sobre mentes abaladas serem mais fáceis de dominar. Ele ainda não havia aprendido que com Elizabeth aquilo não era uma verdade absoluta.

Sábado foi um bom dia. Apesar do corpo pesado, sentia-me um pouco mais disposta. O médico veio me visitar logo depois do café e me mandou continuar deixando os machucados respirarem. Arrisquei pedir para largar os comprimidos e ele ignorou, dirigindo-se apenas à Giovanna, mandando ela continuar a cuidar de mim como estava fazendo, que o repouso e descanso ainda eram necessários. Pensei muito sinceramente em mandar ele à merda, mas desisti. O homem claramente não queria ser simpático comigo e sabia que era muito mais do que achar que eu não falava inglês direito.

Quando mais tarde, depois de zerar mais alguns episódios de *Rupaul's Drag Race*, Giovanna pulou da cama e me deu um beijo na cabeça, me senti com liberdade o bastante para perguntar:

— Onde você vai correndo assim?

— Pegar meu irmão no aeroporto! Frederico deve estar com duas babás nos calcanhares e ele odeia. Preciso salvar meu irmãozinho. Fique bem, Zola está no quarto dele, mas vou bater lá antes de sair para que ele apareça por aqui. E, *caspita!* — Ela parou de repente e bateu com a mão na testa. — Esqueci que amanhã é aniversário de Louis e vocês vão precisar se encontrar. Prometo tentar ir com você, mas marquei algumas coisas com o outro irmão. Os donos da editora vão estar lá, não será apenas vocês dois, eu juro. Zola irá com você.

— Zola é o maior lambe saco que seu irmão tem. — Revirei os olhos, me preparando para mais uma noite em claro, pensando em como seria encontrar Louis depois de ele saber o que aconteceu em meu quarto na noite passada.

— Ah, mas não é mesmo, acredite. Existem outros muito piores…

— Realmente, o outro que me chamou de vadia gorda parecia ser pior.

— Quem?

— O outro loiro, meio *bad boy*, sabe?

— Felippo? — Giovanna parecia em choque. — O que ele falou sobre você?

— Longa história, papo para depois. Você não está atrasada? — Tentei apressar a menina e consegui. Não queria revirar de novo uma situação que me deixaria tão mal.

— *Caspita!* Você me deve uma explicação sobre isso, juro!

— Não se preocupe.

Quando Giovanna saiu do quarto, eu finalmente respirei.

Encontrar Louis no dia de seu aniversário seria épico, mas precisaria de toda minha coragem e força para ser a Elizabeth que conhecia e gostava, não aquele projeto depressivo cuja imagem refletida no espelho me encarava.

Eu podia sentir e saber o quanto estava quebrada, ele não.

***

Me encarei no espelho do elevador, tentando controlar as batidas do meu coração enquanto me lembrava da conversa com Isabella naquela tarde.

“Assuma o que você quer e coloque suas cartas na mesa. Não seja idiota, não perca esse jogo.”

Minha melhor amiga me disse assim que contei, desesperada, que encontraria Louis em seu apartamento com os donos da editora. Isabella tinha razão. Depois de pensar sobre a minha quase morte, cansei de lutar contra. Se fosse para cair, que fosse não me arrependendo por não arriscar e eu entrei no prédio superluxuoso decidida e consciente. Eu amava Louis, amava justamente essa escuridão toda e o homem que era louco e não tinha medo. Amava tanto que doía. Mas me amava também e não cederia sem fazê-lo entender, sem poder ter seu coração em troca do meu.

— Você está muito bonita, pequeno minion. Poderia sair daqui e bater em alguém na rua nesse estilo *bad girl*, mas eu gosto. — Zola voltou ao apelido e eu sorri. Havia caprichado na maquiagem, quase uma pintura de guerra. Os cabelos curtos estavam bonitos graças ao novo corte e a calça de couro preta fazia par com a jaqueta. Minhas sandálias de tiras completavam o visual e eu realmente parecia uma garota má.

— Se for pra bater em alguém, será no seu chefe.

— Vou me lembrar de não entrar no meio. — Ele riu, encostado no elevador, os braços cruzados sobre o peito e o sorriso divertido no rosto. Ainda me perguntava como Zola podia fazer parte da máfia sendo tão diferente daquele padrão de homem mau.

— Estamos chegando — Zola avisou e me movi para frente da porta. — Não fique tão tensa.

— Fácil falar.

Parecia que eu tinha comido pedra. Meu estômago pesava, minha pele parecia queimar e fiquei com medo de começar a suar excessivamente.

Abri a jaqueta de couro, exibindo uma das blusas que havia comprado com Giovanna e uma das quais ela disse que o irmão não aprovaria graças ao decote enorme. Apesar de algumas marcas ainda serem visíveis, um pouco de corretivo havia feito maravilhas na minha pele e o decote havia ficado bem bonito.

— Isso vai ser uma bela surpresa para Louis — Zola disse, aproximando-se e encarando de cima.

— Tire os olhos dos meus peitos ou vai ficar sem as bolas — brinquei antes das portas se abrirem e pude ouvir o riso de Zola ecoar dentro do elevador assim que saí.

O hall de entrada para o apartamento era todo branco, a maçaneta da porta estilizada era dourada assim como o detalhe em torno da campainha. Meu dedo demorou um pouco mais do que planejei apertando o botão e fazendo soar alto um som irritante.

Encarei Zola enquanto batia o pé e sentia vontade de vomitar graças à ansiedade.

Será que Louis abriria a porta?

Para a minha surpresa, quem abriu foi um senhor de idade de cabelos brancos e um sorriso agradável no rosto.

— Olá, Zola. — O senhor cumprimentou. — Você deve ser a senhorita Elizabeth. O patrão os aguarda.

Eu apenas sorri para o homem e senti a boca seca demais para responder qualquer coisa, principalmente quando o senhor abriu a porta completamente, me dando visão de um quadro enorme no qual uma mão negra havia sido pintada em fundo branco.

Pisar no apartamento de Louis era estranho. Eu já esperava que ele fosse muito rico, mas ter essa noção com os meus olhos era outra coisa. O senhor nos levou pela esquerda, atravessando uma sala clara com sofás enormes e um carpete fofo que engolia meus pés, em direção às escadas enormes de mármore escuro e guarda corpo de vidro.

Cada passo que eu dava parecia mais difícil continuar, mas não podia mais ser dominada. Não aguentava mais tanto medo, tanto receio. Ou era, ou não era. Ou as coisas andavam para o lado que eu queria, ou eu voltaria para o meu canto e anularia tudo aquilo.

Apesar de saber que não estava mentalmente saudável, tinha uma boa

noção do meu estado de espírito e sabia que não podia deixar a chama dentro de mim se apagar.

Nós viramos para a direita e seguimos. O chão de pedra escura fazia barulho contra meus saltos. Passamos por uma enorme mesa de jantar e descemos três degraus em direção a uma enorme porta preta.

O homem que nos recebeu abriu a porta depois de bater suavemente e abriu apenas uma brecha.

— Zola e a senhorita Elizabeth estão aqui.

— Ah, sim. — Assim que eu ouvi a voz do homem, algo dentro de mim rugiu. Louis havia me apresentado seu melhor e seu pior, agora era a minha vez. — Deixe que entrem.

Joguei o cabelo para o lado e encarei o chão enquanto a porta era aberta. Quando levantei os olhos, Louis estava com as mãos sobre a mesa, me encarando como se visse sua caça. O sorriso que eu gostava surgiu, ameaçador e divertido, exibindo os caninos que eu tanto adorava.

— Bem-vinda, Elizabeth.

Ignorei todo o resto naquela sala, porque dentro de mim, aquele maldito imã vibrava loucamente e se por um segundo eu fosse irracional, iria para cima de Louis, para socar sua cara e foder à noite toda.

Zola colocou a mão em meu ombro e eu vi a expressão de Louis mudar. Ele ergueu a sobrancelha e o corpo junto. Usar o loiro para fazer ciúme seria arriscado demais. Meu melhor amigo já havia se fodido muito por minha causa, mas foi graças ao seu toque que me recuperei do choque ao ver Louis em seu habitat natural. Caminhei lentamente para dentro da sala, mantendo o rosto erguido e finalmente encarando em volta, enquanto o ambiente mudava. Desci mais dois degraus de mármore branco, assim como o resto do escritório enorme, e passei os olhos no restante da sala, vendo cada detalhe e rosto por ali. Um homem mais baixo, que devia ter seus cinquenta e poucos anos estava próximo a Louis, outro muito parecido estava sentado na poltrona próxima, mas então, meus olhos pararam em um rosto conhecido. O loiro que vi na balada, quase dois meses atrás, estava ali, me encarando de boca aberta. Ele era muito bonito. Muito mesmo. No claro era perceptível os tons de loiro de seu cabelo. As tatuagens nas mãos e nos braços eram muitas e se escondiam para dentro da camisa dobrada até o antebraço.

Felippo, não? Adoraria saber o que ele pensava da vadia gorda naquele momento.

Os olhos verdes dele pareciam não acreditar no que viam.

— Essa, senhores, é Elizabeth Fabbri. — Louis pareceu finalmente satisfeito pelo choque na cara dos homens na sala. Fosse por eu estar bonita o bastante para ser exibida, fosse por ele se sentir meu possuidor.

— Boa noite. — Minha voz saiu firme, principalmente por estar em frente à mesa, próxima o bastante para ver que a expressão de choque de Felippo não mudou. — Já pode fechar a boca, querido. Vai babar no meu contrato se continuar assim.

Me atrevi a puxar os papéis sobre a mesa para longe de Felippo e sua expressão se fechou, encarando Louis ao mesmo tempo que eu; o homem em seus suspensórios sobre a camisa branca e mãos no bolso se divertia com a situação.

Não pude segurar o sorriso e, por um segundo, a ligação de cumplicidade entre nós vibrou na sala.

***

— Acho melhor nos sentarmos. Venham. — Louis saiu caminhando e todos o seguiram. Entre duas estantes, havia uma porta de madeira escura e por trás dela, uma sala enorme com uma mesa grande de vidro e oito cadeiras. — Elizabeth, sente-se ao meu lado.

— Por que deveria? — Meu tom não foi bem aceito pelos homens e assim que Louis virou, sorriu de canto.

— Não quero perder um segundo do seu rosto ao ver o que eu preparei.

Meu estômago voltou a pesar e eu puxei Zola para o meu lado assim que tive a oportunidade. Louis encarou o loiro e eu evitei qualquer contato visual com os dois. Depois eu resolvia. Não podia ficar ao lado de Louis sabendo que ele havia aprontado alguma coisa que provavelmente me faria querer dar em sua cara.

— Acho que devemos nos apresentar — um dos senhores que estava sentado na poltrona se adiantou. — Meu nome é John, esse é meu sócio, Charles, e nós estamos aqui para assinar seu contrato para rodar o livro.

— Ah, o contrato que eu rasguei lá no Brasil? — perguntei para Zola e vi a cara dos homens azedar enquanto eles se entreolhavam.

— Esse mesmo. — Zola parecia tão sério. Era esquisito.

— Entendi. Eu agradeço a oportunidade que vocês deram ao meu livro, mesmo sabendo que ela possa ter surgido com muito dinheiro na jogada. — Encarei Louis pelo canto do olho e o vi me assistir tamborilando os dedos na mesa.

— Ah, minha querida… Vamos logo assinar esse contrato, pois acho que o senhor Luppolo gostaria de dar o recado ele mesmo.

Ergui a sobrancelha sem entender e peguei a caneta de cima da mesa, esperando Felippo, que estava com os papéis, finalmente achar o que era meu.

Assim que ele me entregou, reli, vendo que não havia nada absurdo e assinei tudo do jeito que ele indicou. A voz dele era diferente do que eu me lembrava. Parecia mais profunda, tinha um tom bonito.

Devia ser um pré-requisito para fazer parte da máfia, aquela beleza toda. Pareciam intocáveis.

Quando terminei de assinar e rubricar a papelada toda, coloquei a caneta na mesa e juntei as mãos.

— Algo mais? — perguntei diretamente para Louis e senti a sala toda esquentar. Todos os olhos estavam em mim.

— Ah, sim, temos mais algumas coisas para resolver.

Louis esticou a mão e Felippo lhe entregou outro maço de papéis. O que era aquilo?

— Você é minha nova sócia na compra da editora, basta assinar aqui.

Louis me encarava novamente com os olhos felinos. Ele não sorria dessa vez, como se cantar vitória antes do tempo comigo fosse algo que o faria cair do cavalo. Ele não estava errado.

— *Quê*? — Não entendi direito, ou tentei não entender. Quando o homem ao meu lado colocou o documento a minha frente, e eu comecei a ler, senti tudo rodar. A vontade de vomitar era grande, o calor tomou conta de uma vez e eu apoiei a cabeça na mão enquanto terminava de ler o papel.

O nome de Louis estava ao lado do meu. A assinatura detalhada e cheia de rabiscos estava lá. Louis havia comprado a editora. Havia comprado para que aceitassem meu trabalho e ainda me enfiava de sócia. O que eu ia fazer na editora? Não entendia porra nenhuma daquilo, não sabia o que aquele contrato falava, os termos não faziam parte do meu vocabulário — nem de perto — mas eu entendi o básico. Louis achava mais uma forma de me prender a ele por dinheiro. A fúria cresceu forte no meu peito e eu o encarei, sentindo as lágrimas prestes a descer pelos olhos. O sorriso dele

começou a crescer e sem pensar se estávamos acompanhados ou não, ergui a mão e acertei sua cara com toda a força que tinha. Só não imaginava que bater no Don fosse algo diferente de bater em Louis.

Em um único movimento, ele segurou meu pulso com força e se ergueu.

— Senhores, acredito que nossa reunião tenha acabado. Edgar vai levá-los até a porta. Zola, desça e espere no carro. Elizabeth e eu precisamos conversar.

— Eu não vou com você! — Tentei puxar o braço de volta, mas o aperto de Louis foi matador.

— Cale a boca e pare de fazer escândalo. Estou farto disso — ele disse, já me arrastando para fora dali.

Pela primeira vez na vida eu realmente tive medo de Louis.

***

Foi uma briga e tanto.

Louis me segurava pelos pulsos enquanto eu tentava socá-lo de todo o jeito que dava, fazendo força para trás com o corpo, tentando não seguir, mas era a mesma coisa que lutar contra uma parede de pedra.

— Não vou! Me larga!

— Vai sim, chega dessa porra! — Ele finalmente parou de me arrastar, mas fez pior; pegou-me no colo e carregou para onde queria enquanto eu me debatia em seus braços.

— VOCÊ TÁ ME MACHUCANDO, INFELIZ! — acusei com ódio, sentindo-o me apertar forte demais para evitar tomar mais algum tapa.

Assim que chegamos à porta da varanda, ele me jogou no sofá que tinha ali e fechou o vidro atrás de si.

— VOCÊ NÃO PODE BATER NA MINHA CARA TODA VEZ QUE TEM VONTADE! Sabe o que você acabou de fazer? Tem ideia de quem estava naquela sala? — Louis explodiu para cima de mim.

Me levantei em um pulo e gritei de volta.

— TÔ POUCO ME FODENDO PRA ESSA GENTE DA SUA LAIA!

— MULHER LOUCA! — Louis se virou e socou a parede depois de

berrar, me assustando e fazendo ir para trás ao assistir seu acesso de raiva. Ele jogou os vasos de planta no chão, fazendo a maior sujeira enquanto xingava alto demais.

— PARA! VAI ACABAR ME ACERTANDO! PARA, PARA, PARA! — Sem pensar muito, fui para cima dele e segurei suas mãos, impedindo o homem de continuar.

— Você me tira do sério, mulher! Não é possível que eu não acerte uma única vez com você! Nunca foi tão difícil conquistar algo! — Ele estava puto, mas achar que eu era uma coisa a ser conquistada levantou meus demônios.

— Eu não sou algo! Eu sou alguém! Consegue entender a diferença? Eu não sou algo que você compra e quando tem nas mãos coloca na estante, Louis. Você não pôde me comprar antes, nem mesmo quando comprou meu corpo por alguns dias. — Larguei as mãos dele com violência e apontei o dedo em sua cara. — Você não me comprou dando mais dinheiro que o combinado, ou quando forjou meu intercâmbio, ou quando me ofereceu meus livros, ou quando me fez vir até aqui e tentou me encantar com uma vida que seria praticamente impossível antes. — Fui andando, empurrando Louis contra a parede. — Você só me afasta quando não pensa e me exibe como fez hoje à noite, ou quando eu preciso lembrar que você é um filho da puta comprometido e eu só te interesso na cama, ou quando deixam ameaças na minha porta e você não faz absolutamente nada! Eu não vou ser marcada de novo e se você acha que existe a remota possibilidade de eu ceder a você, pode apostar que enquanto você não decidir realmente por mim, como pessoa, como mulher, eu não quero você.

Antes de ele responder, engoli qualquer resquício da vontade de chorar que surgia e abri a porta de vidro, me enfiando dentro do apartamento enorme, deixando Louis para trás.

Desci as escadas, louca para ir embora, mas assim que coloquei meus pés no andar de baixo, ouvi Louis vir atrás. Em vez de passar novamente pela sala, dei a volta e entrei em uma cozinha enorme. Parei na porta, analisando o lugar e ficando besta em como tudo ali era perfeito. O balcão enorme de mármore escuro fazia par com os eletrodomésticos todos pretos, contrastando com o restante da cozinha branca.

Devia ser um inferno limpar aquilo.

— Eu jamais deixaria algo acontecer com você de novo! — Louis surgiu atrás de mim, me assustando e fazendo com que eu virasse de frente

para ele. — Você é minha prioridade, Elizabeth. Minha responsabilidade. — Ergui as sobrancelhas ao ouvir aquilo. Louis não tinha ideia do quanto falhava comigo. O homem parecia ter engolido uma vitrola, pois começou a falar rápido demais enquanto avançava e me fazia andar para trás. — Quando Zola chegou aqui sexta à noite, eu tive certeza que estava te fazendo mal. Quase fui te enfiar dentro de um avião para mandar de volta para o Brasil, mas assumo ser egoísta o bastante para não querer você longe de mim mais do que a distância do hotel e minha casa, e você só não está sob o meu teto porque, do jeito que é louca, provavelmente tacaria fogo na casa por raiva de mim! — Louis me prendeu contra o balcão, pegando firme em minha cintura enquanto me encarava. — Eu fodi tudo, não é mais uma novidade. Mas quero consertar e não é só pela sua boceta, ou seja lá o que você pense. Eu só quero você de volta como antes. E se quer saber, a merda da editora não é para te prender ou qualquer outra coisa. Foi pensando em você poder ficar aqui sem depender de mim, se quiser. Uma escolha sua. A primeira que eu deixo na sua mão. Estou esperando você, Elizabeth. Dentro de tudo o que conheço, nada é tão difícil quanto esperar por você sabendo que eu poderia me impor e você sabe que não resistiria caso eu tentasse jogar realmente sujo.

— E existe jogo mais sujo? — confesso que já havia lido sobre o que Louis estava falando. Precisava de certo investimento para se manter com um determinado visto no país e o que ele falava era verdade, mas ainda assim, todo o resto não era anulado por uma tentativa de ser bom. Minhas mãos estavam sobre o peito dele, nossos rostos próximos demais e suas mãos apertavam minha cintura, me levando para si sem piedade. Louis queria foder meu psicológico.

Em um segundo que meus olhos se fecharam, enquanto eu respirava fundo, aspirando o cheiro dele que parecia me deixar drogada, o homem aproveitou para, em um único movimento, me puxar para cima do balcão, me sentando ali e se encaixando entre minhas pernas.

— Ah, bambina. Por que esse prazer em me provocar só para mostrar o quão certo eu sempre posso estar? — Meus olhos ainda estavam fechados, mas senti o calor de seu corpo quando suas mãos me puxaram para si enquanto seu rosto veio de encontro ao meu pescoço. Quando ele finalmente tocou minha pele com os lábios, roçando de leve e me fazendo arrepiar forte, causando tremor no meu corpo, pude ouvir sua risada rouca. — Nós poderíamos tentar isso à noite inteira. — Enquanto os beijos iam subindo, intercalando as mordidinhas de leve que o maldito me dava, meu corpo

começou a responder muito mais forte do que eu mesma esperava, e de repente, toda a saudade que eu sentia dele, do corpo, dos beijos, do sexo fodido, das entrelinhas e todo o resto da maldita loucura que nos envolvia, caiu sobre mim.

Foi como se o tempo tivesse parado por um segundo, quando abri os olhos para ver o motivo do homem ter se afastado. Vi Louis colocando as mãos em meu rosto, me encarando com os olhos do demônio, me lembrando momentaneamente que minha alma não me pertencia mais, e que eu sempre seria marcada por ele muito mais profundamente do que qualquer outra vez. E então o mundo realmente parou de girar quando ele finalmente desceu o rosto em minha direção.

Eu não desviei os olhos dos dele por nenhum segundo e tudo pareceu durar uma eternidade. Meu coração batia forte contra o peito, eu o sentia dando sinal de vida entre minhas pernas. Se eu não me parasse, se eu não o impedisse, com toda a certeza nós transaríamos em cima do balcão e tudo por causa da maldita ligação que parecia não poder ser quebrada.

— Nós estamos amaldiçoados, você sabe. Não podemos ficar juntos. — Me ouvi dizer baixo, quando a boca dele estava a centímetros da minha e eu já podia enxergar as nuances do castanho de seus olhos.

— Eu mataria qualquer um que se atrevesse a mantê-la longe de mim. Nós nos pertencemos. — E antes de qualquer resposta minha, Louis e toda a sua fúria caíram sobre mim.

O beijo começou diferente, Louis parecia buscar permissão enquanto envolvia meus lábios com os seus, e assim que eu permiti, toda a fúria estava lá de novo. Foi como voltar no tempo. Enquanto uma das mãos segurava minha nuca com força contida, a mão que foi parar na parte externa da minha coxa me apertava de forma massacrante. Quando eu gemi em protesto contra a boca dele, Louis puxou meu lábio inferior entre os dentes e se forçou entre as minhas pernas. Senti-lo duro me fez pensar por um segundo no efeito que eu tinha sobre o homem. Era irracional demais quando ficávamos juntos.

Nada nunca seria igual aquilo.

Quando avancei no beijo, procurando a língua de Louis com a minha, matando saudade do seu gosto, do seu cheiro e toda aquela loucura guardada nos nossos beijos, ele pareceu ainda mais disposto, avançando o sinal, sem me largar. Louis me forçou contra a bancada e eu deitei, recebendo seu corpo sobre o meu, e cada vez mais eu me via caindo num abismo sem volta.

Abri os olhos para encarar o teto por um segundo. Aquilo era tão

errado e ainda sim, como o maldito imã, me atraía de forma brutal, doentia. Quando o homem finalmente largou minha boca, desceu pelo meu pescoço, marcando seu caminho com a língua até o final do decote que ficava alguns dedos acima do umbigo.

Eu me dei conta do que acontecia.

— Louis, não. — Coloquei uma das mãos sobre o decote e tentei afastar o homem com a outra, mas ele sorriu daquele maldito jeito que eu adorava.

— Pensasse nisso antes de aparecer exibindo o corpo desse jeito. — O tom era quase divertido e ele não me obedeceu. Em um único movimento, colocou minhas mãos para cima da minha cabeça e veio com a boca sobre a minha pele, beijando e sugando meus seios na parte exposta pelo decote, e eu quase desisti de tentar impedir, até que minha mão roçou em algo em cima do balcão, fazendo barulho. Ergui a cabeça para enxergar o que era.

Primeiro foi estranho ver uma taça ali de ponta cabeça. Era só uma taça. Mas assim que meus olhos se focaram, a marca de batom vinho naquela porra me transformou em uma pedra de gelo.

— Sai — falei, seca, tentando segurar a decepção. — Louis, pare com isso, agora!

O homem parecia não querer obedecer e eu usei as pernas, pouco ligando se ia machucar.

Quando encaixei os pés em suas coxas e empurrei o homem para trás, Louis olhou sem entender. Me sentei num pulo, tentando pegar os cacos da minha dignidade e autocontrole que havia perdido bem ali, e puxei a taça para perto, analisando a expressão dele enquanto entendia o que acontecia.

— Não é o que você pensa. — Louis pareceu ter receio pela primeira vez.

— Não, não… — Quase ri da minha burrice. Se tivesse prêmio para o ser mais idiota do universo, naquele minuto, eu levaria o primeiro lugar sem esforço. — Eu espero que sua noiva goste de vinhos mais do que eu. Pelo menos ela pode tomar, não é mesmo? Eu preciso fazer uma restrição de uma porrada de coisas, incluindo álcool, já que tomei no rabo por sua causa.

Pulei do balcão, ainda segurando a taça e sem esperar Louis, caminhei quieta, querendo abrir um buraco no chão e me enfiar dentro por ter sido tão fácil.

— Elizabeth, espere. Não é isso… — Ele travou a porta, colocando a mão com tudo e me impedindo de sair. — Não foi ela.

— Ah, tem outra na jogada? — Meu Deus, COMO EU ERA IDIOTA!

— Não, esqueça isso. — Louis se atreveu a me cercar de novo, dessa vez me prendendo ao lado da porta de entrada. Ficamos em silêncio algum tempo, apenas nos olhando.

— Você não entende, não é mesmo? — Encarei os olhos castanhos dele por um segundo e senti toda minha força ir embora. Ergui a mão em direção ao rosto de Louis e acariciei sua bochecha. — Não posso ficar enquanto você não me escolher porque me ama.

— Bambina… — Louis provavelmente começaria seu discurso, mas eu o impedi.

— Não, Louis. Eu não posso ser só mais uma peça no seu tabuleiro. Estou realmente cansada dessa merda toda. É injusto com todo mundo, menos com você. — Desci minha mão até o peito dele e o afastei. Me movi até o aparador, largando a taça ali e voltei para abrir a porta. — Eu realmente espero que você me escolha, porque, acho que acabamos de comprovar pela minha burrice na cozinha, que eu escolhi você.

Bater à porta sem olhar na cara dele foi a melhor coisa a fazer porque assim que entrei no elevador, o choro já não era tão silencioso.

CAPÍTULO 13

Elizabeth Fabbri

Zola não perguntou nada quando me joguei no banco do passageiro e me deitei, tapando os olhos com o braço. Tudo o que eu queria era chorar em silêncio.

Ter Louis tão próximo do meu toque e tão distante do meu coração chegava a doer na alma. Eu o queria, Deus sabia o quanto. Mas agora não dependia mais de mim.

Quando chegamos ao hotel e eu fui obrigada a sair do carro, limpei os olhos do melhor jeito que pude e acompanhei Zola até o elevador.

— Quer me contar como foi? — o loiro perguntou.

— Nós somos amaldiçoados, é tudo o que posso dizer. — Dei de ombros e mordi a boca enquanto tentava não pensar em tudo o que aconteceu nas últimas horas.

— Espero que isso se quebre, pelo menos é assim que costuma funcionar, não? — Meu melhor amigo tentou me animar e pela primeira vez, olhando bem em seu rosto, não vi o menino de sempre, mas o homem que se esforçava para fazer meus dias os melhores dentro do possível.

— Não aposte em um beijo de amor verdadeiro, esse não é um conto de fadas, *golden boy*. — Bati de leve no ombro do gigante e saí do elevador em direção ao meu quarto.

— Precisa de alguma coisa? — Zola perguntou em tom preocupado, enquanto me via tirar o cartão magnético do bolso.

— Não se preocupe comigo. Prometo não tentar me jogar da sacada, nem me afogar na banheira. Estou gostando de mim o bastante para não querer acabar com a minha vida. Se puder fazer algo, evite que Giovanna me acorde antes do meio dia. Juro que isso vai fazer com que nossa amizade evolua o bastante para você ser… — Parei a frase no meio e encarei Zola como se tivesse tomado um soco.

— O bastante para? — Ele me olhou, curioso.

— Eu ia dizer para ser padrinho do meu casamento. — Quase ri.

Abri a porta do quarto e fugi antes de qualquer reação de Zola, me jogando na cama e me achando louca por pensar em algo do tipo.

***

A noite começou calma. *Orgulho e Preconceito* passava na TV enquanto eu estava enrolada nas cobertas depois de um banho demorado. Minhas costas pareciam pouca coisa melhor que antes, mas os cortes ainda não estavam totalmente cicatrizados. Talvez eu devesse tomar vergonha na cara e realmente descansar, se bem que minha preocupação real era a cicatriz da barriga que parecia muito melhor que antes. O médico tinha me dito que em dois meses tudo estaria cicatrizado com louvor. Eu só esperava que esse prazo contasse meus abusos junto.

Me abraçando aos travesseiros, fechei os olhos depois de encarar Darcy se declarando para Lizzie e me afundei ainda mais na cama por culpa do medo de admitir que, no fundo, eu estava certa de algumas coisas, entre elas a que eu mais tinha certeza era a de estar tão profundamente apaixonada por Louis que se mergulhasse novamente em toda a escuridão dele, nunca mais sairia daquele breu.

Pela primeira vez, acordei no meio da noite sentindo falta de seus braços e pernas me prendendo na cama.

***

Foi decepcionante acordar sem nenhuma mensagem de Louis depois da noite passada.

Eu ainda sentia seu gosto em minha boca e se fechasse os olhos, podia vê-lo ali, parado a minha frente, me encarando como se eu fosse sua próxima presa, seu maior objeto de desejo. Era impossível que o desgraçado também não sentisse o mesmo vazio que eu, que não fizesse nada para mostrar algo, para tentar algo logo quando eu estava tão aberta.

Foi durante o meu café-quase-almoço que Zola entrou pela minha

porta, me dando um susto, que entendi que algo estava estranho.

— Bom dia para você também, vara de cutucar estrela. O que foi que te mordeu para se esquecer de bater na porra da porta?

— Giovanna está vindo e não está sozinha. Na verdade, a louca está em meu quarto enquanto eu vim preparar você.

Olhei sem entender e larguei minha xícara.

Que merda tinha acontecido? Será que ela tinha alguma ideia da noite passada?

— E? Fala logo!

— Eu falei que quando Louis souber vai ficar louco, mas parece que eles ainda querem testar o quanto o irmão releva as merdas que eu faço. — Zola não parecia reclamar diretamente comigo, passando as mãos pelo rosto enquanto andava de um lado para o outro.

— Eles quem? — Tentei entender.

— Giovanna e Frederico estão no meu quarto, doidos para arrombar sua porta para fazer sei lá o quê. — Zola finalmente desengasgou e fez parecer que eu havia comido dois quilos de pedra.

— *Quê*? O outro irmão?

— É, mas temos um problema. Não é bem um problema, é só uma condição. É melhor você ver e entender sozinha.

— Caralho, homem! O que é?

— Só se certifique de conversar de forma clara, não tape a boca, nem fale de costas para Frederico, ok? — Naquele minuto, as batidas em ritmo de Giovanna na porta anunciaram sua entrada.

Que bela visão Frederico teria da puta do irmão: sentada de camisetão e shorts, descabelada e tão curiosa sobre ele quanto ele poderia estar sobre mim.

Giovanna entrou com suas roupas perfeitas e disse um bom-dia animado assim que praticamente pulou na minha cama, mas meus olhos não estavam nela e sim no rapaz branco, quase tão alto quanto Louis, com cabelos pretos e olhos intensamente verdes, parado na porta do quarto, me olhando desconfiado.

Frederico era uma bela mistura entre Louis e Giovanna, mas assim que ele sorriu e a arcada dentária entregou o DNA, eu logo soube de quem ele havia puxado aqueles caninos.

— Ele estava ansioso para te conhecer depois que contei quase tudo sobre você — Giovanna soprou para mim e, por um segundo, a vergonha

tomou conta. O que será que aquela boca aberta contou? Assim que ela viu a preocupação na minha cara, piscou e disse um “não se preocupe” mudo.

A barbie sentou na cama, perto de mim, e se virou para Frederico, que ainda estava parado na porta, me olhando com curiosidade. Quando Giovanna começou a falar com ele, meu estômago se revirou com força e tudo veio fresco na minha mente.

— Se aproxime, ela não morde. Só quando se trata de Louis. — Giovanna fazia linguagem de sinais enquanto falava e eu voltei no tempo enquanto assistia o irmão de Louis se aproximar. A senhora muda que ajudei no meio daquela noite conturbada, o jeito que Louis ficou, como ele sabia…

— Olá, Elizabeth. Minha irmã fala muito a seu respeito — o rapaz falou normalmente enquanto usava linguagem de sinais e eu me senti uma idiota por não entender porra nenhuma daquilo. Provavelmente pelo meu silêncio, ele e Gio se entreolharam e Frederico disse. — Não se preocupe, posso não ouvir, mas sou muito bom em ler lábios.

Sorri sem graça, apertando os olhos, e tentei minha melhor pronúncia.

— É muito bom te conhecer.

Analisando os irmãos sentados a minha frente, pensei em como ficaria caso conhecesse o resto da família. Giovanna era um anjo e Frederico ainda tinha a vibe de *bad boy* divertido, principalmente quando sorria de canto, com uma beleza que se fazia notar em qualquer lugar que ele aparecesse.

— Trouxe Fred aqui por dois motivos. Um: Queremos MUITO saber como foi ontem com Louis, você se lembrou de dar os parabéns para ele? Não se faz 34 anos todo dia.

Bati com a mão na testa e ri.

— Então era disso que eu estava esquecendo. O aniversário de Louis…

— Eu não acredito que você esqueceu! — Giovanna parecia ofendida. — Se esquecer do meu, provavelmente eu te obrigue a vestir por uma semana camisetas com fotos minhas.

— É verdade. Ela fez isso com Zola duas vezes. — Frederico encarava nossas bocas para acompanhar a conversa e eu me senti um pouco melhor por isso. Se eu odiava quando eles falavam rápido e eu perdia palavras, imagina ele sem conseguir ouvir nada do que era dito?

— Em minha defesa — Zola se aproximou com as mãos no bolso —, eu estava trabalhando.

— Não é desculpa. — Giovanna mostrou a língua.

— Ela tem razão, não é. — Frederico apoiou a irmã e eu ri. Aqueles dois juntos podiam botar fogo no mundo. Como podiam ser tão diferentes de Louis? Por Deus…

— Enfim, seu irmão é louco, mas não é nenhuma novidade, não é mesmo? — Suspirei e esperei um pouco, ponderando se deveria contar o que eu tinha assumido para mim mesma. — E nós nos beijamos — falei, encarando a xícara em minhas mãos enquanto ouvia o grito de Giovanna, que começou a pular na cama e bater na perna do irmão.

— EU SABIA! Vocês estão juntos agora! — Ela quase comemorou demais e eu me estiquei, segurando em sua coxa e fazendo a menina parar de pular.

— Não! Nada disso. Seu irmão ainda acha que pode me comprar e eu nunca sei em que página estamos. Foi um beijo e eu coloquei as cartas na mesa, não vou esconder que gosto dele, mas não vou me submeter a ser a outra.

— *Per Dio!* — Giovanna revirou os olhos. — Você não é a outra porque não existe a "uma". É só um acordo com os russos!

— Eu também era só um acordo de boa foda e olha onde estou agora.

— Louis te ama — Giovanna tentou.

— Ninguém pode amar em dois meses, Giovanna. É impossível — rebati.

— Você não ama meu irmão?

— Provavelmente eu estou apaixonada, ou doente, vocês que decidem o nome. — Dei de ombros. Admitir aquilo em voz alta era esquisito.

Giovanna ia abrir a boca, mas Frederico colocou a mão em seu colo, impedindo a garota de continuar.

— Eu entendo você. Conheço uma parte do meu irmão que nem todos conhecem. Louis passou um ano inteiro me treinando e ensinando tudo o que ele achava que poderia ser uma desvantagem, e ele ainda me prende em uma redoma pior que a de Giovanna, provavelmente muito parecida com a sua. Meu irmão não é um anjo, nós sabemos, mesmo que uns fechem os olhos para isso. — Giovanna bufou e revirou os olhos. — Mas Louis ainda tem algo dentro dele que vale a pena.

Ouvir aquilo de Frederico me trouxe uma paz estranha. A voz do garoto era calma e a fala em um tom compreensivo me fez gostar dele.

— Talvez tenha, mas eu não dou mais nenhum passo na direção dele se ele não der na minha.

— Eu avisei que ela era orgulhosa — Zola disse enquanto Giovanna se jogava na cama de modo dramático.

— Não acho que você esteja errada, mas existe uma batalha a qual você precisa lutar para realmente ganhar a guerra, Elizabeth. — O menino era novo, mas não era burro. — Mostre que está aqui e não recue. Vá ao aniversário de Louis e domine a cena. Mostre ao meu irmão o que ele está perdendo e então, tire o doce da boca da criança. — O sorriso de Frederico quase foi perverso. — Nós já aprendemos o que Louis pode fazer quando recebe um não, certo?

— Não tenho roupa, nem convite. Louis pode não me querer neste aniversário. Nós já pecamos uma vez por burrice quando ele me exibiu no Brasil. Aqui seria ainda mais arriscado...

— Não quando só se tem a Família dentro do evento. Vamos nos organizar para que você não fique sozinha.

— Mesmo assim... — Eu não sabia se queria ir. Apesar da curiosidade, um frio na espinha me lembrou o que ser tão exposta podia fazer comigo.

— EU NÃO ACREDITO QUE VAI PERDER UMA FESTA ORGANIZADA POR MIM! — Giovanna levantou num pulo.

— Louis não me convidou, não posso fazer nada — provoquei a loira porque no fundo, era engraçado vê-la frustrada. — Nem sei onde é e pelo que Zola me disse, não é uma boa ideia eu sair andando por aí na cidade.

— Mas quem disse em sair por aí? A festa vai ser aqui no hotel. Basta pegar o elevador e pronto! Me ajude, Zola! Frederico! — ela choramingou para os outros dois.

Alguém bateu na porta bem na hora.

— Você pediu alguma coisa? — Zola perguntou, desconfiado enquanto ia atender.

— Não. — Meu estômago gelou.

Quando o loiro abriu e recebeu um pacote branco, quase caí da cadeira.

— Parece que a noite de ontem fez algum efeito. — Zola ergueu as sobrancelhas e me entregou a caixa.

Peguei o convite junto de um papel solto e lá estava o trecho de uma parte da minha ópera favorita na caligrafia fina e detalhada de Louis.

“Agora você está aqui comigo. Sem hesitações, você decidiu... Além

do ponto sem retorno, sem olhar para trás. Nossos jogos de faz de conta estão no fim."

Ainda esperando por você, Louis Luppolo.

Eu conhecia *The Point Of No Return* bem demais para entender o recado. Não tinha mais volta, não podia recolher as cartas jogadas ou engolir as palavras ditas. Era tudo ou nada.

— Me deixe ver isso! — Giovanna roubou o bilhete assim que o coloquei em cima da mesa, sentindo o estômago tremer por conta da ansiedade. Analisei o convite em tons prata e azul, ouvindo de longe enquanto Giovanna tentava desvendar o que era aquilo com o irmão e o melhor amigo.

Larguei o convite em cima da mesa, ignorando os outros no quarto, e abri a caixa, tomando um belo susto ao ver um vestido e uma caixa de joias. Não tinha escapatória, tudo estava ali, prateado como uma armadura. Minha armadura para sexta à noite.

Que Deus me protegesse porque eu estava apaixonada pelo diabo e disposta a encarar o mais profundo inferno por causa dele.

Louis Luppolo

A sucessão de merdas que vinha acontecendo me deixava irritado, ainda mais quando meu irmão estava na cidade, no meio de tanta confusão. Depois de precisar ser enérgico com Giovanna sobre querer Frederico sob o meu teto, descobrir que ela o tinha levado para conhecer Elizabeth havia sido a cereja do bolo.

Parecia que as pessoas ao meu redor tinham prazer em me irritar.

Eu queria que aquele encontro fosse sob minha supervisão e não queria, de jeito algum, que alguém tivesse visto o que eu havia mandado para Lizzie. Era algo particular, mas não pude evitar ouvir a porra da trilha de o Fantasma da ópera em volume máximo depois de ela ter ido embora daquele jeito no dia anterior. Talvez ela fosse a pequena Christine do mundo real e eu fosse o tal Fantasma, cheio de todas as artimanhas e descobertas que a deixavam suscetível ao meu mundo. Era uma boa ideia para gastar tempo já

que tudo estava um completo caos.

De todas as coisas do mundo, a pior delas para mim era não saber o que vinha em seguida, não ter controle dos próximos passos.

Quando enviei o vestido junto da carta escrita de próprio punho, queria dizer sem precisar ser tão óbvio, que de alguma forma, eu me importava. Elizabeth não era tudo o que queria ser e eu não mentiria mais. Ela não precisava ser iludida, inclusive, seria uma conquista ainda maior para o meu ego tê-la assumindo que me amava com todas as letras, mesmo eu não tendo a mesma coisa para oferecer.

Eram sete e quinze da noite quando Frederico chegou. Meu irmão havia crescido alguns centímetros desde a última vez que eu o havia visto e o sorriso que deu antes de me abraçar foi recompensador. Outra inocência que eu pretendia preservar, pelo menos o que pudesse restar para os homens da família.

— Como você está? Hein? — Dei tapinhas em sua bochecha enquanto o mantinha próximo.

— Muito bem, *fratello!* — ele disse, a voz profunda e sem nenhum problema na dicção. O avanço era impressionante.

— E cadê Giovanna? — Olhei atrás dele, a porta fechada.

— Ela preferiu fugir. Mandou dizer que te ama, mas que não está disposta a tomar uma bronca por minha causa.

— Para variar. Bem, deixe ela para lá. Vamos logo jantar, temos muito o que conversar. — Eu estava visivelmente animado.

Subi com meu irmão para o terraço e, enquanto jantávamos, fiz questão de levantar cada um dos pontos da vida de meu irmão caçula.

— E como andam os estudos? Você ainda quer a faculdade de administração? Eu precisava de um advogado… — tentei persuadir o menino.

— Sim, quero — ele respondeu, quase sorrindo. — Não é difícil de ler os lábios agora, e consigo ver uma boa diferença das pessoas comigo. A maioria só percebe que sou surdo quando não respondo algo quando estão de costas. — Ele quase riu e eu baguncei seu cabelo.

— E esse estilo? Talvez eu devesse sair com você para trocar meu guarda roupa — elogiei a escolha dele.

— Giovanna é a grande culpada nisso, *mamma* também, você sabe. Giovanna herdou dela toda essa preferência por moda.

— Algo que prestasse precisava sobrar para vocês. — Bebi um gole

do suco que Frederico tinha escolhido. — A primeira cobaia não pode dizer muito mais que isso — falei de mim e vi meu irmão revirar os olhos.

— Você não me convence, Louis. É sim, não discuta. — Meu irmão tentou me calar.

— *Non sai di cosa stai parlando, ragazzo.*[6]

— Sei. Eu, Giovanna e agora Elizabeth. Nós sabemos que você é bom, Louis. — Eu quase ri.

— Cuidar de vocês não significa que eu seja bom. É apenas proteção ao próprio sangue quando se trata de você, Giovanna e Matteo. Ele ainda apanhou mais de mim do que você ou Giovanna.

— Mas e ela? Elizabeth não tem um laço de sangue como nós. — Meu irmão limpou a boca e me encarou com os olhos verdes desconfiados.

— Elizabeth é… diferente. — Mexi no prato e enfiei uma garfada na boca, a fim de não continuar falando.

— Eu percebi. Ela não parece o tipo de mulher que vi você sair nos últimos anos, principalmente depois que assumiu o controle da Família.

— Como assim? Você diz por aparência? — Devolvi o olhar atento de meu irmão.

— Não. Bem, isso também, mas o jeito dela. Como dizer isso sem parecer atrevido demais? — Meu irmão desviou os olhos por um segundo e então voltou, claramente segurando o riso quando mordeu de leve a ideia que passava por sua boca.

— *Parla presto!* — incentivei.

— Elizabeth tem cara de quem coloca fogo no seu rabo sem muito esforço. É a primeira vez que vejo você suar a camisa para ficar com alguém. — Minha expressão foi de choque por ouvir aquilo e Frederico quase engasgou com a comida ao começar a rir. Precisei bater algumas vezes em suas costas antes de voltar ao assunto.

— Giovanna te falou algo — acusei. — Certeza que sim. — Eu não gostava muito daquilo.

— Não me disse nada demais, se quer saber. Ela contou sim tudo o que Elizabeth passou e tudo o que estava vendo você fazer para reconquistá-la. Mas não é por isso. Eu gostaria de vê-los juntos, seria interessante.

Baixei a guarda. Era meu pequeno irmão ali.

— Não imagina como é — precisei admitir. — Elizabeth me tira do sério, mas ainda é um mistério que eu preciso desvendar.

— Ah, caro *fratello*. Já pensou se isso dura para sempre? Elizabeth

nunca sairia da sua vida. Eu gostaria de ver — Frederico soltou aquilo como quem não queria nada, mas o efeito em mim foi diferente.

E se, no final das contas, ela nunca mudasse e representasse tudo aquilo para sempre?

No que eu havia me metido?

Era tarde demais para voltar atrás.

E aquilo foi um tormento, do começo ao fim, toda aquela semana.

Era um fato: ninguém nunca havia sido tão interessante antes.

E não era só por me tirar do sério com extrema facilidade, mas a petulância de fazer aquilo de forma natural não ajudava. Parecia que eu havia me tornado um viciado. Era totalmente satisfatório, até demais, provar para Lizzie que eu estava certo. Era um belo carinho no meu ego quando eu a apresentava para coisas e situações que em sua vida comum, ela nunca teria acesso. Observar as reações sempre exageradas, às vezes infantis, quase sempre inesperadas. Era, de fato, meu passatempo favorito nos últimos tempos, e apesar de eu não poder dar a única coisa que ela me pedia, estava tentado a fazer qualquer coisa para que sentisse que não era apenas mais uma.

Mesmo não querendo admitir para mim, Elizabeth colocou meu mundo de ponta cabeça e eu duvidava muito que aquilo fosse passar num passe de mágica.

Ela era um conjunto de coisas, desde o tesão desenfreado que causava em mim até a vontade de estudar toda aquela humanidade que era tão única. Era um vício, a merda de uma obsessão, mas era alguma coisa e era por ela.

Como meu irmão ousou instigar na noite passada, eu duvidava que fosse passar tão cedo. E como aquilo ia durar um bom tempo, por que não apostar alto? Passei os dedos pelo telefone e pedi que Zola trouxesse Giovanna para uma conversa. Quanto mais cedo eu definisse aquilo, mais rápido teria Elizabeth.

Havia chegado o dia em que, como eu tanto quis que ela entendesse, não havia volta. Era bom que eu também ficasse ciente daquilo.

— Frederico está? — Giovanna perguntou, esperançosa.

— Fazendo algo em seu quarto, mas não o quero no meio disso, venha logo. — Indiquei que minha irmã me seguisse até o escritório junto de Zola.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, me vendo fechar a porta.

— Como anda a organização da festa? — perguntei conforme andava

até minha cadeira.

— Muito bem. Todos os convites foram enviados, todos os fornecedores foram pagos, segurança, o espaço, tudo perfeito. Faltam alguns detalhes da decoração e o bolo que vou ver saindo daqui. Por quê? Você nunca se interessa por essas coisas. — Giovanna ergueu uma das sobrancelhas claríssimas, desconfiada.

— Teremos a dança dos doze — avisei.

— Terá uma reunião no seu aniversário? — Ela revirou os olhos e se largou na cadeira, bufando. — Vocês não têm hora melhor?

— Não. E você sabe, sempre há essa tradição quando nós nos reunimos… — minha irmã me interrompeu como uma criança de doze anos.

— Sim, eu sei. Mostrando para quem fica de fora quem são os homens que mandam e as mulheres que os acompanham. — Ela revirou os olhos mais uma vez. — Vai ser horrível se as mulheres escolherem as mesmas cores dos vestidos!

Eu bati com a mão na testa, inconformado de minha irmã pensar naquele detalhe.

— Bom, converse com seu grupinho particular e resolva esse problema de vestimenta. Não foi por isso que eu a chamei, Giovanna. Quero assumir Lizzie diante do conselho e apresentá-la para o restante dos convidados. Certifique-se de que os celulares estarão bem distantes nesse minuto da noite.

Minha irmã parecia ter se engasgado.

— Está dizendo que vai convidar Lizzie para a dança dos doze? VOCÊ ESTÁ ASSUMINDO ELIZABETH COMO SUA MULHER? Você sabe que só família ou esposas podem, por isso eu danço com você desde os dezesseis, mas isso... Meu Deus, mamãe vai surtar! — O grito que minha irmã deu me obrigou a tapar os ouvidos.

— Sem exaltações, por favor. E sim, se eles acham que eu armei uma guerra por ela e se Elizabeth vai continuar por aqui por um bom tempo, por que não? E não é um segredo para você que não me importo com o que sua mãe pensa.

— Como faremos isso? Natasha já poderia dançar com você, inclusive ela vai querer. — Minha irmã mordiscou o lábio enquanto pensava em algo.

— Não será um problema. Quero apenas que você tome cuidado para que toque uma certa música.

— O senhor sabe que a segurança de Elizabeth ficará ainda mais complicada depois disso, não? — Zola finalmente abriu a boca.

— Só até ela vir morar aqui — disse com certeza e quase pude sentir o gosto da dúvida que passava pela cabeça de Zola. — Fique tranquilo, parte da minha segurança vai te ajudar.

— Como queira, Don. — O soldado não se intrometeu mais e eu precisei ouvir a empolgação de Giovanna enquanto acertava os detalhes.

Era bizarra a discrepância entre ela e Lizzie, ou Natasha, que havia sido criada como ela, ou até mesmo Giordana. Minha irmã era tão manipulada a acreditar em seu mundo de contos de fadas, que se recusava a enxergar qualquer outra realidade. Que prato cheio não era a história que eu apresentava? Liz podia aparecer de vermelho, seria mais coeso com o lobo mau que eu era.

— Sabe, eu acho que você uma hora vai precisar mudar essa tradição. Somos em seis famílias, mas a nossa tem três homens de poder, os Lazzarin têm dois… A conta ficou errada.

— É uma tradição, Giovanna. E em breve, quando Felippo noivar, ele assume o lugar do pai. Matteo que se conforme sobre não poder participar quando eu estiver presente. Se bem que não vejo nosso irmão em um relacionamento tão cedo. De qualquer forma, não acredito que ele se importe. É só uma dança.

— É tradição — minha irmã me corrigiu. — Você mesmo sabe o peso que isso tem, se não, não armaria tudo isso.

— Sim, eu sei. E agradeço sua discrição. Não comente com ninguém antes da hora. Nem com Giordanna ou Frederico. *Capisco?*

— Entendido, *fratello*. Mais alguma coisa?

— Nada por enquanto. — Dispensei minha irmã, que parecia animada demais para se manter mais tempo sentada, e eu não estava errado, ela voou do meu escritório assim que eu a liberei, subindo as escadas e fazendo ecoar o som de seus saltos junto da voz estridente, gritando por Frederico.

Eu contava com a fidelidade de Giovanna, naquela hora e mais tarde, quando seu noivado fosse anunciado.

CAPÍTULO 14

Elizabeth Fabbri

A semana voou. Entre passar os dias conversando com os revisores, designers e decidida a aprender língua de sinais por um documentário da Netflix americana, eu mal acreditei quando acordei naquela sexta com Giovanna se jogando na minha cama e Frederico junto de Zola no sofá.

— *Buon giorno*, Elizabeth! É hoje! — A garota parecia animada de um jeito louco, como se tivesse tomado algo para ficar daquele jeito.

— Bom dia. Alguém já descobriu onde aperta para desligar você?

— Estão procurando há 19 anos e não acharam ainda.

— Ótima notícia — reclamei antes de esfregar o rosto e finalmente levantar.

Que aquela noite me trouxesse algo além de decepção.

Quando a equipe de Giovanna entrou pela minha porta e começou a trabalhar na garota, Zola foi expulso do quarto e avisou que coordenaria tudo para que nenhum de nós três ficássemos sozinhos ou sem olhos em cima. Eu não sabia se agradecia ou reclamava por ser vigiada como um participante de reality show. Estar em segurança era tudo o que eu queria e esperava que minimamente aquilo pudesse ser feito.

— Alguma hora a gente acostuma com isso? — perguntei para Frederico, que vinha me ajudando a aprender um jeito melhor de me comunicar com ele.

— Alguns mais do que outros. Olhe minha Irmã. — Encarei Giovanna enquanto a mesma passava as páginas de alguma revista de moda e tinha alguém cuidando de seus cabelos e unhas do pé. Ninguém diria que a vida da garota envolvia o tamanho da sujeira que eu sabia. — Giovanna foi preservada e acho que sua mente se acostumou a ficar cega e arranjar uma fuga quando ela é confrontada pelo mundo real. A inocência dela ora me encanta, ora me assusta.

— Você parece bem consciente do que acontece…

— Louis não queria que eu fosse inocente a ponto de ser idiota. Meu irmão gastou um bom tempo comigo depois que perdi a audição. — Fred sorriu de canto. Eu estava curiosa para saber como tinha acontecido, mas não tive coragem de perguntar. Aquilo era algo que ele precisava me contar de forma espontânea e não forçado. — Está ansiosa para hoje à noite? — Apenas afirmei com a cabeça. — Não fique. As festas são quase sempre iguais. Mulheres e homens competindo socialmente, algumas tradições, comida excelente e dizem que a música é boa, mas isso eu não posso afirmar. — O garoto sorriu para mim e eu não aguentei segurar, rindo e dando um tapinha em sua coxa.

Horas depois, Giovanna parecia uma princesa. O cabelo loiro comprido até o meio das costas foi arrumado em uma trança jogada por cima do ombro esquerdo. A maquiagem era leve, mas ainda assim, deixava a garota ainda mais bonita. Quando ela saiu do meu banheiro em um vestido azul decotado e com uma fenda enorme nas pernas compridas, meu queixo quase caiu.

— Como estou? — ela perguntou, ansiosa pela resposta bem na hora em que Zola entrou no quarto, mal disfarçando o choque em ver Giovanna tão bonita daquele jeito. Eu não entendia como eles ainda não estavam juntos e talvez Frederico pudesse me responder se eu fosse esperta o bastante no jeito de perguntar.

— É... Como ela está, Zola? — Joguei a bomba para cima do loiro e acompanhei os olhos espertos de Frederico medindo a cena enquanto Giovanna corava feito um pimentão e Zola se enrolava para responder.

— Quem é o próximo? — O cabeleireiro desavisado atrapalhou o momento e todos voltaram a atenção para ele.

— Acho que sou eu. — Respirei fundo e fui até o homem que começou a afofar meu cabelo e por um segundo me fez sentir uma saudade absurda do comprimento enorme. — Dá pra fazer alguma coisa com isso?

— Muito mais do que imagina! O corte é moderno, vamos emoldurar esse lindo rosto! — Me senti bajulada, mas aceitei quando fui guiada até a cadeira e deixei a equipe tomar conta de mim. Esperava com todo o meu coração que o resultado pudesse fazer algum milagre desconhecido.

Quando tudo finalmente terminou e eu o encarei no espelho enorme do banheiro, quase não acreditei no que vi. Meu cabelo tinha ondas leves, jogado de lado, e ajeitado atrás da orelha de forma que o brinco enorme da minha orelha esquerda ficasse bem visível.

Minha maquiagem era simples, mas os cílios postiços ajudaram a destacar meus olhos e meu batom vermelho me deu a segurança que precisava. O vestido que Louis havia escolhido havia ficado lindo e, com certeza, me ver vestida nele faria seu ego bater no teto.

Eu nunca havia visto um tecido tão brilhante como aquele. O vestido de mangas compridas e decote avantajado era pesado, mas a um palmo acima do joelho, a fenda entre as minhas pernas começava e o fazia cair com um efeito de cauda pelo chão, exibindo minhas pernas quase que completamente e meu salto transparente. Giovanna me obrigou a usar, dizendo que era última moda e eu não discuti.

Depois de um bom tempo presa no banheiro, rezando para nada de ruim acontecer, saí para encontrar Fred todo de preto, com os braços cruzados e armando um sorriso parecido com o do irmão.

— Achei que já tinha entendido o porquê meu irmão ficou louco por você, mas eu estava errado.

— Estou bem? — Meu tom foi inseguro e Frederico se aproximou, pegando minhas mãos e esfregando os nós dos meus dedos em sua boca.

— Está maravilhosa. Vamos descer logo e fazer toda mulher lá embaixo se perguntar por que não é você essa noite. — O sorriso dele foi convidativo e eu me deixei ser guiada até o elevador no final do corredor.

— Nunca usei esse — Me referi ao elevador.

— Ele desce direto no salão. — Frederico olhou em seu celular e mordiscou o lábio antes de me dizer: — Só para constar, estamos meia hora atrasados.

— E isso é muito ruim? No Brasil não tem muito problema.

— Só respire fundo e sorria. É o melhor conselho que tenho para dar.

O garoto pegou meu braço e eu quase ri da nossa diferença de altura. Frederico era pouca coisa mais baixo que Louis, o corpo também era mais magro, esguio. Nada dos músculos superfortes que me prensavam na cama.

Suspirei quando o elevador apitou, avisando que havia chegado ao seu destino, e prendi a respiração quando a porta se abriu e todos os olhares curiosos se voltaram para dentro da caixa metálica.

Eu era a caça em uma selva de lobos.

Me senti incrivelmente exposta, mas Frederico pousou a mão livre sobre a minha em seu braço, e me guiou para o salão incrivelmente gigante. Mulheres em seus vestidos caros, homens em seu trono de poder e arrogância em um salão cheio de luz azulada e neon. Era informação demais para a

minha cabeça.

Giovanna caminhava entre as pessoas, distribuindo sorrisos e cumprimentos enquanto vinha em nossa direção.

— Como você está linda! — Ela me abraçou e acariciou minha bochecha depois de se afastar. — Gostou da decoração? Eu acabei assistindo muito *Frozen* quando fiquei de babá para Pietro e me inspirei em uma primavera congelada.

Isso explicava as flores espalhadas pelo salão e o clima frio causado pelas luzes.

— Ficou maravilhoso! Você realmente tem talento. — Meus olhos se desviaram um pouco da decoração e começaram a procurar um rosto conhecido, provavelmente o mais esperado da noite.

— Ele ainda não chegou, está lá fora tirando fotos para os paparazzi. Meu irmão é meio que uma celebridade… É, acho que sim. Não se espante de encontrar alguns famosos por aí, inclusive ex-namoradas dele. — Giovanna viu a merda que tinha soltado e em um segundo corou forte. — É, eu preciso dar uma olhada em algumas coisas. Volto logo.

Quando ela correu, eu bufei.

— Safada. Não basta eu lidar com a noiva, vão ter ex-namoradas do seu irmão por aqui? — reclamei com Frederico e o ouvi rir.

— Você já tem uma boa noção de que os relacionamentos de Louis não eram exatamente por amor, certo? Nem mesmo o noivado…

— E isso muda alguma coisa?

— Talvez. Se meu irmão estiver realmente querendo você, eu não apostaria contra Louis. Nunca. Ele vai dar um jeito. E agora, minha cara, vamos beber porque não é sempre que me deixam sozinho para poder fazer o que eu quero.

Frederico me arrastou para o bar, nos enfiando entre homens que eu não fazia ideia de quem eram e pedindo duas doses de alguma bebida cheia de frescuras. Quando o barman colocou fogo no copo, imitei Frederico e mandei para dentro igual ao garoto.

— Você será uma boa companheira para as fugas de Giovanna — Frederico me disse depois de arrotar, e eu ri. — Desculpa.

— Vocês têm mesmo essa mania de arrotar e achar que está tudo bem?

— E por que não estaria?

— Fred! — Nós fomos interrompidos por um segundo e eu pude

assistir à reação do meu companheiro ao ser pego de surpresa. Um rapaz de cabelos cacheados se aproximou e cumprimentou Frederico um pouco mais animado do que o normal. — Que bom te ver por aqui. Quem é sua amiga? — Quando ele se virou para mim, a barba em rosto de bebê me ganhou por esconder um sorriso sincero e seus olhos azuis brilharam quando se encontraram com os meus.

— Elizabeth, esse é Zanetti, meu amigo de muito tempo.

— Muito prazer. — Cumprimentei e me senti deslocada por um segundo. — Vou ao banheiro, volto logo.

Deixei os dois conversando e me distanciei o bastante para respirar. Ir até o saguão do hotel pareceu inteligente, até eu ver a quantidade de pessoas que entrava e ouvir a bagunça que havia lá fora. E se eu pudesse ver Louis antes de ele me ver?

Sem pensar muito, caminhei discretamente até a porta e olhei para fora, para a estrutura formada ali para a recepção. Parecia o oscar com o tapete vermelho estendido enquanto as pessoas posavam para os fotógrafos.

Meus olhos se perderam por um segundo e então eu o encontrei. Louis em seu *smoking*, mãos nos bolsos e nenhum sorriso à vista enquanto posava ao lado da ruiva alta, com um corpo maravilhoso em um vestido preto que mostrava boa parte do corpo. A menina se abraçava a ele e sorria para as câmeras, exibindo o anel que pesava em seu dedo, enquanto Louis parecia apenas estar cumprindo o protocolo.

Era demais para eu aguentar, não tinha motivo para ficar me torturando daquela forma.

Recolhi a minha insignificância do momento, e, tentando entender o que sentia, caminhei em passos largos de volta para a festa. Só não esperava esbarrar em uma montanha bonita e que cheirava muito bem.

— Sinto muito. — O homem me ajudou a manter o equilíbrio, segurando em meus ombros antes que eu fosse ao chão. — Você está bem?

Por um longo minuto, eu não soube o que responder. Quando minha fala voltou, me ajeitei e o homem me soltou.

— Estou bem, obrigada…

— Nós nos conhecemos? — A barba por fazer dava certo charme ao homem e quando ele sorriu de canto, flertando abertamente comigo, resolvi jogar. Ia ser bom ver Louis provar do próprio veneno. Isso se ele se importasse.

— Ainda não, mas não seja por isso. — Estendi a mão. — Elizabeth,

muito prazer.

— Matteo. Encantado. — O cara meio loiro se curvou e beijou os nós dos meus dedos antes de pegar meu braço e me guiar para dentro do salão.

Matteo me levou até o segundo bar do salão e eu descobri o quanto aquele povo gostava de beber. Depois de pegar duas taças de champagne que estavam servindo, ele se sentou ao meu lado e eu pude ver seus olhos passando pelas minhas pernas cruzadas. Por um minuto, me senti incrivelmente foda. Será que eu ainda sabia flertar sem parecer direta demais? Ia ser engraçado tentar.

Matteo sorriu de canto e eu vi a covinha aparecer. Os olhos dele tinham uma cor indefinida. Ora parecia realmente castanho claro, e do nada eu achava que eram verdes. Devia ser culpa da luz.

— O que faz da vida, Elizabeth? — A voz profunda do homem tinha um tom divertido.

— Sou escritora. — Era verdade.

— E sobre o que escreve? Romances?

— Aposta clichê. Não que eu não goste de romances, mas não é minha praia. Talvez um dia eu escreva, quem sabe?

— Achei que você poderia ser aquele tipo de autora que escreve sobre coisas quentes, assim poderia me ensinar algumas coisas… — O sorriso "molha calcinha" que o homem me deu quase fez efeito.

— Duvido que você seja o tipo de cara que precise aprender alguma coisa. — Ele riu e piscou para mim.

— Quem sabe eu possa te ensinar sobre o que sei?

Me senti esquentar por vergonha. Matteo era direto.

— E o que você faz da vida? — Tentei desconversar.

— Tenho uma agência de modelos. — Ele me devorou com os olhos quando me ajeitei no banco e cruzei as pernas novamente. — Já pensou em ser modelo?

— Com o meu biotipo e essa altura? Acho que não daria certo…

— Você parece fotografar bem. Nós podíamos fazer um teste privado, tenho um apartamento na cidade. — Eu entendia muito bem aquele convite.

— Eu não sei…

— Mas eu sei. — A voz de Louis causou uma confusão interna. Primeiro eu tive medo, então vergonha, depois me senti vingada. Olhei por cima do ombro para ver Louis com os braços cruzados encarando Matteo. — Elizabeth estará ocupada demais em qualquer horário que você quiser, caro

fratello. — Louis se dirigiu a mim com uma cara não muito feliz e me provocou. — Vejo que conheceu quase toda a minha família.

"Puta que pariu!", xinguei-me. Eu estava dando em cima do irmão que faltava conhecer. "Parabéns, Elizabeth!"

— Não tem nada para me dizer? — ele perguntou depois de algum tempo em que estávamos nos encarando.

— Feliz aniversário.

Pelo canto do olho, pude ver Matteo segurar o riso.

CAPÍTULO 15

Elizabeth Fabbri

— Matteo, acredito que sua participação aqui já tenha acabado — Louis falou com uma voz tão sombria para o irmão que até eu me arrepiei, mas o outro não parecia ter medo.

— Que seja. Boa sorte, Elizabeth. Dizem que meu irmão tem o humor do diabo. — O sorriso safado ainda estava lá quando ele piscou de novo para mim e se foi como se nada tivesse acontecido.

— Você está estragando minha noite.

— E você, na primeira oportunidade, está combinando de ir foder na casa do meu irmão. — O tom não era o melhor.

— Eu não ia. Ou ia, só para você largar de ser idiota e me poupar de ficar esfregando sua noiva na minha cara a cada cinco passos que eu dou nessa cidade. — Me levantei e empurrei Louis para o lado, liberando o meu caminho. Não cheguei a dar o terceiro passo e ele se prostrou na minha frente. — Me deixe passar.

— Por que você não entende? — Encarei os olhos dele. Louis parecia querer algo de mim que eu não podia dar.

— Por que você não tenta se colocar no meu lugar? Estou aqui, longe de tudo que conheço e de quase todos que amo, cercada por você e sua gente, e tendo que aguentar ver você e sua noivinha linda, posando como casal feliz. Louis, eu não vou repetir nada do que disse da última vez. Você não é burro ou surdo, ouviu muito bem o que eu disse na sua casa. Eu achei que você tivesse me escolhido quando me mandou tudo isso. — Indiquei a roupa que vestia. — Mas não, eu sou só mais um penduricalho brilhante que você quer exibir.

— Nunca mais… — A mão dele veio até o meu rosto e envolveu minha mandíbula. — Repita isso. A cada segundo que preciso me manter longe, parte da pouca sanidade que eu tenho se desfaz. Não posso arriscar sua segurança mais uma vez, Elizabeth. A próxima cartada que eu der vai definir

todo o jogo.

De repente, os olhos de Louis se abriram e ele olhou para baixo. Acompanhei seus olhos e vi uma criaturinha sorrindo, agarrada às pernas dele.

— Titi Lui! — o garotinho gritou, animado, e eu me derreti. Quando encarei Louis, as sobrancelhas juntas encarando a criança, pensei que ele poderia querer chutar o menino para o lado para continuar a conversa tensa. O garotinho esticou os bracinhos e Louis ignorou, mas eu me abaixei e peguei a criança no colo.

— *Caspita!* Pietro não dá descanso! — Giovanna falou alto enquanto se aproximava. — *Perdonami, fratello* — ela disse para Louis como se soubesse que tinha atrapalhado.

Louis ficou me encarando enquanto eu brincava com o menino em meu colo, que parecia distraído demais com meu brinco.

— Onde o pestinha se enfiou? — Ao lado de Giovanna surgiu uma cabeça morena, poucos centímetros mais baixa que a loira, com olhos castanhos em tom de chocolate. — Você já achou outro colo, seu danado? — A menina se referiu a Pietro, que deu um supertapa na mão dela quando essa tentou tirar ele do meu colo.

— Acho que meu filho gostou da sua amiga, Don Luppolo. Quem é ela? — A voz forte me fez olhar para trás e eu quase caí quando me virei.

O casal mais bonito que eu já havia visto na vida estava ali.

Ela era loira com os cabelos caindo em ondas até abaixo dos seios, o vestido vermelho em formato sereia tinha um belo decote e mostrava o quanto o corpo dela era desenhado, os olhos verdes e dentes superbrancos exibidos em um sorriso convidativo fechavam o pacote da mulher perfeita.

Já o homem era mais alto do que Louis e tão forte quanto. Os cabelos pretos perfeitamente penteados para trás e a barba desenhada o deixavam com um ar sério. Ele não sorria como a esposa, mas me encarava cheio de desconfiança nos olhos quase pretos.

— Essa é minha nova sócia. Elizabeth. Esses são Lorenzo, Delfina e Pietro. — Louis pareceu desconfortável e eu fiquei presa ao “minha nova sócia”. *Sério?*

— É um prazer. — Lorenzo me intimidava, mas ainda assim, parecia simpático. — Que tal deixarmos as mulheres conversando enquanto damos uma palavra?

Louis não respondeu, apenas acompanhou o homem que foi embora

logo depois de beijar a testa da esposa.

Louis Luppolo

— Sinto muito ter atrapalhado seu momento. — Lorenzo fazia graça conforme fechava a porta atrás de si. Eu já estava sentado, os nós dos dedos das mãos em punho sobre a mesa estavam brancos. A raiva era uma constante e naquele momento ela quase dominava. Ver Elizabeth receber atenção de outro homem era, no mínimo, uma ofensa. — Relaxe, ou diria que está com ciúmes. — O homem bateu duas vezes no meu ombro e sentou próximo a mim. — Agora eu entendo o motivo de você realmente armar uma guerra. Aquela é Elizabeth Fabbri, não? O pesadelo de sua noiva. Imagino que Natasha ainda não a tenha visto.

— Não viu — rosnei a resposta e recolhi as mãos para o colo. — Sobre ciúme... Você já sentiu? — Tentei me controlar, entender o que era aquilo. A vontade de ir socar a cara de Matteo só não era maior do que expor Elizabeth como minha propriedade.

— Toda vez que alguém com um pau chega perto de Delfina, é claro, homem! Sou humano. — Lorenzo riu e eu só observei.

— Eu não devo ser, então. — Sem que eu percebesse, minha mente já contava quarenta e cinco, quarenta e seis, quarenta e sete.

Levou um minuto para eu conseguir falar sem parecer estar travado.

— Seu irmão não pode ver uma bunda que dá em cima, Louis, isso nunca foi segredo. E você adora provocar Matteo. Lembra quando comprou o carro igual ao dele e disse que era uma comparação entre vocês? Não leve para o lado pessoal. — Lorenzo se ajeitou na cadeira e cruzou as pernas.

— Para que você me chamou?

— Precisamos de mais um reforço.

— O projeto está levando mais tempo do que o esperado, não? Tem certeza de que irá sair? — Minha paciência naquele momento era inexistente.

— Vai. Tenho completa certeza que vai. Este é o último ajuste para

que a conta continue. O programa está sendo construído pelas melhores mãos e eu ando acompanhando tudo bem de perto… Só mais um pouco de paciência.

— Eu não tenho esse último item no momento. O que quer de mim, Lorenzo?

— Duas coisas rápidas. A primeira é avisar que os Callegari estão ariscos e falando para todos sobre você estar ofendido com eles pelo ataque que sofreu em sua casa, inclusive acreditam que foi por isso que recusou o casamento entre Felippo e Khyara. Foi por isso mesmo? — Ferioli me encarou curioso e quando me viu negar, sorriu para si mesmo. — Eu já imaginava algo do tipo. E Natasha nos procurou querendo algum apoio sobre a menina Elizabeth, você já sabe disso, mas a próxima decisão, caso a russa reclame, será algo mais firme por você continuar a nos desafiar. A máfia é assim, não tenho culpa. E não me olhe desse jeito, não fui eu quem votou nisso. Se você gosta dela, como parece que gosta, mantenha a garota sob sua asa, o mais perto que puder.

— Obrigado pelo aviso — falei para Ferioli e assisti ao homem levantar e sair, me deixando sozinho na sala por algum tempo, pensando sobre o que fazer.

Se não me queriam com ela, o circo estaria armado e eu entregaria o espetáculo que eles tanto esperavam. Caso algo acontecesse com Elizabeth, eu iria pessoalmente cuidar de cada um dos responsáveis, e colocaria alguém mais dependente e manipulável no lugar. Aqueles homens todos estavam me testando, eu havia colocado um rumo em suas vidas, multiplicado suas fortunas, livrado seus nomes de alguns pecados, e agora estava sendo ameaçado por esse bando de abutres. Aquilo não ficaria daquele jeito. Não mesmo.

Elizabeth Fabbri

— Vejo que meu filho está encantado por você, também pudera. Você está deslumbrante, Elizabeth! — Delfina era maravilhosa e receber um elogio vindo daquela mulher quase me fez cavar um buraco e me esconder.

— Ela sempre está. — Giovanna se enfiou no assunto quando viu que

fiquei sem graça e com algum custo, tirou Pietro do meu colo e entregou para outra moça que estava junto com ela. — A propósito, esta é Giordana, minha melhor amiga.

— Quase irmã, que fique claro — a morena disse, ajeitando o menino no colo. — Já ouvi muito sobre você, Lizzie. Estava ansiosa para conhecê-la.

— É, contei sobre seu livro! — Giovanna tentou me enturmar e eu agradeci.

— Você escreve? — Delfina me olhou encantada. — Eu amo ler! Com a vida de casada atrelada a vida de mãe, ler é o que me salva quando a rotina com Pietro me deixa de cabelo em pé. — Ela riu e eu quase não acreditei que aquela mulher era real.

— É sim, imagino que a vida de casada seja bem cansativa… — Giordana soltou num tom ácido e eu precisei morder a língua para não rir.

— Tive sorte, meu marido é maravilhoso. — Delfina se aproximou um pouco mais e falou baixo. — Estamos tentando engravidar de novo.

— Eu espero ter um casamento igual ao seu. — Giovanna desviou os olhos para um dos lados do salão e eu encontrei Felippo conversando com um casal.

— Credo. — Giordana fez som de vômito e eu ri. — Odeio aquele almofadinha.

— Você acha que ele terá coragem de pedir sua mão ao seu pai e depois ao Don?

— Como assim? — perguntei, incrédula. — Louis precisa aprovar as coisas?

— Sim — as três me responderam como se fosse a coisa mais comum do mundo. — Mas eu nunca vou querer me casar com um homem de dentro da Família. Nem que morra solteira. O único homem que eu amo, tirando meu pai e irmão, é esse aqui! — Giordana completou, beijando Pietro no rosto várias vezes e fazendo o menininho rir.

— Isso é parte da nossa obrigação — Delfina se defendeu.

— Você fala isso porque ama seu marido.

— Mas não foi assim no começo. A convivência me fez enxergar o homem que ele é e Lorenzo tentou me conquistar dia e noite desde nosso jantar de noivado. Amo meu marido e minha família, e acreditem ou não, agradeço a Deus por tê-lo encontrado dentro da Família.

Delfina nos pediu licença e caminhou até a roda onde estava Felippo com o casal desconhecido. Eu assisti enquanto ela cumprimentava a mulher e

Felippo olhava na direção de onde Delfina havia vindo. O homem ergueu a sobrancelha ao me ver ali, mas não se parou, vindo em nossa direção.

— Ai, caramba, ele está vindo! — Giovanna se virou para mim e Giordana.

— Respira, não fale nada idiota. Ele já ama você, aposto que se você vomitar em cima dele, nada muda — Giordana comentou como se estivesse entediada.

— *Buona notte, principessa* — Felippo disse para Giovanna e eu quase quis vomitar. Será que eu devia contar que ele tinha aprontado no Brasil? Mordi a ponta da língua para não falar nada.

— *Ciao, principe*. — Credo.

— Posso roubar você por um segundo das suas amigas? — Ele nem se preocupou de olhar para nós, mas Gio nos olhou por um segundo e pediu licença antes de pegar na mão do idiota loiro e partir.

Por sorte, logo em seguida, Frederico apareceu com o tal Zanetti e uma outra garota em suas costas.

— Aquela era minha irmã saindo com Felippo? — ele perguntou, desconfiado.

— Isso mesmo. Nojento — Giordana respondeu e eu vi Fred erguer as sobrancelhas de um jeito preocupado.

— Pelo menos ela vai casar bem — comentou a garota recém-chegada. — O único homem com quem eu realmente ia querer algo sério é o Don. — Meu cu quase caiu da bunda ao ouvir aquilo e eu respirei fundo antes de deixar o ciúme tomar conta. — E ele está noivo daquela *porca puttana*. *Por Dio*, vocês viram como ela gruda nele? Ouvi meus pais conversando sobre o quanto esse casamento é vantajoso, mas o quanto devemos nos guardar da russa. Ninguém gosta dela por aqui, nem o Don, está na cara. E a propósito, sou Arianna Piscitelli. — A garota que era branca, baixa e de olhos azuis profundos se apresentou para mim. Seu cabelo, de um castanho avermelhado, contrastava com o vestido branco cheio de amarras, exibindo um corpo pequeno, mas cheio de curvas.

— Discordo de você, Arianna — Giordana falou. — O Don seria o último homem na terra com o qual eu gostaria de dividir o teto. Já ouviram falar em como ele é cruel? Meu pai reforçou minha segurança, mal me deixa sair de casa porque disse que Louis tirou o couro do Juan, literalmente. Lembram dele? Nos encontramos tem uns três anos em uma festa da Família. Ele e a irmã, Miranda. Dizem que ela sumiu…

Fechei os olhos pensando naquilo. Louis havia arrancado a pele do garoto que havia me machucado. De repente, um enjoo forte me fez segurar em Frederico com força.

— O que foi? Está tudo bem?

Balancei a cabeça de forma positiva. Eu só precisava ficar dois segundos sozinha.

— Eu volto logo — disse diretamente a Frederico e pude ouvir nas minhas costas um "O que deu nela?".

As crianças da máfia sabiam demais e era horrível ver que eles falavam aquilo de forma tão natural. Entender aquela cultura não era nada fácil, eu não queria nada daquilo e estava enterrada até o pescoço.

Me afastei, procurando por Zola em algum lugar.

"Onde esse maldito está? E a parte de não me deixar sozinha?", perguntei-me. Quando cansei de procurar, me encostei a uma pilastra e fechei os olhos, imaginando o que mais Louis havia feito.

O demônio havia se levantado para punir quem merecia por minha causa.

— O que faz aqui sozinha? — Abri os olhos e me vi frente a frente com Louis. Como fugir?

— O que você fez com os homens que me machucaram? — vomitei a pergunta em cima dele.

— Você não quer os detalhes, não é mesmo? — Louis colocou as mãos ao lado da minha cabeça e prendeu meu corpo na parede com o dele. Ele parecia se divertir com a minha reação.

— O que você fez?

— Eu devolvi tudo o que eles causaram a você e um pouco mais. O salário do pecado é a morte, não é isso que dizem?

— Você matou por minha causa? — Aquilo era insano e o tom de Louis parou de ser provocativo para ser sério e profundo.

— Faria ainda mais por você. — Os olhos dele pareciam me engolir. O cheiro intenso invadindo meu pulmão, seu hálito batendo contra o meu rosto e a verdade escancarada na minha frente. Louis finalmente sentia algo por mim, forte o bastante para tirar a vida de outra pessoa.

— Meu Deus, isso é tão errado… — Algo dentro de mim despertou o pânico. — Eu estou aqui, exposta de novo, algo vai acontecer, eu não quero. — Minha respiração começou a ficar acelerada, me senti suar frio, meu coração começou a bater tão forte que quase pulou para fora do peito.

— Elizabeth, se acalme. — Louis se atreveu me abraçar, segurando-me com um dos braços e grudando meu corpo no dele, enquanto sua mão livre acariciava meu rosto. — Você está comigo, segura, ninguém pode tocar em você, ninguém pode te machucar. Eu não vou deixar.

— Já aconteceu antes, Louis. Você não é Deus para estar em todo lugar.

— Mas ninguém se atreveria a mexer com o diabo. — Os olhos dele pareciam me hipnotizar e ele me segurou, acariciando meu rosto até minha respiração normalizar.

— Se eu sou tão importante assim, por que ainda preciso esperar? Por que você não pode me escolher logo? Como vai me apresentar da próxima vez que alguém perguntar sobre mim?

Estávamos tão próximos, tão grudados, que quando fomos interrompidos, algo dentro de mim acordou.

— Louis, precisamos falar sobre… — A pessoa não havia me visto e quando viu que eu não era quem devia estar tão próxima daquele homem, houve uma pausa. — Quem é sua nova amiga? — Finalmente olhei para a cara do homem que nos interrompia.

Louis me soltou e eu ajeitei o vestido antes de estender a mão para o homem de meia idade.

— Muito prazer — disse quando ele pegou minha mão. — Meu nome é Elizabeth, fui a foda fixa de Louis no Brasil.

Ouvi Louis puxar a respiração e soltar lentamente enquanto o homem olhava de mim para ele.

— Elizabeth, esse é Leonel Luppolo. Meu pai.

Aquele não era mesmo o meu dia.

***

— É um prazer. — O homem apertou minha mão com força, como se ligasse os pontos e soubesse quem eu era. O pai de Louis era bonito e eu fiquei me perguntando como pude ser tão idiota em não perceber as semelhanças.

Se fosse possível, teria cavado um buraco na terra e me enfiado dentro, mesmo não arrependida do que tinha falado.

— Nós não terminamos essa conversa — Louis falou baixo antes de sair e me deixar ali, encostada na parede, querendo fazer parte da decoração.

Louis Luppolo

— Garota interessante — Meu pai disse quando ficou sozinho comigo.

— Não imagina o quanto — provoquei e o vi ficar sério.

— Você não devia brincar com isso. O conselho acaba de se reunir e estão ansiosos por te encontrar, Don Luppolo.

— O quão doloroso deve ser para você ouvir o título que tanto ostentou, agora sendo meu? — Apertei meu pai antes de voltar para a maldita sala.

— Só quando vejo meu filho fazendo merda o suficiente para colocar meu sobrenome na lama. Lembre-se de que o título traz responsabilidade, moleque. — O tom agressivo do grande Leonel Luppolo estava lá. Meu pai ainda tinha jeito para briga e se eu tivesse bebido o suficiente, provavelmente teria lhe dado um soco, só para garantir a diversão da noite.

Mas a realidade exigia outra postura minha. Respirei fundo, ajeitei o smoking e entrei na sala, pronto para segurar a língua para depois fazer cada um deles se enfurecer.

A sala estava cheia, a conversa alta entre os homens não cessou quando entrei, mas não passei despercebido.

— Don Luppolo. — O primeiro a me cumprimentar foi Francesco Piscitelli. — Fico muito triste em saber que você ainda não foi me visitar… Os cassinos sentem sua falta. — O sorriso do homem logo depois de soltar a fumaça de seu charuto foi sincero.

— Francesco — falei o nome dele com um bom gosto na boca e o cumprimentei com dois beijos no rosto assim que ele se levantou. — A visita aos meus amigos Callegari acabou levando um pouco mais do meu tempo e os compromissos aqui na cidade precisaram de atenção, mas muito em breve estarei lá, bebendo da sua safra e gastando um bom dinheiro nos jogos, mas só se tiver certeza de que vou ganhar um retorno.

— *Stai calmo amico mio, garantisco i tuoi soldi.*[7] Hã? — O homem

de meia idade deu batidinhas em meu ombro e me liberou para cumprimentar o resto da Família.

Luca estava sentado, calado, com os dedos cruzados sobre a mesa e eu pude sentir seus olhos queimando sobre mim antes de chegar até ele.

— *Figlio de uma cagna!* — Ele me xingou assim que cheguei perto, mas se levantou e beijou minhas faces como sempre. — Boa safra a que mandou, só não me ofendi por não ter entregue pessoalmente porque pude testar todas. Me fez entender porque quis uma só para você. — Ele riu alto e eu segurei a língua, passando para cumprimentar os que faltavam.

Eu gostaria de poder filmar o rosto de cada um deles quando se dessem conta de que Elizabeth não era apenas uma puta qualquer.

— Estão todos aqui? — Felippo perguntou ao entrar na sala.

— Você era o último, filho — Agostino respondeu e meu consigliere se aproximou.

A conversa acabou quando eu finalmente me sentei e encarei os rostos presentes.

— Agradeço por terem vindo, mas sem delongas. — Me curvei sobre a mesa, apoiando os cotovelos enquanto passava os olhos por cada rosto. — Que merda vocês têm na cabeça de me ameaçarem como andam fazendo?

— Ninguém te ameaçou, Don. — A voz de Enzo ecoou do fundo da sala.

— Não? Tem certeza? E o que faz com que pensem que minha vida particular é do interesse de vocês?

— Isso não é sobre sua vida particular, Louis. Sua vida particular se torna pública quando você fode uma puta ou outra no meu bordel e acaba matando a garota com alguma ideia doida que passa na sua cabeça e eu preciso lidar com o lixo. — Alguém tentou fazer Luca se calar, mas ele continuou. — Não, eu vou falar, sim. Se ele não gostar, que seja homem de falar. — E completou. — Sua vida particular acaba quando sua merda pode respingar em nós.

— Eu paguei pelo que peguei e te trouxe uma boa recompensa por isso.

— Sim, mas trouxe a proposta de um russo safado que ninguém aqui gostava e forçou essa história de noivado cheia de vantagens e dinheiro, para do nada, por causa de um rabo latino, se virar contra tudo o que nos forçou a aceitar. Que tipo de homens você acha que somos, Don Luppolo? — Enzo abriu a boca novamente e eu quis calar o homem com o punho, mas me

segurei. — Você armou uma guerra dentro do nosso território sem nem mesmo nos avisar.

— Mas não foi no meu terreno que a filha de Arturo apareceu, não é, Callegari? — provoquei. — Em quem eu enfio ou deixo de enfiar o pau não é um problema para se discutir nessa mesa. Agora, se quiserem saber sobre Arturo ter nos desafiado por causa de sua filha vagabunda sumida, ou então por causa dos abusos dos mexicanos em nossas terras, ou quem sabe a traição dentro da Família, vocês terão meu tempo. Entenderam?

— Essas coisas são importantes. Meu filho tem razão — meu pai interviu. — E eu entendo que todos vocês queiram uma resposta, ainda mais quando a filha de Petrowký os procura de forma tão inquisidora, mas Louis tem razão, os problemas do casamento dele, são dele.

— Não quando isso envolve o bolso de todos nós — Agostino rebateu.

— E se eu desistisse dessa merda hoje? O que aconteceria?

— A retaliação seria imediata. Fora que nós perderíamos nossa honra e palavra. Estou nessa cadeira há muito tempo para saber que quando papéis são queimados, a palavra e a honra são o que nos resta — Francesco interferiu.

— De qualquer modo, estou proibindo vocês de se reunirem com minha noiva como cachorrinhos dela. E sim, é o que andam fazendo. Quando uma mulher estrangeira teve tanto poder sobre nós? — tentei encerrar a discussão.

— Desde que você trouxe uma estrangeira para cá, mesmo sabendo que isso traria problemas para a mão negra. Não se atreva a negar, Louis. Eu mesmo posso assumir que Bóris já me procurou. Quantos mais nessa mesa têm coragem de assumir o mesmo? — E então, depois de uma provocação tão aberta de Enzo Callegari, eu vi todos os homens representantes levantarem suas mãos.

— Não me façam achar que o dinheiro russo fez de vocês reféns.

— Não, não fez. Mas ele não deixa de estar certo. Você prometeu um casamento para a filha dele, ele está esperando… — Meu pai falou ao meu lado, me deixando desconfortável por tê-lo em tal posição.

O silêncio e a tensão se intensificaram no ambiente por aqueles minutos seguintes. Era a hora de achar algum apoio ali dentro, ou então descobrir que trancar a todos em uma sala e causar um incêndio seria a melhor opção.

— Se é um casamento que vocês querem, é um casamento que terão. — Encerrando a reunião sem qualquer cerimônia, me levantei, tomando o cuidado de olhar cada um dos rostos presentes e saí.

Eu só não disse que não era o casamento que eles esperavam.

CAPÍTULO 16

Elizabeth Fabbri

Eu não podia, mas precisava beber. Não dava para aguentar o final daquilo sóbria, engolindo cada provocação ou ameaça escondida pelos cantos. Quando voltei para o salão cheio de gente, pude ver o DJ conversando com Giovanna enquanto homens se sentavam na frente de instrumentos. O que será que eles estavam aprontando?

— É a dança dos doze. — Matteo brotou ao meu lado.

— Doze? — Olhei sem entender.

— É, você e as pessoas de fora que estão aqui não entendem. Mas cada casal que dança tem um papel importante…

— E imagino que você não vai me explicar, não é?

— Talvez eu explique, agora que já me situei sobre quem é você e o que sabe.

— E falam tanto assim de mim?

— O bastante para você ser um perigo. Nem todos nesse salão aprovam o que meu irmão fez, ou as atitudes que tomou graças a uma forasteira… Mesmo assim, parece que armar uma guerra não fez você se render a ele. — Matteo sorriu de canto, me provocando. — O que é tão interessante em você que causou tudo isso? Meu irmão não é dado a sentimentos.

— Seu irmão não é dado a muitas coisas, como entender como o ser humano funciona. — Aquela conversa me deixava agoniada. Peguei o copo da mão do homem e virei o uísque forte. Ficar sóbria era algo fora de cogitação naquele minuto.

Os olhos de Matteo faíscaram quando me viu tomar aquela atitude.

— Nada tradicional… gosto disso. — De repente, a música ambiente parou e a mini orquestra começou a tocar, chamando minha atenção.

— O que acontece agora? — Encarei o salão degraus abaixo de mim e assisti enquanto as pessoas se organizavam, abrindo uma roda.

— Acredito que você não vai gostar de assistir. — Matteo jogou a bomba no meu colo e pegou o copo da minha mão, aproximando o corpo do meu, fazendo com que eu sentisse o cheiro do perfume de melancia. — Caso queira experimentar o irmão mais novo, Giovanna sabe onde me achar. — O safado piscou para mim e saiu, descendo os degraus em direção a multidão ansiosa.

Fiquei praticamente sozinha ali em cima, assistindo enquanto Lorenzo e Delfina se encontravam, então outros casais entravam na roda e Louis surgia, olhando para mim como se tentasse mandar um recado. Eu quase acreditei que aquele seria o minuto da noite em que as coisas seriam boas, mas assim que Natasha apareceu bem na frente dele, pegando suas mãos e colocando em torno de sua minúscula cintura, eu pude ouvir meu coração se quebrar.

Era uma droga assistir aquilo porque, apesar de Louis ser um saco de vacilo quase todo o tempo, eu queria estar com ele. Queria que ele entendesse por um segundo que estar ali, de pé, perfeitamente arrumada como ele queria, era a prova de que eu esperava por ele, que o queria de volta e era uma merda ver o homem com quem eu sonhava e sentia saudades quase todas as noites preso em um compromisso praticamente eterno.

Natasha trazia vantagens para o negócio que Louis amava.

Eu era só diversão.

Era impressionante como eu conseguia odiar o homem e ainda assim, amar tanto quanto achava possível. Era amor, mesmo que eu negasse até o último segundo da boca pra fora.

Ela falou algo para ele enquanto balançavam de um lado para outro, menos empolgados que os casais em volta, então, por um segundo minha vista embaçou o bastante para que eu precisasse piscar.

— Não chore. — A voz de Zola ao meu ouvido me fez virar para o lado e bater em seu ombro.

— Onde você esteve?! — reclamei.

— Observando a loucura de Giovanna e Louis. Eu realmente não sei como vamos manter você inteira depois disso, mas eles acreditam que é uma jogada inteligente para te apresentar para a Família.

— O que você quer dizer com isso?

Zola não me respondeu, encarando a pista de dança por um longo minuto enquanto eu olhava em seus olhos azuis que demonstravam toda a confusão que ele sentia.

— Você sabe dançar? — Zola não me olhou, apenas pegou em meu braço.

— Por quê? — Quando olhei para frente, a música começou a mudar. Eu conhecia aquela introdução.

Todos os casais pararam de dançar. Louis havia largado Natasha e caminhava até onde eu estava. Zola me guiou até o último degrau.

Eu podia ouvir os murmúrios, sentir os olhares, mas por um segundo, eu não me importei. Os olhos de Louis estavam prendendo os meus com um magnetismo demoníaco, me mandando a mensagem secreta de olhar apenas para ele.

— O que está fazendo? — sussurrei baixinho quando ele tomou minha mão e me puxou para o centro da roda.

— Esse é o ponto onde não há retorno. Que segredos quentes e não ditos nós aprenderemos depois disso? — Louis citou o pedaço da ópera para mim e eu quase tropecei, mas ele foi rápido, envolvendo minha cintura com cuidado e me guiando na dança que selava a maldição. — Se formos queimar, vamos queimar juntos. — Ele sorriu do jeito que eu gostava e eu não pude segurar meu sorriso.

— Você está apostando alto demais em mim. — Finalmente eu achei que entendia o que estava acontecendo.

— Você não tem ideia do quanto, criança. Mas seria impossível resistir até o final da noite vendo você vestida assim e tendo que conviver com a vontade de arrancar as tripas do meu irmão só por ele tentar seduzir você. — Louis me girou e me trouxe para perto novamente. Por um momento, eu esqueci onde estávamos.

— Essa dança não vai durar a noite toda, Louis. Qual é o próximo passo?

— Me deixe conduzir. Confie em mim.

— De novo? — Encarei o rosto que eu já havia decorado mentalmente. — Você mentiu.

— Eu escondi, confesso. Mas precisamos lidar com isso daqui para frente. — Ouvir aquela nota escondida de não ter arrependimento estourou nossa bolha e eu parei a dança, com nossas mãos juntas.

— Você ainda não se arrepende.

— Não posso mudar o que aconteceu, Elizabeth. — Louis tentou continuar a me embalar ao som de *Point Of No Return*, mas eu não conseguia mais.

De repente, o som do salão voltou aos meus ouvidos e eu encarei os rostos ao nosso redor, todos em choque, alguns me olhando com desprezo, outros com curiosidade. Tão exposta quanto podia ser, por um segundo, senti o mundo girar.

— Nós não devíamos ter feito isso.

Puxei minhas mãos de Louis, lutando com alguma resistência por parte dele e caminhei o mais rápido que podia para longe, subindo os degraus e me enfiando entre as pessoas até o elevador.

Aquela não era minha noite. Enquanto eu apertava o botão do elevador, desesperada, implorando para o bendito descer logo e me tirar dali, ouvi a respiração pesada atrás de mim.

Quando me virei, os olhos azuis de Natasha estavam vermelhos graças ao choro de raiva e eu era o seu foco.

— O que você faz aqui? — Ela estava tremendo, o sotaque forte quase não me deixou entender o que ela falava.

— Acredite, nem eu mesma sei. Se resolva com Louis, eu estou farta disso tudo.

O som o elevador chamou minha atenção e assim que me virei, algo desceu sobre as minhas costas, rasgando. Pude ouvir o som da plateia que se formou pra assistir.

Me apoiei na parede e olhei sobre o ombro. Natasha levantava a mão segurando algo muito afiado, pronta para me machucar de verdade depois de ter arruinado o vestido, deixando minhas costas à mostra.

Não dava tempo de reagir, então encarei os olhos da garota ruiva e esperei.

Tudo aconteceu rápido demais.

Em um segundo, Louis apareceu por trás da garota e segurando sua mão erguida, empurrou a menina contra a parede. Natasha se debateu, berrou e depois da terceira vez que Louis bateu sua mão com muita força na parede, ela finalmente largou a adaga que carregava.

— Você não pode fazer isso comigo! — ela gritava para ele.

— Assista e aprenda. — Louis largou a garota ruiva e veio em minha direção. Por mais que eu quisesse falar qualquer coisa, meus olhos ainda estavam presos aos dela, assistindo enquanto outras duas pessoas seguravam a garota antes de ela fazer qualquer outra loucura.

— Zola, Matteo. Levem Natasha embora. Não há nada para ver aqui — Louis disse enquanto me abraçava e me empurrava para dentro do

elevador.

— EU VOU MATAR VOCÊ! — a ruiva gritou antes de a porta se fechar e eu sabia que se ela pudesse, faria a qualquer segundo.

Louis me abraçava de forma possessiva. Quase machucava.

— *Shhh…* Eu estou aqui, nada de mal vai te acontecer — ele tentou me acalmar, mas meu corpo ainda tremia.

Tudo o que eu conseguia fazer era chorar, um pranto silencioso ao saber que as apostas daquele jogo envolviam minha vida.

***

A sensação era a de não ter controle sobre o corpo. Minha garganta parecia queimar e a língua estava pesada. Quando entramos no quarto, me soltei de Louis e cambaleei até a cama, me sentando de costas para a porta, encarando a noite pela varanda aberta enquanto ouvia Louis no telefone, dando alguma ordem muito baixa.

Eu não sabia se estava pronta para mais uma briga.

Esperei em silêncio enquanto sentia os olhos do homem em mim. Meu vestido arruinado deixava as alças do meu sutiã à mostra e quando eu me apoiei nos joelhos, exibindo ainda mais minhas costas, pude ouvir a respiração pesada de Louis.

Logo bateram na porta e eu me ergui, olhando para trás por cima do ombro para ver quem era e meu coração se acalmou quando vi Zola junto do médico que não era o meu maior fã.

O médico foi prático, examinou minhas costas, perguntou se eu estava tomando os remédios e se sentia alguma coisa. Respondi que não com a cabeça, vendo Louis em cima de mim como se fosse minha mãe.

— Foi só um arranhão. O tecido do vestido era bem grosso e protegeu a pele de coisa pior — o médico informou para Louis. — A cicatrização está indo bem. Em breve, se ela não fizer tanto esforço, as feridas estarão curadas.

— Ótimo. — Ouvi Louis dizer com o tom quase aliviado. — Zola, leve o doutor de volta para a festa.

Assim que ficamos sozinhos no quarto, olhei para Louis. O homem pegou minha camiseta de dormir em cima da cadeira e voltou-se para mim, colocando-a ao meu lado. Ele veio com as mãos sobre o vestido, querendo

puxar as mangas.

— Não. — Segurei as mãos dele. — Eu posso fazer isso sozinha.

— Estou tentando cuidar de você, criança. Pare de ser tão teimosa! — A voz dele estava carregada de impaciência.

— Por que fez aquilo? — Encarei o homem pela primeira vez ali dentro. — Por que me expôs daquele jeito?

— Porque estou dizendo para todos, de forma absurdamente clara para a Família, que quero você, Elizabeth. — Louis se ajoelhou entre as minhas pernas, ainda me olhando daquela forma absurdamente intensa. — Não era o que você queria? — O tom foi quase cruel. Louis merecia um soco.

— Eu não quero ser machucada de novo, Louis. Não quero ser só seu brinquedo, sua afronta para ser o menino rebelde dentro da merda da máfia. — Levantei e afastei o homem. — Natasha ainda está lá embaixo planejando um jeito de me tirar da jogada, sabe mais quem lá naquele salão não gostou do que viu. Não consigo mais viver com medo! Não posso aguentar tudo isso sozinha! — Meu tom saiu mais agudo e falhado do que eu imaginei.

Louis colocou a mão na minha nuca e puxou minha testa contra a dele.

— Você não está mais sozinha, criança. Eu estou com você agora. — Ele suspirou como se arrependido de como havia falado antes, o tom mais calmo me fez morder a língua enquanto encarava os olhos dele. Enquanto os dedos dele acariciavam minha pele, fechei os olhos e fiquei quieta, esperando meu coração parar de doer tanto. Esperando que quando voltasse a abrir os olhos, não tivesse nada que pudesse nos atrapalhar de ficar juntos. — Eu nunca fiz nada do tipo antes, Lizzie, mas estou tentando com tudo o que posso. Será que você não pode considerar isso? Será que não pode entender que sempre estive ao seu lado, mesmo quando você achou que não? Eu nunca fiquei tão próximo de alguém em toda minha vida. Há dois malditos meses, é você quem vem dominando minha vida e tudo o que posso fazer para te mostrar que já me decidi está sendo feito.

— Você sabe que não está aqui completamente até estar livre, não? — Finalmente tomei coragem de abrir os olhos e encarar os olhos castanhos do homem, depois de pensar em toda a situação em que nos encontrávamos. Era errado. Louis, apesar de não querer estar, ainda era noivo. Eu era a amante que ele havia arrastado para perto. Eu era a intrusa.

Por um segundo, enxerguei o fundo da alma de Louis queimando dentro de seus olhos. Ele suspirou e se ergueu, afastando-se enquanto passava

as mãos pelo cabelo e a língua entre os caninos. O homem andou pelo quarto em silêncio e de um segundo para o outro, explodiu.

— Eu não sei mais que merda preciso fazer! Quanto sangue você quer que eu derrame? — Louis falava consigo mesmo e quando eu pensei que ele se viraria para mim, o maldito chegou perto da mesa onde eu trabalhava, passou o braço em cima de tudo, jogando notebook, cadernos e tudo mais que havia ali no chão.

— EI! — Olhei desacreditada. — Você não pode fazer isso! Meu trabalho!

— Que caralho mais eu preciso fazer, Elizabeth? Que merda você quer? O que você precisa que eu faça? Estou farto dessa merda de ficar me provando.

Louis socou a mesa em fúria e eu assisti enquanto o homem se perdia no meio da loucura.

Cruzei os braços e esperei com o ódio começando a aquecer o peito. Quando ele começou a pisar no *notebook* onde todo meu trabalho estava guardado, eu fui pra cima dele sem pensar suas vezes.

— PARA! PARA! MEU DEUS! COMO VOCÊ PODE SER ASSIM?

— O. QUE. VOCE. QUER. DE. MIM? — Louis gritava com raiva a cada pisão que dava no computador enquanto segurava minhas mãos contra o seu peito.

— VOCÊ ESTÁ ESTRAGANDO TUDO! EU ODEIO VOCÊ! — Assim que Louis absorveu minhas palavras, parou e me encarou. As mãos machucando meus pulsos, o olhar de ódio correspondido. Poderíamos nos matar e ainda assim não seria o bastante.

— Você me odeia? — O homem pareceu me enxergar no meio da bagunça. O homem me prensou contra a parede e gritou comigo. — VOCÊ ME ODEIA?

— Odeio! O tempo todo. Odeio tudo o que você faz de ruim. Odeio fazer parte disso. Odeio você ser burro pra caralho e não saber que tudo o que eu quero de você é uma decisão e uma atitude. Não adianta me comprar o mundo e não ser sincero uma única vez. Não adianta fazer tudo isso para entrar entre as minhas pernas, dormir comigo duas noites na semana enquanto vai viver sua vidinha perfeita de homem de negócios e terror da máfia! Eu não vou arriscar minha vida por uma parte sua, ou é tudo ou é nada, queridão! Pare de pensar que eu sou do tipo que vai se deslumbrar pelo seu dinheiro, porque a única coisa que me interessa é saber se aqui dentro

dessa pedra que você carrega como coração existe um lugar para mim.

— Eu te trouxe aqui e estou dando tudo o que posso, não acha que isso é mais do que prova de que existe algum sentimento por você? — ele tentou começar a argumentar e eu o cortei.

— Sim! Você trouxe e me deixou trancada dentro dessa merda de quarto, sendo ameaçada a cada cinco minutos, sozinha, enquanto você se diverte com sua noiva, suas putas ou sei lá mais o quê. Que sentimento é esse? Posse? — Puxei as mãos com força quando senti o aperto nos pulsos ficar frouxo e o empurrei. — O que você esperava? Que eu te agradecesse por foder a minha vida e lambesse o chão que você pisa em gratidão? Não. Me trazer foi uma escolha sua, mesmo que fosse vantajoso para os dois lados. Você jogou sujo com os meus sonhos e para quê? Para me colocar com um alvo na testa no meio do seu pessoal? Para provocar, achando que é o dono da porra toda e no fundo, não conseguir terminar um noivado?

— Não é tão simples! O que é tão difícil de você entender nisso? Eu não posso me livrar de Natasha agora, preciso de tempo.

— FODA-SE! Pensasse nisso antes de me trazer para cá! — Eu estava tão cansada de discutir, de brigar. O que era tão difícil assim? Eu não entendia. Era um acordo e acordos podiam ser desfeitos.

— Você não tem ideia do que está falando. Não sabe o quanto eu tenho trabalhado para me livrar de toda essa merda! — O homem me puxou de volta e me prendeu entre seus braços. — Eu não te trouxe aqui à toa. Eu quero você, criança. Você me pertence. — O tom pesado fez meu estômago congelar.

— Então quebre essa porra de maldição. — Me soltei dos braços dele com dificuldade e me virei, indo em direção a minha cama e pegando a camiseta. — Eu não aguento mais brigar com você, Louis! Não dá! Se decida e faça algo a respeito, porque eu não vou esperar você para sempre. — Encostei-me à porta do banheiro e encarei o homem por cima do ombro. — Não posso sonhar em pertencer a você enquanto você não é meu. — Falando isso, tranquei-me no banheiro e mordi a língua. Esperava que ele fosse embora, que me deixasse em paz ou que me fizesse lembrar o motivo de querer tanto estar com ele.

“Não chore, Elizabeth, não chore”, sussurrei baixinho para o reflexo enquanto me livrava do vestido arruinado e do sutiã. Coloquei a camiseta e ouvi a porta do quarto abrir e fechar com violência.

Ergui a cabeça e suspirei… Louis havia ido embora.

Prendi o cabelo do melhor jeito que pude e lavei o rosto, me livrando de qualquer resquício de maquiagem, com o peito pesado por saber que ele havia ido embora, me deixando sozinha mais uma vez no meio daquele inferno.

Louis Luppolo

Bati a porta, desistindo de sair. Elizabeth não devia e não podia fugir por mais tempo. Eu estava farto daquelas brigas, de não saber o que fazer. Eu não podia dar a ela o que queria, mas estava tentando tudo o que sabia. O que mais podia acontecer?

Não queria mais esperar para ver.

Assim que ela destrancou a porta do banheiro, eu a empurrei e Elizabeth se afastou, me dando espaço. Não pensei, apenas fiz.

Peguei Lizzie pela cintura com toda a força que tinha, empurrando seu corpo para trás e a fazendo sentar em cima da pia. Me encaixei entre suas pernas, aproveitando o elemento surpresa. Elizabeth me encarava como se não entendesse o que acontecia e eu não discuti. Ela precisava começar a se dar conta de que era minha, apenas minha.

Tendo certeza do corpo dela junto ao meu, subi as mãos para sua nuca e queixo, segurando o rosto dela talvez um pouco mais forte do que devia. Com ela próxima o bastante para que meus lábios tocassem os seus e eu pudesse ver a diferença de tons de verde dentro dos seus olhos, me atrevi a dizer:

— Vou lembrar a você o quanto nos pertencemos nessa merda de vida, criança. Chega de ser o cara legal.

Quando eu a beijei, não houve resistência, muito pelo contrário. Eu sabia que ela queria aquilo tanto quanto eu, principalmente quando gemeu entre o beijo conforme minha boca devorava a sua. Aquilo bastava para me deixar completamente duro. Não era apenas por eu achar Elizabeth gostosa pra caralho, ou por saber que o encaixe era extremamente perfeito. Era saber que eu tinha o controle sobre ela naquele minuto e que nada, nem ninguém, podia tal coisa.

Ela era a maldição de Deus na terra para mim, mas eu era um diabo

viciado, então… Para que negar?

Estar com Elizabeth era instintivo. O corpo dela reagia tão bem ao meu quanto o contrário e eu não tinha ido até ali para beijos adolescentes. Eu a queria de forma completa e intensa. Inteiramente entregue a mim sem conseguir fugir.

Desci a mão que estava em seu cabelo com algum cuidado por suas costas e a puxei pela base da coluna até ter meu pau pressionando sua boceta. Eu a queria molhada e pronta como sempre era.

Explorar o corpo de Elizabeth e fazê-la pedir por mim nunca foi tão necessário.

Mordisquei seu lábio inferior e desci minha mão para seu pescoço, segurando-a firme enquanto mantinha seus lábios entre meus dentes. Mantendo meus olhos nela, não querendo perder nada, soltei sua boca enquanto a colocava inclinada para trás.

Fui certeiro, pronto para vê-la direito depois de tanto tempo e assim que peguei a barra de sua blusa e comecei a subir, ela tentou negar.

— Não. — O tom incerto me fez saber que a guerra estava ganha, mesmo com ela tentando segurar o tecido no lugar. O que Elizabeth achava? Que eu correria ao ver seu corpo depois de tudo?

— O quê? Acha mesmo que me assusta? — Ergui ainda mais sua blusa, olhando rapidamente para baixo e vendo a nova cicatriz no canto superior do abdômen. Marcas de guerra. — *È inutile nascondersi, bambina*. [8]

Ela tinha medo, eu reconhecia aquilo a milhas de distância. Será que Elizabeth não percebia o efeito que tinha em mim? Será que aquela criança não sabia que aquele era um caminho sem volta?

Mantive sua blusa erguida enquanto ela se esforçava para abaixar o tecido. Balancei a cabeça de um lado para o outro enquanto passava a língua entre os caninos, repreendendo a atitude. Soltei seu pescoço e segurei a blusa com as duas mãos. A essa hora ela descobriu que não adiantava me negar o que eu queria. Elizabeth ficou ereta novamente e ergueu os braços, me ajudando a livrar o corpo dela da camiseta enorme.

Conforme expunha seu corpo, tratei de examinar cada pedaço, cada curva tão conhecida, e registrei cada uma das novas marcas. O corpo de Elizabeth não havia mudado tanto, o quadril continuava tão grande quanto antes, a barriga com a nova cicatriz, os seios pesados e fartos agora carregavam pequenas marcas de tom mais claro onde minha criança havia

sido violada.

Eu faria tudo aquilo sumir se ela me permitisse.

Subi os olhos da revista por seu corpo até encarar as esmeraldas brilhantes que levava nos olhos, encarando-a por um tempo. Eu a queria tanto que a qualquer minuto era capaz do meu pau estourar a calça, mas vê-la ali, novamente para mim, ah, não havia dinheiro no mundo que pagasse tal sensação.

Mia bambina. Sapevo a malapena che avrei spostato il cielo e la terra per lei…[9]

— E então, o que vai ser? — ela me provocou, a sobrancelha erguida, a voz baixa. Elizabeth era o combustível certo para minha mente inconsequente. Por um segundo, encarei as costas dela no espelho, os machucados causados por simplesmente estarmos juntos. Será que havia forma ainda mais bruta de marcá-la como minha?

— Espero que você esteja bem o bastante para aguentar o que quero fazer com você. — Não dei tempo de ela fugir. Tomei sua boca e corpo, trazendo-a junto de mim como se pudesse nos fundir em um e a beijei, abusando de cada parte de seus lábios e língua. Lentamente impondo meu ritmo sobre ela enquanto Lizzie correspondia, absorta no momento.

Suas mãos foram para o meu peito, afastando nossos corpos apenas o suficiente para que os dedos dela abrissem de modo desajeitado os botões da minha camisa. Eu a ajudei no processo sem permitir que sua boca se afastasse da minha e, para minha surpresa, assim que abracei Lizzie, encostando meu peito nu ao seu e sentindo o corpo macio e quente da garota, a sensação de reconhecimento entre nós foi sublime.

A sensação do calor do corpo dela junto ao meu era extremamente prazerosa e conforme as mãos de Elizabeth percorriam minhas costelas e costas, arranhando e apertando, provocando e me puxando ainda mais contra ela, eu mal pude me controlar. Apertei ainda mais sua garganta, a ponto de ouvi-la arfar contra minha boca e me fazer sorrir. Lambi seus lábios e rocei o nariz por sua bochecha até sua orelha, bem devagar, sabendo que os olhos verdes semicerrados me observavam com atenção e desconfiança.

Sentindo o perfume da pele de Elizabeth, seu cheiro natural impregnado por cada milímetro dela, algo dentro de mim rugiu. Eu precisava dela com urgência, era uma necessidade, mas não queria que fosse de qualquer jeito. Não podia ser de qualquer jeito.

Elizabeth tinha um cheiro fresco, levemente doce, totalmente viciante.

— Senti falta do seu cheiro, bambina — falei com os lábios roçando sua orelha, sentindo-a reagir ao se arrepiar e arranhar minhas costas, deixando suas marcas também. Quase ri antes de mordiscar seu lóbulo macio, provocando Elizabeth a ponto de sentir seu corpo pulsar.

Era bom saber que aquilo não era uma necessidade só minha.

Larguei sua garganta, sentindo um tesão do caralho ao ouvir Lizzie puxar o ar com força para voltar a respirar direito. Ela pousou a boca em meu ombro apenas pelo tempo de eu descer a mão até seus seios. Ainda mordendo e beijando o caminho de ida e volta entre sua orelha e base do pescoço, acariciei a pele com a ponta dos dedos por alguns minutos, passando o dedão sobre o bico de seu seio que estava duro algumas vezes, sabendo que a provocação faria Elizabeth ficar ainda mais molhada.

Lizzie me prendeu entre suas pernas, cruzando os tornozelos atrás de mim, me puxando ainda mais contra ela enquanto mordiscava meu ombro e eu não pude mais esperar. Envolvi seu seio com a mão livre e segurei o mamilo dolorosamente duro entre o dedão e o indicador, apalpando a carne da garota enquanto estimulava o bico de seu seio, causando tremor em seu corpo. Aquilo me fez rir baixo e eu me obriguei a observá-la. Conhecia o corpo de Elizabeth como a palma da minha mão, e mesmo agora com todos os machucados, eu não sabia até que ponto aguentaria ser tão cuidadoso.

Parei de provocá-la quando a senti morder meu ombro com mais força e então a afastei enquanto envolvia todo seu seio em minha mão. Ajeitando o corpo dela de forma que ficasse quase deitada na pia, enquanto a olhava mordiscar o lábio, me encarando com uma ansiedade que não cabia nela, me atrevi a roçar o volume das minhas calças sobre o pedaço de pano que ela chamava de calcinha. Desviei o olhar por apenas um segundo para conferir o que eu já esperava, ainda massageando sua parte tão sensível. Liz estava tão molhada que havia encharcado o tecido que tapava sua pequena boceta.

Mas ainda queria mais. Queria Elizabeth implorando para que eu a fodesse, queria que estivesse tão desesperada por mim que mal aguentasse com meu pau dentro de si.

Aproveitando que seu corpo estava quase completamente deitado, me curvei sobre ela, encaixando minha boca no seio livre e mordisquei sem dó o bico, fazendo com que Lizzie envolvesse as mãos no meu cabelo. Ela puxou meu rosto contra seu corpo e gemeu confome eu sugava toda sua auréola. Tentei me controlar, tinha um objetivo ali e não podia me distrair só pela maldita excitação de ver Elizabeth daquele jeito. Eu a foderia a noite toda,

deixaria-a dolorida para o dia seguinte, mas ela só gozaria comigo. Esse era um bom castigo para todas as vezes em que ela tentou me esquecer, ou que beijou o ex, ou que me odiou. Ficaria gravado em sua mente que qualquer prazer carnal que ela pudesse ter na vida a partir do dia que me conheceu seria apenas meu.

Me demorei em seus seios, cuidando para que cada lambida, sugada ou mordida fosse lenta e intensa o bastante para fazê-la emitir algum som junto da pressão entre suas coxas. Elizabeth também pagaria pelas vezes em que fiquei dolorido pela falta de sexo. Era culpa dela.

Me atrevi a olhar para cima, vendo a cabeça dela tombada para trás, o colo subindo e descendo com alguns tremores, os olhos fechados e a boca semiaberta pelo reflexo do espelho. Aquilo, sim, merecia uma foto.

O cheiro da pele dela misturado ao perfume me deixava quase irracional e quando larguei seu seio, quase houve um protesto, mas eu ignorei. Desci a boca por seu corpo, beijando a cicatriz nova pelo meio do caminho e fui além, beijando o caminho para minha perdição.

Me agachei entre suas pernas, cheirando sua boceta sobre o tecido fino, de olhos fechados, quase sentindo o gosto agridoce que ela tinha, e a observei levantar a cabeça enquanto eu a livrava da última peça de roupa. Não fui educado, não pedi sua ajuda. Enrosquei os dedos no tecido e puxei com força, arrebentando a pequena calcinha e a guardando no bolso. O cheiro de Elizabeth me deixava louco, seria uma boa recordação daquela noite. Eu quase a vi sorrir quando me viu guardar sua calcinha, mas não protestou. Se apoiou nos cotovelos, colocando as mãos sobre seus seios e deitou a cabeça de lado, mordiscando os lábios cheios conforme me olhava, apenas esperando o que ela sabia que estava por vir.

Apoiei suas coxas em meus ombros e segurei seu quadril com força, não querendo que ela fugisse do que eu estava prestes a aprontar. Elizabeth protestou contra o aperto, mas eu ignorei, roçando os dentes pela parte de dentro de sua coxa esquerda, em direção a sua boceta. Abrindo e expondo Elizabeth com a mão livre, inalei seu cheiro antes de passar a língua por toda sua extensão e vê-la fechar os olhos, largando a cabeça para trás. Aquilo era pouco. Ser gentil não era uma característica minha e Elizabeth sabia. Envolvi primeiro seus lábios carnudos e macios com a boca, sugando e mordiscando de forma intensa e demorada, fazendo o corpo de Elizabeth ter leves espasmos sobre a pia. Não me demorei até tocar seu clitóris inchado com a língua, lambendo a garota de cima para baixo, bem sobre o ponto de maior

pressão.

Ela tentou fugir, mas meu braço em seu quadril se apertou ainda mais, travando-a no lugar. Conforme ela tentava lutar contra, rebolando sem intenção contra minha boca, eu a sugava de forma pesada, sentindo seu sabor na minha língua enquanto Elizabeth começava a perder o controle do volume, gemendo ainda mais alto quando, sem prepará-la, soltei seu quadril e enfiei dois dedos nela.

Não havia como descrever a sensação de tê-la se entregando, querendo mais, forçando o corpo contra minha mão e boca, e eu não me fiz menos ativo por isso. Continuando os movimentos de vai e vem em sua abertura sem dificuldade, graças a superlubrificação, devorei Elizabeth com a boca, pressionando seu clitóris com a língua conforme a lambia intensamente. O corpo dela não aguentaria muito tempo, os espasmos no ventre eram quase violentos e suas coxas começavam a tentar se fechar. Era cedo demais.

Lizzie protestou quando tirei os dedos dela.

— Está com pressa, criança? — Ergui o rosto por apenas um segundo, pesando na ironia e fazendo-a revirar os olhos como resposta, antes de tentar me provocar, mordendo a porra do lábio inferior. Levei os dedos que estavam dentro dela até a boca e suguei, mantendo seus olhos nos meus antes de continuar.

— Seu gosto continua ótimo. — Passei a língua pelos lábios, não deixando escapar nada e abracei os quadris dela, sem esperar uma resposta, descendo a boca até sua abertura e bebendo direto da fonte.

Que o inferno lá fora continuasse a pegar fogo. Naquele momento, seríamos só nós e a consciência de Elizabeth despertando que não haveria ninguém em sua vida que pudesse se comparar a mim.

Minha menina puxou meus cabelos com força, gemendo alto enquanto eu a devorava, pedindo pelo amor de Deus quando, depois de beijar seus lábios internos, fui dar atenção novamente ao seu clitóris. Lizzie pulsava contra minha boca e eu não resisti. Queria tanto ela por completo que não pedi permissão, apenas enfiei um dedo dentro dela, aproveitando sua umidade, e desci até o seu pequeno rabo. Ela não protestou quando comecei a estimulá-la ali.

Elizabeth tentou relaxar e eu aceitei aquilo como um convite, ainda mais quando, depois de algum tempo, ela se forçou contra mim, facilitando enquanto eu tentava abrir caminho em seu cuzinho apertado. Ela não

demorou a mostrar que estava quase em seu limite e eu me parei, mordiscando novamente seus lábios enquanto tirava o dedo de dentro dela ao som dos protestos da minha menina. Assim que me afastei dela para me levantar, Lizzie se ajeitou, levantando e me puxando para si, me beijando de forma tão agressiva que rasgou meu lábio inferior. Eu não reclamei. Mal sabia ela que aquele era o ponto alto para mim, apesar de saber que ela ainda não estava preparada.

Suas mãos no meu rosto, seu gosto sendo compartilhado por nossas bocas e nossos corpos juntos, traziam uma carga difícil de aguentar. Meu pau pulsava, louco para ser liberto das roupas e finalmente ter Elizabeth sobre ele. Eu não negaria mais.

Coloquei as mãos na cintura da garota, agradecendo pela diferença de altura que ainda permitia manter sua boca na minha conforme a descia da pia e a colocava de costas para mim. Elizabeth não protestou. Apoiou os cotovelos na bancada e, ficando na ponta dos pés, forçou a bunda contra o volume das minhas calças, me fazendo rosnar contra ela enquanto correspondia sua ação. Larguei Elizabeth para me livrar das minhas roupas e me afastei para ver aquele corpo que tanto sentia falta. As novas marcas não mudavam absolutamente nada do meu desejo por ela. Se ela soubesse, minha única vontade de arrancar aquilo era por conta das memórias, de resto, Elizabeth era perfeita para mim até daquele jeito.

O traseiro continuava o mesmo e enquanto eu sentia meu pau molhado por causa de toda a excitação guardada para aquele momento, dei um tapa na bunda redonda e macia antes de virar a garota e a sentar na pia novamente. Apoiei as costas de Elizabeth contra o espelho, tendo certeza de que ela poderia assistir tão bem quanto eu quando meu pau entrasse em sua boceta e ainda pudesse me ver para aprender a quem ela devia seu prazer.

Assim que coloquei sua perna sobre o meu ombro, brinquei com meu pau sobre a entrada dela, ouvindo o barulho produzido por conta da umidade dos nossos sexos. Sorri e me encaixei para entrar nela, quando sua mão parou sobre o meu ventre, me impedindo.

— Louis, camisinha — ela quase choramingou.

— Hoje não. — Eu não a esperei responder, olhando em seus olhos, concentrado em sua expressão, investi de uma vez com o quadril contra Elizabeth, me afundando dentro dela sem dó. Eu me lembrava da sensação, mas a realidade era muito melhor do que minha memória havia gravado. Não deu pra segurar o gemido que escapou da minha boca quando entrei nela

quase que completamente, mas ela também não aguentou. Fechei os olhos e mordi meu lábio com força, tentando me acostumar com a boceta que além de apertada, pulsava contra o meu pau. Podia jurar que me expulsaria de tão forte que latejava.

Cravei as mãos em sua coxa, sabendo que ficariam marcas depois daquilo e abri os olhos, vendo Elizabeth se segurando tanto quanto eu. Com o maxilar travado, tentei ir além, forçando mais fundo para dentro da garota e soltei:

— Ainda... — Não dava pra continuar, não daquele jeito. Saí dela e conforme movimentava o quadril para frente e para trás lentamente, vendo Elizabeth de olhos fechados e sua boca semiaberta gemendo baixo a cada vez que eu saía e entrava, pensei alto. — Apertada. Pra. Caralho. — Me forcei para dentro dela o máximo que consegui e a ouvi gemer mais alto, mordendo o lábio logo em seguida para segurar o grito. Eu sorri, encarando rapidamente o reflexo de nós dois no espelho antes de puxar Lizzie pela nuca e calar sua boca com a minha.

Eu a beijei conforme metia devagar, sentindo meu corpo esquentar a ponto de começar a suar. Lizzie mordiscou minha língua e se afastou, colocando a perna que eu havia erguido sobre o meu ombro para baixo e me puxando sobre ela. Eu não neguei, fiquei sobre seu corpo, mordendo seu ombro primeiro e descendo, de encontro ao seu seio, marcando o caminho até o bico esquerdo, alternando sugadas com mordidas, fazendo Lizzie abraçar meu corpo enquanto se aproveitava de cada sensação que eu dava a ela.

Em meio ao encaixe entre nossos corpos, senti quando a mão dela procurou algum espaço entre nós para poder se tocar. Quase ri da atitude. Segurei o bico duro de seu seio entre os dentes e puxei, fazendo-a gritar e trazer a mão de volta, batendo no meu rosto. Segurei suas mãos com força contra o espelho acima da sua cabeça e dei uma última estocada mais profunda, que a fez estremecer.

— Não ainda, bambina. — Beijei o caminho até seus ombros, ainda olhando para ela, sentindo sua respiração irregular sob o meu corpo, recomecei o lento vai e vem raso. — Você está proibida de gozar até que eu tenha marcado cada parte de você. — Mal sabia ela onde eu mais queria marcá-la. Mordi a base do seu pescoço, causando um arrepio na garota quando meus caninos arranharam sua pele. — Você é minha — sussurrei para ela.

Mantive Elizabeth cativa enquanto sentia seu ventre se contrair cada

vez que investia sobre ela, voltando a beijar sua boca lentamente e a cada gemido que nosso beijo abafava, mais eu a queria, mais intenso ficava o ritmo dos meus quadris contra seu corpo.

Quando percebi que se não mudasse as coisas, terminaríamos aquilo como uma foda de banheiro, puxei os braços de Elizabeth, colocando em volta do meu pescoço, e pedi:

— Segure firme — ela obedeceu e eu a ergui sem sair de dentro dela, enterrando minhas mãos em sua bunda.

A gravidade fez sua parte e mesmo que segurando Elizabeth com firmeza, ela desceu um pouco mais sobre meu pau e eu senti sua boceta reagindo enquanto ela soltou algo na língua dela e logo depois o meu nome. Aquilo não era tão fácil para mim quando parecia, mas eu precisava de controle para levá-la até onde eu queria. Mordisquei seu ombro e encarei o espelho com o reflexo de Elizabeth no meu colo, comigo dentro dela… Porra!

— Isso merecia uma foto — pensei alto e a senti se contrair, me pegando de surpresa quase me fazendo vacilar, precisando apoiar na pia. — Caralho, não! — soltei com dificuldade e a ajeitei no meu colo. — *Quanto mi sei mancato, bambina.*[10]

Se Elizabeth ainda não havia se acostumado com o corpo daquela maneira, eu podia dar um jeito, podia até mesmo fazê-la esquecer de como estava, não era um problema. Tudo o que eu queria era aquela confiança de sempre, mesmo de antes, quando não me deixava arrancar suas roupas completamente. O ar de quem conhecia o próprio corpo e não tinha nenhum receio de usá-lo era um dos fatores que eu mais gostava nela.

Saí do banheiro com Lizzie nos braços, sentindo-a acariciar meus braços e apertando os músculos enquanto eu a levava para a cama. Havia, afinal, uma vantagem em toda aquela quantidade de exercício extra.

Assim que coloquei Liz sobre a cama, me afastei por um segundo, observando a mulher que eu tinha anunciado a pouco como minha, anotando mentalmente todos os detalhes que eu havia deixado passar, ao mesmo tempo em que sentia seus olhos fazendo a mesma revista em mim. Minha criança carregava marcas por nós dois, tinha nossa história de começo conturbado marcado em si e era uma sobrevivente tão feroz quanto eu fui um dia.

“Como não querê-la com tudo isso entre nós?”, pensei.

De repente, Elizabeth se atreveu a quase puxar o lençol para se cobrir e eu fui para cima da cama, puxando o tecido de suas mãos.

— O que pensa que está fazendo? — A fúria me pegou, não pude evitar ser agressivo. Deitei Elizabeth na cama, subindo em cima dela e prendendo-a como se fosse minha caça. Os olhos dela estavam atentos e eu vi sua garganta marcar quando ela engoliu. Ela quase abriu a boca para responder, mas deitei o corpo sobre o dela e coloquei as mãos em seu rosto. Ela desviou os olhos para baixo, mas eu não permiti. — Olhe para mim, bambina. — Ela obedeceu e eu disse baixo o bastante para que aquilo fosse um segredo nosso. — Não quero que se cubra, nunca mais. Suas marcas são minhas marcas. — Encostei a boca na dela e disse sem tirar os olhos dos seus. — Você é a alma que eu não tinha e agora anda por aí.

Aquilo bastou para que ela reagisse. Elizabeth me agarrou quase que desesperadamente, mas não da forma agressiva que eu esperava. Ela acariciava meu rosto, acompanhando o cuidado que seu beijo trazia. Eu respeitei, até que me encaixei entre suas pernas e rocei meu pau duro como pedra contra sua boceta.

Provavelmente eu estragaria o momento que ela tanto queria, mas não era hora para flores e romance. O ritmo do beijo, por minha culpa, mudou. Provoquei Elizabeth o quanto pude, até sentir seu quadril se forçando contra o meu a fim de que eu a tomasse, mas não podia ser tão simples. Até ali havia sido apenas para ela se acostumar, dali para frente a brincadeira ficaria mais séria.

Me apoiando nos joelhos, abracei a cintura dela e puxei o maior travesseiro para a base da coluna, deixando Elizabeth com os quadris no alto. Ela riu e tapou o rosto por alguns segundos. Ergui suas pernas para cima depois de me encaixar atrás dela, encaixei meu pau na sua entrada, ansiando por cada uma das reações dela conforme eu entrava lentamente até o fundo. Eu já tinha desistido de me conter e quando minhas bolas tocaram a bunda dela, gemi sem pudor algum. Fazia muito tempo que me privava daquilo, eu merecia. Lizzie mordia a própria mão enquanto abafava um grito, mas a tentativa de fazer silêncio não durou muito. Abracei suas pernas com força, deixando Elizabeth sem nenhum controle, e comecei o vai e vem. Não me dei conta até estar quase contando em voz alta, mas o ritmo era marcado por uma sequência lenta e dura. Saindo de Elizabeth quase que completamente, para voltar com toda a força que eu tinha dois segundos depois e me demorar dentro dela por mais cinco segundos. Eu só não esperava que Liz ainda pudesse me apertar tão forte quanto estava fazendo, a ponto de eu perder o controle dos números. Ela quase gritava entre os gemidos graças às minhas

investidas rápidas e profundas. O som do nosso sexo ecoava pelo quarto, desde sua boceta molhada contra o meu pau, até a cama batendo na parede e nossos gemidos. As mãos de Elizabeth estavam cravadas no colchão. Eu a segurava onde achava estabilidade para continuar no ritmo acelerado.

Apesar de adorar ver Lizzie daquele jeito, ainda não estava certo. Eu a queria no limite, quase explodindo, não conseguindo se manter sã.

Abri suas pernas, colocando em torno da minha cintura e apertei seus quadris, ainda metendo forte, sem diminuir meu ritmo. Lizzie tentou avançar a mão até entre suas pernas, mas eu a repreendi, dando um tapa forte e ganhando um xingamento.

— Mãos para cima, agora — rosnei quase como um animal e passei os dedos pela boceta de Elizabeth, puxando os grandes lábios rosados para cima, liberando o pequeno clitóris inchado logo acima da visão do meu pau mal sendo engolido pela boceta apertada que eu tanto gostava. Levei o dedão até a boca e depois o coloquei sobre o ponto sensível de Liz, massageando no mesmo ritmo das estocadas do meu pau contra sua boceta. Foi o que bastou para ela quase se desmanchar. Elizabeth mordeu o próprio lábio enquanto seu ventre se contraiu e seu corpo massacrava o meu como resposta. A respiração ficou ainda mais pesada, a pressão que ela fazia sobre mim era extraordinária. Sua boceta quente e úmida, sempre tão pronta para mim, massageava todo meu pau conforme eu ia fundo dentro dela. Ela estava quase gozando e se eu não me segurasse, ia junto, rápido demais.

Aquilo precisava durar pelo menos toda a madrugada. Foram malditos trinta e cinco dias longe do seu corpo, não podia durar tão pouco.

Com muito custo e autocontrole, tirei a mão de Liz e me afastei, parando para vê-la reclamar enquanto o suor pingava pelo meu rosto. Lambi os lábios enquanto descansava sobre os joelhos, encarando a menina fazer manha enquanto percebia que eu não voltaria.

— Maldito. — A ouvi dizer antes de eu estar com as mãos onde devia, o chute que ela me deu no peito me desequilibrou e eu caí deitado de lado.

Elizabeth avançou, os olhos presos aos meus quando ela subiu em cima de mim quase me convencendo por sua determinação. Quando segurou meu pau e desceu devagar sobre ele, qualquer frase que eu tinha formulado na mente acabou sumindo. Fechei os olhos, deitando a cabeça para trás e a pegando pelo quadril, forçando seu corpo para baixo. Se ela queria sentar no meu pau, ia ter ele todo.

Ouvi minha criança arfando quando me sentiu completamente dentro dela. Abri os olhos para assistir a cena e não soube pará-la. Lizzie ainda me encarava, apoiando as mãos sobre o meu peito enquanto se acostumava com a posição. Suas mãos espalmadas sobre o meu corpo subiram até o meu pescoço e o envolveram. Ela aprendia rápido. Ficou difícil respirar quando as mãos dela envolveram minha garganta com certa força. Sentia o ar passando com dificuldade pela traqueia e, maldito sádico que eu era, adorava. A visão dela me sufocando enquanto rebolava devagar sobre o meu pau era alucinante, mas infelizmente não durou muito. Elizabeth me largou a garganta e apoiou as mãos para trás, nas minhas coxas, deixando o corpo totalmente à mercê da minha visão. Levei ambas as mãos até seus seios, apertando sem nenhum cuidado ou carinho, não era isso que ela procurava naquela hora, nem eu. O ritmo dela sobre mim começou a aumentar e eu a conhecia bem o bastante para saber que parar seria um problema, mas nem eu queria. Deixei Elizabeth livre, como eu tanto gostava, para tentar me dominar. Dei falta de alguns brinquedos quando senti seus mamilos tão duros e sensíveis na palma da minha mão. Seria lindo ver Lizzie gozando apenas por uma puxada neles. Movido pela curiosidade enquanto tentava ter algum controle sobre minha mente, apesar dos movimentos dela começarem a ficarem intensos, fiz uma pinça com os dedos sobre seus mamilos e os apertei brutalmente, ouvindo-a puxar o ar entre os dentes e pulsar sobre o meu pau com tanta força que não achei que fosse capaz de aguentar.

Travei a mandíbula, assistindo Elizabeth cada vez mais selvagem sobre mim, aguentando tudo o que eu oferecia a ela com maestria.

Minha menina tirou as mãos das minhas coxas e ficou ereta, abrindo bem a bunda e se forçando ainda mais para baixo, gemendo ao mesmo tempo em que mordia o lábio e fechava os olhos para se controlar, antes de começar a se tocar. Aquela seria a minha visão eterna de paraíso.

Vendo-a entregue, não pensei muito quando puxei com força os bicos dos seus seios e juntei minhas mãos em sua cintura, sem prestar muita atenção as suas reações, apenas aproveitando as reboladas intensas junto dos apertos de sua boceta sobre o meu pau.

Ela começou a gemer cada vez mais alto e de forma mais intensa, o aperto sobre mim começou a ser massacrante. Ela ia gozar, mas eu também.

— Elizabeth, não — falei entre dentes, mas ela se fez de surda e continuou.

O vai e vem era tão violento que meu corpo se mexia na cama junto

com ela. Não dava pra parar algo como aquilo. Eu não queria parar nada daquilo.

Tentei me segurar, mas ela finalmente abriu a boca para dizer meu nome e qualquer tentativa foi por água abaixo. Ela me pertencia, mas parecia que Elizabeth também era dona de uma parte de mim. Assim que ela chegou ao limite, tentando parar os movimentos, eu continuei, com as mãos na sua cintura apertando tão forte que tinha certeza que a deixaria roxa.

Elizabeth gozava sobre o meu pau e eu a enchia de porra.

Eu havia avisado, não?

CAPÍTULO 17

Elizabeth Fabbri

Louis apertava minha cintura com força, me segurando em cima dele enquanto tencionava seu maxilar e forçava a cabeça para trás.

Minha respiração estava instável, meu corpo parecia amortecido e tudo o que eu conseguia pensar era sobre a possibilidade de uma gravidez.

Louis não me deixou sair de cima dele, me olhando, sorrindo do jeito mais pervertido possível.

— É a primeira vez que isso acontece com você?

— Você adora ser parte das minhas primeiras vezes, não é mesmo? — Aproveitei que o aperto da minha cintura se afrouxou e saí de cima dele.

— Onde pensa que vai? — Ele se apoiou nos cotovelos e eu o encarei em cima da cama. Um deus.

— Ver se ajeito essa bagunça. Não posso engravidar agora, ainda mais de você.

Meu tom não era ofensivo, mas Louis fechou a cara e levantou da cama vindo atrás de mim.

Liguei o chuveiro e enquanto colocava a mão na água para ver a temperatura. Louis abraçou minha cintura com uma mão e passou o dedo da mão livre nas minhas costas. Foi tão natural que me arrepiei toda.

— O que foi?

— Você está sangrando. Manchou os lençóis.

— Acontece o tempo todo. Parece que não sei ficar quieta o bastante pra essa merda cicatrizar como deve. — Suspirei e relaxei quando Louis me puxou para si. O homem beijou meu pescoço e me envolveu com seus braços.

— Vou cuidar de você, criança.

— Louis... Não faça eu me arrepender. Por favor — implorei de olhos fechados, enquanto as mãos habilidosas do homem começavam a avançar pelo meu corpo, explorando cada pedacinho de mim, até envolver meus seios e começar a provocar. Apertei-me contra o corpo dele porque apesar do sexo

louco, rápido e inconsequente que tínhamos acabado de ter, eu ainda o queria de forma lenta, intensa e carinhosa. Queria foder e fazer amor, queria que não precisasse de palavras ou de brigas, queria que ele compreendesse enquanto nossos corpos se comunicam tão bem, que eu era tão dele quanto queria que ele fosse meu. Sem restrições, sem interrupções, sem meias verdades. Eu sabia que não era o sexo que resolveria tudo, mas era como reforçar o elo da corrente desgastada. Minha ligação de alma com Louis precisava daquilo para voltar a ser boa parte do que era no meio de toda nossa intensidade.

Segui quando Louis me guiou para dentro do box, quando sentou na beirada da banheira e me puxou para sentar em seu colo, e não me mexi enquanto ele limpava minhas costas. O homem foi delicado de uma forma que eu não imaginava ser capaz. Louis puxou meu corpo contra o dele e eu apoiei a cabeça em seu ombro enquanto suas mãos lavavam meus seios, barriga e de um jeito meio bruto, ele abriu minhas pernas e desceu a mão pelo meu ventre.

O homem me lavou devagar, descendo os dedos pelo meu clitóris e indo em direção a minha abertura. Havia uma poça entre minhas pernas e a água do chuveiro não tinha nada a ver com isso.

— *Ah, mia bambina*... Tão minha — Louis declarou no meu ouvido quando enfiou um dedo em mim e me ouviu gemer baixo seu nome.

Uma das mãos massageando meu seio, a outra cuidando do prazer entre minhas pernas e a boca procurando a minha. Naquela altura da noite, eu apenas me renderia.

Dava para sentir o pau de Louis duro, roçando na minha bunda a cada remexida do meu quadril em seu colo. Nós já havíamos feito a coisa do jeito errado, no dia seguinte eu me preocuparia com prevenção.

Meus pés mal tocavam o chão, mas tive pouco receio quando Louis me ergueu pela cintura e tentou se encaixar em mim, entrando lento até o fundo, me fazendo gemer contra a boca dele conforme sentia meu corpo reagir ao seu.

Louis mordeu meu lábio e começou a movimentar minha cintura com ambas as mãos conforme começava seu entra e sai matador. Não dava pra ficar em silêncio. Afastei a boca da dele, gemendo alto, tentando me apoiar entra a parede e o vidro do box. Besteira. O homem não sabia se controlar. Louis passou os braços por baixo dos meus e cruzou os dedos atrás da minha nuca, segurando meu corpo de um jeito dominador, escorregando um pouco o corpo para frente e me fazendo quase perder os sentidos quando começou um

entra e sai intenso, rápido e forte. Meu corpo pegava fogo mesmo com a água caindo sobre nós. Era capaz de entrar em combustão.

Louis parou por um segundo e soltou meu pescoço. Meu corpo parecia que ia desfalecer, mas o homem pareceu não perceber, me colocando de pé como se eu fosse uma criança. Ele me virou para ele e tomou minha boca na sua, acariciando minha bunda enquanto se erguia. Ficamos embaixo do chuveiro por um tempo apenas assim, o homem duro, meu corpo querendo tanto o dele que chegava a doer, mas entregues em um beijo tão profundo e cheio de vontade e carinho que não tive pressa. Queria aproveitar cada segundo dele ali, cada minuto em que nossos corpos conversavam entre si e, mostravam mais do que nunca, que ainda sabiam se entender bem. Aquela maldita química funcionava bem demais.

Acariciei o corpo de Louis com cuidado, provocando enquanto passava as unhas em sua nuca, mordia seu lábio entre o beijo e fazia pressão do meu corpo contra o dele. Ele não ficava atrás. Apertou minha bunda, me pegou pela cintura com força e devolveu cada uma das mordidas que dei em sua boca. Quando me atrevi a abrir os olhos para ver o homem, quase tive o coração batendo para fora do peito porque Louis sorria entre o beijo.

Ver aquilo me deixou em êxtase e na minha empolgação, puxei o rosto do homem ainda mais para o meu. Ele correspondeu de uma maneira ainda mais intensa e quando me puxou para o seu colo, me segurei com força em seus ombros e prendi as pernas em volta da sua cintura conforme o homem me prendia contra o azulejo frio. Meu corpo estava tão quente que o choque de temperatura me fez afastar o rosto do dele e puxar o ar entre os dentes. Louis não se perturbou. Me ajeitou mais para cima e enquanto descia a boca pelo meu pescoço, se encaixou em mim e se enterrou de uma vez. Eu adorava a sensação da primeira metida.

Cravei as unhas em suas costas, abraçando o homem enquanto permitia que ele tivesse livre acesso ao meu pescoço. Gemia baixinho perto do seu ouvido a cada vez que ele entrava e saía de mim. Éramos nós, e que se fodesse o mundo lá fora.

Louis se forçou ainda mais para dentro de mim e eu deitei a cabeça para trás, encostando na parede novamente enquanto sentia meu corpo todo corresponder àquilo. O homem colou a testa na minha e parou por um segundo, me fazendo reclamar. Abri os olhos e lá estava ele, me encarando com a água escorrendo pelo rosto, o olhar predador sob as sobrancelhas grossas, a boca semiaberta enquanto ele passava a língua rapidamente pelos

caninos.

— Diga... — Ele roçou o nariz pela minha bochecha e mordiscou meu lábio. — Diga o que sente por mim.

— Não… — resmunguei baixinho e tentei forçar o quadril contra ele. Louis gemeu contra minha boca e me forçou ainda mais contra a parede. Quando teve certeza que eu não escorregaria dali, subiu uma das mãos até meu queixo e ergueu meu rosto com uma força contida. Era nítido o quanto ele se controlava.

— Você me ama, Elizabeth? É capaz de amar esse demônio que desgraçou sua vida e te forçou até aqui? — O maldito começou os movimentos com o quadril enquanto falava, roçando em mim de um jeito louco enquanto mantinha o entra e sai insano e intenso.

— Não… — choraminguei, não querendo lembrar as coisas ruins e quase desfalecendo nos braços dele por sentir todo o corpo gritar que o amava, sim. — Por favor… — implorei, tentando me libertar do aperto dele e dos olhos que me hipnotizaram.

— Admita, Elizabeth. Admita, bambina. — Ele aproximou o rosto da minha orelha e mordiscou o lóbulo. — Diga que é minha, que me pertence. — Algo dentro de mim tremia. Eu não colocaria aquilo para fora em voz alta antes de ele falar. Eu não entregaria o jogo tão fácil assim.

— Não — falei baixo, mas tomei coragem enquanto via a fúria dele aumentar sobre o meu corpo. Entrelacei os dedos no cabelo dele e puxei seu rosto de volta para o meu, encarando os olhos dele, erguendo a sobrancelha. Enquanto sentia nossas respirações descompassadas, desafiei Louis. — Não — falei com firmeza e o senti descontrolar. A feição do homem ficou séria e ele me segurou pela cintura com as duas mãos apertando com uma força descomunal, nada delicado.

Louis afastou o corpo e eu me senti escorregar na parede. Com medo, segurei firme em seus ombros enquanto o homem metia em mim sem dó, como se para descontar a raiva de ter algo negado. Louis foi bruto e eu senti tudo formigar novamente, a sensação começou entre minhas pernas, mas logo foi se espalhando e crescendo tanto que precisei fechar os olhos.

— Me encare enquanto goza, porra! — ele rosnou e eu obedeci, tentando controlar os espasmos do meu corpo que começavam me fazer gemer alto. Por um segundo, perdi a força dos braços e quase escorreguei, mas o homem foi rápido, prensando meu corpo na parede e descendo as mãos para minha bunda. Louis me ajeitou e intensificou seus movimentos até ficar

completamente parado, agarrado a mim enquanto eu o sentia latejar forte. O homem xingava enquanto os apertões no meu corpo me faziam contrair de dor.

Aos poucos ele foi aliviando o peso das mãos e quando saiu de dentro de mim, gemeu de um jeito rouco que fez minha alma se arrepiar. Louis não me deixou sair, sua boca procurou a minha e o beijo foi calmo no meio da tormenta que seu peito carregava. Eu podia sentir o coração dele batendo enquanto estávamos abraçados e naquele segundo, eu daria tudo para ficar ali para sempre.

Depois de tomar um banho de verdade, Louis me puxou de volta para a cama e deitou sem as roupas, me puxando para seu peito.

Encarei o rosto do homem por algum tempo em silêncio enquanto ele me encarava de volta.

— O que foi, criança? — Ele pegou meus dedos e levou até os lábios, beijando cada um deles.

— O que vem agora? — Essa era a questão que me perturbava. — Natasha vai tentar me matar e você ainda é noivo dela — suspirei. — Estou sendo a outra, de novo, e agora com consciência disso. Isso não vai se repetir, Louis.

Ele bufou e revirou os olhos.

— Natasha é um ponto que estou resolvendo, mas vou precisar da sua paciência aparentemente inexistente. Se o que eu estou planejando der certo, muito em breve não teremos mais esse problema.

— E sobre hoje? Lá embaixo?

— Ter te mostrado assim até poderia colocá-la em risco, mas os homens da Família sabem que seria loucura mexer comigo aqui. Essa cidade é minha, Elizabeth, e você é minha — Louis disse sem nenhuma preocupação.

— Eu não sou uma propriedade — reclamei e saí de cima do homem, me sentando na cama e o olhando de canto.

— Pelo amor de Deus, não comece mais uma briga agora. — Ele se sentou também. — Vamos dormir.

— Você realmente acha que vai dormir aqui? — Meu tom foi mais suave e ele percebeu que não queria entrar em conflito, não naquela hora.

— Não vou? — Louis me desafiou, erguendo a sobrancelha como se não acreditasse que depois de toda a foda de reconciliação, eu ainda fosse colocar ele para fora.

— Não. O senhor tem muitas coisas para resolver até poder dormir na mesma cama que eu, por exemplo, terminar seu noivado. Até lá, como você pediu de mim, paciência. — Me levantei da cama e fui até o banheiro, atrás das roupas de Louis, que veio logo atrás.

— Quem sabe uma terceira vez faça você mudar de ideia? — Era engraçado ver o maldito tentar me seduzir, prendendo meu corpo na pia novamente.

— Seu pau será o herói nacional se ficar duro tão rápido para uma terceira vez e não, nem tente. Nós vamos ter que conversar sobre sexo não resolver tudo. — Empurrei o homem e ofereci a cueca, a qual ele colocou sem muita vontade, me olhando contrariado. — Você sabe que suas tentativas são só duas e, apesar de eu preferir o sexo ao dinheiro, não é nada disso que estou pedindo de você.

Caminhei para fora do banheiro estendendo para o homem as peças de roupa.

Louis estava terminando de fechar as calças e sorria.

— Então quer dizer que eu devia ter tentado transar com você antes?

— Só se quisesse ficar sem o pau. Eu ainda estou me perguntando o motivo de termos feito tudo isso.

— É tão óbvio, Elizabeth… — O homem calçava os sapatos.

— Ah é? Então me conte. — Meu tom irônico o divertia. Cruzei os braços ainda segurando a camisa dele.

— Você me ama — ele falou com tanta convicção quando se ergueu, que tudo o que pude fazer foi me dobrar para frente e rir. — O que é tão engraçado? — A postura mudou e ele ficou sério. Segurei em seus ombros e o guiei até a porta, abrindo a mesma e dando a camisa para ele.

— Ai, Louis… Como você é engraçado. — Assim que ele colocou a camisa, eu o empurrei para fora. — Eu posso amar seu pau, mas você, inteiro? Boa sorte em me fazer dizer. — Eu ia fechar a porta e ele impediu, segurando.

— Está negando para si mesma. — O tom orgulhoso estava lá e me fez ficar furiosa.

Segurei a porta por um segundo, colocando a mão na cintura e encarando o homem com um sorriso sacana no rosto.

— E se for o contrário? E se for você quem está me amando? — De repente, o homem me olhou como se tivesse tomando uma paulada na cabeça. Louis me olhou como se eu fosse louca por dizer aquilo e no vacilo

dele ao tirar a mão da porta, eu me atrevi a fechar a mesma enquanto o cumprimentava. — Boa noite.

Colocar Louis para fora do quarto havia sido tão fácil. A parte difícil seria colocar o homem para fora dos pensamentos.

Corri para a cama como uma adolescente idiota e me abracei aos travesseiros, sentindo o cheiro dele ali. Puxei o celular de cima do criado mudo e mandei uma mensagem para Zola.

“Preciso de ajuda. O que você sabe sobre pílula do dia seguinte?”

Enquanto Zola não me respondia, comecei a fazer as contas de quando minha menstruação tinha vindo e na minha cabeça ela já estava atrasada. Meu ciclo nunca foi o mais regulado, mas a última vez que eu tinha menstruado foi na viagem com Louis. Olhando para o teto, coloquei as mãos sobre o ventre e implorei para o meu útero descamar logo. Naquela semana eu cheguei a ter a bendita dor nas costas que sempre aparecia antes de menstruar. Conforme eu me perdia em pensamentos do tipo, Zola respondeu minha mensagem, pedindo para eu ficar acordada por mais algum tempo.

Levantei, me enrolando no roupão e me sentei no sofá, encolhida com meus pensamentos e medos. Eu não podia de jeito nenhum engravidar agora.

Abri a porta assim que Zola bateu. Minha ansiedade tomou conta de mim e assim que vi a pílula na mão dele, peguei em um único movimento e corri para pegar uma garrafa d'água.

— Boa noite pra você também. — Zola tinha um sorrisinho provocador no rosto.

— Desculpe. Preciso disso o quanto antes — disse enquanto tirava o comprimido da embalagem.

Zola se apoiou na mesa, vendo a bagunça que Louis havia feito.

— E como foi?

— Transamos. — Coloquei o comprimido para dentro. — Muito. — Virei a garrafa d'água.

— Não é uma novidade, mas você sabe que por tudo o que te aconteceu, seus hormônios devem estar uma bagunça e os remédios que você toma diminuem a eficácia desse negócio, certo?

Taquei a garrafa vazia em Zola e ele deu risada.

— Eu ainda não menstruei esse mês. Estou rezando para a pílula fazer a menstruação descer a qualquer minuto. — Me joguei no sofá. — De qualquer forma, não teria um filho agora. Minha cabeça está uma bagunça e minha vida nem se fala. Também não acho que Louis esteja preparado para

ser pai. Inclusive, desconfio que nunca vai estar...

— O filho de vocês seria um bastardo, Liz. — O tom de Zola ficou pesado. — Eles não são bem vistos pela *famiglia*.

— Então vamos rezar para que eu menstrue.

— É a melhor alternativa.

Quando Zola me deixou sozinha de novo, me senti cansada o bastante para dormir e me deitei, sonhando o restante da madrugada com uma criança com olhos de Louis.

Minha esperança era acordar menstruada como quase sempre acontecia, mas não. Não aconteceu.

Louis Luppolo

Elizabeth havia me colocado para fora e largado uma bomba na minha mão. Ela realmente achava que eu podia amar? Mesmo eu apresentando tudo o que era e mostrando o mundo ao qual eu pertencia, ela ainda achava que eu era capaz? Talvez Elizabeth fosse tão inocente quanto Giovanna em alguns aspectos. Aquela noite havia provado que eu tinha necessidade dela, mais do que apenas seu corpo. Eu a queria louca por mim, disposta a me amar apesar de toda a merda que eu havia trazido para sua vida. Talvez fosse exatamente aquilo que eu precisasse para me tranquilizar sobre ela. Seria Deus cruel o bastante a ponto de fazer alguém amar o demônio? Se sim, eu e Elizabeth teríamos um longo caminho de perdição pela frente e, apesar de doentio para caralho, Lizzie talvez fosse a única pessoa a me fazer desenvolver algum sentimento que não terminasse na vontade de matar alguém.

Aquilo me perturbava, até porque eu sabia que não teria feito nem metade das coisas que Elizabeth tinha feito por mim. Talvez, se fosse o contrário, eu teria transado com ela e na primeira oportunidade, cortado sua garganta. Mas ela não era eu e, para minha sorte, eu estava bem vivo depois do sexo frenético.

— Espero que tenha tido uma boa conversa com a senhorita Fabbri — Henry soltou quando se sentou ao meu lado. Estava em casa, assistindo a madrugada pelas grandes janelas.

— Espero que fique feliz em saber que acho que as sessões extras de exercício vão diminuir. — Quase ri antes de levar o copo de bebida até os

lábios. — Mas preciso que marquem médico com urgência para Elizabeth, acabamos sem proteção nenhuma e você sabe minha opinião sobre crianças. São apenas bons soldados com o DNA certo para assumir caso os pais morram ou falhem.

— Zola já cuidou disso. Pediu permissão para ir até o The Hell no final da festa, disse que precisava pegar algo com uma amiga e eu aposto que foi uma pílula do dia seguinte com aquela puta que ele sempre se encontra.

— Bom garoto… — elogiei o soldado que andava merecendo uma promoção. — Ele é tão bom quanto seu pai foi um dia. Uma pena o bastardo não ser tão útil.

— Nem se preocupe com esse. Parece que está fugindo dos nossos radares. Enfim, precisa de alguma coisa?

— Não… Confirme com Zola se ele realmente está cuidando do problema de Elizabeth e qualquer coisa me ligue, ou então, resolva.

— Sem problemas. Boa noite, Don. Feliz aniversário.

— Obrigado, Henry. Obrigado. — Me afundei ainda mais na poltrona, sentindo o cheiro dela em mim e querendo evitar a cama por saber que não teria o corpo dela lá.

CAPÍTULO 18

Louis Luppolo

— ACORDA! — Eu ouvi o grito antes de a água gelada atingir meu rosto. Levantei na defensiva, acertando um soco na mulher que se dizia minha mãe, bem no estômago.

— Louis! — meu pai brigou e eu me coloquei de pé, desperto o bastante para entender o que estava acontecendo. Eu havia dormido no escritório do andar de baixo, não me lembrando que hora havia caído no sono.

Leonel abraçava Fiama que se encolhia no sofá.

— *Maledetto bastardo* — minha mãe me xingou, descabelada e dolorida.

— Para o seu azar, não sou — sorri para ela. — Bom dia, *mamma.*

— Você sabe o que fez ontem? Manchando a nossa honra, os nossos acordos, o nosso nome! Tudo por causa de uma latina suja?

— Mais respeito. — Me espreguicei, mantendo o tom zombeteiro.

— Você errou, filho. Nós tínhamos acabado de falar sobre o casamento e você desafiou a todos. Fez cada um dos chefes e a mim de idiota por um capricho seu.

— Não foi um capricho meu, estava apenas deixando a noite interessante. Ninguém precisa se preocupar, vou me desculpar com Natasha e tudo vai ficar bem. Agora, se não se importam, vou terminar o banho que Fiama começou a me dar e vocês podem ir embora.

Subi para o meu quarto ouvindo o chilique que minha mãe dava. Mulher louca.

Em pensar que um dia ela tinha se revoltado pelo que meu pai havia feito comigo, mas não abriu a boca quando foi a vez de seu pai. Eu adorava quando o mundo girava.

Foi uma merda me encarar no espelho no dia seguinte. Como esperado, Louis conseguiu deixar suas marcas no meu corpo e eu não sabia se ria ou se chorava. Sabia que tudo havia sido verdadeiro, mas ainda estávamos em uma situação de merda que podia ficar muito pior caso eu realmente engravidasse. Me chamei de burra pelo menos quinhentas vezes enquanto escovava os dentes naquele sábado frio. O outono começava a querer dar as caras no final daquele verão nova-iorquino e eu esperava que a troca de estação trouxesse algo bom.

Assim que saí do banheiro, meu celular começou a tocar. Giovanna queria notícias, eu sabia.

Respirei fundo e atendi, cortando o que ela ia falar.

— Pelo amor de Deus, fale devagar porque entender as coisas pelo telefone é mais difícil — pedi e ela riu.

— Não se preocupe. Queria convidar você para uma noite de garotas no meu apartamento. Posso pegar você à tarde. Almoçamos eu, você e Giordana, se você não achar ruim. Ela está meio que de castigo e não vai poder dormir em casa. Que tal?

Considerei. Ficar ali dentro pensando merda não ia adiantar de nada.

— Feito! Estarei pronta perto da uma.

— Eu sei que vou te encontrar ainda de pijama... Não se preocupe. Ligo para você quando estiver chegando... E, Liz, sinto muito por ontem.

— Não sinta. Quando estivermos apenas nós duas, te coloco a par de tudo.

— Ok. Até mais tarde.

— Até.

Eu desconfiava que começava a amar Giovanna e a necessidade de defender aquela menina que parecia ter saído de um filme da Disney gritava no meu peito. Se ela me desse abertura, com toda a certeza, eu falaria sobre ela e seu pretendente cretino.

Ao meio dia, eu já estava pronta. Banho tomado, mala pronta para passar a noite fora e todos os remédios tomados do jeito certo pela primeira vez na semana. Sentei na cama, procurando no *google* qualquer indicação de medicamento abortivo e me surpreendi quando bateram à porta. Giovanna

não havia avisado nada e eu estranhei.

Assim que abri a porta e dei de cara com Henry, meu coração deu um pequeno tropeço. O homem engravatado e de rosto quase sempre sério, dessa vez, parecia muito amigável e carregava mais uma das malditas caixas de Louis.

— Olá, senhorita Fabbri. Bom ver que está recuperada. — O tom era sincero.

— Ah, obrigada… — respondi sem jeito. — Tudo bem?

— O Don pediu que entregasse pessoalmente. — O homem esticou o pacote para mim e eu aceitei. Não era tão pesado quanto pensei que fosse e olhei de volta para o homem.

— Onde ele está?

— Trabalhando. — O homem que parecia amigável assumiu a postura profissional e me cumprimentou com a cabeça. — Preciso ir. Tenha um bom dia, senhorita.

— Um bom dia para você também — eu disse enquanto via o homem partir e fechava a porta.

Confesso, estava quase decepcionada por Louis não ter dado sinal de vida, mas por um pequeno segundo, tive a esperança ridícula de que seria ele em minha porta.

Assim que sentei na cama e abri a caixa, vi um notebook novo e um cartão junto. Nem me interessei pelo computador. Abri o envelope com pressa e encontrei apenas um “me ligue” escrito naquela letra tão particular.

Não. Não ia ligar. Peguei o celular e digitei uma mensagem.

“Obrigada por me enviar um computador, já que você destruiu o antigo – que por sinal, pertencia aos editores. Você deve um novo a eles também.”

Apertei enviar sem pensar muito e deitei na cama de forma preguiçosa. Poderia dormir por um ano e, ainda assim, sabia que me sentiria cansada.

Logo o celular vibrou e eu sabia que era ele.

“Não seja por isso. Estou enviando um novo para a empresa. Pensei que fosse ouvir sua voz me dizendo algum absurdo por tentar te dar algo. O que me diz

de um jantar hoje?”

“Você quebrou meu computador, era sua obrigação. Quanto ao jantar... Acho que alguém da família chegou na frente… Já tenho um compromisso marcado.”

“???”

Louis mandou, segundos depois, me fazendo rir.

“Giovanna me convidou para passar a noite no apartamento dela. O senhor tem algo contra isso, vovô?”

“Desde que vocês realmente fiquem dentro do apartamento… Giovanna tem uma grande tendência a gostar de sair escondida e achar que engana a todos. Não brinque com a sua segurança, ainda mais agora.”

“Você detonou minhas costas no banheiro, preciso de um descanso por hoje.”

“Na próxima vez prometo te manter por cima, assim suas costas ficam intactas. Já não garanto o mesmo com sua bunda.”

“A próxima vez só acontece se você estiver solteiro, querido. Vá trabalhar nisso.”

Meu celular começou a tocar e Giovanna avisou que estava chegando. Eu não queria que ela subisse, então coloquei a mochila nas costas e saí para encontrá-la na frente do hotel.

— Vai a algum lugar? — Zola encontrou comigo em frente ao elevador.

— Você está incluído no pacote de noite das garotas?

— Não. Essa é minha noite de folga, mas acompanho o almoço de longe. Vamos? — Zola me deu passagem para entrar no elevador. — E

então… O remédio fez algum efeito?

— Tirando a dor nos peitos e pontadas na barriga, nada de menstruação até agora. Será que é muito abuso pedir para você comprar alguns testes de gravidez?

— Já tem como você saber?

— Não. Acho que leva um tempo, mas mesmo assim… quero ter certeza de que não espero um bastardo, como você disse ontem. — Meu tom foi para cutucar.

— Não falei por mal. Eu tenho um irmão bastardo e ele não é aceito pela família, mesmo que trabalhe para ela.

— Ah, sim… — Por um segundo, arrependi-me de quase ter sido grossa com ele. Zola era sempre tão bom. Queria que ele fosse o bastardo para ficar de fora daquele lixo.

— E o que pode me dizer sobre Giordana? — tentei mudar de assunto.

— Filha de um dos capos mais importantes da Família, tão festeira quanto Giovanna, mas talvez um pouco mais consciente do que acontece ao redor. É uma boa menina, acho que você pode gostar muito dela.

— É... A noite vai ser longa, então conto com isso.

***

O almoço foi calmo, Giovanna não me colocou na parede, apesar de Giordana tentar arrancar alguma coisa de mim. No final das contas, a garota soltou que preferia conviver comigo do que com Natasha, mas que sentia pena por eu me envolver com Louis.

Em um primeiro momento, minha vontade foi mandá-la cuidar da vida dela, mas por um segundo, entendi o que Zola tinha falado sobre Giordana não ser tão inocente quanto Giovanna e se eu estivesse do outro lado, sem sentimentos envolvidos, provavelmente eu falaria a mesma coisa.

Naquela tarde, quando Giordana se despediu de nós para entrar em outro carro, ela me abraçou e antes de partir, disse em alto e bom som:

— Giovanna tinha razão. Você é uma boa pessoa. Tente não se corromper. — A garota partiu sem me deixar entender muita coisa. Encarei Giovanna e ela me abraçou, me guiando para o lado contrário.

— Giordana é uma das melhores pessoas do mundo, juro. Ela fala um pouco mais do que deve, mas eu sou do mesmo jeito e acredito que é por isso que nós nos damos tão bem.

— Quase não percebi… — fui um pouco irônica e vi Giovanna mordiscar a ponta da língua.

— Não me recrimine, é a primeira vez que meu irmão dança a dança dos doze com alguém de fora do negócio. Antes era comigo ou com mamãe.

— Você vai conseguir me explicar que merda é essa? — perguntei, entrando no carro.

— Em casa, eu prometo. — Ela pegou meu dedinho e juntou ao dela. — Mas você precisa prometer que vai me contar tudo. — Os olhos verdes supercuriosos brilharam.

— Vou fazer o possível. — E ia, mas não acreditava que ela fosse gostar de ouvir como o irmão fodia.

Quando paramos em frente a um prédio parecido com o de Louis, meu estômago gelou. Eu ainda não tinha me acostumado com tanto luxo. O som dos saltos de Giovanna ecoaram pelo saguão enquanto eu a seguia com minha mochila nos braços.

— Você deve estar esperando que meu apartamento pareça a casa da Barbie, não é? — ela soltou, quase divertida, e eu mordisquei o lábio.

— É… — Nós demos risada e ela me puxou pela mão quando o elevador parou no décimo sexto andar.

— Não é como o de Louis, mas é um lugar legal. Ganhei dos meus irmãos quando fiz treze anos e fiquei vindo aqui até completar dezesseis e me mudar de vez. Eu até gosto da Califórnia, mas nada nunca vai ser maior que meu amor por Nova Iorque. Espero que goste de animais…

Eu já tinha perguntas para fazer, mas assim que Giovanna abriu a porta preta de seu apartamento, um bulldog inglês gordo e feliz correu ao seu encontro.

— Esse é o coelho! — Ela se abaixou para pegar o bicho no colo.

— Coelho? — Quase ri e me atrevi a fazer carinho entre as dobrinhas do cachorro.

— É, venha. — Giovanna me guiou para dentro e eu acompanhei, quase caindo para trás por ver que a garota tinha um bom gosto absurdo. A sala comprida tinha sofás e poltronas de couro vermelho, o piso de madeira escura dava muito charme contra os móveis brancos ou marmorizados. Tudo parecia muito moderno e as cores vibrantes vinham em determinados pontos

como o estofado das cadeiras de jantar, ou dos banquinhos organizados em frente a bancada de mármore. — Eu queria um coelho, quase fiquei doente por um, mas meu pai me deu um cachorro e, bem… Eu não preciso terminar de explicar, né? No final das contas, foi muito melhor. Não é mesmo, amor da mamãe? — A voz que ela fez para falar com o cachorro me fez sorrir enquanto absorvia a vista da janela da sala.

— Sua casa é linda — elogiei.

— Eu também gosto daqui, mas não se engane, apenas a área social é um pouco mais adulta. Redecorei ano passado, mas esse ano estou pensando em outra reforma. Meu quarto é meu lugar favorito e você vai rir muito quando descobrir o porquê.

— De onde você se mudou?

— Califórnia, Nevada e Arizona. Quando Louis assumiu o comando, bem… meu pai precisou voltar para administrar sua parte das coisas e nós fomos juntos, só que não deu certo. Ficar longe de Giordana e de Zola foi como arrancar meu coração do peito.

— Eu entendo…

— Quando eu casar, vou manter esse lugar como meu canto particular. O apartamento de Felippo é incrível, mas tenho certeza de que ele também vai concordar que precisamos de algo maior. — Eu quis falar algo, mas estava cedo demais e eu precisava de Giovanna aberta a me escutar. — Vamos lá para dentro, eu já quero vestir o pijama e pedir toda a comida que aguentar comer.

Eu não hesitei. Me juntei à loira, pensando em como seria contar que o cara dos sonhos dela era o maior safado e que ela devia ser inteligente e olhar Zola direito.

***

O quarto de Giovanna tinha toda a essência dela que o resto da casa escondia. Tons de rosa e branco por todo o canto.

— O quê? — ela me questionou

— Bem diferente do resto da casa — soltei, mordiscando a ponta da língua. — É bem a sua cara.

— E isso significa...? — Ela largou o cachorro em cima da cama

quando se sentou, me olhando com expectativa.

— Quase o quarto da Barbie. — Vi o sorriso nos olhos dela enquanto levava aquilo como elogio.

— Confesso que é um dos meus cantos favoritos. — Ela deu de ombros e se largou na cama. — Vou pedir comida chinesa, o que acha? Podemos pedir outra coisa se você quiser. — Ela pegou o celular enquanto eu me sentava ao seu lado.

Não discordei e passei a próxima hora ouvindo sobre a Califórnia, tentativas de *surf* com Zola e como Giovanna tinha um *closet* ainda maior na casa dos pais.

Quando a comida chegou, nós nos trocamos e sentamos no chão da sala para comer.

Coelho tentou de todo jeito enfiar o focinho para dentro dos potinhos cheios de comida e eu achei estranho Giovanna não se importar. Eu já tinha ouvido falar que americanos tratavam cachorros como se fossem mini bebês, mas não rolava dividir meu prato com uma língua que lambia o próprio pinto.

Enquanto a noite começava, Giovanna pediu para colocar seu filme favorito e enquanto Cinderela passava com seu mantra de ser sempre gentil e ter coragem, a garota ao meu lado repetia baixinho e olhava encantada para o príncipe.

— Você tem essa essência — comentei baixinho, atraindo a atenção da menina e os olhos verdes brilhando para mim sob a luz da tv.

— Você acha mesmo?

— Acho. Acho que ainda precisa amadurecer muito em algumas coisas, mas você tem essa bondade e fé no melhor das pessoas, tão escancarado que às vezes é difícil de acreditar que seja real.

— Eu juro que é. Sempre tento acreditar, se não eu provavelmente seria como Ariana, ou um pouco mais como Giordana. — O olhar dela ficou triste de repente.

— O que foi? — Me virei para ela, deixando o filme de lado.

— Eu não sei… Só queria que as coisas fossem perfeitas… Isso envolve você e Louis também. — Giovanna me escondia algo e eu deixei a coisa rolar, na primeira oportunidade eu falaria sobre Felippo.

— E o que você quer saber sobre Louis e eu?

— Vocês estão finalmente juntos? Quero dizer, pra valer?

— Eu não sei se isso é algo certo. Eu quero ficar com seu irmão tanto quanto odeio admitir isso, mas se te deixa feliz, estamos nos acertando.

— E o que aconteceu no quarto? — A curiosidade de Giovanna faiscou em seus olhos

— Nós nos beijamos e… Pelo amor de Deus, eu não acredito que você queira saber detalhes da minha transa com seu irmão.

— Vocês transaram? *Por Dio!* — Ela parecia divertida e incrédula com a notícia.

— O que você acha que fizemos no Brasil, querida? Brincamos de casinha?

— As regras lá fora são diferentes daqui. — Ela parou por um segundo e eu pensei se tinha sido inteligente contar daquele jeito. Antes de eu poder falar, Giovanna disparou e logo mordeu os lábios. — Como é?

— Transar? Muito bom! Acho que é minha coisa favorita da vida depois de comer. — Ela riu e me deu um tapinha de leve.

— Dizem que dói muito, mas não é isso… Quando você teve certeza que amava Louis, como foi o beijo? Mudou? Como você soube?

Giovanna me questionou e eu precisei pensar para responder.

— Seu irmão sempre foi intenso em tudo e eu não fico atrás, mas sinceramente, e eu juro que mato você se contar para alguém que eu disse isso — ameacei —, desde os primeiros beijos as coisas foram diferentes. É como se eu soubesse o que ele vai fazer e tudo se encaixa… — divaguei, imaginando o homem tocando em mim, me beijando como sempre fazia daquele jeito absurdamente bom. — É como se tudo entre nós se acalmasse e logo em seguida explodisse… Eu não sei explicar direito. — Me senti idiota de pensar naquilo de modo romântico, mas no fundo, era tudo muito nosso.

— E sobre amar Louis?

— Essa é a missão mais louca que já tive na vida e eu não preciso te explicar o porquê. Seu irmão foi tão escroto no meio de tudo que às vezes eu me pergunto como ainda consigo querer aquele safado. Mas e você? No aniversário, saindo com Felippo, trocando apelidinhos fofos e tudo mais… — Joguei o verde e esperei.

— Ah… — Ela suspirou. — Felippo e eu nos aproximamos depois da minha festa de dezesseis. Durante um ano todo ele me mandou flores e jantamos algumas milhares de vezes… — Giovanna estava corada e sorria sem jeito enquanto contava. — Ele é maravilhoso, forte, lindo e inteligente. Gosta de festas tanto quanto eu e não é como os outros caras, sabe? Nós andamos conversando sobre ter um futuro, sobre ele pedir minha mão… Meu pai certamente aceitaria e Louis, depois de uma conversa séria, com toda a

certeza permitiria. Eu acho que sou boba por pensar assim, mas quero um casamento igual ao dos filmes. Perfeito. Tenho o desenho do meu vestido de noiva desde os doze anos e uma pasta sobre todo tipo de decoração que você possa imaginar.

— Eu ainda não entendi… Vocês namoram? — perguntei para Giovanna, lutando com as palavras que queria soltar.

— Eu não diria que é um namoro… — Ela abraçou os joelhos como se não gostasse da ideia. — Não existe isso dentro da Família. — Era minha chance.

— Ah, então é por isso que Felippo se sentiu livre o bastante no Brasil… — falei como quem não queria nada.

— Como assim? — Os olhos de Giovanna pareciam ainda mais vivos.

— Felippo, assim como seu irmão, não dormiu sozinho, Gio… — Tentei não ser tão filha da puta porque sabia que quando Giovanna me jogava as bombas no colo, não era com maldade. — Ele ficou bem à vontade com algumas meninas que estavam comigo lá naquele dia… posso provar. — E realmente podia. Isabella tinha como conseguir fotos.

A reação de Giovanna foi diferente de tudo o que eu esperava.

— Eles te pediram para fazer isso, não é mesmo? Por que está fazendo isso? — Giovanna nunca foi tão parecida com o irmão, até o tom mudou e ela se afastou. As sobrancelhas claras quase juntas e a acusação em cada pedaço dela apontados para mim.

— Como é?

— Ah não, Elizabeth, você também não. — Giovanna se levantou e eu me ergui sem entender.

— Eu realmente não estou entendendo. Estou te falando a verdade, tenho como provar.

— Pare! Apenas pare! Já não basta Giordana falando que Felippo não é homem pra mim, Zola se fingindo de surdo e claramente não apoiando nada, e Frederico enchendo minha cabeça de coisas que diz ter “ouvido” por aí. — Ela fez aspas com os dedos quando se referiu ao irmão ouvir e eu revirei os olhos.

— E você realmente acha que eu e toda essa turma queremos estragar seu sonho de casamento com o loiro perfeito por qual motivo?

— Não sei! Mas você podia me apoiar pelo menos um pouco, já que eu sou praticamente a única que apoia você a ficar com meu irmão!

Eu devia estar sensível demais para ficar tão afetada com Giovanna

jogando na minha cara que era a boa samaritana.

— Eu ficar com o seu irmão é algo independente da sua vontade ou não, Giovanna. Inclusive, se eu quisesse que você continuasse a ser a princesa na torre do castelo, cega e surda para toda a realidade em que vive, não teria te contado. Você, como eu, uma hora vai precisar acordar e começar a enxergar o ambiente em que vive. Se você espera fidelidade, não é em Felippo que vai encontrar. O duro é saber que sua melhor opção está bem no seu nariz e você não quer enxergar.

— Eu acho melhor cancelarmos essa noite. — A loira me olhava com algo nos olhos que eu reconhecia muito bem: pura fúria. Giovanna tremia.

— É... eu concordo.

Não esperei um segundo convite. Eu tinha dinheiro para me virar e voltar ao hotel.

Após pegar minhas coisas, ainda vestindo o pijama, andei até a porta e me virei para encarar a loira.

— Espero que você acorde antes que seja tarde. Sinto muito que você ache que estou querendo destruir sua imagem de relacionamento perfeito, mas está chegando a hora de você crescer, Giovanna. Quanto mais cedo perceber, menos vai doer.

Eu me virei para abrir a porta e tomei um susto com Frederico e Matteo do outro lado do portal, prontos para tocar a campainha.

— Olha só quem está de babá da minha irmãzinha essa noite. — Matteo se apoiou no batente da porta e cruzou os braços sob o peito, sorrindo do mesmo jeito safado de antes.

— Elizabeth já está de saída. — O tom de Giovanna não foi amigável e fez o irmão mais novo olhar do meu rosto para o dela e então a sobrancelha de Fred se ergueu e o sorriso sumiu do seu rosto.

— Está tudo bem? — ele perguntou com os olhos verdes intensos e desconfiados.

— Está. Estou voltando para o hotel até sua irmã pensar na merda que me falou sobre eu fazer parte de um culto que está disposto a acabar com a felicidade ilusória dela e dar um belo chilique digno de alguém de dez anos. Se vocês me dão licença… — Desviei de Matteo na porta e passei por Frederico, indo em direção ao elevador.

Olhei por cima do ombro e vi os dois conversando em sinais, mas não fiquei olhando muito tempo, rezando para o elevador chegar logo.

— Ei, brasileira — Matteo me chamou com um tom debochado na

voz e eu me virei com as mãos na cintura, vendo-o se aproximar assim que o elevador chegou. — Quer uma carona?

— Não preci… — Antes de eu terminar, o homem pegou meu pulso e me puxou para dentro do elevador.

— Não interessa, vou te levar para o hotel de qualquer jeito, já que meu irmão pode querer arrancar minhas bolas se souber que me recusei — ele disse, se encostando no elevador e encarando o visor que mostrava os andares.

— Que seja. — Dei de ombros e esperei até chegarmos à garagem.

— O que você falou para minha irmã que a fez ficar tão louca da vida? — Matteo perguntou enquanto eu o seguia para fora do elevador, em direção a um carro preto esportivo que eu não fazia ideia do nome do modelo, mas sabia que era absurdamente caro.

— Só a verdade. Coisa que parece que nenhum membro da sua família sabe ouvir.

Matteo riu e o som era realmente maravilhoso. Encarei o homem assim que entrei pela porta do passageiro. Ele vestia uma camisa cinza de mangas curtas meio apertada, exibindo o peito largo e os músculos dos braços que estavam com um bronzeado leve e bonito. Os olhos dele realmente eram uma bela mistura, naquela luz fraca do carro, pareciam mais de um tom mel do que verdes. O rosto tinha o maxilar marcado, a barba por fazer e o sorriso de canto exibiam dentes brancos e retos, perfeitos como os dos modelos. Nossa senhora do DNA devia ter abençoado aquela família de uma maneira sobrenatural.

— Você parece saber de muitas coisas, não? — O tom era de desafio.

— Muito mais do que eu realmente queria saber. — Fechei a porta do carro e Matteo partiu.

— E então… Como conheceu meu irmão? — ele perguntou, atrapalhando o som enquanto *Sweet Home Alabama* tocava.

— Em uma festa. — Eu não sabia se ele sabia de todos os detalhes e preferia não entregar tudo de uma vez.

— E desde então, você tem feito tudo ficar confuso por aqui. — Matteo me encarou enquanto estávamos parados no farol e por um segundo eu o vi ir para longe dentro de sua cabeça. — Estranho esse poder que vocês mulheres têm. Mesmo de tão longe, vocês afetam vidas de quem nem imaginam. — Ele suspirou e pareceu voltar para o momento. — Você não sabe a confusão que meu irmão criou por sua causa. — Ele sorriu.

— Eu imagino. Tive minha dose de consequência pelas inconsequências do seu irmão.

Matteo voltou a dirigir olhando para frente.

— E você ainda está aqui, mesmo sabendo o que Louis é e o que carrega dentro de si.

— Eu não tive muita opção…

— Ah, querida Elizabeth… Nós sempre temos opção. Escolher o que fazemos, escolher um lado, escolher fazer ou não. Tudo é escolha. E você ainda não faz ideia de quem meu irmão é.

— Se eu tivesse me recusado, acredito que o próximo passo dele seria ir me buscar pessoalmente. Consigo imaginar Louis me colocando sobre o ombro como se eu fosse um saco de batatas e trazendo para cá.

Matteo riu de alguma piada não dita e ficamos em silêncio pelo resto do caminho.

Assim que chegamos em frente ao hotel, ele parou o carro e se virou para mim.

— Boa noite. Obrigada pela carona.

— Por nada. Você sabe que se quiser, pode escolher experimentar o irmão mais novo. Adoraria descobrir o que fez meu irmão ficar tão louco assim por você.

— Uau, como você é tentador! — tentei debochar, mas era nítido no tom da voz dele que, apesar de estar brincando, havia verdade naquilo. — E não precisa ficar tão curioso. Olhe como sou sexy vestida com pijama de unicórnio.

— Está na lista de fantasias a realizar — ele brincou e eu revirei os olhos, deixando escapar um sorriso.

— Boa noite, Matteo. Espero que seu irmão não arranque suas bolas — falei, saindo do carro.

— Por quê? Vai querer experimentar um dia? — Eu nem respondi quando o homem gritou pela janela. Só saí rindo da situação bizarra de ter o irmão do cara que eu gostava dando em cima de mim daquele jeito.

Assim que subi para o meu quarto e abri a porta, voltei à realidade daquele lugar, ainda mais quando vi a sacola em cima da cama cheia de testes de gravidez.

Sentei na cama, envolvendo a barriga com os braços, e fechei os olhos, rezando para a menstruação aparecer.

***

O sonho daquela noite foi conturbado.

Eu precisava fugir, não entendia o motivo, mas toda vez que Louis se aproximava, eu me afastava, correndo para dentro de uma névoa densa e sufocante. Ele chamava meu nome e tudo o que eu respondia era que não podíamos ficar juntos em um tom baixinho, como se me escondendo dele. Cega e perdida no meio do nada, ouvindo a voz de Louis ecoar por todo lado, ouvi um barulho atrás de mim e, de repente, quando me virei, Natasha estava lá, enfiando uma faca bem no meio do meu ventre. Olhei para baixo, vendo as mãos sujas de sangue, cambaleando no nada, enquanto ela ria.

Acordei num pulo, suada e assustada. Assim que afastei as cobertas e vi o sangue entre minhas pernas, sujando toda a cama, não tive coragem de levantar. Apenas me abracei e comecei a chorar.

CAPÍTULO 19

Elizabeth Fabbri

O dia ainda estava escuro quando me levantei, arrancando os lençóis da cama e tomando um belo banho. Agradeci por não estar grávida e pelo fato de meu sonho não ser real e, principalmente, por ainda existir uma chance de ficar com Louis no meio daquela bagunça. Deus sabia o quanto eu me sentia sozinha, o quanto eu queria ficar ao lado dele, ainda mais agora. Brigar com Giovanna me deixava chateada, mas a garota era absurdamente infantil em alguns aspectos e eu estava completamente irritada e incrédula com a reação dela.

Assim que saí do banho, pedi o café da manhã e sentei em uma das cadeiras da varanda, tomando o sol da manhã enquanto respondia as mensagens do meu celular.

Louis havia mandado algumas e mesmo querendo me bater por me sentir daquele jeito, parecia que duzentas borboletas voavam dentro do meu estômago.

“Espero que meu irmão tenha se comportado enquanto te levava para o hotel. Por que não me ligou?”

“Elizabeth, é bom estar dormindo para não me responder.”

“Você nunca dorme. O que está fazendo?”

“Estarei aí amanhã cedo e tomaremos café juntos.”

Eu ri e larguei o celular no colo antes de responder, encarando a

paisagem, não sabendo como minha vida podia estar tão louca e, pela primeira vez, meu coração tão em paz.

Era verdade. Apesar de todo o perigo, todo o risco e minhas convicções, meu coração parecia flutuar.

“Bom dia, vovô. Por mais que você não acredite, noite passada eu dormi muito. Caso queira tomar café comigo, você tem aproximadamente dez minutos para chegar aqui.”

Quando larguei o celular de lado, alguém bateu na porta e eu me enrolei melhor no roupão. Assim que abri a porta, pronta para receber o café e dar gorjeta pelo serviço, quase tive um ataque cardíaco.

Lá estava Louis com uma camisa preta por baixo de uma jaqueta de couro, os cabelos perfeitamente penteados para trás e aquele maldito sorriso cheio de malícia.

— *Baum dia, bambina*. Sentiu minha falta? — Louis me observava com atenção e eu precisei me segurar para não parecer uma completa idiota.

Ele parecia um daqueles bad boys dos anos oitenta e eu tinha uma queda — para não dizer abismo — absurda por todo aquele estilo. Abri a porta e saí da frente, dando passagem para Louis e o carrinho cheio de comida.

— Não acredito que você tenha mudado de profissão. Que orgulho de você por estar tentando um trabalho honesto! — Coloquei a gorjeta no bolso da calça de Louis e parei em frente ao carrinho, com as mãos na cintura enquanto encarava o que ele havia trazido para o meu café. — Não pedi nada disso. — Finalmente encarei Louis, que parecia achar graça de alguma coisa.

— Descobri que seu café tem sido *waffle* com nutella todo santo dia. Você precisa começar a comer melhor. — O senhor saudável pegou uma maçã do carrinho, mordeu enquanto me encarava e foi se sentar em uma das poltronas, colocando os pés em cima da mesinha de centro. Louis parecia muito à vontade e era estranho ver aquilo. Será que ele achava mesmo que estava tudo ok?

— Eu não acredito que você vai tentar controlar o que eu como.

— Você precisa estar saudável para ficar boa logo. Eu não vou me controlar por muito tempo e preciso de você inteira para todas as coisas que ainda quero fazer com você.

— Oi? — Encarei o homem, desacreditada.

— Não estou falando apenas de foder, se é o que está pensando, mas é a parte que envolve que você esteja minimamente inteira.

Revirei os olhos e taquei uma das frutas do café em Louis, que começou a rir alto.

— Primeiro sua irmã vem controlar o que eu visto, depois você quer controlar o que eu como. Por que não me coloca em uma coleira e decide onde e quando eu vou poder usar o banheiro? — Cruzei os braços nervosa, indignada com a situação, encarando Louis.

Assisti ele se levantar e vir até mim e, por um segundo, precisei fechar os olhos.

Louis encostou o queixo no topo da minha cabeça e cheirou meu cabelo enquanto desatava o nó do roupão que eu vestia. Ele passou as mãos pela minha cintura, me puxando para ele com uma força contida. Não doía, mas era firme o bastante para não me deixar escapar.

— Criança… Por que tão teimosa? Me deixe cuidar de você.

— Me deixe ter livre arbítrio. Não é tão difícil, você vai ver. — Encostei a boca contra o corpo dele sobre a roupa e mordi não muito forte. Louis riu e entrelaçou os dedos pela minha calcinha. — Nem pense. Estou menstruada, graças a Deus.

— Melhor ainda. Sabe que não tenho problemas com isso… — Ele se atreveu a dar um puxão no tecido e eu coloquei as mãos rapidamente sobre as dele, olhando para cima, encarando o homem que começava a olhar para baixo e não mais para o meu rosto.

— Se controle! Você não pode arrebentar todas as minhas roupas. Além do mais, você tem uma noiva. Sexo comigo só será uma possibilidade quando ela não existir mais.

— Está dizendo que quer que eu mate Natasha?

Por um segundo, eu estranhei o olhar dele.

— NÃO! Pelo amor de Deus. — Me afastei de Louis e voltei a fechar o roupão com pressa. — Se preciso ser extremamente literal, quando você não tiver mais um compromisso que me faça ser a outra, aí sim pode ser que role sexo. Até lá, se contente com a sua mão.

Louis bufou, passou a mão pela calça e veio me abraçar.

— Beijos estão liberados? — ele tentou, mas eu fugi, virando o rosto.

— Não enquanto estamos sozinhos porque conhecemos meu autocontrole de merda. — Comecei a rir enquanto tentava me livrar dele.

Louis me soltou, me dando um tapa na bunda como se eu realmente fosse uma criança.

— Vá logo tomar seu café de forma decente e se arrume, nós vamos sair. — Ele foi até a varanda e me deixou sozinha dentro do quarto para encarar o suco de laranja com gosto de coisa estragada.

Assim que me enfiei nos meus jeans superconfortáveis, segui o padrão de Louis com uma blusa preta simples e um moletom gigante amarrado na cintura caso sentisse frio. Coloquei os brincos pequenos e me lembrei de pegar os óculos de sol que Giovanna havia insistido para que comprasse. Respirei fundo ao me lembrar da loira e quase tive um ataque do coração quando Zola entrou no quarto sem bater. Louis ainda estava na varanda e provavelmente estava entretido para não entrar de imediato no quarto.

— Bom dia! — falei rápido e Zola se sentou na cama.

— O que aconteceu por aqui? — ele perguntou quando viu a cama sem lençol.

— Menstruei. Sem baby bastardo por aqui. — Bati na barriga de leve e pisquei para o loiro.

— Você sabe que vou me sentir culpado por todo o tempo que você falar disso, não é?

— Relaxa, eu sei que você não falou nada tentando me ofender ou algo do tipo. — Eu realmente estava ok com Zola. — Conversou com Giovanna?

— Ela me encheu de sms's depois que Frederico discutiu com ela por sua causa. Estou sabendo de todos os detalhes, inclusive, ela acredita que eu tenha falado algo para você.

— Ah, pelo amor de Deus! Você é uma das melhores pessoas desse mundo louco. Giovanna é burra demais, impossível isso ser só inocência. — Bati com as mãos nas coxas, não podendo acreditar no que a menina fantasiava sozinha.

— O que é tão absurdo assim para você falar assim dela? — Louis surgiu, apoiado na porta, com as mãos nos bolsos.

De imediato, Zola se levantou.

— Sua irmã brigou comigo noite passada por acreditar que eu faço parte de um complô contra a felicidade dela e agora ela tem absoluta certeza que Zola é o culpado por passar tanto tempo comigo. Você me conhece bem o bastante para saber que não funciono assim. Pré-julgar sem saber é uma das

coisas que evito, mesmo que possa fazer, às vezes.

— Hm… — Louis olhou de mim para Zola e continuou em silêncio, apenas encarando. — O que acha disso, Zola? Giovanna ainda tem saído com Felippo? — ele perguntou depois de um tempo.

— Sim, senhor. Eles jantaram juntos na quinta, antes do seu aniversário, e hoje provavelmente vão sair novamente. — Zola soltou aquilo tão automático que eu quase acreditei que ele não sentia ciúme da loira.

— Hm… Marque um jantar com Giovanna. Saia com ela, diga que está mal, invente algo. Ela é boa demais para deixar um amigo de lado, mesmo estando brava. Leve-a para algum jogo, qualquer coisa. — Louis pareceu não se abalar. — Quero que faça isso todas as vezes em que eles marcarem de sair até segunda ordem, entendido?

— Sim, senhor. Se vocês me dão licença...

— Ei, *golden boy* — Zola já ia saindo, mas eu o chamei.

— Oi. — Ele se atreveu a sorrir.

— Aproveite. — Pisquei para ele e o vi sair.

Assim que virei para Louis, a sobrancelha erguida me dizia tudo.

— Garoto de ouro? — O tom do ciúme era intimidador, mas revirei os olhos e bufei.

— Não se preocupe. Zola nunca me pagou para sexo — provoquei Louis e peguei minha bolsa. — Vai demorar mais, americano?

Louis desencostou do batente e caminhou até mim daquele jeito dele, marcando cada um dos passos. Ele me pegou pela nuca e puxou meu rosto para o dele.

— Não me provoque — disse, mordendo minha boca de forma quase agressiva; peguei em sua cintura e apertei com as unhas.

— O que você vai fazer quanto a isso? — desafiei, falando baixo assim que ele soltou meu lábio.

— Não me tente. — Ele se ergueu, indo para longe de mim. — Vamos. — Louis me virou e bateu de novo no meu traseiro, como se me incentivasse a andar. Eu precisava cortar aquele hábito.

— O que vai ser hoje? Sem seguranças? Onde está Henry?

Estranhei quando saímos do hotel e Louis pediu ao manobrista que trouxesse seu carro.

— Não pergunte o que não quer saber. Pense apenas que hoje seremos eu e você. — O jeito que Louis ajeitou os óculos escuros e me olhou por cima deles me fez subir um arrepio pelas costas, mas fiquei quieta e aguardei ao

seu lado.

Assim que o carro dele chegou, eu quase ri. Era exatamente igual ao do irmão, na mesma cor.

— O que é tão divertido?

— Seu carro e do seu irmão são iguais.

Louis não gostou do comentário.

— Não são. O dele é de um modelo anterior.

— E que carro é esse exatamente? — questionei. Entendia tanto de carros quanto a Luciana Gimenez de mecânica.

— Uma Ferrari 458. Ninguém sabe fazer carros, comida ou sexo como os italianos. Você deveria saber disso. — Louis me encarou por trás dos óculos escuros e eu coloquei os meus também, sorrindo desacreditada de que aquele carro potente, porém pequeno, fosse o suficiente para carregar a mim, Louis e o ego dele.

Enquanto Louis me levava até algum lugar, sabe Deus onde, ele descansou a mão na minha coxa e apertou bem em cima do meu joelho, chamando minha atenção.

— O que você comentava com Zola sobre não ter um bastardo? — O tom curioso de Louis me fez quase sorrir e desviar o olhar pela janela.

— Ele me arranjou pílulas do dia seguinte já que você pareceu não se importar com o fato de que eu poderia estar carregando um mini você ou uma mini eu por aí. Felizmente fez efeito, a menstruação está de vento em polpa. — Bati em cima da mão dele duas vezes, de leve, e continuei com a mão sobre a dele.

— Hm… — Ele ficou um tempo em silêncio. — E toda a amizade entre vocês?

— O que é? Não posso? — Encarei Louis com a sobrancelha erguida.

— Não. — Louis foi curto e grosso, me fazendo revirar os olhos. Deitei a cabeça no banco, não acreditando que Louis ainda estava com ciúme de Zola.

— Acredite, Zola não tem interesse em mim. Até seu irmão já deu em cima de mim enquanto Zola me trata como se eu tivesse bolas.

— E se não tratasse? Existiria alguma chance? — Louis me encarou, dirigindo sem olhar para frente.

— Louis, olha para a porra do trânsito! — Os carros estavam parados não muito a frente e ele acelerou, sem sorrir, sem me deixar ver seus olhos.

— Existiria? — O tom baixo e provocador me fez gritar a resposta

enquanto segurava o maxilar dele e virava para frente.

— NÃO, porra! Não! — Ele freou bruscamente quase em cima do outro carro e eu pude ver o sorriso que eu não gostava surgir. — Você é doente.

— Apenas descobrindo em que terreno estamos. — Ele parecia divertido, forçando o motor enquanto acelerava sem sair do lugar, apenas para se exibir, atraindo olhares dos pedestres.

— Seria mais fácil me perguntar, não? — reclamei, me ajeitando no banco.

Louis não me respondeu, apenas aumentou o som e continuou nosso caminho como se nada tivesse acontecido.

Quando paramos em frente ao prédio de tijolos vermelhos que eu já conhecia, encarei Louis sem entender.

Ele desligou o carro e eu soltei o cinto e me curvei, apoiando os braços no joelho enquanto procurava meu celular dentro da bolsa que estava no chão aos meus pés. Meus óculos escorregaram pelo nariz enquanto sentia Louis observar cada um dos meus movimentos. Estar ali dentro, sentindo o cheiro dele impregnado no carro e junto da vibração entre nós que parecia soltar faíscas, me fazia ficar alerta a qualquer coisa. Ouvi o som dele colocando o banco para trás, mas não me atrevi a olhar.

— Elizabeth... — ele me chamou baixo e eu ergui a cabeça para encarar o homem que havia tirado os óculos escuros. Uma das mechas do cabelo dele sempre queria ficar fora do lugar e era charmoso ver Louis ajeitar ela de tempos em tempos, tentando colocar para trás em seu penteado superarrumado.

— O que foi? — Apoiando o queixo no ombro enquanto olhava para ele por cima dos óculos, mordisquei as bochechas, fazendo bico. Os olhos castanhos de Louis pareciam mais claros no meio daquele dia acinzentado e ele era um belo contraste em preto no banco de couro claro.

Louis não me respondeu. A mão veio rápido demais sobre a minha nuca, a boca quase violenta sobre a minha, mas éramos nós. Eu não neguei, nem fugi. Não dava.

O homem me dominou em segundos e antes que pudesse pensar no que estava fazendo, já tinha passado do meu banco para o dele, sentando no colo de Louis enquanto minhas mãos passeavam por ombros, pescoço e cabelos. O rádio cantava algo sobre uma energia poderosa e eu tinha certeza que não havia no mundo algo mais forte do que a nossa. As mãos de Louis se

atreviam por baixo da minha blusa, tentando me segurar pela cintura enquanto me encaixava em seu colo de um jeito não muito confortável, me sentando de frente para ele. Nunca agradeci tanto pelo jeans ser de lycra. Quando minhas costas estavam apoiadas no volante e minhas pernas finalmente ajeitadas em volta de Louis, o filho da mãe desceu a boca pelo meu rosto, mordendo meu queixo, beijando o caminho para a base do meu pescoço conforme eu enroscava os dedos no cabelo dele, deitando a cabeça para trás, de olhos fechados, aproveitando cada toque, cada ação dele sobre mim. Louis me apertava com mais força, me fazendo soltar pequenos gemidos ou puxar o ar entre os dentes. Não tinha como transar ali sem ser uma completa bagunça e eu já estava pronta para dizer isso quando bateram no vidro.

Eu não sei como, mas me joguei para o banco do passageiro do modo mais ridículo possível e olhei pela janela de Louis, vendo uma mulher loira, com cabelos presos em um rabo de cavalo baixo e muitos brincos brilhantes nas orelhas.

— Relaxe, ninguém está vendo nada — Louis falou baixo, parecendo frustrado enquanto esfregava os olhos. — *Porca puttana*. — Ouvi Louis xingar enquanto me sentava direito no banco, e voltei a olhar para ele, pois a mulher bateu novamente no vidro. Louis olhava indignado para a janela, o volume nas suas calças extremamente visível me fazendo pensar no quão grata eu precisava ser por aquela mulher interromper nosso momento. Era uma merda não querer me controlar quando Louis vinha para cima de mim. De longe era fácil, mas cara a cara com o predador não tinha como resistir.

Louis olhou para mim e vendo que eu havia me recomposto, colocou os óculos escuros e antes da mulher bater mais uma vez no vidro, ele abriu até a altura do nariz.

— Posso ajudar? — O tom dele foi tão morto e grave que a mulher ergueu as sobrancelhas. Não sabia se por reconhecer Louis ou pelo medo de ter que encarar aquele homem.

— Eu não sabia que esse era o seu carro, senhor. Desculpe a intromissão — a mulher soltou, rápido demais, e ficou vermelha feito um tomate.

Enquanto Louis parecia dar uma bronca educada nela, encarei de longe um caminhão abrindo a porta traseira para ser carregado.

— Lizzie… Merda. — Louis virou para me chamar e seguiu meu olhar. — *Cazzo.* Venha, saia logo do carro. Esses idiotas estão adiantados.

— Por que você me trouxe aqui hoje? — Olhei sem entender e desci do carro, imitando Louis que andava a frente.

— Era para ser uma surpresa, mas aparentemente eu sou um fodido quando se trata de você.

Fiquei sem entender e segui Louis em direção à garagem traseira.

— Esse é o carregamento da Golden Book? — Louis gritou para os homens que começavam a se preparar para carregar o caminhão.

— Sim — um dos homens respondeu, ajeitando o boné na cabeça, olhando com desconfiança para Louis e para mim.

Foi então que eu entendi tudo.

Primeiro eu parei e chamei por ele de um modo quase afetado:

— Louis…

— O que foi, bambina? — Ele se virou e me encarou como quem era pego fazendo alguma travessura.

— Golden Book… — perguntei, erguendo as sobrancelhas e ele confirmou com um meio sorriso. — A livraria gigante na quinta avenida? — Minha voz saiu baixa e Louis parecia se divertir enquanto confirmava com a cabeça.

— Eu queria ter visto sua cara ao abrir a caixa com seus livros dentro, antes de você descobrir onde seria o lançamento.

Meu corpo formigava, parecendo que cada mordida do meu café da manhã havia se transformado em borboletas e elas dançavam em meu estômago, desesperadas para sair. Eu queria gritar, chorar, morrer e voltar à vida.

Meu livro seria lançado em uma das maiores e melhores livrarias da cidade. Era verdade.

Antes que me desse conta, estava correndo e me jogando no colo de Louis que, graças a Deus, me segurou sem cair.

— EU NÃO ACREDITO! — gritei enquanto abraçava o homem com toda força que tinha.

— Ok, na minha língua. Se estiver me xingando eu quero saber. — O tom divertido dele enquanto me ajeitava em seu colo só me fez ter mais vontade de comemorar e eu o beijei, sem me importar com a plateia ou com a situação toda, além de nós dois ali.

O tempo parou, quando pela primeira vez, Louis me correspondeu apenas sendo tão humano quanto eu.

Louis brincava com meus sonhos e planos, se enfiando em cada um

deles e se tornando uma peça chave, me fazendo pensar que, de uma maneira torta, o diabo estava incluso nos planos que Deus tinha para mim.

Quando nós finalmente paramos de nos beijar graças ao assovio de um dos carregadores, minhas pernas estavam ao redor da cintura dele e as mãos do homem seguravam minha bunda de uma maneira não muito ok para o lugar público.

Louis me deixou descer para o chão sem tirar os olhos dos meus e acariciou meu rosto em silêncio enquanto eu sorria sem conseguir controlar os músculos do rosto para qualquer outra expressão.

— Você ainda vai me matar — sussurrei para ele depois de um tempo.

— Talvez desmaiar depois de um orgasmo, mas matar, não. — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, juntou as mãos no meu rosto e selou os lábios nos meus. — Vamos logo, quero presenciar enquanto você vê seu sonho se tornando real — ele disse com a boca contra a minha. — E quem sabe, depois disso você acabe admitindo…

Eu ri, acariciando as costas das mãos dele.

— Nem fodendo. — Mordi o lábio dele e corri em direção ao caminhão, louca para pegar meu primeiro filho literário nas mãos.

***

Cheguei ao hotel tarde da noite.

Precisei expulsar Louis na porta do quarto como se fosse uma adolescente virgem cujo namorado atrevido tentava pular a janela no meio da noite, mas a verdade era que depois de um dia tão intenso ao lado dele, eu não saberia dizer não.

Louis havia sido o extremo de tudo, desde o cuidado ao tentar fazer uma surpresa boa, até me levar para almoçar, então ir comigo ver sua bateria nova e me mostrar como a cidade funcionava à noite em um restaurante *underground* escondido onde ele disse que, andando com Giovanna, eu jamais pisaria.

Eu já sabia que ele tocava, mas a imagem dele fazendo aquilo ainda não se formava perfeitamente na minha mente e eu queria assistir com meus próprios olhos a tal cena.

Mesmo com tudo aquilo, algo ainda parecia forçado sobre nós. Louis tentou o dia todo me forçar a dizer algo sobre ter sentimentos por ele e parecia se frustrar a cada vez que eu desconversava, ou jogava a vez para o colo dele, fazendo-o admitir primeiro.

A verdade é que quando caí na cama naquela noite, me ajeitei entre as cobertas limpas e pensei sobre Louis tentar me convencer a todo custo a ficar com ele em suas circunstâncias. Algumas coisas eram loucas demais e eu não me sujeitaria a ser apenas parte de uma estratégia maluca de Louis. Se ele quisesse terminar com Natasha, seja lá o que eles tinham, que eu não fosse o escape. Louis escondia algo sobre a noiva. A relação deles não podia ser tão superficial quanto ele dizia. Ela não ficaria tão afetada se fosse.

Me ajeitei melhor nas cobertas e fechei os olhos, finalmente pensando de forma mais clara e feliz sem aquele peso nos ombros porque, mesmo no meio da bagunça, as coisas começavam a andar de um jeito que eu conseguia acompanhar, sem precisar correr.

***

Acordei com Zola sentado ao pé da minha cama.

— Meu Deus, que invasão de privacidade… — reclamei, me cobrindo até a cabeça assim que vi o loiro com uma xícara na mão.

— Nada mais agradável que o som do seu ronco pela manhã. — O tom de zombaria dele me fez jogar uma das almofadas em sua direção. — Você tem compromisso. Precisamos almoçar com Louis e sua turma de negócios.

Descobri a cara e olhei para Zola.

— E o que eu tenho com isso?

— Marketing. Seu lançamento físico vai ser marcado hoje e precisam de gente interessada. É algo normal a se fazer.

— Se eu pudesse, aparecia de burca, cobrindo dos pés à cabeça. Adoro escrever, odeio o resto que isso implica. — Zola me ignorou.

— Outra, logo te aviso que vão te forçar a assinar o contrato de sociedade na editora. Eles precisam destacar seu nome, Liz. Sinto muito que não goste de holofotes, mas é tarde demais.

Levantei num pulo e esfreguei os olhos. Eu precisava mesmo voltar

para a realidade e encontrar um Louis homem de negócios?

— Me tire uma dúvida — pedi a Zola, que me deu atenção. — Louis sempre foi podre de rico assim com várias empresas e todo o resto?

— A Família sempre teve muitos negócios, mas desde que Louis ganhou sua parte dos negócios, ele multiplicou tudo numa proporção imperial. É por isso que ele chegou até aqui. Louis não é o mais querido, mas é agressivo de um modo inteligente nos negócios. Pelo menos era o que meu pai dizia.

— O que mais seu pai dizia sobre Louis? — Fiquei curiosa.

— Você não vai querer saber. — Ele desconversou e me entregou uma xícara que estava em cima da mesa. — Tome logo seu café para acordar, ou vamos nos atrasar.

Olhando na xícara e vendo meu chocolate quente, agradeci a Zola silenciosamente, pois eu odiava café e era uma benção não ser aquele suco de laranja horroroso de novo.

Assim que terminei de me vestir, olhei a produção no espelho e, ao receber um elogio de Zola, sorri. O vestido era preto e de um coral bem clarinho, com o comprimento indo um belo palmo abaixo do joelho. O salto preto combinava com a bolsa carteira e a maquiagem leve para o dia ajudava a esconder qualquer imperfeição que ainda restava no meu rosto. Coloquei sobre os ombros uma jaqueta de couro e quase bati em Zola quando ele passou por mim antes de ir para a porta, bagunçando meus cabelos que estavam secos e lisos. Eu estava quase acostumada com o comprimento curto.

— Agora parece um minion arrumado — Zola disse quando passei por ele para entrar no elevador e eu revirei os olhos. Era bom ter a autoestima em crescente, ainda mais naquela situação.

— Você acha mesmo que Louis vai me forçar a assinar aquele contrato? — perguntei dentro do carro.

— Você sabe melhor do que eu que sim. Resolvi avisar para tentar segurar a terceira guerra mundial e qualquer ataque que você possa ter no meio da reunião. Esse não é o tipo de gente que você vai querer dar motivo para não gostar de você. São eles que decidem se seu livro vai pra frente ou não.

Engoli seco, sentindo a pressão sobre os ombros e na base da coluna. Chegava a doer.

Tentei me acalmar durante o caminho, enquanto uma banda que eu não conhecia tocava alto no som de Zola, mas não deu certo. Assim que ele

me apontou aonde eu precisava ir, meu estômago afundou.

— Zola — chamei-o antes de descer do carro em frente ao restaurante. — E se eu fizer algo de errado?

— Só tente não bater em Louis. De resto, tenho certeza que vão adorar você, afinal de contas, todos amam os minions, certo? — O sorriso que o loiro abriu era tão divertido que não pude evitar e sorri de volta.

— Tenho certeza que se você lamber as bolas deles, também vai ajudar — falei.

O loiro gargalhou alto, balançando a cabeça e também descendo do carro.

Louis Luppolo

Estava realmente empolgado por aquele dia. Seria mais uma oportunidade de mostrar para Elizabeth até onde o meu poder alcançava, até onde eu podia ir. Quando Kira confirmou o almoço com dois jornalistas que eram velhos conhecidos e Richard Hodder, o atual responsável pelo marketing da livraria que Elizabeth havia namorado tanto em seus raros passeios livres pela cidade, o sentimento de acerto tomou o meu humor, me deixando o mais sociável possível. E isso foi bom, porque Elizabeth se atrasou por razoáveis minutos.

O restaurante escolhido era pequeno, uma boa cozinha italiana, e discreto o bastante para que ninguém ali saísse em qualquer capa de revista. Não era hora de marketing. Se Hodder não aprovasse Elizabeth, seria um grande problema descobrir quanto de dinheiro ele gostaria de receber para mudar de ideia bem na frente dela.

Por sorte, meus convidados tinham muito assunto, mas a conversa não reteve minha atenção até que ela chegasse. Eu a vi antes que ela me encontrasse com seus olhos curiosos que já vasculhavam o salão. Me levantei, com as mãos no bolso, me segurando mais do que pensei ser necessário para não a tocar, ainda mais a vendo vir em minha direção com tanto controle sobre os saltos. Precisava me lembrar de parabenizar Giovanna por ter investido em um novo guarda-roupa para Lizzie.

Depois de quatorze passos curtos, ela chegou até mim. Seus olhos não

se desprenderam dos meus por nem um segundo, e tive a impressão de que ela se segurava tanto quanto eu para não parecer íntima demais.

— Elizabeth — cortei o silêncio constrangedor. — Gostaria de apresentar alguns amigos. — Me virei para a mesa e indiquei cada uma das pessoas que se levantava. Eles morderam a isca logo, não só pela aparência dela, mas pela simpatia. Ela seria objeto de estudo por um tempo. Tentariam destrinchar Lizzie só por eu estar investindo um bom dinheiro nela.

Fazê-la brincar de dona de editora também era parte do jogo de manter a garota ali. Eu precisava de sua mente ocupada e de alguma segurança financeira para Lizzie caso algum dia me acontecesse algo. Mal sabia ela que eu a obrigaria a estudar. Não pude evitar segurar o sorriso quando pensei sobre aquilo. Ainda não era hora, precisava esperar, mas aconteceria.

Os jornalistas a encheram de perguntas sobre como ela estava vendo a oportunidade que eu dava. Como ela havia me conhecido era uma pergunta proibida na mesa, assim como qualquer outra coisa que a deixasse desconfortável.

Lizzie mal teve tempo de tocar na comida de tanto que falou e eu era, de longe, seu maior espectador. Ela se perdeu com algumas palavras, mas Margareth — a alcoólatra — a ajudou. No final, Lizzie desenvolveu o assunto tão bem que fiquei impressionado. Richard Hodder a olhava quase tão fascinado quanto eu.

— E então, Elizabeth. — Ele aproveitou a pequena pausa de Margareth e Sidney para ganhar a atenção dela. — Recebemos um exemplar seu na semana passada e temos interesse em fazer o lançamento dele em primeira mão. A Golden Book teria o maior prazer em te lançar oficialmente. — O homem sorriu para ela, simpático demais. Não gostei.

— Eu realmente agradeço muito!

— Não é nenhum esforço. — O homem foi interrompido por Sidney.

— Nós também recebemos o livro e podemos dizer que adoramos, mas Margareth e eu estávamos discutindo sobre quem vai ter a chance de uma primeira entrevista. Você sabe que o jornal para o qual eu trabalho é melhor… — Ele passou seu cartão por cima da mesa com o logo que fez Lizzie não conseguir disfarçar muito bem. Não gostei quando seus olhos procuraram por Zola e não por mim.

— E sobre você assumir a vice-liderança da editora? Estávamos conversando sobre o que Louis Luppolo viu em uma garota brasileira que diz

não ter tanto conhecimento no negócio para colocar nas mãos dela uma pequena parcela de uma nova aposta no mundo literário. — Margareth já havia bebido demais e passado do seu limite para falar aquilo.

— Eu não… — Lizzie começou a se enrolar e eu cortei.

— Uma empresa depende de números e eu já sou muito bom nisso. A parte literária do negócio precisava de alguém que pudesse escolher um bom material com sensibilidade e isso sobra em Elizabeth. Ela é a aposta certa, não só no meu negócio, como no de vocês. — Direcionei a conversa novamente a Hodder, e Margareth entendeu o recado, encolhendo-se.

— Então não temos mais porque adiarmos — Richard falou, aproveitando a deixa. — O lançamento pode ser marcado para a semana que vem?

— Totalmente. — Sorri torto, e selei o gosto da aprovação com o vinho escolhido por meu convidado de honra.

— Terça à noite? Um bom dia? — Richard perguntou, pegando seu celular e mexendo em algo sem me olhar. Provavelmente sua agenda.

— Acho que sim… — Elizabeth me olhou incerta.

Aprovei com a cabeça e coloquei minha mão sobre o colo dela discretamente, apertando sua coxa, aprovando sua postura por todo o almoço.

— Terça, então. Estou ansioso para trabalhar com você, Elizabeth. Louis, te passo os custos sobre os preparativos e todo resto mais tarde. Infelizmente tenho um compromisso agora. — O homem se levantou e então Elizabeth falou, me surpreendendo.

— Posso participar do processo? Ajudar a arrumar tudo?

O homem olhou para ela sem entender, e depois para mim, buscando alguma interferência. Eu não me intrometi. Se ela queria daquela forma, que fosse.

— Claro, posso ver sobre isso. — A equipe toda de Richard se levantou para segui-lo.

— Obrigada — ela agradeceu antes do homem sair, sorrindo para si mesma enquanto apertava minha mão sobre sua coxa.

Sidney e Margareth esperaram até estarmos sozinhos e então me olharam, sedentos. Larguei a mão de Elizabeth e coloquei ambas as mãos em cima da mesa, me curvando um pouco para que ninguém ouvisse o que eu tinha a dizer.

— Vocês vão cobrir o evento. — Era uma ordem. — Façam matérias tendenciosas, não deixem nenhum detalhe de fora. Quero destaque, nada de

últimas páginas. — Me dirigi a Sidney. — Prometo que sua próxima visita ao *The Hell* será recompensadora. — Os caras da mídia eram esquisitos. Aquele, no caso, gostava de garotos e quanto mais novos, melhor. — E Margareth, pode ficar tranquila quanto ao último problema que se meteu por dirigir embriagada… — Margareth havia atropelado uma garota três semanas atrás e me procurou, antes de qualquer coisa.

— Sem problemas, Don Luppolo — Margareth falou, desgostosa, antes de levantar e sair pelo restaurante meio bêbada, esbarrando nas cadeiras e quase trocando os pés.

— Irei ao *The Hell* em breve. Espero que Luca esteja ciente da sua proposta e dos nossos acordos.

— Ele sempre está. — Levantei o copo e brindei sozinho antes de terminar a bebida e ver Sidney partir.

— Você está comprando o marketing todo da coisa, é? — Lizzie perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— É assim que se faz negócio nessa cidade, bambina. Nada se vende sem uma boa propaganda. — Sem me preocupar com qualquer olhar curioso, peguei-a pelo queixo e aproximei o rosto do dela. — Em uma semana, eu não me espantaria de você ser a autora estreante dentro da lista dos mais vendidos do jornal mais famoso da cidade. — Sorri e selei os lábios nos dela rápido demais para que ela impedisse.

Ela se afastou, claramente incomodada por ter testemunhas do nosso contato físico.

— Não quero que tudo seja uma mentira. — Ela encarou o prato que mal havia mexido.

— Não vai. É apenas um jogo para que aconteça. Não se preocupe com isso e termine seu almoço.

— Como você faz essas coisas? — Ela parecia incomodada enquanto remexia em seu prato. Me atrevi a colocar a mecha de cabelo que cobria seu rosto atrás da orelha e respondi, quase rindo.

— Informação é poder, criança. Quando vai aprender?

— Quando me contar tudo o que envolve seu noivado, talvez… — Ah, não. De novo não. Me encostei na cadeira, bufando por não ter paciência para recomeçar uma discussão depois de tudo parecer progredir.

— O que quer saber? Não há nada demais para contar. Natasha é a única herdeira da máfia russa. — Quanto menos informação Lizzie tivesse, melhor. — E era isso que me interessava, mas agora, não mais.

— Então, você apenas quer colocar as vantagens de lado porque uma estranha diz que não vai transar com você caso ainda esteja compromissado? Esse não é você. — Os olhos semicerrados me acusaram, desafiando minha língua a contar a verdade. Talvez ela merecesse. Me incomodou ser pressionado daquela forma. Passei a língua de um canino a outro enquanto pensava em uma boa resposta.

— Talvez a Rússia não me traga tanta vantagem quanto a que eu contava…

— Ah, ótimo. Por acaso eu sou o escape desse tal contrato?

— Não comece. — Revirei os olhos ao ouvir o tom de Elizabeth. — Você sabe que é bem mais que isso.

— Pois é. Segundo Matteo, você começou uma guerra por mim. Existe prova de amor maior que essa? — A ironia dela me dava dor de cabeça.

— É isso que espera de mim, Elizabeth? — Me aproximei novamente, o bastante para ver cada um dos diferentes tons de verde em seus olhos. — Espera que eu te ame, bambina? — desafiei-a a responder, assistindo-a se aproximar cada vez mais, talvez pronta o bastante para me beijar em resposta do óbvio.

— Don Luppolo. — Henry surgiu do nada. — Desculpe a intromissão, mas o senhor vai se atrasar para a próxima reunião.

Eu não me movi nenhum centímetro, ainda mantendo os olhos de Elizabeth nos meus.

— Até depois, bambina. — Não pensei quando acabei com a distância entre nós, selando nossas bocas por alguns segundos antes de me levantar e ordenar a nova programação ao soldado que cuidava dela. — Zola, leve Elizabeth até a editora e então me ligue quando estiver sozinho. Tenho um trabalho extra para você.

Deixar minha criança para trás não parecia certo, mas não havia outra opção.

O caminho precisava ficar livre primeiro e todo e qualquer segundo com Elizabeth a colocaria em riscos.

No final daquele dia, conferi com Kira sobre as passagens de Bartek e as flores que pedi para enviar para Natasha como pedido de desculpas. Aparentemente, minha noiva havia ficado bem feliz ao postar nas redes sociais a boa parte do meu dinheiro desperdiçada em coisas que morreriam em breve.

CAPÍTULO 20

Louis Luppolo

Finalmente eu via algum progresso real. Elizabeth e eu começávamos a funcionar novamente e aquilo fazia tudo ser mais fácil. Agora, para o nosso bem e para que ela não tivesse mais o que me jogar na cara, esquecendo-se do que passou, eu só precisava que ela fizesse a plástica.

Apesar de gostar da ideia de Elizabeth ter suas cicatrizes, eu não queria que houvessem outras marcas além das minhas em seu corpo.

Eu tinha que ser o único de quem ela deveria se lembrar quando se olhasse no espelho.

Quando liguei para Palucci naquela manhã, logo depois de depositar uma pequena quantia em sua conta, o homem pareceu disposto.

— *Buongiorno.* — A conversa seguiu toda em italiano. Os velhos tinham essa mania.

— Como está, Don Luppolo? — ele me saudou, quase animado e já engatando seu discurso. — Meu gerente ligou a respeito da sua doação, e eu agradeço muito.

— Não foi nada. Espero que seu plano dê certo e nossos negócios sempre prosperem. — "E que você costure qualquer um dos meus homens quando for preciso", pensei.

— Eu espero o mesmo. A que devo a honra da sua ligação, amigo?

— Gostaria de falar sobre a garota que você anda vendo no *Four Seasons*… Gostaria de um parecer médico.

— Ela vai se recuperar. A infecção foi contida, já conferi a cicatrização dela e tudo está em progresso. Mais um mês e ela vai estar totalmente bem, mas o tratamento para que o corpo se acostume à falta do baço é um pouco mais demorado. Dois anos pelo menos, o acompanhamento tem que ser feito de forma correta e ela também vai precisar de algumas vacinas extras ao longo desse período.

— Ela tomou algumas logo que tudo aconteceu.

— Perfeito. Eu aconselho a levá-la até um especialista para acompanhar o caso.

— Ótimo. Existe algo que ela possa fazer para que melhore logo sua saúde? — Não queria correr o risco de ela ficar doente. A saúde dela era mais frágil do que ela pensava.

— Existem algumas precauções, mas em geral, emagrecer seria uma boa ideia. Garantir que ela siga uma dieta saudável vai garantir que o corpo trabalhe melhor no processo de cura.

— Vou cuidar disso pessoalmente. Outra coisa, você tem alguma indicação entre nossos conhecidos que seja bom o bastante para sumir com todas as marcas que ela ficou?

— Tenho. Inclusive, posso pedir para minha secretária marcar uma consulta e te poupar o trabalho, Don. — Adorava quando era bajulado.

— Seria bom. Gracie, Palucci.

— *Ciao,* Don Luppolo.

— *Ciao.*

Apertei a campainha sobre minha mesa e esperei por Kira. Ela levou menos de um minuto para entrar no escritório.

— Algum problema?

— Palucci vai mandar o contato de um médico, a consulta é para Elizabeth. Envie para Zola e explique sobre não contar nada para Elizabeth. Não quero que ela tenha muito tempo de pensar a respeito. Outra coisa, preciso que ligue no hotel e diga que estão proibidos de servir qualquer besteira para Elizabeth. Ela precisa começar a comer melhor e se preciso obrigá-la a isso, eu vou.

— Não concordo… — ela começou.

— Não interessa.

— Mas vou, don Luppolo — Kira provocou.

— Ótimo. Já separou os candidatos a assistentes de Elizabeth?

— Já. — Ela bufou e revirou os olhos. — Você sabe que seria extremamente inteligente me deixar cuidar dela também, não? Eu não ofereço nenhum risco a ela, muito pelo contrário. E posso cuidar de vocês dois, pelo menos agora no começo. Anna é muito competente e pode dar conta da parte empresarial daqui sem muitos problemas.

— *Va bene*. Vou pensar sobre isso e te respondo. — Kira seria mais uma influência boa sobre mim junto de Elizabeth, e ela era competente o

bastante para fazer seu trabalho e ainda cuidar de Lizzie. Era algo a considerar.

— Ótimo. Você tem uma reunião logo após o almoço, já envio para você a ata. Parece que alguns acionistas daquela empresa de voos nova querem te fazer uma proposta.

— Eu já tenho um avião. Me mande os dados da empresa também, se for um pequeno investimento em algo que vá crescer, talvez seja uma boa. Amanhã não marque nada depois do almoço, preciso ir resolver algo para a Mão Negra.

— Sem problemas. Vou ligar no hotel e esperar com uma câmera para ver Elizabeth quebrar sua cara. — Ela saiu rindo e eu ignorei.

Ainda era uma necessidade controlar Elizabeth e agora que eu a tinha de volta, seria a oportunidade per

***

O bordel mais lucrativo da Família era o *The Hell*. Por trás da fachada de *night club*, o prédio tinha três andares no subsolo onde cada cliente encontrava o que procurava, sem restrições ou julgamentos, com a vantagem de funcionar todos os dias, sem hora para fechar.

Eu mesmo fui frequentador assíduo dali por alguns anos. Nos últimos tempos era mais uma saída de emergência quando precisava de um certo tipo de adrenalina que não encontrava em sexo e violência separados. Isso rendeu uma conversa séria com Luca reclamando sobre não poder lucrar com cadáveres e que eu o devia. Ele tinha razão.

Eu e Luca éramos próximos, mas apenas o necessário para a convivência nos negócios e nas ocasiões em que eu era um cliente da casa.

Estacionei o carro, mesmo sob o protesto do manobrista de que a casa estava fechada ainda, e o surpreendi quando o mesmo reconheceu meu rosto.

— Don Luppolo, não sabia que viria hoje. — O garoto magricela engoliu em seco.

— Não arranhe a pintura. — Joguei a chave na direção dele e tratei de andar o mais rápido que podia para dentro da casa noturna. Não era bom para minha vida pública ser visto por ali horas antes da danceteria abrir.

O lugar era muito bem estruturado. Luca havia investido na ideia de

Dante de que o inferno tinha sete camadas e cada um dos sete andares acima tinha sua característica marcante.

O térreo servia apenas de recepção e os sete elevadores eram programados para parar em apenas um dos andares. Os andares inferiores só eram acessíveis por um código especial, fornecido a cada cliente VIP para poder abrir a porta e garantir total discrição sobre suas perversões. E como haviam pervertidos por ali…

Encarei os dizeres “Deixai toda a esperança, ó vós que entrais” sobre o grande espelho atrás de uma garota que fazia sua maquiagem na recepção.

— Estamos fechados — ela disse sem nem mesmo me olhar.

— Eu sei. — Me aproximei dela e ganhei sua atenção. A garota se atrapalhou quando finalmente colocou os olhos no meu rosto. — Tenho uma reunião com seu chefe, querida. Onde posso encontrá-lo?

— Louis Luppolo… — ela disse quase que para acreditar que eu era real. Aquela menina não tinha ideia do que acontecia ali, diferente do manobrista que já trabalhava na casa há bons anos.

— E então, Emilly. — Li em seu crachá. — Seu chefe?

— Ele está na área VIP — ela respondeu baixo, tentando se concentrar em seu trabalho. Sorri torto, a fim de instigar a reação idiota dela. Era bom para o ego. A menina que usava uma peruca vermelha como as paredes apertou os números do telefone sem desviar os olhos dos meus e avisou a quem estava do outro lado da linha. — Louis Luppolo está aqui.

Alguém respondeu algo e ela concordou, colocando o telefone no ombro antes de me dizer:

— Você pode descer, precisa de ajuda para encontrar o caminho?

— Não se preocupe. — Me afastei, indo em direção a porta discreta no canto escuro da recepção. — Sou um velho frequentador. — Quase ri quando digitei meu número, dado especialmente por Luca. Ele achava que 666 era uma combinação interessante comigo.

— A garota na recepção é nova? — perguntei ao cumprimentar Luca com um abraço.

— Não vá querer foder Emilly. Ela não faz ideia do que acontece aqui embaixo. Tenho ruivas naturais aqui, se é o que te interessa. Se bem que você já tem uma e corre dela como o diabo corre da cruz. — O som da risada de Luca era parecido com um trovão. Sua voz era profunda e grave, combinando com o peito largo e forte, os cabelos grisalhos e o rosto coberto por uma barba muito bem desenhada davam o ar de luxúria que era necessário para

fazer o que aquele lugar precisava para funcionar.

— Não é por isso. Só percebi quanto tempo faz que não coloco os pés aqui. — Me sentei na poltrona que ele ofereceu e esperei enquanto ele me servia da mesma bebida que tomava. — Dos Piscitelli ou dos Lazzarin? — perguntei quando Luca Matteucci me deu o copo.

— Piscitelli. Agostino Lazzarin não verá a cor do meu dinheiro nos próximos dois meses. O desgraçado anda falando merda pelas minhas costas desde que disse que abriria uma unidade do The Hell em Austin. Pau no cu dele. — As coisas com Luca eram muito abertas comigo. Ele se largou na poltrona ao meu lado e eu observei o lugar em volta. As luzes ainda estavam acesas e deixavam ver tudo com clareza. Aquele andar ainda era muito leve comparado as salas privadas no andar de baixo. Algumas garotas começavam a se aquecer no palco principal, mas o movimento de pessoas por ali era mínimo.

— E então, imagino que não tenha vindo até aqui para participar de uma orgia. Nenhum dos homens da sua última vez gostou, quem mandou você ter o pau de um maldito jumento? — Ele gargalhou e parou de repente. — Espero que não tenha vindo descontar nenhuma das suas merdas nas meninas. Cada uma vai valer três para você repor — ele avisou, completamente sério por trás do ar de brincadeira.

— Não vim foder ninguém, não se preocupe com isso por hoje. Queria conversar com você, *vecchio amico*. Como andam as coisas? Quero saber sobre como as coisas aqui estão fluindo, sobre as drogas… Os Callegari tiveram algum orgulho em exibir você sendo o maior comprador deles dentro da Família.

— Ah, Enzo anda dizendo aos quatro ventos que você os ofendeu, Don Luppolo. Eu não peguei tanta droga quanto seu pai. Pelo menos, não tanta heroína. Não é bom para o negócio, você sabe. Essas vadias ficam viciadas rápido demais e eu não tenho um estoque infinito de Narcan pra quando as overdoses acontecem. Ácido para me livrar do corpo acaba sendo mais barato. Outra que, Arone passou por aqui alguns dias atrás para dizer que a produção estava comprometida e que a remessa do mês que vem seria bem menor e com o preço alto. Pensei em reclamar, mas lembrei do velho pai deles e entendi que problemas poderiam ter acontecido. Ele prometeu que quando tudo ficasse bem, me daria um bom brinde e os meus clientes pagam o preço que eu quero pela droga. Saber fazer silêncio nunca rendeu tanto dinheiro antes. E eu adoro vender o meu silêncio para gente rica depravada,

não se ofenda.

Foi a minha vez de rir de Luca.

— Não me ofende. Fique tranquilo. — Matteucci havia acabado de entregar algo sem perceber. Os Callegari estavam diminuindo a droga fornecida para a Família para compensar em outro lugar, era a única explicação, já que eu só havia queimado os extras.

Quem era o maldito comprador?

Horas depois, quando saí do *The Hell*, a ligação de Bóris no visor do celular me lembrou que não podia correr mais.

— Olá. — Meu tom foi sóbrio antes de ouvir a voz dele ecoar pelo carro.

— Luppolo, Luppolo. Adorei o presente que mandou para minha filha. Por acaso com aquele mundo de flores e chocolates a data do casamento já foi marcada?

— Ainda estou com a agenda aberta, Bóris. Tenho alguns problemas que preciso resolver.

— Seu prazo é outubro. Não planejo estar aqui quando o inverno começar, Louis. Será um prazer ser bem recebido por meu genro e aproveitar as temperaturas menos glaciais da América.

— Está se convidando cedo demais…

— É seu prazo, Louis. Está avisado. Cumpra ou dê adeus ao mundo cibernético. Talvez você acabe encontrando problemas nos servidores das suas empresas. Já descobriu quantos dólares as pessoas perdem por segundo quando nós resolvemos fazer um trabalho? Posso demonstrar algum dia desses… — Ele não me esperou responder e desligou.

Bati as mãos no volante, xingando o maldito.

Não era um bom dia. Não mesmo.

Elizabeth Fabbri

Estava sentada, imóvel, lendo o contrato que haviam me dado em uma sala que nunca havia entrado na editora, acompanhada de Giovanna, dois seguranças dela que eu nunca havia visto a fuça e um advogado de meia idade, de sorriso fácil e fala difícil de entender.

O peso do ambiente parecia martelar sobre os meus ombros. Giovanna não tinha trocado duas palavras comigo e doeu muito mais do que o esperado. Ela era burra? Eu podia achar que sim, mas se me colocasse no lugar dela, talvez eu tivesse agido ainda pior.

Respirei fundo e mordisquei a caneta enquanto lia a minha cópia em português do contrato que eu já havia entendido que teria que assinar, me atentando às partes sobre divisão de lucros, achando absurdo a porcentagem que Louis queria me dar.

Ser alguém que sabia escrever, para basicamente ser alguém que escolhia material para uma editora e ganhar em um ano mais dinheiro do que tinha feito na vida era algo muito louco.

— Se eu entendi direito… Eu vou ser responsável por administrar os funcionários e escolher os próximos títulos… É isso?

— É exatamente isso. Nós vamos reestruturar as equipes e você vai cuidar da supervisão delas. Outra coisa importante, a senhorita vai precisar contratar uma nova secretária porque Betty se aposentou. — Lembrei da senhora gentil que eu conheci da primeira vez que botei os pés ali.

— Ok… — Fiquei quieta por mais um tempo, olhando o contrato que eu sabia ser apenas uma âncora para não ir para longe de Louis. O homem queria me prender tão forte perto dele e mal sabia que não precisava de nada daquilo. Duvidar do amor de Louis em uma hora como aquela era difícil, mas frente a frente, eu ainda tinha o pé atrás sobre o que ele realmente queria de mim.

Havia pensado o caminho todo até ali sobre o casamento, as desvantagens e todo o resto que Louis tentou esconder. Vê-lo escondendo as coisas me irritava tremendamente.

— Eu vou montar uma equipe para eventos aqui dentro também, e dizer ao meu irmão que esse prédio precisa de uma reforma. — O tom de Giovanna parecia cansado. — Estou assumindo o lançamento de Elizabeth na terça e não vou deixar nada de fora… — O modo como disse isso quase me deu esperança de que ela não estivesse mais magoada comigo.

— Sem problemas. — Respirei fundo, sem tirar os olhos dos papéis e finalmente tomei coragem, assinando tudo aquilo. O que meus pais diriam quando eu contasse?

Parecia que eu estava assinando o documento com sangue.

Assim que eu entreguei os papéis, me sentei direito na cadeira e o advogado se levantou.

— Nem todos os funcionários resolveram ficar aqui após a venda da empresa. Mas seria bom conhecer a cada um deles e pensar em um plano de ação para que os ares da mudança atinjam todos — o advogado orientou. — Se precisarem, posso passar no RH e pedir para alguém vir falar mais sobre o dia a dia do negócio.

— Adoraria. Gosto de saber com quem trabalho e quero que isso aqui seja um lugar onde as pessoas tenham prazer em vir. — Era verdade. Estava finalmente caindo a ficha de que eu era parte daquilo mesmo e se não fosse para entrar de uma forma expressiva no lugar, não seria algo meu. O advogado nos deixou e eu fiquei em silêncio com Giovanna.

— O que está planejando para a reforma? — perguntei, tentando puxar assunto.

— Você aprova a ideia?

— Claro que sim, o lugar precisa entender que as coisas mudaram. Se meu nome agora vai estar atrelado a isso, eu vou dar o meu melhor.

— Então eu vou indo. Vou conversar com algumas arquitetas que conheço e te mando mensagem caso alguma delas tope o projeto para o próximo mês. — Giovanna se levantou, pegando sua bolsa. A garota vestida em branco e rosa, por um milagre, estava sem salto.

— Ok… Obrigada.

— Até mais — Giovanna disse na porta, me deixando sozinha na sala enquanto levava seus seguranças embora.

Eu não fiquei preocupada, Zola havia me avisado que estavam vigiando o prédio e nada me aconteceria. Era raro eu colocar o pé para fora, mas meu corpo entregava fácil o medo que eu tinha de não ter ninguém me protegendo.

Passei as mãos pelo rosto, pensando em tudo até ali. Eu só tinha vinte e dois anos e tudo aquilo parecia demais para aguentar. Precisava administrar minha mente e esse era o plano da noite. Sentar com um maço de papel e organizar coisas que eu precisava administrar e ajeitar na editora, cursos que eu precisava fazer, equipes que eu precisava reestruturar depois de ver o perfil de cada funcionário… Aquilo ocuparia bastante a minha cabeça, junto do lançamento do livro, que eu queria participar de todo o processo, desde a parte de tirar da caixa e arrumar na prateleira, até escolher a caneta mais confortável para autografar caso alguém quisesse.

Meu Deus… autografar! Ri sozinha, lembrando de Isabella dizendo que ia guardar algumas assinaturas minhas e vender no eBay quando eu me

tornasse uma escritora famosa. Bom, se tudo desse certo, talvez ela conseguisse dez dólares por um rabisco no papel.

Assim que a mulher latina e baixinha se enfiou pela porta, dizendo que seu nome era Mary e que era a responsável pelos funcionários, eu assumi uma postura nova, sugando tudo o que conseguia entender da mulher, sobre cada um dos rostos que ela me mostrou, sobre os pagamentos e desenvolvimento das equipes. Eu faria aquilo dar certo e não apenas por Louis confiar em mim o bastante para me enfiar na jogada, mas sim porque aquilo era a realização de um sonho. Era meu e de mais ninguém.

Zola me pegou quando a noite caiu. Eu e Mary ficamos amigas em pouco tempo e ela agradeceu minha vontade de mudar as coisas, incluindo a reforma. Era nítido que o lugar precisava de cuidado, algumas luzes queimadas e a pintura gasta não faziam o ambiente convidativo. A bagunça em algumas salas também era assustadora e aquilo era algo que eu precisava pôr em ordem.

Assim que cheguei ao hotel, sentindo o cansaço pegar meu corpo, tentei não me render. Coloquei o som no último volume e mandei uma mensagem para Zola:

“A não ser que queira me ver pelada, não se atreva a entrar no meu quarto nas próximas horas.”

Isso seria o bastante para manter meu amigo longe.

“Esteja vestida logo cedo. Você tem consulta médica.”

Ele respondeu.

Arranquei a roupa no meio do quarto e caminhei até o banheiro, disposta a me encarar e ver o estado do meu corpo. Eu precisava ficar bem, inteira novamente e aquele era um novo passo. Eu queria que tudo desse certo e faria o que pudesse para isso.

Quando finalmente me encarei no espelho, agradeci pela cicatriz na barriga estar bem. Os pontos haviam sido retirados há pouco tempo, mas a ferida estava seca e parecia saudável. As marcas sobre os meus seios ainda me deixavam abalada, mas eu já havia comprado o ácido para usar quando não houvesse mais nenhum machucado cicatrizando por ali.

Virando de costas, o coração quase rachou novamente. Aquilo era tão

horrível de ver…

Eu, literalmente, carregava nas costas o preço de tudo aquilo que estava vivendo. A inicial da garota que eu não conhecia e não fazia ideia de quem era, era a parte mais feia dos machucados. Os cortes aleatórios pelas costas já estavam quase bons. A base da coluna, com aquele W horrível reforçado me fez fechar os olhos e respirar fundo.

— Já passou. Você sobreviveu duas vezes. Você está bem — falei alto para que minha alma também ouvisse e pudesse gravar.

Finalmente estava me curando bem e aquilo só provava que eu podia recomeçar.

Só o que está vivo cicatriza, aquela era a prova. Eu sobreviveria.

CAPÍTULO 21

Elizabeth Fabbri

No início da madrugada, sentada apenas de camisetão e calcinha, estranhando que minha menstruação estava quase no final e minha vontade de comer doce estava quase me fazendo lamber a parede, liguei na recepção do hotel.

— Boa noite, eu gostaria de dois *waffles* com nutella. — Eu havia ficado viciada naquilo.

— Ah, senhorita Elizabeth, certo? — a moça do outro lado da linha perguntou.

— Isso mesmo — confirmei.

— Infelizmente não posso atender a esse seu pedido. O senhor Luppolo restringiu seu acesso à cozinha. Existe um cardápio para a senhorita e olhando aqui, o que posso te mandar neste horário seria alguma fruta. A senhorita gostaria que eu mandasse alguma?

Eu parei por um segundo, encarei o telefone, me dei um tapa na própria cara e perguntei de novo:

— Como é?

— A senhora gostaria de alguma fruta?

Eu nem respondi, bati o telefone na base com toda força que tinha e me joguei na cama, gritando contra o travesseiro.

Que merda Louis achava que estava fazendo controlando até o que eu comia?

Nem fodendo!

Eu coloquei uns shorts, meti o pé no chinelo e saí do quarto, apenas com o cartão em um bolso e o celular no outro.

Bati na porta de Zola sem parar até ele abrir e quando ele me viu, deu risada.

— O que está acontecendo? Onde pensa que vai desse jeito?

— SEU CHEFE CUZÃO TEVE CORAGEM DE TENTAR

CONTROLAR O QUE EU COMO! — berrei. — Se você quiser me acompanhar, estou indo comprar todo tipo de besteira disponível nessa rua. Você tem o tempo do elevador chegar para se decidir. — Virei as costas, puta da vida, e pisando duro até o elevador. Em menos de dez segundos, Zola estava abotoando a camisa, todo descabelado, ao meu lado.

— Você podia ter pedido uma banana pela recepção, não é disso que minions gostam?

— Vou pedir uma para meter no seu cu e outra para Louis. Que ódio! Quantos anos ele acha que eu tenho?

— Pela sua altura? Eu diria que uns doze. — Zola achava divertido, era nítido ver.

— Não tem graça, Zola! Ele não é meu pai e mesmo que fosse, meu pai nunca me proibiu de comer o que eu quero.

— Ele está pensando na sua saúde, Liz…

— Ele tem que cuidar da vida dele. Só porque eu sou gorda quer dizer que não sou saudável?

Indaguei, saindo do elevador assim que ele chegou no térreo.

Arrastei Zola até achar um lugar aberto e me enfiei na primeira farmácia que encontrei.

Eu achava o máximo você encontrar tudo, menos remédio, nas gôndolas das farmácias americanas.

Assim que fiz o maior carregamento de besteira da vida, com uma quantidade escrota de doces e outros tipos de porcarias, voltei para o hotel. Não deu meia hora a ida e a volta, mas Zola me acompanhou até o quarto, me ajudando a carregar as sacolas.

— Você não vai comer tudo isso sozinha, vai?

— Não. Você pode comer uma parte disso se quiser, mas antes… — Joguei tudo o que havia comprado, tirei uma foto e encaminhei para Louis com um emoji de dedo do meio. — Pronto. A raiva quase passou.

— Espere até amanhã — Zola opinou enquanto se espreguiçava.

— Amanhã o quê? — Tentei descobrir o que era, mas o loiro passou a mão em um pacote de salgadinho e em uma barra de chocolate, e correu para a porta do quarto.

— Boa noite, Elizabeth. Não durma tarde.

Taquei o chinelo em Zola, mas ele fechou a porta antes que o atingisse e eu ri.

Não queria pensar no amanhã. Tinha uma madrugada cheia de

trabalho pela frente, superacompanhada de m&m’s e de uma ameaça.

Assim que botei os olhos no celular, Louis havia respondido.

“Vou dar um jeito nisso.”

Pela primeira vez, eu não tive medo.

Daria na cara dele, mas não seria controlada a esse ponto.

Chegar ao consultório foi esquisito. Havia uma porção de quadros de mulheres perfeitas nas paredes brancas, os móveis, também brancos, tinham parte de metal reluzente e pela primeira vez eu entendi que branco nem sempre era doentio, pois ali dentro, a coisa era extremamente clássica.

Zola e eu contrastávamos na sala. Ele com seu terno cinza e eu com meus jeans e camiseta preta.

— Elizabeth Fabbri? — a recepcionista chamou pouco depois de Zola ter conversado com ela. Eu ergui os olhos para a mulher de cabelos perfeitamente penteados para trás e corpo esguio, e ela sorriu de forma robótica. — Por aqui, por favor.

— Você vem? — perguntei para Zola e vi, por um segundo, a dúvida em seus olhos.

— Vou.

Meu amigo se ergueu e me seguiu até a porta que a mulher da recepção segurava aberta.

Assim que entramos, a porta se fechou nas nossas costas e eu me atrevi a olhar para trás.

— Olá, Elizabeth. Olá, Zola. Só estou terminando uma coisinha rápida. Sentem-se, por favor. — O homem esbelto e muito bonito nem mesmo nos olhou, mas eu pude observá-lo muito bem enquanto chegávamos perto da mesa. O olho claro era envolto por cílios pretos e grossos, o nariz era muito desenhado e o cabelo perfeitamente arrumado como o do Superman. Quase ri da comparação.

— Olá, Derick, como vai? — Zola não estava à vontade e pelo primeiro segundo eu me questionei de o porquê ir até um lugar se todas as vezes um médico me atendia no hotel. Mesmo que nada simpático, eu já estava acostumada.

— Muito bem. — O homem levantou a cabeça e pela primeira vez me olhou. — E você, Elizabeth? Como vai?

— Bem…

— Eu dei uma olhada nos seus exames. Louis é um amigo muito estimado, imagino que para nós dois. — O homem piscou, mas não era de

forma maldosa e esse foi o único motivo para eu não sair dali. — Ele me enviou tudo o que tinha sobre seu histórico médico. Eu vou pedir alguns exames para garantir que sua saúde esteja ficando melhor do que antes, mas quero examinar você para ter real noção de como está sua cicatrização e, pelo que comentaram comigo, você também teve início de uma infecção, certo?

— É, mas tomei os remédios direito, estou me sentindo melhor, menos dolorida. Minha pele também parece ter começado a cicatrizar melhor agora.

— Muito bom… — O homem se afastou da cadeira e se levantou. — Se importa de ir até aquele banheiro e se trocar? Depois vá para trás da cortina, por favor.

Me levantei, deixando a bolsa na cadeira e indo até o banheiro. Coloquei o avental esquisito, mas não tirei a calcinha, o que evitava qualquer um ver minha bunda.

Saí do banheiro sem nenhuma vergonha de Zola, mas ele era inteligente o bastante para não me olhar e eu caminhei até onde o médico havia mandado.

Assim que me sentei onde o homem indicou, o mesmo veio até mim e pediu licença ao desamarrar o laço que eu havia dado no tecido descartável.

— Como tem se sentido? Me contaram que você não é de sossegar. — O médico disse, analisando a pele dos meus seios. Era estranho demais ter um homem desconhecido me tocando e eu fiquei olhando para o teto durante o processo.

— Tenho tentado ficar um pouco mais quieta, não abusando tanto…

— Ótimo. — O homem desceu as mãos para minha barriga, abrindo bem a pele da região e olhando a cicatriz dali. — Você realmente precisa cuidar para não ficar doente por agora. Daqui um tempo seu fígado vai compensar a função do baço e sua imunidade não vai ser mais tão frágil, mas até lá, tem que se cuidar. — O homem se ergueu e eu baixei os olhos para os dele. — Posso ver suas costas?

— Por que não? — Me deitei de bruços e tentei não olhar para o rosto do médico.

— É, você passou por alguns bocados, não é?

— Não acreditaria se eu contasse. Como está? Muito ruim ainda? — Pude sentir Derrick tocar nas minhas costas.

— Por enquanto, sim. Está tendo descamação em volta das suturas e isso significa que você teve deiscência no meio da cicatrização. Evite tomar

banhos muito quentes, quanto menos molhar as costas, melhor. Já não existe tanto risco quanto antes, mas mesmo assim eu vou te receitar alguns antissépticos que vão ajudar no processo. Pode se cobrir. — O médico se afastou e começou a lavar as mãos em uma pequena pia que tinha ali enquanto eu colocava o avental que não cobria nada. Assim que o homem me viu de pé, falou. — Logo você estará cem por cento e poderemos então dar início a próxima etapa. Fique tranquila, Elizabeth.

— Que próxima etapa?

— A qual eu sou especialista. Cirurgia plástica. — Ele sorriu como se fosse algo óbvio e foi se sentar, me deixando com cara de tacho atrás da cortina.

Primeiro eu quis gritar, depois socar alguém e então tive vontade de chorar.

Louis estava controlando minha comida, agora queria mudar meu corpo.

Eu já não havia tido essa discussão antes? Já não havia dito não? Louis achava que eu havia mudado por algum segundo? Que poderia me domar apenas se fingindo de surdo para as coisas que eu falava? Eu não deixaria aquilo barato.

Por que ele queria tanto me mudar? Se ele gostava de mim, por que mexer em tudo?

Demorei mais do que o esperado para sair de trás da cortina que dividia a sala, mas assim que saí, Zola percebeu as lágrimas no meu rosto e soube que, muito mais do que raiva, havia ressentimento ali.

Saí do banheiro e ignorei meu melhor amigo traíra, que podia ter me avisado sobre aquilo, olhando apenas para o médico.

— Doutor, por acaso você tem algum amigo ginecologista para uma consulta de urgência?

— Tenho sim. Para falar a verdade, dois andares abaixo. Posso pedir para darem uma olhada na agenda.

— Peça, por favor. Ofereça o triplo pela consulta caso ele diga que não tem vaga e coloque na conta de Louis. Ele não vai se importar.

O médico olhou primeiro para Zola e quando o loiro concordou, ele nos pediu um minuto para falar com a secretária.

Quando ficamos sozinhos na sala, o silêncio constrangedor tomou conta.

— Zola… — disse seu nome como uma mãe que chama atenção do

filho.

— Me desculpe, Liz. Eu avisei que era uma má ideia. — Zola estava quase se enfiando dentro da cadeira.

— Péssima. Péssima ideia — corrigi.

— É apenas uma avaliação, se você não quiser... — ele tentou argumentar, mas o parei.

— Nem comece. Eu já tinha me decidido sobre isso, não vou mudar de opinião agora. — Peguei minha bolsa e me virei quando o médico chamou.

— Elizabeth, se quiser, ele tem um horário vago agora mesmo.

— Ótimo, doutor. Obrigada. Será que você também pode me dar os exames? — Tentei não ser mal-educada com o homem que não tinha culpa, mas tinha certeza de que ele deu graças a Deus quando saí da sua sala e entrei no elevador.

— Por que um ginecologista?

— Porque preciso confirmar que não vai ter um baby demônio dentro de mim e de uma forma que evite qualquer possibilidade disso.

Depois de uma hora dentro do consultório, sendo examinada e contando sobre a última transa problemática, o médico loiro e baixinho que parecia usar peruca me pediu para fazer exame de sangue na semana seguinte e voltar ao consultório para poder descobrir se estava ou não carregando algo dentro de mim.

— Você não me parece grávida, seus hormônios estão uma bagunça por tudo o que passou e ainda mais tomando uma pílula do dia seguinte. Podemos fazer um exame completo e caso você esteja bem, podemos seguir com algum método anticoncepcional que te agrade.

— Não. Eu preciso de uma certeza antes disso. O que eu posso tomar que faça o útero descamar e se limpar por completo?

— Está falando de aborto? — o homem perguntou um pouco baixo.

— Estou falando de uma solução rápida bem agora. Uma certeza.

— Não. Vamos esperar mesmo. Remarque para daqui duas semanas, eu realmente não acho que você esteja grávida, Elizabeth. — Nem direito de mandar na porra do meu útero eu tinha.

Levantei, não muito feliz, remarquei a consulta na data que o médico mandou e com as guias dos exames dentro da bolsa, fui embora com Zola nos calcanhares.

— Quais são os planos para o resto do dia?

— Agora nós vamos almoçar e depois iremos até a editora. Você precisa de uma secretária, temos alguns nomes e currículos interessantes. — Zola me mostrou a foto de uma das candidatas, uma ruiva maravilhosa.

— Já estou dispensando só pela cor do cabelo — brinquei e olhei o resto da lista. Eram dez pessoas com excelentes currículos. Eu estava fodida.

Tentei mergulhar no trabalho durante a tarde, mas para minha sorte, tudo o que eu propunha, tinha que passar pela aprovação de Louis. O ponto alto do nervoso foi quando eu finalmente escolhi minha assistente. Jane tinha um currículo maravilhoso e queria crescer, mas até para escolher minha secretária, Louis teria que aprovar.

— Onde está esse filho da puta para eu enfiar o meu pé dentro da bunda dele? — Xinguei enquanto mandava mais uma mensagem para o bendito. Louis estava atrasado, ele deveria ter aparecido no começo da tarde para poder seguir comigo, mas já havia se passado cinco horas desde que eu havia colocado os pés ali e nada dele. Não podia acreditar que ele havia me deixado na mão, ainda mais se tratando de um negócio dele.

Tentei ligar para Louis e nada, também. No final das contas, eu resolveria tudo o que precisava ali e depois só pegaria a maldita aprovação dele.

“Meu Deus, como eu fui virar empregada dele nesse nível?”, perguntei-me.

Me sentindo desgostosa e incomodada, encerrei a última reunião com a equipe de designers e saí do prédio quando Zola ligou avisando que Henry estava esperando.

— Por que você não está aqui? — perguntei, estranhando Zola não me buscar.

— Precisei cobrir uma das escapadas de Giovanna. Ela pensa que vai conseguir fugir, mas existe toda uma equipe para manter essa falsa liberdade.

— Vocês sabem que isso é muito errado, não?

— Ordens são ordens, Lizzie. Qualquer coisa que precisar, me ligue.

— Ok...

Havia um fogo dentro do meu peito pelo ódio que estava sentindo de Louis; nada poderia apagar.

— Que merda de dia. — Entrei do lado do passageiro e reclamei batendo a porta.

— Boa noite, senhorita Fabbri.

— Boa noite, Henry. Onde seu chefe passou o dia? Sério, eu estou

louca para meter a mão em Louis.

— Não se preocupe, a senhorita vai encontrá-lo muito em breve.

— Ótimo… vai ser maravilhoso quebrar o pau antes de dormir.

Fechei os olhos, encostando a cabeça contra o banco do carro, treinando mentalmente para a briga de gigantes que teria.

Eu só não contava com nada daquilo.

Henry me deixou subir sozinha pelo elevador, colocando a digital dele no sensor antes de me deixar ali.

— Senhorita, o Don não teve um bom dia hoje.

— Ai, Henry, me poupe. Ninguém teve um bom dia.

— Espero que vocês se acertem — Henry falou com o tom sincero e eu respirei fundo, vendo o segurança bonitão ficar para trás.

Louis teria que olhar na minha cara e dizer o motivo de querer me mudar. Se eu era tão valiosa para ele a ponto de fazer tudo aquilo por mim, por que diabos ele queria tentar me consertar? Por acaso era só isso que eu era? Um corpo interessante ao qual ele metia o pau e acabou? Não… Aquilo não dava.

Assim que o elevador parou no último andar do prédio, eu saí e logo no hall pude ouvir o som alto da bateria. A porta do apartamento enorme estava aberta e eu não precisei tocar a campainha, apenas entrei.

O som era ensurdecedor, mas tinha ritmo, fúria e agressividade em cada batida.

Esse era Louis em versão musical.

O som ficou mais alto no último andar, o que eu nunca havia visto e chutava ser o dos quartos. Caminhei com cautela até finalmente achar Louis em um espaço onde só cabia a bateria e ele.

Louis estava sem camisa, o peito suado, batendo forte contra o instrumento. De olhos fechados, extremamente concentrado, a boca ora se mantinha em uma linha reta, ora era como se Louis fosse um felino mostrando as presas. Se eu já não fosse apaixonada por aquele desgraçado, provavelmente teria me apaixonado ao ver aquilo.

Os fones de ouvido do homem estavam no meio da bagunça molhada que era o cabelo dele e por um segundo, eu esqueci que tinha ido até ali para brigar.

Poderia passar o dia todo assistindo aquilo, Louis se colocando para fora da forma mais expressiva que eu já havia visto.

Eu estava lá, parada fazia sei lá quanto tempo, observando o peito

musculoso e cheio de roxos de Louis subir e descer rápido, a respiração intensa dele controlar o resto dos movimentos, sentindo dentro de mim a vibração do som que ele produzia. Tudo era intenso demais quando se tratava dele no meu mundo pequeno e bagunçado.

Foi então que ele abriu os olhos, me encarando como se soubesse o tempo todo que eu estava lá, e para minha perdição, ele sorriu de uma forma quase diabólica, erguendo as sobrancelhas e logo passando a língua entre os caninos.

— Bem-vinda a sua nova casa — Louis disse, quebrando o silêncio e fazendo meu estômago tremer.

Amar o diabo nunca foi tão fodido.

***

— Nova casa? — perguntei, cruzando os braços em frente ao corpo, observando o homem se levantar e pegar a toalha de banho próxima.

— Onde você pensa que vai ficar depois de me desobedecer tanto? Se preciso te prender debaixo do meu teto, que seja — ele falou com descaso enquanto se secava, e como se fosse a coisa mais normal do mundo, se virou e saiu andando.

— Você só pode estar brincando... — Louis entrou pelas portas escuras no final do corredor.

Tomando coragem, segui o homem e parei no portal. O quarto era imenso.

O piso era opaco e escuro, e havia uma jacuzzi perto das janelas, que me trouxeram uma saudade dolorida do nosso quarto de hotel. Os vidros iam de cima a baixo e exibiam uma vista maravilhosa da cidade lá embaixo, eu quase pensei poder ver São Paulo de novo.

Louis colocou uma camiseta branca que contrastava com o moletom preto que usava, caminhou para dentro do cômodo e parou em frente à cama de casal imensa, onde minhas malas estavam.

— Espera aí — falei baixo, dando dois passos para dentro do quarto, ainda desacreditada. — Você pegou minhas coisas? — Meu tom saiu esganado.

— Peguei — Louis respondeu de forma natural e eu não pensei duas

vezes, avancei para cima dele, pronta para meter a mão da forma mais dolorida que pudesse bem no meio da sua cara. Esse devia ser o meu diferencial, Louis adorava tomar uns tabefes.

Assim que me aproximei, erguendo a mão, Louis foi mais rápido, me pegando pelos braços e jogando meu corpo na cama, logo vindo por cima, prendendo meu corpo com o dele.

Louis estava extremamente quente, o cheiro dele parecia sufocante sobre mim, mas isso só me fez ter ainda mais ódio. Me debati, tentando soltar minhas mãos para empurrá-lo, mas não dava e para piorar, ele começou a rir da minha tentativa.

Era demais até para mim, então parei de lutar e, como se tivesse dez anos de idade, comecei a chorar.

Ele parou, me encarando enquanto eu tentava esconder o rosto, me sentindo tão humilhada.

— Estou te machucando? — Louis perguntou depois de um suspiro, diminuindo a força com a qual me segurava.

— O tempo todo! — explodi, aproveitando para tirar o homem de cima de mim e me levantar. — É a única coisa que você parece saber fazer! — gritei. — Qual é o seu prazer nisso, Louis?

— Eu estou tentando cuidar de você — ele falou aquilo como se fosse o bastante como desculpa para toda atitude idiota.

— Cuidar? Como você se atreve? Sério! Sua cara de pau merecia um prêmio por ser a mais bem lustrada — acusei, tentando limpar as lágrimas.

— Por que você está chorando, criança?

— VOCÊ REALMENTE NÃO IMAGINA O MOTIVO? — Perdi o controle. — Por você ser um idiota, maníaco por controle que faz questão de saber cada passo que eu dou, escolhendo onde meu pé vai pisar. Por você me tirar do meu sossego e, depois de tudo o que fez comigo, se atrever a me mandar até um cirurgião plástico, sabendo que eu não quero. Qual é o problema? Não aguenta ver o que o seu amado negócio me fez? Não aguenta enxergar que a mulher que você se atreveu a dizer uma vez que estava apaixonado, não é perfeita? Por que quer controlar o que eu como? Por acaso eu ser gorda é algo que te incomoda? E ainda é gordofóbico pra caralho! Eu não preciso de médico por ser gorda, eu preciso de um médico porque perdi um órgão e fui torturada, caralho! Um mês atrás você me fez acreditar que me enxergava até quando eu era invisível, mas hoje, acredito que seja uma bela distração desse seu mundo fodido. Você não vai me mudar agora, Louis.

Não mudou antes, e não vai ser me entregar um emprego falso que vai mudar algo. Se queria realizar meus sonhos para poder comprar o resto do pacote, você anda errando feio. Eu não posso nem mesmo escolher quem vai trabalhar comigo? Você vai ficar me fazendo de idiota até quando? Parece que sou a criança que você entregou o controle sem pilhas da televisão. É muita palhaçada para tão pouco tempo. Eu não posso, não dá mesmo. Rasgue a merda do contrato, cobre uma multa absurda, faça o que quiser, mas eu estou farta disso. De você, dos seus jogos e manipulações… Das suas armações todas e, principalmente, desse cabo de guerra adolescente sobre quem aqui está tendo sentimentos um pelo outro. Você sabe que eu não estaria nessa porra de país se não tivesse, mas chega! Amor próprio também é importante e se você não tem o mínimo respeito por mim, eu tenho.

Dei a volta na cama, com o peito ardendo por tudo o que havia colocado para fora junto das lágrimas e fui pegar minhas malas. Elas agora eram quatro, por causa de todas as coisas que tinham sido compradas com o dinheiro dele.

— Aonde você pensa que vai? — O homem estava como uma sombra atrás de mim, os braços cruzados sobre o peito. Ouvimos um trovão que anunciou chuva lá fora.

— Para o hotel, onde mais? Achou que eu ia passar a noite aqui depois dessa palhaçada toda?

— Você não tem mais uma reserva no hotel e não vai sair na chuva. — O tom seco e frio quase me deu uma pontada de desapontamento.

— Eu não vou ficar aqui, Louis. Que parte disso você não entendeu? — desafiei o homem, me virando completamente para ele e erguendo as sobrancelhas. — Amanhã eu compro a primeira passagem de ida e vou embora.

— Está falando de largar tudo para trás e voltar para o Brasil? — Ele parecia não acreditar, mas eu faria.

— É exatamente isso. Se é assim que me livro de você e do seu mundo, é isso que eu vou fazer. — Eu nem esperei ele começar o discurso. Tentei pegar a mala mais pesada e pensei em como desceria tudo aquilo sozinha para pegar um táxi.

— Você não pode estar falando sério. — O homem veio na minha direção, a respiração dele parecia intensa, o calor do corpo dele me fez recuar. — Eu não fiz tudo o que fiz para você ir embora agora. Eu não vou deixar. — Louis foi me prensando contra a parede, prendendo meus olhos

nos dele enquanto eu me encolhia.

— Como foi mesmo que você disse para Natasha? Assista e aprenda. — Empurrei Louis sem dó para longe. — Vá investir na sua noiva, queridão.

Peguei a mala pesada e saí puxando pelo corredor, sentindo meu coração quebrar a cada passo que eu dava, como se estivesse pisando em cacos de vidro. Não podia nem mesmo me dar ao luxo de desmoronar ali. Segurei com firmeza todo aquele peso e desci o primeiro lance de escadas. Parei por um segundo para descansar as costas e encarei a tempestade que caía lá fora, deixando a vista da cidade deformada.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, as mãos dele vieram pela minha cintura e então pela minha barriga. Será que sempre seria essa batalha interna? Como eu gostaria que fosse simples, que fosse suave e doce. O corpo dele se colou ao meu e eu senti quando o homem encostou o queixo contra a minha cabeça e suspirou.

— Não vá embora hoje… — Eu conhecia aquele tom.

— Vai me obrigar a ficar? Vai se ajoelhar e dizer o quê? Que me ama?

— Não. Eu estou pedindo apenas para que você se acalme. — Ele me apertou ainda mais contra ele. — Eu não sou o seu único vínculo aqui, Elizabeth. Pense direito… Você não precisa ficar no mesmo quarto que eu…

Respirei fundo, de olhos fechados, sentindo o homem tremer enquanto tentava manter seu controle sobre ele e sobre mim.

Me virei para Louis lentamente, demorando a deixar meus olhos sobre os dele enquanto me concentrava em cada parte de seu corpo.

— Você não pode ser tantos em um só. Eu não sei se consigo gostar de todas as suas versões, Louis.

— Tente. Ame ou odeie esse diabo desgraçado, mas não vá embora ainda. — Ele juntou a testa na minha e suspirou.

Ficamos ali por um tempo que eu não soube calcular, com Louis me segurando pela cintura sem se mover nenhum centímetro e eu com a mão sobre o seu peito, sentindo seu coração bater forte.

— Desculpe incomodar, Don. O quarto da senhorita Elizabeth está pronto. — Eu me lembrei daquela voz. Edgar estava de roupão sobre os pijamas e ainda conseguia manter a classe. Eu gostaria de saber como um homem tão idoso dava conta daquele sobe e desce de escadas.

— E então. — Louis se afastou, me encarando com os olhos demoníacos, castanhos em um tom avelã que me fazia não ter muito juízo. —

Você vai ficar?

Fechando os olhos, sabendo que podia estar fazendo mais uma das milhões de escolhas erradas que já tinha na conta, balancei a cabeça de forma positiva.

— Apenas por hoje, mas nada mudou. — Me soltei de Louis e peguei minha mala, seguindo Edgar pelo corredor.

— A senhorita faz bem em ficar — o homem idoso me disse quando estávamos sozinhos.

— Não tenho tanta certeza assim — falei, encarando o quarto de visitas quase tão confortável quanto o do hotel.

— Tenha paciência com o patrão. Existe uma parte dele que só a senhorita trouxe à tona, me atrevo a dizer.

— A obsessiva? — provoquei o idoso que sorriu e balançou a cabeça.

— A senhorita vai descobrir.

— Edgar, prepare algo para Elizabeth comer — Louis disse, entrando com as três malas restantes no colo, como se fossem as mais leves do mundo, e largando em cima da minha cama.

— Eu não estou com fome — interrompi Louis. — Obrigada, Edgar, mas não se preocupe comigo.

Louis parou como se segurasse a língua antes de se enfiar em mais uma discussão comigo e deixou Edgar se retirar, fechando a porta assim que saiu.

Meu demônio pessoal passou uma das mãos no cabelo e pousou a outra na cintura, me olhando como se não soubesse o que fazer.

— O que foi? — perguntei, me sentando na cama e tirando os sapatos.

— Nada… só quero reforçar os motivos que você tem para ficar.

— Louis, chega. Amanhã cedo eu levanto e procuro um hotel caso decida ficar, ou alugo algum canto que eu aguente pagar. Chega de ser sua boneca. Agora, se não se importa... — Levantei, sem encarar o homem, e fui até a porta. — Preciso dormir. — Abri-a, convidando-o a se retirar, e pude ver a frustração em cada um dos músculos.

Se Louis resistisse, eu o colocaria para fora na base do tapa.

Para a minha completa surpresa, ele apenas suspirou e passou por mim sem nem mesmo dizer boa-noite, me fazendo bater a porta logo que o pé dele passou para fora do quarto.

Tranquei a porta, evitando qualquer surpresa no meio da noite e fui atrás dos comprimidos para gripe que eu tinha dentro da bolsa. Aquilo me

fazia capotar em um sono profundo e, eu esperava, que sem nenhum pesadelo.

Louis Luppolo

Sentei em frente à porta do quarto dela, no chão frio. Apoiei a cabeça nas mãos enquanto repassava as últimas cenas na mente. Elizabeth começava a me afetar mais do que o esperado. Já estava me acostumando com ela por perto muito mais do que o seguro e não entendia se ela era só alguém em quem tinha viciado ou algo mais. Por que eu me importava o bastante para tentar não feri-la? Por que eu ainda não a havia colocado em cordas e mostrado o outro lado da dor?

Ela havia passado por tanto que, eu precisava admitir, havia algo muito parecido com medo rondando a minha mente, com a possibilidade de ela fugir de mim só por toda a perversidade que eu carregava. Ela precisava me amar, era uma necessidade sem tamanho. Se me amasse, não fugiria, não teimaria, me obedeceria.

Suspirei, abraçando os joelhos enquanto pensava sobre o que fazer para ela não ir embora no dia seguinte e me distraí, começando uma contagem calma, até que meu cérebro achasse a resposta para a incógnita que Elizabeth ainda era para mim.

CAPÍTULO 22

Elizabeth Fabbri

Estava vestida de noiva, rindo que nem uma boba. Me olhava no espelho enquanto Isabella e Giovanna conversavam ao fundo. O sonho parecia real. Passei os dedos pela renda das mangas do vestido, vendo os detalhes delicados enquanto ouvia o riso na voz de Gio.

— Louis tinha razão, você precisava deixá-lo decidir o vestido. Ele sempre acerta com você.

— Você tem razão! — concordei, sorrindo enquanto encarava meu reflexo. Meu cabelo estava enorme novamente, solto e com cachos nas pontas, e eu parecia extremamente feliz.

— Vamos, já estamos atrasadas! Quinze minutos atrasadas para ver tudo acontecer! — Isabella gritou e saiu pela porta.

— Só saia quando ouvir a marcha. Foi preparada apenas para você — Giovanna disse, pegando as minhas mãos e beijando meus dedos antes de sair e, então, eu esperei.

Meu coração parecia flutuar, minhas pernas tremiam e eu não sabia se teria coragem de sair do quarto, mas a ansiedade por ver Louis no altar, me esperando, me fazia querer berrar e correr em sua direção como uma adolescente descontrolada.

Assim que o som começou, eu saí. Sabia que era uma versão de *We've Only Just Begun*. Sabia que era algo nosso.

Abri a porta do quarto, olhando para o chão e, então, estava dentro da igreja, atrás das grandes portas de madeira, esperando poder entrar e ver o começo do meu futuro, mas algo estava errado, muito errado.

A música parou. Eu apertei o buquê com mais força do que precisava, meu coração começou a disparar e em um som estrondoso, a porta se abriu.

O horror estava lá e eu pude sentir as lágrimas nos meus olhos.

— Não, não, não… — eu comecei a repetir baixinho enquanto andava pelo tapete vermelho e via os corpos caídos entre os bancos. Um mar de

gente morta no meu casamento.

Assim que me atrevi a olhar para o altar, vi Louis em cima de uma cadeira, a boca tapada, uma corda em volta do pescoço. Uma voz que eu conhecia tão bem que me apavorava noite após noite ecoou pelo ambiente.

— Ora, ora, ora… — Juan surgiu, segurando um facão enorme nos ombros. — Sentiu minha falta, vagabunda? — Ele se aproximou de Louis e apoiou um dos pés na cadeira de Louis. — Você não o conhece bem… — Ele rodou a faca gigante no ar. — Vou te apresentar como ele é por dentro. — Em uma tacada profissional, Juan atingiu Louis bem em cima da cintura.

Larguei o buquê no chão e gritei, tentando impedir enquanto corria na direção deles, mas tudo parecia lento demais.

A camisa branca que Louis vestia se ensopou de sangue conforme ele encarava o facão cravado em sua pele. Então ele me olhou e em seus olhos eu vi medo pela primeira vez. O facão foi puxado e eu pude ver as tripas de Louis saindo de seu corpo ao mesmo tempo em que Juan chutava a cadeira onde Louis estava, fazendo o homem sufocar enquanto sangrava e se debatia no ar.

— Louis, não! Louis, não, não, não… — Eu podia me ouvir dizer.

O ar me faltou. Eu não podia deixar, eu não podia.

Do nada Juan surgiu na minha frente, atrapalhando minha corrida, com o facão erguido e um sorriso monstruoso no rosto.

— Agora é a sua vez! — O tom dele era cheio de raiva enquanto vinha na minha direção.

— Elizabeth! Acorde! Acorde!

Eu finalmente abri os olhos, ouvindo os gritos que saíam da minha boca ecoando pelo quarto. Louis estava bem a minha frente, os olhos preocupados, as mãos nos meus ombros, me sacudindo até ter certeza de que eu estava acordada de verdade.

— Ah, meu Deus! — eu lamentei e o abracei antes de entender qualquer coisa, chorando como uma criança enquanto agradecia por ele estar ali, bem e inteiro.

Não havia nenhuma dúvida: não existia possibilidade de viver em um mundo sem ele.

Louis me envolveu em seus braços e me ajeitou em seu colo, ficando em silêncio enquanto meu choro dolorido não fazia sentido nenhum para ele.

— Estou aqui, *bambina*. Estou aqui — ele repetiu depois de ver que o desespero em mim era forte demais para soltá-lo do abraço intenso.

Eu esperava que sempre estivesse.

***

Louis secou minhas lágrimas quando eu finalmente me acalmei.

— Com o que você sonhou? — ele perguntou, me deixando sair do seu colo e me sentar novamente na cama.

Balancei a cabeça, tentando me recompor enquanto tentava responder.

— Nada… — Eu não contaria que havia sonhado com nosso casamento ou com ele morrendo daquela forma. Ele bufou, sorrindo de canto do jeito que eu não gostava, frustrado por não saber.

— Como entrou aqui? Eu chorei alto demais? — perguntei depois de um tempo em silêncio ao lado dele.

— Arrombei a porta. — Ele me olhou enquanto apoiava o cotovelo nos joelhos. Suspirando, Louis se colocou de pé e caminhou até a saída. — Estava sentado do lado de fora do seu quarto, mas acho que você já está bem. — Ele ia se virar para sair, mas meu coração tremeu.

— Louis… — Ele me olhou, quase esperançoso. — Por quê? — Meus olhos se encheram d'água e eu me abracei enquanto evitava piscar e recomeçar o choro. — Por que não podemos sair desse maldito cabo de guerra? — Minha voz saiu falhada, fraca e baixa, mas ele havia me entendido muito bem.

Ele se virou de costas, ficando daquele jeito por poucos segundos e quando eu achei que iria me ignorar, ele reagiu. Louis bateu a porta do quarto com tanta força que eu achei que podia causar uma rachadura ali.

O ar ficou tenso, o meu choro parou, minha garganta estava seca.

— Eu não posso dar o que você quer porque sou um fodido mutilado e estou farto de todas essas brigas — ele falou entre dentes e se virou para mim, os olhos em fúria, talvez por raiva de si mesmo. — Eu não consigo controlar essa merda! — Louis subiu em cima da cama, vindo de joelhos na minha direção.

Eu me encolhi, não sabendo o que esperar dele, e aguentei quando as mãos vieram sobre o meu rosto de forma bruta. Louis segurou meu maxilar e minha nuca, puxando meu rosto para perto enquanto parecia se controlar ao máximo.

— Eu não sei como me livrar de você porque, maldito criador, você foi feita exatamente para mim. Essa porra de atitude humana, infantil e seu gênio difícil só te fazem ainda mais interessante e para completar, tem essa boca... — Ele esfregou meu lábio com o dedão. — Que me deixa louco querendo ouvir mais daquilo que eu nunca imagino que vá sair dela. Que é sexy pra caralho e me faz ter vontade de não deixar você por nem um segundo longe. — Louis aproximou o rosto do meu pescoço, me cheirando como um animal. — Seu cheiro me atrai, seu corpo me deixou viciado e todo o meu dia, até durante o meu sono, eu penso em como posso ter você, bambina. — Então ele finalmente se afastou um pouco e no meio da loucura dos seus olhos, eu vi Louis quase perdido. — Eu estou completamente na merda. Achava que não tinha ponto fraco até conhecer você. Ninguém nunca pode me atingir porque o meu ponto fraco é você. — Ele pegou minha mão e colocou sobre seu peito, me fazendo sentir seu coração bater forte, quase tão intenso quanto o meu. — Ninguém nunca fez isso antes.

— Não faça isso de novo, por favor — implorei enquanto Louis me engolia daquele jeito intenso e fodido. — Toda vez que você tenta dizer que eu sou o que você quer, você arranja um jeito de tentar me mudar ou me controlar.

Foi o que bastou. Louis me virou de costas, de um jeito não muito delicado, e antes que eu pudesse protestar, o homem colocou as mãos na gola do camisetão que eu usava para dormir e rasgou, deixando-me sem ação.

Parada, esperando enquanto ouvia a respiração dele acelerada, abracei a peça de roupa na frente dos seios e fiquei quieta, esperando.

— Você faz todos os meus cálculos darem errado. Eu nunca pensei que isso pudesse te acontecer e sim, eu assumo, a culpa é minha. Fui descuidado com você, achei que poderia seguir como um dos relacionamentos midiáticos, mas não. E para minha total surpresa, você me trouxe algo que eu pensei que nunca fosse sentir em toda a minha vida. — Meu coração quase parou, ouvindo as palavras de Louis. Olhei o homem sobre o ombro e o encarei enquanto seus olhos estavam fixos nas minhas costas.

— O que eu consegui te fazer sentir, Louis?

— Remorso, culpa… — ele falou para o vazio e finalmente tocou minha pele. Os dedos percorrendo lentamente o caminho paralelo ao M gigante e disforme. — Uma sede de vingança que só senti uma vez na vida e pensei que nunca mais sentiria. Me fez te odiar por te querer tanto, me fez

perceber que eu ainda poderia ser humano. — Os olhos dele finalmente chegaram aos meus. — Mas só se você estivesse por perto. — Louis me abraçou, apoiando a cabeça no meu ombro nu, me permitindo sentir seu coração batendo forte contra as minhas costas enquanto as mãos tentavam me livrar do resto do tecido da camiseta. — O quão forçada você ainda resiste ser por minha causa? — A boca dele passou pelo meu pescoço, indo em direção a minha orelha e eu estremeci. — Quanto mais você aguenta vindo desse diabo louco e dissimulado? — Louis voltou o caminho, roçando o nariz pela minha pele enquanto distribuía pequenos beijos entre a fala. — Existe dentro de você apenas o que é bom, criança? Ou então você também tem sua parte escura, assim como eu? Me responda. — O tom foi quase rude e Louis me mordeu a base do pescoço enquanto suas mãos acariciavam as laterais do meu corpo.

— Ninguém é bom o tempo todo — respondi de olhos fechados, tentando me manter firme, mesmo sabendo o que viria pela frente.

— Você é. — Louis subiu as mãos para os meus seios, apertando forte enquanto marcava meu pescoço com a boca. — Só assim para se manter aqui. Como não tentar descobrir até onde isso vai? Quando o ódio por mim vai superar qualquer coisa boa que você sente? — Ele colocou uma das mãos no meu queixo e virou meu rosto para o dele, roçando a boca na minha, como se pedisse permissão, e falou baixo. — Diga que me ama apesar de tudo. Prove quando digo que não existe nenhuma escuridão dentro de você além daquela que colocaram. — Ele encostou a boca na minha, me fazendo fechar os olhos enquanto ouvia aquilo. — Apenas por essa noite, me mostre o que você sente e como sente, *bambina*… — O tom dele era sexy, mas as suas palavras eram tão pesadas. Louis virava mais uma página do enorme livro sobre ele; eu sentia que só tinha lido umas três páginas daquele infinito manuscrito.

Quando a mão dele acariciou meu rosto e a boca se forçou contra a minha, eu não neguei. Eu não era tão boa e podia mostrar isso. Não era apenas amor o que eu tinha por ele. O ódio andava de mãos dadas, na mesma intensidade, às vezes ainda mais pesado, mas o “nós” parecia sempre ganhar do “eu”.

Éramos dois loucos capazes de colocar o mundo em chamas, mas ali, quando tudo era tão intenso, quem podia nos culpar? Poderiam me chamar de tola, poderiam me acusar de muitas outras coisas, mas não conseguia controlar. Não quando eu tinha seu coração batendo sob os meus dedos, não

quando o meu diabo se rendia a começar a sentir. Era tarde demais para voltar atrás.

Minha boca recebeu a dele por instinto, porque, mesmo eu não querendo admitir, ele parecia ter sido criado para mim. A língua de Louis invadiu a minha boca, sedenta de tudo o que eu podia dar enquanto o homem descia a mão que estava no meu seio pelo meu ventre. Meu corpo gritava, ansioso por Louis e tudo o que ele oferecia quando me pegava de jeito. Quando sua mão desceu sobre o tecido da calcinha, sentindo o quão molhada eu estava, a ponto de molhar o tecido, Louis mordiscou meu lábio e falou baixo:

— Como não pensar em você quando eu sei que está sempre tão pronta para mim? — Ele não voltou a me beijar. Apenas ajeitou minha cabeça em seu ombro e desceu a mão do meu pescoço até o meu seio, enquanto a outra invadia minha calcinha.

Eu o senti passar os dedos por toda minha extensão de forma lenta e intensa algumas vezes e, então, finalmente parou sobre o ponto onde tudo se concentrava e juntou o movimento circular lento com a massagem em meu seio. Eu gemi, forçando o corpo contra o dele em protesto.

— *Shiiiii* — ele repreendeu e trouxe a mão que estava entre as minhas coxas até a minha boca. — Veja o porquê seu gosto é tão viciante. — Assim que ele forçou os dedos contra os meus lábios e o gosto agridoce invadiu minha língua, chupei os dedos de Louis e o senti mordiscar minha orelha antes de xingar algo que eu não entendia e puxar meu rosto para si. Louis tomou de mim o gosto que restava em minha boca e apertou meus seios de forma bruta enquanto a voz grave e baixa protestava.

— *Cazzo, bambina*!

Gemi contra a boca dele quando senti suas mãos enterradas na minha carne, incendiando minha alma por cada segundo junto de mim. Briguei com Louis em uma guerra muda enquanto tentava me livrar dos braços dele e me virava de frente para o homem. Quando finalmente consegui, Louis me soltou apenas a tempo de arrancar a própria camiseta e me puxou para si. Me ajeitei sobre os joelhos, colocando as mãos no peito do homem e me forçando sobre ele, obrigando Louis a deixar meus lábios e me olhar com curiosidade enquanto seu corpo se deitava na cama. Em silêncio, desci uma das mãos por seu pescoço, passando os dedos por cada um dos roxos distribuídos no seu tronco, vendo a pele de Louis como a minha já esteve um dia, por sua causa, por sua culpa.

Doentio e inconsequente, Louis estava tentando do seu modo apenas descobrir o que eu carregava por dentro. Seria mais fácil me abrir ao meio do que tentar me enlouquecer como ele fazia, plantando todas as dúvidas possíveis na minha mente, me jogando de um lado para o outro e fazendo de mim parte incontestável dele, viciada em mais daquilo, dele, do seu corpo e mente. Quando desci os dedos de forma firme, arranhando a pele do abdômen definido do homem, Louis soltou a respiração que prendia.

— É o que sinto por você o problema de tudo? — indaguei baixo, encarando as *v lines* de Louis antes de descer a boca sobre elas. Lambi a pele quente de gosto salgado até o limite da calça que escondia o volume de todo o desejo dele. — Por que não manter isso como no começo? — Mordisquei o homem na área sensível enquanto acariciava o volume por cima do tecido grosso da calça.

— Não. — Foi mais um suspiro do que uma negação, mas me fez rir. Louis sentia e isso podia ser o começo de tudo. Eu só precisava descobrir se tinha disposição para reger tudo para um caminho saudável.

As mãos atrevidas tentaram me comandar, mas afastei as mãos dele enquanto encarava os olhos castanhos cheios de ansiedade.

— Não, hoje não, amor. — O homem tremeu abaixo de mim quando me ouviu chamá-lo daquele jeito. — Eu quem decido.

Louis parecia tenso por precisar se controlar. Mal me ajudou a tirar suas calças porque eu não permiti que a cueca fosse retirada. Se Louis podia desgraçar a minha cabeça, eu também podia desgraçar a dele.

Assim que o homem ficou deitado apenas com as boxers pretas, me livrei da calcinha, agradecendo pela menstruação ter acabado e me sentei sobre o volume preso pelo último tecido entre nós. O pau de Louis pulsava, me fazendo ficar ainda mais molhada por pensar que ele estaria dentro de mim em breve.

Joguei o cabelo para o lado, mantendo os olhos nos de Louis, sabendo que ele tentaria a qualquer segundo virar o jogo como sempre fazia, tendo controle até o final. Não dessa vez.

Peguei as mãos do homem e coloquei sobre o meu corpo, fazendo questão que Louis tocasse a cicatriz na minha barriga e então passasse os dedos por cada marca nos meus seios enquanto mexia o quadril, roçando minha boceta no seu pau, provocando lentamente enquanto o homem me surpreendia com seu controle quase silencioso. Se não fossem as puxadas de ar que ele dava entre dentes às vezes e as narinas infladas quando fechava os

olhos, eu não saberia o quão difícil podia estar sendo, mas Louis se conteve, me deixando provocar até que a cueca ficou pequena demais para o volume que guardava.

Me coloquei de joelhos novamente, afastando o corpo do de Louis apenas o bastante para que pudesse liberar seu pau enorme. Envolvi o membro dele com a mão e fiz um lento e intenso desce e sobe por uma, duas, três vezes enquanto assistia ao homem incrivelmente perfeito abaixo de mim morder os lábios em um meio sorriso.

— O que está tentando fazer comigo? — A voz baixa e calma de Louis me fez sorrir.

— O quão afetado você ficaria ao ver que está fodendo o seu pior erro? — Quase não reconheci minha própria voz. Antes de uma reação dele, eu o encaixei na minha entrada e forcei o corpo para baixo de uma vez.

— Porra — falamos juntos, cada um em sua língua.

Fiquei com os olhos fechados, aproveitando cada uma das sensações que dividir meu corpo com ele proporcionava. Louis e todo o seu tamanho sempre pareciam demais para mim.

Assim que me senti pronta, comecei um vai e vem lento com o quadril, provocando, me exibindo, colocando as mãos apoiadas nas coxas dele, expondo todo o meu corpo para que ele visse que eu não me renderia, para que visse tudo o que havia passado; queria compartilhar tudo com Louis, ao mesmo tempo em que tentava castigar o homem pelo que eu havia passado até ali.

Não era idiota de passar o mesmo apuro que da última vez, por isso mesmo, quando as mãos dele se atreveram a apertar minha cintura com muito mais força do que qualquer toque até ali, eu me joguei para trás, saindo de cima dele e o fazendo rosnar em reclamação.

Louis se levantou, livrando-se da cueca que ainda estava presa entre suas coxas e veio para cima de mim, tentando se encaixar entre as minhas pernas. Contudo, eu não ia deixar.

Ele tentou, mas desci uma das mãos até entre as minhas pernas e o impedi. Louis tomou minha boca como um animal, me beijando enquanto tentava tirar minha mão dali, mas não cedi.

— Onde tem a porra de uma camisinha nessa casa? — perguntei quando ele mordeu meu lábio, quase machucando em meio a sua frustração.

— Filha de uma puta — Louis me xingou e eu ri. Ele respirou fundo e se afastou, procurando as calças jogadas pela cama; fuçou o bolso dela e

apareceu com o preservativo.

— Então você já estava esperando por isso? — Ergui a sobrancelha enquanto encarava o homem e ainda tapava minha intimidade com a mão.

— Apesar de odiar essa merda, raramente estou despreparado. — Louis colocou a camisinha e eu me ergui na cama, juntando o corpo ao dele. Lambi seu peito e pescoço, mordisquei sua garganta. Marquei-o assim como ele havia me marcado. Seus braços me envolveram e as mãos vieram pesadas sobre a minha bunda. — Ah, *bambina*… diga. — Ele deu um tapa pesado no meu traseiro e depois entrelaçou os dedos no meu cabelo. — Não resista, apenas diga. — Ele puxou meu rosto para o dele mais uma vez.

— Eu... — Os olhos ansiosos engoliram os meus. — Odeio você. — Sorrindo de forma maliciosa, envolvi o pescoço de Louis e beijei sua boca com tudo o que tinha a oferecer, deixando-o sentir o gosto da verdade nas minhas palavras conforme suas mãos seguravam meu cabelo com uma brutalidade controlada.

— Não — ele rosnou em minha boca e eu o empurrei contra a cama.

— Sim — eu disse, me ajeitando de costas e o encaixando dentro de mim. A cada centímetro que o pau dele entrava, eu gemia baixinho para Louis. — Eu. — Quase desfaleci quando ele entrou. — Odeio. — As mãos do homem me pegaram pela cintura e me puxaram para baixo com força, me fazendo sentar nele completamente. — Você. — Meu tom saiu fraco demais, mas ainda assim, firme o bastante para ele ouvir. Olhei sobre o ombro, vendo-o fazer a expressão felina que eu mais amava, exibindo os caninos enquanto me olhava.

Por um segundo, tudo parou. Louis passou as mãos pela minha bunda, subiu pelo meio da coluna, atravessando cada um dos machucados que seus dedos encontraram pelo caminho, então pousou as mãos nos meus ombros e acariciou minha pele com uma delicadeza que eu desconhecia para aquelas horas.

— Eu vou devolver suas asas. — Ele acariciou meu rosto e eu, por um segundo, entendi que aquilo também era um lembrete para ele.

— E eu vou fazer você me amar — prometi sem nenhuma vergonha e respirei fundo antes de começar a impor meu ritmo sobre Louis.

Apoiei as mãos nas coxas dele, subindo e descendo em um ritmo que me fazia sentir tudo de forma extremamente intensa conforme sentia as mãos dele me apertando o traseiro, querendo acelerar o ritmo das coisas. A fim de provocar o homem até a última gota, me sentei sobre ele e fiquei parada,

deitando o corpo pouca coisa para trás enquanto começava a me tocar. Enquanto apertava Louis dentro de mim, o homem xingou e eu quase ri, tentando relaxar ao máximo que podia para que quando contraísse as paredes internas, Louis sentisse ainda mais.

Estava concentrada, sentindo meu ventre começar a contrair quando me atrevi a deixar o homem mover minha cintura, me fazendo rebolar sobre o pau dele até que sua impaciência tomou conta. Em um segundo, as mãos de Louis largaram a minha cintura e, de repente, eu estava deitada de costas sobre o peito dele.

Uma das mãos dele me abraçava pelo peito enquanto a outra se atrevia pelo meu ventre e descia em direção a minha boceta.

— O que você… — Eu não precisei terminar a frase. Louis investiu pesado sobre mim, chegando a fazer barulho por causa do meu sexo extremamente úmido. Seus dedos assumiram o posto dos meus e Louis começou a me tocar enquanto seu pau entrava e saía de mim em um ritmo intenso, forte e nada gentil.

Era tão profundo e rápido que eu não tive tempo de raciocinar. Chamei o nome dele em meio aos gemidos altos, ouvindo o homem grunhindo depois de falar algo que eu não entendi.

Quando eu achei que ia desmoronar, Louis parou e me ajeitou um pouco mais para baixo, então apoiou os pés na cama e afastou ainda mais as minhas pernas com as suas coxas por dentro das minhas. A primeira estocada dessa posição me fez ver estrelas. Eu não sabia o que ele planejava, mas queria cada vez mais. Louis não parou de me tocar por nem um segundo, e conforme tudo acontecia, senti meu corpo enrijecer completamente, do meu maxilar até a ponta do meu pé, e quando eu achei que explodiria com toda aquela tensão, finalmente transbordei.

Meus gemidos ecoavam pelo quarto junto dos de Louis. O pau dele estava dentro de mim em um ritmo muito mais lento enquanto se derramava em prazer, me fazendo pensar no quão insano tudo aquilo era.

Louis me puxou para o lado e ficou me olhando. Ambos com a respiração desregulada, suados e esgotados. Havia apenas a certeza de que de qualquer forma, cumpriríamos nossas promessas expostas.

Era tarde demais para ir embora, então, se eu fosse cair no final da guerra, que fosse lutando até a última batalha, até que o coração de Louis soubesse que o amor existia e que, por algum plano divino, ele pertencia a mim.

CAPÍTULO 23

Elizabeth Fabbri

Não sei por quanto tempo ficamos parados, nus, nos olhando enquanto as palavras não eram ditas. Quando eu já estava quase adormecendo, Louis se virou para mim, me fazendo abrir os olhos uma última vez naquela noite.

— Fique — ele sussurrou.

— Me faça querer ficar — pedi com a voz mais grave e falhada graças ao sono, suspirando logo depois e me aninhando nos braços dele.

Louis me abraçou por trás e eu adormeci, sentindo seus lábios nos meus ombros e seus dedos pelas minhas costas. Aquele era um dos momentos que precisava tentar gravar na memória.

Quando acordei na manhã seguinte, passei o braço pela cama com um pouquinho de esperança, mas foi em vão. Louis não estava lá. Rolei pelo colchão e me agarrei ao travesseiro. As coisas haviam saído do controle, não estava mais tão certa de que queria ir embora, mas também não queria ceder. Sair daquela cama me obrigaria a ver Louis fora do quarto, naquela postura que me fazia ter vontade de tacar um sapato no meio da cara dele, e eu não queria estragar tudo. Não queria precisar apagar a noite passada e fingir que o cara que dormiu comigo era um desconhecido.

Respirando fundo, tentando tomar coragem, tomei um belo banho, rezando para que ele não fosse tão escroto a ponto de me fazer ter vontade de ir embora.

Assim que saí do quarto e desci as escadas, pude ouvir a voz de Louis e uma voz feminina, até então, desconhecida.

— Você acha mesmo que consegue se misturar? Não que eu duvide, mas vai estar sozinha. — Ouvi Louis dizer.

— Alguma vez eu deixei de fazer meu trabalho? — ela desafiou Louis e de imediato me fez ter uma pequena pontada de ciúme. — Bom dia, Elizabeth — ela disse quando me viu de longe.

— Elizabeth, esta é Kira. Kira, você já a conhece bem — Louis falou

como se não fosse nada demais.

Kira era esguia, muito branca e assustadoramente bonita com seu cabelo castanho avermelhado caindo em ondas até a cintura. O rosto muito bem maquiado carregava um belo par de olhos azuis envoltos em cílios imensos e um nariz arrebitado que parecia ter sido desenhado especialmente para ela, mas o que mais me pegou naquele segundo foi a boca em formato de coração, pintada com batom vermelho. Por um segundo, o ciúme esmagou meu estômago e eu precisei engolir com alguma dificuldade.

Ela estava sentada na poltrona do escritório, mas se levantou para me cumprimentar e eu pude prestar atenção no terninho que vestia. Era um conjunto azul escuro, com botões dourados onde a saia ia até o meio das coxas. Kira não era tão alta como Giovanna, mas ainda era bem mais alta que eu.

— É um prazer finalmente te conhecer pessoalmente. — Ela sorriu enquanto estendia a mão em minha direção. O tom de voz mudou, não era mais o mesmo que ela usava com Louis.

Eu apertei a mão dela, tentando entender o que acontecia.

— Lizzie, Kira é minha assistente, e agora será sua também — Louis impôs e eu ergui a sobrancelha, olhando do rosto da garota para o dele.

— E a parte de me escutar entra aonde? — provoquei e me afastei de Kira. — Nada pessoal — falei para ela e depois me voltei para Louis —, mas eu entrevistei umas dez pessoas ontem e, para que, já que você decidiu isso sozinho?

— Sei que entrevistou. Eu mesma selecionei os currículos — Kira se meteu e eu quase a mandei calar a boca. — Mas Louis me ligou hoje cedo e fez uma boa proposta. Aqui está meu currículo. — Ela andou até a mesa e me ofereceu um envelope. — Dadas as circunstâncias, acho que seria muito melhor que qualquer outra opção. — Como se não bastasse Louis, agora eu teria a versão feminina dele?

Peguei o currículo e li todo o histórico da garota.

— É um ótimo currículo — precisei admitir. — Mas como seria isso? Louis tem muito mais coisas a tratar do que eu…

— Eu tenho uma assistente. — Essa era novidade. — Então consigo perfeitamente dar conta das agendas e todo o resto de ambos. Posso te ajudar a colocar suas ideias em prática sem precisar de Louis a cada dois passos para dizer sim ou não.

Encarei a garota atrevida e suspirei, olhando para Louis.

— Bom… se eu vou ficar com ela, sente aí e vamos discutir os termos. Eu tenho muita coisa para propor. — Kira era realmente uma boa opção, se eu conseguisse ser racional na maior parte do tempo, e não precisar da aprovação de Louis era um bônus.

Tirando minhas anotações da bolsa, coloquei todos os planos que tinha em mente na mesa e assisti Louis reprovar e aprovar com os olhos enquanto Kira me dizia as vantagens e desvantagens do que eu queria fazer. No final das contas, ela realmente sabia o que estava falando e quando a reunião terminou, eu passei a gostar um pouco dela. Kira tinha aquela coisa furiosa no peito de se fazer provar e eu entendia muito bem. Talvez eu tivesse simpatizado muito mais com ela se não tivesse visto a taça de onde bebia em cima da mesa, com a mesma marca de batom que vi da primeira vez em que estive ali.

— Com essas coisas acertadas, vou conversar com Giovanna e ver sobre essa parte dos eventos. Sobre os arquitetos, não se preocupem com a reforma, pois eu tenho alguns contatos. — Ela terminou de escrever algo no celular e jogou o mesmo dentro da bolsa. — Louis, você tem uma reunião hoje à tarde com Lorenzo, não se atrase. Ana poderá te acompanhar, caso precise. Eu vou para a editora colocar um pouco de ordem no lugar e Elizabeth precisa ir até a Golden Book, já que quer cuidar do lançamento pessoalmente. Ligo para vocês mais tarde. — Kira se levantou e assim que saiu, fechando a porta e deixando eu e Louis completamente sozinhos, eu o engoli com os olhos.

— Você ainda não passou no teste — reclamei.

— Já você me impressionou com as ideias que teve. Não me olhe assim, vai me agradecer por dividir Kira com você. — Ele quase sorriu.

— Por ela parecer você de saia só que com um pouco mais de sensibilidade?

— Não, não se engane. Kira consegue ser pior — ele provocou, se colocando de pé e vindo em minha direção. Louis colocou as mãos apoiadas nos braços da cadeira a qual eu estava sentada, e aproximou o rosto do meu. — Já posso pedir para Edgar colocar suas coisas no meu quarto? — O tom foi baixo, a expressão felina que me hipnotizava estava lá.

— Já posso perguntar quando você vai resolver a merda do seu noivado?

— Estamos quase lá, bambina. — Louis parecia cansado daquilo. — Mas não preciso dizer que isso não interferiu em nada para nós na noite

passada. — Ele se aproximou o bastante para que eu sentisse o cheiro de outono impregnado em sua pele.

— Mas afeta agora, principalmente se vou ficar por aqui.

— É apenas uma questão de tempo... — Ele selou os lábios nos meus e eu quase senti o gosto da promessa.

Louis era o mais profundo abismo e eu estava lá, me jogando de cabeça sem saber o que havia no fundo.

Minha cabeça ainda tentava digerir tudo da noite passada. Na verdade, eu sentia que as coisas aconteciam rápido demais. Parecia que de um dia para o outro eu havia passado de uma escritora de gaveta, paga para transar com um cara superrico, a responsável por uma editora sem nenhuma instrução, apenas instinto, e parecia ter aceitado ficar com um cara maluco, morando junto com ele por sei lá quanto tempo, apesar de ele estar noivo e falar que eu não era o motivo para ele não querer mais se casar. Devia estar usando alguma droga muito pesada sem me dar conta para estar vivendo aquilo sem protestar.

Quando Louis me deixou na porta da Golden Book, eu estava em completo silêncio, trancada na minha cabeça por mais tempo que o normal.

— O que está pensando? — ele perguntou, pegando minha mão e passando os lábios pelos nós dos meus dedos.

— Em tudo. É muita coisa para digerir — admiti, encarando a loja gigante na qual eu precisava entrar.

— Então pense… — Ele soltou minhas mãos e veio para cima de mim. — Podemos discutir sobre isso no jantar e depois pelo tempo que você quiser. — O atrevimento de Louis me deixava louca, mas enquanto sua boca com a barba por fazer roçava a pele do meu pescoço, encontrei coragem e abri a porta do carro, ouvindo a risada baixa dele. — Está fugindo? — Ele me encarou, segurando na minha nuca.

— Estou tendo uma overdose de você e não consigo ser minimamente racional quando isso acontece. — As palavras pularam da minha boca e eu estava próxima o bastante para ver o sorriso aberto que Louis deu, exibindo os caninos em destaque.

— Não posso dizer que não gosto disso, de você no limite da sua humanidade boa e impulsiva. — A boca dele roçava na minha e eu me atrevi a fechar os olhos e respirar fundo, inalando o máximo que podia de Louis antes de descer. O homem se aproveitou, beijando minha boca de forma lenta e provocante, me fazendo esquecer por apenas um segundo o fato de

estarmos tão expostos. Quando o carro de trás buzinou, eu ri junto de Louis e o empurrei para longe.

— Você joga sujo — reclamei

— Nunca disse que não — o maldito provocou. — Até mais tarde. Zola está aí — Louis avisou antes de eu descer e sair sem olhar para trás.

Precisava da minha sanidade de volta.

Assim que passei pelas portas verdes da livraria, o som da rua movimentada foi silenciado. O lugar não estava superlotado, mas também não estava vazio e, confesso, encontrar Zola por ali foi a melhor parte do meu dia.

— Como você está? — ele perguntou, me vendo sentar ao seu lado.

— Não acreditando em tudo o que está acontecendo. Pelo menos você não precisa mais ficar de babá por tempo integral — brinquei antes de roubar um gole do café dele.

— Você esqueceu que eu ainda preciso cuidar de Giovanna? E eu achei que você não gostasse de café. — Ele puxou o copo de volta.

— Não gosto, mas quero garantir que vou estar acordada e consciente até o final da noite. E sobre Giovanna, ela ainda vai me tratar como um saco de bosta por ter falado umas verdades?

— Estamos evitando falar sobre você, ou sobre ela e Felippo. — Zola pareceu desconfortável. — Só para te avisar, ela vai passar aqui daqui a pouco para começar a ajeitar as coisas.

— Esse café podia ser álcool. Ninguém ia reclamar. — Pensei alto, querendo que Deus me desse um belo balde de paciência e bom humor.

— Agora com Frederico e Giordana longe, provavelmente ela vai tentar se achegar. Nem Matteo está na cidade e Giovanna não sabe ficar sozinha.

— Eu não sou prêmio de consolação de ninguém. Se ela quiser falar comigo, que peça desculpas. Se não quiser, que não fale. Não estou pedindo nada para ninguém, ou estou?

Zola revirou os olhos e terminou seu café.

— Vamos logo falar com a gerente sobre seu lançamento. — Zola me arrastou e juntos fomos resolver os detalhes do lançamento.

Eu estava realmente cansada e quando o relógio marcou três horas da tarde, vi Giovanna entrar na livraria em cima de seus saltos enormes. Ela não sorriu quando me viu, apenas segurou a porta aberta e deu espaço para alguns homens entrarem carregando caixas enormes.

— Zola — chamei o homem.

— Oi? — Ele me olhou por cima do ombro.

— Acho que vou dar no pé. Não estou para briga ou com estômago para engolir esse climão.

— Espere só um minuto, olhe para a cara dela. — Observei por cima do ombro e vi a garota vindo em nossa direção. Era tarde demais para fugir.

— Belo trabalho vocês estão fazendo, aqui e lá fora — Giovanna disse, pesando o tom e eu não gostei.

— Sobre o que está falando? — Ergui a sobrancelha, não maneirando no tom mal-educado.

— Sobre isso. — Giovanna segurou o celular bem no meu rosto e demorou um tempo até eu entender, mas assim que liguei a imagem ao título da matéria, quase caí para trás.

Womanizer [11] estava escrito em letras garrafais gigantes e uma foto minha com Louis no beijo desprevenido no carro ocupava o restante da tela. Peguei o celular da mão de Giovanna sem muita delicadeza e rolei a tela para baixo, lendo o restante da matéria em voz baixa para Zola.

— “Não é de hoje que o empresário Louis Luppolo é conhecido por seus relacionamentos passageiros e parece que seu mais recente noivado pode ter acabado por conta de outra mulher. Tudo o que sabemos sobre o caso é que a brasileira Elizabeth Fabbri assinou um contrato com a nova aposta de mercado do CEO, a nova editora de Luppolo, antiga CB Jones, e terá seu lançamento na próxima semana na Golden Book…”

Eu parei de ler enquanto uma mão parecia se fechar em torno da minha garganta. Que merda tinha acontecido?

Já estava quase me acostumando com a face mafiosa de Louis, com a parte superrica também, mas a famosa que aparecia em notícias de fofoca eu nem me lembrava que existia.

— O que eu faço? — perguntei para Zola como uma criança desolada. O choro querendo descer enquanto o nó na garganta começava a se formar.

— Vamos sair daqui.

— A rua já está começando a ficar com alguma movimentação — Giovanna avisou. — Tire-a daqui em meu carro, eu cuido do resto. — Ela pegou o celular da minha mão e antes que eu percebesse, Zola estava me arrastando para fora da livraria.

O quão profundamente na merda eu estava?

— Zola? O que vai acontecer agora?

— Precisamos falar com Louis, o mais rápido possível. — O tom aflito de Zola fez meu estômago revirar. Existia um alvo bem no meio da minha testa e eu não sabia o que fazer para me livrar dele.

Zola conseguiu me levar a salvo para o apartamento de Louis, mas a cada farol ou esquina em que parávamos no meio do caminho, eu tinha certeza de que alguma merda ia acontecer e me tremia inteira.

— A senhorita está bem? — Edgar perguntou depois de acender a lareira do escritório onde Zola me pediu para esperar. Eu nunca havia entrado naquela sala do primeiro andar do apartamento. — Posso trazer um chá?

— Obrigada, Edgar. — Me abracei, olhando fixo para a janela, encarando meu reflexo. Como eu voltaria a ter uma vida normal depois daquilo tudo?

— O patrão está em uma reunião agora e não tem hora para sair, mas pediu algo especial para o jantar e que a senhorita o aguardasse.

— Liz, Louis não está atendendo a nenhum telefonema. Delfina disse que Lorenzo e Louis estão trancados no escritório com ordens de não serem incomodados. — Me virei para Zola e Edgar, sabendo que meu rosto não era o mais bonito de ver, pois eu ficava toda inchada quando chorava.

— Eu não estou com fome agora. Se puder, será que podem me deixar sozinha? Vou esperar por Louis bem aqui.

Por um segundo, vi pena no olhar dos homens, mas eles não discutiram, apenas se afastaram e bateram a porta com cuidado ao sair.

Voltei a encarar a janela, mordiscando as paredes da bochecha enquanto observava meu reflexo. Puxei a poltrona até ali e me sentei com os pés sobre o assento, pensando que vivia uma vida que não era minha, um plano que não era meu, e agora, a qualquer minuto, tudo poderia acabar de forma trágica e dolorida.

Era como se eu pudesse ouvir os tiques do relógio anunciando a próxima desgraça sobre a minha vida. Imaginei Natasha aparecendo ali com uma arma na mão, ou qualquer inimigo de Louis me encontrando ao virar a esquina. Imaginei a quantidade de questionamentos que deviam estar surgindo e, principalmente, em quantas pessoas não estavam me xingando de todos os nomes por estar envolvida com um homem compromissado.

A verdade é que ninguém tinha ideia do que acontecia, ninguém tinha a mínima noção do quão perturbador era viver a minha vida naquele momento.

Eu queria voltar a ser o que era, mas me reconstruir parecia levar

muito tempo e cada peça colocada de volta pesava uma tonelada a mais do que antes, o pior é que não havia ninguém para culpar. Eu e Louis éramos adultos, responsáveis pelos nossos atos e sim, mil vezes sim, eu o queria e isso não devia ser pecado, do mesmo jeito que ficar comigo sem nenhum empecilho ou exposição devia de ser, mas não… Louis não era qualquer um. Louis era o mafioso inescrupuloso, o homem feito, o garoto quebrado, o CEO cheio da grana e o cara que me fodia em todos os lugares possíveis e me fazia sentir viva. Era doentio, sujo e louco, mas nós éramos totalmente complementos um do outro.

Abracei a pernas e apoiei o queixo nos joelhos, observando enquanto a tarde de Nova Iorque era engolida pela noite, trazendo junto dela todos os meus fantasmas.

Se eu me quebrasse novamente em um espaço tão curto de tempo, não sabia se daria conta de levantar novamente.

Quando achei que não tinha mais lágrimas e havia entrado em um transe calmo enquanto assistia a cidade lá de cima, ouvi a porta abrir. Eu sabia que era ele, pois o cheiro do homem invadiu o lugar de um jeito pesado, tranquilizando parte de mim.

Ouvi os passos dele na minha direção e quando Louis se ajoelhou bem a minha frente, com sua camisa e suspensórios, eu nem mesmo o olhei nos olhos, apenas o abracei, ensopando a roupa do homem com todas as lágrimas que descobri ainda ter.

Louis Luppolo

Conseguir manter Elizabeth dentro de casa sem tanta exposição ou ameaças era fácil e bom. Natasha parecia aceitar minha aventura pré-casamento melhor do que o esperado, mesmo depois de toda a cena no meu aniversário. Até ali tudo o que eu precisei fazer foi investir algum dinheiro em joias, roupas, flores e chocolate. Tudo muito bem administrado por Kira, inclusive era ela quem escrevia os bilhetes que chegavam com tudo o que era enviado para Natasha e me poupava o trabalho e a paciência.

As coisas pareciam ainda mais promissoras quando, no meio da tarde, Lorenzo me ligou para uma reunião. Ele e Delfina estavam em sua casa de

Nova Iorque e o homem tinha algumas coisas para discutir comigo.

Não perdi a oportunidade, indo de encontro ao membro mais valioso do momento, louco para saber o que tanto ele tinha para dizer. Se os algoritmos estivessem certos, eu não perderia mais um segundo com Natasha e toda aquela merda.

— Olá, Don Luppolo! — Foi Delfina quem abriu a porta naquela tarde. Por um milagre, não estava com o filho no colo. Ela sorriu para mim e me deu passagem.

— Como vai, Delfina? Seu marido está em casa?

— Estou bem — ela respondeu. — Adoro Nova Iorque no verão e não pude perder a oportunidade de vir junto. Lorenzo está no escritório, concentrado no trabalho desde cedo. Vou avisá-lo que chegou e volto logo. — Ela me deixou na pequena sala de estar e se enfiou por um corredor.

Elizabeth tinha muito o que aprender com Delfina. Lorenzo tinha sido esperto, a mulher sabia como ser uma esposa seguindo a tradição.

Esperei por quase cinco minutos, marcando o tempo junto do relógio cuco na parede bem de frente para mim. Quase não notei quando a loira sorridente voltou.

— Don, me perdoe a demora. Lorenzo estava ao telefone, mas agora ele já pode recebê-lo. Venha comigo, por favor.

Sem falar nada, segui a mulher pelo corredor e entrei na porta que ela indicou.

— Don Luppolo. — Lorenzo veio me abraçar e beijar o rosto.

— Está economizando, Ferioli? — perguntei quando olhei ao redor e o ouvi rir.

— Não gosto de Nova Iorque tanto quanto deveria, mesmo que meu pai se revire no túmulo ao me ouvir dizer isso, e Delfina gosta dessa casa, o quintal nos fundos é protegido o bastante para que ela e meu filho possam ficar expostos sem qualquer problema. A casa da minha família passa por reformas no momento e aqui é mais discreto, não? — Ele caminhou até sua mesa e me indicou a cadeira de couro preto bem a sua frente.

— Então, o que acontece? Alguma novidade? — perguntei depois de me sentar.

— Algumas. A conta ficou pronta, finalmente — ele anunciou com o sorriso no rosto. — Agora só precisamos fazer funcionar. Está perto, Don Luppolo. Muito perto. E quando acontecer, quero as Carolinas e quero saber o que vai fazer por mim, já que seu velho amigo — a ironia no tom pesou —,

Don Castagnari, parece estar tomando conta da área há muito tempo.

— São apenas capos dele por lá. Castagnari anda aparecendo demais no meu caminho e isso está começando a me irritar. De qualquer modo, o que você quer ali?

— Vou entrar de sócio com Matteucci em uma de suas boates, mas quero uma edição diferente por lá, colocar alguns jogos… Ainda estou estruturando a coisa. Meu comércio de armas continua, nunca foi tão bom, inclusive. Lá eu posso montar algumas fábricas, usar mão de obra baixa e começar a expandir as coisas para a Família. Em breve, acredito que os outros chefes também vão querer alguma participação e eu deixo aberto. Tem faculdades o bastante naquele lugar para que a droga role fácil, entre outras coisas. De qualquer forma, já conversei com os Gambiatti e a polícia do estado é corrompida, então não vão reclamar de receber de um chefe diferente.

— Eu gosto como você vê as coisas, Lorenzo. É prudente. O que gostaria que eu fizesse?

— Quero seu apoio para liquidar qualquer competição no território.

— Você a tem, junto da minha benção, mas não pense que será fácil. Precisamos que os nossos Estados estejam todos muito bem protegidos. Vamos sofrer represália e não podemos ser pegos. Fique ciente então do seguinte: tenha paciência por alguns dias. Vou resolver a merda do casamento russo e então vou me encontrar com Don Castagnari. Tente levantar quanto vale os negócios da Família dele por lá. Vou oferecer dinheiro em troca dos negócios. É preciso ser cavalheiro nisso tudo e mostrar que estou disposto a uma forma pacífica antes de estampar os jornais com o sangue dos seus afilhados.

— Eu vou fazer isso. É bom ter você como amigo, Don Luppolo. Isso merece um brinde. — O homem se levantou para nos servir e eu analisei o pequeno escritório.

— E como vai Elizabeth? — ele perguntou quando me ofereceu a bebida. — Delfina comentou sobre ela, particularmente sobre a ter achado muito mais amigável que Natasha. — O homem pegou o celular e eu bebi antes de responder.

— Elizabeth vai bem, mas ainda não é um problema da Família.

— Hm… Você ainda está em um noivado, Luppolo? — As sobrancelhas de Lorenzo se juntaram, fechando sua expressão.

— Você sabe que sim. Infelizmente, sim — acrescentei. — Por quê?

— Achei a pergunta absurda.

— Os noticiários dizem que não. — Lorenzo virou a tela para mim, com a imagem do pequeno deslize daquele dia mais cedo. Algum maldito havia tirado uma foto minha beijando Elizabeth e ela estampava alguma revista de fofoca. — Isso vai se espalhar como fogo em gasolina, você sabe. Se Elizabeth ganhou um alvo na testa com a sua provocação da quebra de tradição, depois disso aqui, acredito que ela vá virar *o alvo*.

Eu larguei o celular de Lorenzo e corri para fora do escritório sem me despedir. Levaria pelo menos uma hora para voltar para casa e precisava ver como Elizabeth estava com aquilo. Minha vida pública ainda era uma novidade para a menina e seria uma merda a ver sendo julgada pela única coisa que ainda a impedia moralmente de ficar comigo como eu gostaria.

***

Chegar em casa e ver Lizzie tão acabada por conta da exposição foi duro, mas colocar para fora que ela era o motivo real da guerra foi libertador. Vê-la retribuir aquela verdade mascarada foi ainda melhor. Puxei minha menina ainda mais para mim enquanto a beijava de forma intensa, raivosa, quase agressiva.

Não mentir para Elizabeth era uma nova promessa que eu pretendia não quebrar.

Eu a guiei, movendo seu corpo trêmulo até a janela, e sem esperar por permissão, desci as mãos até os botões de seus jeans, livrando-a das calças e da pequena calcinha branca. Aquilo me lembrou a primeira vez em que transamos e não pude segurar o sorriso que surgiu na minha boca antes de beijá-la entre as coxas.

Ela lutou por um tempo, tentando empurrar minha cabeça para longe, mas eu tinha pressa. Prendi seus pulsos com apenas uma das mãos e forcei o quadril dela para frente, o bastante para que Lizzie não fugisse da minha língua.

Eu sabia que ela estaria molhada e pronta em pouco tempo, também sabia que andava abusando da sorte com tantas transas sem camisinha, mas não estava ligando para aquilo. Quando intercalei uma bela sugada em seu clitóris entre as lambidas rápidas, Elizabeth ronronou e relaxou as mãos que

tentavam me afastar, finalmente me deixando levar aquilo como queria e eu me mantive ali, beijando minha menina sem pudor nenhum em sua boceta lisa, trocando suas sugadas de ar por pequenos gemidos e puxadas no meu cabelo. Elizabeth rebolou contra minha boca, me fazendo sentir seu gosto por toda língua enquanto eu sugava novamente seu clitóris já inchado. Era a hora.

Saí do meio de suas pernas, vendo Liz protestar enquanto me colocava de pé. Ela me encarou quase ansiosa, o cabelo curto desarrumado lhe dava um ar selvagem, mas ainda parecia inocente vestida nos moletons que tanto gostava. Quando ela lambeu dois dedos e desceu para entre as pernas, tocando a si mesma enquanto me esperava, meu pau reagiu, pulsando forte dentro das calças e eu tratei de começar a me livrar das roupas.

Me aproximei dela, forçando a garota a levantar os braços e arranquei o restante de suas roupas. Peguei em seu rosto, puxando-a para mim e encarando os olhos verdes sob os cílios compridos e cheios. Desenhei a boca dela com os polegares e assim que ela a abriu para falar alguma coisa, devorei Elizabeth em um beijo, fazendo-a provar do próprio gosto e tendo a certeza de que comigo ela estaria segura. Que me pertencia e ninguém mexia com o que era meu.

Lizzie segurou meu pau com uma das mãos e começou a acariciar minhas bolas com a outra enquanto nos beijávamos. Mordi seu lábio sem muita gentileza, mas ela se recusou a seguir o curso que eu queria. Elizabeth diminuiu o ritmo do beijo conforme sua mão descia e subia pelo meu pau, batendo uma punheta torturantemente lenta, fazendo meu corpo se arrepiar.

Eu tentei, juro que tentei, mas não dava para esperar. Antes que ela tivesse outra ideia brilhante e tentasse transformar aquilo em algo que eu não queria, peguei-a no colo, recebendo uma mordida no lábio e um tapa no ombro quando ela finalmente viu que não tinha como escapar.

Tudo o que minha criança teve tempo de fazer quando a pressionei contra o vidro e me enterrei dentro dela foi puxar o ar com tanta força que chegou a arfar contra a minha boca. Entrar nela me fez deitar a cabeça para trás e fechar os olhos, travando o maxilar.

Pau grande, boceta apertada, éramos o conjunto perfeito.

— Porra, Louis... — ela falou baixinho, engolindo em seco e apoiando sua testa em meu ombro.

Mal me recuperei e já comecei a forçar meu peito contra o dela enquanto segurava em suas coxas, mantendo-a perfeitamente aberta para mim. Comecei a movimentar os quadris, fodendo Elizabeth como ela

merecia.

A cidade em suas costas, iluminada e silenciosa por culpa da chuva, era testemunha que a menina era minha, por dentro e por fora. E suas costas lembrariam a quem tentasse algo contra ela, qual era a proporção da minha vingança.

— Relaxe, bambina… — pedi com a boca contra seu pescoço, sentindo seu cheiro viciante enquanto sua boceta apertava meu pau quase além do que eu podia aguentar. Saí dela quase que completamente e me enterrei, largando um pouco do peso dela para que meu pau batesse fundo. Elizabeth cravou as unhas na minha pele, segurando firme em meu ombro enquanto mordia o próprio lábio. A maldita me apertou com tanta força que precisei tirar o pau de dentro dela antes que desse alguma merda. Ouvi sua risada antes de ela me puxar pela nuca para um beijo e forçar as pernas para baixo, saindo da posição que eu a tinha obrigado a ficar.

Eu deixei, mas assim que ela pôs os pés no chão, eu a virei de costas, interrompendo nosso beijo e pegando suas mãos. As coloquei espalmadas contra o vidro e puxei o corpo de Elizabeth para trás, afastando suas pernas com meu pé.

— O que você está… Ah! — Ela estava olhando por cima do ombro, mas tombou a cabeça quando me encaixei em sua entrada, e em uma estocada só, meti meu pau inteiro dentro dela. Sem me mover nenhum centímetro, senti o suor escorrer pela minha nuca por todo o esforço de manter o controle. Me curvei sobre o corpo dela, beijando sua nuca e trilhando um caminho por cima dos machucados até seu ombro direito. Elizabeth ousou rebolar no meu pau e eu a mordi, descendo uma das mãos até entre suas pernas, dedilhando sua boceta, sentindo como ela ficava com meu pau dentro dela. Senti seu clitóris inchado e úmido. Passei o braço livre pela barriga de Elizabeth, prendendo seu corpo com força e lambendo a pele exposta de seu ombro até o pescoço. O reflexo de nós dois juntos no vidro me deixava com um tesão do caralho, tanto que queria acabar logo com aquilo, mas ela ainda precisava aprender uma coisa.

— Olhe — pedi. — Ande, abra os olhos e olhe. — Ela obedeceu, encarando o vidro. — Essa é a minha cidade, bambina — falei, esfregando os dedos em sua intimidade de forma lenta e dura. — E eu colocaria fogo nela por você.

Elizabeth não aguentou manter os olhos abertos, mas eu não parei, mantendo o corpo dela preso ao meu. Comecei o vai e vem forte e ritmado

contra ela, ouvindo o som dos nossos corpos um contra o outro, junto dos gemidos que ela não aguentava mais segurar ecoando pelo escritório. Elizabeth tentava acompanhar meu ritmo, mas suas mãos suadas escorregavam no vidro, me fazendo prestar atenção no reflexo do corpo dela. Passei os olhos pela visão das minhas mãos no seu corpo, os seios fartos e pesados balançando conforme eu a fazia ir para frente e para trás, a boca semiaberta que lutava para se conter, então, seus olhos, que antes fechados, se abriram e me encararam pelo espelho. Ela se atreveu a sorrir de canto antes de me apertar de propósito. Elizabeth queria assistir minhas reações e conseguiu me pegar desprevenido. Eu a apertei contra mim com mais força do que ela suportava aguentar, enquanto gemia forte e tentava me manter parado dentro dela. Lizzie gritou, batendo em mim para que eu a largasse, e conseguiu sua libertação não muito tempo depois.

Naquela hora, fui eu quem não tive chance de fugir. Ela me empurrou contra a poltrona na qual a encontrei chorando e me fez sentar, ajoelhando entre as minhas pernas e colocando meu pau entre os seus peitos. Aquela era uma visão e tanto para se guardar. Elizabeth começou uma bela espanhola enquanto me olhava totalmente desavergonhada. Por vezes colocou a língua para fora, apenas para lamber a cabeça do meu pau e me fazer apertar os braços da poltrona a ponto de quase machucar as mãos. Ela não se demorou naquilo e eu agradeci. Elizabeth falou alguma coisa na língua dela enquanto levantava rindo, e veio sobre mim, se ajeitando no meu colo, encaixando meu pau entre os grandes lábios de sua boceta quente, indo para frente e para trás com a cintura, esfregando o clitóris contra mim enquanto segurava nos meus ombros, totalmente à vontade. Segurei em sua cintura, forçando o corpo dela para baixo e aproximei a boca dos seus seios, beijando primeiro um, depois o outro, sugando e marcando a pele da minha criança até ela decidir a hora que me queria dentro dela novamente.

Quando ela finalmente se ergueu nos joelhos, pegando meu pau para encaixar dentro de si, eu me afastei para assistir. Eu não queria perder nada.

— Me avise… — ela disse com alguma dificuldade de manter a concentração. — Quando for… gozar. — De olhos fechados, Elizabeth desceu completamente sobre o meu pau.

Deitei a cabeça para trás e engoli em seco. Aquela menina ia acabar comigo antes de eu fazer qualquer coisa com ela. Maldita.

Ela pegou minhas mãos e colocou sobre seus seios. Eu não recusei, apalpando a carne macia. Senti os mamilos duros contra as palmas das

minhas mãos, o corpo de Liz pulsou sobre o meu até ela colocar as mãos firmes na poltrona, por trás da minha cabeça, e morder meu lábio inferior, puxando antes de dizer:

— É bom saber que você gosta de coisas intensas. Quero ver quanto tempo aguenta isso… — A provocação veio seguida de um riso e um beijo. Eu apertei ainda mais seus seios, arrancando dela um gemido baixo enquanto seus quadris começavam seu movimento dolorosamente lento sobre o meu pau. Liz fazia o desenho de um oito com a cintura e a aquilo me obrigava a sair e entrar nela, controlando a respiração com uma contagem mental. Elizabeth estava na merda do décimo segundo "oito" quando começou a se movimentar mais rápido e eu não consegui mais acompanhar em números. Ela afastou a boca da minha, apoiando a testa no meu queixo, e então deu sua cartada final quando desistiu de seguir o seu desenho mental, deixando o sobe e desce intenso ser sua única preocupação. Senti meu corpo quase pedir arrego, mas não podia, não antes dela. Me forcei a abrir os olhos e desci as mãos para sua cintura, agarrando Lizzie com tanta força ali que sabia que meus dedos estariam desenhados em sua pele mais tarde. Tomando parte do controle, apoiei uma das mãos em suas costas e forcei o corpo dela para trás. Elizabeth não foi boba. Desceu uma das mãos entre nós e começou a se tocar enquanto eu sugava seu seio direito, mordiscando o bico duro sem muita gentileza. Ela me apertava tanto que sabia que a qualquer segundo, poderia ser eu e não ela a gozar primeiro. Eu não gostava quando a ordem se invertia.

Quando Elizabeth começou a parar os movimentos dos quadris, vi minha oportunidade. Apoiei os pés no chão e deitei o corpo para trás o máximo que podia, me forçando para dentro dela mais rápido que antes, fazendo-a revirar os olhos enquanto se erguia e afundava os dedos no braço da poltrona. Lizzie abriu a boca em um grito mudo quando seu corpo chegou ao limite. A menina desmoronou sobre mim, a respiração desregulada no meu ouvido e o sorriso em seus lábios confirmando o orgasmo, junto da boceta que massacrava meu pau.

Ela se atreveu a dar algumas reboladas sobre o mim como provocação e eu a empurrei, sem precisar falar nada. Elizabeth foi rápida, levantando e se colocando bem a minha frente, envolvendo toda a cabeça do meu pau com a boca, sugando enquanto fazia o movimento de sobe e desce com as duas mãos. Os olhos verdes me encarando, apenas esperando por mim, foram o que me levaram ao limite. Quando eu gozei em sua boca, segurando em seu cabelo e urrando por conta do prazer que se espalhava no meu corpo, Lizzie

engoliu toda minha porra e lambeu meu pau até ter certeza de que eu havia terminado. Eu a peguei no colo, puxando-a para cima e beijando sua boca.

Como não querer que ela fosse minha?

Elizabeth Fabbri

Louis me vestiu com sua camisa e me guiou até a cozinha do primeiro andar. Ver o balcão onde eu e Louis nos beijamos anteriormente me fez lembrar de Kira.

— Kira é só sua assistente mesmo? — Cutuquei na intenção de arrancar algo.

— Sim, apenas. Por quê? — Louis perguntou, sentando-se no banco e me puxando para estar entre suas pernas.

— Porque o tom do batom dela era bem parecido com aquele da taça que encontrei aqui aquele dia.

Louis revirou os olhos ao me ouvir.

— Sim, era dela, mas você teria acreditado?

— Não, não teria. Ainda bem que você sabe — sorri e mordisquei a bochecha dele. — Ela parece tão nova. Como você a contratou?

— Kira tem uma história diferente. Esqueça isso! Não existe interesse sexual entre nós, caso essa seja a sua dúvida — Louis esclareceu e pelo seu tom, pude perceber que era verdade.

— E sua reunião hoje? Como foi? — Tentei puxar o assunto.

— Lorenzo é um dos meus capos. É isso que quer saber, *bambina*? — Louis provocou e eu me sentei no banco ao seu lado, vendo os pratos de comida ainda quentes e imaginando quanto da bagunça que eu e Louis fizemos no pequeno escritório ali de baixo Edgar havia escutado.

— Sim. Quero. Que tanto ele faz e o que vocês estavam resolvendo? — Peguei um pedaço do frango e enfiei na boca, mastigando enquanto olhava com curiosidade para Louis.

— Lorenzo é responsável pelo tráfico de armas e ele está tentando algo novo. Ele quase conseguiu. — Louis me olhou com a sobrancelha erguida e então balançou a cabeça. — Não, você não pode começar a achar isso normal, não é seu. — Ele se virou para seu prato e começou a comer.

— Não acho normal, talvez nunca vá achar, mas eu quero saber. — Chupei os dedos sujos da gordura do frango e peguei os talheres, imitando Louis.

— Em breve, assim que acertarmos, a máfia russa estará fora do caminho e então você, criança, será arrastada para minha cama e não sairemos do quarto por pelo menos três dias. — Louis puxou meu rosto pelo queixo e selou rapidamente a boca na minha. Eu esperava que esse "em breve" fosse no dia seguinte, mas segurei a ansiedade, colocando mais comida na boca. — Ah, a propósito, você está proibida de sair desse apartamento sem minha autorização. Não vou correr o risco de algo acontecer com você novamente, Elizabeth.

— Mas e o lançamento?

— Giovanna pode ajustar tudo.

— E a editora?

— Kira vai cuidar dela muito bem.

— De jeito nenhum. Eu preciso arrumar meu lançamento. — Meu tom saiu mais estridente que o planejado.

— Você vai mais cedo para a livraria no dia do lançamento e vai ter tempo de ajeitar tudo como espera. Vou me certificar de que Henry e mais alguns cuidem da sua segurança. Antes disso é arriscado demais e, a menos que você queira dar chance para o perigo, você vai me obedecer, pelo menos dessa vez.

Pela primeira vez, eu não discuti. Encarei meu prato e continuei a comer, engolindo a comida sem mastigar direito, apenas colocando para dentro.

Louis me acompanhou até o meu quarto e se deitou na cama junto de mim, se aninhando no meu corpo como ele fazia antes, entrelaçando as pernas nas minhas e prendendo minha cintura com uma das mãos enquanto encaixava o rosto no meu pescoço.

A luz já estava apagada, o quarto sem janelas estava um breu, mas eu não conseguia dormir. Meia hora depois, resolvi perguntar:

— Louis… — chamei baixinho, com medo de ele já estar dormindo.

— Hm… — ele respondeu.

— E se Natasha resolver aparecer aqui? — Tentei manter a estabilidade na voz.

— Ela está proibida de subir, criança. Não se preocupe com isso, apenas durma.

— Por que você está desistindo dela? — Não aguentei.

— Porque eu não preciso mais do que ela me traria. Consegui sozinho.

— E será assim comigo? Quando cansar de mim?

— Só se por um acaso você perder esse rabo ou então tirarem sua língua. Elizabeth, pare de fazer perguntas cujas respostas você já sabe. Estou muito viciado em você para perder o interesse do nada. Agora durma.

Não falei mais nada.

Louis era um bruto do caralho, mas eu entendia. O que tínhamos não era comum, nunca seria. Seria impossível colocar alguém no lugar de Louis, eu o reconhecia de olhos fechados, até mesmo sem tocar o homem. Pertencer a alguém nunca foi tão verdadeiro.

Eu só queria que aquela certeza pudesse acalmar meu coração para dormir o bastante por aquela semana, mas nada foi como o esperado e quando eu percebi, terça havia chegado. Eu mal havia dormido e já estava escrevendo mais um livro.

— Às cinco da tarde, Henry estará aqui para pegá-la — Louis falou assim que largou o celular. O homem acordou de mau humor por não me ver na cama mais uma vez naquela semana.

— Estarei pronta — afirmei sem desviar os olhos da tela. Minha nova criação era diferente, mas tinha potencial. Eu precisava colocar aquilo o mais rápido possível para fora.

— Seria bom dormir um pouco, antes — Louis sugeriu enquanto se levantava. Por um segundo, meus olhos foram em direção ao corpo nu do homem e mordisquei o lábio. Estava tão cansada, mas meu coração acelerado e a vontade de gastar todas as minhas energias para conseguir dormir pelo menos por quatro horas, fez-me levantar e avançar no homem como um animal.

— Finalmente… — Ouvi Louis dizer quando eu o derrubei na cama.

— Menos papo e mais ação. — Foi tudo o que disse antes de juntar minha boca na dele e me perder em Louis.

Quando terminamos, ele beijou minha cabeça e foi para o banho depois de me cobrir e finalmente me fazer cochilar.

Senti beijos sendo distribuídos pelos meus braços e ignorei, então a dor de uma mordida me fez abrir os olhos, xingando:

— Puta merda, Louis!

— Você precisa acordar. — Ele soou pouco exigente.

— Eu sei — respondi com a voz falhada. — Que horas são?

— Quatro. Levante, se apronte, e só saia quando Henry subir para te buscar.

Me sentei sonolenta, lutando para manter os olhos abertos e encarei Louis. Ele estava muito bem arrumado.

— Onde você vai?

— Lorenzo tem novidades. Depois de lá, vou resolver algo do nosso interesse.

— E vai ao lançamento? — Do nada, meu corpo acordou.

— Eu vou, bambina. Prometo. — Louis beijou o topo da minha cabeça e me colocou de pé.

— Espero por você — falei séria, já desperta o bastante para enxergar o sorriso de canto de Louis surgir.

— Não acredito que exista algo que me faça desistir de assistir você hoje. A conquista não é apenas sua… — ele me provocou e ganhou uma travesseirada.

— Vá logo resolver suas coisas e volte. Estou contando o tempo. — Me virei e caminhei até o banheiro, louca por um banho, enquanto ouvia a risada de Louis ecoando pelo corredor.

Se existia som mais bonito no universo, eu não sabia dizer.

***

Tentei esconder as olheiras o melhor que consegui. Me vesti com um dos conjuntos que ainda não tinha usado, uma saia de couro que ia até abaixo do joelho e uma camisa branca de tecido fino, cheia de babados e de manga comprida. Calcei a sandália de tiras que eu havia aposentado depois do voo até Nova Iorque e agradeci que meu cabelo já começava a crescer o bastante para eu amassar um pouco as pontas e dar volume ao corte.

Quando Henry subiu para me buscar com Zola nos calcanhares, meu coração se aliviou, mesmo no clima tenso graças à ansiedade. Ter meu melhor amigo segurando minha mão no banco de trás do carro fazia a ansiedade baixar.

— Temos dois carros fazendo a escolta extra. Nosso pessoal está misturado pela rua e dentro da livraria. Você está completamente segura,

entendeu? — Zola disse quando percebeu que minha mão suava e eu tremia.

— Entendi. Só tenha certeza de que está armado e que ninguém vai enfiar uma câmera na minha cara perguntando se vendi a boceta por tudo o que está acontecendo. — Fiz careta, tentando brincar, e Zola revirou os olhos, sorrindo para mim.

— Não se preocupe, Giovanna cuidou da parte midiática junto de Kira. Ela está lá há horas, gritando ordens como um verdadeiro sargento — Zola falou e me fez relaxar.

— Ela é bem bonita, não? Por que você não a chama para sair? Seria bom ver Giovanna percebendo que você é atraente e tem outras opções além dela.

— Cala a boca, Liz — Zola tentou tapar minha boca com a mão, mas eu fui mais rápida e me afastei.

— Maricas. Kira parece ser mulher demais para você.

E eu tinha que admitir que passei a gostar dela muito mais do que o esperado. Ela trouxe todas as noites um relatório gigante sobre tudo o que acontecia na editora e assumiu os detalhes do meu lançamento, garantindo que tudo sairia como o esperado. Eu confiei e assim que cheguei até a Golden Book, meu coração parou.

Os vidros da loja tinham adesivos de coroas iguais as da capa do livro. Não havia gente ali ainda, mas meu lançamento era apenas às oito da noite e eu me perguntei se meu coração aguentaria tanto.

Entrar na livraria foi maravilhoso. Tudo estava ajeitado com referências da história e assim que Kira me viu, ela piscou e continuou a dar ordens sobre como deviam empilhar os livros ao lado da mesa de autógrafos.

Giovanna estava ao fundo, parecendo abatida em seu suéter rosa. O cabelo preso no alto da cabeça em um rabo de cavalo dava o maior ar infantil e quando ela me viu, para minha surpresa, acenou. Eu devolvi o cumprimento, mas me mantive alerta ao restante do lugar.

Tudo estava praticamente pronto como eu imaginei que devia ser. Perto das oito, uma pequena fila começou a se formar e eu fui guiada por Kira até a mesa.

— Sente-se aqui, sorria e se prepare para a mão doer de tantos autógrafos que vai dar. Algumas blogueiras estarão presentes, mas eu vou te apresentar a cada um que for importante hoje aqui, não se preocupe. Relaxe e aproveite.

E foi o que fiz.

Depois de quase uma hora assinando livros, agradecendo muito sem jeito a cada um que aparecia e tirando mais fotos do que eu achava possível, chamei Kira de canto e perguntei discretamente:

— E Louis? Alguma notícia?

— Nada ainda, mas não se preocupe. Ele virá.

O tom de Kira não me tranquilizava, mas continuei pelos próximos quarenta minutos com a sessão de autógrafos, engatando uma leitura pequena do livro.

Eu queria dizer que havia sido espetacular, mas não conseguia. A cada vez que a porta se abria, eu me distraía achando que encontraria Louis ali. Foi então que em uma dessas vezes, Zola entrou e cochichou algo no ouvido de Kira, e por apenas esse segundo de descuido dela, eu soube que algo estava errado.

Assim que a leitura terminou, ela assumiu e puxou para si com maestria toda a atenção do público, enquanto Zola me puxou para o lado.

— O que aconteceu? — perguntei para ele antes de continuar seguindo.

— Precisamos sair daqui.

— Z, o que está acontecendo? — A voz de Giovanna ecoou atrás de mim e os olhos azuis dele foram para o rosto dela.

— Você e Lizzie, agora para o carro. Explicamos depois.

Giovanna me surpreendeu, pegando minha mão e puxando para fora.

— Você não vai perguntar o que está acontecendo? — questionei-a.

— Não quando ele fala assim. Zola nunca faria isso se nós não estivéssemos em risco. — Ela me respondeu por cima do ombro com o tom sério demais.

Assim que Zola abriu a porta e nós entramos, um motorista que eu nunca havia visto seguiu com nós duas em uma velocidade absurda para a casa de Louis.

— Eu odeio não saber o que acontece — reclamei baixo.

— Eu não… — O tom de Giovanna foi tão morto que eu me preocupei.

— Você está bem? — Coloquei a mão sobre a dela e ela quase sorriu.

— Se eu contar, você promete não dizer “eu te avisei?” e não conte para Zola, por favor.

— Tem certeza de que quer conversar sobre isso agora? Comigo?

— Não sei… — Giovanna parecia perdida e eu, me sentindo uma

bosta de amiga. Agradeci por ela se trancar na própria cabeça. Estava nervosa demais com o que estava acontecendo ali. Precisava chegar logo ao apartamento, ver a cara de Louis e acalmar meu coração. Ele havia prometido que iria e só por algum motivo muito fodido ele quebraria a promessa.

Entramos pela garagem e subimos no elevador junto de Zola em completo silêncio. O loiro estava alerta demais e fez meu coração disparar. Eu podia ouvir o som das batidas no ouvido.

Quando as portas do elevador se abriram, corri para fora e abri a porta, vendo a cena que faria meu coração se partir de uma forma inimaginável em pedaços tão pequenos que seria impossível juntá-los.

Felippo estava em pé, no meio da sala, junto de Henry, e a cara de nenhum dos dois era boa. Nas mãos do soldado, a camisa que Louis vestia mais cedo estava cheia de sangue.

Meus joelhos cederam sob o peso do meu corpo, enquanto minha cabeça processava o que era aquilo.

— Felippo, o quê? — Giovanna falou em um tom nada gentil.

— O Don sumiu — Henry falou mais alto, fazendo a verdade ecoar nos meus ouvidos e então no resto do meu corpo.

— Louis sumiu sem deixar rastros. Eu sinto muito. — O tom de Felippo era direcionado a mim e enquanto o homem falava, ouvi o grito de Giovanna ser abafado pelo abraço de Zola, enquanto minha respiração falhava.

Nunca, em toda minha vida, eu quis desmaiar tanto quanto naquele momento.

CAPÍTULO 24

Louis Luppolo

As coisas finalmente pareciam se acertar. Quando vi a mensagem de Lorenzo me chamando com urgência, não hesitei. Seria um grande dia para mim, para Elizabeth e para nós. Todas as ressalvas dela cairiam por terra quando o noivado terminasse e eu estaria livre de Natasha e seu pai. Felippo ficaria tão contente com o novo sogro… Seria um prazer anunciar minha decisão.

Atravessei a cidade naquele começo de tarde com apenas um segurança no banco do passageiro. Queria dirigir, queria ir o mais rápido que podia até a solução do meu problema e assim que parei na porta dos Ferioli, comecei a contar os segundos até a hora de eu me ver livre daqueles ratos.

Um, dois, três…

Cada número tinha sabor de vitória.

— Isso que é rapidez. — Lorenzo abriu a porta, sorrindo abertamente. — Entre logo, isso é melhor do que eu esperava. — Ele já me dava as costas, andando a minha frente. Eu o segui.

— Então realmente funciona?

— Vamos testar juntos, mas o que diz sobre me emprestar alguns milhões por algumas horas? — Lorenzo riu quando me deu passagem para o pequeno escritório.

— Onde está Delfina? — Estranhei. O homem carregava a esposa para todo canto.

— Vicenza a convidou para sair, já que está na cidade.

— Os Lazzarin ainda estão aqui?

— Não foram embora desde o seu aniversário — Lorenzo comentou sem dar muita importância. — Louis, esse é Hank878. — Olhei sem entender e Ferioli explicou. — Esse é o *nick online* dele. Nenhum dos meus nerds tem um nome real. Venha. Sente-se e veja a mágica acontecer.

O homem acima do peso usava um rabo de cavalo puxando parte dos

cabelos que sobravam na frente. Podia ver todo seu couro cabeludo brilhante por baixo dos fios ralos e achei patético. Ferioli devia ter entendido meu espanto e deu duas batidinhas na minha perna com um sorriso divertido no rosto.

— Será que podemos começar? Hank, que tal tirar uma pequena quantia da conta de Louis? Um milhão? Não vai te fazer falta.

Os dedos do hacker começaram a trabalhar no teclado e em pouco mais de um minuto, ele avisou com a voz profunda:

— Pronto.

— Impossível… — debochei.

— Então, confira.

Peguei meu celular e consultei o saldo da minha conta.

Segurei o sorriso quando vi que era real. Um milhão a menos…

— O que mais a gente pode fazer? — O jogo estava na metade e quase ganho. Aquele seria meu *xeque mate.*

O programa conseguia alterar os números registro em vídeos, mudando data e hora das gravações. Criar álibis seria a coisa mais fácil do mundo a partir dali. Henry, em uma semana, estaria livre de três acusações.

Testamos mais, invadimos contas de redes sociais de alguns poucos políticos, tivemos acessos às conversas, testamos invadir cada um dos bancos em que eu e Lorenzo tínhamos contas e nenhum nos barrou.

Eu estava feito com aquilo na mão.

Bati no ombro de Lorenzo, realmente animado por tudo que estávamos fazendo, e me levantei, olhando no relógio para constatar que ainda tinha uma hora e quarenta e três minutos antes do lançamento de Elizabeth.

— Preciso sair, mas nos vemos em breve. Existem algumas coisas que precisamos fazer com urgência, mas discutiremos isso mais tarde. Tenho um compromisso agora, mas antes preciso resolver uma questão.

— Posso saber qual? — Lorenzo me olhou por cima do ombro, curioso.

— Terminar logo a merda do meu noivado. — Me despedi com aquela notícia e me dirigi até a saída, extremamente eufórico por poder eu mesmo dar a notícia em primeira mão para Natasha.

— Gennaro, não preciso de você. Pegue um táxi e volte para casa.

— Mas o senhor vai desacompanhado? — O soldado se surpreendeu.

— No dia que eu precisar de ajuda para lidar com uma garota, me

mate porque estou imprestável. — Desarmei o carro e dei partida pela chave. Uma velha mania desde que vi alguns homens morrendo assim. — Vá descansar, foder, beber. Faça o que quiser o resto do dia. — Entrei no carro, deixando o homem parado em um dos degraus da entrada da casa de Lorenzo e fui embora, pronto para me libertar daquela merda, pronto para expôr tudo o que eu pensava.

O prédio que Natasha morava não era tão distante do meu, mas não me lembrava qual a última vez que havia pisado ali. Depois de o porteiro me anunciar, demorou um pouco até ser liberado para subir, mas ele finalmente o fez.

Andei para o elevador, contando os segundos que restavam até estar livre e me encarei no espelho da caixa metálica, reparando que minha barba começava a ficar maior do que eu estava acostumado. Meu cabelo também precisava ser aparado e aquele seria meu plano para o dia seguinte logo cedo. Coloquei a mão nos bolsos e brinquei com a língua entre os caninos, acompanhando a contagem mental. Faltava pouco, muito pouco…

Quando o décimo terceiro andar apitou no visor do elevador e as portas se abriram, a mulher que sempre acompanhava Natasha estava na porta. Olga Marakov era a uma espécie de dama de companhia e ela estava inclusa no contrato. Onde Natasha fosse, ela ia atrás.

— Don Luppolo, não esperávamos o senhor aqui. — Ela quase foi perfeita em sua atuação.

— Natasha está? — cortei a mulher, passando por ela e entrando no apartamento.

As paredes eram de um branco quase creme, a cozinha pequena era a primeira coisa que se via e apenas ali tinha uma janela que ia do teto ao chão. De resto, o chão de madeira fazia barulho contra os meus sapatos e a luz amarelada vinda das lâmpadas penduradas fazia o ambiente convidativo.

— Está se trocando. A menina estava de pijamas até agora… — Ouvi a mulher enquanto ela andava na minha frente, me guiando até a sala. — Não quer se sentar?

— Não. Serei breve — falei, ficando de pé atrás do sofá.

— Aceita uma bebida enquanto a menina Natasha não vem? — O sotaque russo da mulher era muito mais forte que o de Natasha.

— Aceito. Mas mantenha os copos de vidro longe de sua protegida. Eu duvido muito que ela vá gostar quando eu anunciar que nosso noivado não existe mais — disse enquanto observava a mulher que havia virado de costas.

Ela parou por um segundo e continuou a andar até a cozinha como se eu não tivesse falado absolutamente nada.

Três minutos depois, Natasha apareceu, me olhando desconfiada em suas calças jeans e camiseta. Eu nunca a havia visto tão à vontade.

— Que surpresa… — Ela deu um passo, aproximando-se e eu ergui a mão, fazendo-a parar.

— Eu vou ser breve. Acabamos agora com esse teatro ridículo. Você e todas as suas ilusões de casamento podem ficar aqui nesse apartamento, mas não conte comigo nelas. Sua futilidade e seu jeito infantil, sua cabeça manipulável e sua desobediência mostram de longe que você não é mulher para mim.

— Como? — Ela não parecia acreditar no que eu falava.

— Acabou aqui a farsa. Vou ligar para o seu pai hoje à noite e explicar tudo. Talvez você ainda tenha um casamento dentro da Dark Hand, caso ele aceite o que eu pedir, mas acredite, eu não serei o noivo. Era só isso.

Os olhos azuis de Natasha estavam cheios de lágrimas quando passei por ela. Olga estava logo atrás com o meu copo de bebida na mão. Me atrevi a pegar o que me foi oferecido antes, beber o líquido amargo de uma única vez e largar o copo em cima do balcão perto da entrada.

Quando a porta bateu bem nas minhas costas, a sensação de liberdade selvagem encheu o peito.

Eu estava ansioso para saber como Elizabeth reagiria quando soubesse.

Assim que coloquei o pé na rua, minha visão ficou turva por um minuto e precisei me apoiar na parede. Esfreguei os olhos e passei a mão pelos cabelos. Eu andava tão preocupado com a saúde de Lizzie que havia sido negligente com a minha desde que havia voltado para a América. Ligaria para Kira e pediria para agendar um médico assim que possível.

Me recuperei e voltei a caminhar em direção ao carro, mas assim que entrei, tive a sensação de que a pressão estava caindo. Minhas mãos começaram a tremer e comecei a suar frio. Ali não era um bom lugar para passar mal.

Antes que pudesse fechar a porta, um homem entrou pelo passageiro, outro segurou a porta do meu lado e eu ouvi a risada.

— Grande Don Luppolo. — A porrada na minha têmpora foi rápida e eu não tive como me proteger. Quando tudo ficou escuro, eu saí de cena.

CAPÍTULO 25

Elizabeth Fabbri

Henry me colocou de pé e me sentou no sofá, bem ao lado de onde Zola havia colocado Giovanna. Meu peito queimava, minha garganta estava seca e minha boca tinha um gosto amargo. Onde estava Louis?

Não sabia que horas eu havia começado a chorar, mas quando passei a mão pelo rosto para afastar o cabelo, senti a bochecha molhada.

— O que aconteceu? Onde vocês acharam isso? Z, eu quero meu irmão... — Giovanna começou exigente e então se partiu em um tom trêmulo e frágil.

— O Don tinha uma reunião com Lorenzo. Um dos soldados o acompanhou até lá, mas depois disse que o Don o dispensou e partiu. Achamos o carro depois dele não atender nenhuma ligação, estava abandonado perto do porto. A camisa estava jogada no banco.

— Zola — falei baixo, encarando o vazio bem a minha frente, e pude sentir todos os olhares na minha direção. — Ele não estava planejando isso, estava? — Eu pensei por um segundo naquelas reportagens em que as pessoas tentavam dar o golpe no seguro de vida. Que Louis fosse burro o bastante para isso.

— Não que ele tenha avisado, Liz. — Giovanna começou a chorar alto e ele a ninou. Eu ergui os olhos e vi Felippo fuzilar Zola com o olhar. — Precisamos aguardar. Louis deve estar escondido, ferido.

— O Don já teria entrado em contato — Henry se intrometeu. — Preciso organizar uma busca. Se Don Luppolo está lá fora, vivo ou morto, nós precisamos encontrá-lo.

— Henry, junte todos os soldados em que podemos confiar na sede. Reforce a segurança desse prédio e Giovanna, você vem ficar aqui por esses dias, até acharmos seu irmão — Felippo deu as ordens. — Luppolo começou uma guerra e nós estamos presos no meio dessa merda. Elizabeth, você está proibida de sair desse apartamento. Giovanna, vem comigo, vamos buscar

suas coisas.

— Eu não vou. Zola pode me levar mais tarde — Giovanna disse, magoada.

— Agliardi vai obedecer ao Consiglieri dele, não é mesmo? — O maxilar de Felippo se tencionou quando ele ignorou Giovanna e se dirigiu apenas a Zola, e eu o vi, pela primeira vez, como homem. Ele era da mesma altura de Zola, mas pouca coisa mais magro. Isso não significava que perderia uma luta. Felippo parecia puro músculo.

— Preciso ir, G. — Ouvi meu melhor amigo dizendo e peguei a mão dele quando o mesmo estendeu como se tentasse me confortar. Não tinha jeito, eu estava sozinha ali e no momento sem força alguma para discutir.

Quando Zola e Henry saíram do apartamento, eu me levantei, sem saber como, e peguei a camisa de Louis das mãos de Felippo.

— Existe alguma chance de ele estar vivo? — perguntei baixinho, não querendo pensar em nenhuma outra possibilidade conforme passava a mão pelo tecido sujo.

— Existe, se isso não vazar. Se qualquer um que quiser Louis fora da jogada souber que ele está por aí ferido, nós não seremos os únicos procurando por ele. — Felippo desviou os olhos dos meus e se virou para Giovanna.

— Vamos? — ele a chamou e por um minuto eu quis colocar a garota no colo.

Estava estampado na cara dela que a qualquer segundo iria desmoronar.

— Até daqui a pouco — ela sussurrou para mim e o loiro a guiou até a porta com a mão apoiada na base de sua coluna.

Finalmente sozinha, arranquei os sapatos e me joguei no sofá, abraçando a camisa, sentindo o cheiro dele misturado com o sangue quase seco. Aquilo me trouxe a pior memória possível. Menos de dois meses depois, Louis podia estar no meu lugar e eu não fazia ideia do que poderia fazer para salvá-lo.

Chorei até perder a consciência e agradeci pelo sonho vazio.

Acordei no meio da madrugada, tapada por uma coberta macia e não sabia se tinha sido Edgar ou Giovanna, mas me enrolei no tecido quentinho e fui até o escritório do primeiro andar, posicionando a poltrona exatamente onde uma semana atrás o meu sexto sentido berrou que algo estava para dar errado e eu não dei ouvidos. Agarrada à camisa, me sentei ali e assisti o dia

amanhecer e anoitecer, ignorando qualquer tentativa de Giovanna ou Edgar de falar comigo, esperando ansiosamente que Louis invadisse a sala como fez da última vez.

No final do terceiro dia, ele não havia voltado e eu estava em um estado deplorável. A camisa a qual eu me abraçava cheirava mal, meu corpo estava dolorido demais por se manter naquela posição por tanto tempo e eu fedia, sem coragem de me mover um centímetro sequer.

Quando a noite caiu, comecei a ouvir passos do lado de fora e uma conversa alta, mas apenas assisti pelo reflexo da janela quando Zola entrou na sala como um foguete.

— Deixe-a em paz! Ela vai falar quando estiver pronta. — Giovanna tentava colocá-lo para fora.

— Ela vai se trancar e nunca mais sair. Elizabeth vai enlouquecer se ficar aqui! — ele gritou de volta. Zola afastou Giovanna com o braço, pela primeira vez não sendo gentil com a garota, depois veio na minha direção e parou na minha frente.

Ergui os olhos apenas por ele atrapalhar minha visão da cidade e vi seu rosto em uma bela mistura de fúria e pena. Que merda.

— Vamos, levante. Você precisa se alimentar, precisa de um banho. — Zola colocou as mãos nos meus braços e eu, sem entender o que sentia, de uma hora para outra, fui de zero a cem. Do nada meu peito estava vazio e então, toda raiva, medo e necessidade de lutar chegaram juntos.

Afastei Zola com toda força que eu tinha, mas três dias sem me alimentar pareciam ter feito minha força se esvair. Não demorou dois minutos para que Zola me pegasse por trás e travasse os braços ao meu redor, me imobilizando enquanto eu gritava.

— ME DEIXE EM PAZ! — Tentei fugir, me debatendo enquanto sentia o nó na minha garganta crescer.

— PARA! VOCÊ ESTÁ FEDENDO, LIZ! — Zola me sacudiu de um jeito muito bruto. — Giovanna, abra a porra da porta e saia do caminho se não for ajudar — ele ameaçou e eu nunca ouvi Zola falar daquele jeito.

Eu chorava enquanto ele me arrastava para o banheiro mais próximo, então, Zola me jogou dentro do box e ligou o chuveiro bem em cima da minha cabeça.

— POR QUE ESTÁ FAZENDO ISSO COMIGO? — eu continuava a gritar enquanto o loiro me segurava de terno e gravata embaixo d’água, até eu desistir de lutar. Chorei no ombro de Zola, deixando tudo sair de dentro de

mim.

Eu sentia tanta falta de Louis, estava tão aflita, tão preocupada, tão sozinha… sentia falta do corpo, do cheiro, da voz, da mania esquisita de passar a língua entre os dentes e dos sorrisos que ele dava exibindo a merda dos caninos. Eu sentia falta do humor, da fúria, de tudo. Sentia tanto que doía.

Louis era minha parte mais escura e, naquele momento, eu era incompleta. Quebrada.

Zola me deixou sentar no chão do banheiro enquanto a água molhava toda minha roupa.

— Liz, eu preciso que você reaja. As coisas vão ficar feias, Louis não ia gostar de ver você tão frágil. Lute, Liz. — Ele se agachou bem na minha frente.

— Eu estou cansada de lutar, muito cansada, Zola. Eu só quero ficar quieta, por favor, por favor… Só um pouquinho quieta, só até parar de doer. — Me encolhi contra a parede, tentando parar de tremer enquanto sentia meu estômago dolorido de fome e a cabeça pesada.

— Não temos tempo agora, Liz. — Zola tentou me fazer reagir, mas não adiantou muita coisa.

— Eu cuido dela. — Giovanna apareceu perto do box e abriu o vidro apenas de calcinha e sutiã. Meus olhos se fecharam e eu encostei a testa na parede fria.

— Tem certeza? — Eu ouvi Zola questionar.

— *Cazzo!* Eu estou tentando ser útil! — a garota esbravejou com ele. — Me deixe com Lizzie, vá pegar roupas limpas, peça para Edgar.

Assim que Giovanna assumiu o lugar de Zola, eu abri os olhos para encarar a barbie de corpo perfeito e extremamente branco se sentar no chão do banheiro bem a minha frente

— O que está tentando fazer? — perguntei para ela.

— Não faço ideia, mas vou ficar aqui com você, até que se sinta pronta para sair. — O tom da garota foi firme e eu estranhei. Fazia muito tempo que não ouvia Giovanna tão determinada.

— Você não precisa…

— Preciso, preciso sim. Tenho sido uma péssima amiga com você, Zola e todos os que tentaram me abrir um pouco os olhos, Lizzie. Felippo organizou uma bela festa em seu apartamento e eu cheguei de surpresa, atrapalhando a diversão dele. — Ela riu como se fosse idiota. — Por que

contos de fadas não são reais? — Giovanna avançou para cima de mim, tirando minhas roupas.

— Porque eu seria pequena e magra, e seu irmão provavelmente seria gigante e peludo como a Fera. — Ajudei Giovanna, terminando de ficar nua.

— Só até o beijo de amor verdadeiro. — Ela sorriu de um jeito triste, sem olhar nos meus olhos.

— Acha que ele vai voltar? Acha que ele ainda está vivo? — Evitei olhar para ela também.

— Eu não sei, Lizzie… Acho que se já estivesse morto, nós saberíamos. Ninguém mataria Louis sem sair se exibindo por aí. — Ela suspirou. — Essa é a minha esperança. Avisaram meu pai, mas o resto do conselho já notou que algo está errado. Lorenzo está sendo investigado, o soldado que deixou Louis sozinho está pagando o preço.

— E você voltou a subornar Zola com seu jeito doce — tentei brincar.

— Não. Fiz Felippo falar e vou usar a culpa na consciência dele até onde puder. — Revirei os olhos e soltei um "nojo" bem baixinho. — Ele me ama, Liz. Ele realmente ama. Felippo faz besteira como todo homem, porque, afinal de contas, são homens. — Ela deu de ombros com uma cara de sem vergonha que me fez lembrar o irmão.

— Segundo Isabella, homem é aquela coisa chata em volta do pinto. — Quase ri e fiz Giovanna abrir um sorriso enorme.

— Senti sua falta — ela disparou. — Sinto muito por ser idiota.

— E mimada, e gostar de ser cega, e nada lógica — tentei enumerar e ela segurou meus dedos.

— Ok, pode parar. Quero minha irmã de volta e preciso que você seja forte. Louis vai me matar quando voltar, se por acaso ver que eu te deixei sozinha nessa. Irmãs não devem brigar.

— Não, não devem. — Aceitei o abraço de Giovanna e me achei idiota por achar que a garota precisava ser como eu. Eram criações, vidas e personalidades completamente diferentes. Se eu estava em um relacionamento doentio com o irmão dela, quem era eu para julgar o dela? Quem era eu para apontar o dedo e forçar a garota para fora de uma vida que era tudo o que ela conhecia? Uma hora ela aprenderia, a vida sempre se encarregava disso.

Fiquei por mais uma hora dentro do chuveiro, em silêncio com Giovanna, enquanto a água corria e levava as lágrimas junto para o ralo. Quando achei que estava pronta, me lavei decentemente e saí, me enrolando

em um roupão. Giovanna me imitou e me guiou até a cozinha onde Zola estava. O loiro sentado no balcão de regata e moletom me fez estranhar.

— Está de folga, soldado? — brinquei, na tentativa de medir a situação, mas quando Zola abriu o sorriso de sempre, meu coração se aqueceu.

— Alguém precisava alimentar você, mas ninguém se lembrou que minions adoram bananas. — Ele me ofereceu uma que estava na fruteira próxima e eu ri.

— Vire a bunda e veja quem mais vai passar a adorar a fruta. — Ouvi Giovanna gargalhar e me sentei ao lado de Zola, encarando o prato de comida que Edgar havia feito.

— Bom te ver, senhorita Elizabeth. — O senhor piscou para mim e voltou a atenção ao jornal que lia. Foi então que me dei conta que, se algo ruim tivesse acontecido com Louis, eu já teria tido a notícia. Não dava para lidar com o sentimento de perda, então me agarrei da forma mais firme que podia à esperança de tê-lo de volta e, depois de tanto tempo, tive fé.

— Liz, precisamos conversar — Zola e Giovanna me chamaram depois que vesti o pijama e eu me sentei na cama, ouvindo atentamente o que eles tinham para dizer.

— A Família já percebeu que algo está acontecendo, os Luppolo vão se reunir aqui e, se a informação vazar, em breve todos saberão e você pode correr um risco ainda maior. — Zola explicou.

— Ok… E onde eu entro nisso tudo? — questionei sem entender.

— Meus pais e irmãos vão ficar aqui, é o canto mais seguro da cidade para nós — Giovanna tentou explicar. — E toda minha família reunida pode ser um problema.

— Eu não faço questão de participar desse encontro. — Tentei me esquivar, mas o que eu temia foi confirmado pela boca de Zola.

— Nesse caso, Liz, você não tem muita opção.

E eu entendia, mesmo não aceitando. Se o sumiço de Louis fosse uma revanche, eu podia ser uma moeda de troca. Eu, aos olhos da máfia, era a peça descartável do tabuleiro. O problema sobre pernas, a puta do chefe. Engoli em seco e tentei manter a calma.

O que Louis faria? Tentei pensar como ele, mas tudo o que me veio na mente foi morte e eu não era disso. No final das contas, se tivesse que morrer no lugar de Louis, talvez Deus me desse algum crédito.

Não dormir aquela noite não foi uma opção e assim que Zola me deu

o remédio e me ajeitou embaixo das cobertas, senti meus olhos pesando.

— Descanse! Amanhã você tem exames a serem feitos. Kira irá te acompanhar, ela barganhou sua saída com Felippo. — Ouvi a voz de Zola longe.

— Eu gosto dela, você devia sair com ela — soltei alto o bastante antes de ser engolida pelo escuro. Adormecer nunca foi tão necessário.

Louis Luppolo

Acordei com o peito queimando. Me lembrava de ter lutado quando a consciência voltou, mas alguém me machucou e bateram na minha cabeça de novo, inclusive, a dor ali era massacrante. Abri os olhos rápido demais e não entendi o que acontecia. Minhas mãos estavam presas por uma corrente grossa, meus pés também. Olhei para baixo, me dando conta que estava sem camisa e com um belo corte no peito. O sangue seco me dizia que eu estava desacordado há algum tempo.

Para minha surpresa, Natasha estava ali. Desacordada sobre um colchão velho, com um filete de sangue em seu rosto e outro em sua boca.

Meu corpo estava dolorido, mas nada que eu não aguentasse. Tentei me colocar de pé com alguma dificuldade, arrastando as correntes até estar perto da menina. Conferi se ela respirava e a chamei.

— Natasha. Acorde. — A sacudi como deu e funcionou. Aos poucos ela foi abrindo os olhos e finalmente voltando à consciência. — O que você faz aqui? O que aconteceu?

Ela se sentou assustada, olhando tudo em volta, depois focou os olhos em mim e então começou a chorar.

— Eu desci, precisava fazer você mudar de ideia, precisava tentar e então eu os vi pegando você. Tentei impedir, mas me enfiaram no carro e eu não lembro de mais nada depois disso… Ah, meu Deus, Louis! O que eles vão fazer com a gente? — O tom de voz dela aumentou e eu tentei acalmá-la.

— *Shhhh.* Quanto mais tempo eles acharem que estamos desacordados, melhor, então cale a boca e evite chorar. Aproveite que está desamarrada e procure algo nessas prateleiras. Veja se consegue alguma coisa que possa quebrar esses cadeados. — Exibi o que estava em meu pulso

prendendo as correntes. Ela fez que sim com a cabeça, mordendo a boca e se pondo de pé.

O lugar em que estávamos presos era um porão. Não tinha janelas, a luz era fraca e as paredes estavam repletas de prateleiras com quinquilharias. Baldes de tinta, pregos e outras coisas, mas nada capaz de quebrar as correntes.

Aquilo só podia ser obra de Arturo. Quem mais teria motivos e seria tão atrevido de mexer comigo na minha cidade? Passar mal àquela hora também não tinha sido uma boa, eu era saudável, mas no calor, às vezes, acontecia de a pressão arterial ficar baixa.

— Não tem nada aqui que ajude, mas me deixe ver você. Seu peito está machucado, tem sangue no seu pescoço. — A ruiva se aproximou, sentando no colchão e me puxando entre suas pernas, examinando meu couro cabeludo dolorido e depois meu peito. — Precisamos limpar isso… mas não tem como…

— Foda-se isso, precisamos sair daqui! — Assim que eu terminei de falar, a porta se abriu. Um homem forte de rosto tapado desceu as escadas nos encarando.

— O casal parece muito feliz. As acomodações estão à altura de receber vocês? — O tom de zombaria me irritou e eu fiquei ereto enquanto sentia as mãos de Natasha se apertando ao meu redor. O coração dela estava disparado.

— O que vocês querem? Dinheiro? — perguntei encarando os olhos do homem. Era a única parte exposta de seu rosto.

— Sempre achando que dinheiro é o problema, não? — O homem riu e se aproximou, tirando um facão de dentro da bainha e apontando em minha direção. Pegou os cabelos de Natasha e a puxou para ele. Tentei segurá-la ali, sabendo que seria uma merda se ela morresse ou se machucasse. A guerra estaria armada caso algo do tipo acontecesse. Infelizmente, mesmo com os meus esforços, ela também lutou em vão. O homem a colocou de pé e, pondo a faca em seu pescoço, andou com ela em direção as escadas. Mas antes de subir os degraus, ele virou na minha direção e falou. — Não fique triste, Don. Daqui a pouco alguém vai te dar o que você merece. — O desconhecido forçou Natasha para cima e eu fiquei lá embaixo, preso e me sentindo inútil enquanto os gritos dela ecoavam do andar de cima.

Os gritos pararam depois de eu ter contado até 2697. Ou pelo menos eu pensei que tivessem parado. A porta se abriu novamente e um homem

mais magro, branco e careca desceu as escadas. Seus dentes amarelados eram exibidos em um sorriso doentio. Os olhos marcados e fundos eram insanos. Estava bem claro sua missão ali, ainda mais quando vi a bandeja que carregava.

— É um prazer, Louis. Me contaram que você é um apreciador da dor tanto quanto eu. — O homem se aproximou, mas não o bastante para estar ao meu alcance. — Nós vamos fazer alguns experimentos, talvez você até goste no final. — Ele gargalhou quando viu meus olhos atentos no que carregava. — Ah, não. Isso ainda não é para você.

Outros dois homens muito mais fortes desceram as escadas e sem falarem nada, começaram a ajeitar as coisas. Um gancho no teto me fez lembrar como encontrei Elizabeth.

Mal sabiam aqueles homens que a dor era a única coisa que eu conhecia de verdade.

Não resisti, sabia que seria pior. Quando me penduraram e me acertaram na costela pela primeira vez, eu ri.

— Disseram que ele era doido — um dos homens comentou para o outro antes de me acertar no meio do abdômen. A dor percorreu todo meu tronco e eu urrei, ainda mantendo o sorriso. — Quanto será que ele valeria sem os dentes? — O homem seguiu me socando o rosto, fazendo a dor da cabeça piorar. Eu travei o maxilar enquanto aguentava a adrenalina fazendo efeito no corpo antes da dor, e quando ela chegou, eu gargalhei.

— Mal sabem vocês que é um prazer estar aqui.

Aquele foi o alimento certo. Quando os dois caíram em cima de mim, socando todo meu corpo, trazendo tudo de uma vez, eu agradeci. Nunca precisei tanto da minha sanidade de volta. Ser o Louis de quinze anos atrás era a única forma de sobreviver.

Quando tudo acabou, sabia que meu rosto era uma massa inchada e meu corpo doía a cada mínimo movimento. Era uma sorte não terem me chutado as bolas, inclusive aquela era a única parte do meu corpo que parecia estar intacta. Quando soltaram minhas mãos do gancho e o sangue voltou a circular até os dedos, a sensação foi péssima, mas me deixou acordado. Caí de cara no chão, ficando imóvel, ainda rindo enquanto o gosto de sangue na boca me deixava saborear aquele momento. Eu os pegaria, eu os mataria e beberia o sangue deles; era questão de tempo.

Meus olhos estavam inchados o bastante para que eu não conseguisse abrir e eu não tive nenhuma vontade de me mexer. Contei ali, largado no

chão frio, os segundos que faltavam até alguém aparecer, mas antes disso caí no sono.

Elizabeth Fabbri

Quando voltamos ao endereço de Louis, depois de colher sangue o bastante para fazer todos os exames possíveis, Kira e eu encontramos Felippo na entrada do apartamento, olhando fixo para algo em suas mãos.

— O que está tomando tanto tempo do *consigliere*? — Kira provocou e, sem muito respeito, passou por Felippo e pegou a flor em suas mãos.

Eu gelei.

— Isso não é do seu interesse, Kira. — A voz de Felippo saiu baixa, era uma ameaça escondida.

— Natasha — eu falei baixo. — Onde está Natasha? — perguntei com a voz um pouco mais firme, sentindo o estômago tremer enquanto a porta do apartamento se abria e uma mulher a qual eu nunca havia visto antes se apoiava nela.

Ela devia ter por volta de cinquenta anos, o cabelo loiro caindo em cachos perfeitos em volta do rosto angelical e os olhos verde esmeralda me medindo de cima a baixo quando reconheceu a única estranha parada no hall.

— Hm… — Ela mexeu a taça de vinho no ar e brindou. — *La puttana latina di Louis…* — O tom foi cruel e a mulher bebeu da taça logo em seguida.

Se Louis era o diabo, a mãe dele era o quê?

— *Mamma, non essere scortese.* — Matteo surgiu bem atrás da mãe, cortando o meu impulso de resposta, e a afastou da porta, gritando por alguém lá dentro.

— Fiama é um saco. — Li os lábios de Kira e respirei fundo. A vontade de mandar a mulher ir se foder martelava no meu peito, mas me segurei.

— *Perdonami! Mamma* está abalada e muito bêbada. — Matteo sorriu, segurando a porta e abrindo completamente para a passagem de Felippo, permitindo ver seu corpo perfeito em um jeans azul escuro e camiseta de mangas compridas cinza chumbo. — O que é isso, Kira? — ele

questionou a rosa na mão dela e sua expressão se fechou.

— Um recado, você sabe melhor do que eu. — O tom dela era quase entediado. Kira parecia um camaleão, adaptando seu tom a cada um com quem falava.

— Natasha me enviou várias dessas — me intrometi.

— Uma imitação nossa — Matteo falou sério enquanto pegava a flor na mão. — Isso significa luto. As famílias já sabem. — Os olhos de Matteo estavam quase dourados e pude ver preocupação neles. Se um dos donos daquela porra estava aflito, quem era eu para não estar? — Entrem, não quero discutir isso aqui na porta.

Kira passou por Matteo logo depois de Felippo e eu fiquei por último. Antes que eu desse mais um passo, o homem se adiantou.

— Espero que você realmente tenha a fibra que meu irmão acreditava. Prometo fazer o possível para manter minha mãe longe, mas não se distraia com ela por perto e, por mais que tenha vontade, não a desafie. Nossa família teve a quem puxar.

— Ok. — Respirei fundo, já planejando as horas trancadas no quarto.

— É sério, Elizabeth. Eu não vou estar perto o tempo todo.

Não esperei para ver. Subi as escadas, indo em direção ao meu quarto, e me tranquei lá até que ouvi baterem à porta. Para minha surpresa, Kira apareceu e sua expressão não era das melhores.

— Precisamos conversar. — Ela invadiu o quarto e fechou a porta. — Você vai mudar de quarto, vai ficar no de Louis. Não confio em você sozinha com uma porta que não tranque quando Fiama está aqui. — Ela se sentou na minha cama e me puxou para sentar ao lado dela.

— Qual o problema dessa mulher? — questionei.

— Fora ser preconceituosa e não aceitar nada que não seja nos padrões da Família? Ela seria a primeira a te oferecer em troca de informação. Você realmente acha que não adorariam exibir você nos bordéis das outras máfias como a mulher que virou a cabeça de Louis? — O pensamento me embrulhou o estômago. — Isso não é brincadeira de criança, Elizabeth. Estão dando Louis como morto. Tem quase uma semana que ele sumiu e a Família tem regras. Daqui a pouco vão se reunir e seguir em frente. A organização não pode parar.

— Isso significa que vão desistir de encontrar Louis? — Meu coração, se estivesse inteiro, teria se partido novamente. — Eles não podem!

— Podem, e vão. Por isso eu preciso da sua ajuda. O que foi que

Louis disse exatamente antes de sair daqui?

— Ele falou que ia se encontrar com Lorenzo e depois resolveria algo bom para nós… Eu não sei direito, ele parecia animado.

— Lorenzo está falando menos do que realmente sabe — Kira falou sozinha e eu me dei conta, pela primeira vez, que ela não era apenas a assistente.

— Quem é você? — perguntei, desconfiada.

— No momento? A única pessoa em que você pode confiar. — O tom dela tinha um peso desconfortável. — Vou sumir por alguns dias, Lizzie. Seja forte, não deixe ninguém passar por cima de você e, se precisar, me ligue. — Ela se levantou e caminhou até a porta.

— Quando você volta?

— Só quando encontrar Louis, vivo ou morto. Eu devo isso a ele. — Os olhos azuis de Kira eram frios e quando ela me deixou, o vazio tomou conta.

Edgar me ajudou a mudar minhas coisas de quarto e quando finalmente fiquei sozinha, me ajoelhei no canto do cômodo, apreciando a vista que Louis tinha dali e rezei, pedindo a qualquer um que pudesse me ouvir, que me trouxessem o homem de volta.

Era impossível pensar em algo diferente. Louis estava vivo, tinha que estar.

Louis Luppolo

— Louis! Louis, meu amor! — A voz chorosa dela acompanhou o toque no meu corpo. Natasha ajeitou minha cabeça em seu colo e acariciou meu cabelo.

— O que fizeram com você? — perguntei com a voz baixa, fraca.

— Nada comparado ao que fizeram com você, meu amor. — O tom dela era preocupado e eu não tinha tanta força naquele segundo para começar uma discussão. O frio estava demais e ela me ajudou a chegar até o colchão velho e cheirando a mofo. Se encolhendo contra o meu corpo na tentativa de se aquecer, dormimos daquele jeito naquela noite, e nas seguintes também.

No terceiro dia, aprendemos qual seria nossa rotina. A comida vinha

cedo, pão e água. Duas horas e meia depois, alguém buscava Natasha e os gritos começavam no andar de cima, então meia hora depois meus companheiros desciam e me batiam até cansarem ou até eu perder a consciência. Ora eu ria, ora eu ficava calado, apenas aguentando, mas em todo segundo, o trabalho dentro da minha mente era feito. O único sentimento que crescia era raiva. Quando eu fechava meus olhos, assistia de novo e de novo as cenas de quando mais novo, quando meu avô quebrava meus dedos depois de ter me obrigado a matar a garota que eu pensei gostar.

Não existia nada no mundo que eu quisesse mais que vingança naquele segundo.

Não existia nada além de ódio, raiva e rancor.

Eu era filho do pecado e aprendi a viver com aquele fardo com o melhor professor.

Mas mudando a rotina, daquela vez, Natasha não voltou.

Eu não sabia quanto tempo fazia desde que ela havia ido e não ter controle sobre o tempo me irritava profundamente. A preocupação sobre as reações caso ela estivesse morta me deixava insone, o que era pior. Não estar descansado o bastante para aguentar a surra me fazia fraco.

Eu sabia que a chave dos meus cadeados estava presa em um dos homens que me batia, eu só precisava ser esperto o bastante para pegar. Devia existir alguma forma.

Enquanto estava meditando, quieto no canto da sala, ouvi a porta se abrir.

Natasha foi praticamente empurrada escada a baixo e eu me ergui. Ela estava toda machucada, roxa, com as roupas rasgadas e descabelada. Assim que me viu, correu para mim, me abraçando. A garota não aguentava falar, apenas chorava. Me deitei com ela próxima de mim e esperei até ela falar.

— Eu tive tanto medo, são tantos lá em cima. Eles me batem, perguntam sobre você, sobre meu pai… Eu não falei nada, juro que não falei, mas da próxima vez eu sei que eles vão abusar de mim, Louis. Não quero ser estuprada… — A menina aproximou o rosto do meu, os olhos azuis cheios d’água. — Não quero que o primeiro homem que me toque não seja você.

Natasha tentou meu beijar e do jeito que eu estava, fiquei. Não movi um músculo para corresponder. A garota subiu em cima de mim, tentando forçar a situação, colocando as mãos sobre as minhas calças e eu a impedi. Ela choramingou.

— Por favor…

— Durma. Você precisa se recuperar. — Joguei o corpo dela para o lado e me virei de costas ao ouvir o choro começar. Eu precisava sair dali. Quanto mais tempo demorasse, mais Elizabeth corria perigo.

Enquanto Natasha chorava agarrada a mim, minha mente tentava arquitetar um plano para cair fora dali.

Era matar ou morrer.

Elizabeth Fabbri

Mergulhei o máximo que podia no novo livro, tentando dar ponto na história que podia estar salvando minha sanidade mental por aqueles dias. Lutei com a mente quando ela não quis mais produzir. Frustrada, arranquei os fones de ouvido e prestei atenção no restante do quarto. Me levantei da cadeira e me larguei na cama, cheirando os travesseiros e pensando que diabos podia estar impedindo Louis de voltar para casa, para mim.

Será que Louis havia me esquecido? Será que ele sentia por mim algo além do tesão, da curiosidade e da obsessão?

Repassei todas as conversas na mente, lembrando do quanto Louis deixava à mostra quando se tratava dos sentimentos dele. A máfia ainda era a coisa mais importante, mesmo que suas ações tenham me colocado em conflito com aquilo que ele dizia amar.

Coloquei as mãos sobre a barriga, pensando sobre a possibilidade de estar gerando um bebê que seria mais um alvo daquela coisa toda… uma pequena parte de Louis sendo toda minha, cheia de amor e pernas gordinhas… Eu só estava pensando merda! Escondi o rosto no travesseiro, inalando forte o cheiro de Louis e tentando acalmar toda a confusão que havia dentro de mim. Adormeci pensando em um bebê nosso, escondido do mundo, apenas meu.

Definitivamente, estava ficando louca.

No dia seguinte pela manhã, o quinto sem Louis, Giovanna passou no quarto e me chamou para tomar café. Meu estômago gelou, eu não havia visto Frederico ou Leonel, mas precisava finalmente encarar a família toda e a mamãe monstro.

Respirei fundo e cedi, descendo as escadas enquanto ouvia o tilintar

dos talheres e uma conversa em italiano alta demais. Assim que pisei no último degrau da escada, a conversa cessou.

— Liz! — Fred acenou, os olhos atentos em mim.

— Oi… — Dei um meio sorriso enquanto acenava de volta.

— Bom dia, Elizabeth — Leonel me disse, tirando os olhos do *iPad* por apenas um segundo. Ele estava sentado na ponta da mesa gigante, Frederico ao seu lado direito, seguido por Matteo, que mastigava alguma coisa e me cumprimentou com a cabeça. Do lado esquerdo, Fiama bebericava sua xícara enquanto me observava.

Meu lugar na mesa estava posto próximo ao da mulher que já me odiava sem motivo, e entre nós, apenas Giovanna separando era muito pouco.

— Eu não sabia que estava por aqui — falei para Fred, tentando ser discreta ao fazer os sinais. — Ele abriu um meio sorriso.

— Nunca fui e voltei tão rápido. Família vem em primeiro lugar.

— E temos alguma notícia? — perguntei em voz alta.

— Apenas poucas coisas… Nada sobre Louis, ainda. — Matteo tentou cortar o assunto e Fiama riu.

— O que foi, *Mamma?* — Giovanna questionou.

— Não vamos contar a ela? — O tom envenenado me fez morder a língua.

— O que não querem me contar? — Mantive os olhos de Matteo sobre os meus, sem olhar para Fiama.

— Nada que faça diferença agora — Matteo tentou cortar de novo, e a mesa toda ficou tensa.

— Claro que tem, ela precisa saber… — Fiama continuou e Leonel finalmente levantou os olhos do *iPad*.

— Fiama…

— Por que ela não deve saber que Natasha desapareceu também? Essas horas, ela e Louis estão bem longe, provavelmente se casando em segredo. Já pensaram que *show* midiático isso não daria? Muito melhor do que divulgar por aí que aquele maldito matou o próprio avô.

Por um minuto, meu estômago pareceu sumir e todo o meu corpo se arrepiou.

Levantei correndo em direção ao banheiro, ouvindo Giovanna gritar meu nome enquanto uma discussão em italiano começava na mesa.

Só deu tempo de abrir a tampa da privada e colocar tudo para fora.

Por um segundo, achei que estava vomitando os pedaços do meu

coração.

— Você está bem? — Matteo apareceu pouco tempo depois no meu quarto, os braços cruzados contra o peito largo e os olhos em um tom que eu não sabia definir.

— Estou. — Tentei parecer firme.

— Não precisa fingir, está em sua cara que não. — Ele adentrou o quarto e se sentou ao meu lado, nas escadas que levavam à parte da banheira do quarto. — Meu irmão sempre foi um exemplo a ser seguido em muitas coisas para mim, mas Louis quebrou minha mãe e nossa família de um jeito que possivelmente nunca vá se recuperar. Você aqui dentro também é uma afronta a ela e ao negócio.

— E ela realmente acha que eu estou aqui por livre e espontânea vontade? É demais, sabe? Não quero mais sair desse lugar. Se pudesse, hibernava até seu irmão voltar, se é que vai voltar. Sobre ele ter matado seu avô, isso de alguma forma não me surpreende. — Suspirei e esfreguei os olhos. — Desde quando vocês sabem sobre Natasha?

— Desde ontem à noite. Foram ao apartamento dela e estava vazio, nenhum dos nossos homens estava lá, nenhum foi encontrado e a parte dos russos que estava na sede diz não saber de nada.

— O que você acha que aconteceu? — perguntei ao homem, olhando para o seu rosto, finalmente. Matteo se atreveu a tirar uma mecha de cabelo solta pelo meu rosto e prendeu atrás da orelha.

— Temos que trabalhar com todas as possibilidades, mas não acredito no que minha mãe disse. — Ele suspirou e acariciou o meu maxilar com o dedão. — Tente não se importar com isso agora, nós vamos achar os dois...

— Só não complete a frase com vivos ou mortos, por favor — interrompi Matteo.

— Eu ia dizer independente do que tenha acontecido. — Ele sorriu de canto e se levantou, saindo do quarto, me deixando sozinha novamente, com todos os demônios soprando coisas aos meus ouvidos, me fazendo imaginar toda e qualquer merda que podia ter acontecido.

Por um segundo, a voz de Fiama ecoou na minha mente.

E se Louis houvesse mudado de ideia?

Natasha havia sido criada como Giovanna. Elas eram fruto daquela árvore podre, enquanto eu, não fazia parte de nada daquilo.

Segurei o choro de forma quase dolorida. Não era hora de me desesperar. Não ainda.

Frederico e Giovanna apareceram para dormir comigo naquela noite, e apesar de eu amar ficar com os dois perto de mim, ninguém estava bem o bastante para conversar de forma animada, mas era bom estar com eles que entendiam minha dor. Cada um sozinho a sua maneira, mas juntos enquanto a tempestade não passava. Essa foi a única coisa que conseguiu me fazer manter os pés no chão durante os dias agoniantes que se passaram.

CAPÍTULO 26

Elizabeth Fabbri

Doze malditos dias sem Louis.

Eu passei a me esconder cada vez mais dentro do quarto e só sair quando extremamente necessário. Nem comer eu não comia direito, porque não queria incomodar Edgar, que precisava dar conta da família toda em casa. Mas ele sempre me levava as refeições principais no quarto. Minha fé começava a se abalar.

Naquela manhã, Zola apareceu cedo e me levou até a consulta médica.

O ginecologista me aguardava e, por um segundo, meu coração tremeu ao pensar que eu podia mesmo estar carregando um pequeno pedaço de Louis dentro de mim.

De repente um lado maternal meu, até então desconhecido, se fez tão forte que tudo o que eu queria era que o homem falasse logo “parabéns, mamãe”.

— E então, como a senhorita está? Perdeu algum peso — o médico falou, eu me segurei para não revirar os olhos.

— Ando trabalhando muito — me defendi. — E então, o senhor tem os resultados dos exames? — Minha ansiedade engoliu o homem, que riu, e começou a pegar uma pilha de papéis.

— Como era esperado, você vai precisar suplementar algumas vitaminas, mas de uma forma geral, está bem. Vou te recomendar um endocrinologista porque a glicose está meio alta, mas sem problemas.

— Ok, doutor, mas e a gravidez? Eu estou grávida?

— Eu estava certo, não precisava se preocupar. Não tem bebê nenhum aí. Só para confirmar, podemos fazer aqui mesmo o seu ultrassom. Era de se esperar considerando tudo o que... — Eu não estava mais ouvindo. Foi como se o último fio de esperança tivesse se rompido, a chama apagada.

O abismo engoliu minha alma e o que restou era oco. Não havia mais

nenhum motivo para lutar.

Zola me levou de volta à cobertura de Louis e tentou me colocar contra a parede, no elevador.

— Vou marcar um psiquiatra para você. Um psicólogo, sei lá.

— Por quê? Eu não estou pedindo.

— Por quê? É sério? — O tom era indignado.

— Eu estou bem — menti.

— Liz, a última coisa que você está é bem. Suas olheiras, sua expressão cansada, você tão quieta. Não, definitivamente você não está bem e se acha que eu vou deixá-la se afundar, está enganada. — Ele socou o elevador. — Estão todos enlouquecendo e você é forçada a participar...

— Quem mandou eu dar a boceta para o seu chefe? — Sorri de modo irônico e me atrevi a olhar para o espelho do elevador, vendo que Zola tinha razão, eu não estava bem.

— Vou tentar tirar você dessa bagunça, eu prometo. — Zola me abraçou por um segundo e eu aceitei. Era bom tê-lo por perto, me sentir menos sozinha pelo menos do lado de fora.

Ninguém aguentaria com a bagunça que eu era do lado de dentro naquele minuto.

Assim que abrimos a porta do apartamento, eu parei logo atrás de Zola, com medo de continuar. A sala estava cheia de rostos que se viraram curiosos para mim.

— Fodeu. — Ouvi Zola falar baixo enquanto se virava para mim também.

— O que é? — perguntei no mesmo tom dele.

— Reunião do conselho…

— Elizabeth Fabbri, não? — Um homem se aproximou, curioso, com um sorriso de desdém no rosto. Os olhos de um azul escuro contrastavam com o cabelo castanho. — Era isso que Louis escondia?

O murmúrio de desaprovação que ecoou pela sala foi gravado na minha mente e eu tinha certeza que faria parte dos meus piores pesadelos.

— O que faremos com ela quando o próximo Don assumir? — alguém comentou e Zola me puxou, mas não a tempo de me impedir de ouvir as risadas.

Subimos para o meu quarto e enquanto eu me largava na cama, Zola pegou o celular, trocando mensagens com alguém.

— Aquele povo lá embaixo vai ficar aqui por mais tempo?

— Ainda não sei, preciso sair. Precisam de mim no quartel, mas é coisa rápida. Volto em meia hora. Qualquer coisa me ligue. — Ele me fez sentar novamente, beijou o topo da minha cabeça e saiu.

Eu ainda acreditava que Louis voltaria, ainda tinha fé, mesmo que pequena.

Fiquei quase que dez minutos parada, olhando para o nada, tentando não tropeçar na possibilidade de Louis não voltar. Foi quando a porta se abriu.

Primeiro eu pensei que fosse Zola e já ia dizer que ele havia sido rápido demais, mas lá estava o cara que havia me constrangido no andar de baixo.

Ele fechou a porta em um baque surdo e me encarou.

— O que você faz aqui? — perguntei, me colocando de pé, na defensiva.

— Vim conferir o que é que tanto chamou a atenção de Louis em você…

— Pronto, já viu. Pode ir embora.

— Mas para que a pressa? — O homem deu um passo na minha direção. — Quero ver isso de perto.

Ele foi rápido e veio para cima, me prendendo contra a parede.

O cheiro dele era enjoativo. Eu me encolhi e tentei não me desesperar.

— Me solte — exigi.

— Ou o quê? — Ele riu e lambeu minha bochecha.

Tentei afastar o homem, mas ele era muito mais forte do que eu.

Também não dava para levantar os joelhos e acertar o maldito entre as pernas.

— Tão indefesa a pequena putinha de Louis… Será que se eu arrancar sua roupa, descubro o que o falecido gostou tanto? Me disseram que você virou uma aberração depois que os mexicanos te pegaram.

As mãos dele vieram sobre a minha blusa e ele começou a puxar com força, quase rasgando o tecido. Meu corpo tremia. Eu queria vomitar, me sentia violada, com medo de aquilo continuar.

— SOCORRO! — gritei e a mão dele veio sobre a minha boca.

— Não, não. Não queremos ninguém interrompendo nossa festinha. — Ele ria enquanto eu tentava afastar o corpo dele do meu.

Para minha sorte, acho que Deus deve ter ficado com dó de mim e assim que vi Matteo abrir a porta do quarto, estendi minha mão na direção

dele.

O irmão de Louis veio com tudo o que tinha para cima do homem que me prendia.

— Que merda você está fazendo, Enzo? — O homem foi jogado na cama e Matteo me abraçou. Eu ainda estava em choque, tremendo enquanto assistia o outro rir.

— Apenas me certificando de que se ela vale algo, pago para levá-la.

— Elizabeth não está à venda e meu irmão não está morto. — Matteo me puxou em direção à porta.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza disso. — Ouvi o homem dizer enquanto era levada para baixo.

***

— Por que eles estão aqui? — Zola questionou Giovanna quando entrou no escritório do primeiro andar. Aquela sala parecia a única segura em todo o apartamento.

A cara de choro de Giovanna me entregou antes do irmão mais velho interromper, logo atrás de nós.

— Louis foi dado como morto. — A voz de Matteo estava apática. Quando olhei em seu rosto, o mesmo parecia abalado pela primeira vez.

Meu coração pareceu parar de bater, e, por um segundo, todo o mundo ficou sem som, até eu processar todas as palavras de Matteo.

— Morto? — perguntei apenas para ter certeza da minha sanidade.

— Entregaram essa manhã, logo depois que vocês saíram, o recado de que Louis está no fundo do rio Hudson.

— Vocês acharam o corpo? — questionei, caminhando vacilante da poltrona que estava até Matteo, pegando-o pelos braços e encarando o rosto do homem.

— Estamos vasculhando a área, mas são quase duas semanas, Liz. Eu sinto muito. — Os olhos vermelhos dele não negavam. Matteo me abraçou por um segundo, quando achei que o chão abaixo de mim havia sumido.

Eu não lembro quando foi que me sentaram, mas despertei quando não havia nenhuma lágrima para chorar. Meu coração parecia ter morrido, meu sangue parecia ter virado pó.

Eu não tinha nem mesmo notado que Zola não estava ali, mas quando entrou na sala e se ajoelhou a minha frente, tentei me manter firme, agarrada ao que ele falava.

— Liz, eu sinto muito. Louis não foi encontrado. Eles vão se reunir em peso amanhã para decidir o que fazer. Vou passar a noite com você, Giovanna e Frederico. Henry ainda não voltou, Kira também não tem dado notícias, mas independente deles, vou tentar tirar você daqui assim que eles se distraírem amanhã. Pegue apenas o essencial, depois eu dou um jeito de levar o restante. — O tom baixinho dele me fez entender que, mesmo correndo risco de ser acusado de traição, Zola estava comigo. Eu o abracei forte, fechando os olhos, ciente de que nunca mais teria uma vida normal, que todos os meus sonhos pareciam destruídos e nunca mais eu sentiria o cheiro de outono de Louis.

Se havia alguma dúvida sobre ser amaldiçoada, ali ela foi sanada.

Giovanna estava tão destruída quanto eu. Soube disso quando entrei no quarto e a vi chorando copiosamente no colo de Frederico, que parecia ter sido acertado em cheio no peito. Os olhos verdes estavam avermelhados de tanto que ele tentava segurar o choro silencioso que insistia em descer, enquanto os olhos dele estavam fixos na parede e suas mãos trabalhavam no cabelo da irmã em seu colo.

Tentei me manter forte ao ver aquela cena, e agradeci por parte de mim permanecer em um transe esquisito. Ter que cuidar de alguém mais frágil do que eu podia ser a distração perfeita e, naquela noite, Giovanna se abraçou a mim como uma criança e eu a ninei enquanto Zola aparecia de meia em meia hora dentro do quarto, me mandando dormir cada uma das vezes em que me via de olhos abertos.

Eu até tentei dormir, mas cada vez que fechava os olhos e imaginava o que podia ter acontecido com Louis antes de ele morrer, o sono ia embora. Pensar em Louis sofrendo, morto e todas as coisas que não vivemos, por Deus, era demais para conseguir processar.

O dia seguinte pedia de mim uma força que não sabia se tinha, mas Louis não gostaria de me ver daquele jeito e não, eu não podia morrer por dentro. Algo em mim, o que ele tanto parecia gostar, precisava sobreviver.

Às oito da manhã eu já havia tomado meu banho, secado os cabelos e me maquiado bem o bastante para parecer minimamente saudável. Aguentaria o máximo que pudesse, mas não passaria do meu limite e na hora certa, eu fugiria.

Coloquei meus jeans, um moletom branco e os tênis, como se vestisse minhas roupas de combate, e assim que me senti pronta, desci com Giovanna e Frederico para o café da manhã.

— Estão todos lá em baixo — Frederico me avisou em linguagem de sinais.

— E o que eu devo fazer? Não faço parte disso — respondi baixinho, tendo certeza de que ele podia entender.

— Mas faz parte da nossa família. Louis não me perdoaria se deixasse você para trás. — Giovanna pegou minha mão e segurou firme. O rosto inchado da garota a deixava parecendo ainda mais criança e ela suspirou com a respiração trêmula, como quem não aguentava mais chorar.

Me atrevi a olhar para trás por um segundo e gravei a imagem que tive de Louis ali, no meio do corredor, tocando sua bateria de forma tão solta. Eu gravaria aquilo para sempre e nunca, nunca, nunca me esqueceria.

— Nunca pensei que desceria ao inferno sem o diabo nele — pensei em voz alta e me atrevi a colocar o primeiro pé no degrau.

Não havia ninguém para me salvar e, dessa vez, eu ia cair lutando.

Explodiria a casa e fugiria no meio da confusão, se necessário, mas viveria, por mim e por ele.

Louis Luppolo

Eu precisava do máximo de energia possível e agradeci quando Natasha não quis comer naquela manhã. Me concentrei ao máximo e assim que apareceram para levá-la, comecei a me alongar. Resistir a dor não era um problema, mas eu precisava matar antes de morrer.

Era a única saída.

Para minha sorte, dois dias atrás eles haviam deixado meus pés livres.

Quando os dois homens desceram, prontos para sua missão, um deles brincou:

— Vamos para sua sessão diária de educação, Luppolo. — Um deles pegou o gancho para me suspender e eu não esperei mais tempo. Assim que ele se distraiu, olhando para cima, vendo onde encaixar minhas mãos, eu desci sobre o pescoço exposto e mordi forte, sentindo minha boca cheia do

gosto do sangue dele, meus dentes rasgando a carne, o grito desesperado. Soltei por um segundo para morder ainda mais profundamente e quando o pedaço de carne se soltou na minha boca, eu cuspi. O outro veio para cima de mim, enquanto o homem que sangrava se afastava, sem entender o que havia acontecido, parecendo assustado.

Respirei fundo, contando os segundos que aquilo levaria e tentando manter o controle. Se eu me desesperasse e errasse, não teria chance.

Meu pé acertou o peito do homem com força o bastante para ele se afastar e eu fui para cima, aproveitando as correntes pesadas nos meus pulsos, juntando as mãos e dando na cabeça do homem o mais forte que podia. Ele cambaleou e eu bati novamente, sentindo as correntes machucando minha pele. Três, quatro, cinco, seis, sete. Ele finalmente caiu imóvel no chão e o outro, desesperado, começou a gritar, pronto para fugir enquanto estancava o sangue que escorria de seu pescoço. Aproveitei minha liberdade, andei até ele e o prendi, estrangulando o negro forte com toda a força que tinha. O homem tentou lutar, me batendo contra a parede atrás da escada com tanta força que eu quase o larguei, mas não o fiz. Aguentei firme mais um pouco e depois do som engasgado que ele produziu e o corpo amoleceu, ainda segurei para garantir. Sem perder tempo, vasculhei os bolsos dos homens e peguei a chave do cadeado que me prendia as mãos. Coloquei a chave entre os dentes e enfiei no cadeado, girando como dava e finalmente me livrando das correntes. Um arrepio percorreu meus braços quando esfreguei meus pulsos.

Livre.

Subi as escadas pé ante pé, atento a qualquer coisa que pudesse me atrapalhar e finalmente saí em uma sala cheia de quinquilharias velhas. O som de uma TV ligada ao fundo me fez seguir até o final de um corredor mal iluminado e então, para minha surpresa, Natasha estava em pé com um homem seu, a arma dele apontada para mim e ela de braços cruzados.

Quando eu entendi finalmente o que acontecia, quase ri de como eu era idiota.

Encarei a TV e vi Harry Potter aparecer por alguns segundos antes de me voltar para ela.

— Você acaba de perder dois bons homens lá embaixo, sua puta. — Cuspi no chão, vendo o sangue do soldado ao qual eu mordi se misturar com a minha saliva.

— E você acaba de descobrir, querido noivo, que só vai sair daqui

quando estivermos casados e felizes. Até lá, cada um dos dias vai ser seu pior pesadelo. — Minha vontade era ir para cima da maldita com toda a minha força, mas o soldado passou na frente dela, com a *glock* apontada para minha cabeça e eu segurei o impulso. Me virei, voltando pelo caminho que havia ido, sem acreditar naquela merda. O que Natasha queria? Um casamento forçado com alguém que agora a odiava? Eu mal esperava a hora de me ver livre e foder a vida dela.

Dia após dia ela descia junto de alguém para fazer a proposta. Casar ou apanhar; casar ou nunca mais sair dali; casar e qualquer outra coisa que ela pensasse me convencer, e minha resposta nunca mudou. Não, não, não e não.

Eu não fazia ideia do que ela pensava que ia conseguir comigo ali. Chegou uma hora em que eu não resistia mais às torturas. Ficava pronto, apenas aguardando, de joelhos, com as mãos sobre as coxas enquanto meditava, contando. Aquilo me acalmava, me centrava, me fazia perceber o quanto eu havia sido descuidado por conta do meu ego, por conta de quase desenvolver sentimentos. Minha impulsividade havia tomado conta algumas vezes, o poder também havia subido à minha cabeça. Eu precisava voltar a ser realmente temido pelos meus homens, pelos inimigos e por qualquer um que chegasse perto.

Até mesmo Elizabeth precisava de correntes mentais, tanto para ficar presa a mim, quanto para não me fazer perder o controle de novo.

Natasha mal imaginava, mas aquele havia sido o melhor presente.

Quando ouvi os saltos dela ali naquele momento, abri os olhos.

— Bom dia, amor — ela disse sorrindo e eu não respondi. — Trouxe seu café da manhã. Ela veio até mim, se ajoelhou a minha frente e me ofereceu o pedaço de pão. — Você está perdendo peso, Louis. Precisa comer. — Ela ficou parada na minha frente, segurando o pão por um bom tempo. Eu apenas fechei os olhos e ignorei, quando o soldado dela me xingou de alguma coisa em sua língua e me deu uma coronhada. Coloquei a mão na cabeça, respirando fundo por ser pego de surpresa, sentindo a dor a fundo.

— Não faça isso! — Natasha estava de pé, empurrando o soldado para trás, e então eles começaram uma discussão em russo da qual eu não entendi porra nenhuma, mas assisti quando o soldado bateu em Natasha forte o bastante para que ela caísse no chão e o olhasse surpresa e com ódio.

— Meu pai vai matar você.

— Não se ele pensar que vocês foram mortos pela turma dele. Estou cansado de ser sua babá, garota. Se queria fazer disso tudo um belo teatro,

agora você é a atriz principal.

O homem subiu as escadas, largando Natasha que tentou correr atrás dele, mas não conseguiu, tendo a porta fechada bem na sua cara.

O desespero da menina estava estampado em seus olhos. Ela passou a mão pelo rosto, sentando na escada e falando baixo em sua língua mãe, como se tentasse se acalmar.

Perder o controle dos homens que estão ao seu serviço era patético e piorava a situação.

Estávamos fodidos. Os dois.

Tudo pelo capricho de uma garota burra.

Eu ignorei Natasha pelos dias seguintes. Ninguém apareceu, nem para nos alimentar, nem para me bater, e eu quase pensei sobre os homens terem ido embora, mas constantemente, quando Natasha calava a boca, cansada de não ter uma resposta minha. Eu ouvia passos no andar de cima.

Meu corpo estava quase no limite quando decidi falar com ela. Eu precisava tentar escapar mais uma vez.

— Natasha. Quantos homens tem lá em cima? — Ainda estava de olhos fechados.

— Uns vinte. — O tom cansado da menina parecia magoado. — Você vai me matar quando sair daqui, não vai? — Ignorei-a.

— Onde estamos?

— Em um bunker abandonado em Ohio.

Não estava longe de casa, mas seria uma grande sorte caso Kira me achasse ali, ou meu irmão, ou qualquer outro que ainda me queria no negócio.

Matteo devia estar enfrentando todos os outros que queriam me afundar enquanto os leais ajudavam, mas até quando? Em um mês eu seria dado como morto e a vida da máfia e dos negócios seguiria em frente. O que ia acontecer com Elizabeth? Esperava que alguém cuidasse dela e escondesse a menina até que tudo passasse.

Mais dois dias se passaram. Eu estava fraco, o pão e água que serviram não ajudou em muita coisa. Me larguei no chão, colocando o braço sobre os olhos, pensando na imundice em que estava. Talvez alguma hora fossem descer e matar a nós dois. Eu não sabia o que esperar.

***

Não tinha ideia se era dia ou noite, mas quando ouvi um tiro no andar de cima, me ergui, atento. Aquele era um barulho incomum. Bastou um e logo outros vieram, os gritos, os xingamentos. Alguma merda estava começando lá em cima.

Eu esperei, e foram quase vinte minutos contados, segundo a segundo, até a porta ser arrebentada. Um tiro foi dado, um corpo rolou da escada e de repente, lá estava ela. Kira desceu degrau a degrau e olhou para nós dois ali embaixo. Natasha encarava a outra mulher quase que desacreditada do que via.

Kira veio primeiro na direção dela e antes que qualquer um de nós falasse qualquer coisa, ela desceu a mão aberta no rosto de Natasha, batendo com força o bastante para fazer o som ecoar no porão.

— Kesson! — Kira xingou Natasha em sua língua materna e veio até mim, me ajudando a ficar de pé.

— Nunca tive tanto orgulho por ter treinado você como agora — falei enquanto me equilibrava.

— Nem eu. Agora anda logo e vamos sair daqui. Preciso te hidratar e alimentar, junto dessa vaca. — Ela indicou Natasha com a cabeça enquanto era levada para fora por outro soldado. Forcei a vista e me surpreendi ao ver Zola ali.

CAPÍTULO 27

Louis Luppolo

Kira me levou até um hotel de beira de estrada e me medicou. Me deu soro na veia enquanto me forçava a comer tudo o que ela havia comprado.

— Meu Deus, você está um bagaço — ela disse finalmente, quando se sentou. — Mas enquanto você se recupera, preciso contar como andam as coisas. Enzo Callegari tentou estuprar Elizabeth e eu não tenho ideia de como ela está sozinha naquela casa. — Algo dentro de mim rugiu ao ouvir aquilo, mas Kira continuou. — Seus pais estão lá e talvez o fato de Giovanna grudar em Lizzie ajude na questão de alguém tentar fazer algo com ela. Matteo fez o que pôde, mas o conselho quer te substituir, parando as buscas e dando você como morto. Foram três votos contra dois e os Luppolo não puderam votar. Luca ficou contra porque os Callegari disseram que não iam mais fornecer produtos caso ficassem em lados opostos. Quem não se abalou com isso foi apenas Ferioli e os Gabiatti, mas todos os outros se abalaram. A reunião é amanhã cedo em sua casa. Todas as Famílias estão em Nova Iorque e todos vão estar na sua casa amanhã cedo.

— Então é para lá que vamos agora. — Me coloquei de pé.

— Tome a merda do soro primeiro e termine de comer. Não vai adiantar nada chegar lá fraco e pronto para morrer colocando os pés em casa.

— É o tempo disso acabar. — Indiquei o soro. — E nós vamos embora. Eu preciso chegar em casa o mais cedo possível. Quanto tempo eu fiquei sumido?

— Amanhã faria duas semanas. — Ela me olhou desconfiada. — Você realmente perdeu a noção do tempo, não? Eu queria muito poder matar Natasha de uma vez. Garota burra!

— E como você me achou? — perguntei entre uma garfada e outra da comida. Tentava comer devagar, evitando enjoo.

— Ela foi esperta, admito. Mas quando ela sumiu e aquela vaca velha da Olga mal se abalou, eu soube que tinha algo de errado. A mulher está no

hospital, quebrei um braço dela, mas descobri a armação. Ela não sabia para onde Natasha tinha trazido você, mas um amigo soube o que eu procurava e me encontrou para dizer a movimentação dos homens russos.

— Você e seus contatos. — Eu quase ri.

— Para alguma coisa eles precisavam servir. Eu desconfiei que o jogo havia virado quando não vi Natasha em lugar nenhum do andar de cima, se não, faria questão de atirar nela e dizer que havia sido sem querer. O que aconteceu?

— Ela armou algo achando que se passássemos por um trauma juntos, o casamento aconteceria, ou queria perder a virgindade comigo lá embaixo para me obrigar a alguma coisa… sei lá. No final das contas eu consegui sair. Descobri a farsa e ela tentou me ameaçar todo dia para aceitar essa merda de casamento. Um desses dias um soldado perdeu a paciência e a prendeu comigo. Essa foi a pior tortura. — Quase ri de novo.

— Ela está desesperada.

— Está. Mas mais do que nunca, agora quem vai foder a vida dela para todo o sempre, sou eu. — Indiquei para Kira que o soro já havia acabado e ela suspirou, sabendo que nem que me amarrasse eu continuaria ali.

Pegamos a estrada perto da meia noite. Eram quase 10 horas de viagem até minha casa e eu precisava chegar o mais cedo possível. O elemento surpresa seria um belo tiro no meio das intenções dos traidores.

Elizabeth Fabbri

Toda a máfia parecia estar reunida entre o escritório aberto e a mesa de refeições. As mulheres reunidas ali, todas vestidas de preto em seu luto falso. A única que realmente estava sentida de alguma forma parecia ser Delphina, e eu logo procurei seu marido com os olhos. Lorenzo estava dentro do escritório, com outros dois homens que eu não conhecia. Todos eles bebiam àquela hora da manhã.

Assim que coloquei os pés no último degrau, todos os olhos se voltaram para mim. Ignorando a todos, Giovanna me puxou pela mão até uma cadeira livre na mesa, entre ela e o irmão surdo. Pelo menos entre eles eu estava o mais próximo da palavra segura que poderia chegar.

— O café já foi servido. — Fiama se levantou da mesa e caminhou até uma bandeja coberta. — Mas eu trouxe algo especialmente para você. — Por um segundo, meu estômago gelou.

Quando a mulher colocou o prato na mesa e empurrou em minha direção, os ossos caíram sobre o meu colo.

— É disso que cadelas gostam.

Não houve tempo de pensar em reagir diferente. O copo de suco em cima da mesa era a coisa mais próxima da minha mão e eu não hesitei, nem um segundo, quando me coloquei de pé e joguei o líquido amarelo na mulher.

O mundo parou.

Meu peito ardia em fúria enquanto todos os olhares estavam sobre nós, a ansiedade gigante que crescia enquanto os homens se reuniam para ver o motivo de tanto barulho me deu uma coragem enorme. Sentir aquela adrenalina era melhor do que sentir dor.

— VOCÊ ESTÁ LOUCA? — a italiana gritou para mim.

— Não, mas você deve estar. Você não me conhece, não sabe de onde eu vim e se me ofender de novo, vai levar. Malditos, todos vocês — vociferei de volta, o tom de ameaça em cada sílaba.

A mulher parecia não acreditar que eu estava reagindo.

— Louis estava manchando a família te mantendo aqui e, por sua causa, meu filho está morto! Você é a culpada! Porca latina!

— Não, não. Louis me arrastou até aqui e você não sabe da missa a metade. Se você criou um homem como ele, Deus ajude que o inferno te carregue, mas não me culpe pela vida em que você colocou seu filho. Se Louis morreu pelas mãos de alguém do tipo de vocês, os únicos culpados são os que o colocaram nessa vida.

O circo armado parecia ter retido toda a atenção, e quando eu achei que alguém viria sobre mim, por um milagre, a gritaria começou no andar de baixo.

Louis Luppolo

Só voltei a ver Natasha quando fui obrigado a entrar no elevador com ela. Eu, Kira, Zola e Natasha ali dentro foi sufocante para a menina. Ela

estava com os olhos fundos, mas segurava o choro, tentando manter a cabeça erguida.

— Kira, me dê uma faca. Não quero tiros no meu apartamento. — Minha assistente mal me passou a adaga e Natasha começou o texto. Felizmente, faltavam dois andares até o meu.

— Louis, eu fiz tudo isso porque te amo, não posso perder você.

— Amar? Está aprendendo com minha mãe sobre isso? — Quase ri, mas a garota continuou seu discurso assim que a porta abriu. Eu desci e ela não.

— Eu não vou descer, não vou. Meu pai vai me matar se souber o que eu fiz.

— Pensasse antes! — Kira pegou a garota pelos cabelos e puxou para fora. A gritaria em russo entre as duas era quase engraçado.

Assim que abri a porta do meu apartamento, ouvi algo no segundo andar e não me demorei.

Um, dois, três.

A contagem começou automaticamente.

Subi os degraus com Kira arrastando Natasha atrás de mim. Zola vinha junto, uma guarda que talvez fosse muito necessária.

Assim que coloquei os pés descalços no segundo andar, Kira jogou Natasha para frente, fazendo a menina cair no chão totalmente exposta.

Encarei cada um dos rostos ali que não entendiam o que estava acontecendo e finalmente falei:

— Pensei que começariam sem mim. — Ninguém ousou responder. Todos com medo, tensos, alertas. O gosto do poder na minha boca não me deslumbrava mais, mas ainda assim era delicioso. — Vocês não imaginam a felicidade de descobrir que existem homens entre os meus que podem ser comprados, manipulados, corrompidos… — Caminhei, passo a passo, para perto de cada rosto conhecido, tendo consciência de que Enzo Callegari era o último na extensa fila. — Não imaginam como me sinto vendo cada um desses maravilhosos rostos comendo da minha comida, bebendo da minha bebida… — Natasha se agarrou a uma das minhas pernas e eu a chutei longe, sem olhar. Peguei o copo da mão de Francesco e bebi o conteúdo. Era sua produção, eu conhecia bem. Continuei a caminhada até o final da fila, em direção ao meu alvo. — Arquitetando e conspirando até não poder mais, apenas para sentar em minha cadeira! — Me virei rápido, tacando o copo contra a parede a tempo de todos se encolherem. — Mas não se preocupem.

Hoje eu vou ensinar vocês a me respeitarem. Vou ensinar a cada um de vocês o porquê me temer. A não tocar naquilo que é meu.

Em um movimento rápido, peguei a faca que estava no meu bolso e, segurando Enzo pela nuca, rasguei sua garganta. Os gritos atrás de mim encheram meus ouvidos ao mesmo tempo em que o sangue dele começou a escorrer e seus olhos me encaravam como se não acreditasse que fui capaz.

— Vá para o inferno — falei baixo, ignorando a confusão atrás de mim.

Ele abriu a boca, tentando falar algo, mas o sangue jorrou por ali também e em um segundo, seu corpo estava no chão.

Olhei para trás, vendo o horror nos rostos ao redor. Matteo e meu pai segurando Arone, Felippo segurando Khyara e todos, sem exceção, olhando para mim.

— Em três dias, nós vamos nos reunir aqui para decidir como as coisas vão ser. Agora, limpem o lixo que está no meu chão e sumam daqui, menos vocês, Felippo, Natasha e Matteo. — Apontei-os com o dedo. — No meu escritório, agora! — Voltei-me para Kira apenas para lhe dar mais uma ordem antes de me trancar no lugar indicado com as pessoas mencionadas. — Kira, leve Elizabeth para o meu quarto e depois desça.

Me virei em direção ao escritório e pude sentir os outros atrás de mim enquanto o choro dos irmãos Callegari ecoava pela sala.

Matteo não se aguentou e me abraçou com força assim que estávamos a sós.

— Achei que alguém tivesse matado você.

— Mas não mataram. — Me afastei do abraço e o vi ficar sem graça.

— Você cheira como um morto — Felippo completou. — Onde esteve? O que aconteceu?

— A única coisa que deu para fazer foi escovar os dentes. Um banho para arrancar todo esse cheiro levaria horas. Sobre o que aconteceu, a mocinha aí terá muito para explicar, mas vamos logo fazer uma chamada ao responsável por ela.

***

Natasha se encolheu na cadeira do meu escritório, tentando se

esconder atrás dos cabelos, ainda mais depois do pai aparecer na tela do computador.

— Luppolo, o que aconteceu? — ele juntou as sobrancelhas quando viu meu estado.

— Sua filha e a babá louca tentaram contra minha vida. Seus homens estavam nisso, mas vou te dar a oportunidade de se defender. Há alguma parte sua nisso, Petrowký?

— Minha? Não falo com Olga ou com Natasha há quase três semanas. A última informação que tive é a de que vocês estavam bem.

— Sei... — meu tom debochado não passou despercebido.

— Eu te dou minha palavra. Pode fazer o que bem entender com meus homens por tamanha traição!

— Não se preocupe, já lidei com eles. Estão todos mortos.

O choque no rosto do russo durou pouco.

— E Natasha?

— Está aqui. — Peguei a ruiva pelo braço e a arrastei para frente da tela. — Dê oi para o papai.

— Que merda você fez? — ele vociferou para a filha de um jeito tão agressivo que ela começou a tremer.

— Ele terminou comigo, eu estava desesperada, papai.

Natasha começou a chorar de novo enquanto falava em russo com o pai.

A discussão durou um bom tempo, mas quando terminou, Bóris esfregou os olhos e pediu na minha língua:

— Tire essa menina da minha frente...

Liberei seu braço do meu aperto e Natasha se jogou contra a poltrona em que estava antes, escondendo o rosto no estofado para chorar ainda mais.

— Quero você aqui, Bóris. O mais rápido que conseguir.

— Estou procurando um voo... Não vou poder ficar muito, mas se está tentando me arrastar para alguma armadilha... — Ele tentou me ameaçar.

— Não comece com seu drama — impedi que ele continuasse. — Quero você aqui porque ainda quero sua filha dentro da *Dark Hand*, afinal de contas, negócios são negócios e o útero desta garota vale muito.

— Chego o mais rápido que puder. Até, Luppolo.

— Bóris — falei, despedindo-me com um aceno e desligando a chamada logo em seguida.

— Ele vai me matar — Natasha disse baixinho. — Meu pai vai me

odiar para sempre.

— Não é um problema meu — respondi sua lamúria de maneira fria. — Alguém pode levá-la daqui? — perguntei para um dos soldados presentes e saí do escritório, louco para subir para o quarto.

Assim que abri a porta, ouvi o barulho da jacuzzi se enchendo.

Elizabeth estava sentada na cama, mas assim que me viu, levantou e veio correndo para mim, me abraçando e chorando de forma dolorosa. Eu a abracei forte contra mim.

— Já passou, bambina. Estou aqui de novo, como sempre vou estar. — Beijei sua cabeça, sentindo seu cheiro limpo e doce.

— Você podia estar morto. Me fizeram acreditar que estava morto… — ela disse com o rosto contra o meu peito.

— Mas não estou. Estou aqui, agora. Vivo. — Puxei seu rosto para cima, limpando suas lágrimas, sem coragem de fazer qualquer coisa com ela naquele estado em que me encontrava, mas, inevitavelmente, sentindo meu corpo demonstrar toda a falta que sentia dela. Principalmente meu pau.

Encarei os olhos verdes que choravam sem parar e beijei a ponta do nariz dela antes de puxar sua mão em direção ao que devia ser uma intimação para o banho.

Me livrei das calças e da cueca enquanto via Lizzie arrancar a própria roupa também e vir junto comigo para dentro d'água. As mãos dela vieram sobre os meus ombros, me obrigando a encostar de forma confortável. Elizabeth pegou o sabão e começou a me esfregar primeiro os braços, depois os ombros e então a ferida do peito. Eu não conseguia tirar meus olhos dela, apreciando cada um dos seus movimentos e cuidado com cada parte de mim.

— Nós precisamos cuidar melhor disso — ela falou, passando os dedos contra a ferida do meu peito. — Dói? — Ela olhou nos meus olhos.

— Não. — Peguei seus dedos e entrelacei sua mão na minha, puxando a garota para ficar próxima. Lizzie não resistiu e sentou em meu colo. Os olhos verdes presos aos meus, a boca fechada, segurando um sorriso. — O que foi, bambina?

— Pensei que nunca mais fosse ver você. — Ela passou as mãos molhadas pelo meu rosto e eu a segurei pela cintura, correndo as mãos pela coluna e puxando-a ainda mais para mim. Sentindo os seios dela contra o meu peito e nossos corpos muito bem encaixados, principalmente meu pau roçando em sua boceta.

— E isso doeu?

— Absurdamente. Eu odeio você, Louis Luppolo. Odeio tanto que nem sei — ela desabafou, pegando meu rosto entre suas mãos, e, após aproximar o nariz do meu, selou a boca na minha. — Mas talvez eu te ame um bilhão de vezes mais.

Aquilo foi o auge. Não deixei Elizabeth se afastar, colocando minha mão em sua nuca para que ela não fugisse, devorando sua boca com a minha, matando toda a saudade que eu tinha dela de forma desesperada. Ela me abraçou, envolvendo meu pescoço com os braços, se juntando àquela entrega tão esperada.

Eu aproveitei cada pedaço dela naquele beijo, mordisquei e chupei seus lábios e língua enquanto apertava sua bunda e sentia seu corpo corresponder. Quando eu me ergui com ela no colo, a menina soltou minha boca, brigando comigo.

— Ei! Não é hora disso, você precisa se recuperar! — O sorriso na boca dela não me convenceu.

— E eu vou, criança. — Apoiei Lizzie com a cabeça contra um dos encostos da jacuzzi, e me encaixei entre suas pernas, roçando meu pau na sua entrada. — Mas vou fazer isso dentro de você. — Me enfiei dentro de Elizabeth, vendo os olhos dela se fecharem enquanto sua boca sussurrava meu nome. Eu sabia como me curar, e abusaria daquilo.

Elizabeth não sossegou até conseguir que um médico viesse me ver. Eu permiti por não querer entrar em conflito, e tinha a condição de que se o médico me liberasse, ela teria que ceder ao que eu estava planejando, e assim que o doutor Palucci virou as costas e saiu do quarto, eu me larguei na cama, puxando-a para junto de mim.

— Pronto. Ele disse que estou bem.

— Não exagere. Ele disse que você está estável, mas perdeu muita massa magra. Por sorte você estava dois de você nesses últimos tempos.

— Eu vou voltar a me exercitar se é isso que importa, mas você prometeu e como uma boa garota, não vai quebrar a promessa, não é?

— É… — O tom dela era incerto e me fez sorrir.

Para minha completa surpresa, quando disse no ouvido dela o que queria, não houve protesto.

Ela apenas me pediu para esperar pelo dia seguinte e eu aceitei, apertando minha bambina contra mim e finalmente dormindo com o corpo dela enroscado ao meu.

***

Elizabeth enrolou na cama até o meio dia e quando eu a arranquei de lá para comer alguma coisa, ela quase me convenceu a ficar entre os lençóis. Mal sabia ela que precisava do corpo descansado para o que eu tinha em mente para mais tarde.

— Espero que não tenha se esquecido do que me prometeu noite passada — relembrei enquanto roçava a barba por seu colo nu, fazendo com que ela sorrisse e me abraçasse.

— Temos um horário para isso? — brincou, mas eu não estava para brincadeiras, ainda mais com a fixação sobre ela.

— Temos. — Ela abriu os olhos, me olhando como se não acreditasse. — Quero você pronta às cinco e cinquenta e cinco.

— É algum tipo de piada?

— Não. É só uma mania. Não se atrase. — Beijei sua boca, mas ela não parou.

— Ou o quê? — Lizzie já estava desperta o bastante para começar a me provocar. A mão por baixo da minha camisa arranhou meu abdômen e sua coxa roçou meu pau de propósito, me fazendo morder a garota para me controlar.

— Não queira ser punida — adverti minha criança.

— Ah, adoraria ver você tentar. — Ela me puxou e eu não neguei.

Se eu pudesse escolher um deus para cultuar, ele, no momento, com toda certeza, seria Elizabeth.

***

Ela estava atrasada.

Quando tudo no quarto estava pronto, eu me sentei nos degraus de frente para minha cama e contei os segundos de atraso antes que a vontade de levantar e trazê-la à força fosse maior.

Oito minutos de atraso eram imperdoáveis.

A música que tocava ao fundo era alguma nova da playlist dela que eu já havia escutado um milhão de vezes e quando Lizzie saiu cantarolando do

banheiro, me fez olhar sobre o ombro para assistir enquanto ela caminhava despretensiosamente na minha direção.

Os cabelos, antes curtos demais, começavam a crescer e estavam secos graças ao secador que ouvi funcionar a pouco. O corpo quase completamente recuperado, envolto nas tiras da lingerie que ela estranhava, me trazia uma visão fascinante. Quando Lizzie finalmente parou na minha frente, não fiz questão de esconder minha cobiça sobre seu corpo.

O quadril largo, as coxas grandes, os seios pesados. Cada detalhe dela quando deu uma volta se exibindo no traje que eu escolhi, me chamava.

— E então? Era isso o que queria? — Os olhos dela procuraram a aprovação nos meus, junto do tom de desafio em sua voz.

Não respondi, puxei-a para ficar entre as minhas pernas e prendi a corrente na coleira em seu pescoço. Ela tremeu e eu quase ri, descendo uma das mãos até seu quadril, apertando seu corpo sem muita gentileza. Minha mão direita ainda segurava a corrente em seu pescoço e em um movimento rápido e inesperado por ela, trouxe-a para o meu colo, encaixando sua barriga sobre as minhas coxas, deixando a bunda de Elizabeth para cima.

— Você está atrasada, criança. — Olhei seu rosto curioso, tentando me encarar sobre o ombro enquanto eu acariciava seu traseiro. — Eu disse para não se atrasar. — Tentei meu tom mais ameaçador, mas ela riu.

— E o que vai ser agora? Vai me obrigar a chamá-lo de mestre? Que tal “senhor”? — Ela vibrou enquanto ria no meu colo e eu desci a mão sobre sua carne macia, fazendo o som do tapa ecoar pelo quarto.

— Caralho, isso arde! — ela protestou e eu a sacudi no meu colo de forma quase bruta.

— Silêncio. Oito minutos, oito palmadas. — Fui claro e a ouvi bufar.

A lingerie que eu havia escolhido era um conjunto de tiras. A parte do tronco envolvia os seios em cima, sobre os mamilos, e embaixo. Apenas isso em volta da pele branca de Elizabeth. No quadril também, uma pequena fita entre as pernas, uma envolvendo a cintura e outras quatro que desciam para prender as meias pretas que usava.

Acariciei a pele que começava a ficar vermelha e me atrevi a descer entre as coxas de Lizzie. Meu pau reagiu de imediato ao sentir os lábios de sua boceta envolvendo a lingerie minúscula e não perdi tempo, toquei a garota ali até sentir seu corpo reagir.

Eu poderia usar a palmatória, mas Lizzie provavelmente não aguentaria a dor assim de primeira. A noite seria longa e eu não queria

assustar minha *bambina* logo no começo.

Me atrevi a dar mais uma palmada e voltei a acariciá-la entre as pernas, sentindo a pele lisa, recém depilada e macia, enquanto Elizabeth se remexia no meu colo por conta do tapa mais forte.

Era hora de apresentar para minha criança o limiar entre a dor e o prazer.

Segurei com firmeza o tecido entre suas pernas, causando maior pressão, e procurei com a outra mão o chicote de tiras que estava no chão ao meu lado. Quando o passei de leve pela pele dela, Lizzie se arrepiou, mas não falou nada. Depois que desci com ele sobre sua carne, Elizabeth gemeu conforme seus movimentos acabavam estimulando o ponto sensível entre suas pernas.

— Três — falei enquanto assistia a cena, extremamente absorvido no momento por ver as marcas em sua bunda. — Conte, *bambina*. — Açoitei Elizabeth novamente em um ponto diferente do traseiro.

— Quatro — ela soltou, quase engasgada, e eu continuei. — Cinco — ela disse entre dentes e eu senti suas mãos apertando minha coxa, as unhas quase fincadas na minha pele.

— Respire. — Acariciei sobre as áreas que deviam estar ardendo e quando senti Elizabeth relaxar, voltei com o chicote sobre sua pele.

— Seis — ela quase gritou e eu sorri, olhando para o teto espelhado e vendo aquela cena. As costas marcadas de Elizabeth eram apenas um belo relevo sobre a pintura.

Ainda olhando para cima, me atrevi a passar os dedos pela velha cicatriz, imaginando o que ela falaria caso descobrisse o que eu aprontei com quem tinha feito aquilo.

O corpo dela estremeceu quando subi os dedos pelas costas marcadas e depois acariciei o meio da coluna.

— Louis… — ela falou baixo, quase implorando.

Me curvei, beijando uma das marcas, e voltei ao foco.

— Sete. Oito… — Ela quase pulou quando o chicote atingiu a parte traseira das suas coxas duas vezes seguidas e eu não me aguentei; larguei o acessório e fui com a mão aberta, sem segurar a força que devia, atacando a pele já vermelha e sensível, o que fez Elizabeth se remexer contra o meu colo e começar a gemer depois de puxar o ar entre os dentes.

Larguei a tira que causava pressão entre as pernas dela e puxei seu corpo para cima.

Lizzie começava a suar e sua respiração estava acelerada. Ela me olhava com a boca semiaberta, analisando-me com os olhos verdes que me perseguiam o tempo todo. Ela avançou para cima de mim, tentando me beijar enquanto subia no meu colo. Eu a puxei bruscamente pela coleira e a garota me olhou sem entender quando impedi que me beijasse.

— Eu quero. — Ela esticou as mãos na minha direção e eu a segurei, trazendo o corpo dela para perto do meu e nos erguendo.

— Ainda não, criança. — Afastei Lizzie, que ficou claramente desapontada. — Para a cama — ordenei e ela não me obedeceu. — Elizabeth. — O tom sério não a fez se encolher. Me ergui sobre ela, pegando em seus braços e colocando a menina sobre a cama.

Abri as pernas dela e sem pedir permissão, subi sobre o seu corpo e juntei suas mãos.

Ela não protestou, nem mesmo quando comecei a amarrar seus pulsos. Os olhos verdes desconfiados observavam todo e qualquer movimento meu, mas seu absoluto silêncio quase me levou a crer que ela queria aquilo tanto quanto eu.

Me livrei da camisa e voltei minha atenção ao corpo dela, mantendo suas pernas abertas por estar entre elas. Desci minha mão de encontro a coleira que Elizabeth usava e apertei o pedaço de couro, começando a privar a respiração da garota. Vendo seu peito subir e descer mais rápido, passei minha mão pelo corpo dela, acariciando seus seios que começavam a ficar com os bicos duros e desci até o meio de suas pernas apenas para conferir o que eu já esperava.

Elizabeth havia encharcado a tira que eu não podia chamar de calcinha. Ter uma visão completa dos lábios de sua boceta sendo divididos me deixava incontrolável. Liberei a respiração da menina e a ajeitei na cama, abrindo bem suas pernas e, na missão de deixar Elizabeth no limite pela primeira vez na noite, dei um tapa forte por cima da tira que pressionava o clitóris dela e a afastei.

— Você não queria ser beijada? — Encarei o rosto dela conforme me abaixava entre suas pernas, assistindo a menina de mãos amarradas sobre o ventre, mordendo o lábio inferior e balançando em afirmativo a cabeça apoiada no travesseiro.

Expus o clitóris inchado de Elizabeth e sua entrada quando abri os lábios dela. Sem esperar um convite, comecei com movimentos lentos de cima para baixo, de olhos fechados, sentindo seu corpo pulsar a cada vez que

minha língua subia e descia sobre o ponto sensível.

O gosto dela veio sobre minha boca de forma lenta, como uma amostra leve do que estava por vir, e eu não me aguentei de vontade de prová-la, sugando seu clitóris e descendo até sua entrada, metendo minha língua dentro dela e sugando tudo de Elizabeth.

Lizzie me incentivava a cada gemido, grito e puxada de ar. Ela tava se conter. Eu não a queria nada controlada, apenas um pouco obediente, mas ainda selvagem, como sempre.

As mãos dela vieram parar no meu cabelo, puxando até que minha boca voltasse ao seu clitóris e eu não deixei minha criança esperando. Mordisquei a carne macia de Elizabeth a fim de provocá-la e travei suas coxas com os braços, me ajeitando melhor na cama. Deixei a língua dura e comecei com movimentos circulares sobre o ponto sensível de Lizzie.

Ela começou com os espasmos que eu tanto queria ver enquanto chamava meu nome baixinho em súplica. Meu pau parecia que ia explodir dentro da calça por vê-la daquela forma e não me enterrar nela.

Mas ainda não era a hora.

Quando me ergui, vendo a frustração da menina, me atrevi a sorrir.

— Se acalme, *bambina.* Nós nem começamos ainda.

Levantei e me livrei do resto das roupas, ficando nu de frente para Elizabeth, que havia se sentado. Subi na cama, ficando em pé na sua frente. Não precisei falar nada. As mãos presas da garota agarraram meu pau sem muita gentileza e começaram o movimento de vai e vem. Lizzie me olhou, colocando a língua de fora e tocando de leve a cabeça do meu pau. Segurei seus cabelos para trás e me forcei para dentro de sua boca. Elizabeth permitiu e continuou o vai e vem lento conforme roçava os dentes de leve pelo comprimento ou dava mais atenção com sua língua para a glande, só para respirar um pouco e tentar enfiá-lo o máximo que podia na boca.

Era sensacional sentir a garota forçando tudo o que podia de mim contra sua garganta e ainda faltar tanto para conseguir o feito. Segurei a cabeça de Elizabeth, ditando o ritmo do vai e vem de sua boca sobre o meu pau e olhei para o espelho do teto, encontrando os olhos dela ali enquanto assistia a cena comigo. Lizzie me tirou de sua boca e mordeu minha coxa, provocando. Me curvei sobre ela e puxei seu rosto sem muito cuidado, beijando sua boca e misturando nossos gostos. Suguei o lábio inferior da menina com alguma violência e me ajoelhei. Coloquei Elizabeth deitada na cama e enquanto os olhos ansiosos esperavam pelo que eu faria, eu a desafiei

novamente.

— Confie em mim. — Peguei a venda que estava no criado mudo junto dos brinquedos que eu usaria com ela e não ouvi protesto quando tapei seus olhos. — Se quiser parar, avise — falei em um tom que até eu quase acreditei. Não conseguiria parar depois que começasse.

A respiração de Elizabeth denunciava sua ansiedade. Peguei o óleo no criado mudo e coloquei uma quantidade generosa no corpo dela, a música que começava a tocar também ajudava a trazer o clima certo. Comecei a massagear o corpo da garota devagar, subindo uma das mãos até seu colo, desenhando cada pedaço dela com os dedos até o seio direito. Envolvi o mamilo com os dedos cheios do óleo de gosto doce e massageei, assistindo o tronco dela se erguer conforme envolvia o restante do seio e apalpava com vontade. Um gemido escapou dos lábios ultravermelhos de Elizabeth quando eu puxei o bico duro. Sorri ao ver a reação do corpo da menina. Desci a boca sobre o ponto que tanto estimulei e segui com a mão livre para o outro seio, fazendo Elizabeth, que mantinha as mãos amarradas acima da cabeça, tentar me abraçar. Eu não permiti, mas não a puni por aquilo. Apenas mantive suas mãos para cima e mordisquei com um pouco mais de força seu mamilo pequeno e dolorosamente duro.

— Ah, *mia bambina*… — Rocei os lábios contra a pele dela e lambi os lábios, sentindo o gosto doce do óleo antes de abocanhar seu outro seio. Elizabeth estremeceu abaixo de mim e aquilo foi um convite. Enquanto cuidava de seu seio com a boca, desci uma das mãos pelo seu ventre e ela abriu as pernas, me deixando continuar.

Passei os dedos por seu clitóris inchado e investi algum tempo ali, usando o dedo anelar e o do meio em movimentos circulares, fazendo Elizabeth deitar a cabeça para trás. Eu não parei até ter certeza de que era o momento. Queria minha menina completamente pronta para mim.

Desci por seu corpo, roçando a barba e a língua pelo caminho; tratei de abusar do óleo em seu corpo, espalhando-o entre as pernas dela em busca do meu objetivo. Beijei e mordi o púbis macio de Elizabeth e me levantei. Os ouvidos curiosos a fizeram levantar a cabeça, me acompanhando enquanto eu dava a volta na cama em busca dos grampos. Larguei os três em cima da cama junto do que seria novidade para a menina.

Sentei sobre a barriga de Lizzie que mordia o lábio e sorria conforme eu trabalhava com os grampos sobre seus mamilos. Quando apertei no limite, minha criança puxou o ar entre os dentes e riu.

— Gosto disso — ela comentou baixo e eu não pude deixar de sorrir. Mal sabia ela o que eu tinha planejado.

Prendi o grampo da outra ponta da corrente no outro mamilo e saí da cama, puxando o corpo dela na minha direção. Enfiei dois dedos dentro da garota e suguei seu clitóris assim que pude, ansioso para começar meu trabalho.

Tirei meus dedos de Elizabeth assim que sua umidade ficou no ponto em que eu queria, com alguma dificuldade, forçando para dentro da pequena boceta da minha menina o plug que em breve teria outro destino. Assim que ela se acostumou, parei de chupá-la e peguei o último grampo solto na cama. Abrindo bem os lábios de Lizzie, encaixei o grampo em seu clitóris e apertei até ouvir a menina implorar.

— Louis, pelo amor de Deus! — ela falou enquanto o corpo começava a se arrepiar.

Beijei a parte interna de suas coxas e ri, mal sabendo ela que Deus não costumava participar das minhas sessões.

Tracei o caminho de sua virilha com a língua, sugando e mordendo até chegar onde eu queria.

Elizabeth havia se preparado para aquilo e eu agradecia a dedicação, já que minha língua e meu pau se enterrariam naquele rabo.

Quando minha língua tocou a garota ali, senti Lizzie se contrair completamente, mas antes que ela quisesse fugir, joguei suas pernas para cima, pouco ligando se era confortável estar naquela posição, e tratei de fazê-la se acostumar.

O gosto do óleo na minha língua era bom e lamber a garota de baixo para cima algumas vezes a fez relaxar. Quando percebi que ela estava quase rebolando contra minha língua, comecei com os movimentos circulares, forçando a língua por seu cuzinho apertado e virgem, preparando-o para o que viria em seguida. Elizabeth puxou o ar entre os dentes quando forcei o dedo médio contra o seu rabo.

— Relaxe… — pedi baixo, concentrado na minha missão.

Para ajudar a excitação máxima da menina, me atrevi a mexer no plug em sua boceta, num lento vai e vem, até ela relaxar novamente. Não demorou até Elizabeth forçar o corpo contra minha mão e eu aproveitar para pôr todo o dedo nela.

Elizabeth respirava com dificuldade, os gemidos que ela soltava não eram nada tímidos e aquilo me deixava louco. Meu pau chegava a doer de

tanta vontade dela, mas ainda não era a hora. Me toquei um pouco enquanto esperava Elizabeth se acostumar com meu dedo dentro dela e logo voltei a trabalhar no prazer da minha bambina.

Forçar um segundo dedo precisou de saliva e algumas batidas leves sobre o grampo em seu clitóris, mas finalmente Elizabeth se acostumou.

— Por favor… — ela gemeu, quase me dominando o juízo.

— Só mais um pouco, bambina. Aguente só mais um pouco. — Ela precisava aprender a ter calma.

Com cuidado, tirei o plug de dentro da boceta apertada de Elizabeth e segurei a base em minha boca enquanto moldava seu corpo totalmente entregue. Virei Lizzie de barriga para baixo, sabendo que seus peitos seriam massacrados pelos grampos até que ela conseguisse se apoiar nos cotovelos e ergui sua bunda para mim, deixando-a de quatro, completamente à mercê do meu desejo.

Finalmente era hora de começar a ter alguma diversão física.

Me encaixei lentamente dentro dela, sentindo sua boceta reagindo conforme entrava nela, me apertando todo o comprimento e me fazendo urrar. Bati em sua bunda com força e comecei o lento vai e vem. Não queria que Lizzie gozasse daquele jeito, mas quanto mais perto do limite eu levasse seu corpo, mais intenso seria quando ela atingisse o ápice.

Encaixei o plug lubrificado no rabo de Elizabeth e fiquei parado enquanto a menina forçava o corpo para frente e para trás. Em um último impulso, pegando-a de surpresa, me curvei apenas o bastante para pegar a corrente presa à coleira em seu pescoço e me enterrei em sua boceta ao mesmo tempo em que forcei o plug completamente para dentro de seu rabo. Lizzie gritou, mas quando puxei a corrente da coleira para cima, sufocando-a momentaneamente, consegui erguê-la, o que a fez se apoiar nos joelhos; passei o braço por sua cintura, grudando o corpo dela no meu enquanto a ouvia puxar o ar novamente e acariciava seus seios sem me atrever a tocar nos grampos.

A boceta dela apertava meu pau com uma pressão alucinante. Mordisquei seu ombro e me acalmei antes de continuar a fazer qualquer coisa, apenas mantendo a menina ali, se acostumando comigo em todos os cantos.

— Você vai me matar — ela resmungou baixinho com a respiração desregulada. O corpo suado e cheio de óleo dela era ainda mais tentador.

— Não vou, você vai ver… — Arranquei a venda de seus olhos e a

fiz encarar seu reflexo no teto. Lizzie sorriu e eu mordi seu pescoço. — Vou fazer você lembrar a todo segundo a quem pertence — falei baixo e a garota se arrepiou quando saí de dentro dela.

Ajudei Liz a sair da cama e puxei o gancho que servia para segurar o saco de areia nas noites insones. Desatei a última volta de cordas em seus pulsos e libertei momentaneamente suas mãos antes de colocar a barra de apoio no gancho. Quando coloquei as pulseiras em Elizabeth e prendi suas mãos para o alto, vi a dúvida em seus olhos.

— O que foi, criança? — perguntei enquanto me abaixava e colocava as outras amarras em seus tornozelos.

— Você vai me pendurar mesmo?

— Vou. — Me ergui, passando as mãos por toda lateral do corpo dela. — Algum problema com isso? — Ajustei a coleira, deixando um pouco mais apertada.

— E se você me machucar? — O tom incerto me fez sorrir. Ignorei Elizabeth enquanto pendurava seu corpo como queria. Primeiro as mãos para cima e então as pernas, prendendo os tornozelos distantes um do outro, deixando o corpo da menina totalmente exposto para mim.

— Eu vou. — Os olhos verdes se arregalaram enquanto procuravam algum vestígio de mentira em meu rosto. — Mas você vai gostar. — Prendi a corrente do grampo do clitóris na corrente dos grampos presos aos seios de Elizabeth e puxei seu corpo para o meu, encaixando meu pau em sua entrada e me enfiando completamente dentro dela.

O cheiro, a pressão, o gosto. A voz, a respiração, o corpo.

Tudo nela era um maldito vício e ela merecia pagar.

O corpo pendurado foi abusado sem dó. Fiz Elizabeth gritar quando cravei as mãos em sua bunda e a trouxe contra mim, fazendo o barulho das nossas carnes se batendo ecoar pelo quarto. A respiração dela parecia difícil, os gemidos e os tremores que começavam em seu corpo entregavam que ela não aguentaria tanto tempo e eu não podia vacilar.

Me mantendo dentro de Elizabeth, envolvi os cabelos do alto de sua cabeça e puxei com alguma força.

— Olhe para mim — falei entre dentes e a menina apenas piscou. Puxei seu rosto para o meu, dando um leve tapa no grampo em sua boceta enquanto dizia. — Olhe para mim, *bambina.* — Ela finalmente reagiu, mantendo os olhos verdes presos aos meus e eu pude assistir sua reação quando arranquei o plug de dentro dela, forçando a cabeça do meu pau no seu

cu. Elizabeth mordeu o lábio, gemeu, e então gritou quando eu dei um tranco com o quadril.

— Porra! — Nós falamos juntos.

Meu pau era massacrado duas vezes mais do que por sua boceta. Eu não aguentaria aquilo por muito tempo, então eu contei.

Um: não me movi até que ela se acostumasse.

Dois: puxei Elizabeth para que eu pudesse beijar sua boca e recebi uma bela mordida no lábio antes de ela invadir minha boca com sua língua.

Três: acariciei seus seios com cuidado, estimulando Elizabeth que gemia contra minha boca e começava a tentar se mexer mesmo presa.

O caminho estava livre.

Antes que ela desistisse, me forcei contra ela, sentindo minhas bolas batendo em sua bunda enquanto puxava com força as correntes que prendiam os grampos em seu corpo. Elizabeth gritou contra minha boca, mas eu não parei, enterrando as mãos em sua carne e puxando seu corpo em um vai e vem frenético.

— Louis, não, não, não. — Ela quase miou contra minha boca e então gritou. — PORRA!

— Não, *bambina* — pedi contra sua boca, mas era tarde demais

Lizzie começou a tremer, todo o seu corpo pulsando e me apertando em uma onda pesada.

Seu corpo tinha chegado ao limite e me levava junto entre o vai e vem massacrante em seu rabo apertado. Minhas pernas sofriam com os espasmos enquanto me segurava nela e enchia seu cu de porra.

Elizabeth era um maldito vício do qual eu jamais me recuperaria.

O limiar da loucura, da dor e do prazer, reunidos em um único corpo, um único ser, totalmente meu.

— O que acontecerá depois de amanhã? — Elizabeth estava deitada sobre o meu peito, incerta do futuro.

— Provavelmente uma boa briga. — Sorri graças a ansiedade. — Mas não se preocupe, cada um daqueles homens vai entender o meu lado. Ou eu os forçarei. Qualquer uma das opções é válida. Natasha estava louca de pensar que aquilo funcionaria.

— Ela te ama, Louis. Ou pensa que ama. Não sei como era a relação de vocês, mas sei o quanto você mente bem.

— Não menti para você, apenas omiti fatos — justifiquei.

— Prometa algo em voz alta, então… — Ela apoiou o queixo no meu

peito, me desafiando com os olhos verdes, procurando qualquer vacilada minha.

— O quê?

— Não mentir mais para mim. Sobre o seu negócio, sobre a sua vida. Se você me quer fazendo parte disso, prometa.

Encarei Lizzie por um tempo, desenhando a boca dela com o polegar. Puxei-a para mim, beijando sua boca e roçando o lábio no dela enquanto dizia:

— Essa promessa já foi feita. Chega de perigo desnecessário para você.

— Para você também, caralho. — Ela me socou de leve abaixo das costelas e me beijou, ignorando minha cara de dor.

CAPÍTULO 28

Louis Luppolo

Depois de Elizabeth elogiar minha barba, eu apenas desenhei a mesma no rosto e tratei de colocar o terno que mais gostava. Um pouco de vaidade naquele dia não faria mal. Felippo seria castigado por sua audácia e preguiça. Natasha por ser idiota. O casal perfeito.

— Elizabeth — chamei a garota que ainda se vestia. — Desça quando ficar pronta e tente ficar longe da minha mãe. Preciso ir.

— Boa sorte, vovô. — Ela me chamou como fazia no Brasil e me fez sorrir torto antes de descer.

— Aposte que sim, *bambina.*

Todos os homens estavam sentados à mesa. Cada olhar desconfiado, cada movimento calculado. A Família se romperia se eu não fizesse algo. Meu anel pesava uma tonelada em minha mão sobre a mesa, exibindo o direito de ser o chefe da Família. Eu mereci aquilo antes e merecia ainda mais agora.

— Cada um aqui hoje representa um pilar nesse tabuleiro e eu espero que nós possamos voltar ao tempo em que a honra era algo inquestionável. Que a fidelidade com os irmãos da *Dark Hand* era real e não comprada por um milhar de dólares a mais. Eu sei que muitos nessa mesa estão questionando minha atitude com Enzo Callegari, mas se um traidor está entre os meus, se uma laranja podre está no cesto, o que eu devo fazer é jogar fora antes que contamine as outras. — Me virei para o Callegari restante na mesa com algum respeito na ameaça velada e disse. — E você, Arone, sinto muito pelo seu luto, mas não se atreva a seguir como seu irmão. Seria uma pena ver Khyara desamparada e sozinha. — Arone não respondeu. Os olhos fixos nos meus por alguns segundos bastaram para que eu soubesse que ele não seria tão descuidado como o irmão mais velho. — Nós logo vamos receber aqui dentro Natasha e Bóris, e eu sei que minha decisão sobre esse casamento não deixou vocês satisfeitos, mas pensem a longo prazo. Natasha nos traz poder

em duas outras organizações só de colocar um filho no mundo. — As cabeças concordaram e eu me levantei. — O que quero saber aqui é com quem eu posso contar para manter essa Família crescendo e sendo honrada. — Passei os olhos por cada rosto e recebi uma positiva de cada um deles. Matar Enzo no final das contas colocou todos com o rabo entre as pernas novamente e era assim que eu gostava. — Sendo assim, mande Natasha e Bóris entrarem — dei a ordem a Henry e meu soldado abriu a porta, trazendo Natasha para se sentar ao lado do pai na grande mesa que ainda tinha cadeiras vagas.

— Don Luppolo. — O homem me cumprimentou. — Amigos. — Ele encarou o resto da mesa. — Eu sinto muito pelo que aconteceu e espero que isso não abale nossos acordos. Minha filha foi estúpida, de uma burrice sem fim, e isso envergonha a mim e a minha organização, mas em sua defesa, eu gostaria de…

— Poupe sua saliva, Bóris. Natasha ainda terá um casamento, todos aqui estão de acordo com isso. — O olhar do homem brilhou e sua postura quase relaxou. — Mas não será comigo. — Todos na mesa ficaram surpresos. Os olhos de Natasha demonstravam todo o seu desespero. — Felippo está solteiro e precisa de uma boa mulher.

— Não! — ele se opôs na hora.

— Eu não terminei! — falei alto o bastante para calar o homem. — Matteo já tem um acordo de casamento em vista — menti. — Eu não poderia casar com a mulher que me causou tantos problemas, mas Felippo sim. Existe alguma objeção por parte de algum membro da Família? — perguntei para a mesa e meu *consigliere* falou, segurando o nervoso.

— Eu não posso me casar com ela, seu pai já aprovou meu pedido pela mão de Giovanna, nós só estávamos esperando para conversar com você.

— Isso é verdade? — perguntei para meu pai, que confirmou com a cabeça. — Bem, vocês chegaram atrasados. Giovanna já está em um noivado, trazendo o elo com outra organização que muito nos interessa também. Impossível desfazer. Você vai se casar com Natasha.

— Não posso porque ela...

— Não — a menina rosnou para Felippo, mas ele continuou.

— Ela não é virgem. — Ele soltou com dificuldade.

— E como você sabe disso? — questionei, curioso pela resposta.

— Eu tirei a virgindade dela.

— Não! Cale a boca! — Ela ia se levantando, mas o pai a segurou, fazendo com que ficasse quieta.

— Como? — questionei Felippo. Eu nunca teria imaginado.

— Logo que me formei, meus pais me mandaram para a Europa, se lembra? Eu fui fazer contatos, fiquei com os Le Roux… Em uma noite de bebedeiras, conheci ela e dormimos juntos.

— Maldito! — Natasha já chorava. — É mentira.

— Não é, você sabe, e seu primo pode comprovar! — Felippo gritou sobre o tom dela.

— Nós podemos comprovar. Alguém mande buscar algum médico da Família para conferir a honra dela. — Evitei olhar para Natasha, sentindo o clima da sala ficar ainda mais tenso.

Não demorou quinze minutos até o bom e velho Rizzo estar na minha casa. Quando o médico surgiu, todos os homens se afastaram da mesa.

— Estou aqui ao seu dispor, Don Luppolo. — Ele fez uma reverência exagerada e eu apontei para Natasha.

— Precisamos de um exame para conferir se a garota ainda é virgem. Você pode fazer?

— Claro que sim.

— Do que precisa?

— Basicamente, que a moça fique deitada e com as pernas abertas.

— Arranjem um lençol para que ela se cubra. O exame será aqui. A mesa aguenta o peso de Natasha. — Nem mesmo Bóris se meteu. Se ele se negasse, ficaria feio para a filha.

Natasha engoliu seco, olhando para o nada enquanto uma lágrima rolava por seu rosto, mas seguiu o que foi mandado.

Ela se deitou sobre a mesa, tendo a vantagem de já estar de saia, colocou o lençol sobre a parte de baixo do corpo e olhou para o teto, imóvel. Todos os olhos estavam sobre ela, principalmente os de Felippo. O homem inquieto não conseguia ficar parado e quase me desconcentrou conforme eu começava a contar suas batidas de pé aleatórias.

Demorou algum tempo, o médico finalmente tirou a cabeça do lençol e me olhou.

— O hímen está aqui.

— Então, ela tem honra — afirmei.

— Impossível! — Felippo disse.

— Seja como for, alguém aqui se opõe ao casamento deles? — perguntei para o restante da sala e ninguém levantou a mão. — Parabéns, Felippo. Já que diz tanto que já tirou a porra da virgindade dela e o hímen

continua aí, se esforce da segunda vez.

Natasha se levantou sem falar nada, os olhos do pai estavam grudados em seu rosto com tanta fúria que eu arriscaria dizer que ele poderia matá-la.

— Vocês estão livres para ir embora, Bóris. Henry vai mostrar a saída para os dois e trazer Giovanna até aqui na volta. Peça para Kira trazer meu convidado também.

Meu soldado obedeceu e assim que virou as costas, os comentários começaram.

— Mas se Felippo vai casar, você ficará solteiro. Está ficando tarde para ter filhos, Don Luppolo — Francesco soltou. — Ariana é uma mulher nova, saudável, criada nas tradições da Família.

— Khyara também. E por ser mais velha, tem preferência.

— O quê? Vocês estão querendo que eu me case com alguma delas?

— Não é um pedido. Na verdade… A próxima geração está demorando um bocado. Lorenzo garantiu um garoto forte e Delfina está tentando engravidar novamente, não é um segredo. — Agostino se intrometeu. — Francesco tem seu casal de filhos, Luca também. Os Callegari precisam de herdeiros, assim como os Luppolo. Meu filho já foi resolvido e, mesmo ele ficando puto comigo, não me oponho a essa união e em breve um herdeiro vai sair disso. Os Gabiatti também precisam procriar.

— Nós não temos interesse nisso, não agora — Bartolo falou. — Mas em breve, acontecerá.

— Mas Louis é o Don. Precisa casar.

— Não seja por isso. — Aquilo os irritaria o bastante para que calassem a boca. — Zola, coloque Elizabeth para dentro antes de Giovanna.

— Ela não é parte da Família! — alguém se atreveu a começar.

— Vocês querem que eu case, eu estou dando um jeito nisso. Silêncio.

Logo que eu falei, Elizabeth entrou na sala, desconfiada, olhando tudo ao redor e então para mim. Eu me levantei e fui até ela, mantendo seus olhos nos meus por todo o tempo.

— Está tudo bem? — ela perguntou baixo. Um milagre para aquela mulher.

— Está — respondi rápido. — Elizabeth, quer casar comigo? — Segurei suas mãos e vi a surpresa em seus olhos. As sobrancelhas se ergueram e ela ficou em completo silêncio por um tempo. Eu não forcei a resposta, mas quando ela abriu a boca, não era o que eu queria ouvir.

— Você me ama?

— Essa não é a hora, *bambina*. — Finalmente eu tinha aquela resposta muito bem definida dentro de mim.

— Não, Louis. Essa é, com certeza, a hora. Você me ama? — Os malditos olhos verdes me traziam o desafio, e pela primeira vez na vida, eu cumpri uma promessa que fiz a uma mulher.

Eu não podia responder Elizabeth como ela queria e ela sabia.

— Lizzie…

— Sinto muito, Louis. Eu não vou ser parte disso. — Ela se afastou e praticamente correu para fora da sala.

Respirei fundo, fechando os olhos e retomando o controle.

— Contentem-se com o casamento de Felippo. O meu não vai acontecer tão cedo.

O falatório na sala não me perturbou tanto quanto o pensamento de encontrar a mulher depois daquela cena. Elizabeth não podia se magoar por uma coisa que havia pedido de mim. Se ela queria as verdades, teria todas, até as que talvez não aguentasse.

Finalmente Giovanna entrou na sala, interrompendo a todos e fazendo o silêncio voltar a reinar.

— *Ciao*, Don Luppolo. — Me orgulhava ver a mulher que ela seria dentro da organização. Perfeita.

— *Cara mia*, estamos expandindo os negócios, como você deve imaginar, e agora eu preciso da sua lealdade e apoio.

— Sempre terá, *fratello*. — Ela desviou os olhos esperançosos para Felippo por um segundo e vendo sua cara, vacilou.

— Você já está quase em idade de casar e eu cuidei pessoalmente do seu futuro. — Bartek entrou silenciosamente na sala e sorriu para mim. — Gostaria de te apresentar Bartek Schevisbiski. Filho de Haskel, um grande amigo de nosso pai, irmão de Aleksander, meu amigo que é o atual mandante da Zwi Migdal, uma máfia polonesa poderosa que trará grandes negócios para a Família. — O polonês se aproximou dela e os dois se encararam por um breve minuto, então ele se ofereceu para beijar sua mão. — Esse, Giovanna, é o seu noivo.

O rosto de minha irmã não pôde esconder o choque e eu pensei que ela fosse desmaiar, mas minha garota aguentou firme.

O preço que pagávamos nem sempre era justo, mas recompensava.

Toda a Família parecia aprovar aquele passo e com Enzo morto,

talvez o futuro da *Dark Hand* fosse tão promissor quanto eu imaginava.

Fosse como fosse, o jogo estava começando.

BÔNUS

Natasha Le Roux Petrowký

Ele me odiava, certeza.

Estava sentada em uma poltrona na grande sala do apartamento que meu pai mantinha secretamente na cidade, assistindo-o quebrar tudo ao redor. Até a televisão gigante havia ido parar no chão, fazendo tanto barulho que eu me assustei, mas não me atrevia a abrir a boca

Meu corpo estava todo dolorido e cheio de marcas. Meu peito doía pela rejeição de Louis, e o medo e o pavor de meu pai corroía minha mente, fazendo as lágrimas silenciosas caírem pelo meu rosto sem cessar.

Ele me xingava e cada uma das palavras parecia pesar uma tonelada sobre os meus ombros. Eu queria responder, mas algo segurava minha língua dentro da boca, transformando o nó na garganta quase insuportável junto da lembrança tão humilhante de comprovar minha virgindade.

Maldito Lazzarin. Eu o mataria, não tinha nada a perder.

— BURRA! VAGABUNDA! — meu pai gritava continuamente junto de todas as outras possíveis ofensas. Quando ele finalmente parou de quebrar tudo, se virou na minha direção e eu sabia que o pior estava por vir. — Você acabou com a nossa chance! — As mãos dele vieram sobre a minha garganta e ele apertou, me impedindo de respirar, sacudindo minha cabeça em fúria. Eu bati em sua mão, tentando afastá-lo, mas não conseguia. Quando pensei que não aguentaria, ele me soltou e eu tossi, abaixando a cabeça. — Você. Estragou. TUDO! — ele explodiu de novo, me pegando pelos cabelos e me jogando no chão.

— Papa, por favor, me perdoe. Por favor, pare. — Mas ele não parou, nem me ouviu. Sua mão desceu sobre o meu rosto, seu pé encontrou minha costela e por um segundo, tudo ficou preto enquanto eu não conseguia puxar o ar para dentro dos pulmões.

Eu tinha que perdoá-lo, tinha que aguentar. A culpa era minha.

Louis havia desistido por não me achar interessante. Havia acabado

com qualquer chance de os planos do meu pai darem certo. Fui um peso para ele a vida toda e ainda era uma assassina. Se não fosse por mim, minha mãe ainda estaria viva.

— COMO VOCÊ PODE SER TÃO IGUAL A ELA E AINDA ASSIM, TÃO DIFERENTE? TÃO BURRA? — Ele continuou me batendo em todo canto que seus pés e mãos alcançavam e eu fui me arrastando no chão como dava, tentando me afastar.

— Não, papa. Não — eu choraminguei.

Não existia magia que fosse capaz de me salvar, eu não podia desaparatar dali.

Me encolhi, protegendo a cabeça o máximo que conseguia, e aceitei-o descontar em mim toda a sua frustração, toda a sua raiva, toda a sua tristeza.

— Agora você vai ser a mulherzinha do *consigliere*. Vai fazer da vida daquele homem um inferno, e nem seja louca de engravidar dele! Eu não vou aceitar um neto que não seja filho do Don. — Meu pai pegou meu rosto com força, segurando meu maxilar e puxando para perto dele, me deixando ver seus olhos tão diferentes dos meus. — Você agora vai ser meus olhos e ouvidos. Quero tudo o que puder descobrir do seu futuro marido, quero qualquer informação comprometedora, qualquer negociação, qualquer passo que essa porra de *Dark Hand* decida tomar. Se nem para engravidar do Don e dar cabo dele depois você presta, pelo menos os seus olhos e ouvidos bem abertos vão precisar servir. — Ele me jogou com força para trás, finalmente me largando. Depois se virou e saiu andando, indo embora como sempre fazia.

Minha madrinha entrou correndo logo depois que ele saiu. Seu braço enfaixado não permitiu que ela me abraçasse tão bem, mas ainda assim, descansar a cabeça em seu colo foi reconfortante.

— Estou perdida, *krestnaya*. Perdida… — Fechei os olhos, pedindo ao universo que me livrasse daquela vida. Daquela missão e, principalmente, daquele casamento.

Felippo Lazzarin era o último homem na Terra com o qual eu queria cruzar, e muito em breve estaria presa nele até que a morte nos separasse.

E se eu tivesse coragem, ela chegaria antes do que ele esperava.

EPÍLOGO

Louis Luppolo

— Qual o problema de brasileiros com o horário? — perguntei quando ela passou na minha frente para entrar no teatro. Eu havia escolhido a roupa dela e apreciei quando vi a menina olhar para trás, irritada com meu comentário, exibindo parte das pernas e coxas por conta da fenda que o vestido azul marinho tinha.

— A culpa não foi minha, cacete. Giovanna não parava de inventar moda. — Ela revirou os olhos, mas me ofereceu a mão e eu a peguei, caminhando junto dela, ansioso para ver sua reação.

Era algo que eu estava viciado em fazer.

Nós estávamos convivendo direto por quase um mês e aquela noite era uma pré-comemoração ao seu aniversário. O Fantasma da Ópera ainda estava passando na cidade e eu tinha conseguido o melhor lugar para que ela pudesse assistir ao espetáculo.

A convivência, de fato, estava sendo uma experiência interessante. Elizabeth trabalhava firme, mas ainda tinha a boca dura para discutir comigo quando não concordava com algo no trabalho e muita disposição para todas as vezes que transávamos. Até ali nós já tínhamos fodido no carro, no meu escritório, em cima da mesa dela na editora e dentro do banheiro de um restaurante e cada vez que eu a tinha, parecia que precisava mais e mais do corpo, da essência, da atenção e do amor dela. Eu sabia que ela me amava.

Quase todas as noites eu dormia com ela fazendo carinho no meu rosto, ou acordava no meio da noite e a pegava insone na cama, me olhando e sorrindo.

Apesar de saber que talvez eu nunca fosse capaz de amá-la, adorava o fato de ela me amar mesmo eu sendo tão fodido.

Quando as luzes se apagaram e a ópera começou, Elizabeth se aproximou ainda mais do parapeito e observou, superatenta, ao que acontecia no palco, e sem conseguir desviar meus olhos do seu rosto, eu absorvi cada

uma das emoções que ela expressou.

Lizzie sabia todas as músicas e cantarolou baixinho quando achou que eu não estava prestando atenção.

Assim que as luzes se acenderam na pausa do primeiro ato, nós nos levantamos e ela me abraçou, me puxando para ela sem eu estar esperando e me beijou com toda a intensidade do que sentia. Eu não neguei. Peguei sua cintura, puxando seu corpo contra o meu e prendendo-a na parede do camarote.

— Nós nunca transamos no camarote de um teatro — falei entre o beijo.

— Poderíamos tentar. Temos quinze minutos. — Aquela maldita criança me fazia sentir como um adolescente. Assim que me afastei de Lizzie para poder erguer seu vestido, alguém nos interrompeu, limpando a garganta. Elizabeth congelou no lugar, segurando o riso enquanto me olhava.

Me atrevi a olhar por cima do ombro e, para minha desagradável surpresa, Leone estava ali.

— Me parece que você se recuperou desde o mês passado, *mon chéri.* — O tom dela fez Elizabeth sair de trás de mim e olhar a mulher.

— Leone, essa é Elizabeth. Elizabeth, essa é uma velha amiga.

— Não só amiga. — Ela piscou para mim e encarou Elizabeth, a fim de provocar. — Quando me disseram que você estava aqui acompanhado, não imaginei que fosse com uma mulher. Bom, se quiser se divertir mais tarde, me procure. — Ela piscou e saiu.

Em menos de cinco minutos, a mulher foi capaz de trazer o demônio para o corpo de Elizabeth.

— Que porra foi essa? — A menina me encarou, os olhos verdes selvagens esperando uma resposta. — Mês passado? — Ela bateu no meu ombro e saiu andando.

— Elizabeth, volte aqui.

— Vai lá com sua amiga fode-fode.

— Você está sendo infantil. — Continuei a seguir a menina enquanto ela ia para a rua. — Elizabeth, volte aqui.

— Vai se foder. — Ela me mostrou o dedo do meio enquanto ia na frente. Desceu as escadas e atravessou a porta para a rua, comigo nos calcanhares.

Assim que ela começou a descer os degraus do lado de fora do teatro, eu falei alto:

— Volte aqui e fale comigo. Não vou correr atrás de você, criança. — Pesei o tom quando a chamei de criança e ela se virou, visivelmente irritada.

— Será que nós vamos conseguir ir a algum lugar dessa cidade sem você ter dormido com alguém que está no lugar? — ela reclamou. — E mês passado, Louis?

— Não aconteceu nada. — Desci os poucos degraus na direção dela, diminuindo a distância entre nós. — Pare com isso. — Envolvi sua cintura, mesmo ela com os braços cruzados. — Esqueça essa história de dormir. Eu não dormi com ninguém, não levei ninguém para baixo do meu teto, não movi céus e terras para ficar com nenhuma outra além de você. — Eu a girei, encaixando meu rosto em seu pescoço, roçando a barba que ela tanto dizia gostar ali. Lizzie se arrepiou e finalmente riu.

— Não estou nada acostumada com isso. Odeio dividir e no caso, odeio saber que você é pior que corrimão.

— Como assim? — Não entendi o riso dela.

— Todo mundo dessa cidade já passou a mão em você. Nada recatado ou do lar. — Ela finalmente descruzou os braços e me olhou nos olhos. — Não sei se posso ficar com alguém tão promíscuo. — Depois das explosões, ela sempre tentava se controlar assim, com alguma piada ou provocação. Eu adorava.

— Talvez eu ande com um cinto de castidade imaginário e no momento meu pau só sobe para você.

— No momento? — Ela tentou começar uma discussão, mas não deixei.

Calando sua boca com a minha, beijei Elizabeth enquanto as mãos dela seguravam firme minha gravata.

De um segundo para o outro, a sensação de dor sobre o meu ombro veio forte e eu vacilei, soltando a menina e colocando a mão sobre o meu ombro.

— O que é isso? — ela perguntou, assustada.

Olhei minha mão e vi sangue. De repente a cena pareceu distante. Ouvi Elizabeth gritar algo para Henry que nos observava de longe enquanto sentia meu corpo cambalear e a menina me puxar na direção do teatro.

O chão abaixo de nós recebeu o impacto de mais um tiro. No próximo eu não teria tanta chance. O barulho de um carro cantando os pneus ardeu em meus ouvidos e enquanto Elizabeth gritava ordens, desesperada, Henry lidou com a situação como foi treinado para fazer, me colocando o mais rápido que

podia no carro, junto de Elizabeth que ainda parecia em choque conforme pressionava o buraco do tiro.

— O Don foi baleado. Estamos indo para o hospital — ele falou no telefone para alguém e eu deitei a cabeça contra o banco.

O ferimento ardia, mas não era uma novidade sentir aquilo.

Comecei a maldita contagem. Um, dois, três…

A concentração me permitia ficar consciente e racional.

Eu não ouvi a voz de Elizabeth nenhuma vez, mas ela estava ali, segurando minha mão o tempo todo, mesmo quando me colocaram em uma cama hospitalar e foderam meu terno sob medida.

Seus dedos estavam gelados, mas ela apertava minha mão de pouco em pouco, como se mostrasse que estava ali por mim.

— Querida, ele precisa descansar agora — uma enfermeira disse para ela depois de ter me feito aguentar, sem nenhuma anestesia, a retirada da bala do meu ombro junto dos pontos.

— Eu sei, eu não vou atrapalhar.

— Mas… — A mulher ia continuar tentando e eu me intrometi.

— Ela fica. — Abri os olhos e encarei a enfermeira. Foi o que bastou.

Lizzie foi liberada a ficar comigo dentro do quarto.

Nós nos olhamos por um tempo e então finalmente ela começou a chorar.

— Não chore, *bambina.* — Levantei o braço bom e limpei seu rosto.

— Você podia ter morrido — ela falou entre os soluços e se curvou sobre mim, afundando o rosto no meu pescoço.

— Mas não morri. Não é a primeira vez que tomo um tiro. Essa coisa toda de hospital é só uma prevenção.

— Eu não aguento isso, Louis. São dias de paz e então uma temporada na guerra. Não aguento — ela disse depois de um tempo, quando ficou mais calma.

A cama hospitalar me deixava ficar sentado e eu a puxei de modo desajeitado para o meu colo antes de segurar seu queixo, obrigando-a a me olhar.

— Eu enfrentaria o inferno para ficar com você. Aguente algumas batalhas para ficar comigo — pedi baixo, em um momento inteiramente nosso.

Ela desviou os olhos dos meus por um segundo e depois voltou a me encarar, com coragem o bastante para me perguntar:

— Você finalmente me ama?

— Ainda não, *bambina.* Mas vamos continuar tentando. — Beijei sua boca, trilhando o caminho pela bochecha, em direção ao seu ouvido. — O que me diz do título de namorados? Ele cai bem para nós? — Mordi o lóbulo de sua orelha e a vi se tremer inteira.

— Acho que sim, mas pare de me provocar. Não é hora para sexo.

— Eu tomei um tiro no ombro, criança, não nas bolas. E nós nunca transamos em uma cama de hospital.

Ela quase riu, mordiscando meu lábio quando puxou meu rosto para o seu.

— Namorado pervertido.

E aquele foi o início de tudo.

Agradecimentos

Inconsequente foi escrito em um dos momentos mais conturbados da minha vida. Meu pai ficou entre a vida e a morte algumas vezes dentro de um período muito curto de tempo, minha família ficou fragilizada em um tanto que não consigo colocar em palavras e eu tinha Louis Luppolo dentro da minha cabeça, falando e mostrando coisas que eu não sabia se era capaz de colocar no papel.

Inconsequente me levou à beira da loucura, me fez voltar para o psiquiatra e para a terapia, mas eu o escreveria de novo e de novo, tamanho o meu amor por essa história. É por isso que começo esse texto agradecendo ao personagem mais louco que vive dentro da minha cabeça: Louis. Obrigada por me escolher para escrever você. Por, apesar de toda a maldade que existe aí dentro ter me consumido, você me ensinar mais coisas do que eu poderia contar.

Agradeço também a Deus, por me mostrar que há tempo para tudo, e sem dúvida alguma, por colocar Talita no meu caminho. Tali, obrigada, de novo e de novo. Se não fosse por você, esse livro teria me matado.

E a você, que me acompanha e gosta daquilo que eu produzo, muito obrigada! Sem você, hoje, eu seria muito infeliz.

Com amor,

Zoe X

---

[1] Leão da montanha em polonês.

[2] “Boa noite, boa noite. Você acha que eu sou criança?”, em polonês.

[3] “Agora vá dormir”, em polonês.

[4] “Louis, por Deus, não me mate”, em italiano.

[5] “Feliz aniversário, noivo”, em russo.
[6] “Você não sabe do que está falando, garoto”, em italiano.
[7] “Fica tranquilo, amigo. Eu garanto seu dinheiro”, em italiano.
[8] “é inútil se esconder”, em italiano.

[9] “Eu mal sabia que iria mover céu e terra por ela”, em italiano.
[10] “Como senti sua falta, criança”, em italiano.
[11] Mulherengo